

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

RICARDO DELGADO DE CARVALHO

**ESPIRITUALIDADE, SOFRIMENTO E TRANSFORMAÇÃO: SENTIDOS E
SIGNIFICADOS DAS INTERVENÇÕES ESPIRITUAIS POR
JOÃO DE DEUS, NA PERCEPÇÃO DOS
FILHOS DA CASA DE DOM INÁCIO
EM ABADIÂNIA, GOIÁS**

**GOIÂNIA
2019**

RICARDO DELGADO DE CARVALHO

ESPIRITUALIDADE, SOFRIMENTO E TRANSFORMAÇÃO: SENTIDOS E
SIGNIFICADOS DAS INTERVENÇÕES ESPIRITUAIS POR
JOÃO DE DEUS, NA PERCEPÇÃO DOS
FILHOS DA CASA DE DOM INÁCIO
EM ABADIÂNIA, GOIÁS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor. Linha de Pesquisa: Cultura e Sistemas simbólicos

Orientador: Dr. Luiz Antonio Signates Freitas

GOIÂNIA
2019

C331e Carvalho, Ricardo Delgado de

Espiritualidade, sofrimento e transformação : sentidos e significados das intervenções espirituais por João de Deus, na percepção dos filhos da Casa de Dom Inácio em Abadiânia, Goiás / Ricardo Delgado de Carvalho.-- 2019.

356 f.: il.

Texto em português, com resumo em inglês

Tese (doutorado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião - Goiânia, 2019

Inclui referências: f. 328-348

1. João - de Deus, 1942-. 2. Casa de Dom Inácio. 3. Espiritismo. 4. Abadiânia (GO). 5. Cura pela fé. I.Freitas, Luiz Antonio Signates. II.Pontifícia Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 133.9(043)

ESPIRITUALIDADE, SOFRIMENTO E TRANSFORMAÇÃO: SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS INTERVENÇÕES ESPIRITUAIS POR JOÃO DE DEUS, NA PERCEPÇÃO DOS FILHOS DA CASA DE DOM INÁCIO EM ABADIÂNIA, GOIÁS

Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 15 de agosto de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luiz Antonio Signates Freitas / PUC Goiás (Presidente)




Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira / PUC Goiás



Profa. Dra. Irene Dias de Oliveira / PUC Goiás



Prof. Dr. Ademar Arthur Chioro dos Reis / UNIFESP



Profa. Dra. Ângela Teixeira de Moraes / UFG

Prof. Dr. Clóvis Ecco / PUC Goiás / PUC Goiás (Suplente)

Prof. Dr. Flávio Munhoz Sofiati / UFG (Suplente)

DEDICATÓRIA

Não é preciso entrar para a história para fazer um mundo melhor.
Mahatma Gandhi

Dedico esta tese àqueles que buscam e fazem
deste mundo um lugar melhor para todos.

AGRADECIMENTO

Dizem que a melhor forma de expressar a gratidão às pessoas é viver os seus ensinamentos; não somente os agradáveis, mas também os contundentes que nos levaram a ser quem somos ou a chegar onde estamos. É evidente que todas essas instruções contemplam a ética universal. Assim, agradeço a todos e a tudo o que me aconteceu na preparação para este momento.

Gratidão especial aos meus familiares: meus pais, Jorge (*in memoriam*) e Ivone, meus irmãos, André (*in memoriam*), César e Fábio, ao meu filho amado Glauco, a minha amada esposa Carla, aos meus antepassados, em especial a minha avó Olga e aos meus parentes. Agradeço ao amor universal: vocês em minha vida.

Gratidão eterna aos mais que amigos Maria de Lourdes Pontes Caetano e Eduardo Alves dos Santos (*in memoriam*). Todo carinho a vocês por me 'adotarem' como filho espiritual e me ensinarem a pensar melhor para viver melhor.

Ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* Ciências da Religião que me acolheu com respeito e prestatividade. Aos professores do programa, em especial à Prof^a. Dr^a. Irene e aos Profs. Dr. Clóvis, Dr. Alberto e Dr. Paulo. Um agradecimento especial ao meu orientador Prof. Dr. Luiz Antonio Signates Freitas que prontamente se dispôs na labuta do tema, fornecendo amizade e companheirismo. Meus mais sinceros votos de gratidão, Prof. Signates. MUITO OBRIGADO!!!

À Banca de qualificação da tese, Prof^a. Dr^a. Irene Dias de Oliveira e ao Prof. Dr. Ademar Arthur Chioro dos Reis; obrigado pelas ricas contribuições. À banca de defesa: Prof^a. Dr^a. Irene Dias de Oliveira, Prof. Dr. Ademar Arthur Chioro dos Reis, Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira, Prof^a Dr^a. Ângela Teixeira de Moraes, Prof. Dr. Clóvis Ecco e à prof^a. Dr^a. (ao prof. Dr) suplente, minha gratidão.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos do doutorado.

Agradecimento especial ao médium João de Deus, à Casa de Dom Inácio de Loyola e aos[às] Filhos[as] da Casa. Notável reconhecimento aos[às] Filhos[as] da Casa, sujeitos da pesquisa de campo, vocês são exemplos de amor e gratidão, espalhando sementes que o mundo tanto necessita; MUITO OBRIGADO!!!

À Universidade Federal do Goiás, aos colegas professores[as] de vários cursos da Regional Goiás, em especial aos professores[as] do curso de Filosofia e técnicos administrativos; um reconhecimento singular ao amigo Prof. Dr. José Jivaldo Lima (Filosofia) e ao Prof. Carlos Alberto Xavier do Nascimento (Administração).

Aos amigos[as] que direta ou indiretamente contribuíram na caminhada e desejaram meu aperfeiçoamento, em especial à Débora Gomides, Régis Flor, Claudete Ribeiro de Araújo, Marisa Braga, Gerson Marietto, Ângela Maria das Graças dos Santos Homercher. Enfim, agradeço a todas as almas e espíritos, especialmente Luís e Alfredo, que contribuíram sobremaneira para esta tese. Meus mais sinceros agradecimentos!!!

EPÍGRAFE

(...) Percebi rapidamente que práticas de cura alternativas continuam sendo um mistério (e portanto, controversas) para a maioria das pessoas que pensam de modo convencional, porque os seus proponentes padecem de cinco defeitos filosóficos:

1. Eles não fazem distinção entre mente e consciência. Há muito tempo, Descartes reuniu os dois conceitos, mente e consciência, no mesmo conceito de mente, e esse erro continua assombrando a medicina.
2. A função causal da consciência como origem da causação descendente inexistente ou está envolta em ambiguidades. Por alguma razão, as lições da física quântica não penetram a armadura da física clássica nem mesmo dos praticantes da medicina alternativa.
3. O papel característico da mente em contraposição ao cérebro não foi elucidado. O avanço científico neste campo, que já vem ocorrendo há uma década, não é levado em conta.
4. O papel distintivo do corpo vital em comparação com o corpo físico também é negligenciado. Este é outro ponto em que os avanços científicos recentes não são considerados.
5. Nenhum deles – consciência, a mente e o corpo vital – é reconhecido como não-físico. Precisamos resolver o problema do dualismo, mas quem diz que não há maneira de contornar o dualismo, que ele é um problema intransponível?

Dr. Amit Goswami

RESUMO

CARVALHO, Ricardo Delgado de. **Espiritualidade, sofrimento e transformação: sentidos e significados das intervenções espirituais por João de Deus, na percepção dos Filhos da Casa de Dom Inácio em Abadiânia, Goiás**. 2019. f. 356. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GOIÁS – Goiânia-GO, 2019.

A presente tese tem como objeto as intervenções espirituais efetuadas por João de Deus e como objetivo geral entender e analisar os sentidos e significados dos[as] Filhos[as] da Casa advindos das intervenções espirituais realizadas por João de Deus em Abadiânia/GO. Esse objetivo geral foi suscitado a partir da questão-problema a ser utilizada como fio condutor no desenvolvimento do trabalho. Estudos feitos mostram que o médium João de Deus atendeu cerca de 11 milhões de pessoas em busca de cura para suas doenças e ou alívio para suas mentes. Os conceitos adotados como referencial teórico são: **Intervenções Espirituais, Sentidos e Significados e Espiritismo**, fundamentados nas áreas das Ciências da Religião, mormente na antropologia e sociologia. Como marco teórico empregou-se conceitos fundamentais de Peter Berger e Thomas Luckmann na construção social da realidade, associados à teoria interpretativa ou simbólica de Clifford Geertz e Mircea Eliade. Tais teorias aclararam que há uma estrutura social imperando nas vidas das pessoas em sociedade, ao mesmo tempo denotam a construção simbólica do *ethos* e da visão de mundo de cada um. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, e abrangeu a pesquisa bibliográfica, com autores brasileiros e estrangeiros; e a pesquisa etnográfica, tendo como *locus* de pesquisa a Casa de Dom Inácio de Loyola; nessa vivenciou-se a observação participante [acompanhado pelo Diário de Campo], bem como se realizou 8 entrevistas narrativas em profundidade com os[as] Filhos[as] da Casa, embasadas por um roteiro norteador. Os dados coletados revelaram como resultados da pesquisa: as intervenções espirituais, proporcionando sentidos e significados, serviram de porta de entrada para os[as] Filhos[as] da Casa, mas se tornaram apenas um detalhe em novo *ethos* e visão de mundo encontrados, vivenciados cotidianamente pelos mesmos junto à espiritualidade. A cura – envolta em rede ampla de sentidos e significados –, buscada para seus corpos e ou suas mentes, se transformou em um sentido de vida que se leva em conta a inter-relação constante entre causa e efeito com o progresso moral e intelectual de cada um para consigo e todos; sendo o desenvolvimento e a prática do amor não somente um projeto, mas uma vivência imperiosa, com ou sem João de Deus.

Palavras-chave: 1. João de Deus. 2. Casa de Dom Inácio. 3. Intervenções espirituais. 4. Filhos[as] da Casa. 5. Sentidos e significados. 6. Espiritismo.

ABSTRACT

CARVALHO, Ricardo Delgado de. **Spirituality, suffering and transformation: senses and meanings of spiritual interventions by John of God, in the perception of the Sons of the House of Dom Inácio in Abadiânia, Goiás.** 2019. f. 356 (Doctoral Thesis in Sciences of Religion) - Pontifical Catholic University of Goiás - PUC-GOIÁS - Goiânia-GO, 2019.

The present thesis aims to talk about the spiritual interventions performed by John of God and the general objective to understand and analyze the senses and meanings of the Sons [daughters] of the House arising from the spiritual interventions performed by John of God in Abadiânia / GO. This general objective was raised from the problem question to be used as a guideline in the development of the work. Studies done show that the medium John of God has served about 11 million people in search of healing for their illnesses and or relief to their minds. The concepts adopted as theoretical referential are: Spiritual Interventions, Senses and Meanings and Spiritism, grounded in the areas of Religious Sciences, especially in anthropology and sociology. As a theoretical framework we used the fundamental concepts of Peter Berger and Thomas Luckmann in the social construction of reality, associated with the interpretive or symbolic theory of Clifford Geertz and Mircea Eliade. Such theories have clarified that there is a social structure prevailing in the lives of people in society, at the same time they denote the symbolic construction of the ethos and the world view of each one. From the methodological point of view, it is a qualitative research, and it covered bibliographical research, with Brazilian and foreign authors; and the ethnographic research, having as a locus of research the House of Dom Inácio de Loyola; where the participant observation [accompanied by the field diary] was experienced, as well as 8 in-depth narrative interviews with the Sons [daughters] of the House, based on a guiding script. The data collected revealed as results of the research: spiritual interventions, providing senses and meanings, that served as a gateway for the Sons [daughters] of the House, have become just a detail in a new ethos and worldview encountered, lived daily by them together with spirituality. The cure - wrapped in a wide network of senses and meanings -, sought for their bodies and / or their minds, has become a sense of life that takes into account the constant interrelationship between cause and effect with the moral and intellectual progress of each to himself and to all; the development and practice of love being not only a project but an imperious experience, with or without John of God.

Keywords: 1. John of God. 2. House of Dom Inácio. 3. Spiritual interventions. 4. Sons[daughters] of the House. 5. Senses and meanings. 6. Spiritism.

LISTA DE FIGURA

Figura 1 – Planta da Casa de Dom Inácio.....	32
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AME-Brasil	Associação Médico-Espírita do Brasil
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
CEPA	Confederação Espírita Pan-Americana
CRF	Conselho Regional de Farmácia
DNA	Ácido desoxirribonucleico
DORT	Doenças osteoarticulares relacionadas ao trabalho e acidentes
EQM	Experiências de Quase-Morte
EUA	Estados Unidos da América
FC	Filho(a) da Casa
FEB	Federação Espírita Brasileira
MCA	Medicinas Complementares e Alternativas
MPF	Ministério Público Federal
OMS	Organização Mundial da Saúde
PI	Princípio Inteligente
PNPIC	Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares
PSA	Prostate-Specific Antigens (ou Antígenos Específicos da Próstata)
PUC-GO	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
SPEE	Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas
STF	Superior Tribunal Federal
SUS	Sistema Único de Saúde
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
USP	Universidade de São Paulo
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – CULTURA COMO CONTEXTO	23
1.1 OBJETIVAÇÃO DA CASA DE DOM INÁCIO DE LOYOLA.....	24
1.1.1 Algumas considerações sobre as objetivações da Casa.....	58
1.2 CULTURA COMO CONSTRUÇÃO ININTERRUPTA.....	59
1.3 FORÇA RELIGIOSA.....	62
1.4 OS SÍMBOLOS E SUAS CONSTRUÇÕES.....	71
1.4.1 Vigoroso simbolismo religioso.....	78
1.5 A LINGUAGEM CONSTRUINDO VERDADES E REALIDADES.....	81
1.5.1 Interiorização e exteriorização na Casa de Dom Inácio de Loyola...	85
1.6 OBJETIVAÇÕES NA VIDA DE JOÃO TEIXEIRA DE FARIA, O JOÃO DE DEUS.....	97
1.6.1 João de Deus aos olhos dos(as) Filhos(as) da Casa.....	112
CAPÍTULO II – SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO ESPIRITISMO	152
2.1 SENTIDOS E SIGNIFICADOS.....	152
2.2 O ESPIRITISMO É UMA RELIGIÃO?.....	157
2.3 <i>ETHOS</i> RELIGIOSO E VISÃO DE MUNDO.....	171
2.3.1 <i>Ethos</i> e visão de mundo espírita.....	174
2.3.2 <i>Ethos</i> e visão de mundo dos(as) Filhos(as) da Casa (espiritualista, da Nova Era).....	187
2.4 KARDEC E AMEDIUNIDADE.....	200
2.4.1 Mediunidade espírita.....	205
2.5 MÉDIUNS CURADORES.....	211
2.6 ETIOLOGIA E ETOLOGIA DAS INTERVENÇÕES ESPIRITUAIS.....	221
2.6.1 Greenfield e a aproximação etológica do espiritismo.....	226
2.6.2 O modelo etiológico da antropologia.....	230
CAPÍTULO III – A PARTICULARIDADE DO ESPIRITISMO NO PROCESSO DE SAÚDE-DOENÇA: AS VOZES DOS(AS) FILHOS(AS) DA CASA SOBRE AS INTERVENÇÕES ESPIRITUAIS	235
3.1 SOFRIMENTO, DOENÇA E RELIGIÃO.....	236
3.2 NASCIMENTO E AGONIA DO MODELO BIOMÉDICO.....	239
3.3 RELIGIÃO, ESPIRITUALIDADE E SAÚDE: NOVAS CONEXÕES.....	246
3.4 TERAPIAS ALÉM DO EFEITO PLACEBO: VITALISMO E EFICÁCIA SIMBÓLICA.....	254
3.5 SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS INTERVENÇÕES ESPIRITUAIS VIVENCIADAS PELOS(AS) FILHOS(AS) DA CASA.....	265
3.5.1 Sentidos de cura para os(as) Filhos(as) da Casa.....	296

3.6 CORPO E ALMA NO ESPIRITISMO COMO ARENA DE APRIMORAMENTO.....	307
3.7 O PROCESSO SAÚDE-DOENÇA PARA O ESPIRITISMO E A IMPORTÂNCIA DO FLUIDO UNIVERSAL.....	313
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	321
REFERÊNCIAS.....	328
APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	349
APÊNDICE II – QUESTÕES NORTEADORAS DAS ENTREVISTAS.....	352
ANEXO I – PARECER CONSUBSTANCIADO – CEP PUC-Goiás.....	353

INTRODUÇÃO

Desde que o tema das intervenções espirituais surgiu no Brasil, no ano de 1945, com o ‘Caso de Pindamonhangaba, SP’ – cujas especificações serão realçadas no capítulo três, tais como o médium Bello, cercado de pesquisadores científicos, médicos e juristas, ter fornecido seu ectoplasma na extração de uma apendicite – emergiram participações, atenções e oposições relacionadas a essa temática. As participações fazem referência àqueles que estão adoentados, precisando de cura e de alguns espiritualistas no fortalecimento da fé. As atenções são relativas aos poucos profissionais e ou pesquisadores acadêmicos, que examinaram alguns médiuns, dentre os quais se destaca o mineiro José Pedro de Freitas [conhecido como Zé Arigó, 1921-1971], que afirmava receber o espírito do Dr. Fritz. Aparentemente, após o falecimento do médium, esse espírito continuou seu trabalho de incorporação em outros médiuns. No que tange às oposições, estas ficavam mormente sob a responsabilidade da igreja e de associações médicas, que exigiam a polícia no enalço dos médiuns curadores.

A excentricidade das intervenções espirituais levantou inúmeras dúvidas e suspeitas sobre a existência de fraude, charlatanismo e até mesmo da presença de ‘algo demoníaco’. Alguns céticos, após a averiguação das intervenções espirituais com médiuns, comprovavam inautenticidade dos espíritos (GREENFIELD, 1999) ou saíam desiludidos sem nada desmascarar (DEPOIMENTO, 2017). Com João de Deus, não foi diferente, pois houve oposições e prisões do médium e inúmeros relatos de restabelecimento da saúde de várias pessoas. Aos poucos, as intervenções espirituais ganharam divulgação, aumentando o número de indivíduos à procura das mesmas. Além disso, o médium João de Deus alegou que servia, em 1985, 58 mil pratos de sopa anualmente àqueles que procuravam pela ajuda (PROGRAMA, 1985, s/p); em 2013, esse número subiu para 150 mil (GARCIA, 2013).

Nesse contexto, a presente tese tem por objeto as intervenções espirituais com João de Deus, que atendia na Casa de Dom Inácio de Loyola, em Abadiânia, GO. É comum encontrar na Casa de Dom Inácio testemunhas de sua terapêutica. Garcia (2009) expõe o caso do senhor Deraldo Menezes, residente em Osório, RS, que em um acidente, caiu e machucou a perna esquerda. Deraldo procurou tratamento médico e fez vários exames resultando em nulo o diagnóstico. As dores pioraram e o quadro evoluiu para uma osteomielite, com a perna apresentando necrose acelerada. Os

médicos declararam como única solução a amputação do membro. Alguns conhecidos do senhor Menezes orientaram-no a procurar João de Deus. Ele então dirigiu-se para Abadiânia e o médium João solicitou que ele frequentasse a Casa de Dom Inácio por alguns dias, iniciando o tratamento espiritual. Na semana seguinte, houve uma melhora acentuada na perna, tendo como resultado a ausência de dor. Quarenta dias depois, após a revisão com o médium João de Deus, o senhor Menezes recebeu alta e voltou a ter uma vida normal.

Relatos e depoimentos como esse são frequentes na Casa de Dom Inácio, mobilizando investigações de alguns pesquisadores. Entretanto, seria a intervenção espiritual consequência da fé em Deus, da credulidade no médium, da capacidade simbólica da mente, de efeito placebo ou de outra razão?

Para tanto, define-se intervenção espiritual como uma operação visível e ou invisível na pessoa enferma, de forma presencial ou à distância, sob o comando do médium ou das Entidades. Na Casa de Dom Inácio, as intervenções espirituais acontecem normalmente sem corte. No entanto, quando há pessoas que recebem incisões, estas não sentem dores; poucas percebem leve dor. Não sofrem infecções e o lugar da lesão rapidamente se regenera. Por esses e outros fatores, inúmeras pessoas do mundo inteiro, em busca de recuperação da saúde, procuraram o médium.

É pertinente destacar que desde dezembro de 2018, o médium João de Deus está encarcerado como réu por graves acusações: violação sexual, estupro, estupro de vulnerável e posse ilegal de armas. O Ministério Público de Goiás recebeu mais de trezentas denúncias contra o médium, a maioria de mulheres; uma das filhas de sangue do médium o acusa de estupros seguidos; o médium e um de seus filhos estão sob acusações de corrupção e coação de testemunhas, e outras imputações que enfraquecem o médium e solapam sessentas anos de histórias de cura. Há relatos de que os abusos praticamente se iniciaram em 1975, em Abadiânia, e continuaram até 2018 (DIÓGENES, 2019; PORTINARI, 2019). Contudo, desde as incriminações do médium João de Deus, tudo o que aconteceu na Casa reflete diretamente aquilo do qual ele está sendo acusado: inúmeros Filhos da Casa deixaram de ser frequentes ou não vão mais ao recinto da Casa – dos 80 frequentes, restam 28, mas a previsão, segundo um Filho da Casa é ainda de queda; algumas pessoas que foram curadas no passado pelo médium, após a prisão deste, tiveram o retorno de sua doença, e muitas vieram a falecer; alguns Filhos da Casa – dentre estes, alguns visivelmente idólatras –, negando ou evitando aceitar o envolvimento do médium nesse escândalo,

não desmerecem que o médium seja vaidoso e ganancioso; um Filho da Casa garantiu que a Entidade rei Salomão disse há dois anos que o médium seria preso (DIÁRIO DE CAMPO, 18.06.2019). Diante desse atônito acontecimento, deve-se prestar atenção aos relatos da vítimas, averiguá-los e, caso afirmativo, tentar reparar a crueldade realizada, seja com indenizações e encaminhamento a especialistas para às sofrentes, e prisão do médium, multas e outras que se fizerem necessárias na justiça diária.

Se, como afirmou Kardec (2013), a mediunidade é uma capacidade orgânica, não vinculada à moralidade, então, os impulsos animais que o egoísmo e o orgulho protegem – em gritante contradição com as verbalizações que os princípios cristãos professados sugerem – devem ser contidos e sublimados. Os Direitos Humanos devem ser respeitados, e o culpado, responsabilizado e punido. A ética humana ou a ética cristã, não devem servir de mera formalidade, de aparência imaculada, acobertando atitudes indecentes e libertinas. Aquele que age assim, tratando de saúde e religião – valores robustos em nossa sociedade – não apenas quebra uma regra social, mas a desestabiliza em sua confiança, colocando em risco seu próprio sentido de existência, não apenas da lei, mas principalmente das pessoas.

Apesar disso, a Casa de Dom Inácio continua aberta recebendo pessoas para serem tratadas. O número de indivíduos está bastante abaixo das mil e cem pessoas, aproximadamente, que passavam pela Casa de Dom Inácio diariamente; mas, mesmo assim, é comum encontrar relatos de cura entre os frequentadores – alguns dizem que a ‘energia salutífera’ na Casa está mais forte (DIÁRIO DE CAMPO, 05.03.2019).

Desde que João de Deus iniciou sua atividade, computa-se que em torno de 11 milhões receberam atendimento (GARCIA, 2013), resultando em inúmeros relatos positivos de pessoas que se disseram curadas (XAVIER, 2017; GARCIA, 2009; CUMMING e LEFFLER, 2008; PÓVOA, 2016; ALVES, 1995 e 2012, MACHADO, 2016). Estudos demonstraram que em sessenta anos, realizando esses atendimentos espirituais, o médium ganhou fama mundial e fez muitos admiradores, como presidentes da república, ministros de estado, juízes, militares, advogados, médicos, artistas e outros, incluindo milhares de adeptos, dentre esses, muitos chamados afetuosamente de Filhos[as] da Casa. Devido à credibilidade do médium, a pequena cidade de Abadiânia, no interior de Goiás, cresceu em infraestrutura, adequando-se aos treze mil visitantes mensais, aproximadamente. Dentre estes, a maioria composta por estrangeiros europeus. Antes do encarceramento do médium, o prefeito atual de

Abadiânia infere que João de Deus era responsável por 20% da economia da cidade (*apud* ALBUQUERQUE, 2019); no presente momento, várias pousadas e hotéis já fecharam as portas; mais da metade dos funcionários da Casa de Dom Inácio foram demitidos; no comércio local identifica-se também um grande número de desempregados (PORTINARI, 2019).

Outro aspecto da busca pelas intervenções espirituais está na relação inversa que a desvalorização do modelo biomédico apresenta frente ao apreço pelas medicinas complementares e alternativas; as intervenções espirituais atraíram principalmente aqueles que enxergavam João de Deus como a última esperança; visto que muitos doentes, desenganados pela medicina, viam o médium João como o derradeiro médico.

Se uma pessoa tem uma doença incurável pela medicina alopática e deseja de sobremaneira a cura, ela busca opções de restabelecimento. Assim, o motivo em estudar a temática desta tese adveio de uma vivência pessoal, ou seja, conjuntivites recorrentes que, mesmo medicadas por diferentes galenos, tornaram-se incuráveis durante três meses de tratamento. Isto mobilizou ações para eu mesmo experimentar a cura pelo médium na Casa de Dom Inácio. No processo da intervenção invisível, senti como se alguém estivesse mexendo delicadamente nos nervos ao fundo dos meus olhos, levantando e suturando-os. Ao final, saí da sala de intervenção sem o incômodo dos sintomas e na semana seguinte nem me lembrava mais da doença.

Iniciada a pesquisa na Casa de Dom Inácio, foi possível comprovar uma quantidade expressiva de pessoas que lá recorriam a curas espirituais por vários motivos. Os palestrantes da Casa relatavam seus casos de cura ou chamavam outros[as] Filhos[as] da Casa para testemunharem. Foi um desses depoimentos que despertou a atenção no entendimento e análise dos sentidos e significados das curas espirituais: uma senhora apareceu narrando que quando jovem engravidou, o pai a expulsou de casa e ela, vagando sem rumo certo, com o filho nascido, portador de uma deficiência nos olhos, veio parar dentro da Casa de Dom Inácio. Cansada e com fome, ela só pensava em comer algo, curar o filho e arranjar um emprego para sustentarem-se. Envergonhada para entrar na fila e ser atendida, encostou-se numa coluna sem saber ao certo o que fazer. Diante do desespero, ouviu um nome igual ao seu sendo chamado ao palco. De imediato, achou que fosse outra pessoa, mas como ninguém apareceu, e devido à insistência, ela saiu detrás da coluna, levantou o braço de modo inseguro e foi atendida. Surpresa por não ter dito seu nome a ninguém, João

de Deus afirmou que curaria seu filho, e ela emocionada disse que não tinha como pagar porque estava inativa no mercado. O médium afirmou que não cobrava nada de ninguém, e caso ela quisesse, ele poderia ajudá-la com um emprego. Ela finalizou seu relato com voz embargada, afirmando que isso tinha acontecido há mais de oito anos e desde então ela se encontrava lá ajudando, como Filha da Casa.

Diante desses e outros acontecimentos que a intervenção espiritual proporciona aos visitantes da Casa de Dom Inácio e do modo respeitoso e prestativo dos[as] Filhos[as] da Casa que trabalham naquele espaço, doando seu tempo ao médium João e à espiritualidade, foi identificada a questão-problema da presente tese, a saber: quais são os sentidos e significados dos[as] Filhos[as] da Casa advindos da intervenção espiritual realizada por João de Deus em Abadiânia/GO? Provavelmente, as intervenções espirituais proporcionam um pequeno significado a um grande sentido para os[as] Filhos[as] da Casa, pois de um relato de cura, advieram grande mudança de comportamento e sentido de vida. Vale ressaltar, que a nomenclatura 'Filhos[as] da Casa' não se restringe àqueles que frequentam a Casa propriamente, pois o termo refere-se a todas as pessoas atendidas e escolhidas por João de Deus em Entidade, e que se encontram espalhadas por todas as cidades do Brasil e do mundo. Nesse sentido, optou-se como sujeitos de pesquisa os[as] Filhos[as] da Casa que trabalham diretamente ao lado de João de Deus na Casa de Dom Inácio em Abadiânia, GO.

Como há escasso material sobre os que auxiliavam Zé Arigó (OLIVEIRA, 2014), ou seja, de seus colaboradores, esta pesquisa destaca-se pelo ineditismo da investigação dos[as] Filhos[as] da Casa, tanto na Casa de Dom Inácio, como na linha de pesquisa Cultura e Sistemas Simbólicos ou em outras linhas do programa de pós-graduação em Ciências da Religião da PUC-GO. Sendo assim, a constelação temática utilizada neste trabalho, norteadada pelo fio condutor da questão-problema da tese, centrou-se nas seguintes categorias: as intervenções espirituais, os sentidos e significados e o espiritismo.

Como asseverado anteriormente, as intervenções espirituais que ocorrem na Casa de Dom Inácio geralmente são as invisíveis; às vezes ocorrem com a pessoa sentada na sala de intervenções ou na sala da corrente, concentrada em Deus, em uma oração ou em outro símbolo representando amor. Porém, há relatos de que as intervenções acontecem por toda a área interna ou externa da Casa. Quando ocorrem fora da Casa, mas dentro da cidade de Abadiânia, as intervenções espirituais acontecem especificamente nas pousadas. Sobre as intervenções, não se pode

olvidar que também há as que ocorrem a distância, com o adoentado recebendo-a há centenas ou milhares de quilômetros de afastamento, como indicam os relatos pesquisados e comprovados por exames de raio X (DIBO, 2013; GARCIA; 2009).

Entre as intervenções, as físicas são aquelas que causam mais assombro, pois frequentemente o médium age de três modos: 1) ele faz uma simples incisão e depois sutura; 2) utiliza-se da sondagem nasal, ou seja, uma pinça cirúrgica em formato de tesoura, com um chumaço de algodão na ponta, embebido em água fluidificada, introduzida na fossa nasal, recebendo os movimentos de rotação e fricção; e 3) raspagem na retina, seja com uma faca pequena de cozinha ou um bisturi. É comum também nas intervenções físicas o médium limpar o instrumento na roupa do enfermo. É importante destacar que essas três intervenções acontecem sem anestesia e ou assepsia, e geralmente as pessoas não reclamam de dor. Faz-se notar ainda que as intervenções 2 e 3 são para amplas enfermidades ou doenças, desde depressão ou ansiedade até câncer ou tumor cerebral. Porém, a decisão por uma ou outra cabe ao médium ou Entidade, e ninguém na Casa conhece precisamente o motivo pela escolha.

Sobre os sentidos e significados que os assuntos estimulam, é habitual compreendê-los não somente como antecessores das atitudes, mas inclusos em uma ampla visão da existência. Portanto, os sentidos e significados dizem respeito ao *ethos* e à visão de mundo que a pessoa interiorizou através das relações sociais. Tais sentidos e significados são expressos em signos por meio dos enunciados da linguagem. Assim, se os sentidos e significados direcionam entendimentos e comportamentos, faz-se necessário conhecer e interpretá-los a partir dos[as] Filhos[as] da Casa, investigando sobre as intervenções espirituais e se tais sentidos e significados se resumem em si mesmos ou possuem amplas relações de sentidos de vida. De antemão, perceber que os[as] Filhos[as] da Casa entrevistados saíram de suas cidades de origem e fixaram residência próximo à Casa de Dom Inácio revela consideráveis sentidos e significados; sendo eles o foco maior desta tese.

Por fim, o espiritismo será analisado com mais profundidade, visto ser, possivelmente, a única via de entendimento etológico do *ethos* e das visões de mundo dos[as] Filhos[as] da Casa. Esse aspecto da pesquisa se desdobrou em outras inquietações: será que os[as] Filhos[as] da Casa são espíritas? Se a Casa prega alguma religião, seria ela o espiritismo? Até que ponto o espiritismo explica os fenômenos que acontecem na Casa de Dom Inácio? O que o fluido vital interfere

nesses fenômenos? Como os espíritas entendem a relação do binômio saúde-doença? Assim sendo, através do exercício do olhar [ver] e do escutar [ouvir], impôs-se ao presente pesquisador um distanciamento de suas pré-noções culturais para se situar internamente ao fenômeno da Casa, por meio de participação efetiva nas formas de sociabilidade na mesma. À vista disso, toda a nomenclatura adotada pelo espiritismo, seja 'água fluidificada', 'reencarnação', 'débitos de vida passada', 'espírito', 'perispírito' e outras, ou expressões do contemporâneo espiritualismo denominado Nova Era, como 'carma', 'alinhamento energético', 'ressonância', 'banho de cristais' e outros, são termos igualmente assumidos pelos depoentes entrevistados, e como tal comparecem nessa tese. Tais expressões formam a constelação temática para melhor circundar o objetivo do presente trabalho.

Da mesma maneira, na explicação etiológica da antropologia, adentrar-se-á na análise do efeito placebo e da eficácia simbólica. Sabe-se que estas são muitas vezes consideradas veemente na argumentação científica como explicação de tais fenômenos, em uma conexão entre símbolos que não só moldam a interpretação, mas que igualmente constroem a performance da experiência. Assim, de acordo com Lévi-Strauss (1967), o médium fornece o mito e o doente realiza as operações mentais.

Visando a esses objetivos, este estudo de natureza qualitativa abrangeu a pesquisa bibliográfica e a etnográfica que se inter-relacionam com vistas à compreensão e ao exame do objetivo explicitado. No que se refere à pesquisa bibliográfica expressa, percorreu-se todo o processo de estudo e elaboração explorado na tese. O referencial teórico balizou o levantamento da produção acadêmico-científica de dissertações e teses mormente sobre curas espirituais e espiritismo, bem como livros publicados sobre a Casa de Dom Inácio ou João de Deus – muitos encontrados na livraria da Casa –, artigos, sites existentes sobre a constelação temática – esses oriundos principalmente de universidades públicas como a USP, a UFJF e outras.

No que tange à pesquisa etnográfica – por facultar o afastamento de interpretações *a priori*, focar descrições mediante as coisas ou objetivações da coletividade cultural, propiciar uma interação direta ou observação participante e possibilitar uma abordagem heurística preocupada com a análise das objetivações (CHIZZOTTI, 2006; LAPLANTINE, 2003) –, esta suscitou obter a visão dos[as] Filhos[as] da Casa sob vossa ótica [acautelando-se sobre a tradução do 'outro'], perscrutando as reuniões, os atendimentos, os rituais, a livraria, o refeitório e outros

espaços ou acontecimentos da Casa. Salienta-se que a observação direta perdurou por três anos [fevereiro de 2016 a fevereiro de 2019] porém, a pesquisa etnográfica propriamente foi realizada em doze meses [julho de 2017 a julho de 2018]. Nessa perspectiva etnográfica, apontando um distanciamento do pesquisador e buscando respostas sobre os sentidos e significados dos[as] Filhos[as] da Casa sobre as intervenções espirituais, optou-se pela entrevista narrativa em profundidade, não somente por ser uma forma de comunicação mais profícua, mas por evidenciar os signos que produzem mudança e motivam ações dos portadores das reflexões (BENJAMIN, 1993). No processo de entrevistas, em conversa com um Filho da Casa, que trabalhava dando assistência direta ao médium, foi solicitado que o pesquisador procurasse João de Deus em Entidade para autorizar a realização das 8 entrevistas narrativas em profundidade. O médium em Entidade autorizou o pesquisador e também indicou quem seriam os[as] Filhos[as] da Casa participantes da entrevista; portanto, a escolha dos sujeitos não se deu de forma aleatória, mas a partir de uma nomeação direcionada. Para o desenvolvimento desse trabalho, utilizar-se-á a abreviação 'FC', significando Filho[a] da Casa, para os entrevistados. Estes foram elencados na ordem sequencial das entrevistas: FC1, FC2, FC3, FC4, FC5, FC6, FC7 e FC8. Todas as entrevistas narrativas foram feitas a partir de um roteiro norteador, gravadas, posteriormente transcritas e enviadas aos entrevistados para correção ou complementação.

Como se percebe, a presente tese posiciona-se no marco teórico hermenêutico, sendo a facticidade inerente à interpretação; esta não se origina neutra, evidenciando as compreensões carregadas de interpretações sociais, junto às experiências que o próprio observador possui de sua existência, seja como estudioso do espiritismo ou tendo nele certa convicção de princípios, junto a uma postura crítica necessária à ciência. Desta forma, não se trata de uma existência distante de intuições essenciais, mesmo que provisórias, como sustentava Heidegger (2012), mas de algo que se aproxima de Vattimo ao anunciar o "creio que creio" (2004). Aparentemente incompatível, Vattimo explica que o primeiro crer trata-se de acreditar em algo de que não se tem tanta certeza, ou seja, uma crença incerta. Já o segundo indica um pensamento convicto e certo. Contudo, pergunta-se: como pode haver uma crença incerta que tem certeza? Infere-se não se tratar de saber que se desconhece a exatidão de simples crença, mas de que a crença de modo geral está em terreno incerto. Embora imediatamente pareça incoerente, o 'creio que creio' abre portas para

entender os pressupostos hermenêuticos desse filósofo italiano e outros assuntos. Dessa forma, se as crenças são concepções humanas, Vattimo questiona se são tão certas e seguras. Tais crenças são expressas igualmente em sentidos e significados que o indivíduo traz consigo.

À vista disso, tem-se por objetivo geral entender e analisar os sentidos e significados dos[as] Filhos[as] da Casa advindos de intervenção espiritual, realizada por João de Deus em Abadiânia/GO; e como objetivos específicos emergem a compreensão da mediunidade de João de Deus e a especificidade da concepção de saúde-doença para o espiritismo. Esses objetivos foram abordados nos capítulos, nos quais se expõem os dados colhidos em campo, intercambiando, em um movimento dialético, pesquisa empírica e pesquisa bibliográfica.

O primeiro capítulo apresenta a Casa de Dom Inácio, João de Deus e os[as] Filhos[as] da Casa. Essa exposição ocorre tendo como pano de fundo a teoria da relação dialética entre objetivação, exteriorização e interiorização (BERGER, 1985; BERGER E LUCKMANN, 2013), junto à análise da linguagem na construção de simbolismos (ELIADE, 1991; RUIZ, 2015). Questiona-se, nesse capítulo, se a Casa de Dom Inácio e os[as] Filhos[as] da Casa são frutos das objetivações de João de Deus. Constatar-se-á também se a linguagem exteriorizada e interiorizada – juntamente aos outros simbolismos na Casa – constrói realidades sagradas, bem como se os[as] Filhos[as] da Casa doam seu trabalho simplesmente por gratidão.

Como a Casa de Dom Inácio e tudo o que foi objetivado, exteriorizado e interiorizado está envolto à mediunidade de João de Deus, o segundo capítulo trata dos sentidos e significados do espiritismo e da mediunidade. Desta forma, busca-se entender e analisar o que os sentidos e significados dos[as] Filhos[as] da Casa possuem relacionados com o espiritismo. Para tal intento, não somente se apresenta a teoria de Geertz (1989) sobre *ethos* e visão de mundo, bem como são analisadas as compreensões de ordem geral sobre os pensamentos e atitudes dos[as] Filhos[as] da Casa, que se assemelham à kénosis no sentido kierkegaardiano. Por fim, como os[as] Filhos[as] da Casa não são considerados[as] Filhos[as] da Casa sem as intervenções espirituais que João de Deus realizou, almeja-se compreendê-las através de estudos etológicos do espiritismo (KARDEC, 1998a e 2013a) e etiológicos da antropologia (GREENFIELD, 1999).

O terceiro capítulo concentra-se na centralidade desta tese, isto é, entender e analisar os sentidos e significados dos[as] Filhos[as] da Casa advindos das

intervenções espirituais, realizadas por João de Deus em Abadiânia/GO; para tanto, evidenciam-se as vozes dos[as] Filhos[as] da Casa sobre as intervenções espirituais e examina-as. Outrossim, faz-se necessária a compreensão do processo saúde-doença para a religião, mais particularmente para o espiritismo, incluindo a concepção de corpo físico. Verificar-se-á que desde as eras primeiras a religião tem tentado aplacar o sofrimento humano; sendo Deus o bálsamo de muitas dores. A ciência – mais especificamente através do modelo biomédico – também pretende minorar o sofrimento humano, porém, sem muito sucesso, o que fortalece o caminho religioso. Algumas pesquisas científicas (MOREIRA-ALMEIDA e STROPPIA, 2008; KOENIG, 2015) vêm demonstrando que possuir crenças espiritualizadas, além de proporcionar *coping* religioso, revigora os sistemas imunológico, endócrino e cardiovascular. Desta forma, provavelmente, os sentidos e significados que os[as] Filhos[as] da Casa adquiriram sobre as intervenções espirituais os ultrapassam, abarcando outras compreensões.

CAPÍTULO I – CULTURA COMO CONTEXTO

Entra dentro de tua consciência e interroga-a. Não prestes atenção
ao que floresce à vista, e sim à raiz, que está na terra.
Santo Agostinho

Sendo o objetivo desta tese entender e analisar os sentidos e significados dos[as] Filhos[as] da Casa advindos das intervenções espirituais, realizadas por João de Deus em Abadiânia/GO, o propósito do presente capítulo é conhecer a Casa de Dom Inácio, João de Deus e os[as] Filhos[as] da Casa. As três metas secundárias são: a) compreender a teoria da relação dialética entre objetivação, exteriorização e interiorização propostas por Berger e Luckmann (2013); b) analisar a linguagem construindo simbolismos e; c) verificar as relações de 'a' e 'b' nas manifestações objetivas e subjetivas da Casa de Dom Inácio.

Nesse contexto, a pesquisa inicia-se pelas definições de exteriorização, objetivação e interiorização. A seguir, envereda-se ao escopo de descobrir as manifestações de objetivação na Casa de Dom Inácio, local onde o médium João de Deus atuava e de como os[as] Filhos[as] da Casa – sujeitos dessa pesquisa – iniciaram e vivenciam as mesmas. Esse item, em específico, possui uma característica sobretudo descritiva e contextual da Casa, ambiente empírico do presente estudo.

Na sequência, encetar-se-á uma discussão teórica e geral sobre as externalizações, objetivações e interiorizações ocorridas na e pela cultura. Desta forma, não será abordada somente a tríade dialética que Berger e Luckmann (2013) propõem, mas também o espelho da constituição humana, da formação mental, de sua maleabilidade sócio-histórica-antropológica e da construção da linguagem formando simbolismos. Isto posto, no próximo item, revelar-se-ão as interiorizações [composta de simbolismos] e externalizações dentro da Casa de Dom Inácio de Loyola.

Por fim, em uma conexão precedente, será objeto de conclusão que não existiriam os[as] Filhos[as] da Casa sem a Casa e, por conseguinte, não haveria esta sem João de Deus. Logo, surge a relevância das objetivações na vida do médium João e de como ele é visto por esses[as] Filhos[as].

1.1 Objetivação da Casa de Dom Inácio de Loyola

Berger e Luckmann (2013) entendem por exteriorização a contínua manifestação do mundo nas atividades físicas e ou mentais dos humanos. Berger (1985) concebe a objetivação como a execução dos produtos dessa atividade, física e mental, “de uma realidade que se defronta com seus produtos originais como facticidade exterior e distinta deles” (BERGER, 1985, p.16). A interiorização “é a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas de consciência subjetiva” (BERGER, 1985, p.16). Desta maneira, o foco deste item estará na objetivação da Casa de Dom Inácio, especificadamente, em sua construção.

Em meados da década de 1970, João de Deus morava em Anápolis e, apesar de proporcionar benesses a muitos, foi acusado de vários crimes como exercício ilegal da medicina, charlatanismo e curandeirismo. Devido a isso, em permanente tensão emocional, somando-se a sua personalidade irrequieta, a vida do médium João se tornou insustentável na cidade.

Sendo pressionado por autoridades jurídicas e empresários – que haviam passado por tratamento curativo com o médium – e “reconhecendo que inexistia ambiente para ele continuar em Anápolis, notadamente em razão da organização e permanente oposição da classe médica” (GARCIA, 2013, p.45), Decil de Sá Abreu, então prefeito de Anápolis, em conversa com o promotor Braz Gontijo, ex-prefeito de Abadiânia, encontra um lugar para o médium atuar: Abadiânia, distante aproximadamente 37 quilômetros de Anápolis. Conversaram com o prefeito dessa cidade, Hamilton Pereira [hoje, administrador da Casa de Dom Inácio] que prometeu apoio da prefeitura para sua instalação.

Atualmente, é comum dizer e ouvir que Abadiânia depende comercialmente da Casa de Dom Inácio e se um dia o médium vier a faltar, a região em torno de onde se localiza a Casa morrerá, como relatou a proprietária de uma pousada (DIÁRIO DE CAMPO DO AUTOR DESSA TESE¹, 22.06.2018). Localizada entre duas capitais, Brasília [a 118 quilômetros] e Goiânia [a 104 quilômetros], cortada pela rodovia federal BR-060, Abadiânia foi antes distrito de Corumbá de Goiás, sendo emancipada em 1953. Posse, antigo nome da cidade, fora fundada como povoado em 1874 por Dona Emerenciana, devota de Nossa Senhora da Abadia, que, em volta de uma capelinha

¹ Doravante, DIÁRIO DE CAMPO.

de pau-a-pique, organizava festas e romarias em homenagem a Nossa Senhora da Abadia, padroeira da cidade. Desta forma, Abadiânia é “topônimo em louvor à Padroeira Nossa Senhora da Abadia” (BRASIL, IBGE, 2007). Também é comum relatar que o ‘ânia’ de Abadiânia, vem da fundadora, Dona Emerenciana, tamanha sua influência na história (SAVARIS, 2013).

Assim, desde a origem, a cidade é centro de romarias. As modernas acontecem organizadas pela igreja católica local em festas dedicadas à Nossa Senhora da Abadia, e pelos frequentadores da Casa de Dom Inácio, vindos de várias partes do Brasil e do mundo. “Goiás pode, então, ser considerado um estado místico, pois abriga cidades tipicamente espíritas, principalmente Palmelo e Abadiânia” (SAVARIS, 2013, p.22). Entretanto, apesar da Casa não ser considerada espírita, nem a cidade, essa citação apresenta Goiás como um estado que abriga além dos locais citados, a Cidade Eclética de Mestre Yokaanam e, a poucos quilômetros, no Distrito Federal, o Vale do Amanhecer, surgido em 1969, com Tia Neiva. Todos esses lugares possuem práticas mediúnicas e seguem alguns princípios espíritas; exceto Palmelo, uma cidade, a qual pode se afirmar que é realmente espírita (SILVA NETO e SIGNATES, 2015).

As primeiras atuações de João de Deus na cidade de Abadiânia foram bastante precárias. Ele se estabeleceu em uma chácara com instalações escassas e com uma demanda intensa de pessoas vindas de várias partes do mundo para atender. Ao procurar por lugares melhores para se estabelecer, mudou-se para uma antiga sorveteria, que também não apresentou os resultados esperados. Logo se transferiu para uma chácara “cedida por Domary José Jacinto². Em volta da já denominada Casa de Dom Inácio, começaram a surgir restaurantes, quiosques improvisados e barracas de lona” (GARCIA, 2013, p.47). A Casa³ situa-se no Setor Lindo Horizonte, exatamente na “Avenida Frontal e após percorrê-la, passando por diversas pousadas e lojas, já no seu finalzinho, na Quadra 48, [nº 823], CEP 72.940-

² O senhor José Jacinto e sua esposa, acreditando no médium João, compraram uma área da Fazenda Rio Claro e doaram uma parte para o médium se estabelecer. Com a ajuda do senhor José Jacinto, que era pedreiro de profissão – e ex-prefeito da cidade –, se construiu o grande salão da Casa de Dom Inácio. Sua visão empreendedora, levou José Jacinto a abrigar pessoas e alugar quartos de sua residência, até que erigiu sua própria pousada ao lado da Casa (GARCIA, 2013).

³ A Casa de Dom Inácio de Loyola é normalmente reconhecida como Casa Dom Inácio, Casa de Dom Inácio, Casa de João de Deus ou simplesmente Casa. Optou-se frequentemente pelo uso de ‘Casa’ e ‘Casa de Dom Inácio’ quando referir-se a ela.

000, está localizada a Casa de Dom Inácio, numa área de doze mil metros quadrados” (PÓVOA, 2016, p.81).

Quem sempre acompanhou e acompanha o médium João em seus percursos e projetos é Expedito de Miranda, advogado [também visitou o médium curador Zé Arigó na cadeia, na década de 1960] e professor universitário. Sobre as experiências junto a João de Deus, Expedito atesta:

No início, o atendimento era prestado em uma pequena varanda, à frente de uma pequena e velha casa, situada numa rua sem asfalto, causando grande desconforto a todos pelas nuvens de poeira provocadas pelo trânsito de veículos. Os móveis, além de poucos, eram velhos e desconfortáveis, deixando muito a desejar.

Entretanto, apesar das precaríssimas condições e pela absoluta falta de espaço, sem falar na campanha agressiva movida pelos arautos do fracasso, excelentes resultados eram obtidos, de tal maneira que a saúde era recuperada e a fé robustecida, ao mesmo tempo em que o sentimento de gratidão se fazia refletir no alegre semblante das pessoas.

As deficiências das instalações, a falta de espaço, a carência dos móveis e a ausência de alvissareiras perspectivas aumentavam a olhos vistos, na medida em que aumentava o número de frequentadores.

Não obstante, tais dificuldades nada serviam para abrandar o entusiasmo, arrefecer a dedicação de um médium que se encontrava ciente da responsabilidade que lhe impunha tão importante missão.

No antigo endereço, as pessoas, cujo atendimento aconselhava algumas horas de repouso, eram colocados em velhos e desconfortáveis sofás, nos cantos de pequenos quartos mal arejados.

Enfim, faltava espaço para uma razoável acomodação dos frequentadores, as instalações elétricas e sanitárias se mostravam deficientes, em péssimo estado de conservação, mas nada disso foi bastante para atingir a fibra de quem se sentia despreparado para colher um insucesso.

Nessa fase, como se não bastassem as dificuldades de ordem material, sobejavam as denúncias inquinando o médium João como autor de crime de charlatanismo, curandeirismo e exercício ilegal da medicina.

Por serem todas elas denúncias improcedentes, não surtiram o resultado desejado por seus autores. Ao contrário, provocaram eficaz divulgação da benéfica atividade da casa de Dom Inácio, o que determinou considerável aumento de frequentadores (*apud* GARCIA, 2013, p.47-48).

Mesmo em meio a condições desfavoráveis, com um número crescente de frequentadores, o primeiro atendimento feito em Abadiânia foi um parto, realizado pela

Entidade⁴ Dom Inácio de Loyola (GARCIA, 2013). Dada as condições, não demorou muito tempo para que os frequentadores ajudassem com doações destinadas a assegurar melhoria nas acomodações.

Atualmente, na Casa há as seguintes subdivisões: Secretaria; Salão; Sala de repouso ou enfermaria; Sala dos Médiuns; Sala da Entidade; Sala de passes e Intervenções espirituais; Filhos[as] da Casa; Passiflora; Refeitório; Sala de diplomas, certificados e fotos; Sala de aparelhos adjutórios e Sala de vídeo e som.

Secretaria

Trata-se de um ambiente cuja função é fornecer a quem for até lá informações sobre a Casa e todas suas atividades. Há um site oficial da Casa: joaodedeus.com.br/plus. Nesse local ficam disponíveis dois telefones para contato: (62) 3343.1254 e (62) 3343.1776. No ano de 2016 havia na parede da secretaria uma foto emoldurada do então governador de Goiás. Até o final de 2018, no lugar, encontrava-se a foto do governador de Brasília. Perguntado o porquê da mudança, a recepcionista não soube responder. Adjacente à secretaria, encontra-se a sala do assessor da Casa, ocupada pelo senhor Chico Lobo, ex-vice-prefeito da cidade.

Salão

Nesse espaço há quase trezentos lugares disponíveis àqueles que chegam pela manhã, às 7h; e à tarde, às 13h. Os trabalhos se iniciam às 8h e às 14h. Porém, por volta das 7h30 quase já não há mais espaço para se sentar. No salão tem um pequeno palco para palestras, orações e atendimento de quem deseja intervenção física. “Quem entra na fila, passa pela Entidade e quer intervenção no corpo, solicita-se que espere – aparentemente, até que dê um número razoável. Feito isso, leva-os para o palco, realizando as intervenções na frente de todos” (DIÁRIO DE CAMPO, 06.06.2018). No centro desse palco, pendurado na parede, fica um triângulo de madeira onde as pessoas colocam fotos, pedidos, encostam a cabeça e, normalmente, fazem suas orações. Nesse salão, próximo à entrada, no canto esquerdo, fica uma televisão ligada reproduzindo imagens de intervenções físicas, de

⁴ Entidade é o nome que se dá à representação do médium quando está incorporado, seja por qualquer um dos 37 espíritos que ele afirma receber (PÓVOA, 2016). Assim, neste texto, será utilizado ‘Entidade’, raramente ‘João de Deus em Entidade’, ‘João em Entidade’ ou ‘João na Entidade’.

caráter cirúrgico. Algumas imagens são chocantes, merecedoras de pesquisas científicas.

Em relação à decoração do espaço, há vários quadros e pinturas espalhados pelo salão. As pinturas são: Jesus segurando uma ovelha; Jesus à beira de um riacho soltando água pela mão; Chico Xavier e Jesus se abraçando; rostos de Dom Inácio; de Dr. Augusto de Almeida; da Virgem Maria jovem; de Bezerra de Menezes; e há também pintados os símbolos do budismo [presente do Dalai Lama ao médium, quando em visita ao Brasil]. Os quadros, por sua vez, são dois: João de Deus realizando operação em seu próprio corpo; e uma mulher materializada – sem pés – vestida de branco com véu na cabeça, sendo amparada por Chico Xavier (DIÁRIO DE CAMPO, 19.01.2018).

No decorrer das pesquisas etnográficas, foi observado que, antes de começar as palestras, algumas pessoas estavam com terços nas mãos e faziam orações. Uma mulher sentada lia a obra “Devocionário - São Miguel Arcanjo”, segurando o terço e, de vez em quando, persignava-se; outras traziam o terço pendurado ao pescoço. As demais encontravam-se em profunda meditação, talvez embaladas pela suave música que ecoava. No entanto, algumas pessoas se levantavam de onde estavam sentadas devido às placas, nas colunas, indicando assentos preferenciais para idosos, gestantes, crianças de colo e cadeirantes. Apesar de estar cheio, o salão não estava abafado. E, devido ao calor goiano, havia dois grandes aparelhos de ar-condicionado ligados. Ao ser iniciada a oração do dia, às 8h, a cada vinte minutos, alguém da organização levantava uma placa na qual estava escrito ‘silêncio’ e saía andando pelo salão [havia um quadro pendurado com os dizeres ‘o silêncio é uma prece’, mesmo com a placa, o silêncio é um pedido constante nesta sala e nas salas internas. Propaga-se que estrondo de coisas e ruído das conversas ‘quebram a corrente, causando dor’. Quando o murmurinho estava exaltado, uma maneira dos palestrantes conseguirem silêncio era interromper o que estavam dizendo e iniciar uma oração, normalmente o pai-nosso. Segundo Garcia (2013), há evidências de que barulhos interferem na dor sentida por quem está em processo de intervenção. Pedia-se também para desligar os celulares, “pois o trabalho da corrente iria começar” (DIÁRIO DE CAMPO, 22.06.2018).

Diferente de outros dias da pesquisa, na semana em questão estava se comemorando o aniversário do médium; e como a data é próxima às festas juninas, o salão encontrava-se repleto de bandeirinhas coloridas e outros enfeites. No final dos

trabalhos na Casa, por volta das 17h30, na saída das pessoas da corrente, a todos os presentes no salão, foi distribuída a letra musical “Como é grande o meu amor por você”, do cantor Roberto Carlos. Quando saiu João de Deus de sua sala e subiu ao palco, todos cantaram; em torno de trezentas pessoas, o salão estava lotado. A emoção foi grande, muitos presentes choravam, inclusive o médium João, que fez um rápido discurso e sustentou: “Eu não curo ninguém, quem cura é Deus... Não tenho religião, sou universal⁵. Minha religião é Deus” (DIÁRIO DE CAMPO, 22.06.2018). Houve muitos aplausos, várias pessoas se abraçaram e outras distribuíram flores aos presentes; [ganhamos um vaso com flores amarelas, gérberas].

Voltando ao cotidiano no salão, formam-se filas para o atendimento. A primeira é composta para que os médiuns e todos aqueles que queiram participar da ‘corrente’ assumam seus lugares nas salas adjacentes ao salão; todos usam branco ou cores suaves. Para fazer parte da corrente, deve-se chegar cedo, pois “se não vir com antecedência pode ficar sem lugar, ficando em pé” (DIÁRIO DE CAMPO, 24.08.2017). Nos dois períodos, antes do início do atendimento, há uma contagem das pessoas nas várias filas compostas. Nesse contexto, as filas são assim caracterizadas: na fila das 8h estão as pessoas que Entidade pediu, no dia anterior, para rever pela manhã; a fila da 1ª vez é direcionada às pessoas que realizam o primeiro atendimento na Casa; fila de 2ª vez – após o primeiro atendimento, todas as vezes que quiser retornar ao médium, a pessoa entra nessa fila – ; fila de intervenção espiritual e fila de revisão – “para aqueles que fizeram intervenção há mais de 7 dias” (PÓVOA, 2016, p.90); e fila das 14h – pois a Entidade solicitou para a pessoa voltar à tarde. Às sextas-feiras à tarde, nota-se mais uma fila, a da despedida ou *bye-bye* – fila para quem quer agradecer, se despedir ou solicitar benção.

Às 8h se iniciam os trabalhos do dia. Logo após as orações e avisos iniciais, uma palestrante explicou:

Aqui na Casa de Dom Inácio nossas emoções ruins atrapalham o atendimento com o médium João de Deus. Se for falar com a Entidade, fale objetivamente. As emoções atraem. Pensamento é energia; atrai coisas boas ou ruins. Procure ter bons pensamentos. Essa primeira sala é a sala da desobsessão, onde se procura limpar os fluidos mais pesados. Se você for convidado a sentar na corrente, feche os olhos para não se distrair, olhe para dentro de si, procure o seu Deus que pode ser católico, evangélico, espírita, budista ou outro. Não cruze os

⁵ Esta pode ser uma frase de impacto, pensando no ecumenismo, porém, em várias passagens bibliográficas e outras demais, como se verá adiante, o médium João reitera ser católico.

braços e pernas, pois a energia passa pelo corpo e ao cruzar, você bloqueia a energia. Ao pessoal que está desse lado peço silêncio. Vamos rezar o Pai Nosso. 'Pai Nosso que estais no céu...'. As cenas daquela televisão na parede são intervenções físicas, que só acontecem se você pedir; por isso, não tenham medo. Na semana passada tivemos, em nossa frente, casos de cortes surgindo sem que a Entidade interferisse. Aqui na Casa de Dom Inácio primeiro você deve crer para depois ver, ao contrário de São Tomé. Por esse motivo, elevemos nossa vibração, fortalecemos nossa fé, pois tudo é possível àquele que crê. Quem cura não é o médium, é Deus através das Entidades. Dr. Augusto de Almeida diz: 'sou aquele que vai às profundezas do abismo para resgatar uma alma'. Sim, as Entidades ajudam muito, vão trabalhar nos nossos negócios, relacionamentos e outras frentes para termos equilíbrio. Quem quiser ir na corrente de oração é só chegar mais cedo, 7^h ou 13h. Se você está em tratamento médico deve continuar com o tratamento, não pare por favor (DIÁRIO DE CAMPO, 21.06.2018).

É comum, após o início dos trabalhos, o médium subir ao palco para a realização de intervenções visíveis. Para quem nunca viu, a incorporação do médium normalmente ocorre quando este inicia a oração de Cáritas ou uma prece de amor, o que frequentemente faz o médium João se emocionar e chorar. De repente, ele se estremece – às vezes, procura apoio. Transcorrido alguns segundos ele para de chorar e assume feição séria; seus olhos e face mudam – “a palestrante avisa que dependendo a Entidade vinda, muda não só a cor dos olhos, mas também sua constituição física e humor” (DIÁRIO DE CAMPO, 31.08.2017). E como se tivesse mais para observar, a Entidade olha para o que está fazendo na intervenção e também para a público presente, como se procurasse algo ou examinasse os presentes.

Nesse contexto, a antropóloga Rocha apresenta o relato de um doente australiano que, após a segunda olhada do médium incorporado, começou a passar mal:

Na segunda vez que ele olhou para mim, minhas pernas começaram a enfraquecer, meu peito começou a apertar, eu não conseguia respirar, não conseguia ficar de pé, não conseguia manter a consciência... Eu estava lutando para ficar de pé e pensei que havia algo errado comigo. Eu não sabia o que estava acontecendo. Aí me disseram: 'É melhor vir à enfermaria'. Lá eles me puseram na cama. Caterina, minha guia, veio até mim e disse: 'Você passou por uma operação muito grande'. Eu sentia que havia muita coisa acontecendo

⁶ Durante as observações empíricas, constatou-se que é mais fácil lotar a sala da corrente, que faltar pessoas. Realmente, são muitos desejando um lugar. A fila é grande, muitos carregam almofadas, tapa-olhos e garrafinha com água. Quando a sala enche, os que não conseguiram lugar permanecem no salão ou se retiram. Pela experiência vivenciada na observação, recomenda-se as pessoas chegarem mais cedo, às 6h30.

com meu corpo, tive sensações de energia e atividade (*apud* ROCHA, 2015, p.103).

Na realização das operações físicas, em torno de dez Filhos[as] da Casa [FC], ficam auxiliares ao lado da Entidade, dando-lhe instrumentos solicitados, segurando bandejas com instrumentos cirúrgicos. Comumente, a Entidade usa uma faquinha de cozinha, água fluidificada, algodão, toalha, microfone e outros. É comum a Entidade estar acompanhada por um médico convencional, que busca cura ou provas. Durante o trabalho mental que é realizado, o médium solicita do médico participação na observação, apontamento da doença e, literalmente, o ato de ‘enfiar o dedo’ no corte, em seguida ocorre a realização de sutura e outros métodos⁷. Terminada a operação, que costumeiramente se resume em enfiar uma pinça em forma de tesoura no nariz e girá-la [sondagem nasal], raspagem de olho e cortes com facas ou bisturi, outros FC carregam nos braços a pessoa operada para a enfermaria ou em cadeira de rodas.

Sala de repouso ou enfermaria

Com uma dezena de leitos, as pessoas que passam por intervenções físicas ficam em repouso nesse ambiente, aguardando que a Entidade as libere, ou até que os trabalhos do turno acabem. Por sua vez, os voluntários que ajudam nos trabalhos são orientados por uma enfermeira. “Vale esclarecer que o repouso pós-intervenção na medicina convencional pode exigir vários dias com o paciente hospitalizado. Na Casa de Dom Inácio, o repouso pós-intervenção pode durar algumas horas” (GARCIA, 2013, p.111).

Sala dos Médiuns

Essa sala constitui o primeiro ambiente da corrente. Ali ficam, em grande parte, aqueles que possuem mediunidade, aguardando o início dos trabalhos. Tal ambiente é concebido de dois modos: a) como lugar de limpeza energética das pessoas que irão passar pela Entidade e; b) como uma ‘sala escola de médiuns’,

⁷ Há inúmeros relatos e vivências de médicos tradicionais na Casa, que seria prudente uma pesquisa aprofundada sobre estes, a qual contemplasse análises e considerações. É importante destacar que “em junho de 2011, a médica dinamarquesa Charlotte Bech Lund decidiu investigar o fenômeno João de Deus. ‘Vim, porque muitos pacientes meus vieram, melhoraram e voltaram para concluir o tratamento comigo, mas sem remédios’, afirma Charlotte, que voltou ao Brasil para passar as três primeiras semanas de janeiro em Abadiânia. ‘Cheguei ao topo da carreira prescrevendo receitas e vendo os efeitos colaterais que os medicamentos causam. Aqui, com passiflora, as pessoas se curam. É algo transcendental’, diz a dinamarquesa” (NICACIO e LOES, 2012).

pois os “participantes aprendem a aguçar a sua capacidade de canalizar a luz e cultivar um espaço interior para si e para outras pessoas, enquanto recebem e doam energia” (CUMMING e LEFFLER, 2008, p.100). Recomenda-se exercitar a técnica de visualização de imagens salutares, não de doenças – se possível, com todas sensações e sentimentos deleitosos. Como resultado, espera-se um quadro de bem-estar interior. “É essa disposição que eleva a consciência e a frequência divina. Depois [...], em harmonia vibracional com o Divino, concentre-se em receber e doar energia divina” (CUMMING e LEFFLER, 2008, p.103). Capacita-se também a pedir desbloqueio da saúde e vitalidade às Entidades. “Com esse singelo pedido de ajuda, as Entidades têm a permissão de iniciar o trabalho espiritual em comum acordo com o desejo da pessoa de restabelecer a sua integridade” (CUMMING e LEFFLER, 2008, p.100).

Sobre a visualização, quando se dirigem as mentalizações da corrente, o FC2 sempre declara aos frequentadores que “não sendo a cura um objetivo, mas sintoma do amor de Deus”, é importante que todos “tragam seus problemas, pedidos e visualizem-nos no altar [do médium], na frente da sala; que os coloquem ali, deixem lá. A preocupação naquele momento é se entregar a Deus, amar a Deus”. Mesmo que a visualização, nesse exemplo, aconteça de forma negativa, isto é, para visualizar os problemas no altar e se entregar a Deus, como se não houvesse mais visualização na entrega divina, além de propiciar certa metodologia na corrente, é dito que os problemas não devem atrapalhar os trabalhos de concentração. Apesar de se posicionarem relativamente diferente entre si, tanto o FC2 bem como as autoras Cumming e Leffler (2008) salientam a importância da visualização.

Além das cadeiras dos médiuns, há nessa sala um bebedouro e duas pinturas retratando rostos de pessoas com turbantes, assemelhando-se a árabes. Segundo relatos de um FC, trata-se de desenhos mediúnicos (DIÁRIO DE CAMPO, 19.07.2018).

Sala da Entidade

Trata-se de um lugar junto à sala dos médiuns. Nela, ao fundo, localiza-se a cadeira em que João de Deus atende quando está em Entidade. Há também médiuns sentados, de olhos fechados [no início dos anos de 1980, todos ficavam de pé, ao lado da Entidade (MACHADO, 2016)]; eles não cruzam os pés, pernas

ou as mãos no intuito de poderem doar energia aos trabalhos da Casa, como alertado anteriormente. Na realidade, existem três salas interligadas, o que totaliza, aproximadamente, trezentas pessoas sentadas na 'corrente'. Na terceira sala ficam aqueles que, ao passar pela Entidade, ela lhes solicita: "sente na minha corrente" (DIÁRIO DE CAMPO, 13.09.2017) ou "vá trabalhar na corrente" (MACHADO, 2016, p.27). Na sala da Entidade, pode-se observar várias estátuas de tamanhos diferentes, como a da Virgem Maria [esta, a mais alta, possui quase um metro e sessenta centímetros de tamanho e é protegida por um vidro grosso], de Dom Inácio, de Santa Rita de Cássia e outras; há cristais petrificados de copiosas cores [possuindo um metro, um metro e meio de comprimento], muitas flores espalhadas em vasos, pinturas com os rostos de Oswaldo Cruz, Bezerra de Menezes, José Valdivino e outros. Podem ser vistos também quadros de Jesus Cristo e de Dom Inácio. Em uma parede branca, foi pintado em azul, com letras grandes e em latim, o lema de Dom Inácio de Loyola, cujos dizeres são: *Ad Majorem Dei Gloriam* [Para maior glória de Deus]. Uma trilha musical ecoa por todo o salão; e em todas as salas próximas à Sala da Entidade, ouvem-se melodias instrumentais, hinos ou músicas dedicadas ao médium João. Quase tudo ali estimula o sentimento de devoção.

O termo 'corrente' é dito para todos os médiuns e a qualquer público da Casa. "Corrente, nesse contexto, possui a concepção de fluido energético que percorre o corpo das pessoas, passando de uma para outra. Por isso, recomenda-se não cruzar as pernas, os braços e as mãos para não quebrar a corrente" (GARCIA, 2013, p.127). Quando a Entidade convida uma pessoa para sentar na corrente, significa que essa pessoa possui capacidade mediúnica para auxiliar nos trabalhos ou ela está precisando de equilíbrio energético.

A experiência na corrente, nessa sala, como pesquisador, pode ser caracterizada como algo ímpar. A primeira sensação diferente surgida é digna de ser ressaltada, pois quando saímos do salão e adentramos a Sala de Médiuns, levamos um choque. A analogia pode ser esta: acreditamos que muitos já colocaram o dedo na tomada... Sim, foi um choque, porém um choque de amor, de um sentimento oceânico e prazeroso; sentimos todos os poros exalarem uma alegria indescritível; gozamos de uma sensação similar a de vários amigos queridos estarem se abraçando ao mesmo tempo; um sentimento parecido ao de mergulharmos à água de uma piscina, mas de uma piscina cujo conteúdo é algo imaterial e afetuoso, repleto de emoção, o qual faz brotar lágrimas de gratidão; uma gratidão de estar onde estamos

e de chegar aonde chegamos; ‘do nascimento até hoje’. Fizemos esforço para não chorar, tentando manter a função e papéis científicos, ‘ali a emoção não deveria cegar o cientista, não era bem-vinda’. Contudo, depois de dias, percebe-se que toda essa fenomenologia emocional poderia ser um sinal experimental para o cientista. Mas naquele momento não foi, a palavra de ordem era contenção. Sentou-se no banco.

Nesse dia, dentro da Sala da Entidade, inicialmente, um FC fez a oração de Cáritas – uma famosa oração espírita. Solicitou-se amor a todos, agradecimento ao médium João, às Entidades e a Deus. Não demorou para que aquela emoção agradável cedesse lugar ao observador distante. Manter os olhos fechados durante cinco horas não foi tarefa fácil [das 7h às 12h], não só pelo barulho das pessoas que adentravam ao local, mas porque havia certo impulso em querer observar o que a Entidade fazia ‘lá na frente’; existiam certos aspectos para serem observados e curiosidades a serem sanadas [quadros, objetos, pessoas, procedimentos dos FC que organizavam essa sala], pensamentos vulgares permeavam nossa mente [pensamentos de afazeres cotidianos] e outros. Outro fator desconfortante foi ficarmos sentados em um assento pouco almofadado; as nádegas ficaram doridas, forçando várias mudanças do corpo, acompanhadas por melindres de não encostar no vizinho e poder atrapalhá-lo. Quando olhamos disfarçadamente o relógio, havia se passado uma hora e meia, como se fossem incômodas duas e meia, e depois, tal qual ‘ligar um interruptor imagético’, as três horas e meia restantes se passaram como se fossem meia hora. Desta forma, ao nos atentar, as cinco horas findaram. No desfecho, outro FC finalizou com preces de agradecimento a Deus, às Entidades e ao médium João; recebemos um copinho com água fluidificada e saímos (DIÁRIO DE CAMPO, 08.02.2018)

É importante destacar que a energia da corrente é uma espécie de usina de força da Casa (GARCIA, 2013). Segundo os FC, a distração dos presentes pode dificultar o trabalho da Entidade. Logo, pede-se constantemente: “intenção e concentração. Mantenha os olhos fechados” (DIÁRIO DE CAMPO, 08.02.2018). Certa vez, a Entidade saiu de onde estava e foi sentar-se em uma sala próxima. Lá ela alegou: “ninguém está concentrado naquela outra sala. Os olhos estão abertos e ninguém mantém o foco, por isso vou trabalhar aqui. A energia é mais forte” (*apud* CUMMING e LEFFLER, 2008, p.102).

Conforme Garcia (2009), grande parte das pessoas da corrente são médiuns, mas há pessoas que buscam curas – elas ‘simplesmente participam’; algumas viajam

centenas ou milhares de quilômetros para isso. Como poderá ser observado posteriormente, a cura que Gerson Marietto e Melinda Holland receberam – preferiram a publicização de seus nomes – foi através da corrente. Para Cumming e Leffler (2008), a cura não acontece apenas quando a Entidade está diante da pessoa, mas também quando esta se encontra na corrente, com os participantes de olhos fechados, em sintonia com a fonte divina. Desta maneira, o processo de cura pode surgir de inúmeros modos: uma visão em forma de clarividência, sons [clariaudiências], lembranças, imagens simbólicas, fragrâncias, emoções e outros.

Foi participando da corrente que o FC7 sentiu não um som, nem a clarividência, mas uma espécie de corrente elétrica:

O Dr. Augusto foi fazer cirurgia no palco. A gente estava de olhos fechados – mas ficou ouvindo né? Eu não sabia que era o Dr. Augusto naquele momento. Aí quando ele desceu do palco, ele passou – eu tava na primeira sala [Sala dos Médiuns] – ele passou naquela sala, e eu de olho fechado. Não sabia, ele passou e quando ele passou, eu senti a energia aqui no cocoruto. Sabe, se encosta um fio elétrico faz ‘purururu’... que o pessoal sente também. Eu senti aquele impacto de um choque. Não fez barulho, mas fez ‘purururu’ e aí o que que aconteceu? Eu desfaleci no colo da minha esposa. Do lado tinha uma pessoa na corrente e minha esposa. Ela abriu os olhos né, na primeira sala, abriu os olhos e o que que aconteceu? Pediu ajuda pra esse aí, que é um senhor barbudo, o estrangeiro. Eu lembro desse detalhe porque ele me carregou na enfermaria. Eu tava semi-inconsciente e aquela barba encostando em mim [risos]. Chegando na enfermaria, me deitou na cama, aquela coisa toda. E a minha esposa foi falar com o Dr. Augusto. Ele se identificou, riu e falou: ‘filha, o seu marido foi operado, eu operei o seu marido tá?! Leva ele pra casa e volta na semana que vem’ (FC7).

Ao direcionar a devida importância às orientações dos guias da corrente, cria-se certo equilíbrio interno e mantém-se contato com a própria parte divina (CUMMING e LEFFLER, 2008). Possivelmente, eis aí o retrato da consciência expandida e a base da cura, como se observa em algumas literaturas (XAVIER, 2017; MACHADO, 2016; CUMMING e LEFFLER, 2008). Após sair do momento da corrente, muitos relatam sensações de paz, alegria e bem-estar indescritíveis. Quiçá, sejam justamente essas emoções que levam numerosas pessoas a permanecerem na Casa, juntamente com a de gratidão. Por meio desta experiência direta, muitas descobrem maneiras de lidar com suas próprias neuroses e problemas, amenizando dores e sofrimentos, tornando-se pessoas melhores e servindo de exemplo para outros. Felipe Klein, advogado e participante da corrente há treze anos, conta que chegou à Casa por curiosidade dos

pais, que eram químicos e interessavam-se por metafísica. Para ele, o mais penoso é a mudança íntima: “o trabalho mais lento que se pode enfrentar é o da mudança de padrões mentais e emocionais” (*apud* MACHADO, 2016, p.43). Foi justamente essa transformação intrínseca que a Entidade sugeriu ao FC3, quase cego. Ela solicitou-lhe que ele permanecesse na corrente por sete anos. Nas próprias palavras do FC3: “a Entidade disse que eu ainda não estava pronto, que precisava haver uma transformação pessoal” (FC3).

A respeito dessa forma de resolução de problemas, Machado (2016) narra a história de Leonor Vervloet Feu Rosa [*sic*], uma FC ativa e comedida que, em 1990, com 22 anos, chegou ali com forte doença degenerativa. O médium, sem explicar nada, mandou-a para a corrente. Ali viveu vigorosas emoções:

Ao descrever a experiência, Leonor rememora ter entrado em um ‘descortinar de vivências’, no qual antigas emoções, medo e sentimentos vieram à tona com grande violência. Nos meses iniciais, tudo o que podia fazer no decorrer da sessão era colocar a cabeça baixa quase entre as pernas e chorar sem parar. Esse processo, em suas palavras, permitiu que ela se reencontrasse com coisas que, aparentemente, nem sabia que existiam em seu interior e das quais ela sentia falta. Aos poucos, seus pensamentos e emoções foram se acalmando, a mente clareada por novas experiências começou a serena e a doença foi superada, levando-a a resolver que valia a pena dedicar a vida aos trabalhos da Casa de Dom Inácio. Segundo ela, a corrente serve para que cada um encontre formas de vencer a doença, transformando sua disposição interior e superando a vitimização que normalmente a acompanha. Quando esse processo ocorre de maneira completa, afirma Leonor, não é necessário se consultar com o médium ou esperar dele qualquer intervenção – pois o trabalho essencial de cura energética se dá nas salas internas da casa (MACHADO, 2016, p.60, grifo da autora).

Machado (2016) conclui que, de acordo com a filosofia da Casa de Dom Inácio e com interpretações dos que frequentam a corrente, este é um lugar para desenvolver a tolerância, mesmo cada um sendo destinado às suas próprias missões. O próprio João de Deus, em palestra, asseverou: “o que cura é Deus e a paciência de todos” (DEPOIMENTO, 2017, s/p). Sejam os visitantes de primeira vez, os participantes da corrente, os[as] Filhos[as] da Casa, os voluntários, os médiuns responsáveis por organizar trabalhos e, mesmo João Teixeira de Faria – nome real do médium João de Deus –, “todos estão em busca de superação de seus carmas e da cura física, mental e espiritual” (MACHADO, 2016, p.61). Nesse sentido, ressalta-se que a FC1 foi “disciplinada e educada pelo trabalho na corrente da Casa e pela oração”. Se a

tolerância é uma espécie de disciplina intelectual [‘deve-se fazer isso’] ou moral [‘o que se fizer deve ser para o bem’] essa FC se sentiu modificada e reorientada para um caminho diverso do qual vivia, como se verificará adiante.

Como cada pessoa busca progresso na realização de seu próprio trabalho, a corrente parece ser um lugar ideal para descobrir disposições, potencialidades e faculdades na trilha da autodescoberta e da autocura. Aparentemente, há ganho de novas energias, ânimos são despertados para enfrentar problemas, novas construções são erguidas por onde passou um “tsunami emocional”; tristezas são substituídas por alegrias, lembranças dolorosas tornam-se apenas lembranças, monstros transformam-se em hamsters e individualidades quebradas são reconstruídas. Cabe ressaltar que mesmo alguém encontrando uma pessoa famosa, do mundo da TV ou da política na corrente, ninguém pode dizer em que posição ela está. Afinal, parece que todos estão em processo de cura, melhora e de descoberta.

Sobre sensações incontroláveis na corrente, o senhor Ethienne Dias Afonso comunica que, viciado em cocaína, crack e outras drogas, não enxergava mais esperança para seu caso [desempregado, afastado dos filhos, havia tentado suicídio algumas vezes], mas diante da insistência de sua mãe, em 2011 viajou para a Casa de Dom Inácio. “Eu fui usando crack de Brasília a Abadiânia e com minha mãe dentro do carro, minha mãe e meu padrasto”. Quando passou pela Entidade, esta pediu para que ele sentasse na corrente: “naquele momento, pra mim começou meu tratamento com dependência química”.

Eu sentei na corrente naquele dia e me lembro que simplesmente apaguei, não fiquei três minutos acordado e apaguei, desmaiei, dormi... sentado no banco da corrente eu dormi. Não sei por quanto tempo, só sei que quando eu acordei eu estava mais calmo, mais tranquilo, **muito** cansado, muito cansado. Então saí, entrei no carro e voltei dormindo até Brasília, cheguei na casa da minha mãe, deitei e dormi. Dormi até o outro dia, assim, pra mais de meio dia, fui acordar quase de tarde. Sendo que eu tenho ainda, principalmente naquela época, eu tinha uma dificuldade de dormir muito grande por causa das disfunções do uso do crack. Eu não dormia praticamente, as vezes eu passava três, quatro, cinco dias sem dormir, sem conseguir fechar o olho, usando droga (*apud* DIÁRIO DE CAMPO, 28.06.2018, grifo de ênfase).

O senhor Ethienne considera que seu sono foi obra das Entidades: “hoje percebo que aquele sono já era uma forma de tratamento das Entidades em mim”. Atesta que frequentou a Casa de Dom Inácio por alguns anos e foi abandonando o

vício aos poucos, mas encara a si mesmo como um doente em tratamento da adicção das drogas. Tem apreço pela Entidade por ter-lhe dito: “Não abandone seu tratamento aqui na terra; seu tratamento da terra vai ser paralelo ao tratamento espiritual que você está fazendo”. Atualmente exerce a função de conselheiro terapêutico em dependência química em Vitória, ES, e, quando pode, viaja para a Casa, com o intuito de participar da corrente ou dar seu depoimento.

Assim, qualquer ser humano é um mundo à parte; no entanto, todos vivem no mesmo universo e parece que a corrente emerge como um lugar de processos sofríveis e de aprendizado, desconstruções profundas e remédios amargos, mas também [ou, por isso] um lugar de amor; um espaço para fortalecer capacidades morais, recriar imagens de esperança. Foi justamente essa imagem de amor que a FC8 apresenta:

Um dia lembro que assim, todos os anos a gente faz, desde muitos anos a gente faz, começou com um tapetinho assim de pétalas de rosa, no dia do Dom Inácio [no mês de agosto], hoje a gente faz toda uma festa muito linda. A gente enfeitada com flores, fica muito bonito. E uma vez eu vi na corrente assim, vi aquele monte de bandeiras de países, estava concentrada, aquele monte de bandeiras, eu falei: ‘que estranho’, aí eu fechei os olhos e abri os olhos e fechei de novo, aí veio aquela coisa, ‘lembra filha que todos os meus filhos e filhas do mundo um dia chegarão aqui?’ Aí eu lembrei o que Dom Inácio falou: ‘um dia todos os meus filhos e filhas aqui chegarão, de todas as partes do mundo’. Agora eles dizem cristão. Eu passei e-mail para tudo quanto é lugar. Na primeira vez deu setenta e sete bandeiras e agora a gente já tem oitenta e poucos países que vêm aqui e aí a gente está colando as bandeiras todas. Então assim, a gente coloca a frase ‘Que sejam bem-vindos todos os meus filhos e filhas de todos os lugares’. Então assim, esse lugar aqui é um lugar que não existe. Eu acho que no mundo não existe lugar igual como aqui. Para mim isso aqui é um microcosmos do macrocosmo... [emoção e voz embargada]. É onde todas as raças, todas as religiões e todos os tipos de pessoas se encontram. Então é isso, Abadiânia para mim é uma coisa mágica (FC8).

No fundo da Sala da Entidade encontra-se a cadeira do médium João, rodeada por flores, duas estátuas grandes de santas, um grande triângulo pendurado na parede; atrás da cadeira, há um quadro com a pintura de Dom Inácio, e ao lado desta, uma Bíblia aberta e um cesto no chão. Nesse cesto a Entidade deposita fotos, pedidos e papéis deixados pelos andantes. Em entrevista, o médium João diz que acorda de madrugada para ‘entregar’ esses pedidos a Deus:

Eu vejo essas energias às 2, 3 horas da manhã; que eu faço a concentração de agradecimento desses pedidos que as pessoa faz [sic], desses papéis, pedidos, 2 horas da manhã eu faço **entrega** desses pedido [sic] para o ser maior. De vez em quando eu vejo né, eu tô vendo [...] mas acredito em Deus (JOÃO, 2016, s/p, grifo de ênfase).

Próximo à cadeira do médium, ficam cadeiras destinadas a convidados especiais do próprio João de Deus; normalmente são artistas, políticos e autoridades famosas ou não. Todas as filas entram na sala da Entidade e passam pelo médium incorporado. De modo geral, quando a pessoa está próxima, João em Entidade entrega-lhe um papel rabiscado, comumente chamado 'receita', indicando passiflora. Poucos colocam a mão na mão do médium João e dirigem-lhe a palavra, uma pergunta talvez. "Nesse momento, se você não entender a resposta não tenha vergonha de perguntar novamente, pois se ficar sem entender, pode ser tarde" (DIÁRIO DE CAMPO, 04.10.2017), anunciou uma palestrante. É diante dessa cadeira que, quando necessário, ocorrem operações físicas, muletas são jogadas ao chão, broncas por irresponsabilidade, solicitação do médium que deseja ver a pessoa no dia seguinte ou à tarde, doação de livro e ou DVD pelo médium ao visitante – somente a Entidade sabe o motivo do 'presente' – e ministração de água fluidificada.

No dia em que participamos da corrente, observamos uma pessoa que se ajoelhou diante da cadeira vazia do médium – os trabalhos ainda não haviam começados –, ela pôs as mãos no assento e fez uma oração. Um senhor que estava sentado ao nosso lado disse que desde 2016 essa prática era proibida, pois o médium não mais a permitia. Entendemos que se o médium desaprova devoção a ele, nada impede que se crie em seu entorno veneração, não só por sua pessoa, mas por objetos que o circundam. Em outro momento, um FC nos mostrou uma foto noturna da Casa, com um poderoso fecho de luz bem ao centro, "justamente no lugar da cadeira" (DIÁRIO DE CAMPO, 17.09.2015), complementou o FC.

Sala de passes e intervenções espirituais

Contígua à Sala da Entidade, nesse ambiente há três macas para pessoas com graves problemas de saúde. Elas podem permanecer deitadas por longos períodos, dependendo o caso. Há também vários bancos, os quais acomodam até sessenta pessoas sentadas. "É comum os FC pedirem que a pessoa 'sente mais para

lá', deixando mais espaço, para caber mais pessoas" (DIÁRIO DE CAMPO, 08.11.2017).

Quando acomodadas, algumas pessoas podem simplesmente dormir, sendo necessário acordá-la para sair da sala. "Todas as pessoas cirurgiadas espiritualmente, bem como as atendidas pela Entidade, nas diferentes filas formadas, passam pela sala de passes⁸, onde médiuns auxiliares aplicam passes⁹ coletivos" (GARCIA, 2013, p.110).

Dependendo da fila que a Sala de passes recebe, esse espaço também se torna Sala de intervenções espirituais, onde as pessoas, que aceitam receber até nove intervenções, sentam e concentram-se. No entanto, conforme cada caso, como dito nas palestras dos FC, as Entidades realizam as intervenções em qualquer lugar da Casa. Quanto ao limite do número de intervenções – 'até nove' – "as Entidades disseram que esta é a medida final, não se sabe o porquê até esse número" (DIÁRIO DE CAMPO, 08.06.2018). Quando a pessoa senta na cadeira, se tiver apenas uma intervenção pretendida, recomenda-se colocar uma mão no coração e a outra na região necessitada; se forem mais locais, uma mão no coração e a outra no local que achar mais importante. Decorrido em torno de quinze minutos, aparece o médium João e assevera: "em nome de Deus, os filhos estão operados" (JOÃO, 2018, s/p).

É possível um indivíduo receber cura de uma doença a qual ele não sabia que tinha? Segundo Garcia (2013) sim, muitas pessoas estão doentes sem saberem. "Pode ser que alguém tenha algum problema de saúde e seja cirurgiada mesmo sem ter conhecimento" (GARCIA, 2013, p.120). Provavelmente o foi caso que aconteceu com uma pesquisadora, Monalisa Dibo, na época, doutoranda da PUC-SP. Passando pela Entidade, esta lhe disse para voltar à tarde para uma intervenção. Pensou no porquê. "Por que uma cirurgia se a proposta era de conhecê-lo? Não tenho nenhuma doença grave como aquelas pessoas que esperavam uma oportunidade de cirurgia para sua cura" (DIBO, 2013, p.77). Quando voltou à tarde e sentou na sala de intervenções: "A sensação era inexplicável, mas foi possível perceber uma energia

⁸ Passe – "ato de passar as mãos repetidas vezes por diante ou por cima de pessoa que se pretende magnetizar ou curar pela força mediúnica" (HOUAISS, 2001). Também conhecido como imposição de mãos.

⁹ Para maiores informações sobre a imposição de mãos, recomenda-se uma pesquisa na área da medicina, onde a autora realizou experimento dos efeitos da imposição de mãos em camundongos, que não acreditam em energia, nem sofrem de efeito placebo. Cf. FERREIRA, Antonia Maura Alves. **Avaliação molecular de um modelo experimental de terapia complementar**. Dissertação de mestrado em Medicina. Coimbra, PT: Universidade de Coimbra, 2014.

muito forte neste momento. Nada me vinha a mente: só pensei em Deus e senti uma pontada em meu seio direito e uma pressão muito grande em minha nuca” (DIBO, 2013, p.78).

Mas nem sempre a intervenção espiritual é feita nessa sala. O FC7 relata um caso presenciado por ele, em que sua esposa, também FC, trabalha atualmente na sala de passes. A Entidade fez um corte no pé desta FC e mandou-a trabalhar na corrente:

[...] a minha esposa recebeu muitas cirurgias ao vivo. Uma vez ela recebeu cirurgia em pé. Ele [João em Entidade] cortou o lado do pé dela ali sentadinho, ele sentado ali e ela foi reclamar que o pé tava inchado, barriga do pé assim. Aí ele falou: ‘deixa eu ver... Não. Vamos resolver isso já’. [Na época] ela trabalhava na enfermaria. A minha esposa é médium né? Aí, olhou o pé dela, tal, ela tava de sandália, ele cortou ali... fez um enfaixamentozinho ali, acho que era pouca coisa... e não saiu sangue, passou. Eu acompanhei de perto. Aí terminou e falou: ‘pronto filha, vai trabalhar’, mandou ela ir pra corrente, na sala do passe. A minha mulher trabalha agora, nos últimos anos, na sala do passe (FC7).

Filhos[as] da Casa

Apesar de João de Deus ter iniciado sozinho o trabalho mediúnico, aos 16 anos de idade, a Casa de Dom Inácio hoje não funcionaria a contento sem os[as] Filhos[as] da Casa e os funcionários. Estes últimos – mais de trinta – são devidamente registrados em carteira. Sobre os médiuns da corrente, muitos são considerados[as] Filhos[as] da Casa [FC]. Porém, engana-se ao pensar que somente há Filhos[as] da Casa na Casa, ou seja, contabiliza-se em todo os lugares que o médium atendeu, seja em países ou em cidades, mais de 2 mil FC (GARCIA, 2013). Como somente a Entidade pode dizer quem é ou não FC, cabe a ela apontar ‘o(a) escolhido(a)’.

Quando se está na Casa, a Entidade afirma que a pessoa é FC e deve sentar na corrente (MACHADO, 2016). Isto resulta em mais responsabilidade. O critério utilizado parece ser a afinidade ou potencialidade de se dedicar ao próximo, de amá-lo. “A pessoa deixa de ser apenas frequentadora para auxiliar nos trabalhos desenvolvidos. Como voluntários, comparecem espontaneamente, independentemente da religião de cada um” (GARCIA, 2013, p.111). Não há predeterminação do dia para comparecerem, ficando à escolha se participarão ou não, por isso alguns frequentam esporadicamente, outros, estão cotidianamente no recinto. Foi com estes últimos que a pesquisa da presente tese se deu.

Muitos FC já estiveram doentes – em alguns casos em estados terminais – e foram curados pela Entidade. “Em agradecimento por essa segunda oportunidade de viver, eles dedicam todo o tempo do qual podem dispor ao bom funcionamento da Casa, na qualidade de médiuns fornecedores de ‘corrente’, na administração ou como assistentes” (PELLEGRINO-ESTRICH, s/d, p.68, grifo do autor). Quando o médium João atendia em outra cidade, muitas coisas eram deslocadas junto dele: bagagem, farmacopeia e outros. Esse serviço logístico era realizado voluntariamente pelos FC. Para o autor Pellegrino-Estrich (s/d), os FC são autênticos anjos ao se dedicarem de corpo e alma com atenção e carinho aos doentes, pois foi assim que foram tratados quando estavam fragilizados e chegaram à Casa. Percebe-se que forte vínculo se forma ao tratar bem a pessoa doente e, maior ainda, ao curá-la.

As histórias desses FC são distintas. Se não são para os ouvintes ou leitores, são bastante significativas para a própria pessoa. A narrativa que motivou a investigar os FC foi a que segue. Uma palestrante da Casa chamou uma mulher para dar seu relato. Essa FC, aparentando ter 30 anos, contou que quando jovem engravidou. O pai a expulsou de casa e ela, vagando sem rumo certo, com o filho já nascido, portador de uma deficiência no olho, teve como destino a Casa de Dom Inácio. Cansada e com fome, só pensava em comer algo, curar o filho e arranjar um emprego para se sustentarem. Envergonhada e receosa em entrar na fila, encostou-se numa coluna sem saber ao certo o que fazer. De repente, ouviu um nome igual ao seu sendo chamado. De imediato achou que era outra pessoa, mas como ninguém apareceu, e devido a insistência, ela saiu de trás da coluna, levantou o braço de modo inseguro e foi encaminhada à Entidade. Surpresa por não ter dito seu nome a ninguém, João de Deus afirmou que curaria seu filho e ela emocionada disse que não tinha como pagar porque estava inativa no mercado... [choro... contenção]. O médium afirmou que não cobrava nada de ninguém e caso ela quisesse, ele poderia ajudá-la com um emprego. Emocionada, finalizou com voz embargada que isto tinha acontecido há mais de oito anos e desde então ela se encontrava lá (DIÁRIO DE CAMPO, 17.09.2015).

O relato dessa jovem impressionou, assim como muitos frequentadores que choravam: desprezada pela família, desempregada, perambulando à esmo, com o filho com problemas visuais, e hoje, mãe e filho curados, pois João de Deus a favoreceu com emprego [...]. Logo, diante do exposto, é notório que os FC merecem e necessitam de uma pesquisa mais detalhada. Assim, eis o intento socioantropológico neste trabalho: entender e analisar os sentidos e significados dos

FC advindos das intervenções espirituais realizadas por João de Deus em Abadiânia/GO. Desta forma, seguem os fatos narrados dos FC que a Entidade auxiliou. Os oito FC entrevistados responderam a esta pergunta: ‘como você conheceu a Casa de Dom Inácio?’

FC1 - Segue de forma completa todo o relato desta FC não só porque ela se recusava em simplesmente conhecer a Casa, mas em buscar a cura, revelando seu forte desejo por outro tipo de vida.

Meu sogro era militar em Santa Maria, Rio Grande do Sul, e tinha visto um vídeo com as operações de João de Deus. Me trouxeram e fiz a cirurgia. Antes da cirurgia [espiritual] eu era uma mulher de 22 anos, casada, com dois filhos pequenos, que interrompera os estudos aos 16 anos para casar porque seria mãe. Com marido militar, limitava-me a cuidar dos filhos, do marido e do lar. Católica praticante, acreditava que Deus tinha um plano para cada um de nós. Então vieram as enxaquecas e na sequência muito rápido, a doença [tumor na região da pineal] e a cegueira. Quase não ouvia mais. Depois da cirurgia espiritual [com João de Deus], sem dores, minha vida ficou diferente, tudo parecia novo para mim. A Entidade me orientou a estudar a doutrina espírita. Fui disciplinada e educada pelo trabalho na corrente da Casa [de Dom Inácio] e pela oração. Por muitos anos orientada pelo médium João e as Entidades. Fui observada por meu neurologista em consultas e exames regulares por seis anos e ele nunca mais encontrou nada em minha cabeça. Tive a oportunidade de ser mãe mais três vezes e também adotamos mais uma criança. Realizei muitos trabalhos voluntários levando conforto aos doentes na forma de passe energético e a palavra de Deus. Fiz faculdade de pedagogia em licenciatura plena na UNIFRA - Universidade Franciscana, em Santa Maria, RS. Estudei, trabalhei e vivi intensamente (FC1).

FC2 – Este FC nasceu no Peru, mas na época em que conheceu João de Deus, ele morava, trabalhava e participava de um grupo de pessoas interessadas na temática espiritual nos Estados Unidos da América [EUA]. Houve um momento do grupo se afastar dos assuntos dogmáticos. Assim, os participantes resolveram explorar outros tópicos e verem mensalmente um vídeo sobre espiritualismo. Quando o tema foi ‘vida após a morte’, pegaram um material sobre João de Deus. Como esse FC viajava, na época, para o Brasil várias vezes por ano, sugeriram que ele visitasse Abadiânia. Quando veio ao Brasil, perguntou sobre João de Deus aos colegas da empresa e muitos estranharam e perguntaram: “você é espírita?” Ele respondeu: “não sei o que é isso, eu não sei, eu sou espiritual, mas espírita não sei o que é”. Ninguém sabia algo sobre a Casa. Ele procurou e achou um livro sobre a Casa e foi para Abadiânia conhecer. Segundo o FC2, “dentro dos nossos estudos, eu sabia que

intuitivamente a espiritualidade tinha comando do nível físico, tanto material como na nossa saúde, mas nunca tinha visto uma demonstração disso. Então foi interesse pra mim”. Assim, observa-se que faltava uma experiência prática em sua vida. A partir daí a existência desse FC começou a mudar ‘ligeiramente’. “**Então** comecei a ver... e tenho visto que é muito mais complicado do que pensava; não é uma coisa que você estuda, aprende e entende” (FC2, grifo de ênfase). Leva tempo. Dentro de um ano a empresa em que esse FC trabalhava se instalou no Brasil e, de repente, fechou as portas.

Quando a empresa desandou, no dia seguinte eu já tinha meu novo negócio. Pergunto pra mim: ‘como você fez isso?’. Só Deus, porque eu não fiz nada. Literalmente todo o grupo da América Latina foi demitido no dia 2 de janeiro e no dia 3 eu já tinha meu novo negócio (FC2).

Assim, com novo emprego, ele começou também a ser guia na Casa, trazendo grupos estrangeiros. Sobre as experiências vividas na Casa, esse FC relata: “Lembro de uma menina sueca, alta, linda que veio aqui; ela estava apaixonada por um homem e queria se casar com ele, ter filhos com ele, mas ele estava casando com outra mulher e ela resolveu vir na Casa. [...]”. Ela fez uma intervenção física e quando soube que eram 40 dias de abstinência sexual, ficou surpresa:

‘Como vou fazer abstinência sexual, por 40 dias?’ [risos] Falei: ‘confia, confia nas regras, confia nas regras’. Ela voltou para Miami, onde morava. 40 dias, no 41 toca o telefone, era o cara, falou: ‘oh tô aqui na Florida, resolvi não casar e já que tô aqui queria ver se posso te visitar?’ Então eles casaram e tiveram filhos, foi assim um encontro daqueles (FC2).

FC3 – Este FC chegou na Casa em fevereiro de 2004, trazendo nos braços seu filho com paralisia cerebral. Emocionado, ele relata sobre o rebento: “desenganado pelos médicos desde os 15 dias de nascido, [...] foi por causa do meu filho, pra buscar um tratamento alternativo, uma vez que os médicos não tinham solução para o caso dele” (FC3).

FC4 – O FC4 ficou sabendo de Abadiânia através de seu irmão. A esposa do irmão, com câncer no peritônio, fazia tratamento a distância pela Casa. Ela fez uma intervenção espiritual através de foto que sua filha levou na Casa. No entanto, continuava internada no hospital Sírio Libanês em São Paulo. Um médico do hospital,

devido ao exame de radiografia, questionou: “você operou?”. Diante da resposta negativa, ele perguntou novamente: “não? Como você tá cheia de ponto na pleura?”. Os médicos estavam observando os pontos da intervenção espiritual. Nesse momento, os esculápios estavam indecisos se operavam ou não a mulher devido ao estágio avançado da doença. Mesmo não sendo operada por estes, dias depois ela apresentou melhora e recebeu alta médica. Depois o irmão falou muito sobre João de Deus, despertando curiosidade do FC4. Um dia, esse FC encontrou uma revista falando da atriz hollywoodiana Shirley MacLaine, a qual foi curada de câncer do estômago na Casa. Então ele falou: “pô vem cá, mas será que é verdade esse negócio aí?”. Com as falas insistentes de sua sobrinha, resolveu conhecer a Casa. Ele ainda insistia: “Falei: não acredito nesse negócio né, até um dia que eu tava lá sentado no auditório”, assistindo uma intervenção física, bem perto da Entidade. “Ah falei: agora eu quero ver [risos] agora eu quero ver esse cara de verdade. É igual São Tomé, quero ver se é verdade esse negócio aí”. Na época, sendo católico: “nunca entrei em igreja diferente, porque naquela época os padres ensinavam que você não podia entrar nas outras igrejas né? Ainda mais igreja com espírito...”. Diante da operação pela Entidade, a surpresa emocionada no relato: “Aí falei: meu Deus do céu é verdade; comecei a chorar e comecei a chorar né? E ele tava de costa operando, tava de costa..., aí, de repente, ele virou e falou assim: você vai para minha corrente”. Porém, chorando de emoção diante da operação, não escutou. “Aí depois ele continuou a operação, virou, chamou a moça e falou assim: ‘leva ele para minha corrente’. Aí falei assim: ‘como é que ele sabe que eu tô chorando se não me viu caramba; aí eu acreditei em mais ainda né [risos]”. Desde esse momento ele não parou de visitar a Casa, até que um dia: “Eu tava com a minha esposa. Ela falou assim: vamos morar aqui? Eu falei: vambora. Nem lá em São Paulo não fomos mais. Nem a nossa mudança buscamos, ficou tudo lá, ficou tudo essas coisas lá”. Arrumaram uma casa simples, mas toda deteriorada e “começamos a arrumar a casa, começamos a arrumar a casa e ficamos aqui. Pegamos um amor no lugar” (FC4).

FC5 – Esta FC apresenta um relato extenso e profícuo, mas aqui se resumiu. Além disso, segundo esta FC, mostra o trabalho das Entidades. Conforme afirma, havia uma prevenção referente ao que ela passaria no porvir. Ademais, faz-se notar que muitos FC passam por algo semelhante ao chegarem na Casa de Dom Inácio: ‘Cheguei em casa. Esta é minha casa’; um lugar que buscavam há muito tempo.

Nasci, fui criada, vivi sempre em Porto Alegre. Eu fiquei sabendo da Casa de Dom Inácio de Loyola... eu tinha um apartamento e a minha prima morava nesse meu apartamento. E eu fui visitá-la, quando encontrei uma amiga na portaria do prédio, ela disse: 'T., o que aconteceu contigo? Tu emagreceu tanto!'. Aí eu falei: 'Não, eu estou com meu pai hospitalizado e sei que vai desencarnar, agora é só o tempo de Deus. Então essa vida corrida de hospital. E ele quer que eu sempre o acompanhe e eu emagreci'. Aí ela disse: 'Bah, pô tu nunca ouviu falar sobre a Casa de Dom Inácio de Loyola? João de Deus?', eu digo: 'Não, nunca ouvi falar!'. 'Qual é o problema do teu pai?', eu digo: 'Meu pai está com seis tumores na cabeça e os médicos disseram que não tem mais condições, mas a única coisa que eu peço a Deus – e que agora ele vai passar por uma cirurgia, para a retirada de um tumor –, para que volte os movimentos normais, para que o pouco que resta de vida dele seja digno, e não vá para uma cadeira de rodas, que eu sei que se fosse comigo ele faria a mesma coisa'. Aí ela disse: 'Bah, eu acompanhei um amigo meu lá pelo lado de Goiás, Abadiânia', eu digo: 'Que lugar é esse? Abadiânia?' – àquela época não tinha nem mapa – eu digo: 'Nunca ouvi falar'. 'Poderia tentar' e eu digo: 'Não, meu pai não tem mais condições, porque essa cirurgia de um tumor, eles me deram meio por cento de chance e eu confiando em Deus e entregando nas mãos dele, vai ser feito, que seja feito a vontade dele. **Mas** quem sabe, me fala sobre essa casa para o F., o F. sim, agora para meu pai eu sei que chegou à hora dele'. Então ela disse: 'Pois é, tu me conhece, sabe que não acredito em nada e eu fui com esse meu colega que tinha um tumor na cabeça e ficou curado. Fez uma cirurgia espiritual' (FC5, grifo de ênfase).

Um tempo depois, esta FC foi conhecer a Casa de Dom Inácio. Quando chegou: “é como se eu conhecesse há **muito** tempo. Me senti em casa” (FC5, grifo de ênfase).

FC6 – Este FC veio à Casa motivado pela curiosidade. Em suas próprias palavras, ele diz: “Eu vim aqui por uma casualidade e por um fato até diferente. Eu não vim na época por causa de doença, mas vim movido por uma grande curiosidade também, em função dos fatos que aqui acontecem e aconteciam”. Depois de superar a indecisão em vir à Casa, interessou-se pelo que viu:

Gostei e vim de ônibus a primeira vez; são trinta e duas horas de viagem, foi muito difícil vir para cá, porque eu marcava e não tinha tempo, marcava e não tinha tempo, marcava e não tinha tempo. Então as coisas não coincidiram, até que um dia eu tomei a decisão, vim e vi. Vim, vi, gostei e fiquei. Então isso eu fiz durante mais ou menos treze anos, depois continuei vindo aqui até hoje [atualmente reside próximo à Casa] (FC6).

FC7 – É comum palestrantes da Casa dizerem que muitas pessoas vão até lá pelo martírio, “95% vem pelo sofrimento; porém, outros FC dizem 99%” (DIÁRIO DE

CAMPO, 21.06.2018). Este foi o móbil deste FC. Mas, o sofrimento maior era de um familiar, que estava sendo tratado por médico oncologista. “Aí o doutor Augusto nos recebeu – no dia eu não sabia quem era a Entidade... [emoção, silêncio contido] – e disse que ia nos ajudar, e nós ficamos muito emocionados porque precisávamos de ajuda”. Uma prima de sua esposa estava tratando seu filho na Casa e, quando ficou sabendo do problema, ela indicou João de Deus e lhe deu uma revista ‘Manchete’ falando dele. “Começamos a ver fotografias das curas, eu era bem mais novo, lógico, vinte e dois anos atrás, e nós lembramos que no passado tinha o **Arigó** que fazia cirurgia e uma das fotos era o seu João fazendo uma catarata” (FC7, grifo de ênfase). O entusiasmo aumentou quando chegaram e foram passar com a Entidade: “O Dr. Augusto sorriu pra nós... [emoção, voz embargada] – eu tô me emocionando muito – ele sorriu pra nós com um sorriso, digamos assim, irônico né, como a dizer: ‘esses dois vão ficar aqui’...”. E a Entidade pronunciou: “...‘eu vou ajudar vocês, vou abrir o caminho’ isso que ele fala tradicionalmente” (FC7). Um ano depois, ele e a esposa chegam a uma conclusão: “os filhos estão grandes, adultos, vamos comprar um lote aqui?! Compramos um lote aqui e aí nós viemos se estabelecer aqui. Depois a minha esposa veio trabalhar na enfermaria” e ele também foi trabalhar na Casa. Após isso, vieram: “a mãe, a minha cunhada, a filha, começou vir outras pessoas que eu vim trazendo ao longo de 3 anos” (FC7), mas nenhum parente resolveu residir em Abadiânia, somente eles.

FC8 – Esta FC declara que com 14 anos de idade moravam no sul do país, e sua mãe a levou num centro kardecista, onde ambas começaram a trabalhar nele. “Ali foi minha escola e ali trabalhamos durante dezoito anos”. Quando sua mãe teve artrite reumatoide, os médiuns do local disseram que estavam ajudando-a a achar um local para se tratar, “mas que ela teria que então ir adiante. E que ela iria achar o local e aí nós por **um...** plano espiritual – plano, eles traçam um para todo mundo –, encontraríamos” (grifo de ênfase). Nesse momento, souberam que um médium curador João de Deus viria do centro do Brasil. Uma colega disse que já havia levado o filho em Goiás para tratar com o médium João Teixeira de Faria, que pensou ser outra pessoa. Entraram em contato com uma guia, Dona Terezinha, que disse para não irem para Abadiânia, mas para a cidade aonde iria o médium. “Ela disse: não, eu vou fazer a excursão, e vai ser daqui a dois finais de semana’. [...] Enfim, nós pegamos o ônibus” para Santo Ângelo; foram em média 8 horas de viagem. “Foi uma viagem

bastante diferente **assim...**, porque as pessoas todas estavam em busca de uma cura, todos com muitas dores, inclusive minha mãe. Enfim, nós chegamos ao lugar umas 6h da manhã” (grifo de ênfase). Surpresa com o local:

Eu tinha muita confiança que o mentor daquela casa era o doutor Bezerra de Menezes... ‘que lugar é esse?’ Porque no meio do... uma terra vermelha, muito parecida com aqui [Abadiânia], uma terra vermelha no meio do **campo** assim, no campo mesmo, e uma casinha, uma microcasa lá e aí nós chegamos e a minha mãe estava com muita dor e tal. E as pessoas todas assim, com muitas dores e nossa guia não explicou nada, porque ela era uma senhorinha de uns setenta anos. Não sabia muito, ela estava empolgada porque ela ia casar, e ela falou muito pouco sobre... não explicou o que aconteceria, só disse que a gente ia ver um homem e que esse homem curava. E isso me deixou um pouco apreensiva porque eu pensei: ‘e se não for?’. E essas pessoas todas vieram e eu fiquei muito preocupada com isso. Enfim, nós chegamos e quando a gente chegou eu vi que estava tocando aquela música de São Francisco de Assis e o sol estava nascendo. Foi uma coisa muito... lembro dessa cena assim e aquilo me acalmou um pouco, pensei: ‘bom, o lugar é bonito, é calmo, mas é **estranho**’. Assim, eu senti uma coisa estranha e ela [D. Terezinha] tinha nos pedido para levar cadeiras e a gente levou; tinha umas... naquele dia ele ia atender mais de quatro mil pessoas. Tinha **muita** gente, muita gente, muito ônibus, muita gente, muita gente já às 6h da manhã e as pessoas estavam meio despertas, assim, estavam comendo e tal. E ela disse para nós: ‘vamos?’... Fomos direto até o local que ela nos levou e tinha uma **corda** em volta daquele... uma corda assim e um chão batido ali e ali tinha um círculo, uma corda. Fazia um círculo **assim**, e ela disse: ‘coloca as cadeiras aqui em volta’. E a gente colocou e ficamos bem pertinho da corda. Ficamos sentadas, ela disse para a gente não sair dali. E **demorou, demorou, demorou** e finalmente, pelas 8h mais ou menos a gente escutou uma musiquinha assim. Vimos um senhor meio estranho, com rabo de cavalo aqui, descalço, puxando um senhor bem moreno. Ele levantou aquela corda, **botou** a última cadeira no meio, uma cadeira de pau, pegou o canivete... uma faquinha e **puxou** todo o globo ocular do cara e começou a operar e eu estava **bem** do lado, e pensando: ‘meu Deus’. Porque é uma coisa muito, muito bruta. Eu disse: ‘meu Deus, mãe nem olha, você não vai passar por isso não’. Eu falei baixinho e ele pegou e olhou para mim e disse: ‘você, vem aqui’, apontou para mim, e levantou a corda e eu passei e eu estava com camiseta **branca** assim. E ele pegou e começou mexendo aquele olho e **botava** todas as **gosmas** na camiseta e aí eu fiquei mais assim, indignada: ‘**quê que isso?**’ [Risos] ‘que homem é esse? Que coisa é essa?’. E aquilo me deu assim uma... porque eu estava acostumada com **outro** tipo de trabalho. E tudo muito assim, imagina? Kardecismo ninguém fala, muito silencioso, e aí ele só fez aquele monte de coisa e começou a me explicar o que estava acontecendo no olho do cara e ele disse: ‘você é da saúde?’. Eu trabalhava como nutricionista no Hospital. E aí eu vi aquilo e tal, fez aquele monte de coisa, daí ele disse assim: ‘tá’, levantou a corda e mandou ir de volta para o meu lugar e ele saiu, saiu levando aquele senhor junto. E aí, a nossa guia lá falou assim: ‘tá, agora todo mundo vem atrás de mim’ e a gente foi, aquilo era um

campo, mas um **campo enorme** assim, uma grama que nem aqui, sabe? Uma grama de campo mesmo, aí mandou a gente sentar e aí começou já o sol. Não tinha sombra no campo, tudo aquele monte de criança, sem maca, tinha muita gente, muito doente fisicamente, tinha muita coisa assim... muita deformidade. Lembro que foi uma coisa bastante chocante, porque era uma coisa muito diferente... Eu nunca tinha visto tanta gente, com tanto sofrimento. Foi bem assim ... para mim foi um choque, sabe? E aí nós sentamos por ali mesmo na grama e tal, e a gente ficou aguardando, porque ela disse que a gente tinha que aguardar a fila e a nossa fila era a fila de primeira vez, a gente ficou horas ali. Só sei que de repente chegou um senhor do nada assim, ele veio, chegou do meu lado e disse assim: 'minha irmã venha comigo', 'minha irmãzinha' ele falou, eu olhei para ele que não o conhecia, falei: 'aonde?' Ele disse: 'vamos lá na sua casinha', eu disse: 'mas eu não conheço o senhor', ele disse: 'mas vamos lá que eles estão lhe chamando', aí eu disse para minha mãe: 'que **estranho**', e minha mãe disse: 'não, vai, vai!'. Minha mãe estava com tanta dor que ela nem **pensava**, raciocinava, eu disse: 'mas eu não **sei**', ele disse: 'não, vem aqui'. Super querido assim hoje, ele ainda vem na Casa, o nome dele é da família dos R., pessoas maravilhosas, família toda – ele acompanhava o senhor João nas viagens – e aí ele me levou em um lugar assim, uma casinha pequenina, pequenina e ali os médiuns eles tinham... como eu te falei eu estava acostumada com o Kardecismo, ali era tudo sentado nos banquinhos baixinhos assim, e as pessoas tinham uma mediunidade muito ostensiva. Tanto que depois fiquei sabendo, ninguém tinha explicado que tinha a primeira sala, mas era a primeira sala, a gente entrava e não tinha repartição não. Uma casa pequena, então primeira sala, segunda sala, era tudo junto era só separada por banquinhos assim, aí ele me levou no lugar pouco afastado daquele pessoal onde tinha outras pessoas sentadas. E tinha uma cadeira bem pertinho assim de mim, tinha uma cadeira no canto, mas diferente a cadeira, ele disse: 'senta aqui, fecha os olhos', e aí eu falei para ele... porque eu estava acostumada trabalhar no centro kardecista de olhos abertos que a gente trabalhava, dava passes e tinha que deixar os olhos abertos, não podia abaixar os olhos. Eu disse: 'por quê? Não estou entendendo', e ele disse assim: 'porque agora você vai trabalhar', mas eu disse: 'de olhos fechados?' Ele disse: 'aqui é assim'. E eu não consegui fechar os olhos, eu estava muito angustiada pensando, minha mãe não estava ali. E aí, eu fiquei pensando na minha mãe e tal e aquele pessoal atrás de mim gritando, gritando, chiando e eu: 'o quê que eu estou fazendo aqui?'. Me sentindo muito mal. Daí chegou uma senhorinha, assim gordinha, baixinha: '**fecha os olhos**', ela gritou, aí eu fiquei olhando para ela e disse: 'eu não posso' e ela: '**fecha os olhos** se não a Entidade não pode vir', aí eu pensei: 'o quê que é Entidade?' Eu nunca tinha escutado esse termo, Entidade. Para gente era o irmão, doutor, doutor Bezerra, irmão... 'Entidade que palavra é essa?'. Aí ela gritou, ela foi tão assim, brava que eu fiquei com medo dela e eu fechei os olhos de medo, porque ela **apontou** o dedo assim, sabe? E gritou, parecia que ela ia me dar um tapa assim, sabe? Aí meu Deus! Aí eu fechei os olhos, eu fiquei ali não sei quanto tempo. Eu lembro que eu estava assim, eu tremia, tremia, tremia de medo, estava com medo com aquela gritaria e coisa 'e a minha mãe, minha mãe?' De repente, eu só senti uma presença assim na minha frente que disse: 'filha abra os olhos, pode abrir os olhos'. E eu não sabia se era para mim, porque

tinha muitas pessoas e eu fiquei de olhos fechados. Daí ele botou a mão na minha cabeça e disse: 'filha pode abrir os olhos', daí eu olhei, estava aquele senhor que estava lá fora, só que diferente, só que estava em outro, assim bem diferente do que ele. Aí ele falou assim: 'o médium João não conhece você, mas eu conheço, sou Doutor José Valdivino e você aqui vai fazer o mesmo trabalho que você faz lá naquele lugar que você trabalha. Eu conheço você, fica tranquila'. Aí eu falei para ele: 'posso ficar de olhos abertos?' E ele: 'pode. Aí ele ficou bem assim pertinho de mim, sentado ali e eu fiquei olhando, estava curiosa. Não sabia, ficava olhando ele ali, atendendo todas aquelas pessoas. E de repente lembrei de minha mãe, imagina hoje, jamais eu iria fazer isso [risos]. Falei: '**senhor, senhor**, posso ir lá pegar minha mãe?', aí ele falou: 'pode'. Aí eu peguei e saí... tudo ao contrário, sai pela porta, não pode, não pode fazer o caminho inverso. Enfim, e aí eu cheguei lá, bem na hora que eu cheguei minha mãe estava na porta de entrada e ela olhou para mim e disse assim: 'estou me sentindo muito mal' e ela começou a chorar e caiu, bem na hora assim, tuff caiu. Eu cheguei e ela caiu. Aí aquele senhor que tinha me levado lá para dentro, o R. e mais um outro, levaram a mãe na frente daquele senhor que era então, no caso, a Entidade que estava atendendo. Aí ele estava diferente, estava com a voz bem calma e falou: 'sou o Dom Inácio', ele disse, outra Entidade e aí eu já não estava entendendo mais nada, que eu estava acostumada com outra... o Dr. Bezerra incorporava em um, outro incorporava em outro. E aí minha mãe chegou. E ela tinha sido operada sem corte, é, sem instrumento, mas estava o corte, na fila, aí ele mostrou o corte e disse: 'filha vem aqui, eu operei você', daí ele pegou, pediu licença, puxou a blusa e minha mãe estava com um corte bem no coração assim e estava sangrando¹⁰. Daí ele disse: 'eu operei você e eu quero ver você e o casaca branca também, seu marido é o casaca branca? Quero ver o casaca branca também na minha Casa'. Ele olhou para mim e disse: 'e você também filha'. Daí a gente não entendeu nada e a nossa guia tinha sumido. A gente não sabia, não sabia esse termo o que era casaca branca para meu pai, sabe? E aí gente ta, ficou assim, ninguém tinha dito assim: 'oh se operar vai descansar', nada, a gente ficou lá fora, tinha. Era para tomar sopa, o pessoal falava: 'tem que tomar sopa, tem que tomar sopa'. E nossa guia nada. A gente não encontrava ninguém naquela multidão e quando eu vi o jeito que eles faziam sopa, eu falei eu nutricionista, falei: 'de jeito nenhum, minha mãe não vai tomar essa sopa, eu vou comprar um cachorro quente para gente'. Aí eu **botei** a mãe em uma sombra, ela estava passando mal. **Botei** ela debaixo assim, sentada na grama, fui pegar o cachorro quente e a gente ficou. Daqui a pouco chamaram e começou aquela movimentação para passar na fila de novo e a gente ficou: 'que fila?'. E quando nós chegamos de novo, demorou, demorou e minha mãe passando mal, passando mal e a mulher não vinha, não vinha, a guia. E eu não sabia o que fazer, eu passei de novo ninguém tinha dito: 'olha não pode'. Aí a gente foi na fila de novo, passamos para outra fila, que era fila de segunda vez, a gente. Quando a gente chegou, a Entidade era **outra** pessoa brava, furioso [risos], o Dr. Augusto: 'o que é que

¹⁰ Segundo Maes (2006), "Em tais casos, os técnicos siderais operam no perispírito do enfermo; e o 'duplo etérico' se encarrega de transferir para o corpo físico todas as reações específicas da intervenção processada naquele" (MAES, 2006, p.154).

vocês estão fazendo aqui? Ela deveria estar descansando no ônibus'. Quando ele falou 'descansando no ônibus', eu pensei: 'como é que ele sabe que a gente está de ônibus?'. Aí eu falei: 'mas a gente não encontra a nossa guia'. Ele disse: 'é, mas ela não pode estar aqui, leve ela para descansar no ônibus e vai lá que a guia vai estar lá esperando vocês na porta'. Nós chegamos no ônibus, e lá estava a mulher esperando e aí ela disse: 'Aonde é que vocês estavam?'. E levou minha mãe para o ônibus. Esse foi o nosso primeiro contato. No **ônibus**, depois, na volta, ela nos explicou um pouquinho: 'se ele tivesse dito A-ba-di-â-nia é porque tu estava muito mal', eu pensei: 'o que é que eu tenho? Que eu tenho que'... e aí a gente perguntou o que era casaca branca, ela falou que é médico, ela disse: 'não, é que eles falam isso para médico' e aí disse que teria uma excursão para cá no mês seguinte. Daí a gente depois entrou em contato com ela, ela já tinha casado e não ia mais fazer excursão e passou para outra pessoa que é a Zeli, que foi a pessoa que a gente começou a vir, isso foi em abril. Em maio, dia 25 de maio foi a primeira vez que a gente veio para cá [Abadiânia]. Aqueles ônibus levavam quase três dias, quebrava, e quando nós paramos em Abadiânia na frente daquela pousada que é Domingas, hoje, eu pensei: 'nossa senhora, ninguém merece isso daqui', era muito estranho, tudo era muito estranho, assim, os quartos eram... a gente tinha que ficar com oito pessoas, tinha um banheiro coletivo, tudo assim, muito sujo e tal. **Mas**, quando a gente chegou aqui na Casa [emoção e voz embargada] parece assim, que abriu o coração, sabe? Foi um choque... foi uma coisa muito emocionante para todo mundo do ônibus. A gente chegou em casa mesmo, sabe? Aí eu senti assim, que **cheguei em casa** (FC8, grifos de ênfase).

O relato da FC8 é opulento com as circunstâncias do atendimento e com o trabalho de João de Deus quando ele viajava para cidades distantes no interior do Brasil, sem muita infraestrutura. A transcrição na íntegra do depoimento é justificada pelo fato de se poder perceber diversas situações: o choque com a educação kardecista, a importância dos FC na ajuda ao médium; o tratamento da família inteira, a operação a distância 'no local', a corrente rústica, a feitura da sopa, a flexibilidade da Entidade, 'a chegada em casa' e outras.

Em relação ao perfil dos FC, a partir da análise comparativa das características de cada um, de como conheceram a Casa, é relevante argumentar que alguns vieram porque estavam doentes, outros por curiosidade e outros pelo sofrimento por doenças de entes queridos. Todos narram suas significativas mudanças ao chegarem na Casa. Percebe-se que agem pelo livre-arbítrio e espontaneamente realizam um trabalho na Casa; todos esses FC pesquisados se mudaram para Abadiânia. Eles têm na Casa um aprendizado ímpar; concebem-na como uma escola de espiritualidade e práticas da mesma. Trabalham e doam seu tempo em retribuição, ajudando como foram auxiliados. Quando a FC8 chegou ao

campo, ela relatou que a música que tocava era a oração de São Francisco de Assis, logo, aparentemente, os FC aplicam na prática que ‘é dando que se recebe’.

Outro fato importante a ser relatado diz respeito a intensa emoção envolvida em suas circunstâncias de vida, seja no que os motivou para irem à Casa, seja como resultado na experiência da Casa e na lembrança ao narrar. São emoções fortes de alegria e larga gratidão, expressas em espontaneidade ímpar. Acredita-se que tal espontaneidade singela na entrevista narrativa não se deva apenas à personalidade do[a] FC, mas à ‘ordem ou permissão de João de Deus em Entidade’ de participarem da entrevista, como a revelar este pesquisador ‘digno de confiança’.

Passiflora

Sabe-se que passiflora é um pó que vem das folhas e caules do maracujá. O portal da ANVISA [Agência Nacional de Vigilância Sanitária] informa que esse produto fitoterápico atua no sistema nervoso, gerando calma e favorecendo o período do sono, por isso, não deve ser usado com álcool, pois potencializa seus efeitos, causando problemas (ANVISA, s/d).

Na Casa de Dom Inácio, a passiflora é destinada a todas as doenças, sendo receitada em capsulas somente pelas Entidades. Sua produção e embalagem estão sob a responsabilidade de uma profissional farmacêutica, contratada pela Casa e inscrita no Conselho Regional de Farmácia - CRF.

Como fonte principal do rendimento financeiro da Casa, a passiflora também pode ser doada aos sem condições financeiras. Porém, somente a Entidade sabe quando se deve fazer isso, “um código na receita esclarece que, naquele caso, não deve ser cobrado” (GARCIA, 2013, p.95). Registra-se que esta receita não se trata de algo semelhante a uma receita médica, mas são garranchos desenhados em um pedaço de papel branco. Tal ‘receita’ serve para que o operado passe na farmácia e adquira a passiflora. Alguns garranchos rabiscados de modo diferente revelam que a pessoa ganhou o remédio, não precisando pagar por ele; porém, poucos percebem os sinais diferentes entre eles.

Na Casa, diz-se que a passiflora é energizada pelas Entidades e sua destinação é única para cada pessoa. O FC4 relata que depois de extrair a próstata, evitando tratamentos convencionais invasivos, ele foi consultar a Entidade se deveria fazer radioterapia ou não; esta lhe disse: “daqui eu já me adiantei” (*apud* FC4). E receitou passiflora, mas isto o deixou um pouco envergonhado: “ela me deu [risos],

inclusive me deu dois tubos de graça... pô, tô mal hein, por ser de graça fica chato né?”. Atualmente este FC faz somente uso da passiflora. Não é raro encontrar curas somente com o uso da passiflora (GARCIA, 2013). Para aqueles que não acreditam na energização da passiflora, João de Deus comunica: “se a pessoa não acreditar nos efeitos espirituais da passiflora, nenhum mal haverá para o organismo a sua ingestão” (*apud* GARCIA, 2013, p.141).

Antes da passiflora, as Entidades receitavam garrafadas, contudo:

A fiscalização contínua da Vigilância Sanitária, os contratemplos no manuseio das plantas e na obtenção de garrafas vazias, a adequada limpeza antes de engarrafar a infusão e outros reiterados problemas levaram à substituição das garrafadas pela passiflora (GARCIA, 2013, p.70).

Um FC chamado Antão, forte e corpulento, era assistente pessoal há mais de 30 anos do médium João. Antão tratava-se de uma espécie de segurança do médium, mas a ele eram dados vários serviços, inclusive a fabricação das garrafadas. Seu relato a seguir é abundante em detalhes na feitura, energização e transporte das ervas prescritas depois da intervenção, ainda em 2008:

Os suplementos de ervas costumavam ser apresentados em forma líquida. Nós misturávamos o preparado em grandes tonéis e o transferíamos para garrafas de vidro pequenas. A produção era um trabalho contínuo de amor. Todas as garrafas eram enfileiradas nas prateleiras. Os médiuns da farmácia são treinados pelas Entidades. Quando eles trazem a prescrição (antes na forma líquida, agora em cápsulas à base de passiflora), ela está imbuída de uma energia própria para cada pessoa. O líquido mudava de cor, de consistência e até de Aroma. Como nós próprios o preparávamos com a mesma mistura de ervas, sempre ficávamos perplexos ao abrir as garrafas prescritas para nós e constatar que cada uma delas era diferente e exclusiva. Elas eram de fato abençoadas pessoalmente para cada um de nós. Dava para ver. Não é possível constatar as mudanças no caso das cápsulas, mas com elas acontece a mesma coisa. Quando o médium João viajava para outras regiões do país, nós enchíamos dois caminhões com garrafas do preparado. Eu tinha de dirigir com muito cuidado em estradas esburacadas para que as garrafas não se quebrassem.

Às vezes ficávamos sem as ervas e precisávamos preparar mais durante a noite para a sessão da manhã. Isso muitas vezes era feito em barracas improvisadas e nos climas mais inclementes. O médium João ficava de pé a noite toda conosco. Ele nunca ia embora enquanto o trabalho não tivesse acabado, e ficava satisfeito quando todos tinham um lugar confortável para dormir. Muitas vezes, o dia amanhecia e nenhum tinha ido dormir. Alguns ainda continuavam preparando as ervas enquanto os outros estavam começando a preparar a sessão da manhã. O médium João fazia café ou nos atendia. Eu tenho grande devoção por esse homem bom e generoso.

Ficarei ao lado dele até que faça a transição e se junte a Dom Inácio e ao Dr. Augusto nos reinos espirituais. Mas não vamos falar nisso. O médium João ainda vai viver muito tempo (*apud* CUMMING e LEFFLER, 2008, p.113).

Refeitório

Todas as quartas, quintas e sextas-feiras, as pessoas são convidadas a tomar uma sopa, distribuída gratuitamente aos médiuns auxiliares, aos[às] Filhos[as], frequentadores e funcionários da Casa¹¹. Estima-se que sejam servidos em média cento e cinquenta mil pratos de sopa anualmente (GARCIA, 2013). Em 1985, em entrevista ao programa televisivo 3ª Visão, o médium João, então conhecido como João de Abadiânia, afirmou que distribuía cinquenta e oito mil pratos de comida por ano (PROGRAMA, 1985, s/p).

Assim como a água é fluidificada – e está disponível para venda, não acima do preço do mercado –, a sopa igualmente é energizada. Por isso, é recomendada para todos em tratamento. Alguns repetem o prato ou levam às pousadas para se alimentarem depois. Quanto aos custos da sopa, “as despesas são custeadas pela própria Casa, com a receita obtida a partir da venda de medicamentos, produtos da lanchonete e da livraria, bem como as doações. Quando necessário, o médium João arca com as despesas” (GARCIA, 2013, p.98)¹².

¹¹ Como a prisão do médium causou inúmeros contratempos na Casa e na cidade, Portinari (2019) salienta que a sopa foi extinta.

¹² João de Deus mantém uma outra instituição, a Casa da Sopa [ou Casa de Alimentação] do outro lado da cidade. Nas terças, quartas e quintas-feiras, esta Casa da Sopa serve em média 900 pratos por dia (GARCIA, 2013). Além da alimentação, também disponibiliza roupas aos necessitados [para quem está com a roupa do corpo suja, a Casa lava-a e a devolve em pouco tempo], material escolar, material de higiene, fraldas e outras, o empréstimo do salão para festas à comunidade, e para a realização quinzenal do baile da terceira idade – por vezes o médium João reitera ao público seu sonho de abrir uma Casa do Idoso, e o desejo de fazer isso antes de morrer (DIÁRIO DE CAMPO, 21.06.2018). É significativo assegurar que, no grande frontispício da Casa da Sopa, há ilustre pintura do rosto de Dom Inácio e, sobre esta, a frase: “Obrigado Abadiânia” (DIÁRIO DE CAMPO, 08.06.2018), literalmente, um agradecimento do médium à cidade. Uma FC deu seu depoimento sobre este lugar: “João de Deus quer ver o lado bom das pessoas, e tem uma missão grandiosa. Agradeço a Deus por mais um ano ao seu lado. Sua esposa administra a Casa da Sopa, um lugar que fornece café da manhã, almoço, sorvete, roupa e material escolar às pessoas necessitadas, localizado do lado de lá da rodovia. Aqui, todos são bem vindos. A gente não muda, mas pode ser uma pessoa melhor. Assim, esqueça seu **eu** e pense no **nós**. Construa um jardim” (DIÁRIO DE CAMPO, 22.06.2018, grifo de ênfase). Após visitarmos e constarmos o extenso ofício da Casa da Sopa, conhecemos o senhor que toma conta do local e, em conversa com o mesmo sobre o tema ‘ninguém é melhor que ninguém’, com o provérbio italiano ‘terminado o jogo, o rei e o peão voltam para mesma caixa’, ele arremata espirituoso: “lá embaixo vai de um a tudo” (DIÁRIO DE CAMPO, 08.06.2018); rimo-nos e recordamos de personagens de Guimarães Rosa.

Em conversa com um FC que trabalha como voluntário na cozinha do refeitório, ele, transbordando em alegria, mostrou-nos um bilhete que havia recebido com uma rosa:

Olá amigo, meu nome é Maria. Eu venho de Melbourne, Austrália. Eu saio no sábado e quero dar essa rosa para você como gesto de agradecimento pela maravilhosa sopa que você tem me servido. Tome cuidado. Desejo-lhe saúde e felicidade. Eu não falo português, apenas inglês. Maria, 29 de março de 2018 (DIÁRIO DE CAMPO, 04.04.2018).

Sala de diplomas, certificados e fotos

João de Deus é mais conhecido internacionalmente que no Brasil (GUTERRES, 2013), mas por ter trabalhado no exército e ter passado por todas as capitais do país, recebeu diplomas e certificados, além de outras homenagens, em muitas delas, após seu trabalho. A sala que recebe esses documentos, atualmente, está ao lado da livraria, com suas paredes abarrotadas desses registros.

Além de diplomas e certificados de relevantes serviços prestados, há os de cidadão emérito, visitante ilustre, cidadão honorário, colaborador benemérito, honra ao mérito, título de amizade, voto de aplauso, moção congratulatória, sócio fundador de várias instituições, todos em nome de João Teixeira de Faria. Durante as observações na Casa, foi possível verificar representações de inúmeras instituições como: câmaras municipais de várias cidades brasileiras e estrangeiras (cidades do Peru e Portugal); Marinha do Brasil [vários dessa corporação]; homenagem única de um padre; Maçonaria [alguns]; Associação de Agentes Ambientais; Exército Brasileiro [vários]; Federação independente da Umbanda [alguns ligados a umbanda]; Polícia militar [alguns]; Polícia civil [alguns] e *Alcoholics anonymous* (DIÁRIO DE CAMPO, 10.01.2018).

Há também quadros de medalhas: dois das Forças Armadas Brasileiras e dois da Associação dos Escoteiros do Brasil. Nessa sala ainda há dois quadros grandes, um com uma reportagem sobre João de Deus e outro com inúmeras fotos menores [mais de 30] de João de Deus junto a personalidades famosas da televisão brasileira, sendo a maioria de atores e atrizes da Rede Globo, do SBT e de outras emissoras. Finalizando, há mais duas fotografias emolduradas de tamanho médio, uma de João de Deus sorrindo e outra de sua mãe, dona Luca (DIÁRIO DE CAMPO, 10.01.2018).

Sala de aparelhos adjutórios

Quando a Entidade dá atendimento a alguma pessoa com muleta, bengala ou algum outro aparelho adjutório, ela normalmente determina que a pessoa descarte tal apoio e vá embora caminhando. Comumente, a pessoa dá algumas cambaleadas e sai; isto foi testemunhado na película que o Programa 3ª Visão registrou (1985). “Pode acontecer, também, da Entidade dizer para a pessoa em cadeira de rodas: ‘levante e ande’, o que ocorre. De igual forma, são retirados outros aparelhos de apoio para pescoço, coluna vertebral, braços e pernas” (GARCIA, 2013, p.102).

Garcia (2013) complementa que não há explicação científica para isto, tudo simplesmente acontece. A própria Entidade afirma que não se trata de milagre, mas de ‘poder de Deus’. Apesar de João de Deus querer separar ‘milagres e poder de Deus’, ainda assim, suas interpretações não escapam do campo religioso.

Depois que desprezam os apoios, muitas pessoas os levam para doar às associações filantrópicas, outras guardam de lembrança ou deixam na Casa, para possivelmente expressarem a cura. O FC4 trouxe este relato de doze pessoas, de uma única vez, que abandonaram a bengala, ocorridos no ano de 2017:

Eu conheço tanta gente que a Entidade curou, Nossa Senhora... Uma vez eu tava na corrente, e a Entidade falou: ‘quem quiser pode abrir os olhos’; doze pessoas de bengala, todos doze jogaram a bengala no chão e saíram andando, todos os doze. Isso foi no ano passado. Você escutava, **básh!** A bengala, **básh!** A bengala, **básh!... dos doze.** A Entidade mandou a turma reunir todos os de bengala numa fila só, aí passou por eles e mandava jogar: ‘Joga bengala e vai embora, vai andando, você pode andar, vai andando’; o cara jogava a bengala e saía andando... Uma vez teve uma moça, acompanhada da mãe e do pai dela. Ela tava na cadeira de roda. Aí né, eu escutei a Entidade falar – eu tava na corrente – escutei ela falar: ‘levanta dessa cadeira, levanta dessa cadeira que você vai andar, você pode andar, pode andar’. Aí, daqui a pouco, a Entidade me puxou pelo braço: ‘pega ela, dá 3 voltas na Casa com ela’. Eu dei três voltas com ela na Casa, e ela andando e eu chorando [risos emocionados], os dois chorando e a mãe chorando também. Ah, tá louco sô, é muita emoção demais... **Ishi**, a sala das muletas tá lotada, tá lotado lá... Ah vou te contar... Tem muita gente que leva [o aparelho] de lembrança, sei lá... Ah, mas é bom, é tão gostoso ver, Nossa Senhora. Eu vou contar viu, é muito lindo demais isso aqui viu (FC4, grifos de ênfase).

Sala de vídeo e som

“De uns tempos para cá, estamos gravando muitos relatos das pessoas” (DIÁRIO DE CAMPO, 08.02.2018). Esta foi a fala de uma FC que trabalha com os

equipamentos de filmagem e áudio, na qual também fizemos uma gravação, contando um pouco de nossa história e de nosso intento na pesquisa na Casa.

Tal FC está responsabilizada, entre outras, de editar e produzir os DVDs que estão disponíveis para compra na livraria. “Quando passamos pela Entidade com a intenção de solicitar permissão para as entrevistas, a mesma nos deu o livro *Experiências espirituais de uma vida*, de Carlos Joel Castro Alves e um DVD, *15 depoimentos e 15 intervenções*, de 2017” (DIÁRIO DE CAMPO, 22.02.2018).

1.1.1 Algumas considerações sobre as objetivações da Casa

A intenção foi evidenciar as objetivações – especialmente as físicas, mas também as simbólicas – que João de Deus e os FC realizam. Sabe-se que muitas outras pessoas também as fazem, mormente o ex-prefeito de Abadiânia e atual administrador da Casa de Dom Inácio desde 2004, o senhor Hamilton Pereira. Ele relata que o médium João trouxe inúmeras edificações à cidade:

Abadiânia deve o seu desenvolvimento e prosperidade a esse homem extraordinário. O progresso e crescimento muito necessários dessa cidade ocorreram simplesmente graças à presença do médium João. Tem ocorrido um influxo de novos moradores, que construíram as suas casas e abriram novos negócios. O médium João patrocina muitos projetos nesta cidade, ligados principalmente à força policial e à segurança. Há apenas 2 anos, ele doou quatro motocicletas para a polícia civil. Faz doações generosas a pessoas carentes, oferecendo cestas básicas a famílias de toda a região e contribuições em dinheiro para a educação e projetos habitacionais. Ele também dá emprego seguro na Casa para muitas pessoas, nas cozinhas da sopa e nas suas fazendas. Neste ano inaugurou outra cozinha da sopa perto da entrada da cidade. Eu entendo esse homem generoso, bom e complexo e acho que é importante que eu fique ao lado dele. Aceitei o cargo porque respeito e amo meu amigo. Nós nos conhecemos há mais de 30 anos. A missão dele não é fácil, e espero ajudar a aliviar um pouco o seu fardo (*apud* CUMMING e LEFFLER, 2008, p.94).

Há muitas outras ‘construções’ na Casa como mirante, cachoeira, área de descanso, jardim – com vários bancos de madeira rústica doados por famílias – local onde está “exposto um busto de Dom Inácio, que fica rodeado de flores, terços, oferendas, cristais e orações dos frequentadores. Alguns param em frente, colocam as mãos no busto e rezam” (DIÁRIO DE CAMPO, 23.11.2017). Há também lanchonete, salas de banho de cristal, livraria, ponto de táxi, área de estacionamento, depósito, caixas de doações, segurança na Casa, assessoria de imprensa e outras.

Aqui a pesquisa tem como pauta a atuação mais profícua, nas realizações dos FC junto a João de Deus.

Pelas 'obras' da Casa, pôde-se perceber um movimento de pessoas indo e vindo sem parar, entrando nos lugares, saindo, cumprimentando-se, abraçando-se, – alguns abraços demorados – conversando nos arredores, pessoas com roupas diferentes do costume brasileiro, pessoas sorrindo, outras chorando, início de novas amizades, contatos inesperados, feitura de relacionamentos íntimos e outros. Amplos espaços de socialização e terapia, meditações e novas configurações. Aparentemente, todas as mudanças na Casa atendem as necessidades das pessoas presentes na mesma.

De modo geral, todas as construções físicas ou simbólicas da Casa estão envoltas de cultura, de algo maior que dê sentido às pessoas. Desta forma, procurando entender tais edificações, foi realizado um estudo teórico da cultura, de sua relação dialética entre objetivação, exteriorização e interiorização

1.2 Cultura como construção ininterrupta

Ao contrário de outros animais, o ser humano nasce inacabado. Torna-se humano tanto no aspecto biológico como no mental. Dessa maneira, constrói um mundo para si, físico e cultural. A socialização – chamada 'segunda natureza' – cria a humanidade e coloca-a em perspectiva de manutenção desse espaço cultural. “A sociedade é, portanto, não só resultado da cultura, mas uma condição necessária dela” (BERGER, 1985, p.17). Isto posto, deduz-se que instituições, estruturas, funções, padrões, linguagens, simbologias, valores sociais não existem por si mesmos, mas são frutos das atividades de exteriorização, objetivação e interiorização¹³.

Como visto anteriormente, Berger e Luckmann (2013) concebem que a exteriorização [a manifestação do mundo nas atividades físicas e ou mentais dos humanos], juntamente com a objetivação [produtos resultantes de atividades físicas e mentais] e a interiorização [que são as estruturas do mundo objetivo transformadas em estruturas mentais e simbólicas] totalizam o mundo cultural. Por conseguinte, é no

¹³ Os termos 'exteriorização' e 'objetivação' foram extraídos de Hegel, principalmente da obra 'Lições sobre história da filosofia'. O termo 'interiorização' foi extraído da Psicologia Social Americana, mormente de George Mead (BERGER, 1985).

movimento dialético dessas três instâncias que a sociedade se torna produto humano [exteriorização], realidade 'única' [objetivação] e o humano, produto da sociedade [interiorização]. Para tais autores, o ser humano atua no mundo social e é reciprocamente atuado por este. Assim, "as instituições, os papéis e identidades existem como fenômenos objetivamente reais do mundo social, embora eles e este mundo sejam ao mesmo tempo produções humanas" (BERGER, 1985, p.26).

O agrupamento social impõe seu poder coercitivo ao humano, que nasce e morre dentro de uma cultura, sendo inescapável sua condição. Sobre os mais recalcitrantes, "a sociedade dirige, sanciona, controla e pune a conduta individual" (BERGER, 1985, p.24), e através de mecanismos de controle social, busca 'pôr na linha os indisciplinados'. Cabe a estes perceberem 'a realidade' e se adequarem. Assim, se a realidade social prevê espíritos, então espíritos existem, se não, chancela-se imaginação, delírio, fé e outros 'não prováveis'. Ou, se a maioria das sociedades acredita que almas dos mortos existem, mas que não têm influência sobre os vivos, então assim é crido. A realidade passa a ser o que a sociedade chancelar. O indivíduo vê-se obrigado a reconhecer 'a realidade' que a sociedade ou grupo social diz ser. Segundo Berger (1985), a realidade do grupo passa a ser coercitiva.

A força opressiva do social não estaria propriamente na violência física. "A coercitividade fundamental da sociedade está não nos mecanismos de controle social, mas sim no seu poder de se constituir e impor como realidade" (BERGER, 1985, p.25). Isto nos leva a concluir que existem várias realidades, sendo a mais correta aquela que atende aos interesses do grupo ou da sociedade. Mesmo assim, não raro no meio acadêmico, evidenciam-se múltiplas interpretações de um mesmo fenômeno, havendo nessa coercitividade possibilidade de criação de outras realidades.

Deste modo, a cultura internaliza valores, ações e formas de pensar que estão presentes nas pessoas em todo e qualquer aspecto, seja externa ou internamente. Para Grigorowitschs (2008), é nesse movimento de internalização-exteriorização, de origem de conflitos e aceitações, que se constrói nosso *self* individual, revelando a dialética entre realidade objetiva [mundo social] e a realidade subjetiva [identidade pessoal].

Diante desse conflito, entre o que se pensa e a realidade, ou entre interiorização, externalização e objetivação, um[a] Filho[a] da Casa apresentou o caso de um sujeito cético que passou a ter uma posterior aceitação da cura por João de Deus: "Pois é, tu me conhece, sabe que não acredito em nada, e eu fui com esse meu

colega que tinha um tumor na cabeça e ficou curado” (*apud* FC5). Por essa externalização, percebe-se que a cultura ocorre no coletivo e se reflete no particular. A pessoa pode-se ter sido educada para não acreditar em médium, muito menos que esse cura, ou não crer que um médium possua qualidades sagradas e, talvez, curativas. Nesse sentido, as vivências e experiências fortalecem um ponto de vista favorável, ou não.

Inspirado em Max Weber, Geertz compreende cultura como:

Um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 1989, p.66).

Criador de uma teoria interpretativa da cultura, para Geertz, a cultura – necessariamente mesclada ao social e psicológico – tece teias de significados que enredam quem vive sob ela. Para esse pesquisador, que busca tais significados, não cabe apenas a observação do seu objeto, mas envolver-se nas camadas de seu significado, analisá-lo. Porém, a cultura não deve ser encarada como ciência exata e nomológica, mas como ciência interpretativa, isto é, como um conhecimento que busca ir ‘além da camada superficial’, apesar de entender a ilusão da verdade única ou da objetividade pura. Além da superfície, para Geertz (1989), diz respeito não às definições dicionarizadas, mas à observação etnográfica do objeto. Quer saber o que é dado objeto? Saia a campo para estudá-lo na prática e, como bom etnógrafo, perceba a hierarquia estratificada de estruturas significantes, ou seja, um conjunto de interpretações que caminham deduzindo novos argumentos.

Ao abordar cultura, não se almeja somente sua definição, mas o emaranhado que o pesquisador se depara ao destrinçar os fios da teia, evidenciando que a cultura é um macro tecido interligando inúmeros pontos equidistantes entre si, ou distantes aparentemente. Tal tecido não está finalizado, mas em construção ininterrupta; seja inventando novas interpretações – criando cultura – ou buscando ‘rasgar o tecido’, incorporando novos significados.

Sob uma abordagem fenomenológica, Geertz (MICHEELSEN, 2015) assemelha-se a Berger e Luckmann (2013) quando este afirma ser a linguagem uma das instituições mais fundamentais da humanidade, pois é por meio dela que se constroem tecidos ou edifícios simbólicos, presentes em todo momento da existência,

do nascimento à morte. Desta forma, Geertz compreende símbolos à maneira de Pierce, “signos interpretáveis” (GEERTZ, 1989, p.10) e a cultura é justamente um conjunto de sistemas entrelaçados de signos – os quais representam algo para alguém – que fornecem significados e sentidos de vida e são expressos na tríade exteriorização, objetivação e interiorização.

Por conseguinte, esse antropólogo estadunidense enxerga a cultura não como um conjunto de padrões de comportamentos, mas “como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções [que os engenheiros de computação chamam ‘programas’] – para governar o comportamento” (GEERTZ, 1989, p.32, grifo do autor). Tais mecanismos, como visto, são transmitidos através de símbolos, carregados de significados na tradução de toda situação social. Eis uma ilustração de símbolo:

O número 6, escrito, imaginado, disposto numa fileira de pedras ou indicado num programa de computador, é um símbolo. A cruz também é um símbolo, falado, visualizado, modelado com as mãos quando a pessoa se benze, dedilhado quando pendurado numa corrente, e também é um símbolo a tela ‘Guernica’ ou o pedaço de pedra pintada chamada ‘churinga!’, a palavra ‘realidade’ ou até mesmo o morfema ‘ing’. Todos eles são símbolos, ou pelo menos elementos simbólicos, pois são formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças (GEERTZ, 1989, p.68, grifos do autor).

Como na cultura, os signos se montam, somam e interpenetram; é justamente a montagem desses signos que leva à investigação da força religiosa na cultura, visto o surgimento do impulso direcionador e mantenedor da ação, compreendida como ‘sagrada’. É o que acontece na Casa de Dom Inácio.

1.3 Força religiosa

Especialista em Durkheim, Setton (2008) considera a religião como matriz cultural, isto é, a religião arquiteta a consciência produzindo valores morais e identitários. Como instituição socializadora, a religião cria padrões de pensamento e ações, “bem como um sistema de disposições orientador de condutas” (SETTON, 2008, p.16). Desta forma, sendo matriz cultural, a religião elabora atividade material e simbólica, produzindo significados. Estes, traduzidos em crenças, favorecem a constituição do ser humano, dando-lhe individualidade, volição.

Diante disso, é notória a força da religião enquanto constituidora de sentidos, preponderantemente, sentidos éticos e morais. Mesmo havendo certa liberdade de arbítrio aos crentes, são negociados comportamentos específicos e legitimados *a priori*, o que facilita aspectos tensos ou autoritários (SETTON, 2008). Por seu caráter contraditório de ora impor atitudes e ora oportunizar aquisição de conhecimentos emancipatórios, não se desmerece o caráter ideológico dessas visões de mundo, ou seja, ideologia como realidades subjetivas construídas para atender interesses, sejam coletivos ou privados.

Assim, ideologia religiosa pode ser expressa em dois sentidos: no primeiro, sob o olhar marxista de falsear a consciência no atendimento a interesses de grupo; e, no segundo, como categoria ampla, seja do indivíduo, seja da instituição. Para Marx, a ideologia funciona para mascarar ou inverter as reais causas das contradições sociais; ela é um produto puramente mental, tendo por fim acalmar consciências insatisfeitas diante de realidades aparentemente prazerosas (BOTTOMORE, 1988, p. 294). Logo, diante da pergunta da pessoa X: ‘por que alguns vivem na opulência em meio a tanta miséria?’. A pessoa Y responde ideologicamente: ‘todos temos liberdade e igualdade perante Deus; cada um constrói sua vida como quer’. Possivelmente, a pessoa X sai satisfeita com a resposta. Isto evidencia a realidade concreta da miséria culpabilizando os próprios miseráveis e enaltecendo os opulentos, como se não houvesse relação de causa e efeito da riqueza de uns como resultado da exploração e miséria de outros, demonstrando como a ideologia constrói realidades que atendem grupos de poder social, em detrimento daqueles que são submissos.

No segundo sentido, a ideologia para o sociólogo Karl Mannheim é compreendida não como construções linguísticas da classe dominante para falsear consciências subalternas, mas como manutenção de uma realidade simbólica propícia aos interessados [dominante - total - ou dominado - particular]; “A aniquilação é agora mais penetrante, visto que a ofensiva se dá no nível noológico, solapando-se a validade das teorias adversárias pela demonstração de que são apenas uma função da situação social geral prevalecente” (MANNHEIM, 1986, p.95). Mannheim denomina aniquilação, a destruição de uma compreensão única de ideologia. Corroborando Mannheim, como qualquer modo de pensamento vivente, Althusser afirma ser a ideologia “uma estrutura imanente do imaginário na sociedade” (MOTTA e SERRA, 2014, p.128), ou seja, impossível viver sem.

A pujança ideológica da religião se mostra justamente em sua noosfera para construir realidades pretendidas, mas não simples realidades, e sim sagradas. Nessa mesma linha, porém, na tendência da análise do discurso, Orlandi (2003) entende que existindo interpretação, há sentido, e tendo este, percebe-se a ideologia. Esta é fruto das condições históricas e do simbólico, que cedo ou tarde, dependendo o caso, naturaliza-se na linguagem. “A ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI, 2001, p.46). Como constituição dos sujeitos sociais, a ideologia cria realidades, sejam religiosas ou não.

Ao analisar esse último sentido ideológico, é possível apresentar o caso do médico Roger Queiroz, que concebia a Casa de Dom Inácio como um antro de vigarice, o que era verbalizado à sua mãe quando ele a levava até lá. Em certa ocasião, a mãe o convidou para conhecer o recinto, mas Roger Queiroz alegou falta de tempo; e ela arrematou: “Agora são 9h e você nunca tem tempo, mas quando for 15h ou mais você entenderá” (DEPOIMENTO, 2017, s/p). O relato esclarece uma mudança ideológica em nova constituição, a qual ocorreu após o ‘falecimento e ressurreição’ do médico, comunicado no palco na Casa de Dom Inácio em 2012. É justamente a edificação dessa constituição religiosa que a realidade se transforma em ideologia, fortalecida em impressões pessoais e acontecimentos posteriores que coincidem com tais impressões.

Segundo João de Deus, que se apresentou ao público, a mãe do Doutor Roger [...], que já era falecida, havia sido frequentadora fiel da Casa de Dom Inácio de Loyola no início da década de 1980. Quem a levava de Brasília, onde morava, era o filho, então estudante de medicina e totalmente cético; para ele João de Deus era charlatão. Em 1995, quando já era um médico atuante, casado e pai de um bebê de 6 meses, o Dr. Roger teve que se submeter a uma cirurgia de revascularização cardíaca, que não foi bem-sucedida. Em 5 de Março de 1995, exatamente às 10h45, os médicos declararam sua morte e lhe deram um atestado de óbito. Quem ligou para sua esposa foi um médico amigo e compadre.

Ao receber a notícia, sua esposa, que também era frequentadora da Casa de Dom Inácio de Loyola, imediatamente telefonou para lá explicando a situação dramática em que se encontrava.

Atendida [por João de Deus], recebeu a instrução de que o corpo deveria ficar intocado até às 15h15, quando algo aconteceria. Essa, obviamente, é uma condição muito difícil de ser cumprida, já que, em qualquer hospital, as UTIs estão sempre lotadas e há protocolos a serem seguidos nos casos de óbito. No entanto, naquele dia, um paciente havia sido transferido para o hospital privado, deixando um leito vago. Como o Dr. Roger fora colega de profissão, permitiram que seu corpo permanecesse ali por algumas horas. Enquanto isso, era realizado um trabalho na Casa em prol do Dr. Roger, com uma pessoa

deitada e de olhos fechados o representando no centro de uma corrente energética.

Exatamente às 15h06, o Dr. Roger levantou da cama e pediu um copo de água. Não entendeu por que as enfermeiras, em vez de atendê-lo, saíram correndo. Segundo relatou, naquelas horas em que foi considerado morto, havia passeado com um monge encapuzado por amplas e inusitadas dimensões do mundo dos espíritos, percorrendo tanto paisagens de grande iluminação e beleza quanto locais de onde emanavam sentimentos de opressão e angústia. Em todos ele fora acompanhado pela presença segura daquele que identificou como sendo santo Inácio, que o manteve calmo e relaxado. O momento mais difícil foi o da volta ao corpo – isso porque a sensação de leveza e liberdade que experimentara ali era absolutamente maravilhosa.

O Dr. Roger terminou seu depoimento afirmando que aquela incrível experiência havia mudado completamente sua vida. Ele deixara de ser um médico arrogante e se convertera ao espiritismo, passando a atuar no mundo de forma muito mais humilde e despretensiosa (MACHADO, 2016, p.135-136).

Roger Queiroz, então médico do Hospital de Base em Brasília, viveu tamanha experiência inusitada, a qual impactou seu modo de enxergar o mundo; se não tinha uma ideologia claramente religiosa, passou a ter. Ademais, começou a abandonar a ideologia materialista da vida, muito comum entre os esculápios. Após tal evento, esse senhor faz apelo por paz e fraternidade, sentimentos que todos devemos ter com as religiões diferentes, visto que João de Deus é católico, e ele espírita, “após o retorno” (DEPOIMENTO, 2017, s/p). Este profissional informa da relação de amizade que foi construída com Dom Inácio em seu passeio pelo ‘inferno e pelo céu’, da humildade desse senhor em tratar a si mesmo como ‘nós’, dele conseguir o consentimento dos espíritos superiores para reencarnar e, de um ‘puxão de orelha’ que teve: “você vai ter que mudar. Deste ser ganancioso, mesquinho e pretensioso que até hoje existiu, tem que nascer outro” (DEPOIMENTO, 2017, s/p). O médico continua narrando que o espírito Dom Inácio solicitou que sua mudança fosse constatada por outra pessoa, não por si mesmo, e que graças ao compromisso de João de Deus com a causa espiritual, ele estava ali dando o depoimento. Por fim, Dr. Roger conta sobre o acordo que fez com Dom Inácio sobre algumas ocorrências pessoais, sendo a mais importante a de se reconciliar com seu irmão de sangue, que há mais de vinte anos um não podia passar na frente do outro, havendo entre eles ameaça de morte, inclusive morando ambos na mesma rua.

Depois de muitas lutas íntimas, incertezas, emoções substituídas, lágrimas e um firme propósito de autotransformação e ‘dever’ de novas posturas, o acordo se

concretizou. O impacto da mudança de sentido na vida do senhor Roger¹⁴ foi grande.

“O resultado final foi que ele deixou a profissão de forma intensiva, mudando completamente seu estilo de vida, medicando, ajudando pessoas necessitadas e fazendo palestras onde fosse chamado, relatando sua história” (GARCIA, 2013, p.72).

Antes cético, adepto a uma ideologia não religiosa, e após seu renascimento, incorporado por uma nova concepção, senhor Roger evidencia a pujança da religião. De qualquer forma, assim como outras instituições sociais [família, escola e demais], a religião possibilita a construção de realidades que os indivíduos almejam, ajudando-os a manter ou a transformar o social. Segundo Setton (2008), suas categorias de julgamento [sagrado, profano] e seus padrões morais [obediência, ascetismo] são dados a partir de códigos de comunicação, a língua, e esta, simbólica por natureza, sustenta seu próprio universo simbólico-social. Nesse “processo de transmissão, negociação e incorporação” (SETTON, 2008, p.17), os significados religiosos vão propiciando [novas] ações práticas, confirmando uma conexão entre experiência-ação e ideologia-significado.

Aprofundando a compreensão da força religiosa estimulando simbolismos e comportamentos, Geertz define religião como:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, p.67).

É louvável a análise que Geertz realiza em seu livro sobre a definição de religião, por expor singulares reflexões elogiáveis em cada fragmento. No entanto, não é oportuno seu detalhamento nesta tese. Todavia, cabe demonstrar a exteriorização dessa definição no relato do senhor Gerson Marietto, frequentador da Casa de Dom Inácio:

Tudo começou no dia 3 de novembro de 2017, quando eu estava desanimado e sem expectativa de vida, pensando em suicídio. Isto aconteceu dois dias antes do meu aniversário, 5 de novembro. Após uma discussão com minha mãe, na qual ela disse palavras que magoaram e pesaram na minha decisão de suicídio, tais como: aleijado, alcoólatra, sem amor próprio e mal caráter. Essa última foi

¹⁴ Perguntado sobre o caso do senhor Roger, João de Deus assevera: “não é milagre uma pessoa declarada morta pela medicina convencional, retornar à vida. Embora não seja comum, pode acontecer” (apud GARCIA, 2013, p.82).

para mim a mais pesada, pois como supervisor de almoxarifado da Petrobrás – 10 anos de casa, onde pude conhecer o mundo (Dubai, Egito, Singapura, Europa, Estados Unidos da América e Venezuela), entre outros países – poderia ser um mau caráter?? Após essa discussão, com xingamentos e ofensas, decidi tirar minha vida. Para isto, pensei em ir ao Paraguai, comprar uma arma e eliminar minha vida. Deitado na cama, rezei para Deus (rezei um pai-nosso e uma ave-maria) e pedi para ele perdoar todas as minhas ofensas e pecados. Foi quando uma voz tranquila e passiva sussurrou em meu ouvido, dizendo para eu ligar a televisão. Como na minha casa eu costumo deixar o canal Discovery sempre em sintonia, atendi o chamado da voz (ou de Deus) e liguei como se fosse uma despedida da vida material. Neste momento, no qual a TV foi ligada, estava passando um programa chamado 'Mitos e Verdades'. Mostrava pessoas do planeta Terra que acreditam serem milagrosas, entre elas um monge no Tibet, o qual realizava milagres da cura, através de orações e ervas medicinais da região. A segunda pessoa foi uma menina do México, onde ela via a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, e a santa mostrava como fazer para curar. A terceira pessoa (essa sim, mudou minha vida e meus pensamentos) era o senhor João de Deus, em uma cidade que nunca havia escutado: Abadiânia, Goiás. Foi então que comecei a prestar atenção com mais rigor e escutar o que o programa dizia (na hora, ou seja, era crucial escutar o que estava passando no programa). A história de João de Deus me impressionou, com suas curas e benevolência, milagres e pessoas curadas, no qual as pessoas davam testemunho (como estou fazendo agora). Foi então que decidi conhecer pessoalmente a Casa de Dom Inácio de Loyola, Casa de João de Deus. Logo na minha primeira vez, fui colocado para fazer uma cirurgia espiritual, para tomar o remédio da casa, não beber álcool e não comer pimenta. Não vou comentar a dificuldade que foi para eu chegar em Abadiânia, na compra da passagem, na estadia da Pousada Nossa Senhora de Fátima, da dona Célia (minha segunda mãe) e no trajeto para casa de João de Deus. Isso fica para uma outra história. No segundo mês, voltando à Casa de Dom Inácio, recebi a benção de largar uma das muletas. Isso para mim foi um milagre. Estou na Casa há 8 meses, não possuo mais nenhum sentimento suicida, ando com apenas uma muleta (mas sem tanta necessidade, pois consigo andar sem ela), minha urina está controlada (após o acidente de carro não conseguia controlá-la, e urinava nas calças), minha autoestima está normal. Graças ao tratamento espiritual que continuo fazendo na Casa de Dom Inácio, participando da corrente, hoje me considero um homem feliz, sem problemas aparentemente (*apud* DIÁRIO DE CAMPO, 25.07.2018).

Por símbolo, Geertz (1989, p.67-68) entende aquilo que “é usado para qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo a uma concepção – a concepção é o ‘significado’ do símbolo”. Desta forma, tratando-se dos vínculos a uma concepção religiosa, no relato do senhor Marietto, não desmerecendo a força emocional – raiva, culpa, tristeza ou outra – envolvida na

circunstância, há infindáveis conexões simbólicas no sistema de linguagem expresso. Logo, ter-se-á como foco de estudo duas palavras-chave: suicídio e João de Deus.

O suicídio foi pensado fortemente após ofensas da mãe, porém, já havia uma pretensão e predisposição anterior, mas sem o último *leitmotiv*. Nada indica que o impulso para a decisão final foi o ocorrido com a mãe e o pensamento de ir ao Paraguai, visto que fez orações de despedida e súplica de perdão pelos pecados, originando outros vínculos e significados. Nesse momento extremo de querer se matar, numa anomia profunda, a religião fez-se presente – pelo chamado da voz sagrada ‘tranquila e passiva’ – [r]estabelecendo poderosas disposições para não se autoexterminar, ou antes, de ligar a TV, sendo ‘crucial escutar o que estava passando no programa’ – eis aí o vínculo à disposição para outra ordem de existência geral – como se estivesse a dizer: ‘a vida não pode se resumir em sofrimento, deve haver mais para dar sentido’, isto é, a religião despertando significado existencial maior. Eis aí um modelo da concepção do significado do símbolo religioso adquirido pelo senhor Marietto.

Sobre suicídio, Durkheim fez valioso trabalho evidenciando, entre outras considerações, que a falta de integração social – somada à família desestruturada e à decidida individualização, pode ser motivo do ‘ato final’. Desta maneira, “sendo a família um preservativo potente contra o suicídio, ela o é tanto melhor quanto mais fortemente é constituída” (DURKHEIM, 2000, p.250). Portanto, a concepção de religião anteriormente vista, independente da forma, se negativa ou positiva, fez-se presente na difícil situação.

Um aspecto relevante refere-se ao termo ‘milagreiro’ aplicado a João de Deus, como o programa televisivo retrata. Vale ressaltar que a exibição midiática enquadra o médium numa aura mística, atendendo a própria definição de religião dada por Geertz, como a dizer: ‘se a ciência não explica João de Deus, então o que esse ser faz é algo religioso’. No contexto do programa, João de Deus é apresentado como um símbolo poderoso de religião e saúde, motivando, pela força dos relatos de cura, novas formas de se comportar. Desta forma, a partir da saúde, como elemento definitivo na continuidade da vida, e a doença como geradora de predisposição na vontade de viver, o senhor Marietto identificou em João de Deus uma possível melhora física, causando certo impacto diante do quadro desesperador de emoções desestruturadas, acidente automobilístico, pensamentos suicidas e a realidade anômica em que vivia; uma espécie de luz no fim da escuridão existencial. Sustenta

o senhor Gerson: “a história de João de Deus me impressionou, com suas curas e benevolência, milagres e pessoas curadas, das quais as pessoas davam testemunho”.

Outra fala desse senhor: ‘como estou fazendo agora’ – compartilhando sua cura – comprova a importância da simbologia religiosa no restabelecimento da saúde física e mental, fortalecendo atitudes anteriores a esse resultado: o mérito das orações, a eficácia de escutar a voz sagrada, a veracidade da reportagem do programa, a realidade da cura pelo médium que ‘mudou a minha vida e meus pensamentos’, a mudança de hábitos, a conquista de novos afetos, o abandonar das muletas – considerado milagre –, a contenção urinária, a retomada da autoestima, os retornos à Casa de Dom Inácio e o autorretrato de felicidade. Todo esse sistema simbólico – pois o resultado prático se internaliza como símbolo – poderoso, penetrante e durador, estimula a criação de um novo *ethos* existencial, a agregação de valores espiritualizados e o abandono de uma vida secularizada.

Concebendo esse sistema de significados religiosos, Geertz estabelece um paradigma:

Os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter, e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e a sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem (GEERTZ, 1989, p.66-67).

O ser religioso pode participar de uma denominação religiosa sem ter o *ethos* desta para si, porém não se despreza uma visão de mundo esperançosa. Quando se transfere para outra denominação religiosa e realmente ‘se encontra’, surgem situações de mudança de vida, de entrega, ‘agora sim estou na casa de Deus’ ou ‘cheguei em casa, na casa que tanto procurava’, como sustenta vários FC. É nessa exteriorização de crenças religiosas que o *ethos* se mostra pujante na reafirmação internalizada desse modelo de vida escolhido, retroalimentando-se. Pode-se dizer que a qualidade de vida de um ser religioso está diretamente proporcional à síntese desse *ethos*. Em outras palavras, sua vida ideal está sendo concretizada porque acredita, comprova e vive tais signos sagrados. ‘Sua visão de mundo está correta’ pois emocionalmente sente-se convencido. Como consequência, invocam-se “sentimentos morais e estéticos sentidos profundamente como provas experimentais da sua verdade” (GEERTZ, 1989, p.67). A exposição da FC1, vista anteriormente, representa esse *ethos* [existencial e moral] e sua visão de mundo:

Depois da cirurgia espiritual [com João de Deus], sem dores, minha vida ficou diferente, tudo parecia novo para mim. A Entidade me orientou a estudar a doutrina espírita. Fui disciplinada e educada pelo trabalho na corrente da Casa [de Dom Inácio] e pela oração. Por muitos anos estive orientada pelo médium João e as Entidades. [...] Tive a oportunidade de ser mãe mais três vezes e também adotamos mais uma criança. Realizei muitos trabalhos voluntários levando conforto aos doentes na forma de passe energético e a palavra de Deus (FC1).

O conteúdo manifesto do relato aponta, após a intervenção espiritual, um *ethos* repleto de novas perspectivas e condutas, ‘tudo parecia novo’, assevera a FC1. Uma nova pessoa, um ‘eu’ mudado. Possivelmente, a manifestação de um sentido maior sem explicação imediata impulsionava para uma nova visão não só de mundo, mas de universo, ou seja, a ordem de existência geral apontada por Geertz anteriormente. ‘A Entidade me orientou a estudar a doutrina espírita’. Depreende-se a partir dessa fala o quanto a vivência de experiências espíritas possibilitou uma nova identidade religiosa. Uma busca por inéditas posturas de vida. Por conseguinte, as preferências morais se clarificaram: trabalhos voluntários aos doentes, adoção de uma criança, formação profissional, estudo. Isto tudo não apenas mobilizou atitudes solidárias ao próximo, mas a si mesma, tendo posicionamentos de responsabilidade particular e coletiva.

A autoridade da visão de mundo alimenta o *ethos* que se torna real e este faz o mesmo àquela. É relevante mencionar que João de Deus se diz católico, todavia, quem orientou o estudo espírita foi a Entidade. Pode-se dizer que a visão de mundo espírita é mediata, pois, segundo Allan Kardec, são necessárias várias reencarnações para compreender as leis naturais [para o espiritismo, não necessariamente somente as leis físicas descobertas pelos humanos até hoje, mas as leis de Deus, consideradas eternas, contendo igualmente as leis morais]. As leis divinas contemplam as leis físicas – sobre a matéria bruta – e as morais; estas abrangendo as regras do corpo e da vida da alma (KARDEC, 1998). O ‘vivi intensamente’ dito pela FC1 provavelmente remeta ao entendimento dessas leis naturais-morais.

Como se evidencia, a interiorização dos símbolos religiosos possibilita a construção de novos comportamentos que se retroalimentam na cultura como um todo. Desta forma, Berger e Luckmann (2013), Setton (2008) e Geertz (1989) são unânimes no entendimento de que a religião é construtora de símbolos pujantes. Cada

um a seu modo observa a variabilidade de produtos simbólicos e de imagens materiais ou imateriais dos significados compartilhados na vida religiosa.

Diante dessa visão sobre cultura e força religiosa, é relevante retornar aos termos exteriorização, objetivação e interiorização de Berger (1985) e Berger e Luckmann (2013) no intuito de questionar sobre a simbologia e a linguagem. Seriam estes somente efeitos da interiorização ou pode-se dizer que são, de certo modo, ‘produto dialético’ das três categorias? Assim, tendo em vista as definições de exteriorização e interiorização, observadas anteriormente, seus aspectos serão adentrados. A objetivação foi observada no início deste capítulo, ao campo e aos sujeitos desse estudo, ou seja, à Casa de Dom Inácio de Loyola e aos[às] Filhos[as] da Casa.

Como se trata de uma interação dinâmica entre exteriorização, objetivação e interiorização, faz-se mister uma melhor concepção do papel simbólico – por ser este fruto dialético daqueles – não só na socialização como um todo, mas na visão de mundo religiosa em particular.

1.4 Os símbolos e suas construções

É importante contextualizar o ressurgir das pesquisas sobre simbologia no começo do século XX, um início atípico. Pairavam no ar múltiplas imagens: psicanálise, fim da Primeira Guerra Mundial e suas consequências, Surrealismo, superação do cientificismo comteano, crítica à racionalidade, fim do eurocentrismo [contudente constelação de imagens], censura à metafísica, fortalecimento da etnologia, utopia do comunismo e outras concepções que fortaleciam e ou enfraqueciam as sociedades.

Nesse cenário histórico, muitas pesquisas voltaram-se para imagem, imaginário, símbolo e simbolismo, principalmente devido aos resultados da psicanálise. Para Eliade (1991), a psicanálise trouxe o mérito de averiguar o inconsciente e suas manifestações simbólicas em ações, palavras e produções mentais. A investigação do mundo imaginário suscitou desconfiança caso a mentalidade primitiva utilizasse somente esse conhecimento na vida social¹⁵. Não

¹⁵ Muito desse preconceito adveio de James Frazer, antropólogo escocês, que morreu em 1941, seguidor da ‘Lei dos três estados’ de Comte. Para esse estudioso, as religiões arcaicas, juntamente com seus mitos e ritos, “não passavam de um monstruoso acúmulo de insanidades, crueldades e superstições felizmente abolidas pelo progresso racional do homem, de tanto ouvir quase sempre a mesma coisa, o público acabou por convencer-se disso [...]” (ELIADE, 1991, p.24).

tardou para se verificar que a suspeita tinha fundamento. Superada a prenoção, o símbolo começou a ser entendido “como modo autônomo de conhecimento” ou “instrumento do conhecimento” (ELIADE, 1991, p.05), sendo as imagens necessárias para a compreensão do mundo.

Sobre a definição de imaginário, Ruiz (2015) aponta ser impossível sua exatidão, devido ao fato de sempre desperceber algum aspecto ao limite explicativo. No entanto, ao dedicar-se à significação precisa, o autor ressalta que antes de possuir pensamentos, os bebês sonham imagens e assim constroem um mundo que lhes dê sentido. “Por meio das imagens significativas do mundo, vamos tecendo nossa identidade: somos a imagem do mundo, que de modo criativo refletimos em nossa interioridade e projetamos em nossa práxis” (RUIZ, 2015, p.23). Uma identidade, como se sabe, não consegue viver em oposições imagéticas sem respostas cabíveis, fazendo-se necessária certa ordem.

Não obstante, para Ruiz, imaginário e imaginação não se confundem.

O imaginário corresponde ao aspecto insondável do ser humano, em que se produz, além de todos os condicionamentos psíquicos e sociais, o elemento criativo; ele constitui o *sem-fundo* inescrutável da pessoa humana, que possibilita a imaginação e também a racionalidade como dimensões próprias do humano. A imaginação e a racionalidade são criações do imaginário, e ambas coexistem necessariamente, correferidas na dimensão simbólica inerente ao ser humano (RUIZ, 2015, p.25, grifo do autor).

Diante dessa reconciliação entre imaginação e racionalidade, restabeleceram-se a validade e a coerência intrínsecas no pensamento arcaico. No mito indígena “Itaja, o espírito da pedra” (SILVA, 2003, p.10), um menino quebrava pedras para matar passarinhos. Com o passar do tempo, ele adoeceu. O pajé curou o garoto e o fez entender que o espírito da pedra tinha se irritado, por isso ele havia adoecido. O menino poderia ir embora, mas não faria mais isso¹⁶. Essa estória, de cunho pedagógico, possibilita imagens lógicas entre traquinagem, doença e postura moral, instituindo tradição. Independente se a pedra tem espírito ou não – à semelhança do pensamento mágico – as crianças aprendem a generalizar imagens do respeito às coisas inanimadas, naturais.

¹⁶ Há semelhança com Jesus dizendo aos sofrendores: “vai-te, e não peques mais” (João 8, 11).

Inata à sociedade à qual o indivíduo está inserido, a coerência das imagens constitui blocos de realidade, fornecendo uma espécie de 'cola' das percepções isoladas que, no conjunto, engendram imagens verdadeiras dos fenômenos. Assim aconteceu aos mitos indígenas, gregos, egípcios, romanos ou outros e, na contemporaneidade, não é diferente.

Quando se substitui uma imagem por outra ou o mito do paraíso celeste pelo mito da ilha paradisíaca, não se destrói a gravura anterior, apenas as novas imagens ganham maior valor para quem imagina; isto dá à imagem uma característica multivalente. Pode-se dizer que a imaginação dos mitos ao longo da história humana, originados dos primeiros *homo sapiens*, formou novas imagens na constituição das realidades, prosseguindo, reformulando até erigir as concepções contemporâneas. Logo, as imagens são indestrutíveis. Para Eliade (1991), a sobrevivência indelével dos mitos comprova que "o símbolo, o mito, a imagem, pertencem à substância da vida espiritual, que podemos camuflá-los, mutilá-los, degradá-los, mas que jamais poderemos extirpá-los" (ELIADE, 1991, p.07).

Eliade (1991) é peremptório nesse ponto, ou seja, o pensamento simbólico, anterior à razão, desvenda aspectos da realidade e do conhecimento. "As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psique; eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: põem a nu as mais secretas modalidades do ser" (ELIADE, 1991, p.08). Dentre essas modalidades, emergem o inconsciente e os arquétipos. O inconsciente não é apenas uma dispensa de monstros sexuais reprimidos que os impulsos instintivos alimentam, mas também um lar de deuses e heróis. Ele cria arquétipos polivalentes: o paraíso perdido; a 'imagem da mãe' que dá nascimento à 'mulher perfeita' e a haréns celestiais; a 'origem das coisas'; a 'nostalgia da unidade primordial'; a 'realidade última e verdadeira'; a 'bondade plena'; 'quedas irreversíveis' e muitos outros derivados. Além das dissensões que tais imagens podem causar, vive-se e morre-se por elas.

À vista disso, não é difícil concluir que o imaginário equipa a mente humana com estruturas 'substanciais', produzindo símbolos mutantes em suas aparências, mas alimentados por fontes perenes. Logo, à miríade de mitos existentes no passado e no presente comprova-se tal ideia. Deste modo, o humano que acredita ser o mais racional possível, coroado de títulos científicos, sabedor de conhecimentos eruditos, testados nos mais excelentes laboratórios, adepto de protocolos imaculados e outros *status*, desconhece a força das imagens. Para Eliade (1991), "a mais pávida das

existências está repleta de símbolos, o homem mais ‘realista’ vive de imagens” (ELIADE, 1991, p.11-12, grifo do autor). Para os que não enxergam, deve-se levantar as máscaras ou tirar os antolhos.

Sobre a potência imagística na religião, as pesquisas feitas pela antropóloga e linguista Felicitas G. Goodman testemunham que o ritual religioso é uma espécie robusta de comunicação; talvez a comunicação mais exaltada (GOODMAN *apud* GREENFIELD, 1999). “No seu desenrolar, a informação sobre a outra realidade, com suas forças misteriosas e seres poderosos, é transmitida aos participantes” (GREENFIELD, 1999, p.135). Além dos padrões de pensamento, o ritual – repleto de imagens – modifica o ser. Para quem está iniciando um rito de passagem,

Tanto ensina aos neófitos como pensar com algum grau de abstração sobre o seu ambiente cultural [e as forças existentes nele], como também lhes fornece os padrões definitivos de referência. Ao mesmo tempo, mudam-lhes a natureza, convertendo-os em outros tipos de seres humanos (TURNER *apud* GREENFIELD, 1999, p.135).

Por conseguinte, encontra-se equivocado quem afirma haver necessidade da linguagem verbal ou conceitual. Göran Aijmer certifica que na interação das pessoas, estas se servem de imagens e, às vezes, devido as suas fortes imagens, elas não são captáveis em termos linguísticos. Para Aijmer, “as imagens se fazem conhecer a si mesmas através das instituições culturais, não através do pensamento reflexivo. A imagística, especialmente na forma de ícones estáveis, estrutura e sustenta o discurso oficial” (*apud* GREENFIELD, 1999, p.135-136). Esse fluxo simbólico não necessariamente tem fundamento cognitivo, mas intuitivo. Não está na memória ao nível da resposta do ‘que dia foi ontem?’. “Ele parece operar mentalmente mais como gravuras visuais do que como formulações verbais e sua semântica depende da presença simultânea de elementos que são em si mesmo imagens” (AIJMER *apud* GREENFIELD, 1999, p.136). Dessa maneira, a imagística religiosa fornece uma espécie de competência social introduzindo valores morais de integridade, ordem, sacralidade, outros e, por fim, a divindade.

O antropólogo Greenfield denominou esse ‘local imagístico’ de ‘realidade alternativa de cultura’, sendo capaz de fazer registros imperceptíveis, em que a consciência é dispensável, prevalecendo a ordem sugestionada. Para tal autor, ao contemplar a cura espiritual, o doente emite sinais em resposta ao ritual religioso,

adentrando na realidade alternativa de cultura, propícia em estados alterados de consciência, hipnose e sono, sob efeitos anestésicos. Dessa forma,

Os conhecimentos embutidos na sua compreensão das coisas sagradas, muitas vezes em forma de imagens que incluem a causa eficiente da doença e da sua cura, sejam comunicados como informação, isto é, decodificada da cultura através da mente ou da psique do indivíduo para o sistema nervoso autônomo, o sistema endócrino, o sistema imunológico, etc. (GREENFIELD, 1999, p.137).

Assim sendo, segundo Greenfield (1999), as intervenções espirituais e físicas realizadas por médiuns como João de Deus, as quais possuem pouco sangramento, são indolores, não apresentam infecções e têm rápida recuperação pós-intervenção; elas ocorrem 'dentro' da realidade alternativa de cultura, em que os rituais transmitem sinais comunicados e captados, normalmente, em forma de imagens, bem como por meio de expressões verbais.

No entanto, sabendo da influência da imaginação no organismo, ainda restam dúvidas sobre essa realidade alternativa de cultura diante da comunicação apresentada pela FC8:

[...] então a ciência tem uma explicação, só que assim, essa coisa do kardecismo que eu tinha de tipo: 'tá, mas e?' Isso eu parei, parei de fazer porque aconteceram comigo coisas que assim não têm explicação. As curas que aconteceram, as situações que eu passei... Eu penso assim, que hoje a gente pensa com coração, não pensa mais com a mente. O que eu entendo assim: o amor não é explicável, não tem como explicar amor, não tem como explicar esse sentimento, sabe? E eu te digo, eu era muito chata, eu incomodei muito aqui [na Casa. Risos], incomodei muito; eu era muito questionadora na corrente. E depois, chegou em um ponto que meu pai [médico no sul do país]... eu e meu pai. Lembro que a gente estava lá na frente olhando as cirurgias e aí meu pai falou para mim, no meu ouvido: 'e esse aí, ele corta o povo lá dentro, depois ele vem aqui e diz que isso acontece espontaneamente'. Aí a Entidade chegou na frente do meu pai e disse assim: 'vocês dois, hoje à tarde quero vocês na sala de cirurgia de pé com os olhos abertos' [risos], e aí ele pegou aquele porta agulha dele que tem algodão e **botou** na água e enfiou na minha boca e disse: 'o que é isso minha filha?'; 'É água', aí ele pegou de novo e fez assim [na boca] e disse: 'e agora?'; e eu não conseguia falar porque eu fiquei toda anestesiada na boca. Aí à tarde, a gente veio para sala de cirurgia, a gente ficou de olhos abertos e ele pegou me chamou, levou pessoas, na época ele escolhia voluntariamente, aleatoriamente, você e você e você, levou 9 pessoas e **botou** contra uma parede e aí ele pegou uma agulhinha enfiou na mão de uma senhora e atrás dela e levantou, estava sangrando aqui na coluna e ele levantou a blusa de cada pessoa, cada um tinha um corte em um lugar. ...E ele disse: 'vocês viram eu cortar alguém lá dentro?' Claro

que não, não tinha, ninguém mexeu em ninguém e daí ele disse: ‘pois é’, daí ele chamou meu pai mostrou umas cirurgias lá, aquelas que fazem no nariz, aí ele ainda martelou, **botou** no ouvido e martelou, ele disse para meu pai: ‘se você fizer isso em seu paciente o que acontece?’; ele disse: ‘eu mato ele’ [risos]. ‘Pois é filho, porque aqui não é na matéria que faz isso’. E assim, ele foi nos mostrando com muita paciência... Eu lembro que um dia também meu pai estava ali, ele me chamou, chamou a mim e meu pai também, pegou e cortou uma pessoa, uma senhora que estava contra a parede, cortou ela e saiu caminhando e me deu uma agulha e disse: ‘agora você costura’. Aí eu pensei: ‘Costurar?’ Peguei o **troço** lá e o **troço** não... e eu não conseguia enfiar aquela agulha e não conseguia e não conseguia e aquele **troço** começou a sangrar. E aí do lado tinha um senhor que se chamava Tiãozinho e ele disse para mim: “Costura de uma vez” e meu pai ali olhando e eu falei: ‘eu não consigo, o **troço** parece que virou uma pedra’ [risos] e a Entidade voltou e veio assim em mim e disse: ‘Então, não conseguiu?’ Eu falei: ‘não’, ele disse assim: ‘você é filha de médico ou não é?’ [risos]. Eu falei: ‘meu pai é médico, eu não sou’. Ele falou: ‘você não tem fé, você não tem fé’, aí ele chamou minha amiga, ela é enfermeira e disse: ‘filha, costura’. Ela foi lá e **tec tec tec**, costurou; ela tinha muita fé! Aí [risos], aí ele ficou me olhando tipo assim, com uma cara de... [risos]. Aí meu pai já ficou meio invocado: ‘o quê que é isso? Uma coisa dessas?’. Mas assim foi, a gente tem muita, muita... a gente enfrentou muita coisa, foram muitas situações assim. O que eu te falei são fenômenos físicos, mas o mais importante que acontece eu acho, é o que acontece dentro da gente quando faz uma cirurgia (FC8; grifos de ênfase).

Ainda nesse contexto, poder-se-ia abordar e contemplar muitas imagens evocadas pelo FC8. No entanto, as que ficaram registradas com mais veemência foram: o médium captou o que o pai e a filha cochicharam como rejeição e depois solicitou que os dois comparecessem no período da tarde para testemunharem o contrário, ou seja, apenas uma pessoa com agulha introjetada, porém, nove sangrando. No momento da manhã, o médium introduziu um chumaço de algodão embebido em água fluidificada e a moça ficou com a boca adormecida, não conseguindo falar. Sabe-se que os simbolismos religiosos são imagens na mente humana, possibilitando a criação da noosfera¹⁷, porém nem mesmo a ‘realidade alternativa de cultura’ parece responder aos ocorridos, que não se passaram apenas na mente imagética, mas na realidade empírica. Doença, cura espiritual, ações físicas

¹⁷ Originada do grego *nous* – pensamento – e do latim *sphaera* – esfera ambiental – a noosfera foi engendrada a partir da capacidade de pensar e raciocinar do *homo sapiens*. Para Teilhard de Chardin, “o que se refere à *noosfera* é a ‘camada’ pensante a envolver a Terra, formando um ‘reino’ distinto da biosfera – camada viva não pensante – embora sustentado por esta” (SANTOS, 2011, p.11, grifos do autor).

e instrumentos cirúrgicos ainda continuam a desafiar a mente dos pesquisadores na Casa, seja imagetivamente ou por outro meio.

Contudo, por ser inescapável à vivência simbólica, é notório que cada era constitui o acúmulo das imagens do passado em tensão com as imagens do presente, o que leva o humano a ser condicionado – porém, não determinado – num contexto histórico. Todavia, mesmo havendo uma hegemonia de imagens situadas no centro da sociedade, como alerta Eliade (1991), não se deixa de haver imagens periféricas a circular o núcleo.

Sendo assim, há ‘modas de pensamento’ que favorecem ou prejudicam a compreensão do objeto estudado. Por exemplo, dependendo do momento histórico, a suposição do que sejam os objetos doença-cura podem levar a imagens positivas ou negativas desse binômio. Como tais objetos passam a ser fenômenos, isto é, modos de se revelarem e manifestarem-se a nós, eles “são cunhados como uma medalha pelo momento histórico que os viu nascer” (ELIADE, 1991, p.27), sem, contudo, responderem por completo. O que leva a concluir que o tempo e a história humana moldam a imaginação do objeto, não havendo objeto ‘puro’ ou conhecimento imutável e último; por consequência, aparentemente, tendo a realidade alternativa de cultura respondido por completo.

A contextualização histórica da simbologia da cultura ocorre sobretudo devido à linguagem exteriorizada e interiorizada nas relações. Como visto anteriormente, Berger e Luckmann (2013) frisam ser a linguagem o elemento fundamental na criação de esquemas interpretativos. E, como é possível deduzir, tais esquemas interpretativos podem ser reflexo da imperfeição da linguagem, segundo Eliade (1991).

Diferente de outras instituições humanas, a religião exterioriza aspectos sagrados vinculados a algo ou a um ser maior – considerado transcendente e causador do princípio absoluto – este ser é Deus, para as religiões cristãs, porém, outras religiões monoteístas o denominam de forma distinta, dando-lhe novas imagens, sentidos e características. Essa crença e credos derivados exteriorizam símbolos potentes, os quais serão analisados.

1.4.1 Vigoroso simbolismo religioso

Eliade (2008), em suas investigações, alerta para o fato de estudar a religião ‘por dentro dela’, isto é, de se ater ao que os fatos religiosos presenciados revelam e ao que é possível interpretar dos mesmos. Assim, quando não se é secularista em demasia, nem religioso em excesso, pode-se apreender sua característica sagrada. Por outro lado, todo e qualquer fenômeno religioso está imbuído de aspectos das diferentes áreas humanas [psicologia, economia, arte e outras] sendo impossível separá-los entre si e da interpretação humana carregada de simbologias.

Da mesma maneira, um fenômeno religioso somente se revelará como tal com a condição de ser apreendido dentro da sua própria modalidade, isto é, de ser estudado à escala religiosa. Querer delimitar este fenômeno pela fisiologia, pela psicologia, pela sociologia e pela ciência econômica, pela linguística e pela arte, etc é traí-lo, é deixar escapar precisamente aquilo que nele existe de único e de irreduzível, ou seja, o seu caráter sagrado. É verdade não existirem fenômenos religiosos ‘puros’, assim como não há fenômeno único e exclusivamente religioso. Sendo a religião uma coisa humana, é também, de fato, uma coisa social, linguística e econômica – pois não podemos conceber o homem para além da linguagem e da vida coletiva. Mas seria em vão querer explicar a religião por uma dessas funções fundamentais que definem o homem, em última análise (ELIADE, 2008, p.XVIII, grifo do autor).

Mesmo circunscrita ao mundo humano, a religião apresenta elementos que fogem ao lado especificamente do homem, ou melhor, apresenta aspectos sagrados, separando a pessoa destes. A própria etimologia da palavra sagrado remete o indivíduo ao externo: “sagrado é derivado do adjetivo latim *sacer*, ‘separado’ ou dedicado ao uso religioso, especialmente a Deus, santo” (CHAMBERS *apud* VAILATTI, 2016, p.21). Dessa maneira, geralmente, sagrado é oposto ao profano. Ao sagrado pertencem os seres divinos, objetos, atos humanos e símbolos que, por convenção, são aí colocados, dependendo do grupo social em contexto. Para Foley, “o *homo religiosus* é *homo symbolicus* – a pessoa religiosa é uma pessoa que usa, possui e opera o símbolo” (FOLEY *apud* VAILATTI, 2016, p.22). Logo, vivendo numa teia de símbolos sagrados, o humano religioso pode venerar:

altares, santuários, comidas, perfumes, lugares, capelas, templos, amuletos, colares, livros. E também gestos, como os silêncios, os olhares, rezas, encantações, renúncias, canções, poemas, romarias, procissões, peregrinações, exorcismos, milagres, celebrações, festas, adorações. E teríamos de nos perguntar agora acerca das propriedades especiais destas coisas e gestos, que fazem deles

habitantes do mundo sagrado, enquanto outras coisas e outros gestos, sem aura ou poder, continuam a morar no mundo profano (ALVES, 1986, p.22-23).

Essa ‘propriedade especial’ que inquirir Alves (1986) pode ser justamente o que Ruiz (2015) assevera do símbolo como um todo, mas que aqui é apresentado ao símbolo religioso em particular. Para Ruiz (2015), o “símbolo infunde *anima* ao mundo. Sem o simbolismo, o mundo seria um corpo *des-animado*, sujeito a meras dissecações analíticas e a objetivações lógicas, supondo que pudessem existir ambas as dimensões de modo independente”¹⁸ (RUIZ, 2015, p.107, grifo do autor). Nesse contexto, com intenção de ratificar essa ‘força’, como visto anteriormente, o antropólogo Geertz (1989) menciona que a religião fornece símbolos que despertam poderosas disposições mentais e motivações de vida e ordem universal.

É importante destacar que Ruiz (2015) contempla *anima* e Geertz (1989), *poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações*. Poderiam os dois autores estarem usando palavras diferentes para o mesmo fenômeno, isto é, ambos almejavam verbalizar a força da simbologia religiosa? Aparentemente sim. No entanto, Ruiz (2015) aprofunda e fornece ‘o como’ essa força simbólica acontece. Para ele, o símbolo é a ponte entre o eu e o mundo material; o símbolo liga e ‘re-liga’ o eu ao outro.

O eu e o mundo se ligam, interpenetrando-se vitalmente, isto é, religando-se. Pessoa e mundo se religam numa conexão real [simbólica], que constrói pontes de vitalidade significativa entre ambos os lados. O sentido realiza uma recriação do mundo; nele as coisas adquirem uma função, um valor, um *techne*, que as insere num outro estágio compreensivo (RUIZ, 2015, p.108, grifo do autor).

Ao demonstrar uma hipótese bastante razoável, Ruiz (2015) declara que a força do símbolo se ‘esconde’ na representação que um sujeito possui daquilo que o grupo social diz ser realidade. A ‘coisa’ que a representação evoca traz em si mesma sua realidade, uma realidade irreduzível para quem ‘representa’ e para todos que

¹⁸ Faz-se menção à teoria dos ídolos de Francis Bacon, para quem os ‘símbolos animados’ ou ídolos mentais são muitas vezes causas de erros e preconceitos. Para ele, havia quatro tipos de ídolos aos quais se pode apegar: **ídolos da tribo** [generalização apressada dos sentidos: ‘quem enxerga espíritos sofre de disfunção mental’]; **ídolos da caverna** [baseia-se na experiência pessoal: ‘Só leio texto filosófico, sei do que falo’]; **ídolos do foro, ou mercado** [entendimento fechado do senso comum: ‘sinto que estou certo, se a ciência diz o contrário, nada tenho a ver com isso’] e; **ídolos do teatro** [aceitação de dogmas e métodos inadequados: ‘todo câncer em estágio IV não tem cura’]. Tais ídolos são símbolos de apreensão cognitiva repletos de ânimos e certezas. Para maiores informações, consultar a obra *Novum organum*, de Francis Bacon.

concordam com ela. A coisa representada é o próprio ser da coisa¹⁹. “As representações não são algo diferente do ser; elas são as formas, diversas e plurais em que o ser se manifesta. É o caráter *realizativo* do real. *O modo como algo se apresenta a si mesmo forma parte de seu próprio ser*” (RUIZ, 2015, p.112, grifos do autor).

Por se tratar de seres sagrados, os religiosos elaboram representações que, através da socialização, infundem *anima* ou vigorosas disposições naqueles socialmente influenciáveis²⁰. O ‘grau de *anima* ou disposição’ que cada um traz consigo também é – mas não completamente – reflexo da socialização recebida. A maioria das famosas figuras impressionantes da religião cristã assim demonstram: Francisco de Assis, Joanna d’Arc, Madre Teresa de Calcutá; no Brasil, especificadamente, Frei Damião, Chico Xavier; em Goiás, Padre Pelágio, João de Deus e muitos outros. Estes e outros ‘exemplos fortes’ atravessam décadas ou centenas de anos. Ao volver os olhos ao percurso histórico da humanidade, verifica-se que tais disposições religiosas não perpassaram por milênios de forma aleatória ou indiscriminadamente.

Dessa forma, se a religião está imbuída dos aspectos das várias áreas humanas, se nela há concepções consideradas sagradas, se possui propriedades especiais fornecidas pelos símbolos – infundindo *anima* ao mundo – e se a força do símbolo a faz tornar real, representando o que ela pode ser; tais qualidades não seriam possíveis sem a linguagem. Paraphraseando Eliade, não que não existam fenômenos única e exclusivamente linguísticos; sem a linguagem todo esse mundo de sentidos poderia ser menor e carente. Sendo assim, qual a real importância da linguagem?

¹⁹ A ideia de que o ‘símbolo é a coisa’ ou de que conhecendo sua construção é possível desconstruir, pode ser a chave para se libertar de muitas violências individuais ou sociais, originadas de representações ou ‘palavras mal-ditas’ em contextos diversos, com maior destaque para o âmbito religioso. Como exemplo, a erupção da perseguição aos terreiros de umbanda e candomblé, principalmente na Bahia e no Rio de Janeiro em 2017 são reflexos de intolerância religiosa por parte de grupos neopentecostais (VIOLÊNCIA, 2017, p.08).

²⁰ Compara-se algumas diferentes crenças religiosas entre si, desde crenças simples sobre o sagrado até situações que raiam o insensato. Contudo, insensato para o observador, como, por exemplo, em uma ilha da Indonésia, Celebes, os nativos jogam fora os frutos azarentos pois são prenúncio de morte na família, ou de que a pessoa devia estar nua ao semear a terra na Finlândia (ELIADE, 2008).

1.5 A linguagem construindo verdades e realidades

Ao buscar o significado de linguagem em Wittgenstein – no chamado segundo Wittgenstein – faz-se uso da dedução, pois o autor, citando Santo Agostinho – teórico referencialista da linguagem – e abordando uma espécie de essência da linguagem, indica o tipo comum de compreensão desta para depois criticá-la:

[...] as palavras da linguagem denominam objetos – frases são ligações de tais denominações. Nesta imagem da linguagem encontramos as raízes da ideia: cada palavra tem uma significação. Esta significação é agregada à palavra. É o objeto que a palavra substitui (WITTGENSTEIN, 1999, §1).

Para o filósofo e linguista Wittgenstein, é impossível se ater à linguagem somente como expressão dos objetos existentes, visto que para muitas palavras não há objetos, como normalmente mostram as linguagens religiosa, ética e a estética. Por não ser possível praticar regras universais de sintaxe, as proposições expressas nas comunicações obedecem a acordos tácitos com suas simbologias quase unívocas em contextos específicos, os quais o filósofo denominou jogos de linguagem. Analogamente, jogo de linguagem emerge como uma condição familiar entre signos e significados aparentados.

Diante disso, questiona-se qual seria a relação existente entre signo e significado ou entre nome e denominado, segundo Wittgenstein? Há inúmeras possíveis; “[...] essa relação pode, entre muitas outras coisas, também consistir no fato de que o ouvir um nome evoca-nos a imagem do denominado perante a alma [...]” (WITTGENSTEIN, 1999, §37), porém, a imagem do denominado em nada garante a significação semelhante, mas várias possibilidades.

Para uma comunicação mais profícua, é importante “não apenas um acordo sobre as definições, mas [por estranho que pareça] um acordo sobre os juízos” (WITTGENSTEIN, 1999, §242). Esses acordos entre as proposições afastam possíveis distorções na comunicação simbólica do ser humano. Eis um exemplo da importância do acordo entre juízos, dito por um palestrante na Casa de Dom Inácio: “Aqui é um pedacinho do céu na Terra, uma Casa de amor. Aqui tudo é energia, energia que cura, que equilibra” (DIÁRIO DE CAMPO, 11.01.2018). Cada palavra, separadamente, é compreensível, porém, ao aglutiná-las nesse juízo, esperando compreensão, podem ocorrer distorções, não só devido à falta de definição de conceitos, mas porque os juízos podem não estar de acordo com o discernimento do

‘interlocutor’. Daí a importância em saber o contexto do discurso, como bem salientou Meurer e Dellagnelo (2008), ou seja, nesse caso, a Casa de Dom Inácio.

Assim sendo, viver em sociedade é viver se comunicando e expressando-se por meio da linguagem, mas não a linguagem dos animais, pois estes, para Ruiz (2015), possuem uma linguagem funcional, enquanto o humano tem uma simbólica. A linguagem funcional indica signos instintivamente definidos na adaptação ao meio ambiente e na busca pelas satisfações vitais. Desta forma, os animais se comunicam para alimentar, reproduzir, fugir, defender-se e outros; não há criação de imagens nem fecundações simbólicas. O animal vive a realidade imediata. Ele “não tem possibilidade de representar a realidade, como algo diferente de si. As coisas são sempre *apresentadas*, nunca *representadas*” (RUIZ, 2015, p.132, grifo do autor).

Representar significa mostrar algo como ‘reflexo/significado’ de outro: um som que indica uma música ou um ser; uma palavra que evoca uma imagem ou um som, o qual é um símbolo que faz surgir uma imagem e esta, por sua vez, é igualmente um símbolo na mente. Assim, viver a linguagem simbólica significa representar em sociedade humana. Para Ruiz (2015),

A representação produz o simbólico, uma característica intrinsecamente humana. Esta disposição representativa provocou a ruptura do instinto animal para a autoconsciência humana. Na imagem significativa encontra-se a singularidade humana, pois para o ser humano, a *linguagem é a casa do ser* [Heidegger] (RUIZ, 2015, p.132, grifo do autor).

Para compartilhar concepções em sociedade, o humano precisa da linguagem assim como a ave necessita das asas. Como exemplo histórico das ciências sociais, as meninas-lobo Amala e Kamala, encontradas em uma floresta da Índia, não possuíam linguagem humana; viviam e reagiam como animais, expressando uma condição aquém do mínimo para a convivência humana. O que leva a inferir que elas não eram humanas; possivelmente tinham potencialidades para, mas não eram devido à ausência da linguagem simbólica. Se a linguagem é o lar humano, como indica Heidegger, elas moravam fora da casa.

Segundo Ruiz (2015), a cultura é a solidificação da linguagem que nos faz voltar a si mesmos para recodificar a linguagem em novos sentidos. “Na hora de nos expressar, a linguagem adquire uma conotação pública que a transforma em significação sócio-histórica, a qual passamos a denominar de língua particular de uma sociedade” (RUIZ, 2015, p.133). Na coletividade, a língua expressa ou representa a

realidade, formando uma teia de significados e sentidos para o grupo social que a produz. Assim, como aponta esse autor, a linguagem possui duas características: criatura e criadora do social. Como criatura, recebe da cultura um amontoado de sentidos prontos e acabados; como criadora, sua singularidade adquire independência para produzir possibilidades de novas comunicações e interações.

Para as pessoas que não frequentam a Casa de Dom Inácio ou lugares que utilizem linguagem semelhante, quiçá este tipo de fala a seguir possa parecer estranha ou incompreensível, porém possui sentidos e significados espirituais àqueles que estudam suas causas e seus efeitos:

Talvez nem apareça mais ou, às vezes, tu nem tem que passar por uma doença, mas tu passa, porque tu saiu fora do teu caminho. E é isso que eu digo, eles [os espíritos, as Entidades] sabem disso, eles conhecem o nosso passado. Eu sempre falo para o pessoal na corrente: 'as Entidades daqui, os médicos, os enfermeiros, todos os professores do espaço, eles conhecem o nosso passado, conhecem o nosso presente, conhecem o nosso futuro, as possibilidades que a gente tem no nosso futuro'. Eles têm todo um acesso nosso para achar, a caixa que a gente fala, então assim... A caixa que a gente fala é aonde ficam todos os registros, uma espécie de caixa preta do espaço. Então fica tudo lá registrado. Então eles têm acesso a isso, por isso que eu entendo também quando ela [a Entidade incorporada em João de Deus] fala assim: 'eu vou olhar, eu vou ver', eu sempre digo para o pessoal, eles têm uma reunião entre eles lá em cima, com as altas hierarquias. E vão ver quais são as condições que a gente tem de ficar melhor, se existe uma possibilidade para a gente. Por isso que às vezes ele fala: 'volta de tarde, eu vou ver'. Às vezes eles precisam desse tempo, é que nem o médico: 'não, eu preciso de tais exames para tirar uma conclusão maior'. E eu entendo assim, aqui é uma imagem muito pobre do plano espiritual, aqui a nossa parte física. Então lá, imagina assim, os caras têm toda uma hierarquia, têm toda uma organização que aqui a gente tem, mas não tão organizada quanto eles, por isso que é difícil para eles, eu acho, de explicar muitas coisas para a gente porque a gente não tem condições dentro ali (FC8).

Possivelmente, o motivo da narração dessa FC pressupõe algumas crenças comuns à Casa: a justificação por não ter sido curado da doença; a causa da demora pela cura; a inevitabilidade da doença; a necessidade de inéditos comportamentos; e outros. Independente de qual suposição esteja correta, seja sobre a causa da doença ou do efeito da cura, a linguagem revela-se criatura e criadora; e a possibilidade de novas interações linguísticas apontam que a casa do ser está em expansão, um caminhar que não necessariamente tem rota definida ou apropriação renunciada. Para Heidegger,

A linguagem foi chamada de a 'casa do ser'. Ela abriga o que é vigente à medida que o brilho do seu aparecer se mantém confiado ao mostrar apropriante do dizer. Casa do ser é a linguagem porque, como saga do dizer, ela é o modo do acontecimento apropriador (HEIDEGGER, 2003, p.215).

Desse modo, para qualquer pessoa, o acontecimento apropriador, como qualquer vivência, pode ser algo pequeno ou grande dependendo da interpretação linguística de quem o apropria. Essa versão como aponta Heidegger (2003) não necessariamente segue uma linha lógica – a lógica entendida filosoficamente, ou seja, a explicitação, sistematização e validade de princípios e categorias – mas um direcionamento em que pensamento e descrição poética podem expressar pragmaticamente o objeto, independente do conhecimento do interlocutor.

Destarte, cabe fazer menção a duas passagens nietzschianas. A primeira: “não há fatos, somente interpretações” (CAMARGO, 2008, p.107). Esta mostra que as versões discursivas sobre as realidades podem variar, igualmente, de acordo com aquilo que se entende por fato ou verdade; o que leva à segunda – parece que Nietzsche tinha razão ao afirmar: “O mundo verdadeiro – é alcançável? De todo modo, inalcançado. E, enquanto não alcançado, também desconhecido. Logo, tampouco salvador, consolador, obrigatório: a que poderia nos obrigar algo desconhecido? [...]” (NIETZSCHE, 2008, p.31-32). Assim, o que seria o verdadeiro para Nietzsche? Algo que Platão inventou para afastar o homem desse mundo, não passando, portanto, de uma fábula. Como a verdade é uma versão que afasta o homem desse mundo, a realidade – no fundo, o que se entende dela –, mesmo corroída, é aquela que passa a ditar as legitimações da linguagem no consenso coletivo.

Para Nietzsche, o ser humano vive uma fábula dada pelo consenso social, ou seja, ele existe nos pensamentos herdados da tradição; e constrói novos edifícios de linguagem se pautando por aquilo que entende de realidade, uma realidade sempre instável e esfumaçada. Logo, parece que o humano vive uma metáfora, pois, conforme Kant, ele apenas tem contato com o mundo fenomênico traduzido para ele e por ele; nunca se tem reflexo da coisa em si [o *nôumemo*].

Nessa mesma linha de pensamento, para o filósofo Vattimo, a realidade “é mais que o resultado do cruzamento, da ‘contaminação’ [no sentido latino] das múltiplas imagens, interpretações, reconstruções que, em decorrência entre si ou, seja como for, sem qualquer coordenação central [...]” (VATTIMO, 1992, p.13, grifo do

autor). Assim, é inconcebível que a realidade não exista, mas que ela seja fruto passageiro dos discursos e ações coletivas.

No entanto, sem se reduzir a um solipsismo relativista, não se pode desmerecer toda a socialização herdada como os acontecimentos empíricos na trajetória humana. Se a relação entre linguagem e concretude é dialética, a própria linguagem também é fruto dessa relação, sem menosprezar os fatos, mas alterando visões e versões. Igualmente, não se deve ignorar que tais socializações sejam também interpretações da realidade, a qual vai sendo construída cotidianamente. Ademais, as linguagens refletem 'verdades' provisórias, que apesar de serem contingentes, são verdades, pois a casa do ser não é ilusão. Assim, internos à Casa de Dom Inácio, há inúmeros símbolos religiosos, muitos deles expressos verbalmente. É justamente por essa 'linguagem' que se adentra à Casa, pela presença da interiorização e exteriorização. Após estes, analisar-se-á a objetivação.

1.5.1 Interiorização e exteriorização na Casa de Dom Inácio de Loyola

Como estruturas objetivas da sociedade que se subjetivaram, a interiorização abarca os simbolismos os quais estão alojados na mente humana. Os discursos sociais passam a ser não só reflexos dessa interiorização, mas igualmente elementos estruturantes de novas interiorizações. Já a exteriorização abrange ações humanas observadas. Quando se faz um discurso, a interiorização se exterioriza, possibilitando uma relação dialética.

Na Casa de Dom Inácio, o grande símbolo divino é Deus. O médium João, ao subir ao palco da Casa, agradece a presença de todos e assevera, sendo uma fala frequentemente expressa: "Eu não curo ninguém, quem cura é Deus" (PROGRAMA, 2018, s/p). Correntemente, ele se concentra pela 'prece de Cáritas', e em poucos segundos começa a chorar, estremece seu corpo, muda sua fisionomia, chama alguém para fazer uma ou outra intervenção física, dar algum recado e retira-se para sua sala de atendimento [pode acontecer o contrário, ele atender internamente, depois vir ao palco]. Em seguida, surge uma série de linguagens proferidas por outros palestrantes ao grande público no início do dia de atendimento. Sobre os símbolos, é relevante notar:

Uma mulher inicia com uma prece improvisada solicitando a Deus e aos cavaleiros da luz, paz, amor e equilíbrio. Após isto, começa o 'pá-nosso e ave-maria', e termina pedindo para a espiritualidade ajudar a

se libertar das expectativas e ansiedades, desacelerando o coração. 'Sejam todos bem-vindos'. Vem outra mulher e fala a mesma coisa em inglês e francês. Em seguida, passa a explicar sobre as intervenções [até 9 intervenções] e, em decorrência, evitar por 24h celular, TV ou qualquer aparelho eletrônico, qualquer tipo de esforço e sol. Sendo hora do repouso (DIÁRIO DE CAMPO, 08.12.2017).

Nessa primeira fala proferida, percebe-se a construção e veiculação de inúmeras simbologias. A prece improvisada, solicitando paz, amor e equilíbrio mostra, às pessoas presentes no recinto, os grandes valores que se buscam comumente e que são importantes na Casa de Dom Inácio. Concebe-se que tais valores são solicitados para si, independente se são encontrados no mundo externo ou não, mas considera-se trazê-los para o mundo interno, para vivenciá-los na vida subjetiva. As orações do pai-nosso e da ave-maria, herdadas da tradição cristã, denotam Deus, Jesus e a Santa Maria como mentores espirituais de grande liderança e convencimento. No entanto, mesmo que na oração da ave-maria aponte essa senhora como sendo mãe de Deus, para o espiritismo – doutrina estudada por muitos na Casa –, Deus não é Jesus, como geralmente se entende a santíssima trindade. Os espíritas consideram Jesus um espírito como qualquer outro, porém superior na condição de modelo e guia. Para o espiritismo, a confusão com a trindade deve-se às sutilezas da teologia católica, à influência do bramanismo, à má tradução do latim e aos interesses do Estado. Para Xavier, “[...] em face da invasão dos povos considerados bárbaros, se apressaram, no poder, em transformar os ensinamentos de Jesus em instrumento da política administrativa, adulterando os princípios evangélicos” (XAVIER, 2007, p.90, questão 264).

Sobre o libertar-se das expectativas e ansiedades enunciadas pela palestrante – visto que tais características são prejudiciais –, há um pedido expresso endereçado às Entidades, ela supõe proferir que é difícil encontrar sozinho tais estados de emancipação, requerendo, por conseguinte, ajuda. Em um dia diferente de participação etnográfica, a mesma palestrante assegurou que a expectativa “é uma maneira de você desejar fortemente que o mundo seja do seu jeito; uma espécie de controle, de poder. Faz-se urgente que você pare de querer controlar” (DIÁRIO DE CAMPO, 07.02.2018). Não é difícil supor que tal vivência de expectativa resulte em ansiedade. A ansiedade está ligada à insônia, irritabilidade, déficit de atenção seletiva, perturbação do entendimento e do raciocínio, possibilitando comorbidades e desesperança, entre outros sintomas (GAVIN, 2013). Por outro lado, a solicitação de

desacelerar o coração, além de se desligar da vida agitada nas grandes cidades, talvez informe, nas entrelinhas, que há coisas que não podem ser alcançadas ou que não podem ser realizadas – sendo a expectativa inútil.

Assim, recomendada certa aceitação das vicissitudes da vida, a palestrante apresenta a Casa de Dom Inácio como um espaço ecumênico; ela recebe os visitantes com a fala: ‘sejam todos bem-vindos’; asseverando que independente de qual religião se tenha – se a tem – não importa, visto que todos os humanos passam por sofrimentos ou vivem provas e expiações que lhes cabem; além disso, não se revela a origem econômica, social, étnica ou advinda de outro preconceito, pois se está ali aprendendo a amar melhor²¹.

O fato de haver pessoas voluntárias e tradutoras dos discursos e enunciados para outras línguas, no caso o inglês e o francês – em dias diferentes [houve também tradução para o alemão] – demonstra a preocupação da Casa de Dom Inácio com as pessoas estrangeiras que visitam o recinto. Guterres (2013) aponta que 60% dos frequentadores da Casa são estrangeiros, com predominância de franceses, ingleses, suíços e austríacos. A mesma autora anuncia que a presença destes se deve principalmente à cura de doenças física, psíquica e ou espiritual. Em entrevista, um desses turistas disse sobre a Casa: “há uma energia que transcende e penetra em nosso ser transformando o modo de ver as coisas” (*apud* GUTERRES, 2013, p.53). Acerca dos visitantes estrangeiros, um deles, um senhor norte-americano se submeteu a uma sondagem nasal [operação espiritual-física], desejando descobrir se Deus existia. Quando a lâmina entrou em sua narina, sentiu a frieza do aço e uma grande dor, que durou pouco, dando lugar a uma larga serenidade (MACHADO, 2016). Em entrevista ao Dr. Jeffrey Rediger este senhor disse que passou a acreditar em Deus porque sobreviveu à sondagem nasal (OPRAH, 2015, s/p).

Em seguida à intérprete, a primeira palestrante retorna esclarecendo sobre as intervenções físicas e espirituais e sobre os cuidados que se deve ter. Esse momento bem como o pós-operatório são aspectos que recebem muita atenção na Casa. Em um dia diferente na pesquisa etnográfica, a palestrante em questão verbalizou sobre as operações: “assim como os hospitais quando realizam cirurgias, as cirurgias espirituais também exigem repouso e cuidados. Cautelas na alimentação e no descanso” (DIÁRIO DE CAMPO, 08.02.2018). Quem passa pela primeira intervenção

²¹ Por significativa que seja essa frase, ela será melhor compreendida no decorrer deste capítulo, no aprofundamento das experiências ocorridas na Casa de Dom Inácio.

deve seguir inúmeros preceitos; além dos anteriores, há outros, entre eles estão: não praticar exercícios físicos por 8 dias [como ciclismo, dança e caminhada]; não beber bebida alcoólica durante o tratamento; não consumir pimenta e; abster-se do sexo ou atividade sexual por 40 dias (GUIA, s/d, p.43).

Seguidamente a esta introdução no palco da Casa de Dom Inácio, chamou-se um senhor, aparentando 65 anos, que começou a palestrar:

Deus está em nossa mente, por isso também temos poder de curar-nos a nós mesmos. A árvore genealógica de uma família indica em média um total de 2054 pessoas constituídas. Se o mundo está repleto de raiva e ódio, brigas por herança, a família é a única solução para conduzir a pessoa, daí a gratidão às mães que muito fizeram pelos filhos e filhas. Se temos problemas, temos saída, pois para tudo há saída. Estamos aprendendo isso há mais de cem encarnações na Terra. Por isso trate a mulher com respeito e dignidade, pois se não, não merece ser chamado de cristão... Pedimos doação de qualquer coisa, para não somente o aniversário do médium João mas também para as reformas da Casa. Mas sabe-se que dinheiro não compra Deus, nem cantinho do céu. Aqui não pregamos religião alguma e recebemos todos os religiosos com o coração aberto, são todos bem-vindos. Se hoje tenho doença é porque falta sensibilidade, falta amor, pois o amor é o maior remédio que existe. Afinal, por que estamos aqui na Terra? Ontem mesmo eu estava assistindo a um jogo da Copa do mundo na Rússia e comecei a ver uma rivalidade de ódio e inimizade – palestrante começa a embargar a voz, e fala chorando: – e pedi a Deus para acabar com tanta raiva nos esportes. Posso estar errado, mas **nunca mais** vou assistir um jogo, perdendo duas horas da minha vida... – Chorando, continua com voz embargada: Ame mais a Deus, doe-se, nesse tempo, aproveite para refletir sobre a vida. Cadê os princípios de fé e moral? ... E vamos cantar Mãezinha do céu. ‘Mãezinha do céu, eu não sei rezar; Eu só sei dizer: Quero te amar...’. – Muito emocionado diz: eu gosto de me emocionar, porque vale a pena. Agora vamos cantar parabéns: ‘Parabéns para você, nesta data querida...’. Agora em alemão... inglês... francês... Parabéns a todos que se dedicam aos trabalhos espirituais, parabéns por você estar aqui, parabéns por você buscar a cura (DIÁRIO DE CAMPO, 20.06.2018, grifo de ênfase).

Nessa mensagem oral é possível compreender um pouco mais do universo onde João de Deus e os FC atuam. Tal palestrante concebe Deus não apenas como Entidade máxima universal da criação, mas igualmente como uma divindade dentro de cada ser humano. Não se crê que a primeira afirmação desse FC, “Deus está em nossa mente”, seja para alertar da construção simbólica do ente divino vislumbrada pelas ciências sociais, pois os FC concebem Deus na mente humana, propiciando, possivelmente, potencialidades que, despertadas, curam dos males e sofrimentos. Realmente, ainda há muitos fenômenos mentais que a Ciência ainda respondeu; há

outros que se começaram a vislumbrar, como os estudos sobre doenças psicossomáticas em variadas pesquisas psíquicas²².

O segundo ponto observado no discurso do FC em questão diz respeito à família, não só em relação à grandiosa genealogia dos antepassados e descendentes, mas ao fato da mesma emergir como 'única' solução de emoções negativas [raiva e ódio]; ademais, destaca-se também a valorização das mães – a gratidão a estas, as quais fazem jus ao cognome cristão. Entende-se que o palestrante utiliza a terminologia família como grupo consanguíneo, porém, em vários vídeos veiculados pela Casa ou por pessoas curadas, João de Deus, no palco, chama todos presentes na Casa de 'irmãos', promovendo o entendimento de que o termo não se restringe ao sangue (CUMMING e LEFFLER, 2008; GARCIA, 2013, PÓVOA, 2016). Por outro lado, como verificar-se-á, os palestrantes não possuem uma linha teórica ou uma comunhão de pensamentos, sugerindo ser o amor cristão o denominador comum entre eles.

Percebe-se, assim, que a compreensão de família do palestrante é individual, porém, sem desprezar o conteúdo maior, o do respeito e o da dignidade. Se até o momento a pessoa não assimilou essas qualidades, diz o palestrante, talvez esteja motivada por uma certa renitência espiritual: “estamos aprendendo isso há mais de cem encarnações na Terra”, dando a entender que ainda há esperança. A considerar a imortalidade da alma, por conseguinte, a encarnação²³ e a desencarnação, os FC projetam melhoras morais e outras, crendo na evolução espiritual.

A próxima fala do palestrante foi inusual: doações para o aniversário do médium João²⁴ e para as construções e reformas da Casa. Por mais de vinte vezes

²² Sobre as pesquisas psíquicas, recomenda-se o texto do professor da Universidade de Edimburgo, nos EUA, Carlos S. Alvarado. Sua preocupação não foi a de provar os fenômenos psíquicos – por demais evidentes ao longo da história humana, segundo ele –, mas demonstrar como, ao longo do tempo, vários filósofos e pensadores negligenciaram-nos, trazendo consequências áridas para a relação mente-corpo. Cf. ALVARADO, Carlos S. Fenômenos psíquicos e o problema mente-corpo: notas históricas sobre uma tradição conceitual negligenciada. **Revista de Psiquiatria Clínica**. V. 40. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2013.

²³ Encarnação, desencarnação e reencarnação. Para o espiritismo, dizem respeito ao espírito entrar novamente na carne do corpo ou sair dela, o chamado nascimento e morte. Como o espiritismo enxerga o tempo de modo diacrônico, Castro (2010) compreende o objetivo da encarnação como “um progresso numa evolução linear e sempre do mais imperfeito e incompleto rumo ao mais perfeito, superior e completo” (CASTRO, 2010, p.13).

²⁴ Estivemos na comemoração do aniversário do médium João de Deus, ocorrida logo após o término dos atendimentos do dia. A festividade aconteceu no estacionamento da Casa, do outro lado da rua. Por ser próximo à festa junina, todo o local estava enfeitado com bandeirinhas. Financiada, principalmente pelos donos das pousadas da cidade, a celebração contou com quatro barracas, um palanque, uma tenda e uma enorme fogueira. Nesse palanque discursaram várias autoridades, as quais explicitaram suas curas com inúmeros elogios ao médium. Entre as autoridades, estava um coronel da

que presenciamos as palestras ao longo da pesquisa, jamais tínhamos ouvido nada a respeito de doações; porém, sabe-se que a Casa vive de doações, contribuições e vendas de alguns objetos, mas nenhum pedido havia sido realizado até então. Não é difícil encontrar pessoas que desconfiam das receitas financeiras da Casa, do enriquecimento do médium e de outros fatos. No entanto, essa suspeita pode estar assentada na crença dogmática advinda de Mateus (10, 8) “curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios: de graça recebestes, de graça dai”. Logo, o pedido de doação configurar-se-ia como uma espécie de cobrança pelos atendimentos, o que não se verificou. O atendimento é gratuito. Paga-se R\$ 50,00 reais pelo remédio que é vendido na farmácia, cuja responsabilidade é de uma farmacêutica devidamente registrada Conselho Regional de Farmácia – CRF – GO - e funcionária da Casa. A medicação é também doada para quem não tem dinheiro. Assevera Garcia (2013, p.95) que “a Entidade sabe quando a pessoa não tem condições financeiras de pagar o que foi receitado”; e continua o autor: “frequentemente em alguns dias de atendimento, acontece da Entidade determinar o fornecimento gratuito para mais de 50% das pessoas atendidas” (GARCIA, 2013, p.96).

É evidente que há vários aspectos que mudaram e que vêm mudando na Casa, como reformas e novas construções. Atualmente²⁵, estão reformando o antigo lugar em que sediava a livraria; ela ganhou proporções equivalentes a três vezes maior que o seu tamanho anterior. Segundo Hamilton Pereira, ex-prefeito de Abadiânia e atual administrador da Casa de Dom Inácio, a Casa tem registrado em carteira de trabalho mais de 30 funcionários e contabiliza uma despesa mensal de R\$

PM, o atual ministro do STF, Luís Roberto Barroso, o governador de Brasília, Rodrigo Rollemberg, o empresário e político brasileiro Paulo Skaf, João de Deus, sua esposa e filha, junto a outro filho do médium – este escreveu e leu um poema dedicado ao pai – e outras pessoas. Terminados os discursos, acenderam a fogueira e deram início a uma queima de fogos, que contribuiu com a poluição atmosférica. Ao fim da queima, houve uma salva de palmas e um convite para que todos saboreassem os comes e bebes. Logo uma banda musical subiu ao palanque e tocou vários estilos. As mais ou menos 400 pessoas direcionaram-se às barracas para se servirem gratuitamente de: água de coco gelado, lanche, sopas, doces, refrigerante, arroz carreteiro e outros. Ao fundo, do lado das barracas, numa tenda com segurança na porta, as autoridades jantaram. Próxima à entrada desse espaço, foram servidos dois bolos grandes, no tamanho e na altura, para todas as pessoas presentes na comemoração. Observamos diversas pessoas com roupas simples e modestas, cuidando de muitas crianças; pareciam ser moradoras da cidade, porém, não necessariamente frequentadoras da Casa. A alegria das crianças era evidente, brincavam aqui e acolá. Muitos jovens e adultos se balançavam com as músicas. Fomos embora às 23h. Ficamos sabendo que até às 3h da manhã ainda havia gente na comemoração. Tiramos uma foto com o aniversariante, uma rara oportunidade (DIÁRIO DE CAMPO, 22.06.2018).

²⁵ Primeiro semestre de 2018.

90.000,00 mil reais (NICACIO e LOES, 2012, s/p) e quando falta dinheiro, João de Deus, fazendeiro e dono de mineradoras (CUMMING e LEFFLER, 2008), custeia a falta com recursos próprios²⁶. Assim, é relevante ressaltar que a receita básica da Casa advém da farmácia, da lanchonete e da livraria, mas também de doações (GARCIA, 2013). De modo geral, para um atendimento de mais de 3 mil pessoas por semana, os serviços prestados pela Casa satisfazem os visitantes.

A continuar a preleção, o palestrante esclarece que a Casa é um templo ecumênico. Muitos frequentadores possuem uma impressão – errada – de estarem entrando num centro espírita, talvez por alguns procedimentos advindos de Entidades espirituais como água fluidificada, mediunidade, passes, livros de Allan Kardec na livraria e outros. Porém, na Casa paira uma espécie de sincretismo: há diversos símbolos católicos – mormente na sala de atendimento do médium – como grandes estátuas da virgem Maria, quadros de santos católicos, terços, persignações e outros. Há um quadro budista exposto no salão da Casa, presente do Dalai Lama. Em muitas aparições em público, o fato de a Entidade andar descalça advém de um histórico progresso do médium João na umbanda. Além disso, existem símbolos da Nova Era²⁷, especialmente temas ligados à cromoterapia e a chacras. Há também pedras cristais de vários tamanhos dispersos na sala de atendimento e na livraria para venda.

A Casa de Dom Inácio parece um centro espírita, mas não é. Também não é uma igreja católica ou evangélica. Trata-se de um templo ecumênico. Na Casa de Dom Inácio, já foram realizadas missas e cultos evangélicos. Todas as religiões são bem-vindas à Casa de Dom Inácio (GARCIA, 2013, p.109).

Uma das maneiras de entender o ecumenismo é a ausência de pregar uma religião ‘x ou y’ ou fazer proselitismo. Eis aí justamente algo que para alguns incomoda, pois o fato de não haver pregação de determinada doutrina atormenta diretamente porque a percepção é de que as pessoas não entendem ou não aprendem a decidir o caminho da autotransformação. Em entrevista à antropóloga Cristina Rocha, uma dirigente de centro espírita, preocupada em propagar ideias e

²⁶ Procurando atualizar esses valores para 2018, o FCe disse que há um gasto mensal de duzentos mil reais na Casa; “são 20 mil só em energia elétrica” (DIÁRIO DE CAMPO, 08.01.2019).

²⁷ O assunto Nova Era será contemplado especificadamente no segundo capítulo. Por agora, é importante ressaltar que o mesmo se refere a um movimento espiritualizado heterogêneo e não convencional eclodido dentro da contracultura dos EUA na década de 1950, chegando ao Brasil nas décadas de 1960 e 1970. São pessoas ligadas ao transcendentalismo, esoterismo, ocultismo e outros espiritualismos, realizando uma espiritualidade sem religião (CAMPANELLA e CASTELLANO, 2015).

métodos de cura de João de Deus em Sydney, Austrália, asseverou: “O seu João corta e cura, mas não evangeliza. Então a pessoa vai embora e não aprende nada, não começa a trilhar o caminho” (ROCHA, 2009, p.582). Possivelmente, para essa senhora, a evangelização esteja ligada a alguma religião ‘x’, já que a etimologia da palavra ‘evangelho’ pode significar esperança cristã. Por outro lado, é precisamente essa liberdade de escolha que outros festejam: “A Casa não prega religião nenhuma. E eu acho bacana isso porque as pessoas são livres. O que se prega é o amor, o amor e a conexão com Deus. A conexão é que nem a Entidade fala: ‘a primeira missão da gente é com a gente mesmo’” (FC8).

A partir das observações, caso se fosse inflexível nas definições, dir-se-ia que a Casa se declara ecumênica porque tem sua predileção por Cristo, pois o movimento ecumênico, nascido em meados do século XIX, em meio aos protestantes, explicita sua inclinação pela corrente cristã. Isto não significa que João de Deus exclua religiosos não cristãos como budistas, hinduístas ou seguidores do candomblé, pois ele mesmo sempre diz: “todas as religiões são boas” (*apud* GARCIA, 2013, p.23), “mas alguns dirigentes são problemáticos” (DEPOIMENTO, 2017, s/p). Por outro lado, João de Deus se julga católico e crê na Loja Maçônica. Sabemos que a etimologia da palavra católico quer dizer justamente universal [do grego *kata* – juntos e *holos* – todo]. Destarte, em visão etimológica, João de Deus pode ser considerado um católico exemplar. Em entrevista, ele declarou:

A minha crença é universal. Eu acredito no criador. Acredito em Nossa Senhora. Acredito nos Apóstolos e na verdadeira Loja Maçônica. Como posso dizer que sou espírita, se conheci Chico Xavier, a quem chamam o *Papa do Espiritismo*? Como posso me comparar a ele? Tive a honra de carregar o corpo de Chico Xavier para a Sepultura [...] (*apud* CUMMING e LEFFLER, 2008, p.36).

Ademais, o ecumenismo está presente no estatuto da Casa de Dom Inácio; e um de seus preceitos é sua opção pela caridade a todos: “Praticar a caridade espiritual, moral e material por todos os meios ao seu alcance, sem distinção de sexo, raça, credo religioso ou convicções políticas e filosóficas, sem visar a qualquer retribuição” (*apud* GARCIA, 2009, p.49).

Por outro lado, o médium João suspende o significado comum de religião ao esclarecer que Cristo não fundou nenhuma religião, alegando que mediunidade não

se relaciona com o sistema de doutrinas e rituais, desvinculando, dessa forma, mediunidade de religião²⁸:

Minha missão nada tem a ver com religião. Conheci Chico Xavier e tenho profunda admiração por sua obra e pelo espiritismo, da mesma forma que respeito os evangélicos. Mediunidade não depende de religião. Religião é criação do homem, e mediunidade não. Cristo pregou o amor e a caridade, sem tendência para qualquer seita religiosa (*apud* GARCIA, 2009, p.36).

A próxima frase do FC5: “Se hoje tenho doença é porque falta sensibilidade, falta amor, pois o amor é o maior remédio que existe” remete o estudo a uma constante na Casa de Dom Inácio, ou seja, o amor é tema recorrente de grande monta nos discursos dos palestrantes e frequentadores; aparentemente, o sentimento do amor assemelha-se a um *iceberg* de luz, do qual se pode observar apenas uma ponta. Não só no sentido de ‘ausência de amor resulta em doença’, mas tendo saúde é resultado de amor a si. No entanto, essa lógica se mostra frágil, pois nem toda doença é falta de amor, se assim fosse, pessoas amorosas não teriam doenças ou não morreriam delas. Por outro lado, sabe-se que as emoções estressantes modificam estados orgânicos, propiciando doenças; e estados emocionais positivos estimulam e fortalecem o sistema imunológico. Emoções como raiva, amor e medo “não apenas levam um homem a realizar atos exteriores, mas provocam alterações características na sua atitude e fisionomia e afetam sua respiração, circulação e outras funções orgânicas de forma específica” (CRUZ e PEREIRA JÚNIOR, 2011, p.58). Se o sentimento de amor – que o observador externo não percebe – e os atos que ele impulsiona não é a resposta para tudo, não obstante, sabe-se que é um poderoso

²⁸ Dias (1985), pesquisador e defensor da tese de que o espiritismo não é religião, [para ele, filosoficamente o espiritismo pode ser considerado um ‘laço de fraternidade’, mas não um culto, de ritos religiosos] concordaria com João de Deus sobre a mediunidade. Esta não é exclusiva do espiritismo, mas provavelmente um fenômeno natural, originado de leis naturais, disponível a todos os povos. Citando Kardec [Revista Espírita, ano IV, n. 10, 1861], Dias aponta sobre a universalidade do espiritismo: “O espiritismo repousa sobre a possibilidade de comunicação com o mundo invisível, isto é, com as almas. Ora, como os judeus, os protestantes e os muçulmanos têm almas como nós, resulta que estas podem comunicar-se, tanto com eles quanto conosco, e que, conseqüentemente, eles podem ser Espíritos como nós” (KARDEC *apud* DIAS, 1985, p.110). Mesmo Dias (1985) propondo certa unanimidade da mediunidade como princípio natural, ainda nos deparamos com controvérsias, visto que João de Deus se diz católico, não ‘católico espírita’ – como propõe Kardec pelo exposto acima – sendo que o único espírita que o médium de Abadiânia conheceu foi Chico Xavier. Isto leva refletir que talvez essa seja uma contenda sem fim, visto que não há entendimentos comuns sobre quase tudo no mundo da linguagem. Contudo, não se pode negar que o espiritismo atual, de modo geral, fechou-se em religião – com todos os sabores e dissabores que isto acarreta –, não é mais uma filosofia de vida, mas quase um conjunto dogmático de verdades codificadas e estabelecidas, dizem, por Kardec. No próximo capítulo ver-se-ão melhor tais discussões.

estimulante de ações humanas. Talvez isto comprove e fundamente as ações de João de Deus e de mais de trezentos voluntários que lá comparecem diariamente nos dias de atendimento.

Nos recintos da Casa, o triângulo é ícone primordial, não só porque é o símbolo da Casa de Dom Inácio, mas porque seus três lados representam fé, amor e caridade. Estas são características que os palestrantes incentivam para que cada ser humano possa individualmente experimentar e vivenciar, não só no sentido da própria cura, mas para possivelmente curar o próximo, amar a si para amar o outro. Esse estado, resultado da tripla instrução, inicia-se pela fé, aprendendo o amor²⁹ e praticando a caridade, informa o FC5.

Todo mundo sai à procura e nada disso nós vamos encontrar lá fora, tudo isso que nós procuramos está dentro de nós. O importante é que a gente aprende sempre muito. Em primeiro lugar tudo começa por nós; se nós não estamos bem, como é que vamos ajudar o outro? Se nós não nos amarmos, como vamos amar o nosso próximo? Se nós não nos perdoarmos, como é que vamos perdoar o nosso irmão? Tudo, tudo... Se não formos caridosos conosco, não temos como fazer caridade. Se ajudar, para ajudar! Tudo, tudo, tudo na vida começa por ti. Primeiro a si mesmo. E o triângulo da casa de Dom Inácio resume bem isso daí: fé, amor e caridade. Começando do lado esquerdo, fé, amor e caridade. A fé para chegarmos, através da mudança, à cura. O amor que Jesus veio ensinar para todos nós... Amor é Deus! E a caridade é que nós temos que ter para com todos (FC5).

Possivelmente, a atitude de amar a si mesmo, em primeiro momento, leve o homem a se questionar o porquê da existência e a amar Deus como uma forma de sair do egoísmo interno – espriando para outros seres da natureza e âmbitos sociais – a colocar em magnitude princípios de fé e moral, a não se permitir mais praticar atos distantes do amor, afirmou o palestrante anteriormente: “nunca mais vou assistir a um jogo”, chorando e falando raivoso o “nunca mais”, frisando para todos ouvintes a importância dessa autocrítica.

²⁹ Aprender a amar possivelmente tenha sido o objetivo primordial do sociólogo, filósofo e psicanalista alemão Erich Fromm na obra *A arte de amar*. Pretende o autor, já que para qualquer aprendizagem de atividade artística ou arte – música e pintura, por exemplo – exige-se treino e persistência, que o humano apreenda, assimile e pratique o amor como resposta ao problema da existência humana. Segundo esse pensador, “Amor é uma atividade, e não um afeto passivo; é um ‘erguimento’ e não uma ‘queda’. De modo mais geral, o caráter ativo do amor pode ser descrito afirmando-se que o amor, antes de tudo, consiste em *dar*, e não em receber” (p.44-45, grifos do autor).

Sem verbalizar diretamente o amor como sentimento-atitude, muitos passam pela Casa e relatam suas experiências. Desta forma, mesmo não expressando a palavra, percebe-se o amplo acontecimento:

[Regina Mara, advogada, Minas Gerais – Brasil]

Conheci a Casa em 1995. Minha irmã, na época, apresentou esse lugar maravilhoso e abençoado, logo que descobri um câncer linfático. Depois da retirada do nódulo pelo oncologista, fui encaminhada ao hematologista, e ele recomendou-me um ciclo de quimioterapia no Hospital das Clínicas em Belo Horizonte. Foram 3 anos de tratamento. Após o primeiro ano fui a uma casa espírita conhecida e o médium me informou que minha cura seria temporária; em cinco anos a doença voltaria. Hoje, penso que a espiritualidade estava me aguardando em Abadiânia. Meus cabelos eram lindos e bonitos, foi muito difícil vê-los cair com uma rapidez alarmante. No primeiro ciclo, caíram quase de uma vez, cheguei a Abadiânia usando peruca e pedindo para desencarnar. Mesmo espírita, eu estava perdendo minha fé. Meu filho dizia-me inocentemente: “mamãe, seu cabelo vai crescer e você voltará a ser linda novamente”. Sofri demasiadamente. Entre muitas lágrimas, apeguei-me a meus conhecimentos espíritas e acreditei que nada era por acaso, de alguma forma, iria transcender meu carma. Eu estava reparando alguma coisa de outra vida, e tinha a consciência de ser filha de Deus. Ao chegar à Casa de Dom Inácio de Loyola, desesperada, implorei que minhas dores fossem amenizadas se fosse necessário continuar. Pedi-lhe ajuda para poder ir embora mais rápido se fosse inevitável. Ajoelhada eu estava diante do Dr. Augusto de Almeida que, para minha comoção, secou minhas lágrimas com suas próprias mãos, perguntando se eu tinha fé. Naquele momento, fragilizada e doente, senti-me perdida e sem minha crença. “Eu vou te ajudar, você confia? Você precisa vir aqui por 12 vezes e então vai receber a graça da cura”. A previsão de Augusto se concretizou um ano depois, exatamente em setembro de 1996, na décima segunda vez. Tudo estava previsto para a realização de transplante de medula óssea, estranhamente nunca obtive doador compatível. Lembro-me de que a Entidade fez observações sobre como era o procedimento de trocar o sangue e quanto minhas células boas estavam misturadas a doentes. Acredito que as Entidades estavam realizando o procedimento de transplante espiritualmente. Embora sempre me orientassem a continuar o tratamento com médico da terra. Voltei ao médico, meus exames foram analisados para que eu fosse preparada para o transplante. Milagrosamente, tudo estava perfeito com minhas células. Eu estava curada. Tudo se transformara com meu tratamento na corrente. O médico suspendeu o transplante e sugeriu somente um coquetel de prevenção, ao qual tive rejeição e acabou sendo suspenso. Informei-lhe que havia recebido alta do tratamento da Casa de Dom Inácio, e ele, diante dos ótimos resultados dos exames, escreveu um belo ‘parabéns’, embora não tenha se convencido do plano espiritual. Permaneci realizando controles periódicos em dois anos, através de exames de sangue e de nódulos. Em três anos a medicina convencional me deu alta. Na época, o meu caso no hospital

foi o único de sobrevivência. Sou um caso inexplicável de cura na clínica.

Estou curada faz quinze anos. Costumava dar meu depoimento no palco da casa. Permaneço frequentando a corrente, sinto que agora é momento de doar, de ajudar o próximo com minha energia, pois minha doença foi veículo para isso. Em Abadiânia, o tratamento é completo, as Entidades costumam incluir os médicos da terra no tratamento de seus pacientes, e o trabalho passa a ser em conjunto. Tudo, impressionantemente, vai se solucionando; as respostas chegam e tomam seu lugar. Na corrente, aprendemos a acreditar e a perdoar, crescer espiritualmente até conquistar o merecimento. Muitas vezes, tive sensações de corte no abdômen e percebi a presença de espíritos de branco no meu quarto. Houve momentos que, ao passar pela Entidade, ela levantava minha blusa e fazia um X no meu abdômen, depois eu sentia os cortes internos. Nesses momentos ela sempre me mandava para a corrente.

Foi inesquecível, um momento lindo o dia que recebi alta e descobri que era filha da casa. Estavam presentes 15 pessoas com diagnósticos semelhantes. Coincidentemente, as pessoas estavam próximas na fila em ordem planejada pelo mundo espiritual e todas foram recebendo alta. Ao chegar a minha vez, recebi uma flor da Entidade, que, de branca, transformou-se em vermelha. A minha flor era a única vermelha da casa. Só havia rosas brancas naquele dia. Um mês depois, descobri que fora Santa Terezinha o ser que me presenteou com a flor; meu caso tornou-se conhecido na época, sendo relatado para cientistas americanos que estavam na casa, analisando o grau de mediunidade do médium, sua capacidade energética, e os fenômenos sobrenaturais, como o da água fluídica que por seu magnetismo tem nela o poder de se tornar um remédio salutar. [...] Este fato marcou minha vida. Por isso terei que agradecer esta casa bendita e os anjos que aqui estão eternamente (*apud* XAVIER, 2017, p.232-236).

Nesse depoimento observa-se a tríade expressa no triângulo da Casa: fé, amor e caridade. De alguma forma, o câncer dessa mulher a estimulou para inúmeras atitudes de ampla expressão e, em consequência, talvez um maior amor a si mesma, contribuindo com sua cura. Não se pode afirmar que sua doença foi como relatou anteriormente o FC2, ou seja, por “falta de amor”, mas sem esse sentimento pouco se poderia fazer. Outro FC alertou que o espiritismo considera o amor como o refino maior do sentimento, e citou Kardec:

O amor resume toda a doutrina de Jesus porque é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso realizado. No seu ponto de partida, o homem só tem instintos; mais avançado e corrompido, só tem sensações; mais instruído e purificado, tem sentimentos; e o amor é o requinte do sentimento (KARDEC, 1991, p.147-148)

Ao discorrer sobre interiorização e exteriorização na Casa de Dom Inácio, vê-se que o assunto é extenso e instiga mais análises, como se pode notar neste capítulo e trabalho. O intuito principal foi trazer as simbologias gerais interiorizadas-externalizadas que perpassam o espaço em questão. Expressões como: Deus é quem cura, amor, paz, equilíbrio, preces, orações do pai-nosso e ave-maria, pedidos de ajuda, intervenções espirituais invisíveis e físicas com seus cuidados, doenças psicossomáticas ou não, templo ecumênico, parar de controlar, agradecimentos à família, doações, ausência de simonia, doença como ausência de amor e outros mostram que a extensão da interiorização e exteriorização é ampla, indo além do escopo desta tese, e que a construção simbólica se entremeia a inúmeras linguagens, ensinamentos e experiências.

Assim, será abordada, a seguir, a objetivação, não apenas no sentido do que é fisicamente construído na Casa de Dom Inácio, mas procurar-se-á evidenciar essa zona clara-escuro em que a externalização se materializa. Como a Casa não existiria sem João de Deus, a abordagem será pelas objetivações dessa pessoa, cujo nome de batismo é João Teixeira de Faria.

1.6 Objetivações na vida de João Teixeira de Faria, o João de Deus

João Teixeira de Faria nasceu goiano, na cidade de Cachoeira de Goiás – antiga Cachoeira da Fumaça – em 24 de junho de 1942, sendo o mais novo dos seis filhos. O pai era alfaiate e a mãe cuidava dos rebentos em um casebre, onde moravam, ao lado da igreja católica. Buscando uma vida melhor, quando João tinha 3 anos de idade, os pais se mudaram para Itapaci; cidade distante de Cachoeira de Goiás, aproximadamente, a 330 quilômetros de Brasília.

A cidade possuía estradas sofríveis – no contexto da época, generalizando para muitas cidades do interior do Brasil – e os meios de comunicação eram escassos. Mas não era um caso isolado. O próprio Estado de Goiás – considerado sertão ou terra de ninguém até o final do século XIX – desde o início do século XVII – foi devassado por colonos saídos de São Paulo em busca de ouro e de índios para explorá-los como escravos. Poucas mudanças aconteceram desde então. A principal, no Brasil, foi a libertação dos escravos, em 1888; uma outra foi o impulso desenvolvimentista de Getúlio Vargas, de 1937 a 1945. “Embora o impulso urbanizador tenha permitido o surgimento das primeiras vilas e cidades, ele foi produto

de uma economia de exploração predatória [...], sem investimento em tecnologia e baseada em trabalho escravo” (MACHADO, 2016, p.90).

Os melhoramentos urbanos e serviços públicos eram raros ou inexistentes em muitas cidades, inclusive em Cachoeira de Goiás, Itapaci e Anápolis. Tudo começou a mudar com a implantação da ‘Marcha para o Oeste’, proposta pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, com o objetivo principal de integralizar o Brasil. Atendendo ao pedido presidencial, a elite latifundiária cedeu a uma pequena reforma agrária, recebendo migrantes de vários lugares. Foi nesse movimento social que os pais do médium João saíram de Minas Gerais com o sonho de serem pequenos produtores. Mas como habitualmente acontece, a realidade é diferente da promessa política.

A família instalada em Itapaci, com a profissão do pai, – José Nunes de Faria [alunha de seu Juca] – mal conseguia sobreviver à pobreza. Com o intuito de ajudar, a mãe, Francisca Teixeira Damas, alcunha de dona luca, ‘cortava baralho’ como cartomante – possivelmente exercendo sua mediunidade (MACHADO, 2016) – e ‘lavava roupas para fora’. O menino João exerceu inúmeras profissões a partir dos seis anos, entre elas a de cortador de tecidos na alfaiataria do pai, candeeiro, servente de pedreiro e engraxate. O próprio João relata um momento de agrura nessa fase: “no tempo em que vivi em Itapaci, passei fome, mas nunca fui desonesto” (*apud* GARCIA³⁰, 2013, p.11). Certa feita, viu um homem comendo melancia, depois que ele acabou e jogou a casca fora; João não teve dúvidas, pegou do chão e se alimentou.

Sobre sua escolaridade, apesar de alguns livros narrarem que João estudou até o segundo ano do Ensino Fundamental (ALVES, 2012; CUMMING e LEFFLER, 2008), ele frequentou apenas três meses os bancos escolares (GARCIA, 2009). A frequência na escola advinha porque ele enchia a caixa d’água da escola como forma de pagamento. Assevera João de Deus: “eu começava a bombear água às 5 horas da manhã, alternando o bombeamento com a mão esquerda e a mão direita. Às 7 horas a caixa estava cheia e eu ia para a sala de aulas” (*apud* GARCIA, 2009, p.30). Logo depois, os padres venderam a escola e os novos proprietários proibiram o escambo com o garoto; João foi expulso por não ter condições de pagar. “A falta de

³⁰ Esse autor, Ismar Estulano Garcia, ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil em Goiás, professor universitário e advogado gratuito de João de Deus, é considerado pelo médium mais que um amigo; é seu biógrafo principal (MACHADO, 2016). De modo geral, todas as biografias sobre o médium dizem o mesmo sobre seu passado, mudando poucos fatos, não só do biografado como dos testemunhos de cura que as acompanham. Devido a isso, optou-se preferencialmente pelas obras de Garcia (2013 e 2009).

condições financeiras dos pais influenciou, e muito, na formação escolar dos filhos: João de Deus é quase analfabeto, sabendo apenas assinar o próprio nome” (GARCIA, 2009, p.06) e, frequentemente, em suas entrevistas e mensagens orais no palco da Casa, nota-se o emprego da linguagem informal. Segundo Machado (2016), a expulsão da escola causou em João o grande pesar de sua infância.

Tais fatos – falta de estudo e a fome – estigmatizaram mensagens em sua mente. Atualmente, João de Deus mantém a Casa da Sopa, uma instituição do outro lado de Abadiânia, a qual, nos dias de atendimento, serve café da manhã e almoço para quem tem fome e precisa de roupas; além disso ele oferece pratos de sopa na própria Casa de Dom Inácio, o que totaliza quase duas mil refeições servidas diariamente de modo gratuito nesses espaços. A respeito de educação escolar, sabendo das dificuldades dos que não possuem recursos financeiros, o médium já auxiliou mais de trinta pessoas a conseguirem seu diploma de curso superior (GARCIA, 2013) e construiu uma Casa no sul do país para reabilitação de dependentes químicos (CUMMING e LEFFLER, 2008).

Antes de completar dez anos de idade, João passou por quatro fatos relevantes, os quais são dignos de se apontar: a) com o pai, que era também ‘raizeiro’, ou sob influência espiritual, aprendeu a fazer garrafadas com ervas silvestres a serem usadas como remédios contra doenças [ele saía para o mato, acompanhado de moradores da região e apontava para estas as plantas corretas e a quantidade certa. Por causa dessas e de outras práticas, era chamado de ‘bruxinho’ pelos familiares]; b) Como traquinagem, atirou uma pedra no padre, tido como maior autoridade local. O sacerdote excomungou-o. Ao contar para a mãe, esta disse para não ter medo e começaram a rezar para Nossa Senhora de Fátima. Para surpresa de ambos, a santa se materializou e, mais tarde, sua mãe criou uma oração dedicada ao filho, intitulada ‘Pai Nosso Pequenino’ (MACHADO, 2016); c) O primeiro encontro com o mestre Yokaanam³¹ e; d) o início de sua mediunidade, em forma de premonição. Com nove

³¹ Yokaanam nasceu Oceano de Sá [1911-1985] e foi piloto da Força Aérea Brasileira até sofrer grave acidente. Saiu do hospital e dedicou-se à espiritualidade. Idealizador, místico, profeta e médium, conhecido como mestre Yokaanam, inspirado pela ‘Marcha para o Oeste’ de Getúlio Vargas, viajou com 400 pessoas do Rio de Janeiro até Santo Antônio do Descoberto [a 50 quilômetros de Brasília] fundando a ‘Comunidade Eclética Nova Palestina’, conhecida como Cidade Eclética. Yokaanam conheceu o menino João e, encantado pelo mesmo, pediu à mãe que lhe desse o filho. A mãe respondeu: “Filho dela não era cachorro para ser doado” (*apud* MACHADO, 2016, p.97). Isto foi grande prova de amor materno, segundo João de Deus: “Lembro muito bem do dia que o mestre Yokaanam pediu à minha mãe para ‘me dar’ e que ele iria fazer de mim um doutor. Pela conversa entre os dois, tive certeza do amor de minha mãe” (*apud* GARCIA, 2013, p.22, grifo do autor). Porém, durante suas

anos de idade, indo com a mãe para o povoado de Nova Ponte, distante vários quilômetros de Itapaci:

Percorrido mais da metade do caminho, o garoto Joãozinho disse para a mãe que deveriam apressar os passos, porque aconteceria uma forte tempestade que iria destruir muitas casas. A mãe repreendeu-o por tão absurdo comentário, pois o tempo estava bom. Ao chegarem no povoado de Nova Ponte, Joãozinho apontou algumas casas que iriam cair. Nova Ponte tinha, aproximadamente, 100 casas e cerca de 40 realmente foram destruídas pela tempestade. Joãozinho teria apanhado da mãe pois, segundo ela, ele tinha virado 'bruxo'. Isto foi no início da década de 1950 (GARCIA, 2013, p.10).

Com 16 anos de idade, como fiscal de um partido político, entrou em discórdia com um juiz eleitoral e acabou brigando com este. Com poucas condições de trabalho na cidade e procurando um meio de sobreviver, deixou o lar e 'ganhou o mundo' em busca de trabalho (GARCIA, 2013). Para Machado (2016), essa atitude de 'sair de casa' – em 1958, até se estabelecer em Abadiânia, em 1976 – lembra a peregrinação iniciática de muitos místicos e visionários, um momento de descobrir seu próprio caminho, "marcado pela incompreensão, desamparo social e privação econômica" (MACHADO, 2016, p.117) que depois, transformado, retorna à sociedade distribuindo o que vivenciou, à maneira do prisioneiro da caverna de Platão que, escapando e conhecendo a luz, retorna ao grupo para difundir a novidade. Assim, adolescente, seguindo sua estrada, procurou ocupação para matar a fome; o médium perambulou pela região indo parar em Mato Grosso do Sul. Nessas andanças, ao passar por uma ponte, resolveu tomar banho no rio.

Ao se aproximar da água, viu uma bela mulher³² com quem conversou muito tempo. No dia seguinte, voltou ao local com o objetivo de encontrar a mulher. Mas no local que ela estava viu focos de luz e ouviu a voz dela recomendando que procurasse o Centro Espírita Cristo Redentor. Orientado pela voz, chegou ao centro, onde era esperado. Inconscientemente, realizou cerca de 50 cirurgias, incorporando a Entidade Rei Salomão (GARCIA, 2013, p.20).

Quando João chegou ao centro, o dirigente lhe disse que estavam esperando por ele e o médium desmaiou. Ao acordar, pensou que a fome o havia feito desfalecer.

andanças, João de Deus se encontrou muitas vezes com o mestre Yokaanam; as conversas ajudaram João a usar proficuamente sua mediunidade.

³² Com o tempo descobriu-se que era o espírito de Santa Rita de Cássia (CUMMING e LEFFLER, 2008), do qual João de Deus é devoto e igualmente presta culto à Dom Inácio de Loyola.

Não acreditou quando as pessoas contaram que ele havia operado várias pessoas (CUMMING e LEFFLER, 2008). Dirigindo-se à casa do dirigente do centro, foi-lhe servido uma farta refeição. “Comeu bastante porque acreditava ter havido um engano e que logo seria mandado embora” (GARCIA, 2013, p.21). Não pediram para partir; durante dias, após as orações de praxe, João incorporava Entidades que realizavam as operações. Foi nesse meio tempo que obteve as primeiras orientações espíritas sobre mediunidade e esclarecimentos sobre dedicação à cura das pessoas. O médium é inconsciente das operações, ficando com a consciência adormecida. “Quando estou incorporado, é como se estivesse dormindo. Tinha ciência que fazia cirurgias, mas não tinha conhecimento preciso do que acontecia. Quando assisti à fita, com a gravação do procedimento cirúrgico, o choque foi grande” (*apud* GARCIA, 2013, p.37). A partir dessa experiência, o médium João – como passou a ser chamado, ou João Curador – descobriu sua missão na vida: “servir a Deus e à humanidade” (CUMMING e LEFFLER, 2008, p.26).

Durante cinco ou seis anos, o médium viajou pelo Brasil. No entanto, não se sabe ao certo como ia ou chegava em muitos locais. Machado (2016) acredita que isto se deve não só ao fato de João falar pouco de si e de sua vida privada, mas de ser influenciado sobremaneira pelas Entidades espirituais, realizando trabalhos por várias horas e dias. “Como experimenta tanto o tempo contínuo e progressivo dos vivos quanto a dimensão atemporal dos espíritos, é difícil para o médium manter uma memória clara da vida material incerta de João Teixeira de Faria” (MACHADO, 2016, p.115). Este é o pensamento de J. Herculano Pires, estudioso do espiritismo que via nesse fenômeno mediúnico um alargar dos horizontes da existência física, uma realidade psíquica presente aqui e além da matéria, onde os médiuns existem numa espécie de intermúndio, a contatar outras realidades existentes; são os interexistentes. “Foram interexistentes os videntes, os profetas de todas as épocas, os xamãs e pajés das tribos selvagens, os oráculos, as pitonisas, os taumaturgos de todas as religiões [...], os médiuns [...] os fundadores e propagadores de religiões” (PIRES, 1993, p.73). Para esse pensador, na realidade histórica e em nossa realidade, vários que andam entre nós são interexistentes³³.

³³ Faz-se notar que Chico Xavier menciona uma importante experiência interexistencial vivida, relatando que ele mesmo não compreendia muito bem o significado do conceito explicado a ele pelo próprio J. Herculano Pires. Somente quando viveu uma espécie de bilocação pode compreender. Tal relato se encontra no livro *Chico Xavier: mandato de amor*, de Geraldo Lemes Neto.

Desde esse início, a inquietação de João de Deus – que em 2018 completou 60 anos de atividades mediúnicas – levou-o a residir em várias cidades e estados brasileiros:

[...] morou no hoje Estado do Tocantins, mais precisamente nas cidades de Colinas do Tocantins, Guaraí e Tocantinópolis; na cidade de Imperatriz do Maranhão e no Estado do Pará, na Vila Rondon, Belém, Marabá e Tucuruí; em Niterói, Estado do Rio de Janeiro; em Barreiras, Estado da Bahia; em Brasília, Capital do Brasil e, finalmente no Estado de Goiás em Campos Belos, Goiânia, Anápolis e, agora, em Abadiânia. Depois disso já viajou por inúmeros países, a exemplo do Peru, Portugal, Alemanha, Estados Unidos, Grécia e Nova Zelândia, sempre levando conforto e curas espirituais aos que lhe procuram (PÓVOA, 2016, p.30).

Essas cidades são as em que o médium residiu, mas ele confessa que conhece centenas de cidades brasileiras, tendo passado por todas as capitais do Brasil. Suas biografias relatam inúmeros casos de curas e situações inusitadas. No entanto, o estudo será direcionado àquelas que foram basilares na construção da identidade do médium; e as que podem auxiliar efetivamente os sujeitos de pesquisa desta tese, ou seja, os[as] Filhos[as] da Casa.

Por não ter subsistido da espiritualidade (GARCIA, 2009), João de Deus trabalhou de “alfaiate, barbeiro, candeeiro, cisterneiro, engraxate, garimpeiro, oleiro, ourives, tintureiro e tantas outras” (PÓVOA, 2016, p.31). Mas foi como garimpeiro que João de Deus angariou condição de vida melhor; hoje ele cria gado em suas fazendas e tem mineradoras (CUMMING e LEFFLER, 2008). Conta-se que logo no início das práticas espirituais, um senhor rico se curou com sua ajuda. Procurando João de Deus, este lhe prometeu dar de presente qualquer coisa que ele quisesse. Na época, em sua imaturidade espiritual, o médium pediu um carro Dodge Dart vermelho com bancos brancos. Recebeu o presente dias depois.

No primeiro trabalho que se realizou após o recebimento daquele carro, a Entidade que nele se incorporara por ocasião da cura daquele grato paciente, ficou irada e mandou chamar a polícia, determinando que prendesse o médium, pois o mesmo havia cometido o crime de apropriação de coisa alheia, pois não fora João de Deus quem havia curado o homem, mas ela, a Entidade. E fez com que o mesmo devolvesse o veículo sem ao menos ter sido usado uma única vez se quer (PÓVOA, 2016, p.28).

Após esse fato, João aumentou sua consciência sobre o mundo espiritual e sobre a caridade, nunca mais aceitando presentes como forma de pagamento pelas

curas espirituais (PÓVOA, 2016; GARCIA, 2013). Porém, em peregrinação pela Bahia, desempregado e passando necessidade, não hesitou em ganhar algum dinheiro, fazendo o que sua mãe fazia: 'lendo a sorte'. Pego pela polícia, foi levado à juíza de direito. Ela o desafiou para comprovar se era ou não um charlatão; o médium "pegou a mão da juíza e disse uma série de coisas que só ela sabia. A juíza, abismada com o que ouviu, o libertou e determinou que ele sumisse da cidade" (GARCIA, 2013, p.31).

No início dos anos de 1960, em Goiânia, João de Deus conheceu o jornalista Edson Nunes que era então Presidente da Federação Umbandista de Goiás. Este o convidou "para fazer parte da diretoria [...]. Foi na condição de dirigente da Federação que compareceu a uma audiência com o então governador Mauro Borges, oportunidade em que pediu apoio aos umbandistas goianos. O apoio foi dado" (GARCIA, 2013, p.29). João de Deus guarda boas recordações desse momento umbandista. Machado (2016) afirma que a prática do banho de cachoeira, que a Entidade determina para algumas pessoas na Casa de Dom Inácio, adveio do umbandismo; andar descalço e outros atos também são de origem umbandista.

Ao procurar trabalho em Brasília, João de Deus conseguiu a função de calceiro para o Exército Brasileiro, graças a um militar que havia sido curado. Ficou nessa profissão durante muitos anos, viajando e conhecendo o Brasil com os militares. Em uma manifestação espiritual, ele operou a perna de um médico militar e "a partir dali, passou a curar e operar em Brasília, exclusivamente para os militares; durante um longo período, tornando-se uma espécie de médium 'cativo'" (PÓVOA, 2016, p.31, grifo do autor). Cativo em dois aspectos, o de estimado pelas qualidades apreciáveis; e o de não ser permitido que ele atendesse outras pessoas que não fossem militares ou autoridades civis. Antes do primeiro golpe, o militar de 1964, o médium conheceu Juscelino Kubitschek, que o apresentou a outras autoridades as quais passaram a procurar por João de Deus. Apesar da proteção destas, devido ao fato de se sentir recluso, preferiu partir e ampliar seus atendimentos. Mas não era só o sentir-se encarcerado o motivo de sair. Segundo o médium, "trabalhar fazendo fardas no exército, em Brasília, foi muito bom, mas era monótono" (*apud* GARCIA, 2013, p.37).

Ainda em busca de emprego, João passa pela Cidade Eclética e reencontra-se com o mestre Yokaanam. Ali tem inspiração para também possuir um local onde pudesse reunir pessoas, consideradas irmãs de todas as religiões, com o único objetivo de vivenciar o bem. Em seguida, João deslocou-se para Palmelo –

classificada como a primeira cidade espírita do Brasil, distante a 300 quilômetros de Brasília, próxima a Caldas Novas/GO – onde acontecia uma festa. Consta-se que João de Deus e um amigo, igualmente médium, divertiam-se tirando muletas e óculos das pessoas para que elas pudessem se curar. Jerônimo Candinho, então líder³⁴ de Palmelo, repreendeu-os bradando que mediunidade não era divertimento (GARCIA, 2013). De acordo com Machado (2016), em Palmelo, o médium João recebe sua segunda grande instrução espírita, entre outras, não só o porquê de fazer, mas as causas e efeitos de suas atividades.

Com esses exemplos do umbandismo, do mestre Yokaanam e de Palmelo, fica evidente que João de Deus inalou experiências de lugares espiritualistas para construir o que hoje é a Casa de Dom Inácio. No entanto, em conversa informal com um FC, percebe-se que muitas coisas mudaram desde a sua fundação: “[...] tudo muda, não podemos ficar parados. Algumas regras de hoje na Casa não são as de ontem e, talvez, as de amanhã mudarão igualmente. As pessoas mudam, precisamos nos adaptar” (DIÁRIO DE CAMPO, 26.01.2018). À vista disso, até meados do ano de 2017, após a intervenção espiritual, duas regras, entre outras, deveriam ser seguidas: a) era proibido alimentar-se de ovo galado e; b) devia-se tomar três cápsulas de passiflora por dia, com intervalos de 4 horas entre cada uma. A partir de então, sem explicação do porquê, a regra do ovo caiu, e as cápsulas diminuíram para duas, respeitando o mesmo intervalo de tempo.

Na década de 1970, o médium João foi várias vezes para a cidade de Anápolis, a 180 quilômetros de Brasília, e começou a atender em muitos locais. Apesar de estar disposto ao trabalho, não era organizado; não havia hora, dia ou local de atendimento. Com o transpor do tempo, ele passou a atender em três endereços diferentes de segunda a sexta-feira. Sua fama começou a crescer de boca em boca e, conseqüentemente, atraía pessoas favoráveis e desfavoráveis às curas. Não cobrar pelas curas irritava profissionais, geralmente os médicos, que acionavam a polícia, a qual passou a odiá-lo igualmente (MACHADO, 2016).

³⁴ Jerônimo Candinho, como mestre educador, religioso e político, é respeitado como ‘Pai de Palmelo’ (SILVA NETO, 2016). Foi discípulo direto de Eurípedes Barsanulfo e, sob inspiração deste, praticou curas espirituais que lhe renderam perseguições e acusações de prática ilegal da medicina; foi vereador por três mandatos e primeiro prefeito de Palmelo. Suas práticas espíritas incluíam a corrente magnética, uma espécie de produção fluídica espiritual a ser transmitida àqueles que sofrem de diversos males. Sob certa ótica, é possível observar semelhanças com a ‘corrente’ que João de Deus tem na Casa de Dom Inácio, como observado. Jerônimo Candinho faleceu em 1981 e suas contribuições para o fortalecimento de Palmelo foram vultosas.

João de Deus estava se tornando inconveniente para diferentes religiões e para profissionais da medicina convencional. As hostilidades ampliavam e se tornavam cada vez mais graves. As garrafadas vendidas pelo médium João passaram a ser combustível que alimentava a insistência e persistência dos reiterados pedidos de providências legais contra ele (GARCIA, 2013, p.35).

O médium não gosta de lembrar as prisões e arbitrariedades que aconteceram, inclusive pelos espancamentos dos quais foi vítima (GARCIA, 2013), não só porque lembrar é reviver os sofrimentos, mas – em tom resignativo – reitera o médium – o que tinha que acontecer, aconteceu (GARCIA, 2009). Porém, nem sempre encarou dessa forma. Em entrevista à Cumming e Leffler (2008), João de Deus relata, aos prantos: “Houve ocasiões em que fui preso, mas nunca por latrocínio ou por qualquer tipo de crime grave. Eu fui preso por transmitir a palavra de Deus” (CUMMING e LEFFLER, 2008, p.40). Certa vez, a polícia bateu e o prendeu. Quando o delegado chegou para o interrogatório, João incorporou uma Entidade e esta transmitiu todas as dores e sentimentos ao delegado. Desesperado com a dor cáustica, o delegado entrou em pânico e imediatamente o soltou (DUBEUX e FRANCISCO, 2017). Houve até tentativa de assassinato contra João:

Em 1981, recebeu um mandado de prisão acusado de prática ilegal da medicina. A sessão do tribunal foi em Anápolis, distante apenas 20 quilômetros do centro de cura. Felizmente, o seu trabalho era tão conhecido nas proximidades que um enorme protesto de apoio público, incluindo advogados beneficiados pelas curas, resultou numa absolvição. Esta absolvição provocou um intenso rancor numa minoria comandada por um notório médico de Anápolis e líder político. Em 17 de agosto de 1982, este organizou um grave atentado à vida de João, com quatro homens que ocupavam três automóveis. Ele ter sobrevivido, foi considerado um verdadeiro milagre (PELLEGRINO-ESTRICH, s/d, p.51).

Muitos médicos ficavam irritados com João de Deus, pois achavam que ele praticava ‘medicina clandestina’, ainda que em suas falas João repetisse – e até hoje reitera: “Nunca devemos abandonar os tratamentos médicos convencionais, uma vez que esses profissionais são, também, instrumentos utilizados por Deus para procederem a cura de todos nós [...]” (*apud* PÓVOA, 2016, p.43), ou “de forma alguma é recomendado suspender a medicação prescrita pelos médicos” (NICACIO e LOES, 2012, s/p.). Mesmo com a presença de médicos protegendo João de Deus, este não escapou das perseguições. Os relatos de alguns ‘casacas branca’, no entanto, contribuíram com um enalço mais ameno. O médico e professor da Universidade de

Brasília (UNB), Ícaro Batista, que foi curado de um câncer avançado na próstata, testemunhou: “Posso afirmar que se não fosse o tratamento espiritual não estaria novinho em folha” (NICACIO e LOES, 2012, s/p.).

Apesar de toda a perseguição e violência sofridas, seu pensamento desenvolveu-se em direção a uma flexibilidade da culpa, pois em entrevista recente ao programa de Amaury Júnior, o médium contemporizou: “Perseguido? Eu acho que não. Eu tive foi uma escola, nunca fui perseguido. Porque o que me dá apoio é a justiça, e a justiça é de Deus” (PROGRAMA, 2018, s/p). Essa atitude talvez se assemelha a de Zé Arigó que depois de ser humilhado pelas autoridades eclesiais, ter sua caixa d’água residencial envenenada, ser encarcerado – apesar do delegado se recusar a isso – padecer desprezo social insuflado por padres, ter penado pelos boicotes àqueles que amava, incluindo sua mãe, amigos e colaboradores, disse sorrindo, no final da vida, que o que ele passou não chega aos pés do que Jesus suportou em seus últimos dias (FULLER, 1974). Provavelmente, ambos, Zé Arigó e João de Deus, com o aprofundar de vossas espiritualidades, comprovando a capacidade da perfectibilidade humana, minimizam seus padecimentos e maximizam a grandiosidade da mensagem cristã, principalmente a vivência da indulgência e o amor ao próximo.

No entanto, Garcia (2013) aponta que, apesar de João de Deus ter se estabelecido em Abadiânia e as arbitrariedades terem acabado e não havendo mais pedidos de providências de instituições médicas e religiosas, persistem perseguições esporádicas de policiais, do Ministério Público e do judiciário: certa vez um ex-delegado de polícia foi morto e o sobrinho do médium foi acusado; “o fato repercutiu na comunidade e, de alguma forma, atingiu a Casa de Dom Inácio, acarretando sérios problemas para o médium João” (GARCIA, 2013, p.60); por ter atividades no garimpo, certa feita João foi pago para transportar minério cassiterita da Bahia para Brasília, contudo, no caminho foi parado e acusado de contrabando; ele foi preso e processado criminalmente. Na primeira década desse século, dois casos chamaram atenção: a) uma francesa, abastada e com problemas mentais foi encontrada num matagal da cidade, vítima de latrocínio. O médium foi acusado como suspeito de envolvimento no crime; b) um dançarino norte-americano, com AIDS e em estágio final de vida, veio se tratar com João de Deus. Apesar de declarar que se sentia bem psicologicamente, como nunca havia se sentido, não demorou para a doença agravar e ele ser

encaminhado para diversos hospitais da região, onde veio falecer³⁵. “Por determinação da representante do Ministério Público, o médium João foi indiciado em inquérito policial por homicídio doloso” (GARCIA, 2013, p.131).

Entretanto, apesar de João de Deus alegar aprendizagem com a escola de arbitrariedades e caciquismos, Garcia (2013) reconhece que o médium ainda tem certa apreensão e receio quando o tema é justiça ou polícia. Por outro lado, muito de sua tranquilidade e confiança na justiça advém do fato de que inúmeros médicos, autoridades religiosas, Ministros de Estado, juízes, promotores e advogados já receberam tratamento na Casa e, muitos deles, até hoje a frequentarem, fornecendo-lhe uma rede de proteção. “Atualmente, para evitar transtornos nos atendimentos fora de Abadiânia, João é acompanhado de advogados, exige uma liminar de *Habeas Corpus* e solicita autorização do seu mentor espiritual, se for positivo, aceita o convite” (SAVARIS, 2013, p.33).

Na década de 1990, com problemas acontecendo em Abadiânia, os quais o deixavam angustiado, o médium procurou Chico Xavier. Este lhe entregou um bilhete que demoveu João do intento: “Prezado João, caro amigo, Abadiânia é o abençoado recinto de sua iluminada missão e de sua paz. Chico Xavier. Uberaba, 12.09.93” (*apud* GARCIA, 2013, p.62).

Este capítulo da tese já se encontrava redigido quando, no início de dezembro de 2018, o médium João de Deus fora acusado de abuso sexual, durante os atendimentos individuais, por algumas mulheres. As acusações foram divulgadas primeiramente por meio de um programa televisivo de grande audiência e tiveram repercussão impactante devido à fama mundial do médium, e por ele ter tratado várias pessoas influentes na sociedade, inclusive políticos famosos e renomados artistas. Mulheres estrangeiras e brasileiras [estas não se identificaram, por vergonha e medo] apareceram no programa relatando cenas sexuais arquitetadas pelo médium em troca de cura. Uma mulher, atualmente advogada, veio a público afirmar que em 2008, com dezesseis anos, foi se tratar de síndrome do pânico com o médium e sofreu abuso sexual; na época, ela abriu uma ocorrência contra João de Deus, denunciando-o à justiça, mas o médium foi considerado inocente por falta de provas. Além disso, uma

³⁵ Em conversa informal com um FC, o mesmo declarou que se recomenda, em casos de doentes em estágio terminal, não os trazer ao médium, para evitar problemas legais (DIÁRIO DE CAMPO, 07.06.2018).

das filhas do médium o acusou de estupro continuado e atualmente pede indenização de R\$ 50 milhões na justiça.

Segundo duas outras mulheres, que disseram ter sido molestadas e abusadas, o médium controlava-as com possível 'retaliação espiritual':

Ele dizia: 'Se você não fizer o que eu estou falando, a sua doença vai voltar', disse uma das brasileiras, que não quis se identificar.

'Tinha muito medo deles mandarem espíritos ruins, da minha vida se tornar miserável, de não conseguir dormir', afirmou a holandesa Zahira Mous (*apud* CARVALHO, 2018, s/p).

Após essas sérias acusações, as quais incidiram na fé das vítimas, dos FC, dos frequentadores e dos que direta ou indiretamente foram beneficiados com o trabalho do médium, outro sobressalto assomou às semanas seguintes: mais de trezentas mulheres, brasileiras e estrangeiras, procuraram o Ministério Público de Goiás, informando os abusos praticados por João de Deus. Esse órgão, no intuito de apurar as denúncias, instituiu uma força tarefa composta por juristas e psicólogos. Nesse ínterim, João de Deus recebeu voz de prisão preventiva e no momento atual [janeiro de 2019] encontra-se detido no Núcleo de Custódia em Aparecida de Goiânia³⁶. Como defesa, o médium nega os abusos. Seus advogados requereram dois *habeas corpus*, os quais foram negados; um pelo Tribunal de Justiça e o outro pelo Superior Tribunal de Justiça.

Na prisão, João de Deus passou mal com tonturas e sangramentos, por ser cardiopata e devido a isso ele foi levado a um hospital em Goiânia. Dias Toffoli, presidente do Supremo Tribunal Federal, solicitou que a Justiça de Abadiânia informasse dados sobre a saúde do médium João Teixeira de Faria além de outras comunicações relevantes ao processo. O médium passou a ser investigado por posse ilegal de arma, estupro, estupro de vulnerável e violação sexual mediante fraude.

Posteriormente a esses acontecimentos, muitas notícias e informações vieram à tona por meio de veiculação midiática: a vigilância sanitária do Estado de Goiás fechou o laboratório da Casa sob alegação de ali se produzir remédios em escala industrial; em torno da Casa, muitos comércios demitiram funcionários e

³⁶ No presente mês de abril de 2019, o médium se encontra internado no Hospital de Neurologia de Goiânia para tratamento de aneurisma na região abdominal. O Ministério Público Federal [MPF] quer que João de Deus volte à prisão, porém, o colegiado do Superior Tribunal de Justiça [STJ] negou o pedido alegando que o médium tem direito ao tratamento especializado de sua saúde (MEIO NORTE, 2019, s/p).

algumas pousadas fecharam; a Casa passou a receber apenas 20% de frequentadores; foram descobertos na residência do médium seis armas – sendo uma com numeração raspada e outra de uso restrito à polícia [esse episódio fez com que João de Deus recebesse condenação de prisão domiciliar], um montante no valor de um milhão e seiscentos mil reais [segundo o Ministério Público, esse dinheiro pode ser indício de ocultação de patrimônio ou lavagem de dinheiro], pedras preciosas e uma significativa quantia em dólares e euros. Além disso, foi divulgado que o médium e sua esposa possuem mais de 80 imóveis, registrados em seus próprios nomes; ela, por sua vez, poderá ser criminalizada como coautora de posse ilegal de armas e por lavagem de dinheiro. Ademais, um juiz de Brasília imputou o médium de liderar quadrilha em Abadiânia (FOLHAPRESS BRASIL, 2018; LIMA, 2018; YAHOO NOTÍCIAS, 2018; FOLHAPRESS, 2018).

No primeiro depoimento dado por João de Deus, alguns fatos surpreenderam os presentes. Foram ocorrências consideradas como ‘sustos das coisas do além’: houve um curto-circuito, falha no computador e um policial foi atropelado. Nesse depoimento, o médium negou as acusações, afirmou não se lembrar das mulheres que o acusam e que ele recebeu ameaças pelo celular; dentre estas, algumas delataram que passaram a sofrer linchamento virtual. Por conseguinte, o Tribunal de Justiça ordenou o bloqueio de R\$ 50 milhões das contas de João de Deus para possível indenização às vítimas. Sobre tudo o que vem acontecendo em torno de João de Deus e conseqüentemente de Abadiânia, alguns moradores preferem o silêncio pelo medo de represálias do médium; uma editora suspendeu a distribuição de um livro sobre João de Deus; e a Federação Espírita Brasileira – FEB – publicitou que o médium não faz parte do espiritismo.

Diante dos fatos explicitados e denunciados contra o médium, muitos não são inéditos, pois João de Deus já respondia na justiça por mais quatro inquéritos sobre abuso sexual, dois em 2016 e dois em 2018. Uma promotora alertou que as acusações são mais graves que as do ex-médico Roger Abdelmassih, pois o médium além de ter abusado sexualmente de adultos, entre eles pessoas famosas, molestou crianças e adolescentes. Algumas pessoas célebres, após as denúncias, apareceram na mídia pedindo desculpas por ter recomendado os trabalhos mediúnicos de João de Deus. Uma delas asseverou que o médium é apenas João, sem Deus. O Ministério Público suspeita que alguns funcionários da Casa foram cúmplices nos abusos.

No final de dezembro de 2018, houve conclusão do inquérito da Polícia Civil de Goiás e João de Deus foi indiciado “sob a suspeita de violência sexual mediante fraude. O relatório final do inquérito diz que ele cometeu uma espécie de estelionato, ou seja, propôs um tratamento de cura espiritual com o intuito de cometer uma violação” (FOLHAPRESS, 2018, s/p). Além disso, está sendo divulgada a existência do *modus operandi* do médium, o qual se organiza em propor à pessoa atendimento especial e individualizado, levá-la para uma sala particular, trancar a porta, falar que vai curá-la ou alinhar seus chacras, apagar as luzes, virá-la de costas, passar a mão pelo seu corpo – iniciando o abuso – mormente nas partes íntimas e ‘trocar a cura’ – seja induzindo a vítima a manipular seu pênis, propor sexo oral ou até mesmo penetrá-la – após isso, presenteá-la com um quadro ou pedra preciosa e solicitar que não comente com ninguém.

Em um desses relatos, uma das abusadas revelou que, após o ato libidinoso, ‘ganhou o *status* de filha da casa’: “Ele falou: ‘A partir de agora você é filha da casa’. Ele me falou para escolher um dos cristais que tinha na prateleira e que aquele cristal seria a conexão dele comigo. A única forma de se provar que eu estive lá é o cristal”, e após perceber que não estava sozinha, ganhou força para denunciar o médium: “Quem é que acreditaria em uma pessoa simples como eu, quem é que iria acreditar na minha história? Agora nós temos força. Agora nós não somos só uma. Nós somos várias” (*apud* LIMA, 2018, s/p).

Diante dessas acusações e fatos, João Teixeira de Faria passa por descrédito não só de sua pessoa, mas de seu trabalho espiritual. Muitos doentes lamentam tal situação; uma família vinda da Euro-Ásia começa a considerar o médium como um embusteiro:

‘Até então, tudo estava indo bem. Mas quando vimos as notícias na TV, ficamos pensando: e se ele for um charlatão?’, diz Demir Ali Selen, 28, que veio da Turquia junto com os tios em busca de tratamento para o sobrinho, de três anos, diagnosticado com câncer no cérebro. ‘É difícil ouvir sobre isso sabendo que levamos mais de 24h só para chegar até aqui’ (*apud* FOLHAPRESS BRASIL, 2018, s/p).

No entanto, ao considerar a força religiosa vista anteriormente, isto é, de como a religião produz valores morais e identitários, as realidades veiculadas, dependendo a fonte – se sagradas ou profanas – são entendidas comumente como simples ou ilusórias. As motivações que Geertz (1989) comunica são agora exemplificadas na prática, não somente pelos religiosos simpatizantes a João de Deus, mas também

pelos antagonistas a ele, ou pelos ateus que praguejam. Normalmente, nessas ocasiões, cada pessoa concebe a realidade e a compreende de acordo com seu universo simbólico-social, tentando demonstrar certa aura de fatualidade em suas crenças. Isto não desmerece as verossímeis acusações que devem ser apuradas e, se comprovadas, dever-se-á executar sentença ao réu, de acordo com a lei. Além disso, nesse contexto, ou seja, diante dos ‘fatos’, é comum se utilizar de estruturas simbólicas sagradas para culpabilizar ou inocentar uma pessoa, seja ela vítima ou ré.

Desta forma, a última frase dita na Casa pelo médium João, antes de ser preso: “Agradeço a Deus por estar aqui. Ainda sou irmão de Deus. Quero cumprir a lei brasileira. Estou nas mãos da lei. João de Deus ainda está vivo” (YAHOO NOTÍCIAS, 2018, s/p) apresenta símbolos linguísticos que podem ser compreendidos de acordo com a capacidade interpretativa de cada pessoa. Enquanto alguns enxergam-na como uma confissão de *mea culpa*, outros veem-na como um pedido de socorro à justiça; há ainda alguns que a concebem como um simples discurso de coragem e resignação diante da provação.

Consequentemente, iniciou certa desconfiança acerca de determinados acontecimentos expressos por alguns biógrafos próximos ao médium, como Garcia (2013 e 2009) e Cumming e Leffler (2008). Garcia (2013), advogado particular de João de Deus, à época da escrita de seu de seu livro, omitiu ações judiciais contra o médium sobre incriminações sexuais. Vale ressaltar que esse autor frisou o medo que o médium tinha da polícia ou da justiça e de como deixou de ser, sobremaneira, perseguido ao longo da história ao ganhar proteção de muitos advogados, juízes, ministros de estado, médicos e outros. Cumming e Leffler (2008) – FC há 19 anos – parece desmerecer aspectos autoritários do médium, retratando-o como ‘pessoa normal’, igual a outra pessoa, mas com mediunidade de cura ímpar. Essa autora cita o médium gabando-se de que ele sempre foi preso por levar a palavra de Deus, não por ter cometido um crime grave. Tal frase possivelmente justifique o assombro maior das pessoas religiosas, ou seja, o fato de que por princípios ‘sagrados’ não se deve machucar mulheres ou outras pessoas quaisquer, independente do gênero, etnia ou idade; o problema se agrava por se tratar de uma autoridade religiosa que a pratica ou tem uma relação hierárquica maior sobre outrem. Por conseguinte, provavelmente, seja esse o motivo do ‘silêncio envergonhado’ de alguns FC, como será possível observar.

Para a questão-problema da tese em si – ‘quais os significados e sentidos para os FC sobre as intervenções espirituais realizadas por João de Deus?’ – compreende-se que pouco se modificou com as acusações imputadas ao médium. Acredita-se, que as respostas dos FC sobre João de Deus poderiam ser diferentes, com outros detalhes ou compreensões, como mostrará o próximo item. Mas como todo acontecimento histórico tende a modificar as concepções ao longo do tempo, pesquisas futuras poderão trazer novos discernimentos dos FC sobre o ocorrido – se ainda estes existirem – pois a pesquisa etnográfica foi anterior a todo esse ocorrido de denúncias contra o médium.

Depois de mostrar um pouco da trajetória do médium, faz-se necessário entender como é João Teixeira de Faria no trato com as pessoas, ou seja, o homem por trás do médium João de Deus, de acordo com seus biógrafos, e também na perspectiva dos[as] Filhos[as] da Casa. É necessário compreender moderadamente sua personalidade e o que ele representa para esses[as] Filhos[as] da Casa.

1.6.1 João de Deus aos olhos dos(as) Filhos(as) da Casa

João era considerado uma espécie de guru da Nova Era, um médium que constantemente se encontrava sob os holofotes da mídia nacional e internacional, principalmente quando atendia pessoas famosas ou era entrevistado por jornalistas de renome. Muitos profissionais da comunicação chamavam o médium de lendário, célebre e outros nomes que recordam certa aura de magnanimidade. Suas atividades em grandes centros do mundo, como Nova York, Alemanha, Suíça, Peru, Grécia, Portugal e outros, projetaram-no para além das fronteiras de Abadiânia, Goiás e Brasil. Para quem o via pela primeira vez, nos finais de semana, e esperava encontrar uma pessoa humilde nas vestimentas e desapegado nas ostentações, assim como Chico Xavier, enganava-se. João é vaidoso, exibia sua grossa corrente de ouro no pescoço, anel de esmeralda e um de seus carros luxuosos, quando saía pela cidade. Mas nos trabalhos na Casa ele era mais discreto. Contudo, seu itinerário da pobreza à fama mundial pouco importava àqueles que sofriam, então desenganados pela medicina em busca da cura. O próprio médium tem convicção de que “bens materiais são necessários para viver com dignidade, a fim de evitar depender de outras pessoas, mas não são mais importantes que o patrimônio espiritual” (*apud* GARCIA, 2013, p.147).

Mesmo sendo uma pessoa famosa, não raras vezes, o médium chamava atenção para não ser endeusado. “Desincorporado, sou uma pessoa normal, com virtudes e defeitos, mais defeitos do que virtudes” (*apud* GARCIA, 2013, p.144). Devido à fama, era difícil vê-lo em eventos sociais, *shoppings*, restaurantes ou lugares de grande aglomeração. “Sua vida se resume aos atendimentos às pessoas que o procuram, às atividades como fazendeiro [...] e à residência. Por ser publicamente reconhecido, teve que renunciar à vida social” (GARCIA, 2013, p.156).

Quando era dia de atendimento na Casa, normalmente vestido com roupas brancas simples, o médium não ostentava luxo, a não ser seu anel. E quando subia ao palco da Casa, não estando incorporado, repetia esse discurso, no todo ou em partes:

Em 1978, instalei a Casa de Dom Inácio neste solo sagrado de Abadiânia, esta terra bendita, onde Deus me colocou para cumprir minha missão. Eu não curo ninguém. Quem cura é Deus, que em sua infinita bondade, permite às Entidades que me assistem proporcionar cura e consolo aos meus irmãos. Eu sou apenas um instrumento em Suas divinas mãos. Fui garimpeiro e aprendi que a pedra preciosa, para mostrar sua verdadeira beleza, precisa sofrer o desgaste da lapidação. Assim é cada filho, raro diamante da criação, que necessita ser lapidado para realizar sua superior destinação. O mundo passa por grandes transformações, gerando conseqüentemente grandes sofrimentos, porém, a nossa força e sustentação devem residir na confiança no Ser supremo, que é nosso Deus. Para finalizar, deixo como mensagem as palavras do Cristo no Evangelho de João [15, 12]: ‘o meu mandamento é este: que vos amai uns aos outros, como Eu vos amei’ (*apud* SAVARIS, 2013, p.31).

Como pessoa, aos olhos de quem estava próximo a João, ele era facilmente diferenciado de quando estava incorporado. “Incorporado, atende a todos com energia e paciência infatigáveis. Desincorporado, pode ser personalista, exigente e, às vezes, errático” (MACHADO, 2016, p.184). Para Savaris (2013), João possui várias qualidades como serenidade, discrição e amabilidade, mas também tem seu lado imperfeito, pois apresenta características tais quais impaciência, agressividade, aspereza e centralização. Em relação a esta última, ela pode ser sua maior particularidade, pois todos os taxistas que atendem os estrangeiros da Casa e os donos das pousadas próximas a mesma são impelidos por João a cobrarem preços justos pelos serviços.

Antes de evidenciar os relatos dos[as] Filhos[as] da Casa pelo médium João de Deus, é interessante apresentar uma história para, quem sabe, adentrar o leitor

numa espécie de atmosfera de saúde-doença-cura na Casa; um clima psíquico que, para quem passa pelo sofrimento, sabe o preço e a grandiosidade de, simplesmente, 'estar bem', em paz, feliz, sem dor ou angústia. Desta forma, espera-se contemplar João de Deus aos olhos dos[as] Filhos[as] da Casa.

Melinda Holland, Psicóloga, Austrália Ocidental - Austrália.

“Eu não podia fazer nada além de existir. Não queria viver uma vida com tanta dor. A Entidade disse: Tu serás curada, mas levará tempo”

Machuquei minhas costas em um acidente em uma mina de ouro na Austrália quando eu tinha 21 anos de idade. O trabalho era braçal, com levantamento e abaixamento. Não percebia que podia me causar tantos danos. O professor de engenharia da minha irmã calculou a força sustentada pelas minhas costas, concluindo ser inevitável que eu me machucasse. Na minha pressa para melhorar, eu fui a um quiropraxista que lesou minhas costas quatro vezes e, depois disso, não pude me mexer durante dois anos. Eu mal conseguia caminhar. Para realizar uma atividade simples, como abrir uma janela, eu teria que deitar no chão por quatro horas para me recuperar. Morava na beira da praia de Scarborough. E não podia caminhar os cinco minutos necessários para chegar até lá. Se eu tentasse, teria que voltar. Fui a todos os tipos de especialistas, e nenhum deles sabia me dizer porque eu tinha tanta dor. A dor era parecida com uma corrente elétrica.

A mineradora não possuía seguro para compensar os trabalhadores. Era jovem e não tinha educação, não tinha uma carreira. Sentia que minha vida tinha acabado. A dor era tão intensa que costumava chorar todos os dias. Eu estava desesperada por sentir dor, então me enviei em uma missão em busca da minha cura. Sentia que se não encontrasse a cura, eu pularia de uma ponte e me mataria. Não queria viver uma vida com tanta dor. Também me sentia torturada, desejava nunca ter ido ao quiropraxista. Eu não podia fazer nada além de existir. Não podia sentar, deitar ou caminhar. Todas as partes do meu corpo doíam. Então comecei a experimentar terapias alternativas e viajei para diversos lugares na Austrália. Experimentei kinesiologia e consertei um disco machucado na coluna, o que me fez uma grande diferença, mas eu ainda tinha as dores elétricas. Minha busca me levou a caminhos mais espirituais e descobri o Chi Kung chinês, pratiquei por dois anos sem resultado. A meditação era como a corrente na Casa. Eu também comecei a cursar Psicologia para compensar o fato de eu não ter completado os meus estudos.

Meu namorado na época era um psiquiatra, assinava revistas alternativas. Um dia, ele recebeu uma revista que continha um artigo sobre um curandeiro no Brasil. Ao ler, soube que eu precisava ir ao Brasil e isso era tudo em que eu podia pensar. Minha primeira viagem ao Brasil durou apenas uma semana. Eu sabia que precisava voltar e passar mais tempo. Então, em 1998, passei muitos meses em Abadiânia e determinei de que essa era a minha chance. Eu estava disposta a fazer dar certo. Finalmente, eu achei alguém para ser meu

intérprete e escutei da Entidade que havia encontrado o lugar certo. Ela viu que eu havia ido a todos os lugares e tentado tudo. Falou que eu me curaria mas que levaria tempo e que eu precisaria participar da corrente.

No começo, eu não entendia a Casa. Era muito difícil naquela época, sem um guia ou tradutor para estrangeiros. O primeiro tradutor de inglês foi uma benção. Eu perguntava constantemente para a Entidade sobre a minha dor, e ela apenas dizia para eu participar da corrente. E assim eu fazia. Dava o meu melhor, mas eu não conseguia sentar corretamente, então tinha que pedir permissão para deitar no chão. Eu usava um fino colchonete de acampar. Quatro anos na corrente dos médiuns, onde chorei muito para me purificar. É verdade que a corrente limpa seus problemas. Eu sentia a energia da corrente entrando pela minha cabeça descendo pelo meu corpo até sair pelos meus pés. Um dia, eu tive minha primeira grande cura. Eu estava deitada no chão e não podia me mexer; estava chorando. Um dos funcionários da Casa teve de me carregar até a Entidade, que disse que eu estava recebendo trabalhos especiais. Decidi que, se depois de quatro anos eu não obtivesse resultados, eu não voltaria mais. Então a Entidade me colocou para trabalhar na corrente das Entidades. Eu tive muitos resultados no quinto e sexto ano. A Entidade disse que eu precisava da dor para progredir espiritualmente. Eu enxergo isso hoje. Como resultado, eu sou mais determinada, tenho mais força interior e de caráter, e sou mais persistente do que outras pessoas.

Eu tentava resolver problemas com meu namorado, que não gostava do fato de eu passar tanto tempo no Brasil. Decidi que retornaria para o Brasil e tentaria buscar a minha cura, e que meu relacionamento teria que acabar. Voltei para o Brasil, passando muito tempo na corrente. Até que a Entidade Xavier disse que, para eu conseguir o resto da minha cura, eu deveria trabalhar na casa e me designou para a enfermaria. Fiquei bastante assustada, mas acabei gostando muito do trabalho, como assistente. Eu me sentia muito bem em ajudar as pessoas. Era uma boa experiência ver a Casa por outra perspectiva; você conhece pessoas que estão em uma situação pior que a sua. Trabalhei na enfermaria três meses e descobri que era uma das Filhas da Casa. Além disso, minha relação com minha mãe também melhorou. Antes, nós vivíamos em conflito. Isso me permitiu voltar para casa e continuar os estudos. Eu tentei descobrir o que queria estudar na faculdade. Sentia como se tivesse perdido a minha identidade por algum tempo. Meu namorado era médico e mais velho que eu, tinha mais poder e tentava controlar tudo o que eu fazia. Quando pude me libertar dessas amarras do relacionamento, decidi voltar para a Psicologia e terminar Pedagogia que estava cursando. A Entidade, no dia da minha partida, era novamente Xavier. Em meu coração, eu não queria ir embora, mas eu sentia a pressão para colocar minha vida em ordem. Xavier gritou comigo, agora a casa inteira sabia o que ele havia me dito. Ele disse: “eu te dei emprego, você não deveria ir embora, deveria ficar” apontando para a enfermaria. Ele estava bravo, e eu fiquei ainda mais confusa.

Na Austrália, eu já era capaz de subir uma montanha e assim o fiz. Uma semana depois, fui admitida na universidade de Swinburne, em Melbourne, para cursar Psicologia. A Swinburne é uma das melhores na Austrália para esse curso. Nessa época, quebrei meu pé, tive uma grande crise de depressão. Eu não estava preparada para

outro acidente envolvendo tanta dor. Já formada em Pedagogia, eu iniciei Psicologia, mas minha condição mental só piorava. Precisei de ajuda da medicina tradicional para lidar com a depressão e com os abusos do meu ex. Escrever minha tese foi muito difícil, mas todas as noites eu escrevia bilhetes às Entidades, que me ajudavam com as seções que eu ia escrevendo, adicionando tópicos que envolviam a neurociência. Foi a coisa mais difícil que eu já fiz, intelectualmente falando. Eu pensava sempre no que Xavier havia me dito e, mesmo assim, passei muito tempo na Austrália.

Rumo à minha terceira viagem, Xavier disse que me arrumaria trabalho novamente, mas eu não estava preparada. Precisava me curar da depressão. Quando retornei, em 2004, a Entidade me mandou apenas para a cachoeira por quatro meses. Após esse tempo, fui mandada para a corrente, e os problemas com meu ex e com minha vida passada foram resolvidos e deixados para trás. Eu passei a respeitar a cachoeira após esse intenso trabalho. Então, senti-me pronta para terminar a missão que Xavier me deu. Voltei à Entidade e pedi por Xavier, ele estava presente e me mandou para a sala dos médiuns para que eu me purificasse. Passei uma semana lá dentro. No dia 25, Natal, pedi por Xavier, e ele disse que era ele mesmo. Perguntei onde deveria ir para trabalhar. Ele disse: “Vá onde você quiser”. Mas eu queria uma resposta concreta e, dessa vez Heather conseguiu uma vaga dando informações a grupos de pessoas. As informações são dadas na fila após intervenções cirúrgicas ou espirituais. Eu ajudo o time brasileiro e estrangeiro, dando direções para as filas que saem da consulta com a Entidade. Eventualmente ajudo pessoas respondendo dúvidas, às vezes preciso encontrar alguém que fale certo idioma para que uma pessoa seja atendida. Eu gosto muito do trabalho. E, em troca, tem me ajudado a me libertar do resto da dor que tenho em meu corpo, mandando-a embora pelas minhas pernas, pouco a pouco. Hoje, posso andar de bicicleta todos os dias, ficar de pé por longas horas e caminhar normalmente. Um dia, espero completar a minha cura e, neste meio tempo, estou ajudando a Casa. Milhares de brasileiros e estrangeiros vêm aqui. O mundo vem aqui. Eu sou abençoada por ter conhecido tanta gente e testemunhado tantas curas. É um hospital especial, onde você se liberta de dores do passado, mas também uma escola espiritual, onde você aprende a mediunidade e habilidades psíquicas para ajudar outras pessoas. Eu aprendi a me libertar de amarras e mandá-las embora, a enviar mensagens a amigos e familiares de pessoas que faleceram recentemente. Isso ajuda os que foram deixados para trás. Também é importante aprender como salvar outras pessoas, como demonstra os ensinamentos jesuítas de Dom Inácio. Eu me sinto muito mais feliz e em paz. Sinto que encontrei o que procurei durante minha vida inteira. Hoje tenho 46 anos (*apud* XAVIER, 2017, p.183-190, grifo da autora).

Ao ler o relato de Melinda Holland, muitas situações são significativas, ocorridas antes dela chegar à Casa: não somente suas dores e problemas nas costas, mas sua angústia com a mãe; culpa pelo que fez o quiropraxista; constrangimento pela falta de estudo universitário; aviltamento em só existir como um vegetal; conflito e resistência ao suicídio; firme decisão de buscar cura alternativa já que a medicina

oficial não resolvia e; problemas com o namorado possessivo. Após sua chegada, a cura viria com mais tempo; chorando, se purificou na corrente da Casa; descobriu sentido existencial na dor como progresso espiritual e mental; libertou-se das ‘amarras’ do ex-namorado e do passado; aceitou a condição de cura com o trabalho voluntário; conheceu doentes em situação pior; melhorou o contexto com a mãe e ‘voltou para os estudos’; subiu montanha; foi enviada à cachoeira e, por causa disso, começou a respeitá-la; em troca do trabalho na Casa se libertou da dor; pôde caminhar normalmente, andar de bicicleta e mover-se por longas horas; conheceu muitas pessoas e testemunhou inúmeras curas; passou a conceber a Casa como um hospital especial e uma escola espiritual; libertou-se das dores do corpo e do espírito, aprendeu mediunidade e habilidades psíquicas; envia mensagens dos ‘falecidos’ aos deixados para trás e; procura, a exemplo dos ensinamentos de Dom Inácio, salvar outras pessoas.

Depois desse processo de dor à cura, da tristeza profunda à felicidade, caso fosse perguntado à Melinda o que ela pensa de João de Deus, o que representa o médium em sua vida, possivelmente sua resposta seria a mais enaltecida possível. Talvez, para seus familiares e amigos próximos a conclusão não seria diferente. Assim, entendendo que as respostas dos FC proporcionam e denotam um imaginário abundante de adjetivos enaltecidos, tem-se claramente uma valorização profícua sobre João de Deus. Classificá-lo como luz, amigo ou guia parece ser a ponta do *iceberg*, pelo menos para os religiosos simpatizantes.

Assim sendo, serão explorados alguns relatos dos[as] Filhos[as] da Casa sobre o médium. Antes, ter-se-á como base uma frase de Melinda: “eu sou abençoada por ter conhecido tanta gente e testemunhado tantas curas”, pois os[as] Filhos[as] da Casa entrevistados vivem isso cotidianamente, relacionam-se com muitas pessoas e testificam várias recuperações, inclusive as próprias, como poder-se-á notar. Quando perguntado a estes o que representa João de Deus, as respostas são variadas como devem ser, mas todas possuem um denominador comum: que ele representa inúmeras virtudes entre os humanos.

O procedimento arquitetado nessa tese para analisar os depoimentos dos FC separará as explicações segundo as categorias apontadas por Lakatos e Marconi (2003), quais sejam: validade, relevância, especificidade e clareza, profundidade

[incluindo a intensidade emocional] e extensão³⁷, e em outros parâmetros como regularidade e discrepância. No entanto, foram encontradas algumas dificuldades, visto que cada uma das respostas dos FC apresenta caminhos de pensamento e simbologia diversos. Assim, sem o objetivo de forçar ajuntamentos, optou-se por iniciar por uma apresentação de um rápido comentário antes da resposta completa de cada FC. Na sequência, seguirá um maior detalhamento, salientando, quando necessário, alguma categoria apontada ou outra surgida diante das respostas. Especificamente, na pergunta sobre a representação de João de Deus, devido à regularidade de atribuir qualidades morais ao médium e pela ‘força da realidade das respostas’ em exigir tal inclusão, com isso se incluiu a categoria *a posteriori* ‘qualidade moral’, apontando as que os próprios FC realçaram sobre o médium. Ao final de todos os depoimentos, optou-se por fazer uma análise integral, sinalizando convergências e divergências nas falas dos sujeitos a partir dessas categorias analisadas.

Sendo assim, para o FC1, João de Deus representa esperança de cura mental e física; a ‘retomada’ do desenvolvimento íntimo e uma sociedade com menos problemas.

O senhor João representa a recuperação da esperança que se perde quando acreditamos que não há mais saída para o nosso problema, seja de saúde física ou espiritual. Representa a continuidade do meu processo de evolução para chegar até Deus. Representa um pouco de luz em uma sociedade tão sombria e instável em todos os aspectos (FC1).

É relevante frisar que a FC1 passou por uma doença incurável para a medicina regular [tumor na pineal] e, com poucas esperanças, encontrou em João de Deus sua extraordinária cura. Para quem estava tristemente se despedindo da vida, a recuperação significou renascimento. Ela não apenas foi curada; isto não bastou.

³⁷ Por estas categorias, os autores compreendem:

- **Validade.** Comparação com a fonte externa, com a de outro entrevistador, observando as dúvidas, incertezas e hesitações demonstradas pelo entrevistado.
- **Relevância.** Importância em relação aos objetivos da pesquisa.
- **Especificidade e Clareza.** Referência a dados, data, nomes, lugares, quantidade, percentagens, prazos etc. com objetividade. A clareza dos termos colabora na especificidade.
- **Profundidade.** Está relacionada com os sentimentos, pensamentos e lembranças do entrevistado, sua intensidade e intimidade.
- **Extensão.** Amplitude da resposta” (LAKATOS e MARCONI, 2003, p.200-201).

Sobre a categoria ‘validade’, destaca-se que, além do evidente significado, haverá uma comparação entre as entrevistas colhidas nesta mesma pesquisa sobre os FC. Isto posto, faz-se saber a originalidade desta tese, ou seja, não há bibliografias tratando especificamente dos FC, não havendo assim fonte externa.

Essa FC mudou de vida e deu novo sentido existencial, inclusive na compreensão de que João está seguindo um caminho evolutivo, assim como ela, rumo ao sagrado maior; João de Deus “representa a continuidade do meu processo de evolução para chegar até Deus”. Sua consideração leva em conta o coletivo da sociedade, quando percebe que esta vive em sombras e instabilidades políticas, sociais, econômicas e outras³⁸.

Para a FC1, João de Deus não traduz somente cura, mas transporta novas significações; significações, acima de tudo, espiritualizadas. As lições do médium não representam apenas a manifestação de uma hierofania para essa FC; aparentemente, ela passou a enxergar várias hierofanias no cotidiano com o médium: esperança da cura em lugar de desengano da medicina; travessia ou ponte para algo melhor e; atitudes para ajudar muitas pessoas – a clareza do bem ao próximo, que não se restringe às curas do corpo, mas também mental, a exemplo de luzes-guias – não merecedoras pelo que estão passando sociopoliticamente em solo brasileiro, aparente e principalmente, o povo pobre. Assim, acentua-se que essa FC parte de uma visão individual para uma coletiva, como a desejar expandir os benefícios da espiritualidade.

Sobre as categorias de Lakatos e Marconi (2003), é possível destacar tal depoimento quanto à ‘relevância’ – para os objetivos desta tese –, pois a FC1 tem seus sentidos e significados elevados após a submissão a uma intervenção físico-espiritual, a qual lhe forneceu qualidade e ‘razão de vida’, graças ao médium. Sobre a ‘profundidade’ na intensidade sentimental, ela embargou a voz e ficou em silêncio comovido, diante da pergunta da representação do médium. Pela categoria ‘extensão’, sua lembrança da própria cura e benefício se estendeu para o coletivo social, como a desejar ampliar os prazeres físicos e mentais que todos podem usufruir. As ‘qualidades morais’ ressaltadas do médium foram: retorno da esperança, reafirmação do objetivo de vida e pequena luz na escuridão.

Segundo o FC2, João carrega uma bandeira de amor, de Deus e da cura, mesmo sendo um humano imperfeito. O médium demonstra humildade e grandeza ao dar chance de crescimento às pessoas.

³⁸ Sabe-se que crises nacionais são bastante veiculadas pelos Meios de Comunicação de Massa. Quando adentramos na adolescência, no colégio, os professores diziam que o que atravancava o Brasil e os brasileiros, impedindo o desenvolvimento social, era a Dívida Externa. Hoje, é falado que o que estorva é a Dívida Pública e os maus políticos. Sobre estes, dizem que se trata de políticos que não têm visão comunitária, mas egocêntrica. Desta forma, as ditas instabilidades sombrias parecem infundáveis. Por mais que os líderes da nação brasileira afirmem priorizar saúde e educação, é fácil constatar ser isto uma falácia, desde a redemocratização do Brasil, principalmente a partir de 1985.

Olha, é uma pessoa que dedicou sua vida a carregar essa bandeira do amor, de Deus, da cura. É um homem que tem tido uma vida dura, ele mesmo disse que tá cheio de defeito. Não é uma pessoa num pedestal assim, mas por outro lado, tem tido reações muito grandes e ele tem segurado essa bandeira. Uma das coisas mais duras nesse mundo é sustentar essa bandeira, porque é atacado constantemente, então ele... ele é um guia, é uma luz nesse sentido e... tem colocado coisas muito difíceis para enfrentá-las, mas no final sempre tem esse equilíbrio... Essa visão de dar oportunidade para nós crescermos. Então, para mim, foi diferente do que eu tinha praticado, a possibilidade de ver e de trabalhar com a espiritualidade dessa forma... Mediunidade não era uma coisa que eu conhecia, mas dentro disso a espiritualidade é verdadeira, então de uma forma ou outra são maneiras de prática, formas de vida. Agradeço a espiritualidade que está nos guiando... (FC2)

Nota-se que o FC2 não era principiante na prática espiritualista quando teve contato com João de Deus, porém a familiaridade direta com o fenômeno mediúnico foi inusitada. No entanto, pressupõe-se que seus estudos e contatos anteriores o prepararam para não estranhar tais acontecimentos. Ele próprio verificou ser possível o impossível pela medicina convencional, ou seja, de onde nada sairia, saiu seu filho. Esse fato, junto aos outros, alça João de Deus como um guia espiritual, um mestre que leva seus alunos a experimentarem por si mesmos – à maneira dos pais contemporâneos da pedagogia, como Dewey e Paulo Freire³⁹ – o desconhecido mundo espiritual.

Ademais, o FC2 levanta aspectos dos possíveis problemas causados por patrocinadores de derrotas, amantes da crueldade que trabalham contra o serviço do médium, visto que este é “atacado constantemente”, como afirmado. Para finalizar, esse aprendiz fala da gratidão por estar sendo guiado pela espiritualidade. Tal frase pode parecer um pouco exagerada, porém, o FC2 mostra, de seu ponto de vista, que muitas coisas foram acontecendo em sua vida, como se fossem construídas no invisível, materializações de novidades pouco esperadas. Essas conquistas ocorreram com os ensinamentos da espiritualidade, segundo esse FC.

Em relação às categorias de Lakatos e Marconi (2003), sobre o aspecto ‘relevância’, ressalta-se que o sentido e significado, constituídos após o encontro com o médium João e a permanência na Casa, tenham-no feito responsável pela tarefa de

³⁹ Ambos autores, John Dewey e Paulo Freire, cada um a seu modo, construíram suas pedagogias para que os alunos experimentassem na prática social aquilo que aprendiam. O primeiro tinha uma postura mais cientificista, o segundo mais progressista, mas ambos almejavam um aluno atuante e questionador, distante da passividade e da postura ‘bancária’.

se tornar um FC na realização de um trabalho de ajuda ao próximo e a si mesmo. Assim, nota-se sua 'profundidade' emocional na lembrança com a escola, sendo o médium João o professor e o diretor da mesma, ensinando seus alunos a praticarem o que é aprendido. Em relação à 'extensão', o FC2 entende João de Deus como alguém que carrega uma bandeira e que recebe agressões, representando a espiritualidade encarnada e sendo guia de luz para muitos. As 'qualidades morais' destacadas referem-se à força e à coragem [por carregar a bandeira sob hostilidades], à humildade, ao amor e à inteligência [ao enfrentar os problemas que resultam em equilíbrio].

Cada Filho(a) da Casa tem seu modo de representar o médium, mas o FC3 causou admiração ao desenhar João de Deus sendo três em um.

O médium João é uma pessoa muito especial. Eu costumo dizer o seguinte: nós temos três pessoas em uma só [risos]. Temos o seu João, uma pessoa muito simples, muito carinhoso, muito preocupado com todos. Nós temos o médium João, o médium João é conhecido mundialmente, o João de Deus, John of God. E nós temos o médium incorporado quando ele se entrega para as Entidades de luz fazerem em seu trabalho humanitário. Então, o senhor João é aquela pessoa que cuida de tudo, de todos e tem o seu lado humano, seu lado assistencial com a Casa da Sopa, as crianças, o gabinete dentário e o cuidado com os velhos. Enfim, tem assistência dentária na Casa da Sopa, as campanhas que ele faz durante o ano de escola, uniforme escolar, material escolar. Ele paga universidade para algumas pessoas, tem um trabalho assistencial muito forte, muito bonito..., as crianças, Dia das Crianças, as festas de fim de ano né, enfim, coisas que talvez a ... a municipalidade não faça e que o médium João consegue fazer na cidade de Abadiânia, então isso tudo é muito importante. O médium João, pelo fato de ser inconsciente, até recentemente, até o ano passado, o médium João não sabia que eu não enxergava, poucas pessoas aqui na Casa sabiam, porque eu andava devagar e tomava o máximo de cuidado para não cair, eu me posicionava, conseguia me posicionar através do contraste. E as pessoas vendo isso, até por falta de informação, enfim, as pessoas acham que quem não enxerga usa bengala. E o paciente com subvisão severa ou leve, ele não usa bengala, geralmente, e eu com 5% de subvisão eu caía, chegava aqui para sentar na corrente com a calça suja e tal, mas eu tinha que vir sentar na corrente e as pessoas não imaginavam que meu grau subvisão fosse tão severo, a ponto de ser considerado como cegueira. As pessoas que tomaram conhecimento depois do resultado da minha cirurgia onde a Entidade pediu um depoimento e o médium João da mesma maneira, como ele é médium inconsciente, quem me atendia lá dentro e fazia as materializações, abria minha vista, fechava minha vista, era a Entidade Doutor Augusto, o médium João não sabia, até que um dia eu tive oportunidade de viajar por acaso – não tem por acaso –, por uma convergência da espiritualidade mais uma vez, e tive a oportunidade de viajar com médium João, onde ele percebeu que eu tinha uma

dificuldade muito grande para desembarcar do avião... e aí o médium João perguntou se eu tinha problema de visão, se eu não enxergava. Até então, depois de 9 anos, ele não sabia que eu não enxergava [risos com lágrimas, voz embargada, pausa silenciosa para se recompor]... E aí foi muito curioso, porque ele virou para mim e falou: como é que você vai descer a escada do avião? Você não está enxergando. Eu falei: se você emprestar seu ombro... eu desço com mais segurança. Aí eu pus a mão no ombro do médium João e ele me acompanhou até o desembarque no aeroporto. Foi um momento muito especial que eu guardo no coração como se fosse hoje. Tenho uma gratidão muito grande [lágrimas de alegria]... Então o médium João representa para gente, primeiro o senhor João, o homem simples, um homem que se fez na vida e que ajuda as pessoas, tem obra assistencial; o médium João uma pessoa especial... pela missão que ele cumpre, pela doação... de entrega total, pessoal, deixando a família de lado muitas vezes, para ajudar milhares de pessoas que vêm a Casa de Dom Inácio. O médium João representa os trabalhos humanitários de um homem, a missão que esse homem tem para cumprir, e o médium João incorporando as Entidades, a missão de resgate de toda uma população. Então as quantidades enormes, milhares de pessoas que vem à Casa de Dom Inácio, chegam aqui fragilizadas e com 'n' tipos de problemas, os mais graves possíveis e imagináveis, muitas vezes terminais. Saindo aqui... ou saem curados, ou saem com uma lição de vida, com uma pontinha de diretriz, de rumo na vida, para poder fazer essa transformação pessoal. Nós todos estamos aqui para evoluir, Abadiânia é uma grande escola, a casa de Dom Inácio é uma grande escola. Não tem mágica. Como o médium João mesmo fala sempre, não tem mágica, a cura está dentro da gente, quem cura são as Entidades de luz, Deus, o nome que você quiser dar, dependendo da sua crença, da sua fé. Então é isso que representa o médium João, são três pessoas juntas em uma só (FC3).

A analogia foi uma simples representação, porém, original: João de Deus como o homem João Teixeira de Faria, como médium famoso e veículo das Entidades. Como homem, é casado com sua décima esposa, pai de nove filhos – mas não gosta de falar de [ex-]companheiras e filhos (GARCIA, 2013) – é fazendeiro, pecuarista e garimpeiro. Realiza ou tem várias obras assistenciais. O segundo, o João de Deus – que ganhou esse apelido ‘de Deus’ em Abadiânia, ‘carinhoso’ segundo ele, por lembrar ‘Deus, O puro amor’; mais aceito que João Curador ou João de Abadiânia (SAVARIS, 2013) – com suas atividades mediúnicas na cidade goiana, sendo o John of God ou ‘João de Deus’ que reitera: “you can deceive people for one year, two year, but not for 44 years - that would be very difficult”⁴⁰ (WING, 2002, p.04). Como Entidade, o grande trabalho de curar muitos e de sustentar a bandeira do amor por onde vai, em qualquer parte do mundo.

⁴⁰ “Você pode enganar as pessoas por um ano, dois anos, mas não por 44 anos - isso seria muito difícil” (nossa tradução).

Como médium, talvez se possa enxergá-lo como um ser interexistencial pois, algumas vezes, assume características não pertencentes ao homem João Teixeira de Faria, como visto anteriormente. Uma amostra disso, por outro viés, é quando Heather Cumming, FC dedicada e uma das autoras do livro que é utilizado nesta tese, afirma: “eu sinto amor incondicional quando estou com o médium João e as Entidades” (CUMMING e LEFFLER, 2008, p.44). Por sentir o mesmo com ambos, isto pode estar demonstrando certa fusão das personalidades imagéticas, ou melhor, caracterizando uma espécie de generalização de estímulos entre João de Deus e a Entidade, ou a manifestação da Entidade mesmo quando João de Deus está em estado de consciência ou semiconsciência.

Sabe-se que João de Deus anuncia várias vezes no palco da Casa e nas filmagens que não é ele quem opera as intervenções, mas Deus e os espíritos de luz, deixando claro que ele, João Teixeira de Faria, não é o ‘ser do conhecimento’, tendo instrução de analfabeto funcional. Aparentemente essa Entidade, como o ‘ser do conhecimento’, é quem realiza os milhares de prodígios registrados em livros e vídeos, seja em pessoas comuns ou autoridades nacionais ou mundialmente identificadas.

Sobre as materializações, o FC3 mostrou, após o término da entrevista e da narrativa, uma foto de uma pedra de cristal em sua mão, com dois centímetros de diâmetro. Havia um triângulo dentro dela; um triângulo branco, que parecia feito de fumaça. Esse FC ressaltou que as Entidades atuam na matéria, na massa do corpo, restabelecendo-a, assim como fez a Entidade Dom Inácio que pediu a pedra que estava com ele e segurou-a forte entre as mãos. Devolveu após alguns segundos e pediu-lhe para falar alto o que via [lembrando que ele era quase cego]: “um triângulo, símbolo da Casa de Dom Inácio”, asseverou FC3 (DIÁRIO DE CAMPO, 22.06.2018). Segundo ele, o triângulo na pedra desapareceu com o tempo. Talvez isto, junto a outros episódios, deram-lhe motivo de ver Abadiânia, mais especificadamente, a Casa, como grande escola, com múltiplas aprendizagens, despertando habilidades e competências.

Para aqueles que não acreditam nas curas ali atingidas, o FC3 talvez lance um desafio ao dizer que ali não há magia. Não obstante, como assíduo há vários anos, ele sabe da frase comum dita pela Entidade Dom Inácio de Loyola e frequentemente repetida na Casa: “Para quem acredita nenhuma palavra é

necessária; para quem não acredita, nenhuma palavra é possível”⁴¹ (*apud* SAVARIS, 2013, p.23). Sendo assim, o desafio lançado por não haver mágica pode ter resposta satisfatória para quem acredita ou não acredita na mágica, visto que encontrará a resposta pretendida, inviabilizando o próprio desafio. Sabe-se que propriamente ele não lança desafio algum, quiçá, intriga o cético indeciso, que pode sentir-se desafiado. Depois disso, o FC3 argumenta que ‘a cura está dentro de nós e quem cura são as Entidades’, o que traz preocupações, pois isto pode parecer um contrassenso, visto que a cura está dentro ou fora – pelo menos em uma visão dualista.

Nesse contexto, confessa-se ignorância do processo, porém, tem-se clareza da importância e da influência poderosa dos pensamentos no corpo biológico, como mostra a pesquisa psicossomática, ou seja, a mudança de pensamento pode curar dores e sofrimentos. A decifração desse enigma ainda é desconhecida.

No tocante às categorias de Lakatos e Marconi (2003), acentua-se sua ‘relevância’ no tratamento pelo qual esse FC foi responsável, ou seja, de mudar seus comportamentos com a esposa, filhos e funcionários durante nove anos, até obter a cura, em uma espécie de ‘autointervenção’. Nesse período, procurou enfrentar dificuldades, ‘extrair ou cortar’ costumes e pensamentos danosos ou substituí-los por hábitos saudáveis. Ademais, observa-se o aspecto ‘especificidade e clareza’ quando o FC3 relata que por vários anos o médium não descobrira sua pouca visão, nem os outros FC, e que somente a Entidade conhecia sua quase cegueira. A viagem de avião em que o médium descobriu sua deficiência e o ajudou até o desembarque, dando-lhe o ombro, tocou-o demasiadamente. Além disso, ainda se podem citar outras situações pessoais e sociais em que o médium contribui com a municipalidade, efetuando desde doação de material escolar para crianças carentes a pagamento de cursos universitários para algumas pessoas, ou de pessoas que chegam à Casa com ‘n’ problemas ou doenças.

Sobre a ‘profundidade’, em relação à intensidade emocional, esse FC passou por um longo processo de cura de sua cegueira, o que levou muito tempo, necessitando mudar comportamentos com esposa, filhos e funcionários de sua empresa durante nove anos. Desta forma, diante da pergunta sobre a representação

⁴¹ Sabe-se que esta é uma conclusão momentânea, pois, não raras vezes, para quem não acredita, é possível apresentar vários fatos e argumentos, até que, aos poucos, passe a ter convicção daquilo, a acreditar. Nesta mesma lógica, para quem acredita, às vezes, faz-se necessária certa explicação, deixando de crer, e afirmando ‘saber’.

de João de Deus, o mesmo embargou a voz por duas vezes e sorriu. Quando nos mostrou a foto da pedra de cristal, seu sorriso jovial e lacrimoso estampou-lhe o rosto. A 'extensão' salta aos olhos frente à asseveração do FC3: "O médium João representa os trabalhos humanitários de um homem, a missão que esse homem tem para cumprir, e o médium João incorporando as Entidades, a missão de resgate de toda uma população", ou seja, o trabalho que o médium João realiza alarga-se frente à libertação de milhares de pessoas que o procuram. Ocorre, aparentemente, uma libertação de crenças errôneas e de enfermidades. Essas pessoas, se não saem curadas, "saem com uma lição de vida, com uma pontinha de diretriz, de rumo na vida, para poder fazer essa transformação pessoal". Eis, na visão do FC3, as 'qualidades morais' salientadas do médium: simplicidade, carinho, atenção, filantropia, caridade, dádiva, trabalho, abnegação e missão.

Por sua vez, o FC4 mostra-se entusiasmado com sua representação de João de Deus, repetindo o seguinte sobre o médium: 'tão lindo', 'alma tão boa', 'amo esse homem', 'adoro esse homem'. Igualmente, ele ressalta as qualidades caridosas do médium.

Olha, o senhor João é bravo, você sabe né? Ele é bravo, mas ele é uma alma tão linda, tão linda, tão linda, tão boa, ele... ele faz caridade, ele ajuda o povo, por exemplo, ele dá sopa pra todo mundo, que ele não é obrigado né? Lá em cima, [do outro lado da cidade] tem a Casa de Sopa, que ele fornece comida, sopa para os pobres. Então ele é lindo demais, eu amo esse homem, eu amo esse homem, apesar que ele conversa pouco comigo, eu não converso com ele, ele não conversa comigo quase nem me conhece, só de vez em quando ele me chama. Mas eu não sei, eu adoro esse homem, nossa, ele tem uma alma boa, boa muito boa, nossa, eu nunca vi, nunca vi. Agora, a Entidade é outra coisa né? A Entidade, ele tá na Entidade é outra coisa, mas o seu João para mim, nossa senhora, nem meu pai, que meu pai nada que era igual ele. O amor, ele tem muito amor pela gente, ele tem amor pelos filhos dele, pelos pacientes que vão lá, ele ama, ele chora quando ele fala, ele chora, a gente tem que chorar junto com ele. Quantas vezes que eu choro com ele quando ele tá falando, quando ele tava no hospital, ele passava aquelas mensagens para cá, eu ficava chorando, ficava chorando, ele é lindo demais nossa senhora, muito lindo [silêncio para conter emoção]. Quando ele tava no hospital, por telefone, ele mandava mensagem por telefone. A gente ouvia né, a gente ficava fazendo corrente aqui, e ele no hospital, e nós ficamos, só não tinha a Entidade aqui, o resto a gente fazia tudo normal, e ele dava aquelas mensagens pra gente. Nossa... nunca vou sair daqui, nunca mais vou sair daqui. Quando eu viajo, por exemplo, eu vou visitar minha filha nos Estados Unidos... eu chego lá, eu fico pensando aqui na Casa (risos lacrimosos). "Pai, você só pensa na Casa; pai, curte aqui pai", e eu fico pensando e falo: "pô, falta 20 dias para chegar (risos) para mim ir embora". Eu amo isso aqui. Não sei

por quê pô [silêncio diante da emoção lacrimosa]... No que ele chegou [do hospital] eu passei por ele, pela Entidade, e eu ia passar pela Entidade, ele veio e falou assim: “filho se você tivesse ficado onde você tava [em São Paulo], você tinha sido atropelado ou estava na cadeira de roda”, porque eu era meio locão pra atravessar as ruas, pois tenho labirintite né, então não posso atravessar a rua olhando assim pros lados, eu vou pelo barulho, então assim, duas vezes ele falou isso para mim, ele falou: se você estivesse morando lá ainda você já teria ou morrido ou tava na cadeira de roda. Maravilhoso, nossa, eu adoro esse homem, meu Deus do céu, não faço mais porque eu não tenho mais jeito de fazer (emoção e silêncio para contê-la)... Eu queria fazer, ajudar mais, mas eu tenho 80 anos já né? Tô que nem ele, ele tem menos né, eu tenho mais que ele ainda... (FC4).

Como abordado anteriormente, João de Deus possui um lado áspero em sua personalidade. É comum escutar ou ler que ele é severo na limpeza e na organização da Casa (GARCIA, 2013 e 2009; CUMMING e LEFFLER, 2008). João também fica irritado diante de mentiras, embromações e falta de ética das pessoas que convivem com ele. “Se brigo com alguma pessoa é porque gosto dela e logo me desculpo” (*apud* SAVARIS, 2013, p.36). Às vezes, essa aspereza é observada em algumas Entidades. Elas ralham com as pessoas quando estas passam por determinada intervenção na Casa e desobedecem às recomendações e orientações como não comer pimenta ou não respeitar a abstinência sexual. Destarte, parece que o carisma por si só não basta; há necessidade de certa severidade nas relações sociais e na condução do tratamento.

A respeito do amor ao médium que o FC4 possui, aparenta que tal sentimento advém não somente das obras sociais, das quais João de Deus ‘não é obrigado’, conforme ele afirmara, mas das condições proporcionadas pelo médium a todos na Casa, particularmente a esse FC. No entanto, também não é apenas pelo motivo da cura de seu câncer de próstata ou das enfermidades de seus familiares – como será possível observar adiante – mas principalmente porque João de Deus o tirou de uma cadeira de rodas, evitou seu atropelamento e possível falecimento. Isso reflete algo comum na Casa: muitas apologias ao médium, pois sem ele nada disso aconteceria. Em um dos dias de observação na Casa, presente na corrente do templo, ouviu-se um FC repetir por três vezes, em seu discurso elogioso, pedindo responsabilidade e concentração aos participantes: “rezemos por João de Deus, pois graças a ele estamos todos aqui; agradeçamos a Deus sua presença” (DIÁRIO DE CAMPO, 28.06.2018).

O médium se preocupa com os[as] Filhos[as] da Casa, pois mesmo estando em tratamento de câncer de estômago [ocorrido em 2015], ele mandava mensagens de conforto, as quais causavam comoção nos ouvintes. Percebe-se que o amor dedicado ao médium se espalha às pessoas, aos lugares, às atitudes e outros. Assim, todas as entrevistas realizadas foram com pessoas de autoestima elevada, mas a alegria do FC4, a autoconfiança, o carinho com que tratou o pesquisador, e o amor ao próximo se destacaram. Além disso, outros comportamentos desse FC se sobressaíram, entre eles, o fato de ter ajudado uma vizinha japonesa, que veio se tratar por causa da radiação da usina de Fukushima; ele também já cuidou de quatro cães de rua, e doou-os a pessoas responsáveis, ficando com um. Possivelmente, a etimologia da palavra entusiasmo explique um pouco isso, pois, “entusiasmo”, do grego *enthousiasmós*, significa 'transporte divino' (HOUAISS e VILLAR, 2009). Mesmo sendo mais velho, o FC4 ama o médium mais que o próprio genitor; isso é notado quando ele embarga a voz por quatro vezes, ao falar de João de Deus, durante a entrevista; em um momento, parou de falar e conteve o choro alegre, de emoção. Pode-se assim considerar que pessoas como o FC4 favoreceram o significado de religião dado por Geertz ao estabelecê-la como “poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações” (GEERTZ, 1989, p.67).

Sobre as categorias de Lakatos e Marconi (2003), destaca-se que a ‘relevância’ está na variedade de situações grandiosas e vividas emocionalmente pelos FC graças ao médium João. Provavelmente não se ganha apenas saúde, mas experiências e imponência de vida, o que se assemelha à categoria ‘extensão’. Quanto à ‘especificidade e clareza’, o FC4 relata que o médium, quando em tratamento de câncer em 2015, mandava mensagens de esperança e alegria aos demais FC, que permaneceram trabalhando ali; ‘só não tinha a Entidade aqui, o resto a gente fazia tudo normal’⁴². Esse FC compara o amor que tem pelo pai ao que sente

⁴² Muitas pessoas perguntam ‘como será a Casa após o desencarne do médium?’. Na opinião de Garcia (2013), a Casa de Dom Inácio gira em torno do médium João de Deus e sem ele a Casa fechará. Quando o próprio Garcia interrogou o médium sobre isto, eis a resposta de João: “a Casa continuará funcionando quando eu desencarnar, mas ainda vou viver muito” (*apud* GARCIA, 2013, p.178). Sobre isto, passamos por uma experiência em 2015, época da ausência do médium para tratamento de câncer. Participamos de uma operação espiritual na Casa; antes de terminar, uma FC veio e disse: “o médium João não está aqui, mas vocês foram todos operados. Operados pelas Entidades em nome de Deus. Podem abrir os olhos” (DIÁRIO DE CAMPO, 24.07.2015). Quando terminou de dizer, abríamos os olhos e observamos três pessoas que estavam à frente. Uma olhou para outra e duas delas esgazearam entre si ironicamente, balançando a cabeça em negativa, dando a entender que devido à ausência do médium não houvera intervenção espiritual. Essa pequena experiência pode retratar o que

pelo médium, e o desse último ultrapassa. Ele relata que quando está longe da Casa, sente grande vontade de voltar, como a de reviver o grande prazer deixado para trás. De certo modo, também cabe nesse critério o fato de João de Deus em Entidade relatar que caso o FC4 tivesse permanecido em São Paulo, ele estaria em uma cadeira de rodas ou morto – pelo fato dele ter labirintite. Sobre isto, frisa-se o detalhe do médium relatar o fato enquanto ‘estava passando pelo FC’, o que evidencia, de certa forma, a interexistência. As ‘qualidades morais’ enfatizadas sobre o médium foram: braveza, beleza, caridade, emotividade, bondade, amorosidade e companheirismo.

A FC5, por sua vez, mostra-se carinhosa, respeitosa e admiradora do médium João não só pelo que ele faz, mas pela disciplina e dedicação que são apresentadas no trabalho.

Eu tenho um carinho muito grande pelo médium João, um respeito muito grande por ele. Para mim é um **grande** irmão, um **grande** amigo, não tenho palavras para te falar do médium João. Porque se dedicar exclusivamente... nunca teve uma vida própria, nunca pôde se dedicar à sua família. Hoje é que ainda ele se dedica um pouquinho mais para essa filha e essa esposa. Então, não tenho palavras, sei que é uma missão maravilhosa, linda, muito difícil, nada fácil. E cada um de nós temos a nossa missão também. Eu tenho uma **grande** gratidão por ele! (FC5, grifos de ênfase).

Para essa FC, faltam palavras para falar de João; é como se ela estivesse diante de um grande fenômeno natural, em que a linguagem se mostra limitada frente a tamanho assombro. Para Otto (1985), uma característica da expressão do sagrado é justamente a ausência de conceitos para descrevê-lo. Assim, perante ao “*mysterium tremendum*, do mistério que faz tremer” (OTTO, 1985, p.17), desencadeiam-se situações emocionais e racionais, porém, não tão racionais, visto que o lado não-racional normalmente prevalece, ofuscando a compreensão teórica. “O sentimento de ser criatura ou a reação provocada no consciente pelo sentimento de ser objeto do numinoso” (OTTO, 1985, p.13); algo exclusivamente no domínio dos sentimentos. Quem nunca se sentiu bem ou ficou diante de uma ideia/ação responsável por resolver um problema? Isto pode ser considerado uma hierofania? Pelo relato da FC5, sim; seu silêncio revela estar diante de algo inominável, *tremendum*. Aparentemente, essa FC vive em meio a hierofanias na Casa.

sustentou o médium João e, de certo modo, o próprio Garcia, ou seja, que a Casa pode existir por certo tempo sem o médium; e de fato fechar, por descrédito. Porém, só o futuro realmente responderá.

Provavelmente, ocorrera uma forte demonstração hierofânica antes de começar a entrevista, pois a FC5 elevou sua saia até o joelho e mostrou-nos uma cena impressionante: seus dois joelhos não tinham patelas, formando uma cavidade no lugar – os detalhes dessa experiência serão examinados no capítulo terceiro. Outro exemplo dessa hierofania é o fato do marido da FC5, quase cego, depois de intervenção espiritual com o médium, poder dirigir automóveis sem a necessidade de óculos. Por trabalhar na enfermaria da Casa, essa FC convive e presencia inúmeros casos de curas de enfermidades, considerados como ‘desenganos médicos’.

Um novo aspecto refere-se à dedicação do médium quanto aos dias de atendimento; ele nunca se ausentava dos dias de atendimento na Casa, mesmo que seja feriado nacional ou uma data especial como Natal ou Ano-Novo. Garcia (2013) afiança que João de Deus, em mais de 50 anos de atividades mediúnicas, nunca tirou férias e não tem o hábito de passear com a família. Certa vez tentou descanso e desfrute, porém os espíritos ficaram assediando-o enquanto ele não realizasse curas nas pessoas presentes. Assim, desistiu do descanso.

Os três dias de atendimento semanal são apenas uma parte de seu trabalho espiritual, pois nos outros dias, além de se empenhar às suas fazendas, ele dedica-se à compra e à venda de bois e de pedras semipreciosas. Em sua rotina, ele acorda de madrugada, às 2h para os trabalhos espirituais. Durante uma entrevista a Cumming e Leffler (2008), a esposa atual do médium João, Ana Keila Teixeira Lourenço, pronunciou:

Eu posso dizer com certeza, como esposa dele, que a tarefa de servir não é fácil, pois ela não tem dia nem hora. O compromisso dele é constante. Muitas vezes nós marcamos de visitar um amigo ou um dos filhos dele e tivemos de cancelar. Os nossos planos mudam o tempo todo para que possamos atender as pessoas que precisam. Para mim, isso é dedicação total. Eu posso dizer que, se estivesse no lugar dele, acho que não conseguiria me dedicar tanto. Ele se levanta todo dia às 2 horas da manhã para ajudar as pessoas. Como você viu pelas viagens que fez conosco, ele dorme muito pouco (*apud* CUMMING e LEFFLER, 2008, p.50).

Mesmo configurando uma missão difícil, exigindo disciplina, trabalho e dedicação, o médium reitera: “sou católico, instrumento de Deus, que através dos espíritos de luz, guiados por Jesus, me conduzem à caridade e solidariedade para com os irmãos mais necessitados. [...] O espiritualismo é uma ciência e não uma religião” (*apud* PÓVOA, 2016, p.46). Desta forma, pelas palavras do médium,

percebe-se que, mesmo sendo católico, a espiritualidade é uma ciência, o que deixa entrever, de certa forma, que a missão é científica, por contraditório que possa parecer, visto que suas atividades se enquadram demasiadamente no aspecto religioso, distanciando-se de problemas de pesquisa, experimentações, comprovações e divulgações.

Para finalizar, a FC5 assevera a missão de cada um, ou seja, da incumbência consciente ou inconsciente, do próprio caminho, das causas e efeitos às quais o ser humano está suscetível. O indivíduo, a todo momento, causa e recebe o efeito daquilo que é; ele planta e colhe com disciplina, trabalho e dedicação, ou não. Conforme a FC5, pode-se dizer que, de modo geral, a pessoa é responsável pelo que produz, mas, normalmente, ela é inconsciente dos efeitos que fatalmente receberá. Assim, conforme esta FC, as pessoas são muito mais do que realizadoras dos desejos materiais do corpo; são espíritos nas sendas do progresso.

Quanto às categorias de Lakatos e Marconi (2003), acentua-se a ‘relevância’ no sentido de a FC5 ter enorme respeito pelo médium após suas experiências na Casa. A ‘especificidade e clareza’ destacam-se na fala: “nunca pôde se dedicar à sua família” a não ser, um pouco, para a esposa atual e filha. A ‘profundidade’ emerge nas ênfases emocionais nos adjetivos empregados ao médium: “irmão”, “amigo” e “gratidão por ele”. A ‘amplitude’ sobressai na seguinte fala: “cada um de nós temos a nossa missão também”, a exemplo do médium, com a dele, mas que para todos nós, por ser missão, difícil e maravilhosa. As ‘qualidades morais’ do médium decorridas foram: fraterno, amigo, dedicado e missionário.

Outro Filho da Casa, FC6, diz que o médium João é um espírito antigo que foi preparado para essa missão durante centenas de anos; e ele esforça-se para realizá-la com amor e liderança. No entanto, assim como Jesus, que foi traído por um discípulo, o médium João não está isento de pessoas inconsequentes, traiçoeiras ou infantis.

O médium João de Deus, primeiro que a gente já teve junto no passado, vamos começar por aí. Agora é um cara iluminado porque levou quatrocentos e oitenta anos na vida espiritual para receber o poder e a proteção de fazer o que ele faz. Quatrocentos e oitenta! Ele diz: ‘Isso para mim isso não interessa, eu não sei quanto foi, isso é outra coisa’. Claro, para ele é natural, só que ele é homem e tudo que ele faz, vai ter que resgatar. E milhões de pessoas ele já curou e milhões de pessoas ou milhares de pessoas deixaram de ser ajudadas porque são imbecis [tom de indignação]. Porque eles pensam que estão curados, quando ele fala e daí sai a ferro e fogo pela vida e vêm

caindo aos pedaços, só isso. Então ele é um líder e é um grandioso homem e é um amor de gente quando ele está na dele, só que tem gente que quer mostrar serviço para ele, levando coisas dos outros e daí ele fica bravo: 'Olha o que está fazendo com meu povo' [risos]. Então, onde dá fofoca eles levam para ele, para mostrar serviço, compreende? Porque gente que é fofqueira pela natureza não tem princípios morais, não tem princípios de respeito a ninguém. Por que eles vão respeitar o líder deles? São bandidos ou bandidas [tom de indignação]... Está me entendendo? É assim! E isso é uma parte do processo. Judas não estava no meio dos homens lá? Tava! Não era da família da Nossa Senhora? Era! Então ele [João de Deus] não está livre disso. Porque ele confia também, é um cara bom, ele é bravo! Mas ele confia! Então é assim! É um grande líder, é um grande poder! É o maior poder que tem hoje na Terra, recebendo essas Entidades, que estão se aprimorando cada vez mais... é isso aí. Tu entende? Agora tu tem que gostar do que tu tem; se não gostar do que tu tem está ferrado, pode ter poder ou não. Falo no sentido material ou espiritual, tudo! Um está ligado no outro, só que um, outro resolve ou não. E o outro tu vai resolver, tu vai reerguendo e depois tu vai voltar com outro corpo, talvez pior que esse que tu tem. Porque hoje tu é grande, tu tem uma ligação com Deus e uma responsabilidade com Deus e está fazendo um processo de estudo aí que vai te ajudar porque tu vai entender muita coisa... Se cometer erros tu pode nascer anão. O anão tem perna curta, mão curta, não tem? Tu está me entendendo? Pode ser bem diferente, gordo talvez [risos]. Depende com o que tu fizer com aquilo que tu tem na mão, você me entende? A matéria é o de menos, a matéria tu faz de qualquer jeito, entende? Tem catador de latinha aí que ganha cinquenta milhões de dólares por ano e o cara catou latinha. Riqueza não é uma coisa difícil e tem gente que faz pacto com o diabo também, aí vai e faz e depois eles começam a tirar tudo de novo (FC6).

O FC6 inicia discorrendo acerca da companhia do médium não nessa existência, mas em outras. Os FC são adeptos à reencarnação, isto é, acreditam que já viveram vidas anteriores, como espírito em diferentes corpos; desta forma, muitas almas se reencontram aqui na Terra ou no mundo espiritual em razão à afinidade espiritual. Para o espiritismo, tais pessoas se reúnem devido a uma espécie de laço de simpatia e objetivos comuns: "os bons, pelo desejo de fazer o bem; os maus, pelo desejo de fazer o mal [...], pela necessidade de se encontrarem entre os seres semelhantes a eles" (KARDEC, 1998, p.143, questão 278). Um afeto surgido por rápida e simples expressão pode dar origem a uma forte amizade, considerando ainda mais quem é a mente por trás de uma direção escolar de espiritualidade, como é João de Deus.

Sobre o tempo de preparação para ser um médium curador, o FC6 aponta 480 anos, enquanto em entrevista a Alves (1995), João de Deus expressa que o desenvolvimento "de um médium curador leva mais de 600 anos" (*apud* ALVES, 1995,

p.35). De qualquer forma, tamanha perícia e agilidade na realização das intervenções físicas, advindas de um analfabeto funcional, que não se preocupa com infecção ou anestesia, não são aprendidas de modo acelerado. Assim sendo, é comum na Casa, quando médicos se fazem presentes, eles serem convidados a assistirem de perto a tais intervenções. A título de exemplificação, reitera-se o caso do Dr. Henry Puharich, médico e pesquisador, que examinou Zé Arigó. Esse profissional se surpreendeu com a velocidade, desenvoltura e qualificação do médium em ação, anunciando que, possivelmente, no mundo inteiro, não haveria nenhum médico com tais qualidades (FULLER, 1974). Provavelmente, sem desmerecer o talento da Entidade, as virtudes do médium-instrumento igualmente favorecem as operações, demandando tempo para esse preparo. Faz-se notar que, até hoje, nenhum caso de infecção ou erro interventivo foi verificado na Casa. João de Deus alega que as Entidades nunca erram, porque são seres de luz (SILVA, 2013). “A medicina procura sempre acertar, mas podem acontecer erros médicos, pois errar é humano. Nas curas espirituais, nunca existem erros, pois os bons espíritos não erram”, atesta o médium (*apud* GARCIA, 2013, p.145).

Esse FC apregoa sobre as várias pessoas que já foram curadas pelo médium e sobre as que não receberam a cura. Essas últimas devido à pouca inteligência que elas possuem; assim, ele as chama de imbecis. Não se pode colocar todos os não curados nessa classificação incômoda, pois há os que não merecem, como é constantemente lembrado na Casa. Os considerados imbecis, o FC6 declara que são aqueles que vêm à Casa, recebem o tratamento, mas não seguem adequadamente os cuidados pós-interventivos – tanto os profiláticos, quanto os morais – não demorando para reaparecerem com os mesmos problemas ou outros semelhantes. Eles, normalmente, são renitentes nos hábitos perniciosos, mantendo padrões de comportamento pouco mutáveis. Quem está de fora, observando, pouco pode fazer, a não ser, muitas vezes, darem-lhes bronca pela irresponsabilidade praticada, ou deixarem que sofram as consequências, contando com a esperança de um dia mudarem. Outro ditado constante na Casa é: “quem não vem pelo amor, vem pela dor” (DIÁRIO DE CAMPO, 21.12.2017); nesse sentido, deve-se ter paciência para que as dores advindas de inconseqüências levem as pessoas a refletirem sobre suas urgentes mudanças. Como já relatado, João de Deus também ralha com alguns que têm contato com ele e a Entidade faz o mesmo; talvez tendo a insensatez como motivo.

Faz-se importante mencionar que é senso comum na Casa dizer que a cura vem por merecimento; os próprios livros sobre João de Deus asseveram isso (GARCIA, 2009; CUMMING e LEFFLER, 2008). Assim, sobre as pessoas que não merecem a cura, questiona-se: como algumas podem não a merecer? Alguém que vem até João de Deus e não é curado é porque não merece? Ele merece o sofrimento? [Nesse sentido, reforça-se a concepção de Geertz (1989) ao apontar que o ser humano precisa de respostas; ele possui uma grande dependência pelo símbolo; caso não tenha, encontra-se no vazio, lugar sofrível]. Estas e outras inquietações fizeram com que outra pergunta fosse direcionada a alguns entrevistados: 'Como se deve entender o merecimento pela cura?'. Eis uma sinopse das respostas:

Não se trata de Deus escolher: este merece a cura, aquele não! Tem a ver com causa-efeito. Se você faz o que deve ser feito, os resultados propícios aparecerão. Você os merece? Sim. Ainda não se curou? Falta trabalhar mais coisas, principalmente em entender que não há cura mágica, mas tratamento espiritual na Casa. Por outro lado, pode ser reflexo de carma, isto é, de algo que você mesmo tem que se purgar, seja através de doença ou conflito, o que reincide no argumento anterior de causa-efeito [...] (FC2, FC3, FC6 e FC7).

O FC6 considera João de Deus um grandioso homem, amoroso e líder. O médium não gosta quando lhe trazem fofocas, assim como esse FC. Os que assim procedem, o FC6 compara-os a Judas, o traidor do Cristo; são egoístas e sedentos de coisas materiais. Apesar disso, fica implícito ao FC6 que o médium João confia neles como uma semente que ainda não frutificou ou uma árvore da qual se espera um bom fruto. Talvez o FC6 intua, pela lógica, que um dia esses 'Judas' farão belas obras. Desta forma, para esse FC, João de Deus é o maior poder que se tem hoje na Terra; ele caminha com a humanidade, incluindo todos os seres, humanos e as Entidades, rumo a um aperfeiçoamento cada vez maior, deixando subentendido a lei de causa e efeito do espiritismo, segundo a compreensão comum na Casa:

Entretanto, em virtude do axioma de que 'todo efeito tem uma causa', essas misérias são efeitos que devem ter a sua causa, e desde que se admita a existência de um Deus justo, essa causa deve ser justa. Ora, a causa sendo sempre anterior ao efeito, e desde que não se encontra na vida atual, é que pertence a uma existência precedente. Por outro lado, Deus não podendo punir pelo bem que se fez, nem pelo mal que não se fez, se somos punidos, é que fizemos o mal. E se não fizemos o mal nesta vida, é que o fizemos em outra. Esta é uma alternativa a que não podemos escapar, e na qual a lógica nos diz de que lado está a justiça de Deus (KARDEC, 1991, p.78).

Em relação às categorias de Lakatos e Marconi (2003), corrobora-se que a 'relevância' não se reduz à percepção de cura, mas é ampliada na compreensão de tratamento espiritual aos FC e frequentadores em geral, ou seja, a libertação de sofrimentos e de doenças é um processo no trabalho de autoaperfeiçoamento e persistência na melhora dos comportamentos e pensamentos. Em relação à 'especificidade e clareza', o FC6 alerta que o trabalho do médium não é fácil. Isso se deve ao tipo de pessoas semelhantes ao Judas bíblico, isto é, pessoas irresponsáveis com o propósito maior da espiritualidade. A 'profundidade' se mostrou na intensidade, de certo modo irada, ao falar dos imbecis e de 'Judas' que frequentam a Casa. Os risos surgiram diante da possível fala resignada do médium frente aos fofoqueiros: "olha o que estão fazendo com meu povo" e, qualquer um que, usufruindo de situações benéficas na atualidade, optar pelo erro, gerará consequência funesta, o que pode ser assemelhado a categoria 'extensão'.

Nesta última categoria, 'extensão', é possível incluir que João "é o maior poder que tem hoje na Terra, recebendo essas Entidades, que estão se aprimorando cada vez mais...", com destaque ao maior poder hoje na Terra a contribuir não só com goianos ou brasileiros, mas com toda a humanidade. As 'qualidades morais' apontadas ao médium são: iluminado, poderoso, líder, amoroso, braveza e confiança. Sobre a característica "poderoso", nota-se certa discrepância com outras representações sobre João de Deus e em referências lidas: "milhões de pessoas ele já curou" visto que o médium comumente reitera não ser ele quem cura, mas Deus e os espíritos de luz, e que ele é apenas um veículo, um instrumento (DEPOIMENTO, 2017; PÓVOA, 2016; GARCIA, 2013).

O FC7 tem João de Deus como, além de um amigo, um missionário que precisa da ajuda dos afins para também carregarem a estandarte amorosa. Como fiel, esse FC ajuda os necessitados, muitos deles, descrentes.

O médium João representa, para nós, além de um amigo – embora não há aquele convívio social que não é possível porque ele é muito ocupado – ele representa a figura de um missionário que veio pra cumprir essa missão e precisa de ajuda. Então ele representa pra nós o nosso líder, nesse aspecto que nós devemos ajudar sem interesse nem nada, entendeu? Um dia nós falamos pra ele, ele de vez em quando chora no palco né, ele chora quando tá conversando: "ah eu quero que Deus me dê saúde pra eu continuar essa missão, levar minha bandeira" aí nós falamos pra ele numa ocasião: 'Seu João, nós estamos aqui, pra ajudar carregar essa bandeira, até quando Deus permitir' [o entrevistado se emociona. Tempo para recompor]. É um

pouco de gratidão, fidelidade primeiramente, pra ajudar esse povo que vem aí, e muitos não acreditam né, outros acreditam, vem com fé, porque a Entidade fala na lata: ‘você veio com fé – pra algumas pessoas – a fé que você tem no coração, eu vou te dar, eu vou te dar o que você precisa’, ele fala, tem frases que ele fala. Talvez você não tenha ouvido, mas tá nos vídeos. Porque tem gente que às vezes vem se queixar e fala: ‘ah, mas eu melhorei daquilo, mas agora não sei o que voltou’, né, aí ele falou assim: ‘filha, eu posso te dar cura, mas quem dá vida é Deus’, quer dizer que a pessoa, você já ouviu falar isso? ‘Eu posso – autorizar né – eu posso te dar a cura, mas quem dá a vida é Deus’, entendeu? Então ele também trabalha no organograma gigantesco que tem as limitações dele. Eu já ouvi ele falar pra algumas pessoas – inclusive lá em casa – ‘ah, a gente já era pra ter ido embora, mas tá ficando mais tempo’, tem uma sobrevida, com permissão, porque a pessoa tá trabalhando, aí você fala: ‘oh, mas e aquele Fernandinho Beiramar que vai ficar 30 anos na cadeia? Tá forte e sadio lá, faz exercício... Mas é porque, às vezes, ele tem que ficar pra pagar ou sentir, sentir alguma coisa ali que ele tem que mudar de vida, ou seja, na próxima vida ele vai vir melhor, porque todos somos irmãos, com a meta de que foi planejada seguir, de seguir um caminho que é o caminho da perfeição, leve séculos, milênios, ou não, um dia chegaremos lá, todos juntos, uns primeiros, outros não [risos] (FC7).

Para esse FC, o médium João é amigo ‘de frequentar a residência’ e apresenta-se amoroso; ele deseja auxiliar mais as pessoas e recebe de Deus mais tempo para sua missão. No entanto é consciente de que já ganhou sobrevida, porque trabalha para o bem do próximo. Este é um discurso espírita comum, repetido em alguns lugares, o de purgar carmas fazendo o bem, livrando-se de consequências piores. Dessa forma, ganha-se mais vida alegre, vive-se mais.

Para o FC7, às vezes, a Entidade afirma: ‘vou te dar o que você precisa, você veio com fé’; esta é uma sentença inquietante, visto tratar-se de um templo ecumênico, com princípios de não desmerecer qualquer credo, mesmo àqueles que não o têm. Assim, na seguinte fala, observa-se o contrário: ‘não vou te dar, porque você veio sem fé’. No entanto, pelos discursos da Casa, isto não ocorre, pois se respeita a todos. A proposição então pode ser entendida como uma espécie de recompensa pela quantidade de fé que a pessoa possui – se é que se pode falar em quantidade, em grau – ou pelas obras realizadas através dela. De qualquer forma, o FC7 reforça a fé e diz, por dedução, àquele que a tem em menor intensidade: ‘faça mais para também receber’. Isto parece estar atrelado ao discurso do merecimento, visto anteriormente, pois se a fé realiza ações condizentes, aqueles que necessitam da cura são agraciados com ela, justamente pela fé. De qualquer forma, João e a Entidade valorizam e fortalecem a fé através desse discurso.

Provavelmente reforçando o parecer da fé visual – ao contrário da fé cega – presenciamos, durante a observação, uma cena destemida no palco da Casa, em 2016. Após a oração inicial e uma breve palestra, João em Entidade apareceu, subiu ao palco, pediu uma camiseta e, após recebê-la, cobriu os olhos amarrando-a por trás da cabeça – tapando-lhe o rosto inteiro – e, com um bisturi na mão, fez uma raspagem no olho de uma jovem mulher. A cena foi impactante. Parecia não ser ele, a pessoa João Teixeira de Faria ou João de Deus a operar (DIÁRIO DE CAMPO, 11.08.2016) aquela moça. Pela leitura de Savaris (2013), deduz-se que nesse dia havia muitos estrangeiros na Casa, normalmente mais céticos, sequiosos de provas espirituais. Se queriam, o médium as deu, quiçá, para aumentar-lhes a fé, mormente a visual.

De outra forma, há um adendo do revisor José Fuzeira, no livro *Mediunidade e cura*, de autoria do espírito Ramatís, intitulado ‘A luz dos fatos dissipará as trevas da dúvida e da ignorância’. Neste, Fuzeira apresenta uma entrevista que o médico e pesquisador, Dr. Henry Puharich, cedeu à revista Edição Extra, em setembro de 1963, relatando seu espanto pela operação física que Zé Arigó empreendeu nele. Puharich, perplexo pelo o que ocorrera, conclama que a comunidade científica pesquise o fenômeno Zé Arigó, no intuito de apreender suas técnicas. O autor desse anexo argumenta que sobre o ‘atual’ momento das pessoas de serem despertadas por evidências sensoriais: “[...] a Humanidade tem de ser forçada pela evidência sensacional dos próprios fatos, a olhar de frente e a aceitar como absolutamente incontestáveis os fenômenos ou realidades aparentemente abstratas, do mundo invisível” (*apud* MAES, 2006, p.169). Possivelmente, o que João de Deus almeja, ao realizar uma intervenção vendado, seja o que Fuzeira alerta, isto é, propiciar que o entendimento desses fatos promova novos olhares ao mundo espiritual.

Conforme o FC7, é relevante mencionar o organograma gigantesco no qual o médium trabalha, recordado após a assertiva “quem dá vida é Deus”. Talvez essa afirmação do grande organograma seja uma dedução deste axioma comumente exposto na Casa, via palestras: “Minha falange não é composta de dez, nem de cem, mas de milhares. Eu sou aquele que vai às profundezas do abismo para resgatar uma alma” (DIÁRIO DE CAMPO, 20.06.2018). De autoria da Entidade denominada Dr. Augusto de Almeida, esse postulado busca evidenciar que o trabalho na Casa não é realizado por uma Entidade apenas, acompanhada por uma corrente de pessoas, mas por milhares de espíritos que atuam no plano invisível desse lugar, considerado um

hospital espiritual. Assim, não há apenas uma Entidade curadora, mas inúmeros médicos desencarnados e vários auxiliares.

Abundantes fenômenos acontecem nas dependências da Casa, mesmo sem João de Deus por perto: desmaios repentinos, sonolências incontrolláveis, dores inusitadas, surgimento espontâneo de cicatrizes, choros convulsivos, sentimentos sublimes despertados, êxtases, comprimidos de passiflora que estabilizam doenças graves, água fluidificada eliminando incômodos e outros. Tudo isso faz com que haja uma suspeita de que vários fatos possam acontecer sem que os olhos corporais vejam. Ademais, citam-se as demais intervenções com cortes, as quais não doem, não infeccionam e rapidamente se regeneram, quando o médium está próximo ao paciente. O próprio João de Deus assevera que não há limites de intervenções ao dia. “Isto porque são milhares e milhares de espíritos trabalhando em um mesmo dia” (apud GARCIA, 2013, p.145). Quiçá, esse organograma espiritual seja o reflexo de 11 milhões de atendimentos, dos quais ninguém tenha reclamado (GARCIA, 2013) ou ‘exigido seu dinheiro de volta’ – aquele pago pelo frasco de passiflora na farmácia, cuja responsabilidade fica sob uma farmacêutica, como já explicitado. Sobre o ‘ninguém tenha reclamado’, as denúncias sobre abusos sexuais praticados pelo médium que vieram a público em dezembro de 2018, colocam em suspensão tal assertiva.

Faz-se importante destacar o lado sentimental apontado pelo FC7: “ele [o recalitrante] tem que ficar pra pagar ou sentir, sentir alguma coisa ali; que ele tem que mudar de vida”. De certo modo, em muitas situações, os pensamentos e sentimentos atuam juntos na resolução de um problema. O que este FC faz é levantar um lado do véu da ignorância, aparentemente óbvio, isto é, de que os sentimentos são também critérios de mudança e persistência, não somente os pensamentos. Porém, não se trata apenas dos sentimentos comuns como ver o pôr do sol no alto da montanha, rever e abraçar a pessoa amada ou ouvir *Clair de lune*, de Beethoven. Ele refere-se aos sentimentos surgidos em situações difíceis, tais quais doenças, prisões justas ou injustas, a morte de um ente querido, dos sofrimentos atrozes, das anomias e outras que forçam aquele que sente rever posturas, verificar erros, replanejar atitudes, traçar novos objetivos e buscar almejá-los, indo ao encontro de novos sentimentos – e ou emoções – substituindo os velhos. Não seria esse sentimento novo o motivo dos FC permanecerem tanto tempo ao lado de João de Deus? Como João

de Deus faz aflorar esses sentimentos? Talvez a nascente disciplina ‘sociologia das emoções’ possa contribuir para o entendimento desse aspecto motivador.

Para o antropólogo inglês Whitehouse (2005), pesquisador da relação religião e estados cognitivos – entre estes, a emoção – deve-se dar importância aos rituais. Esses protocolos, altamente emocionais ou brandos, dão origem a estados sólidos de vínculo religioso, devido ao alto nível de excitação emocional envolvida. Mesmo o ritual ocorrendo em tempo reduzido, eles geram memória duradoura, prolongada devido a reflexões próprias. “Typically, conversion experiences involve high levels of emotional arousal, giving rise to enduring episodic memory, and resulting in revelatory religious insights developing through internal rumination⁴³ (WHITEHOUSE, 2005, p.225). Voltando à Casa, não é incomum encontrar pessoas que a frequentam porque se sentem bem. “Aqui me sinto renovada, alegre, cheia de energia” (DIÁRIO DE CAMPO, 21.06.2018), comentou uma frequentadora da Casa. A própria Cumming afirmou que por sentir um amor incondicional na Casa, permanece nela, perfazendo dezenove anos (CUMMING e LEFFLER, 2008). Pesquisas futuras poderão apontar se reviver o mito em todo ritual significa reviver a emoção causada por ele.

Por outro lado, ao tratar das Ciências Sociais, o antropólogo Koury (2005) define emoção como “uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a *outros* e causada pela interação com *outros* em um contexto e situação social e cultural determinados” (KOURY, 2005, p.239, grifos do autor). Desta forma, ao refletir sobre sentimentos e ou emoções surgidas antes, durante ou após momentos incômodos, como doenças, conflitos ou outros, há uma evidente relação interligada entre pessoa, cultura e sociedade, inferindo que emoções negativas também são ensinadas, apreendidas e expressas dependendo das normas ambientais que a pessoa faça parte. Destarte, como os sentimentos e emoções se interatuam de acordo com os repertórios culturais, não é de estranhar que, dependendo dos estímulos externos, faz-se surgir ou substituir emoções e sentimentos negativos por positivos. Por não ser escopo deste trabalho, talvez investigações no porvir poderão revelar essa substituição emocional na Casa. De todo modo, fica evidente a força motivacional da emoção. Provavelmente, foi refletindo sobre a emoção desconfortante das doenças impulsionadoras de mudanças que Garcia (2013) anunciou: “a doença faz a pessoa

⁴³ “Geralmente, experiências de conversação envolvem altos níveis de estimulação emocional, originando uma memória episódica e duradora, resultando revelações religiosas perspicazes, desenvolvidas através de ruminação interna” (nossa tradução).

compreender melhor o mundo, o grande segredo da morte, e que a verdadeira vida não se resume ao curto espaço de tempo entre o berço e o túmulo” (GARCIA, 2013, p.166).

No tocante as categorias de Lakatos e Marconi (2003), sublinha-se que a ‘relevância’ sobressai nesta fala do FC7: “sentir alguma coisa ali que ele tem que mudar de vida”, ou seja, muitos mudam de vida ao ‘sentir que devem’, não necessariamente ao ‘pensar que devem’, elevando o sentimento ao nível de decisões existenciais, revelado igualmente por pessoas que se dirigem à Casa. Sobre a intensidade da ‘profundidade’, vale frisar que esse FC foi o mais emotivo na resposta sobre a ‘representação do médium para ele’; em pelo menos quatro momentos foi possível observar seus olhos marejarem, mas somente uma vez ele se silenciou embargando o choro. Isto ocorreu justamente após o médium dizer que ‘está aqui até quando Deus permitir’, revelando que a ausência do médium será sentida em demasia por muitos que o acompanham. O riso do FC7 surgiu ao refletir que todos estão no caminho da perfeição, desde o meliante até os honestos – considerados irmãos – sendo que o mundo inteiro atingirá esse objetivo, sendo alguns mais adiantados que outros. Talvez o riso revele que não se precise ter vida agitada, porque há muito tempo; basta traçar metas espirituais. Isto está em conformidade com a ‘extensão’ da resposta, ou seja, que a reencarnação é uma lei natural que faz todos evoluírem, como apontado por FC7: “na próxima vida ele vai vir melhor”. As ‘qualidades morais’ ressaltadas do médium foram: amigo, missionário, líder e emotivo.

Para finalizar o que representa João de Deus para os FC, a FC8 apontou que o médium é seu melhor amigo porque ele ‘quebrou todos os galhos da minha vida’, sendo assim considerado um porto seguro pela sua família, que foi socorrida em situações complicadas.

O seu João para mim é uma pessoa que eu tenho, melhor amigo. Assim, apesar da gente, às vezes, não conseguir nem falar com ele, porque está sempre... Antigamente, tinha mais acesso ao seu João. Ele quebrou todos os galhos da minha vida, da minha família; o seu João ajudou a minha família, se não fosse ele, com toda essa, essa ajuda que ele tem, eu não sei como seria, porque minha família passou por momentos muitos difíceis e ele sempre foi nosso porto seguro. O seu João assim... Nossa, eu ligava para ele, incomodava ele demais, sabe? ‘Seu João, eu estou precisando’. Tem uma história que aconteceu comigo, parecia que eu ia desencarnar, eu estava mal, parecia que meu peito ia estourar. Telefonei desesperada, contei e ele me disse: ‘não, não é assim, esquento um pouco de leite e come com aveia’. Eu comi e dormi. Acordei algumas horas depois e não tinha

nada. Depois o senhor João me explicou: ‘era um obsessivo que estava contigo ali, que havia desencarnado por ataque no coração, e ele estava ao seu lado transmitindo todas aquelas sensações’. Dias atrás meu pai falou para a Entidade assim: ‘eu não queria deixar a minha filha sozinha’ e tal, daí a Entidade falou: ‘ela não está sozinha, nós estamos com ela e o médium também’, daí eu falei: ‘eu sei que o seu João, se eu precisar, qualquer coisa que eu precisar ele está pronto’. Então assim, só que eu hoje, de tanta coisa que ele faz, a gente evita de ficar em cima dele assim, pedindo as coisas, mas eu sei que quando eu precisar mesmo, quando ele vê que é necessário, ele ajuda. Então, ele é uma pessoa da minha família! **Meu Deus**, meu pai também, meu pai diz que seu João é melhor amigo dele, aquele amigo que tu sabe que é teu amigo para sempre, que tu sabe que tu não vê com frequência, mas que está ali sempre, é um amigo que tu tem para vida inteira, para essa e para outras vidas. Então é uma pessoa que assim, eu tenho o maior respeito, maior carinho, amor. A gente considera seu João como da nossa família mesmo. É como se ele fosse para mim um tipo de pai mesmo, sabe? Quando meu pai não está aqui, ele é meu pai, se eu precisar, eu sei que eu posso contar com ele. Então, é uma pessoa que eu admiro muito porque, imagina assim, **tantos** anos, ele **toooda** semana, ele está aqui, não importa se está com dor, maior exemplo. Eu estava lendo um livro de Dom Inácio e dei para meu pai também esse livro, um livro que foi escrito por um jesuíta. Eu já li vários livros de Dom Inácio, mas esse livro é bem profundo e ele fala assim de uma maneira muito... ele é intenso para mim, ele é assim pesado, mas ele é bem interessante. E Dom Inácio sofria, tinha muitas dores físicas, dores assim, e ele diz depois – acho que nesse livro que fala – que quando desencarnou ele teve problema de vesícula seríssimo, por isso que as imagens são meio amarelas, pálidas. E ele tinha dores horríveis, e ele não se queixava, ele fazia aquele trabalho e caminhava, caminhava e aquela perna dele toda, toda mal e todo daquele jeito. **Ele foi** considerado... tem um livro que é “Os santos que abalaram o mundo” esse livro também é muito bacana... é lindo esse livro, é de 1900 e pouco e minha mãe achou em um sebo e aí a gente já começou a fazer cópia e distribuir para as pessoas também, e ele fala de Santo Inácio de Loyola, Santo da Força de Vontade. **É lindo** esse livro! Ele fala sobre Santo Antônio, Santa Terezinha, São Francisco de Assis. Mas Santo Inácio de Loyola é chamado o Santo da Força de Vontade! Tu lê aquele livro também, é uma leitura mais amena assim e esse outro livro que agora estou lendo é um livro pesado, mas ele é muito importante, jesuíta mesmo. Então assim, é isso (FC8, grifos de ênfase).

Chama a atenção o fato do médium João ter orientado a FC8 a tomar leite morno com aveia diante dos sintomas sofríveis e, depois de acordar, ela não sentir mais o desconforto. Possivelmente, ele tenha utilizado de sua capacidade clarividente, como destaca Savaris (2013). Para essa autora, pesquisadora de João de Deus, clarividência significa visão ou conhecimento a distância. Segundo Richet, “é a capacidade de perceber visualmente sem usar o sentido das vistas, cenas, imagens e seres, tanto visíveis como invisíveis para as pessoas comuns” (*apud* SAVARIS,

2013, p.71). Ou, talvez, simplesmente se utilizar de sugestão mental sabendo da eficácia simbólica que a imaginação causa e desencadeia nos sistemas orgânicos. De qualquer forma, João pôde perceber a distância a causa do problema e orientar a solução. As pessoas que estão próximas à morte, como a FC8 esteve, pensam em encontrar, em ter alguém para resolver de modo simples seus problemas, sem pagar nada por isto, e ainda ter essa pessoa para inúmeras situações problemáticas. E isto faz com que realmente se desenvolva um grande afeto por tal pessoa; ela passa a ser alguém para estreitar laços 'eternos'.

Ao ler alguns livros sobre Dom Inácio de Loyola, a FC8 não teve dúvidas de comparar o médium João com esse santo católico pois, segundo ela, ambos se dedicaram incansavelmente em suas missões, mesmo com problemas físicos, os quais os atrapalharam. Com relação a João de Deus, ele ainda tem problemas e missões. “Então, é uma pessoa que eu admiro muito porque, imagina assim, **tantos** anos, ele **toooda** semana, ele está aqui, não importa se está com dor, maior exemplo” (FC8, grifos de ênfase). Conforme Póvoa (2016), Dom Inácio, mesmo mancando – devido ao grave ferimento na batalha de Pamplona, em 1521 – depositou seu equipamento militar aos pés da imagem da Virgem Maria, doou suas ricas roupas a um mendigo, vestiu tecidos de saco e saiu pelo mundo a estudar, catequizar crianças, fundar instituições de amparo a prostitutas, pobres, doentes e outros. Foi preso duas vezes pela Inquisição, mas solto depois que constataram que ele não era perigoso para a Igreja. Persistia na cura aos necessitados e em levar a palavra de Jesus. Para João de Deus, Dom Inácio, o santo da força de vontade, é seu protetor (GARCIA, 2013).

O médium João teve um derrame cerebral em 1992, o que paralisou o lado esquerdo de seu corpo – olho, braço, mão e perna. Foi hospitalizado, mas se recusou a ser operado e abandonou o tratamento recomendado pelos médicos [o que em suas palestras recomenda não fazer]. Mesmo ficando com sua mobilidade comprometida, no dia seguinte voltou ao atendimento na Casa. Porém, quando estava incorporado, os sintomas paralisantes cessavam, e quando a Entidade ia embora, eles voltavam. Contudo, “a situação não durou muito. Alguns meses após o derrame, o médium João, incorporado, realizou cirurgia em si mesmo” (GARCIA, 2013, p.74). Atualmente, no salão principal da Casa, há uma foto dessa autointervenção, mas o próprio médium afirma que foi operado pela Entidade presente no momento. “Nunca fiz cirurgia em mim mesmo. As minhas mãos foram usadas pelas Entidades para me cirurgiar” (*apud*

GARCIA, 2013, p.82). Esse fato gerou certa desconfiança de ‘fingimento do João’ entre algumas pessoas. E o médium respondeu:

As cirurgias com corte são realizadas, quase sempre, quando a pessoa não acredita em cirurgia espiritual invisível. No meu caso pessoal, a cirurgia com corte que a Entidade realizou em mim teve como objetivo demonstrar que não havia fingimento, como maldosamente comentavam algumas pessoas, sobre a paralisia em todo o lado esquerdo do corpo, resultado de um derrame cerebral (*apud* GARCIA, 2013, p.82).

Após essa intervenção, João não teve mais os sinais da doença. E é notória a dedicação disciplinada do médium nos dias de atendimento na Casa. Essa sua postura de obediência ou dever – ‘dever’ diria Kant⁴⁴ – à sua missão – talvez se espelhando em Dom Inácio, seu mentor – serve de exemplo aos FC e frequentadores. Mesmo não seguindo seus passos, isto aumenta a admiração das pessoas pelo médium. Esta e outras qualidades se destacam em alguns humanos disciplinados; e não é incomum que tal pessoa, após seu passamento, seja enaltecida e, porventura, elevada à ‘santa’, ‘super-homem’, ‘metade humano, metade deus’, ‘humano raro’ ou outros adjetivos atípicos.

No que se refere as categorias de Lakatos e Marconi (2003), salienta-se que a ‘relevância’ está na capacidade de alguns FC conceberem João de Deus como um membro da família, um pai inclusive: “A gente considera seu João como da nossa família mesmo”; “qualquer coisa que eu precisar ele está pronto” (FC8); decorrendo assim vários sentimentos a esse ente paterno e, por consequência, certa intimidade. Faz-se notar que durante nossa entrevista-narrativa, essa FC demonstrou ser uma filha de coração do médium João, uma filha dedicada e devota. Isto se liga à ‘profundidade’, ou melhor, à intensidade emotiva que ela atribui ao médium, ficando evidente em frases como: “para mim é uma pessoa que eu tenho, melhor amigo”; “um amigo que tu tem para vida inteira, para essa e para outras vidas”. Igualmente, em palavras de grande ênfase na voz: “**Meu Deus**, meu pai também, meu pai diz que seu João é melhor amigo dele” (FC8, grifo de ênfase). Além disso, tal intensidade se verifica na comparação do médium com Santo Inácio, em sua equiparação simbólica.

⁴⁴ Conforme Kant, pode-se dizer que a atitude do médium se assemelha a uma lei autoimposta, uma espécie de imperativo categórico. A vontade, mesmo livre, diante do princípio estabelecido, não tem outra opção a não ser realizar o que deve, sendo um comando incondicional. “*Obrigação* é a necessidade de uma ação livre sob um imperativo categórico da razão” (KANT, 2003, p.65, grifo do autor). Não é raro uma pessoa se destacar no meio religioso devido a esse tipo de dever, mas em outras áreas do conhecimento pode ocorrer o mesmo.

Sobre ‘especificidade e clareza’, é relevante apontar que essa FC relata que o médium João já ajudou toda sua família sendo, desta forma, considerado um porto seguro; ela destaca a lembrança do santo, da ‘força de vontade’ e dos livros indicados: ‘Os santos que abalaram o mundo’ e outro, um livro jesuíta. As ‘qualidades morais’ apontadas ao médium João foram: amigo, ‘pai’, ‘porto seguro’, caridoso e missionário.

Isto posto, como já explicitado, à guisa de conclusão da representação dos FC sobre João de Deus, levando em consideração as categorias de Lakatos e Marconi (2003), a saber: validade, relevância, especificidade e clareza, profundidade [incluindo a intensidade emocional], extensão e qualidade moral.

No que tange à ‘validade’ – devido à análise entre convergências e divergências de todas as respostas sobre o médium –, ou seja, a comparação entre tais respostas e a fonte externa – a observação de João de Deus, dos frequentadores da Casa e das bibliografias consultadas – sustenta-se na ausência de dúvidas que os FC têm sobre a conduta do médium, ou seja, de modo geral, as pessoas que se aproximam dele possuem admiração pelo trabalho do mesmo, constatam sua seriedade e compromisso e, diante disso, passam a frequentar a Casa. Como visto, todos esses FC trabalham e frequentam há muito tempo a Casa; eles laboram todas às quartas, quintas e sextas-feiras, assim como João de Deus.

Na categoria ‘relevância’, a observação e a análise transparece em vários aspectos, mormente, em novos sentidos e significados de vida recebidos após as pessoas comparecerem à Casa e tornarem-se aprendizes de João de Deus. De modo geral, eles afirmam que não apenas foram curados, mas ganharam um sentido profundo e uma ‘razão de vida’. Todos esses FC ajudam na Casa, em todas as frentes que se fazem necessárias, seja próximo ao João de Deus em Entidade, na feitura ou na distribuição da sopa, na sala de intervenções, na corrente, no palco, ou em outro ambiente. Desta forma, esse sentido não se reduz à cura, mas se amplia a um processo de tratamento espiritual; um aprimoramento de si mesmo, talvez uma ‘autointervenção moral’, dando importância não somente ao pensamento, mas igualmente ao sentimento vivenciado, seja para estreitar sentimentos benéficos entre ‘pais e irmãos’ ou criar laços entre seres mais e os menos espiritualizados. A simbologia não se restringe às palavras e compreensões; ela é maximizada e materializada nas ações vivenciadas.

A categoria ‘especificidade e clareza’ se sobressai também quando, em determinados ambientes, João de Deus se destaca como mentor; a exemplo pode-se

citar no aeroporto, na Casa e nas redondezas da mesma, em que a caridade do médium contribui com a municipalidade. Sua benevolência não se faz somente com a doação de materiais escolares ou com a contratação de dentistas para pessoas carentes, pois o médium também efetua pagamento de mensalidades de cursos universitários para algumas pessoas. Uma característica regular entre os FC é encarar a Casa como escola – mesmo compreendendo-a como hospital espiritual – tendo João de Deus como professor e propiciador de aprendizagens na prática. A felicidade sentida na Casa é motivo de não a tirar da mente e razão para permanecer ali. O trabalho do médium se destaca não apenas pelo que ocorre no lugar, mas pela sua dedicação missionária, mesmo não podendo se dedicar integralmente à sua própria família. Talvez esse compromisso messiânico estimule nos FC recordações e comparações simbólicas sobre os santos da igreja católica e outros símbolos bíblicos, inclusive incitando leituras espiritualistas.

No que se refere a categoria ‘profundidade’, focada na intensidade emocional e na resposta à pergunta sobre a representação do médium, evidenciou-se em sete dos oito entrevistados, revelando regularidade. De certo modo, houve manifestações como olhos lacrimosos e fortes contenções emotivas na lembrança investida. Surgiram vozes embargadas, silêncios emotivos, alegria por participar da Casa como escola, por praticar experiências, por sacrifícios durante anos, conseguindo sucesso, por nutrir afetos de amizade e paternidade ao médium João, desejando, ademais, que muitos outros possam usufruir dessas situações. Por fim, destaca-se a indignação que um FC manifestou pela renitência e traição de outros. É conveniente ressaltar que essa categoria se relaciona com a ‘extensão’, assim como se conecta com outros entre si.

Quanto à categoria ‘extensão’, aponta-se a regularidade dos FC desejarem ampliar os benefícios sentidos e conquistados para outros seres humanos, mas não somente para serem curados de possíveis doenças, mas de transporem limites instintivos, extinguindo débitos e vivendo liberdades jamais sonhadas. Eles desejam que todos cumpram suas próprias missões. De certo modo, com suas devidas limitações, os FC carregam a bandeira que o médium conduz, mesmo sabendo que podem ser alvos de ataques. Reiteram que João de Deus não serve [ou servia] a uma classe financeira, nem étnica, muito menos sexista, mas a toda a humanidade, exceto a quem não queira. Afinal, dizem, tendo por pressuposto a reencarnação, todos os seres estão nas sendas evolutivas.

Eis as 'qualidades morais' destacadas que os FC apontam sobre o médium: retorno da esperança (FC1); reafirmação do objetivo de vida (FC1); pequena luz na escuridão (FC1); forte (FC2); corajoso (FC2); humilde (FC2); amoroso (FC2, FC4 e FC6); inteligente (FC2); simples (FC3); carinhoso (FC3), atencioso (FC3), filantropo (FC3); caridoso (FC3, FC4 e FC8); dadivoso (FC3); trabalhador (FC3); abnegado (FC3); missionário (FC3, FC5, FC7 e FC8); bravo (FC4 e FC6); belo (FC4); emotivo (FC4 e FC7); bondoso (FC4); companheiro (FC4); fraterno (FC5), amigo (FC5, FC7 e FC8); dedicado (FC5); iluminado (FC6), poderoso (FC6), líder (FC6 e FC7), confiante (FC6); 'pai' (FC8); 'porto seguro' (FC8). Nesse contexto, faz-se importante salientar que afora a qualidade de 'bravo', aparentemente no sentido negativo da personalidade do médium, todas as outras 31 peculiaridades são positivas e denotam grande afetividade investida à imagem do médium.

Ao examinar essas qualidades morais, observa-se que a braveza não é repetida entre os discursos dos FC, como se evidenciasse certa naturalidade ao expressar essa emoção, visto a necessidade da circunstância pontual. De outro modo, a característica 'poderoso' – que o FC6 apregoa – emerge de forma discrepante com as demais respostas dos FC, como apontado anteriormente; possivelmente, estes se assentam no pressuposto de que o médium é apenas um instrumento do real poder, que ele não tem poder algum, sendo um ser humano comum no dia a dia.

Desta maneira, para os FC, participar da experiência que João de Deus proporciona é um acontecimento pleno de experiências inusitadas, marcantes e repletas de lições intelectuais e morais. Por conseguinte, a Casa é concebida como escola espiritual, além de hospital aos necessitados. João de Deus parece viver um pouco essas qualidades morais: “eu continuarei a servir de instrumento para curas espirituais enquanto desempenhar a missão com amor e dedicação” (*apud* GARCIA, 2013, p.148).

Por fim, defronte à realidade das respostas dos FC sobre o médium e da força destas, apresenta-se uma descoberta de análise: 'tipos de relacionamento que os FC têm com o médium'. Tais relações estão além ou aquém da afetividade, seja recebendo a visita do médium na própria residência do FC ou não possuindo, visivelmente, nenhum afeto; contudo, elas parecem ser acontecimentos corriqueiros, algo que adentra a intimidade. Ao conversar com uma FC, residente no sul do país, esta informou que seu filho, precisando de emprego, viajou à Casa para solicitar auxílio a João de Deus. A Entidade disse-lhe que voltasse para sua cidade e

esperasse em casa, pois iria mandar alguém procurá-lo. “Não demorou um mês, um senhor apertou a campainha e perguntou a meu filho se gostaria de ir trabalhar na capital do Brasil com um político. Isto faz mais de três anos e meu filho está morando em Brasília até hoje” (DIÁRIO DE CAMPO, 21.06.2018).

Tais experiências com o médium geram ao seu redor certa áurea de profeta, como a de predizer, o que é possível observar na fala do FC4: “filho, se você tivesse ficado onde você tava [em São Paulo], você tinha sido atropelado ou estava na cadeira de roda”, ou na expressão do FC2: “Agradeço a espiritualidade que está nos guiando”. Aparentemente, são casos isolados de obediência ou certa vidência, porém, ao aprofundar as pesquisas, notou-se que perguntar ao médium assuntos íntimos, ou de certo modo inabituais, vê-se que isto é algo cobrado e incentivado por outros FC. Desta forma, é fácil perceber que muitas ações dos FC, antes de serem tomadas, são consultadas pelos mesmos com a Entidade, pedindo permissão ou opinião para, por exemplo, namorar fulano[a], comprar um carro, mudar de casa, cursar determinado curso universitário, fazer uma viagem, mudar de emprego e outros (DIÁRIO DE CAMPO, 22.06.2018). Certa vez, disse a palestrante: “as Entidades ajudam muito, vão trabalhar nos nossos negócios, relacionamentos e outras frentes para termos equilíbrio” (DIÁRIO DE CAMPO, 21.06.2018).

Logo, os frequentadores e os FC estabelecem vários tipos de relacionamento com o médium. Não se trata apenas de assuntos referentes à cura de doenças, mas de espiritualidade, emprego, ‘coisas do coração’, passeios, negócios e outros; as relações ocorrem pessoalmente, com a presença de João em sua residência ou diretamente na Casa. Por outro lado, a Entidade, ao atuar nos negócios, pode sugerir que há na Casa uma preocupação com a felicidade da pessoa como um todo, não somente de bem-estar físico, mas subjetivo, denotando prosperidade de modo geral. Desta forma, mesmo sendo vários tipos de relacionamentos, todos parecem fortalecer um vínculo comum. Aqueles que estão há muito tempo ao lado do médium, como os FC, são dependentes de João de Deus, revelando, por conseguinte, certa sujeição a ele, pois João é concebido não somente como médium, mas como autoridade profética e iluminada. Os FC rendem-se a ele porque se sentem cuidados, tutelados por Deus.

À vista disso, fica evidente que inúmeros símbolos atribuídos ao médium, como pai, irmão, amigo, missionário, amoroso, profeta ou outro, são efetivados na objetivação de diversos tipos de relacionamentos que os visitantes e os FC mantêm

com ele. A linguagem surge assim construindo objetivações nos relacionamentos, exteriorizações e internalizações de afeto sincero e fervoroso. Provavelmente, a intensidade emocional, conectada às qualidades morais sobre o médium, baliza as imagens construídas aprazivelmente sobre ele. Mesmo não havendo hierarquia ditatorial na Casa, as relações se estabelecem como pai-filho[a], professor-aluno[a], iluminado-iniciante e outras de mando-obediência, fornecendo a João de Deus o *status* de dirigente na vida pessoal dos FC e na Casa. Isso considerando que cada pessoa, a seu modo, conhece suas próprias experiências, intimidades, limitações e perspectivas.

Tal descoberta denota os sentidos e significados que os FC possuem acerca do trabalho espiritual realizado com João de Deus, nos direcionamentos de sua vida, seja sobre intervenção espiritual, vida amorosa, financeira ou sobre outro assunto importante. Os FC não apenas acreditam, mas creditam toda sua força interior no médium, em suas objetivações e interiorizações, expressas nas externalizações veiculadas na Casa ou fora dela.

Sobre as acusações sexuais contra João de Deus pouco interferiram nas verbalizações objetivadas dos FC entrevistados. Se não, veja-se. Sobre o assunto em questão, foi questionado por duas vezes, em dias diferentes, o que eles pensavam sobre o médium João de Deus, diante das denúncias de abuso. Três FC nada responderam, preferindo o silêncio. O FCa⁴⁵ disse: “neste momento, com uma investigação policial em curso, seria inapropriado comentar. Estou assistindo tudo isso pelas notícias, igual a você”. O FCb, depois da segunda insistência, redarguiu: “agradeço as Entidades de luz pela minha cura”. A FCc admitiu que somente poderia falar algo “depois que me for provado” e expressou reconhecimento: “continuo a te dizer que tenho eterna gratidão e jamais pagarei o que recebi na Casa de Dom Inácio”. A FCd apontou: “eu só posso dizer o que conheço, e o que tenho visto todos esses anos são vidas transformadas pela intercessão das Entidades. As curas da Casa são comprovadas e o restante não tenho conhecimento”. Como visto, esses FC estão há muitos anos ao lado do médium João e trabalhavam cotidianamente com ele – antes de sua prisão.

⁴⁵ Deixou-se tais respostas dos[as] FC como anônimas; devido à sua possível identificação entre os mesmos. Usar-se-á letras minúsculas do alfabeto para diferenciá-los[as], sabendo que tal ordem é aleatória, não coincidindo com a ordem numérica utilizada.

Com relação aos pronunciamentos dos FC acerca dos trabalhos realizados e do comportamento do médium, é relevante destacar que foi deixado por último o pronunciamento do FCe por ser considerado o mais extenso e o mais intenso. Esse FCe inicia a entrevista lacrimoso [...], logo em seguida informa que estava relutante em conversar, mas aceitou [...]. Ele avisa que houve certo envaidecimento e ganância, por parte de João, a partir de 1995, não somente por causa do fim das garrafadas e do início da cobrança da passiflora, mas pela entrada maciça dos estrangeiros, pois trouxeram muito dinheiro, já que desejavam ambientes aconchegantes na Casa: “antes, na Casa, era tudo simples: bancos, paredes; depois a coisa cresceu como fermento” (FCe). A cobrança pela passiflora foi justamente “porque muitas pessoas não valorizam quando ganham algo, mas se você cobra, mesmo que cinco centavos, ela sai feliz, contente porque pagou barato e faz uso correto”. Assim, “a procura passou a ser grande demais, então a oferta teve que acompanhar”. Sobre a dedicação do médium, ele relembra: “você sabe o que é ficar incorporado das 6h da manhã até às 22h socorrendo? Lembro que no sul do Brasil, o médium acordava às 5h e atendia até à 01h. Se ele tinha 20h por semana **para ele** como pessoa era muito” (DIÁRIO DE CAMPO, 08.01.2019, grifo de ênfase). Esse FCe ainda recorda de quando saiam juntos: “Antes dos estrangeiros, ele ia às pousadas com a gente, falava besteira, caçoava alegremente dos outros, era bastante carnívoro e divertido. O João de Deus de hoje é bem diferente, quase não tem tempo para nada e é bravíssimo”.

Sobre as acusações contra o médium, o FCe alega que “João de Deus nunca fez voto de castidade como Chico Xavier ou Divaldo Franco. Ele é um homem que gosta de mulher, e um homem que tem uma missão maravilhosa”. O médium assediava? “Ora, bem o contrário. As mulheres o assediavam. Várias vezes chamamos a esposa dele para vir aqui [na Casa] intimidar as outras que davam em cima dele”. Segundo este FC, algumas mulheres o acusam de colocar a mão no seio delas: “ora, você já viu um médico ter pudor? Existem vários vídeos da Casa de mulheres com peito de fora para serem operadas justamente numa região próxima”. E continua fazendo as pessoas rememorarem que nos hospitais, frente a intervenções, é comum os pacientes estarem nus por baixo de uma simples camisola:

Uma vez, um senhor de uma religião peruana veio aqui, com uma túnica até os pés, mas queria cirurgia visível. O médium levantou a túnica – mas o homem estava nu por baixo, todo mundo viu seu pênis – e começou a operá-lo normalmente próximo ao umbigo. Até que veio alguém e cobriu com lençol suas partes íntimas. Se tem que fazer uma

cirurgia naquela área, a Entidade **naturalmente** vai lá e faz (DIÁRIO DE CAMPO, 08.01.2019, grifo de ênfase).

Em relação a falibilidade humana, esse FC asseverou a existência de vários vídeos mostrando o médium dizer: “‘eu sou um homem endividado’ [...]. A própria mediunidade é muitas vezes dada aos que mais têm débito a resgatar”. Mesmo o João “sendo 20% homem e 80% Entidades” [sic] (DIÁRIO DE CAMPO, 08.01.2019), ainda há impulsos básicos humanos prevalecendo.

Acerca de sua inconsciência, o FCe complementa: “o médium disse esses dias que não lembra das mulheres [em seu depoimento ao Ministério Público]. E não lembra mesmo, porque eram as Entidades que operavam”. E sobre as Entidades na vida do médium, muitas chamavam a atenção dele no palco da Casa, mandando recado por outra pessoa: “fulano, avise o médium João para ele tomar cuidado com a fama e a notoriedade que os artistas trazem. E também lhe diga para manear no chocolate e nas carnes. Mas o senhor João não gostava nada desses recados. Comia de tudo” (DIÁRIO DE CAMPO, 08.01.2019).

Para terminar, o FCe faz comentários sobre a Casa e sobre a forte seleção que acontece, diante dos últimos fatos. “A Casa não é um bem pessoal do médium, para tristeza de muitos que querem fechar esse lugar, como religiosos de interesses opostos e outros. Aqui muita cura aconteceu e acontece. A Casa tem poder dado por Deus”. Sobre o desagregar: “vivemos um momento de separação do joio do trigo”. Provavelmente grãos de trigo que a espiritualidade demorou para ajuntar: “as Entidades sempre colocaram os irmãos em rede, uma rede de ajuda mútua e fraternal, um tecido grande de amor e poder. Laços que ajudam e funcionam. Agora, simplesmente alguns FC estão virando as costas e indo embora”.

Trata-se de uma etapa de apartar os que estão com receio de usar roupa branca nas ruas, por exemplo – “por medo de serem achincalhados na rua, alguns estão trazendo as roupas brancas em sacolas e trocando de roupa aqui na Casa. Eu não, estou dando minha cara à tapa; uso branco”. Para ele, nesta fase inquieta, “percebo quem está acordado e quem não está; quem está atrasado e aquele que está vivendo. Trata-se de separar o interesse pequeno, o materialista, o falso poder. No entanto, cada um seguindo seu caminho”. Inclusive, doenças que haviam sido curadas pelo médium estão retornando: “ora, eu mesmo passei por isso. Fiquei atribulado e meu sintoma antigo voltou, fiquei temeroso. Reli a *Fisiologia da alma* de Ramatís, reestudei o espiritismo e fui me acalmando”. Ele garante que somente

quando o médium apareceu na Casa “**naquela quarta-feira**” [12.12.2018, grifo de ênfase] dizendo que ele tinha de cumprir a lei brasileira “e colocou a imagem da Santa Rita na sua cadeira, então minha dor sumiu. Ali percebi que eu devia me atrelar a Deus, e não à pessoa do médium. Quem atrela sua cura ao médium, a doença volta. Devemos nos atrelar a Deus” (DIÁRIO DE CAMPO, 08.01.2019).

Diante das opulentas informações fornecidas pelo FCE e do foco de entender seu pensamento sobre as acusações sexuais contra João de Deus, é possível notar que ele afirmou ser o médium falível como outro humano qualquer, provavelmente, por ter certa vaidade e ganância e por nunca ter feito voto de castidade como alguns quadros do espiritismo; João Teixeira de Faria é considerado um indivíduo simples, porém com a particularidade da mediunidade. Contudo, o FC em questão ressalta que João de Deus não assediava as mulheres, mas o contrário, elas o assediavam. Desta forma, nota-se que nenhum dos FC asseverou inocência do médium ou perseguição injusta. Somente o FCE tocou em seu nome. De modo geral, todos os FC deslocaram como foco o poder espiritual na e da Casa, independente do médium João. Aparentemente, esse lugar se revelou ‘o’ lugar sagrado, espaço de peregrinação, afinal, afirmou a FC8: ‘as curas da Casa’, como se a Casa fosse não só o lugar da cura, mas a causa da cura, sendo lá que se reúnem os espíritos de tratamento e restauração. Ressalta-se que ‘local sagrado’ não aconteceu com Zé Arigó, nem com outro médium conhecido; quando eles se foram, o trabalho acabou.

Logo, diante do exposto neste capítulo, foi possível notar as objetivações da Casa de Dom Inácio, seus inúmeros trabalhos e contribuições aos frequentadores. Igualmente, constatou-se que a Casa é fruto das objetivações de João de Deus, ao longo de sua história de vida, e de como os FC se juntaram a ele, em retribuição, como sinal de gratidão pelas curas alcançadas; a maioria inclusive, sete dos FC, se mudaram próximo à Casa, distanciando-se de suas cidades natais, parentes e familiares. Todo o movimento de João de Deus, o qual aglutina a construção da Casa e a reunião dos FC revela que a tríade dialética de objetivação, exteriorização e interiorização proposta por Berger e Luckmann (2013) se efetiva não somente na objetivação da Casa, mas nas subjetividades e materializações expressas na cultura como um todo.

Entretanto, tudo isso tem como alicerce basilar a linguagem, responsável por exteriorizar as internalizações e propiciar objetivações, em um ciclo interminável. Como os simbolismos também foram propiciados pela linguagem – que por sua vez

são da mesma forma simbólica – eles constroem cadeias de percepção e blocos de realidade na união de imagens, dentre as quais muitas passam a ser vivenciadas. Nesse contexto, os símbolos religiosos, de modo semelhante, constroem realidades sagradas, ‘intocadas’ pelo profano; o poder do ritual religioso, revelando forças misteriosas e poderosas, expressa-se na lembrança constante deste, despertando também sentimentos de veneração e respeito.

Desta forma, os sentimentos religiosos dos FC, mesmo sendo interiorizados, são observados na doação de tempo e trabalho destes a quase tudo na Casa, seja ajudando o médium na organização das filas ou buscando algum objeto necessário para ele; dando palestra, aplicando passes magnéticos, orientando pessoas nos múltiplos espaços, buscando e distribuindo água fluidificada, traduzindo línguas estrangeiras [inglês, francês e alemão], cuidando dos enfermos, abraçando seus iguais ou ‘desconhecidos gratos’, mantendo asseado o ambiente, dando seus depoimentos, produzindo sopa e servindo-a com largos sorrisos; por fim, são incontáveis doações dos FC para a mesma. Como disse a FC8: “eu tenho tanta gratidão que eu acho que em uma encarnação assim eu não consigo expressar tudo e agradecer”.

Entretanto, tudo o que acontece na Casa está envolto à mediunidade de João de Deus, o único autorizado a receber Entidades. Mas o que é mediunidade? Qual ciência pode explicar tal fenômeno? Dentro de sua filosofia, qual seu *ethos* e visão de mundo? Além dos rituais diferentes, a Casa pratica o espiritismo ou o espiritualismo? Qual a concepção de espiritualidade para os FC e como ela se dá no seu cotidiano? Estes e outros questionamentos serão vistos em profundidade no próximo capítulo, o qual, apesar de estar distante de apresentar respostas conclusivas, apontará possíveis perspectivas teóricas sobre tais indagações.

CAPÍTULO II – SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO ESPIRITISMO

Toda a nossa ciência comparada com a realidade, é primitiva e infantil –
e, no entanto, é a coisa mais preciosa que temos.
Albert Einstein

Diante do objetivo de compreender e analisar os sentidos e significados dos FC, advindos das intervenções espirituais realizadas por João de Deus, a finalidade do presente capítulo é conhecer o espiritismo. O intuito não é somente distinguir as práticas da Casa, pois muitos a concebem e divulgam-na como um centro espírita – apesar de não o ser –, como forma de explicação da mediunidade de João de Deus, mas entender o *ethos* e visão de mundo dos FC. No entanto, questiona-se: os FC são espíritas ou espiritualistas?

O capítulo inicia-se pelas definições de sentido e significado que são assumidos neste trabalho, procurando evidenciar suas relações com a kénosis no sentido kierkegaardiano. Assim, explorar-se-á a concepção de espiritismo e se o mesmo é religioso – como é entendido comumente pela Casa de Dom Inácio. No entanto, seria o espiritismo uma religião? *Ethos* religioso e a visão de mundo propostos por Geertz (1989) são os próximos itens da investigação, juntamente às objetivações dos mesmos pelos FC, isto é, de como estes vivenciam suas compreensões de ordem geral, expressas em seus atos na Casa.

Sequencialmente, será verificado o entendimento de Allan Kardec sobre mediunidade – considerada elemento basilar do próprio espiritismo – os tipos desta e a diferença entre mediunidade espírita e médiuns curadores, pois de acordo com Kardec, esta é a capacidade do médium João de Deus.

Enfim, como os FC não seriam FC sem as intervenções espirituais que João de Deus realiza, busca-se compreendê-las através de estudos etológicos e etiológicos, ou seja, o entendimento da intervenção espiritual pelo espiritismo e pela antropologia.

2.1 Sentidos e significados

Geralmente, no decorrer das pesquisas, é comum definir significados, partir de pressupostos, traçar metodologias tradicionais ou inovadoras, levantar hipóteses alicerçadas nos valores do estudo – contextualizados no momento histórico – e buscar

sentidos proveitosos à sociedade e a outros. Dessa forma, o sentido e o significado serão discutidos a seguir, visto que não só antecedem as compreensões dos fenômenos – do espiritismo ou de outro assunto qualquer – mas por, igualmente, direcionarem atitudes sociais para realizações, seja referente ao que uma pessoa faz ou ao local onde ela está, isolada ou em conjunto.

Para Bakhtin (1988), o enunciado que um sujeito pensa ou verbaliza é produto de uma consciência adquirida nas relações sociais, ou seja, “o *signo e a situação social em que se insere estão indissoluvelmente ligados*. O signo não pode ser separado da situação social sem ver alterada sua natureza semiótica” (BAKHTIN, 1988, p.62, grifos do autor). Deste modo, a linguagem, pujante entremeio sobre duas forças dialéticas [centrípeta – enunciados de unificação – e centrífuga – discursos de afastamento] constitui e é constituída pela dinâmica social das relações interpessoais. Por conseguinte, de acordo com o contexto da enunciação, o significado será determinado pela corrente de pensamento que o circunda, isto é, a ideologia, a qual está presente em tudo o que é social, sendo impossível separar ideologia de signo, pois ambos são indissociáveis. Na significação, estaria presente não apenas o resultado da interação social do momento, mas toda a construção de linguagens e signos utilizados pelas gerações precedentes, à maneira de camadas de história ou refrações.

Nenhum signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado: torna-se parte *da unidade da consciência verbalmente constituída*. A consciência tem o poder de abordá-lo verbalmente. Assim, ondas crescentes de ecos de ressonâncias verbais, como as ondulações concêntricas à superfície das águas, moldam, por assim dizer, cada um dos signos ideológicos. Toda *refração ideológica do ser em processo de formação*, seja qual for a natureza de seu material significante, *é acompanhado de uma refração ideológica verbal*, como fenômeno obrigatoriamente concomitante. A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação (BAKHTIN, 1988, p.36, grifos do autor).

Desta maneira, o entendimento que se tem da significação de alguma palavra são interpretações sociais que, de certo modo, são determinadas em contextos específicos. Contudo, não há impedimento de que a significação adquira conotações particulares e conexões amplas, como comumente acontece, tornando-se ‘sentido’. A observação individual acerca de certo acontecimento social ou pessoal pode propiciar experiências de reflexão, sentimentos e emoções que produzem novos quadros de

percepção e sentido, originando a 'individualidade'. Não obstante, os signos surgidos somente são concebidos como significados junto com outras pessoas, em uma vivência conjunta. Não há sumiço do indivíduo no conjunto social, nem sua supremacia. Para a pessoa, os signos são sociais, mas a compreensão, quase sempre individual, é plena de liberdade de construções e vínculos semiológicos. Nesse sentido, ao agregar experiências, sensações, emoções, reflexões, lições e outros significados, obtêm-se sentidos restritos ou amplos, criando um ponto de vista de maneira lógica, por mais que se pareça incoerente ao observador. Logo, o sentido pode debruçar-se sobre o significado de algo e, numa relação dialética, aprimorar esse significado, ampliando o sentido.

Ao perguntar o significado de 'vida' para uma pessoa, esta pode descrevê-lo – à semelhança de milhões de indivíduos – como a existência de um conjunto ativo do organismo em contraposição a um organismo morto. No entanto, ao questionar o seu sentido de vida, pode-se obter incontáveis acepções, seja para o sujeito ou para o coletivo. Para uma pessoa que cresceu em uma cidade desenvolvida, em meio a pais amorosos, sob boa educação, seu sentido de vida pode ter uma base consumista, cuja concepção é a de tudo aproveitar, à maneira de um turista hedonista na Terra. Mas para o criador da logoterapia, Viktor Frankl, que teve pais, irmão e esposa mortos nos campos de concentração nazista, ele mesmo vivendo preso em Auschwitz, seu sentido de vida é diferente. Como interroga Gordon W. Allport na obra de Frankl:

Como foi que ele - tendo perdido tudo o que era seu, com todos os seus valores destruídos, sofrendo de fome, do frio e da brutalidade, esperando a cada momento a sua exterminação final - conseguiu encarar a vida como algo que valia a pena preservar? (*apud* FRANKL, 2008, p.11)

Para Frankl, grande parte da frustração que uma pessoa traz consigo está relacionada à sua incapacidade de produzir significado e sentido, isto é, mesmo os signos sendo incorporados socialmente, não ocorre apropriação e elaboração adequadas pelo próprio sofredor, como se ele não buscasse um outro sentido maior. Muitos desses sentidos 'diferentes' advêm da reflexão sobre a dor e suas lições. Quando não se tem mais nada a perder e apenas se vive em sofrimento, por que muitos persistem em viver ao invés de se matarem? Para Frankl, as imagens das pessoas amadas, o sentimento religioso, o senso de humor, paisagens naturais deslumbrantes – a exemplo da aurora boreal, a onda do mar ou uma parede rochosa

da bela montanha – junto a um sentido maior na dor, tornam-se estímulos poderosos de presença e continuidade na busca de um alvo futuro. Entretanto, cada um deve buscar seu próprio sentido na vida, pois isso o fará refletir sobre as ações necessárias e a enfrentar as responsabilidades devidas. Assim, Frankl cita Nietzsche: “Quem tem por que viver aguenta quase qualquer como” (*apud* FRANKL, 2008, p.48).

O sentido que Frankl constrói não é metafísico ou idealista, mas existencialista, ligado a acontecimentos e sentimentos vivenciados desde o nascimento de uma pessoa. Signos experimentados na sociabilidade servem como âncoras na vida, o que possibilita a produção de significados e sentidos de se continuar a viver, como pode ser observado em Bakhtin.

À vista desses significado e sentido⁴⁶ sociológico, – sendo o significado “expressão de práticas sociais cristalizadas” (MENDONÇA, 2011, p.348) e sentido, constituição simbólica idiossincrática – é importante salientar o conceito de kénosis, não necessariamente o significado paulino praticado por Vattimo (1998)⁴⁷. Para esse pesquisador, a kénosis traz o início da secularização quando Deus se rebaixa e torna-se Jesus, mas para o filósofo Kierkegaard, cuja tese é entendida nesta pesquisa como relevante e contundente, não se trata de seguir uma religião cristã e se dizer hipocritamente cristão. Trata-se de uma vivência imitativa das ações cristãs, distante das liturgias e vestimentas aprovadas pelas autoridades, mas próximas a um esvaziamento do próprio personalismo e da busca constante de viver o outro – ou do comumente dito, ‘Cristo vive em mim’ – da caridade em Cristo, aceitando o desejo de amar uns aos outros, direcionando sua própria vontade no amor ao próximo.

A estratégia kierkegaardiana não foi outra senão, propiciar em uma época de profunda desagregação moral, ética e religiosa, elementos para que o leitor tivesse condições de superar as informações conceituais dos manuais filosóficos e dos livros religiosos, bem como

⁴⁶ Mesmo diante de extensa polissemia de tais conceitos, opta-se por esse significado e sentido de significado e sentido. Entende-se que é uma visão maior e mais pertinente que significado e sentido veiculados pelo antropólogo Oliveira (2000). Para este, ‘sentido’ relaciona-se com aquilo que o nativo faz e entende; já significado, ao que o cientista pratica em sua disciplina. “Aqui faço uma distinção entre ‘sentido’ e ‘significação’. O primeiro termo consagra-se ao horizonte semântico do ‘nativo’ [...], enquanto o segundo termo serve para designar o horizonte do antropólogo – que é constituído por sua disciplina” (OLIVEIRA, 2000, p.22, grifos do autor).

⁴⁷ Vattimo nomeia a kénosis – em grego, esvaziamento de si – como algo que ridiculariza a razão e dá à igreja grande parte de seu autoritarismo. “[...] O único grande paradoxo e escândalo da revelação cristã é, precisamente, a encarnação de Deus, a kénosis, isto é, a exclusão de todos aqueles aspectos transcendentais, incompreensíveis, misteriosos e, creio, também bizarros que, pelo contrário, comovem tanto os teóricos do salto na fé, em nome do qual é fácil dar lugar à defesa do autoritarismo da Igreja e de muitas das suas posições dogmáticas e morais ligadas à absolutização de doutrinas e situações historicamente contingente e quase sempre de fato superadas [...]” (VATTIMO, 1998, p.49).

relativizar as preleções de uns e os sermões de outros, a fim de que na imensidão da solidão, pudesse dialogar com o Absoluto e nesse diálogo escutar do Absoluto às exigências para tornar-se um essencialmente cristão: praticar obras de amor (ALMEIDA, 2012, p.11).

Aparentemente, aqueles que mais se destacam no meio cristão é porque detêm tamanho sentido das palavras e mensagens de Cristo que as seguem como se fossem ao encontro de puro amor. A história da humanidade apresenta grandes exemplos dessa kénosis: São Francisco de Assis, Dom Inácio de Loyola, Madre Tereza, Chico Xavier entre outros. Nas histórias menores, ou seja, nas histórias ou vivências das pequenas ou grandes comunidades, vários personagens destacam-se nessa kénosis, mas nem todos vão ao encontro desse sentido maior. Quando se vive o cotidiano das grandes cidades brasileiras, na grande maioria cristã, observa-se de forma explícita o pequeno número das práticas cristãs – normalmente as pessoas obedecem às leis por heteronomia⁴⁸. No entanto, quando se visita uma instituição cristã, por exemplo, que cuida de idosos, crianças órfãs ou de portadores de deficiência, é comum constatar várias ações do amor cristão.

Desta forma, seja nas ruas ou nas instituições cristãs, as pessoas absorvem significados de mensagens religiosas e a partir delas, criam seus próprios sentidos, estabelecendo assim os graus em que se encontram. Pode-se entrever que o significado proposto engrandece o sentido vivido – ele não apenas admite, mas pratica. Assim, se o indivíduo se diz cristão, pressupõe-se que ele acredita e siga os ensinamentos de Jesus. Diariamente, observa-se que muitos cristãos não necessariamente os seguem, ao menos, não em todos os momentos – ironia maior é observar, na televisão, assassinos e vários políticos que se afirmam cristãos.

Nesse ponto de vista, aqueles, que mais se destacam, estão em um grau de sentido superior aos outros; mas não é possível afirmar o grau preciso da pessoa. Também não se trata de escala que exalta vaidades, competições ou humilhações de inferioridade; ao contrário, estimula-se a humildade, as práticas cristãs. Os sentidos de vida para uma adolescente que foi estuprada, para uma mãe que perdeu o filho para o mundo das drogas, para um jovem esportista atropelado e agora paraplégico ou para uma pessoa que tinha câncer terminal e, depois de passar por uma consulta com João de Deus, foi curada, possivelmente assumirão novas concepções se

⁴⁸ Porém, sabe-se da tensão constante entre autonomia e heteronomia. Nem sempre uma é diametralmente oposta a outra, havendo passagens de conscientização de uma para outra.

comparados ao antes das adversidades. E caso esses indivíduos forem cristãos, como pressupõe a kénosis kierkegaardiana, eles tomarão novos rumos.

Em síntese, entrevendo limites, os significados são compartilhados, mas os sentidos são características individuais, que podem ser compartilhados ou não. Se é cristão, que se faça uma análise para descobrir o grau de sentido, porque as mensagens fiéis transparecem nas atitudes. É isto o que é observado na Casa de Dom Inácio: vários sentidos cristãos convivendo; cada FC fazendo o que lhe cabe, exercitando sua kénosis. Desta forma, como óbvio, o tema ‘significado e sentido’ não se restringe ao mote cristão, mas a todos os assuntos que se lê, examina ou fundamenta os comportamentos.

À vista disso, retomam-se no presente capítulo o significado e o sentido do que acontece, de modo geral, na Casa de Dom Inácio, isto é, a prática do espiritismo – não necessariamente o significado deste – pois as intervenções espirituais com intervenção material ou não, a mediunidade de João de Deus e outros são objeto de replicação e prática por esta corrente de pensamento, juntamente a compreensão de espiritualidade para os FC. Por conseguinte, se João de Deus se diz católico, não seria contraditório ele praticar a religião espírita? Será o espiritismo uma religião?

2.2 O espiritismo é uma religião?

Ao refletir sobre o espiritismo, seria este a ‘religião’ de João de Deus ou de Dom Inácio? Todavia, anteriormente a essa pergunta, destaca-se outra: seria o espiritismo uma religião? Nota-se que João de Deus se diz não espírita, porém, quando incorporado, indica o estudo do espiritismo. Mas se o espiritismo é religião, a discussão é complexa. Os teóricos se divergem; alguns autores asseveram que o espiritismo se desviou da ciência, outros, que medrou o aspecto importante. Para Figueiredo (2016), o espiritismo não pode ser religião, mas uma filosofia de vida útil a todas as pessoas, independente se frequentam religiões ou não, visto que os espíritos estão em todas e fora delas. Ademais, quando o espiritismo se torna religião, ele equipara-se na disputa por fiéis [submissos e pedintes] e adentra no mercado da fé [barganhada], e isto foge dos aspectos morais pretendidos pelo espiritismo. Ainda

para Figueiredo (2016), em 150 anos, essa doutrina⁴⁹ científica e filosófica se extraviou:

No caminho, as gerações de adeptos esqueceram progressivamente a originalidade revolucionária do espiritismo, terminando por ser visto atualmente, como denunciou Herculano Pires há 35 anos, 'como uma seita religiosa comum, carregada de superstições' (FIGUEIREDO, 2016, p.18, grifo do autor).

Allan Kardec, em sua definição de espiritismo, realizada em 1859, não mencionou religião:

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações. (...) O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal (KARDEC, 1992, p.08).

O espiritismo como 'ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos', bem como apontado pelo argumento de Kardec de que haverá "[...] uma revolução nas ideias; e esta revolução produzirá, necessariamente, outra, na ordem das coisas. Este será um fruto do Espiritismo" (KARDEC, 1992, p.128). Tais concepções concederam a Figueiredo (2016) o desígnio do espiritismo como 'realmente revolução' à semelhança da Revolução Francesa. Assim, com suas devidas singularidades, o espiritismo busca transformar o mundo humano através da consciência das leis naturais, do livre arbítrio, do raciocínio e da elevação moral. Não se trata simplesmente de 'mais uma' filosofia de vida, mas de uma que se utiliza da experiência científica e deduz, pela lógica, a junção do imanente com o transcendente. Porém, não há necessariamente um vínculo religioso, mas uma visão profunda e atemporal, orientada para todos os humanos, independente dos pontos cardeais. Se compreendido dessa forma, realmente haveria uma transformação colossal para a humanidade.

Nessa perspectiva, em 1868, interrogado se espiritismo era religião ou não, Kardec afirma positivamente; entretanto, o autor afirmou que não se tratava do

⁴⁹ O termo doutrina refere-se não a uma convenção religiosa, mas a um corpo de ideias científicas e filosóficas fundamentais.

entendimento vulgar de religião com dogmas, rituais e liturgias, mas de uma religião natural:

Ora, sim, sem dúvida, senhores! No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos vangloriamos por isto, porque é a Doutrina que funda os vínculos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza. Por que, então, temos declarado que o Espiritismo não é uma religião? Em razão de não haver senão uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; porque desperta exclusivamente uma ideia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí mais que uma nova edição, uma variante, se se quiser, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das ideias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes a opinião se levantou (KARDEC, 1868, p.491).

Kardec concebia o que constituía a religião natural: o laço de fraternidade – derivado de Santo Agostinho – e a comunhão de pensamentos, não mais por simples convenção apreendida, mas pela ilação das leis naturais. Em outra obra do codificador, encontra-se a “religião natural, a que parte do coração e vai diretamente a Deus, sem se deter nas franjas de uma sotaina, ou nos degraus de um altar” (KARDEC, 2005, p.383). Figueiredo (2016) anuncia que os pressupostos da religião natural estão atrelados na concepção kantiana da liberdade de pensamento, da observação autônoma – distante da heteronomia, superstição e fanatismo – fundamentando a fé raciocinada – aquela que acredita porque verifica experimental e conclui filosoficamente.

Sobre a fé raciocinada, ainda que pareça ser paradoxal, ela está embasada na filosofia humanista do século XVIII, a qual propiciou o gosto pela prática do espírito crítico e pelo debate de ideias, aspectos característicos dos movimentos intelectuais da França do século XIX. Era comum naquele período “misturar pesquisa experimental com pensamento especulativo e místico, sobretudo numa fascinação pelos fenômenos de natureza magnética e elétrica” (SILVA, 1997, p.16). Para Kardec, representante desse espírito efervescente da época, “o livre-pensamento eleva a dignidade do homem, dele fazendo um ser ativo, inteligente, em vez de uma *máquina de crer* (KARDEC, 1867, p.64, grifo do autor). Assim, não com o intuito da imposição e do dogmatismo – que impedem o raciocínio e o livre-arbítrio, resultando em incredulidade – Kardec prioriza a fé raciocinada, apoiada nos fatos e na lógica. A

crença, para ele, deve vir da certeza e esta, da compreensão (KARDEC, 1991). Porém, de modo geral, tal fé raciocinada parece que não se desenvolveu na França, berço do espiritismo.

Para Lantier (1971), nas terras da Revolução Francesa, antes da Segunda Guerra Mundial, o espiritismo científico já se desenvolvia⁵⁰ e, praticamente, não se abordava o espiritismo religioso. Após a guerra, poucos esquadriharam sua bibliografia e encararam-no apenas como “curiosidade etnológica” (LANTIER, 1971, p.175). Apesar disso, ainda é possível observar que muitas das ideias espíritas se espalharam pelo Ocidente, entre elas a de que há vida após a morte; o perispírito abriga a alma e reflete o corpo pelo qual é possível manter contato com os falecidos; e outras. Para o autor em questão, “à medida que se esbate o colorido científico da doutrina, os progressos constantes daquilo que não seria sem dúvida arriscado chamar de ‘religião espírita’” (LANTIER, 1971, p.175, grifo do autor).

Lantier (1971) reconhece certo crescimento dos aspectos religiosos, porque no Congresso Internacional Espírita de Londres, de 1922, os congressistas responderam afirmativamente à pergunta do senhor George B. Wane, então presidente da Associação Espírita dos EUA: “Contém o espiritismo elementos de uma religião mundial?” (LANTIER, 1971, p.173). Apesar da resposta assertiva, a pergunta deixou claro ‘elementos religiosos universais’, o que faz com que o espiritismo não seja uma religião constituída. Nesse sentido, torna-se relevante a advertência anterior de Lantier (1971): é ‘arriscado’. Talvez seja justamente essa imprecisão interpretativa uma das causas da origem do espiritismo ter se transformado em religião instituída, mormente no Brasil, e em outras partes do mundo, como EUA, Inglaterra e Itália. Além

⁵⁰ No documentário dirigido por Ery Lopes, diferentemente de Lantier (1971), evidencia-se a derrocada do espiritismo na França desde o passamento de seu codificador. Várias foram as causas, entre elas: 1) a Guerra da França contra a Prússia desencadeou certo asco a tudo que tivesse áurea mística ou religiosa; 2) por causa disto, houve a propagação do estilo de vida materialista e recepção das ideias de K. Marx, S. Freud, F. Nietzsche; 3) havia machismo nas relações sociais, desprezando a esposa de Kardec como dirigente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas [SPEE]; 4) a presidência da SPEE por Pierre-Gaëtan Leymarie [1827-1901] foi desastrosa; ele não só se apossou ilegalmente dos bens que Kardec deixara à Sociedade, como foi preso no caso jurídico ‘Processo dos Espíritas’, angariando descrédito ao espiritismo; além disso, deturpou a *Revista Espírita* com teorias sincréticas, entre elas, as dos roustainguistas [teorias de Jean-Baptiste Roustaing] e as teosóficas [proposições de Helena Blavatsky] – para alguns, esse senhor foi considerado verdadeiro traidor e ‘coveiro’ de Kardec; 5) A Igreja Católica incentivou homicídios contra os espíritas, alegando que estes fizeram pacto satânico; 6) a 1ª Guerra Mundial impôs vários ônus à França e, por conseguinte, ao movimento espírita e; 7) Enfim, a 2ª Guerra Mundial, amordaçou o livre-arbítrio francês e, conseqüentemente, o espiritismo (ESPIRITISMO, 2018). Dentro desse quadro maior, a ideia de ‘curiosidade etnológica’ de Lantier (1971) se mostra melhor fundamentada. Por outro lado, faz-se mister apontar que o espiritismo não estava morto, possivelmente moribundo, visto as obras de Léon Denis, Gabriel Delanne, Léon Chevreuil, Jean Meyer e outros, inclusive a criação da União Espírita Francesa, em 1882.

disso, o mesmo, ao unir-se a outras crenças, instituindo 'igrejas sincréticas' como as das ex-colônias francesas da Indochina, teve origem o caodaísmo. No Brasil, um país sincrético, o espiritismo está na base de outras religiões como a Umbanda, o Santo Daime e o Vale do Amanhecer, com suas múltiplas vertentes.

Saber exatamente o que constitui essencialmente uma religião pode ser um dédalo. Logo, questiona-se: dentro do espiritismo, quando se pode apontar que certa ideia é religiosa e outra científica? Uma ideia científica parece ser mais evidente. Será que a ideia religiosa está impregnada de sectarismo e dogmatismo e a científica não, mesmo já se tendo presenciado fanatismo em ambas? Qual o marco divisório entre o laico e o religioso espírita? Tais atos são religiosos ou científicos: crer em Deus, fazer preces, aplicar um passe, solicitar intervenção de Jesus na cura de uma doença, ler o evangelho, levantar as mãos aos céus em súplica? Ao dizer que são religiosos, poder-se-ia induzir a um engano, pois foi isto que fizera Dias (1985). Tal fato encontra-se narrado em sua obra, que contesta o espiritismo como religião. Relata o autor que ele e sua irmã receberam rogos de uma amiga para ajudar o pai dela que estava moribundo. Foram e diante do doente:

Bisonhos, inespertos, receosos, mas não descrentes, convidamos a todos para orar. E oramos e pedimos a Jesus que nos socorresse naquela conjuntura. Todos precisávamos de ajuda: o companheiro, por seus males, nós outros por nossos temores e por nossa visível e flagrante inutilidade de poder ajudá-lo. Transferimos o pedido de auxílio que nos levara ali, para as mãos prestigiosas dos bons espíritos.

Foi algo inesquecível: de chofre, cessou a tosse, aquela crise nervosa interrompeu-se. A respiração normalizou-se e o doente adormeceu, varando a noite em brando repouso.

Impossível varrer da memória uma experiência dessas. Guardo-a como pérola, como tesouro em minhas lembranças. É algo indizível: sentir que com um gesto, um pedido súplice ao alto, as mãos estendidas, pode-se aliviar o sofrimento (DIAS, 1985, p.149).

Segundo Dias (1985), tais atos não possuem especificidades religiosas, mas terapêuticas. Eis assim outro problema: a fronteira entre religioso e terapêutico. O autor ainda afirma que aquelas foram atitudes de quem estava pronto para servir ao próximo, levando um pouco de lenitivo ao sofridor. Desta forma, acredita-se que não seja o caso de se fazer enquête acadêmica sobre se são tais atos são religiosos ou científicos, isto porque o mesmo problema permaneceria. Parece que a solução se encontra em outro caminho como poderá ser identificado posteriormente.

Mesmo a obra de Kardec, aparentemente, não trazendo tanta luz ao tema, Spínola (2016) reconhece que esse autor teve formação religiosa, o que transparece em seus livros: “Le spiritisme est donc le plus puissant auxiliaire de la religion”⁵¹ (KARDEC, 1998b, p.82). Kardec assevera essa potência espírita diante dos fenômenos experimentais, das comunicações dos seres do além-túmulo e dos méritos e delitos que se colhe e planta nas existências, auxiliando posturas religiosas. Algo que fundamenta uma atitude religiosa não seria também, convencionalmente, algo religioso? Pode-se dizer que se resume numa questão de fundamentos racionais da religião, isto é, com a ciência comprovando os fenômenos, as comunicações espirituais e as consequências morais, ter-se-ia, por assim dizer, uma ciência? Por que não uma ciência religiosa ou uma religião comprovada? Seria esse também o papel das ciências da religião, ou seja, oferecer luz racional e experimental em uma prática ancestralmente considerada sagrada?

Na conclusão da referida obra, o codificador do espiritismo atesta que essa doutrina torna as pessoas melhores e mais felizes porque praticam ‘a pura moral evangélica’, a do Cristo – este não fundou religião alguma, no entanto, negar que grande parte do cristianismo não seja religião é sandice – e mesmo porque ele assenta suas bases na religião.

Le spiritisme est fort parce qu'il s'appuie sur les bases mêmes de la religion: Dieu, l'âme, les peines et les récompenses futures; parce que surtout il montre ces peines et ces récompenses comme des conséquences naturelles de la vie terrestre, et que rien, dans le tableau qu'il offre de l'avenir, ne peut être désavoué par la raison la plus exigeante⁵² (KARDEC, 1998b, p.386).

Kardec evidencia que a ‘força do espiritismo está nas bases religiosas’, não na sua lógica científica ou nos fenômenos espirituais em si. A força advém de algo que se sustenta e sustenta outros; o que pode trazer a conclusão de que tal força, a da legitimidade, foi dada pela própria história e pelas condições que a religião cultivou e legou, ou, mais plausível, que Kardec assevera a força do espiritismo justamente porque investigou o que antes não havia sido estudado e concluiu, pela veracidade das provas, que todo um conjunto de preceitos filosóficos e morais comprova os

⁵¹ “O espiritismo é, portanto, o mais poderoso auxiliar da religião” [tradução nossa].

⁵² Traduzido por J. Herculano Pires: “O Espiritismo é forte porque se apoia nas próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras, e porque sobretudo mostra essas penas e recompensas como consequências naturais da vida terrena, oferecendo um quadro do futuro em que nada pode ser contestado pela mais exigente razão” (KARDEC, 1998, p.346).

fundamentos religiosos, fortalecendo o próprio espiritismo. No entanto, concluir pela ‘experimentação’ dos princípios religiosos não elimina os mesmos, antes, talvez, os fortaleça. Tendo as bases na religião, ou seja, em Deus, na alma, nas penas e nas recompensas futuras, o espiritismo inova alegando que as consequências morais advindas são todas naturais, não ‘sobrenaturais’ como se pensava e, além de tudo, são alicerçadas na razão exigente. Ademais, ao possuir naturalidade nas ações morais, estas deixariam de ser religiosas, ou apenas assumiriam a ‘razão de ser’ – como visto anteriormente no exemplo de Dias (1985)?

Intitulado *Profissão de fé espírita raciocinada*, Kardec (2005) faz um inventário intelectual do espírita em três partes: Deus; alma; e criação. Admite o codificador que o espírita desenvolve a fé raciocinada em Deus, porque sabe que não há efeito sem causa, o que decorre asseverar que Deus tem todas estas qualidades: eternidade, imutabilidade, imaterialidade, unidade, onipotência, justiça e bondade. O autor considera a alma porque ela se manifesta independente do corpo, sendo um princípio inteligente que vivifica a matéria e a criação – como consequência da existência de Deus – dos mundos materiais e dos espíritos; estes últimos, criados simples e ignorantes, têm por finalidade “alcançar a perfeição de que é suscetível a criatura. O resultado dessa perfeição está no gozo da suprema felicidade que lhe é consequente e a que chegam mais ou menos rapidamente, conforme o uso que fazem do livre-arbítrio” (KARDEC, 2005, p.46). Além disso, este autor compreende a reencarnação espiritual como reflexo das leis naturais, visto ser necessária ao progresso individual – pelo trabalho e inteligência desenvolvida – e à execução da obra divina.

Denominar isto, ou seja, o espiritismo, como ‘profissão de fé espírita’ pode demonstrar certa tendência religiosa, visto ser a fé uma virtude teologal. Contudo, não deixa de ser uma fé raciocinada, decorrida de experimentações e conclusões filosóficas; se a fé cega abdica do raciocínio e livre-arbítrio, a fé raciocinada se utiliza da inteligência naquilo que crê, revisitando a compreensão diante dos fatos. Como afirma Kardec, esta é a fé que encarara frente a frente a razão (KARDEC, 1992). Mesmo assim, ainda não se solucionaria o problema em questão.

A toda essa discussão, agregando mais um item na possível solução do problema – se o espiritismo é religião ou não – Kardec resume e apresenta ‘as cinco alternativas capitais da humanidade’, diante da questão se haveria vida após a morte: materialismo, panteísmo, deísmo, dogmatismo e espiritismo. Destas, a primeira

alternativa ausenta-se, pois todas as outras acreditam em Deus, porém explicitam o retrato deste à sua maneira.

Segundo Kardec (2005), para o materialismo, “a inteligência do homem é uma propriedade da matéria; nasce e morre com o organismo. O homem *nada é antes, nem depois* da vida corporal” (KARDEC, 2005, p.238, grifos do autor). Por conseguinte, àquele que abraçou essa alternativa, tendo a consciência apenas como epifenômeno do cérebro [produto accidental ou sintoma secundário], os prazeres físicos são os únicos reais e ‘a’ finalidade da vida – uma espécie de *carpe diem*. Assim, para o codificador, se esse materialista – mecanicista em sua essência – possui consequências funestas na vida moral, o suicídio se apresenta como o meio justo de acabar com a dor sem solução e outros problemas. Desta forma, o bem ou o mal são convenções a serem balizadas pelas conquistas concretas no porvir, porém, para Kardec, a lei civil é o único freio social para este – e, nesse contexto, é cabível somar que só é freio se for conveniente, visto que as leis morais também o são.

Segundo Kardec (2005), a vida moral do panteísta não seria diferente do materialista, visto que ‘todo conhecimento adquirido se perderá no oceano do todo universal’, sendo significativo o ‘aqui e agora’. O deísta pode ser independente ou providencialista. O primeiro acredita que Deus criou as leis universais e ‘se retirou’, sendo a vida o resultado dos desejos de cada um. O segundo aceita a intervenção divina no dia a dia, mas não admite dogmas religiosos e cultos exteriores. A quarta alternativa, a dogmática, crê que a alma foi criada junto ao nascimento do ser, sendo ‘aqui nesta vida’ tudo o que será na eternidade: os bons e os maus são fixos e perpétuos; aos primeiros cabem as bênçãos sagradas e, aos segundos, os castigos imortais. De modo geral, as religiões estão enquadradas nessa perspectiva.

Por último, a quinta alternativa, a espírita, compreende o princípio inteligente [PI], ou espírito, como anterior e sobrevivente ao corpo. Tendo a mesma origem, todos os espíritos foram criados ignorantes, concluindo que os PIs não são privilegiados [não existindo castigo de Deus ou pecado, mas consequências naturais] e que progridem aplicando o livre-arbítrio ao trabalho; o que lhes acontece em vida é reflexo de circunstâncias da natureza, atitudes sociais e ou individuais [resultados de práticas para o bem e ou endurecimentos para o mal]. “A vida espiritual é a vida normal; a vida corpórea é uma fase temporária da vida do Espírito, que durante ela se reveste de um

envoltório material, de que se despe por ocasião da morte” (KARDEC, 2005, p.245)⁵³. Para se aperfeiçoar, faz-se preciso que renasça nos corpos quantas vezes for necessário; o progresso intelectual e moral conquistado em corpo anterior se soma ao atual, em grande espiral ascendente, revelando uma perspectiva positivista.

Ressalta-se que a Confederação Espírita Pan-americana [CEPA], por meio da ‘Carta de Santos’, entende a reencarnação não só como instrumento de progresso, autoconhecimento e educação, mas como poderoso dispositivo de justiça social:

7 - À luz da filosofia espírita, a reencarnação pode ser vista como poderoso instrumento de busca da justiça social, reduzindo, progressivamente, as desigualdades e injustiças sociais. Estas jamais devem ser interpretadas como decorrentes de suposta vontade divina, mas como resultado do orgulho, do egoísmo e do desrespeito às leis naturais. A proposta ética espírita combate esses vícios humanos e contribui com a construção de uma sociedade mais justa e solidária (CARTA DE SANTOS, 2016, p.22).

Ainda na esteira do tema da reencarnação, Spínola (2016) apresenta dois quadros retratando-a como: modelo religioso e modelo laico do espiritismo. Este último tenta higienizar o espiritismo dos conteúdos religiosos que o imiscuíram, apresentando-o em bases conceituais, reflexões filosóficas, consequências éticas, morais e sociais, pesquisas científicas e renovação de conceitos e vocabulário.

Independente da reencarnação e retomando as cinco alternativas, Kardec, quando as apresentou, assumiu postura filosófico-científica ao falar da opção espírita não como herança histórica de aspectos religiosos – ligados à alternativa dogmática – mas como resultados de investigações e experimentações. Desta forma, o autor pronuncia o espiritismo como ciência e filosofia, o que nega uma identidade religiosa.

Na veemência de contatar o âmago do problema, para Denis (2008) – um dos principais continuadores da obra kardequiana junto à Gabriel Delanne; ambos considerados ‘Apóstolos do espiritismo’ –, deve-se à importância que a igreja dá ao sentimento, desprezando a razão. Isso não ocorre com a ciência, pois há uma supervalorização desta em detrimento daquela – interpretação que ganhou pujança em Descartes ao propor pensamentos fundados na ‘clareza e distinção’ racional. Assim, Denis (2008) argumenta que o espiritismo harmoniza essa relação, tornando-se uma religião científica.

⁵³ Teilhard de Chardin (1881-1955) concluiu de modo semelhante: “Não somos seres humanos vivendo uma experiência espiritual, mas somos seres espirituais vivendo uma experiência humana”.

Qual não será a superioridade de uma doutrina que vem restabelecer o equilíbrio e a harmonia entre essas duas forças, uni-las e imprimirlhes um impulso uniforme para o bem?! Há nesse fato, como se deve compreender, o princípio de uma revolução imensa. Por essa conciliação do sentimento e da razão o Espiritismo se torna a *religião científica* do futuro. O homem, desembaraçado dos dogmas que constroem e das infalibilidades que oprimem, readquire sua independência e o uso de suas faculdades. Examina, aprecia livremente e só aceita o que lhe parece bom (DENIS, 2008, p.93, grifo nosso).

Os argumentos de Kardec e os de Denis deram origem a uma ideia comum no meio espírita religioso: 'o espiritismo é o futuro das religiões'. Denis, por sua vez, (1982) assevera isto:

142 - Então, o Espiritismo é a religião do futuro? Ele é, antes de tudo, o futuro da religião. O Espiritismo, como seu nome indica, é a mais alta e a mais científica forma do espiritualismo. Ele é, ao mesmo tempo, já o dissemos, uma ciência positiva, uma filosofia moral, uma solução social. Sob todos esses títulos, ele responde admiravelmente às exigências do pensamento moderno, às necessidades do coração humano, às aspirações elevadas da alma. Os progressos do futuro confirmarão cada dia mais seus ensinamentos e sua doutrina. Podemos, pois, afirmar que o Espiritismo é o credo futuro da humanidade (DENIS, 1982, p.35).

Como observado, Denis (1982) profetiza que todas as religiões professarão princípios espíritas. Por outro lado, não seria essa hipótese uma presunção tamanha, cuja consequência seria a de vaticinar que todas as religiões adquiririam os pressupostos espíritas, podendo estimular imposições espíritas e jactâncias? Talvez. No entanto, a intenção foi apontar que há certo senso comum nos religiosos espíritas como sendo o espiritismo o futuro das religiões; e se esse aspecto religioso será o futuro, quiçá a ciência continuará com espaço restrito.

Nessa mesa-redonda, Imbassahy (1981), analisando as obras de Denis, apresenta um resumo das ideias religiosas desse francês sobre o espiritismo, por acreditar que o mesmo seria uma religião positiva.

Que à ideia religiosa se desenham agora, com o Espiritismo, planos mais elevados; que a religião é o esforço para comunicar com a essência eterna; ora, é esse esforço que vemos no Espiritismo; que os missionários provocam a renovação religiosa, e que assistimos, agora, à mais profunda, de que são inspiradores os Espíritos; que o Espiritismo, ou o espiritualismo moderno, como ele chama, vai acentuar e desenvolver a união da religião, da ciência e da arte; que, pelo lado experimental, o Espiritismo não é mais que uma ciência, mas, pelo seu objetivo, penetra nas profundezas invisíveis e se torna

uma doutrina religiosa; que ligará, um dia, as religiões; que uma grande ideia se esboça e outras formas religiosas se elaboram; que, para fazer das diversas crenças uma fé comum, seria preciso uma poderosa revelação; essa revelação no-la traz o novo espiritualismo e nela revivem os ensinamentos enviados pelo céu; que as futuras religiões terão o pedestal da comunicabilidade dos Espíritos, tal como se dá com o Espiritismo; que as religiões repousam na base comum: Deus e a imortalidade, base do Espiritismo; que uma religião mais ampla se ergue, neste momento, que a todas abraça; que a nova revelação vem fecundar as Igrejas; que uma Igreja Universal, existente no Espaço, dirige a marcha do Espiritualismo (IMBASSAHY, 1981, p.124-125, grifos do autor).

Imbassahy (1981), ao refletir sobre o objetivo do espiritismo, confessa-o como 'Igreja Visível'⁵⁴ em que a espiritualidade coordena os novos rumos do espiritualismo para a humanidade, pois esta se encontra saturada de animalidades e aviltamentos e, por conseguinte, sedenta das conquistas remotas de paz e amor. Por outro lado, ao admitir o espiritismo como igreja, pode-se advir toda herança simbólica e material com seus frutos saudáveis e ou maléficos esperados por essa instituição. Para esse autor, o espiritismo pode e deve ser tratado como religião, visto que ela é a ponte para a essência eterna espiritual e isto não pode ser objeto científico.

No entanto, é Herculano Pires quem evidencia os perigos dessa 'igreja' tornar-se farisaica, como aconteceu em décadas passadas com o espiritismo (PIRES, 1988). Segundo Pires, tal movimento estava respaldado em mensagens psicografadas carregadas de piedade e moral evangélica, emanadas por Entidades trevosas, preocupadas apenas com o formalismo ritualístico, com as aparências do comportamento humano e com o aperfeiçoamento na teatralização social. Assim, houve grande processo de alienação levando espíritas a serem "fiéis encarnados em torno de pseudomestres dotados de sabedoria infusa e arrogante, como a dos teólogos das igrejas, resquícios assustadores de pretensões divinistas [...]" (PIRES, 1988, p.31).

Esses espíritas não somente estimulavam modelos de olhares dóceis e faces bonecas, bem como propunham o celibato aos jovens, a abstinência sexual aos casados e as práticas de confessionário. "Formava-se e ainda se tenta formar, no meio espírita, uma estrutura totalitária de poder e arbítrio, com uma disciplina legal asfixiando a liberdade espírita" (PIRES, 1988, p.33). Como afirma Pires (1988), muitos

⁵⁴ O Dr. Ademar Arthur Chioro dos Reis, em banca de defesa da presente tese, afirmou que tal assertiva deve ser contextualizada, isto é, ao Estado Novo de Getúlio Vargas, que perseguia o espiritismo por não ser considerado religião, mas curandeirismo.

dirigentes se concebiam como proprietários exclusivos da verdade, “domesticados por incessantes mensagens padrescas” (PIRES, 1988, p.33).

Para Arribas (2010), o espiritismo proposto como ciência e filosofia foi interpretado pela Federação Espírita Brasileira [FEB] – originada em 1884 – como ciência, filosofia e religião. Porém, os dois primeiros aspectos – filosofia e ciência – foram subjugados devido a uma série de condições político-sociais à época, e assim passou a chamar o espiritismo de religião. Isto também foi o resultado de uma ‘invenção’ dos grupos majoritários do movimento espírita no Brasil como os kardecistas e os swedenborguistas, liderados principalmente por Bezerra de Menezes que trazia em sua intimidade aprendizagens católicas, entre elas sua notável adoração à Virgem Maria. Esses grupos religiosos adotaram o lema “fora da caridade não há salvação” (KARDEC, 1991, p.245). Outros, como os psiquistas e ocultistas, desejavam um espiritismo científico. No entanto, a corrente religiosa fez prevalecer seus interesses.

Porém, isto teria como causa a deturpação das ideias de Kardec ou a transnacionalização ‘religiosa’ que atendeu determinações históricas, políticas e culturais? Para Arribas (2011), como havia prevalência do grupo religioso em sua constituição, o espiritismo exerceu grande influência pelo país no atendimento aos doentes do corpo e do espírito, o que favoreceu sua popularização. Desta forma, três foram os motivos que condicionaram o espiritismo religioso no Brasil. O primeiro, dentro da FEB, refere-se ao fato de o grupo religioso ganhar destaque e liderança na busca pela cura aos doentes, seja receitando homeopatia, distribuindo água fluidificada ou aplicando passes;

O segundo fator refere-se à transformação do Brasil em um país laico com a Proclamação da República, na qual a liberdade de culto era uma prerrogativa. A partir de então, foi criado um meio legal que permitiu ao Espiritismo sua sobrevivência enquanto religião. E, por último, a aprovação do Código Penal – que previa punições a determinadas práticas de charlatanismo, curandeirismo e espiritismo – fez com que os espíritas ressaltassem ainda mais o aspecto religioso, mostrando que suas obras de caridade não tinham fins lucrativos, e sim religiosos, conseguindo escapar da mira policial (ARRIBAS, 2011, p.335).

Diante de todo o exposto, o espiritismo não deveria ser entendido como religião, mas o foi devido às condições sociais e políticas apontadas. No entanto, essa conclusão emerge como uma hipótese na tentativa de solucionar o dilema acerca do

espiritismo. Cabe ainda salientar que tal proposição não é exclusiva, pois ao longo de, não de centenas, mas de milhares de anos, a religião foi constituindo sua força como matriz cultural, como já observado no capítulo anterior.

Não se trata de simples crença como ‘acredito em Deus’, mas de um conjunto lógico e entranhado de poderosos símbolos a fornecer *ethos* e visão de mundo ampla [início, meio e fim], estabelecendo sentidos de experiências, compreensão da vida, por vezes sofrida, identidade e princípios morais. Isto, comparado à ciência clássica, ultrapassa-a longamente; é um avô ao lado de uma criança; um grande território diante de pequena gleba; uma ‘bíblia’ perto de um opúsculo. Ou melhor, talvez adequar razões religiosas seja uma necessidade progressiva do estágio presente da humanidade; algo que está em transição, pois substituir uma visão ampla por outra que não é tão ampla assim, ou que não responde de modo tão extenso, não se dá rapidamente, possivelmente em centenas de anos.

Nesse contexto, Hernani Guimarães Andrade, cientista de renome, apoia o espiritismo religioso ao asseverar que o considera “importantíssimo e indispensável, tendo em vista a necessidade de uma forte motivação para que homens se unam fraternalmente” (ANDRADE, s/d, p.07). Ainda se identifica a ideia de fraternidade advinda de princípios religiosos, apesar de ser possível torná-la laica, por fundamentação filosófica.

Sabe-se que essa hipótese não resolve o problema central, se o espiritismo é religião ou não, porém, pode-se vislumbrar a ciência como matriz cultural, não mais assentada no materialismo. E se assim for, talvez o estágio atual dos cientificistas seja superado pelo dos religiosos, não os religiosos fanáticos da ‘fé cega’, mas os religiosos naturais de Kardec; então, nesse mundo futuro, o cientista de hoje se sentirá orgulhoso de ser um religioso natural; ou não.

Além disso, Kardec sustenta que tanto a ciência como a religião são alavancas da inteligência na humanidade, assentadas no mesmo princípio divino. Tal assertiva promove reflexões nos cientistas e religiosos; e, por conseguinte, é válida sua citação na íntegra pois, segundo Kardec, agora há algo para preencher o espaço entre elas – a consciência das leis universais – e assim contribuir para a comunhão científico-religiosa, com a razão de ambas aparando as arestas entre si:

ALIANÇA DA CIÊNCIA E DA RELIGIÃO

A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana. Uma revela as leis do mundo material e a outra as do mundo moral. *Mas aquelas e estas leis, tendo o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se. Se umas forem a negação das outras, umas estarão necessariamente erradas e as outras certas, porque Deus não pode querer destruir a sua própria obra.* A incompatibilidade, que se acredita existir entre essas duas ordens de ideias, provém de uma falha de observação, e do excesso de exclusivismo de uma e de outra parte. Disso resulta um conflito, que originou a incredulidade e a intolerância.

São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo devem receber o seu complemento; em que o véu lançado intencionalmente sobre algumas partes dos ensinamentos deve ser levantado, em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, deve levar em conta o elemento espiritual; e em que a Religião, deixando de desconhecer as leis orgânicas e imutáveis, essas duas forças, apoiando-se mutuamente e marchando juntas, sirvam uma de apoio para a outra. Então a Religião, não mais desmentida pela Ciência, adquirirá uma potência indestrutível, porque estará de acordo com a razão e não se lhe poderá opor a lógica irresistível dos fatos.

A Ciência e a Religião não puderam entender-se até agora, porque, encarando cada uma as coisas do seu ponto de vista exclusivo, repeliam-se mutuamente. Era necessária alguma coisa para preencher o espaço que as separava, um traço de união que as ligasse. Esse traço está no conhecimento das leis que regem o mundo espiritual e suas relações com o mundo corporal, leis tão imutáveis como as que regulam o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez constatadas pela experiência essas relações, uma nova luz se fez: a fé se dirigiu à razão, esta nada encontrou de ilógico na fé, e o materialismo foi vencido.

Mas nisto, como em tudo, há os que ficam retardados, até que sejam arrastados pelo movimento geral, que os esmagará, se quiserem resistir em vez de se entregarem. É toda uma revolução moral que se realiza neste momento, sob a ação dos Espíritos. Depois de elaborada durante mais de dezoito séculos, ela chega ao momento de eclosão, e marcará uma nova era da humanidade. São fáceis de prever as suas consequências: ela deve produzir inevitáveis modificações nas relações sociais, contra o que ninguém poderá opor-se, porque elas estão nos desígnios de Deus e são o resultado da lei do progresso, que é uma lei de Deus (KARDEC, 1991, p.40-41, grifos do autor).

Ao afirmar que 'A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana', aparentemente Kardec despreza o conhecimento filosófico, a não ser que sua definição de ciência fosse seu significado amplo, o de conhecimento profundo de algo, o que sugere não ser. Sua confiança na religião como alavanca da inteligência a equipara à ciência, como a pretender que ambas caminhem juntas, mesmo porque ele a coloca como sinônimo de conhecedora das leis morais, e sua definição de

espiritismo não é outra senão, ciência e filosofia do mundo espiritual. Filosofia entendida como estudo da consequência moral, o que faz compreender que a Filosofia, à maneira de Tomás de Aquino, seria serva da religião, visto que esta revela as leis morais e a filosofia estende 'lógica' ao mundo. No entanto, Kardec assemelha o espiritismo a uma ponte, que une as duas extremidades. Por conseguinte, produzem-se 'inevitáveis modificações nas relações sociais', reconhecendo o potencial indestrutível da religião, adquirido devido à razão científica. Logo, esta recebe daquela leis morais balizadoras dos fins racionais. Evidente que Kardec se utiliza de postulados positivistas, entre estes: um progresso ininterrupto, a ciência como metodologia prioritária e a verdade única (SIGNATES, 2014).

Apesar disso, frente a uma aliança que aparentemente está distante, mesmo dentro do movimento espírita, sabendo que o lado religioso do espiritismo foi engendrado para se organizar geralmente em dogmas, rituais e posturas de louvor, ele será tratado como tal, sob o entendimento de que há inúmeros centros espíritas sistematizados em várias posturas díspares. E, por contraditório que seja, a maioria está envolta por atitudes de crenças, geralmente absolutas, como se houvesse uma placa na porta avisando: 'abandonai toda postura científica, vós que entrais!'⁵⁵.

Portanto, por sobressair o espiritismo religioso, adentrar-se-á adiante no *ethos* e na visão de mundo desse espiritismo, cogitando que seu lado científico apresenta particularidades diferentes. Antes, porém, é basilar evidenciar o *ethos* e a visão de mundo como um todo, para depois destacá-los no espiritismo, na Casa de Dom Inácio e, por último, nos[as] Filhos[as] da Casa.

2.3 *Ethos* religioso e visão de mundo

Geertz compreende cultura como "um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos [...]" (GEERTZ, 1989, p.66) e sustenta que significado, símbolo e concepção, por serem recursos do capital intelectual, devem ser esclarecidos e familiarizados, principalmente àqueles que almejam pesquisas sobre a religião e suas decorrências.

Por ser uma definição idealista, distante de uma abordagem adaptativo-biológica (LARAIA, 2001, p.63), Geertz entende a cultura como um conjunto de

⁵⁵ Paráfrase da obra de Dante Alighieri, *A divina comédia*: "Abandonai toda esperança, vós que entrais" [...] pelos portões do inferno.

significados, em que o humano está geneticamente apto a receber este programa [à maneira de um programa de computador]. Socializados e compartilhados pelos atores sociais, tais significados e símbolos são necessariamente coletivos [tendo característica de âmbito 'privado', sua origem é pública]. Assim, mesmo havendo inúmeras culturas na humanidade, todas se referem com respeito ao seu contexto sócio-histórico-político-econômico-espiritual vivenciado, levando à seguinte conclusão de Laraia: “Estudar a cultura é, portanto, estudar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura” e, por consequência, “a interpretação de um texto cultural será sempre uma tarefa difícil e vagarosa” (LARAIA, 2001, p.66).

A cultura, significativamente maior que o sistema cultural, é formada por símbolos que permitem interpretar a realidade; e a religião, interna àquela, é formada por símbolos sagrados. Enquanto símbolos sagrados, estes estão expressos nos rituais, mitos, feitiçarias, magia, xamanismo, cura, sacrifício e outros. Diante disso, o antropólogo Laraia propõe analisar o sistema de significados incorporados aos símbolos que constituem a religião; conseqüentemente, o autor não desvincula a dimensão cultural da dimensão social e psíquica do ser humano.

Ao lidar com significados religiosos, Geertz (1989) concebe *ethos* como um conjunto simbólico-sagrado de disposições morais, estéticas, de inflexão de voz, caráter, estilo e qualidade de vida. Acerca de visão de mundo, trata-se de um quadro ordenado de compreensão da atualidade (GEERTZ, 1989, p.66-67).

A vida religiosa, em suas crenças e práticas, mostra-se em seu *ethos* e em visão de mundo conectadas ao grupo de pertencimento, ou seja, há uma compreensão razoável de um tipo de vida adaptada e adequada ao estado atual das coisas, que interpreta ‘emocional, convincente e verdadeiramente’ para seguir tal modelo de vida. Esse aspecto gera efeitos: de um lado produzem-se crenças das preferências morais e estéticas, refletindo condições de vida heterônoma e realidade inalterável; de outro, tais crenças recebidas despertam sentimentos morais e estéticos que se retroalimentam nas experiências práticas no mundo e ‘comprovam’ a verdade.

Conforme Geertz (1989), “os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica [normalmente implícita] e, ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro” (GEERTZ, 1989, p.67). Assim, a religião regula as ações humanas a uma ordem

cósmica e projeta imagens dessa ordem cósmica nas experiências do senso comum⁵⁶ – Geertz chama esse fato empírico, e pouco conhecido, de “milagre particular” (GEERTZ, 1989, p.67).

Essa ordem cósmica nada mais é que a visão de mundo num aspecto metafísico, ontológico, ou seja, para Geertz, são amplas as concepções sobre ordem e organização. A ação humana revela o *ethos* “que evoca os valores, o estilo de vida e as disposições morais e estéticas. O que uma religião faz, como nos diz Geertz, é operar uma convergência e mesmo uma fusão entre essas duas dimensões” (GIUMBELLI, 2011, p.209), ou seja, a união entre *ethos* e visão de mundo. Desta maneira, a religião, vinculando características intelectuais e emocionais não se circunscreve nas relações entre fé e sociedade, mas nas “concepções de realidade e valorações morais culturalmente construídas” (GIUMBELLI, 2011, p.209). Assim, a vida de um religioso está envolta pelos valores de sua religião e pela estrutura que interpreta a realidade, criando vínculos necessários entre como deve viver e como as coisas são.

Com efeito, como sustenta Giumbelli (2011), os símbolos religiosos não se misturam à realidade, mas agem impondo significados na vivência prática, dando a esses símbolos particularidade de arbitrariedade, ‘levando’ a pessoa religiosa a ter uma ‘vida autêntica’ que, ao ser expressa em formas radicais, é denominada de extremismo ou fundamentalismo. No entanto, entre alguns religiosos, tal atitude seria encarada como pura ou realmente verdadeira. Para comprovar, Geertz (1989) recomenda variada literatura etnográfica.

Destarte, sabendo Geertz da inexistência de um arcabouço teórico que abarque a segmentação da linhagem cultural, da sucessão política, das mudanças no mundo do trabalho ou da socialização da criança, o autor reduz o paradigma citado anteriormente a uma definição. Esse antropólogo estadunidense sabe que um significado cuidadosamente definido promove orientação ou reorientação útil do pensamento, possibilitando distância da prosa comum porque esta se apresenta retórica, e aquela, argumentativa.

⁵⁶ À época de Geertz, Durkheim era a referência dominante na antropologia da religião, mas é sabido que Geertz fora influenciado principalmente por Weber em três aspectos: a) no estabelecimento da relação entre ideais religiosos e atividades práticas; b) interesse nos temas da modernidade, modernização e os vínculos históricos que eles exigem e; c) retomada das problematizações entre sentido e teodiceia (GIUMBELLI, 2011).

Assim, para tal pensador, religião seria um conjunto de símbolos sistematizados que criam fortes impulsos e motivações conceituais de ordem geral como um todo (GEERTZ, 1989). No particular, adentrar-se-á na concepção de ordem e *ethos* espírita.

2.3.1 *Ethos* e visão de mundo espírita

Os espíritas obedecem a alguns princípios e símbolos. Eis alguns, conforme Santos (1997): o espírito existe antes e depois da vida terrena; a morte é apenas um nome dado ao espírito que abandona o corpo [analogicamente quando o motorista abandona o carro que fundiu o motor] – a isso dão o nome de desencarnação; sendo assim, os espíritos têm repetidas encarnações [não confundir com metempsicose⁵⁷]; como os espíritos não ficam guardados em caixas, eles podem influenciar, para o bem ou para o mal, a vida cotidiana das pessoas encarnadas; é possível a comunicação com espíritos, considerados mais, ou menos evoluídos; Kardec tentou um método científico-experimental de comunicação com os espíritos, através dos chamados médiuns; há ainda uma concepção evolucionista – “os espíritos se hierarquizam segundo seus méritos e evolução moral” (SANTOS, 1997, p.09). Conforme Kardec (1998a, p.90, questão 127), o uso que se faz do livre-arbítrio dependerá da velocidade de progresso moral de uma pessoa.

Estes e outros princípios e símbolos espíritas atuam formando um conjunto de significados e sentidos que impulsionam ações, justificativas e aparências, criando uma rede de conexões imperiosas a direcionar a vida dos espíritas, em uma relação tríade – científica-filosófica-religiosa – com o universo [visão de mundo]. Conforme Araújo, a própria definição de espiritismo é uma rede de conexões heterogêneas.

O conceito de espiritismo em Kardec se apresenta como um conceito híbrido porque retira de suas relações com as representações correntes em seu tempo de ciência, filosofia e religião e do uso e apropriação de suas linguagens específicas uma fonte de autoridade e de suposta articulação desses saberes a partir de uma posição mais abrangente e superior (ARAÚJO, 2010, p.118).

⁵⁷ Comum a muitas sociedades antigas, como egípcios, gregos, indianos, chineses e romanos, a metempsicose é entendida como a transmigração da alma entre humanos, animais e vegetais. Para o espiritismo, não há retrogradação do espírito, isto é, “no momento em que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entrar no período de humanidade, não tem mais relação com seu estado primitivo e não é mais a alma dos animais, como a árvore não é a semente” (KARDEC, 1998a, p.220, questão 611).

Nesse sentido, é relevante ressaltar que essa relação tríade não foi ou é uniforme, conforme observado anteriormente. Mesmo que se foque na ciência espírita, ela se apresenta como um conjunto de significados e sentidos díspares. Como destaca Signates (2014), “a mediação espírita com a ciência não é feita de forma pacífica. Está pontuada de omissões e negações, cuja detecção é importante para se compreender a relação que efetivamente os espíritas estabelecem com os sentidos da ciência” (SIGNATES, 2014, p.446). Como explicitado previamente, se o espiritismo é hoje predominantemente religião, é cada vez mais ‘inventado’ assim, conectado com vários signos considerados sagrados.

Dessa forma, o significado e o sentido do fortalecimento espiritual [ou coragem e ânimo] que a pessoa sente após uma oração no centro espírita, a alegria e a vontade advindas de um passe, a persistência do autocontrole emocional tendo como resultado o sucesso na ação são expressões de símbolos concretos envolvidos na prática espírita, induzindo o crente na manutenção dessas virtudes. Esses símbolos “expressam o clima do mundo e o modelam” (GEERTZ, 1989, p.70) produzindo uma ética do dever e, podendo assim afirma-los como ‘gabaritos da verdade’.

Diante disso, Kardec informa que a proposta imperiosa do espiritismo é a reforma moral, o melhoramento progressivo da humanidade (KARDEC, 1998a). Por conseguinte, no Brasil, Chico Xavier é considerado o principal modelo espírita [inspirado em Jesus Cristo], pois muitos veem nele exemplo de humildade, trabalho e caridade. O próprio João de Deus concebe-o como ‘o papa do espiritismo’ (ESTRICH-PELLEGRINO, 2008), e sendo papa, desconhece se aceita o dogma da infalibilidade papal. Sobre isso, Stoll assevera: “O papel de Chico Xavier parece-me, porém, fundador na medida em que sua exemplaridade o torna um modelo a ser seguido pelos adeptos da doutrina” (STOLL, 2002, p.394).

Portanto, Chico Xavier é considerado o grande modelo de *ethos* e visão de mundo no espiritismo religioso. Para Stoll, Chico Xavier assume um *ethos* de tipo católico, adotando cânones monásticos da igreja reinante na época: obediência, pobreza e castidade (STOLL, 2010, p.05). Se havia certo conflito entre religiosos e cientistas espíritas, a partir de Chico Xavier ficou difícil separar religião de espiritismo e ambos passaram a ser vistos como se fossem um só. Com Chico Xavier, o espiritismo religioso ganhou identidade e cresceu.

No entanto, esse notável médium, nascido em Pedro Leopoldo/MG, em 1910, também recebeu críticas e estimulou dissidências⁵⁸ para outros *ethos* e visões de mundo. Waldo Vieira criticou a tradição espírita e rompeu com o espiritismo na década de 1960. Ele pretendia uma postura afastada da impregnação católica no espiritismo e dedicou-se a pesquisas de experiências fora do corpo e estados alterados de consciência, cofundando um movimento paracientífico, denominado Projeciologia ou Conscienciologia. Vieira tinha intenção de fazer novas sínteses entre ciência e saberes não-científicos, produzir experiências empíricas sobre fenômenos ditos paranormais ou religiosos. “Trata-se, portanto, da construção de um pensamento de cunho secular sobre fenômenos que, no senso comum, são tidos como próprios do domínio religioso” (STOLL, 2002, p.386).

Outro estudioso que criticou o moralismo espírita foi Luiz Gasparetto, geralmente por negligenciar temas como sexo e dinheiro⁵⁹; rompendo com o espiritismo rotineiramente devocional:

Quando viajo para o estrangeiro e converso com os médiuns, os espíritos conversam abertamente de sexo e seus problemas. Aqui não. No Brasil nenhum espírito toca nesse assunto [...]. Aqui só dizem: ‘vai tomar passe, vai tomar passe!’ [...]. Apesar dos espíritos terem tentado passar uma mensagem libertadora, aqui os médiuns eram católicos e a linguagem que usaram era própria de sua estrutura mental. Passou o que foi possível. O resto ficou cheio de catolicismo (*apud* STOLL, 1999, p.46, grifos da autora).

De qualquer forma, pelas ideias geertzianas, as dissidências de Luiz Gasparetto, Waldo Vieira e outros, referentes ao espiritismo religioso, não necessariamente impõem novas disposições aos dissidentes⁶⁰, mas talvez novas manifestações exteriores que, em profundidade, alteram pouco os postulados do espiritismo. Por conseguinte, Stoll (2005) comunica que alguns adeptos do espiritismo veem Luiz Gasparetto fazendo espiritismo, mas não o espiritismo denominado religioso convencional.

⁵⁸ Optou-se pelo conceito de dissidência, ou seja, aquilo que ocorre quando alguém ou uma parcela se separa de um grupo por conflitos *éticos* e ou de visão de mundo.

⁵⁹ Segundo Stoll (2002), Luiz Gasparetto fez parte de um movimento religioso chamado neo-esoterismo, que tem o ideário da prosperidade como moeda moral, não o da caridade.

⁶⁰ Santos (1997) assevera que outros dissidentes do espiritismo religioso fundaram o ‘Racionalismo Cristão’ e a ‘Umbanda’, mas continuaram sendo religiosos. Já a Confederação Espírita Pan-americana – CEPA – também dissidente, é adepta do espiritismo prioritariamente científico e filosófico.

Dentre as disposições que a prática religiosa incita, duas são importantes: ânimo e motivação. Esta última é uma inclinação forte que enquanto a pessoa não realiza a etapa final, não descansa ou cessa o comportamento; o ânimo, embora significativo quanto ao seu surgimento intenso, tem pouca profundidade e logo se perde diante de outras opções.

As motivações não são ações nem sentimentos, mas tendências “para executar determinados tipos de atos ou ter determinados tipos de sentimentos” (GEERTZ, 1989, p.71). Um ser humano religioso é, de certa maneira, motivado pelos princípios sagrados; se ele se motiva mais de um jeito, por exemplo, na humildade, normalmente sobre ele é comentado: ‘fulano é bastante humilde’ ou ‘ele é a humildade em pessoa’, e assim por diante.

Dentro do espiritismo, pode-se dizer que a caridade é motivação assaz singular; foi inclusive causa de grande expansão e legitimidade do movimento espírita [movimento esse que começou com Teles de Menezes em 1865, na Bahia]. A caridade,

Foi um importante fator interno de associação entre o crescimento do espiritismo e a criação de Entidades como albergues noturnos, orfanatos, asilos, abrigos, escolas primárias, hospitais, conforme discrimina um levantamento publicado em 1931 no *Anuário Espírita do Brasil* (SANTOS, 1997, p.31, grifos do autor).

Desde que se iniciou no Brasil, o espiritismo se destaca também pelos seus vários vultos de caridade: Joaquim Carlos Travassos, Bezerra de Menezes, Antônio Gonçalves da Silva [o Batuíra], Eurípedes Barsanulfo, Cairbar Schutel, Jerônimo Cândido Gomide [o Candinho], Carmine Mirabelli (SANTOS, 1997), Francisco Peixoto Lins [o Peixotinho] e, mais recentemente, Chico Xavier⁶¹ e Divaldo Pereira Franco.

Com devidas ressalvas, João de Deus pode ser incluído nesse rol. Apesar do médium não se considerar espírita, ele tem grande apreço pelas obras kardecistas e, quando incorporado, recomenda o estudo do espiritismo. Entre suas ações na Casa, de modo geral, destaca-se a caridade. Como visto anteriormente, o triângulo da Casa é referência por representar a caridade; a mediunidade é utilizada para tal fim; o

⁶¹ Considerado exemplar de caridade, Chico Xavier psicografou mais de 450 livros, traduzidos para mais de dez línguas e vendeu mais de 50 milhões de exemplares. “Mas, apesar de sua enorme popularidade e sucesso editorial, ele teve uma vida muito modesta com o pequeno salário de seu emprego de funcionário público. Nunca procurou nem recebeu pagamento por nada que tenha escrito, e doou todos os seus direitos autorais para instituições de caridade” (ROCHA *et al.*, 2014, p.03).

atendimento com o médium é gratuito; a sopa igualmente; àqueles que precisam do remédio e não têm dinheiro, a Entidade fornece gratuitamente. Mesmo fora da Casa, além de fundar a Casa da Sopa, distribuindo sopa, roupa e outros produtos para a comunidade carente, de custear cursos de faculdade para mais de trinta pessoas, Cumming e Leffler (2008) narram fatos de inúmeros parentes, vizinhos e outros que já receberam dádivas do médium João.

Não é de maneira irrelevante que Kardec anuncia ser a caridade o âmago do espiritismo: “A caridade é a alma do Espiritismo: ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com os seus semelhantes; eis porque se pode dizer que não há verdadeiro Espírita sem caridade” (KARDEC, 1868, p.492) e, ainda mais imperativo, “fora da caridade não há salvação” (KARDEC, 1991, p.141). Grande modelo de *ethos* espírita, Bezerra de Menezes, além de médico, político, escritor e jornalista, teve seu desapego e sua caridade famosos pela doação de seu anel de formatura:

De uma feita, um Pai de Família pede-lhe, chorando, um óbolo, uma ajuda em dinheiro para enterrar o corpo de sua esposa, cujo Espírito desencarnara, deixando-lhe os filhos menores doentes e famintos. Bezerra procura algo nos bolsos e nada encontra. Comove-se! E sua comoção era uma Prece! E» por intuição, desapegado das coisas materiais, tira do dedo o anel simbólico de Médico e o entrega ao Irmão necessitado, dizendo-lhe, com carinho e humildade: — Venda-o e, com o dinheiro apurado, enterre o corpo de sua mulher e, depois, compre o de que precisa. Que Maria Santíssima o ajude e abençoe! (GAMA, 1964, p.63).

Sobre a caridade dos FC, seus trabalhos voluntários na Casa revelam, igualmente, um devotamento dos frequentadores daquele local, assim como eles mesmos foram tratados, quando ali chegaram; doação de si aos outros, inclusive pagando remédios aos sem condições financeiras (FC7). Alguns estendem a filantropia também aos animais e à natureza. O FC4 já pegou quatro cães de rua, cuidou, ficou com um e doou aos amigos os outros três. Após a cura nos olhos quase cegos de seu marido, a FC5 assevera:

Então de lá para cá só agradecer a Deus primeiramente, a Casa de Dom Inácio e as Entidades e depois, logicamente, o médium João Teixeira de Faria, que ele é o intermediário, entre Deus e a Casa, ele faz os trabalhos. A partir daí o trabalho voluntário na Casa em agradecimento (FC5).

Essa FC5 relata uma compreensão de que a caridade que fazem não é pensando nos outros, mas em si próprios:

Se não formos caridosos conosco, não temos como fazer caridade. Tudo, tudo na vida começa por ti [...]. Eu costumo dizer: 'A gente não faz nada para os outros'. Quando as pessoas vêm e agradecem, não têm o que agradecer. Eu que tenho que agradecer [risos], porque graças a eles estou fazendo o que eu gosto, posso e consigo e vou chegar aonde eu quero... (FC5).

Essa fala da FC5 remete à compreensão de acumular bônus, conforme Camurça: "Ao praticar a caridade [material ou moral], o espírita, mais que ajudando o outro, está somando bônus para seu próprio processo evolutivo" (CAMURÇA, 2010, p.11). Bônus, para o espiritismo, é uma espécie de prêmio sagrado das práticas caridosas; aqueles que mais trabalham em prol do próximo, mais os acumulam. Por outro lado, esse tipo de *ethos* e visão de mundo vindo da FC5 não utiliza a caridade para ela mesma, mas pensando em algo melhor: como ter pela caridade um meio para o fim evolutivo e uma espécie de autocaridade.

O FC7 relata que muitos ônibus vêm de longe com assentos grátis, trazendo pessoas que não possuem condições de arcar com as despesas, como forma de agradecimento e retribuição:

Então, você vê que sexta-feira tem o senhor E., que vem de Minas. Ele tem quatro lugares que é grátis no ônibus, que é pra quem não tem condição de pagar. E outros que vem do sul também têm dois assentos que é grátis... Isso aí, nem precisou a Entidade falar, porque eles fazem isso porque quem foi curado nessa Casa, nunca esquece (FC7).

No decorrer das observações participante na Casa, foi constatado essa prática de caridade nos FC; cada um na extensão de sua kénosis reflete o *ethos* e visão de mundo que lhe é próprio, aprendidos na prática da Casa ou reforçados nela. O sorriso afetuoso dos FC, que recebem os visitantes é também digno de nota, visto que causa certa reciprocidade e alegria nos visitantes. Em determinada oportunidade, conversamos com uma pessoa de 'primeira vez' na Casa e a mesma relatou, exalando e contagiando alegria, demonstrando bem-estar, de como foi tratada dignamente pelos FC. Realmente ela estava deslumbrada com o lugar e finalizou: 'esse amor das pessoas, esse horizonte, esse jardim... Que lugar é esse?... Oásis na Terra'.

A caridade também está na prática mediúnica, normalmente entendida como 'missão'. Os médiuns reiteram-na quando praticam beneficência: 'dai de graça o que de graça recebestes'. Dentro do *ethos* espírita, afirma Stoll (2005), a caridade é a mais constitutiva. Porém, a caridade em si não é espírita, ela se torna espírita quando engloba uma concepção dos propósitos de Jesus Cristo à luz do espiritismo. Por isso, não é raro, em meio a um grande número de palestrantes espíritas, eles finalizarem com esta 'motivação': caridade, sede caridosos! Ademais, dizem os espíritas que a caridade é o melhor antídoto contra o instinto animal que ainda impera em boa parte da humanidade, visto esta deixar-se levar facilmente pelas paixões (KARDEC, 1998, p.431, questão 742). Como decorrência dessas paixões instintivas, afirmam os espíritas, não raro, surgem doenças, e elas trazem todos seus transtornos psicossomáticos. Uma maneira de lidar com estas, dizem os devotos, é praticar a caridade; ela não somente ajuda o próximo, mas fortalece o ânimo, elevando a autoestima, diminuindo os efeitos da doença. Assim, a caridade é entendida como sendo remédio para doenças próprias e alheias.

Compreende-se, assim, que caridade não é uma simples premissa de ação para o espiritismo, mas a mais importante. Por isso o foco maior. Praticar a caridade não somente se distancia do egoísmo e livra-se de algumas doenças, mas conquista uma série de bem-aventuranças, a 'salvação'. Para Cajazeiras (2007), quando se pratica os postulados espíritas e vive-se o evangelho, o espírito, o corpo e a vida triunfam como um todo.

O dia a dia vivido e enfrentado em sintonia com os postulados espíritas, bem compreendidos e assimilados, não apenas resulta na manutenção da saúde espiritual, psicológica e social, mas também no estabelecimento do equilíbrio orgânico. Por tudo isso, o Espiritismo constitui relevante medida preventiva para as mais variadas doenças, inclusive para os transtornos afetivos, ora neutralizando-lhes as outras causas, ora minimizando-lhes o prognóstico, a intensidade e a duração das crises (CAJAZEIRAS, 2007, p.195).

Contudo, mesmo sendo a caridade princípio de ação a ser estendida pela sociedade, a caridade está assentada em ser pontual na sua eficácia, isto é, os espíritas não pleiteiam mudanças na relação de exploração do trabalho na sociedade capitalista ou em sua estrutura de desigualdade social; sendo uma caridade insuficiente, contribuindo para que esta sempre aconteça. Para Signates (2019),

A caridade espírita não é includente, não se vincula a direitos, não se preocupa com as questões de desigualdade: ela é apenas uma prática de generosidade, formosa do ponto de vista moral, dos sentimentos mobilizados, mas não consequente como transformação social (SIGNATES, 2019, p.54).

Dentre as várias disposições presentes no espiritismo, é possível destacar duas de fundamental importância para seus adeptos: combate ao orgulho e à vaidade – considerados duas fortes chagas e obstáculos ao progresso – e o estímulo ao estudo. Uma das maneiras de combater o orgulho e a vaidade parece ser ajudando os mais necessitados, pois entre estes, a vaidade não tem lugar e nada de se orgulhar, a não ser a vontade de viver uma vida melhor; talvez uma espécie de identificação às avessas. Justamente porque tendo contato com aqueles que normalmente não têm essas características morais, percebe-se a inutilidade das mesmas. O incentivo por instruir-se é originado de Kardec: “A Humanidade progride, por meio dos indivíduos que pouco a pouco se melhoram e instruem” (KARDEC, 1998, p.451; questão 789). Daí a valorização da capacidade mediúnica de Chico Xavier e de outros médiuns psicógrafos de justiça, amor e caridade, concretizando a intenção espírita de instrução e difusão de saberes. Para Cavalcanti, eis aí a inclinação ‘racional’ do espiritismo, pois a mesma não se resume nas leituras, há a valorização das falas e conexões lógicas dos estudos (CAVALCANTI, 1983).

Entretanto, apesar de ser valorizado o estudo, e dos espíritas terem alta escolaridade dentro da sociedade brasileira, este estudo se restringe geralmente aos seus postulados kardequianos e congêneres. Os espíritas não se dedicam à educação de maneira geral, não combatem o analfabetismo comum ou funcional, nem estão preocupados com o ensino das escolas no nível fundamental ou médio, nem com a qualidade de ensino das universidades. “Diferente de sua atuação em outras áreas, como a da assistência social e até a da saúde, sobretudo a saúde mental, os espíritas não priorizam escolas ou, menos ainda, universidades” (SIGNATES, 2019, p.52).

Esse *ethos* espírita do estudo parcial se encontra nos FC. O FC7 pratica o evangelho no lar⁶² em algumas pousadas⁶³ da cidade de Abadiânia:

⁶² O ‘evangelho no lar’ é uma prática, considerada terapêutica, feita na própria residência, consistindo na leitura do *Evangelho Segundo o Espiritismo* e ou de outras obras complementares, em dia e horário pré-fixados, acompanhado de preces e água fluidificada, visando ‘equilíbrio do lar’ (BRITTO & PRADO, 2014, p.59, grifos nossos).

⁶³ Quando realizamos a pesquisa etnográfica no primeiro semestre de 2018, hospedados em uma pousada próxima à Casa de Dom Inácio, fomos convidados a participar de um culto ecumênico que aconteceria naquela noite no saguão da pousada. Descrevemos sucintamente o ocorrido nesse culto

A minha esposa todas as noites faz oração e, quando é possível, a gente frequenta, às quintas-feiras, o evangelho em algumas pousadas... nessa pousada que nosso amigo comum tem até hoje, quando vem ônibus do Rio Grande, a gente vai lá e tem aquele grupo que faz as orações, faz para encarnados e desencarnados, pedidos de gente que tá no hospital, gente que desencarnou pra sempre, encaminhado porque a pessoa não sabe que desencarnou, ele tá em outra dimensão (FC7).

Sobre a visão de mundo, Geertz manifesta ser a religião pródiga em afirmações, em criar vínculos cósmicos de ordem, e cita William James: “acreditamos em tudo o que podemos e acreditaríamos em tudo, se pudéssemos” (JAMES *apud* GEERTZ, 1989, p.73). Se existem coisas que não toleramos, assevera Geertz, uma delas é o fato de não suportarmos a ausência de explicação para as coisas, o que se torna uma ameaça aos poderes de nossas concepções. À vista disso, esse pensador parabeniza os padrões culturais, pois sem eles seríamos não macacos talentosos, mas “uma espécie de monstro informe, sem um sentido de direção ou um poder de autocontrole, um caos de impulsos espasmódicos e emoções vagas” (GEERTZ, 1989, p.73)⁶⁴. Daí a conclusão de que o ser humano tem uma abundante dependência dos símbolos e sistemas simbólicos que, não fossem esses, a chamada civilização não existiria.

Geertz insiste neste ponto: “qualquer fracasso crônico do aparato explanatório, do complexo de padrões culturais recebidos [senso comum, ciência, especulação filosófica, mito] [...] tende a conduzir a uma inquietação profunda” (GEERTZ, 1989,

que recorda uma prática da Nova Era: quando chegamos, fomos rapidamente apresentados aos quatorze participantes como ‘escritores de uma tese na universidade’, o que de certo modo nos encheu de orgulho [tolo...]. As pessoas presentes nos ‘abraçaram em sorrisos’. A pessoa oradora da noite, proprietária da pousada, abriu o culto com uma oração do Pai-nosso e perguntou: ‘será que merecemos a cura?’ e discorreu alertando que temos de fazer a nossa parte para colhermos o resultado, que não podemos esperar milagres, porque milagres não existem, que a desencarnação não resolve problemas e que temos livre-arbítrio para amar mais. Após isso, essa oradora começou a traduzir o que disse em alemão, visto que havia estrangeiros em volta da mesa. Falou mais sobre o perdão e a importância de compreendermos nossos pais, aprendizes de caminhada espiritual, igualmente como nós. Não havia água fluidificada; a oradora não leu nada, mas falou do amor cristão. Novamente tradução para o alemão. Ninguém mais falou, somente oscilavam a cabeça em afirmativas. No final, uma prece. Muitos foram até a oradora abraçá-la e, para cada um, esta dava uma palavra de conforto e carinho. Deu um abraço especial em um cadeirante dizendo-lhe palavras de ânimo. E todos foram dormir. No dia seguinte, conversamos com uma senhora funcionária da pousada, que arrumava os quartos. Esta disse: ‘as orações na pousada são constantes. Muitas oram embaixo daquela árvore ali, sozinhas... já houve uma pessoa aqui que se curou de problemas dos rins depois de um sonho’. Para nós, foi comum escutarmos relatos de pessoas curadas dentro dos quartos das pousadas.

⁶⁴ O filósofo Jean-Jacques Rousseau tem visão semelhante, porém, em outra perspectiva, apesar de suas críticas, quando relata os benefícios do ser humano ter abandonado seu estado de natureza. Não fosse a degeneração pela qual passa a espécie humana, dever-se-ia “bendizer o instante feliz que dela o arrancou para sempre e fez, de um animal estúpido e limitado, em ser inteligente e um homem” (ROUSSEAU *apud* CARVALHO, 2014, p.471).

p.74). Lorde Russell não se importava com a existência ou inexistência de Deus, mas um axioma matemático desequilibrava sua mente. Devido a insatisfação de Einstein com o *quantum* mecânico, o mesmo declarou que Deus não joga dados com o universo. Esses exemplos, citados por Geertz (1989), advertem que a tal 'formulação de conceitos de uma ordem de existência geral' pode criar possessões ou doenças emocionais, tornando o ser humano cronicamente inquieto que, ao limite, leva-o a se sentir perdido num mundo caótico, sem sentido.

Nessa perspectiva, Malinowski argumenta sobre essas situações angustiantes com alívio religioso, ou seja, "que a religião ajuda as pessoas a suportarem 'situações de pressão emocional', abrindo fugas a [...] tais impasses que nenhum outro caminho empírico abriria, exceto através de ritual e da crença no domínio do sobrenatural" (*apud* GEERTZ, 1989, p.76, grifos do autor). Como exemplo dessa pressão emocional, pode-se elencar o sofrimento advindo da doença e do luto. Se a intensidade dessas emoções for elevada, não é raro a pessoa necessitar de tratamento psiquiátrico e terapêutico, visto que 'seu mundo ruiu', não enxergando mais o porquê da vida.

E como a grande causa da busca por um sentido é o sofrimento, sendo normalmente este a impulsionar uma visão maior sobre origem, meio e fim, o espiritismo apresenta sua ordem geral. Especificamente sobre o sofrimento, Kardec sustenta que "o homem ainda é carne, e por essa razão está sujeito aos sofrimentos da vida, dos quais apenas os seres completamente desmaterializados estão livres" (KARDEC, 1991, p.53). Desta forma, de acordo com Kardec, o ser humano sofre, porque, neste mundo de expiação, há provas a suportar e virtudes morais a conquistar. Para o espiritismo não há como evitar o sofrimento, mas é possível aprender a sofrer, a compreender que, sendo a perturbação efeito de débito pregresso [ou tem causa atual], deduz-se que o ser humano menos apegado às coisas materiais vislumbra o futuro com mais alegria, aprendendo e ensinando a pensar e a agir com garantia cósmica de bem-aventurança além do plano material.

Pela crença espírita na reencarnação, a morte é considerada apenas uma passagem pela qual o espírito se liberta do julgo do corpo e continua a atuar no alémtúmulo. Assim, se o espírito permanece existindo, é possível a comunicação com ele, dispensando-se a 'tortura' tradicional do luto. Justo, portanto, conseguir 'cartas consoladoras' de quem partiu através de psicografias, amenizando tristezas de quem ficou ou reacendendo esperanças em ambos.

Para uma melhor compreensão do sistema simbólico espírita, em sua interface conceitual, de uma ordem de existência geral, segue abaixo um quadro sinóptico, extraído de Sampaio (2014):

Quadro 1: Síntese do *ethos* e visão de mundo da obra kardequiana.

<u>Elementos de Análise Cultural</u>	<u>Obra kardequiana</u>
Visão de Mundo	a) Calcada na existência de Deus e na Justiça Divina. b) Noção ampliada de mundo e de sociedade (mundo físico e mundo dos espíritos).
Visão de Homem	a) Espírito encarnado, dotado de liberdade de escolha, mas responsável por suas ações.
Ethos: Fundamentos	a) Propõe a construção de uma ética racional baseada em uma leitura dos princípios valorativos cristãos.
Ethos: Valores	a) Benevolência para com as outras pessoas; b) Respeito às convicções sinceras; c) Humildade; d) Cumprimento consciencioso dos deveres; e) Desligamento dos bens materiais.
Ethos: Imperativos	a) Autoconhecimento; b) Autodesenvolvimento moral e intelectual; c) Ação humanitária.

Fonte: Sampaio (2014, p.06).

Isto posto, os símbolos sagrados do espiritismo, os chamados ‘elementos de análise cultural’, indicados no quadro anterior, influenciam-se reciprocamente e propiciam ao adepto uma ligação com um sentido e uma organização maior, monoteísta. Esse adepto é confiante de que tais concepções criam laços entre o particular e o geral, entre o terreno e o cósmico, e de que seus sentimentos são entendíveis, precisamente na origem e na ‘construção existencial’, expressando valores cristãos, mormente os de ação humanitária. Ademais, ele vê que suas emoções primitivas devem ser domesticadas interna e externamente, rumo a uma vida aperfeiçoada, aqui na Terra ou além, pois o espírito é imortal e a encarnação, até certo ponto, necessária. Se ainda não se aprendeu o suficiente e indispensável nesta vida, aprenderá numa próxima.

Todo esse *ethos* e visão de mundo se espraiam na obra kardequiana. A título de exemplificação, em *O livro dos espíritos* (KARDEC, 1998a) tal concepção está

condensada e distribuída em leis. Assim, a Lei Natural de Deus é dividida em leis físicas [já estudadas pelas ciências materiais] e em leis morais. Para melhor entendimento destas últimas, aplicáveis nas particularidades da vida, as mesmas são divididas em dez categorias: leis de adoração, trabalho, reprodução, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade e, a última, a de justiça, amor e caridade. A importância de todas elas está justamente no esclarecimento das causas e efeitos que atingem a vida social.

Sem adentrar em cada uma especificamente, foi optado, nesta pesquisa, por comentar a última lei, considerada um resumo de todas as outras. A semente de justiça, amor e caridade, alojada na consciência humana, assenta-se na lei áurea de se fazer ao outro o que se quer que ele faça como devolutiva dessa ação, mas dependendo do progresso moral, ele pode fazê-la crescer e frutificar. Justiça, amor e caridade estão juntas porque quem tem verdadeira justiça – que significa “respeito aos direitos de cada um” (KARDEC, 1998a, p.292) – pratica ações cristãs decorrendo o amor ao próximo e à caridade. Essa lei prima pela não direção do egoísmo, mas pelos princípios familiares, refletindo preocupações dos e com os semelhantes. Além disso, a caridade não se reduz à esmola, significando “Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições alheias, perdão das ofensas” (KARDEC, 1998a, p.294). Assim, Kardec é enfático em não elevar a estima dos endinheirados, já bastante bajulados, mas dos desafortunados, para que não se sintam mais humilhados, e sim próximos.

Como é possível observar, o *ethos* e a visão de mundo espírita são relativamente simples de se memorizar, porém, muitas vezes surgem mesclados e apresentam dificuldades de serem colocados em prática, provavelmente, devido ao egoísmo imperante e a hábitos ancestralmente arraigados, conforme suas lições. Desta forma, se a pessoa busca uma salvação, ela deve se salvar de si mesma, isto é, ao praticar as máximas cristãs, ela desmerece seus próprios impulsos animalizados, esquecendo-se de ser o centro e tendo o outro como alvo. O que não dispensa o autoconhecimento e a autoinstrução, pois a prática da lei de justiça, amor e caridade não deve ser cega.

Contudo, justamente pelo espiritismo religioso priorizar a caridade, o amor e todo um conjunto de virtudes necessárias à maioria das pessoas – repetindo o discurso de virtudes do catolicismo – de buscar a instrução, calcados no evangelho de Jesus, e de dar assistência material e espiritual aos mais necessitados, tenha-se

menosprezado seu lado científico, mormente as pesquisas e reflexões advindas dos fenômenos mediúnicos e da reencarnação, como propõe Spínola (2016) e a CEPA (*apud* CARTA DE SANTOS, 2016).

Por outro lado, vale ressaltar que muito dessa especificidade *ethica* e de visão de mundo espírita encontram-se na Casa de Dom Inácio – diante dos discursos e práticas de João de Deus e dos FC. Como visto anteriormente, quando incorporado pela Entidade, o médium pediu a uma FC que estudasse o espiritismo, buscando o entendimento de suas provas e expiações; e em entrevista recente, ele disse que Chico Xavier o ensinou a amar e expressou sua admiração por Allan Kardec, pelo espiritismo e pela ciência:

Jornalista: As Entidades que acompanham o senhor já foram desafiadas a provar a força. Isso acontece muitas vezes? Como lidar com os céticos?

João de Deus: Allan Kardec, ao se pronunciar a respeito da validade do pensamento dos imortais que inspiraram o aparecimento do espiritismo no mundo, nos diz em sua lucidez e extremo bom senso que, se um dia a ciência provasse que o espiritismo estivesse errado em seus postulados, que ficássemos com a ciência (*apud* GIRON, 2018, p.03).

Desta forma, mesmo não se julgando espíritas, João de Deus e os FC admiram o espiritismo, têm consciência de sua visão de mundo e *ethos*, mas não se restringem a esses aspectos. Os FC4 e 8 exclamaram que foram espíritas antes de conhecerem a Casa. De maneira específica, a FC8 o foi por dezoito anos, parabenizando sua base moral, porém revelou não ser mais devido à insuficiência de esclarecimento dos espíritas:

E assim eu te digo, assim esses dezoito anos de Kardec para mim foram bons, porque me deram uma base moral, até para o meu trabalho aqui na Casa. Eu continuo estudando, continuo sempre lendo, eu gosto, eu acho que a gente não pode parar, cada dia. E assim, só que a gente também não pode ficar bitolado em uma filosofia, porque o Kardecismo eu acho **muito bacana**, mas os homens o transformam em uma coisa muito, muito fechada, muito limitante. E aqui não, não sei te dizer, mas aqui não tem como questionar, porque tu vê as coisas acontecendo, sabe? (FC8, grifo de ênfase).

Se é possível abordar ‘*ethos* prático’, os FC não se restringem aos aceitos comumente no meio espírita, mas possuem relações com simbologias da Nova Era, executando ações correspondentes a essas crenças. Eis, possivelmente, um dos

motivos para não se julgarem espíritas, porém, espiritualistas. Mas o que vem a ser espiritualismo e ou Nova Era? O que caracteriza seus seguidores, como os FC?

2.3.2 Ethos e visão de mundo dos(as) Filhos(as) da Casa (espiritualistas, da Nova Era)

Para os FC, o único espírita foi Chico Xavier [FC3, FC5 e FC8]. O FC5 asseverou: “Es-pí-ri-ta foi Chico Xavier [risos], eu sou espiritualista”, sugerindo possivelmente certa dificuldade em ser espírita, isto é, em se responsabilizar diante da complexidade como adepto do espiritismo. Provavelmente, uma crença originada de João de Deus por dizer que não é espírita e assim não poder se comparar ao famoso médium de Uberaba (CUMMING e LEFFLER, 2008), como se fosse uma questão de se igualar, de sentir-se inferior devido ao kénosis do famoso médium psicógrafo.

Assim, *a priori*, os FC consideram-se em uma condição de ‘seres imperfeitos diante de alguns santos espíritas’, desmerecendo o postulado de Kardec: “reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral, e pelos esforços que faz para dominar suas más inclinações” (KARDEC, 1991, p.224). Por conseguinte, qualquer um que esteja em transformação moral, por impor-se a boas inclinações, pode se considerar espírita, independente se dá passe, usufrua de água fluidificada, faça parte de centro espírita, participe de outras religiões ou leia obras recomendadas. Logo, aqueles das fileiras espíritas – e são muitos – ao afirmarem: ‘estou tentando ser espírita’ também podem, à vista do significado, ‘imporem-se boas inclinações’, considerar-se ou não, inclusive, espiritualistas.

Mas o que é espiritualidade? Não se trata apenas, e tão somente, de qualidade, religiosidade e ou misticismo, mas do lado íntimo da conexão entre sujeito e transcendência. Zilles (2004), pesquisando a espiritualidade cristã, acentua que esta pode ser definida como “o lado subjetivo da religião. Para o cristão, a espiritualidade não se reduz à interioridade da pessoa, nem ao sentimento [Schleiermacher] ou à necessidade subjetiva [modernismo]”. Continua o autor que a espiritualidade “relaciona, antes de mais nada, o homem finito com a realidade divina [...] (ZILLES, 2004, p.13). Saad, Masiero e Battistella (2001, p.108) definem espiritualidade como um “sistema de crenças que enfoca elementos intangíveis, que transmite vitalidade e significado a eventos da vida”. Já Houaiss a define como “característica ou qualidade

do que tem ou revela intensa atividade religiosa ou mística” (2009, s/p). Porém, se tais definições relacionam a intenção humana com algo imaterial, o que nos interessa aqui é a espiritualidade expressa na Nova Era, ou seja, aquela que unifica passado e presente, ciência e religião, ou pseudociência e espiritualidade ancestral (TERRIN, 1996). Muitos espiritualistas⁶⁵ afirmam ser a religião a roupa da espiritualidade, e que é possível abandoná-la.

Dessa forma, os FC se dizem espiritualistas; e espiritualista pode não ter religião – ser cristão não é condição necessária de ser religioso – ou seguir alguma. Em momento de diálogo na área externa ao salão de atendimento, uma palestrante asseverou: “não tenho religião, mas acredito em Deus” (DIÁRIO DE CAMPO, 16.02.2018); em outro momento, essa FC palestrou: “aqui [na Casa] não existe mágica, mas tratamento. No entanto, milagre existe sim!” (DIÁRIO DE CAMPO, 28.06.2018). Eis o que nos propõe a Nova Era: uma amplidão de sentidos que, normalmente, não se resumem em postulados coerentes ou em pressupostos únicos de catecismos, demonstrando um sincretismo movediço repleto de bricolagens *self service*, uma espécie de cardápio em que o adepto monta, a seu gosto, frequentemente, sem intensões de síntese coerente. Porém, salienta-se que, de modo geral, muito do *ethos* e da visão de mundo dos FC está assentado nos pressupostos observados no quadro anterior de Sampaio (2014), isto é, são basicamente espíritas em sua origem, havendo poucas mudanças nos aspectos superficiais. Tais mudanças refletem a espiritualidade da Nova Era.

Sendo o universo das crenças da Nova Era bastante heterogêneo, o sentido de Deus se diversifica. Como explica o antropólogo Guerriero, elucidando esse sagrado na Nova Era: “Podemos encontrar elementos que apontam para mudanças na imagem da verdade superior, de um Deus pessoal, criador, para a ideia de uma divindade impessoal que se assemelha a uma centelha universal e presente na natureza” (GUERRIERO, 2009, p.08). Assim, ainda no contexto da área simbólica da Nova Era, na Casa de Dom Inácio, é comum a proclamação das palavras: energia, meditação, cristais, chacras, alinhamento energético, ressonância, banho de cristais,

⁶⁵ Devido à escassez de bibliografias que retratam com clareza e distinção os conceitos espiritualismo, espiritualidade, espírita e espiritismo, optou-se pela precisão conceitual do tradutor Louis Neilmoris, na obra *A história do espiritualismo*, de Arthur Conan Doyle: “apliquemos os termos espiritualista e espiritualismo ao que for inerente ao espiritualismo, e, por outro lado, os termos espírita e espiritismo ao que pertencer ao universo da Doutrina Espírita” (NEILMORIS *apud* DOYLE, 2017, p.07).

cromoterapia e outros. De modo geral, todas essas expressões linguísticas representam práticas terapêuticas da Nova Era, ou parte delas (GUERRIERO, 2009).

Devido à grande diversidade de credos que a compõe, não é fácil definir o movimento espiritualista Nova Era – conhecido também como Era de Aquário e *New Age*. Porém, algo contra o materialismo parece estar subjacente a toda essa disparidade:

A própria categorização do fenômeno como religião é bastante complexa. Alguns autores preferem defini-lo como uma 'nova consciência religiosa', uma espiritualidade sem religião, uma forma alternativa de se relacionar com o transcendente. A ideia norteadora do movimento é a de que se aproxima o momento em que o homem irá se reconciliar consigo mesmo depois de séculos de materialismo e alienação (CAMPANELLA & CASTELLANO, 2015, p.176, grifo dos autores).

Diante disso, é conveniente realçar que a espiritualidade da Nova Era se caracteriza por um movimento espiritual em busca do sagrado, mas sem se fixar em livros ditos serem de origem divina. Normalmente, os adeptos não seguem um líder espiritual, uma autoridade ancestral, ou possuem devoção cega, mas o são pelo tempo conveniente da vontade própria. Assim, pode-se dizer que a fidelidade a esta ou àquela corrente de pensamento está circunscrita na realização dos próprios desejos dos simpatizantes. Os dogmas, se aceitos, são acolhidos pela suavidade da persuasão, senão, rejeita-os. Mas sua conceituação é um problema, visto ser um movimento multifacetado.

Terrin reconhece a Nova Era como “um ‘conceito guarda-chuva’ para inserir muitas coisas bem diferentes” (TERRIN, 1996, p.11, grifo do autor). Para esse autor, trata-se de uma reação ao pós-modernismo, que demoliu verdades, mitos, valores e ideologias; inclusive naufragando fundamentos epistêmicos de várias ciências positivistas e mecanicistas. Desta forma, não se quer a razão instrumental – construtora de bombas atômicas e de campos de concentração – mas se deseja uma volta ao passado. Porém, não é uma simples volta ao passado nostálgico do revival mítico ‘estado de natureza’, mas uma renovada busca de sentido ‘pré-secularização’, uma nova aposta na esperança que o holismo proporciona, compreendendo, desde a raiz à folha, do micro ao macro, um encadeamento sinérgico, porém, religioso, espiritualizado.

Para Terrin (1996), esse contexto aproxima-se à vivência poética que se crê intuitiva, repleta de sentimentos, ou uma *autopoiesis* [que se reproduz a si mesma] mística na conquista de experiência extasiante. Como se fosse um brado repulsivo à secularização, a Nova Era é uma volta à religião, porém, não às religiões historicamente constituídas, consideradas ávidas de poder e adestramentos. Por conseguinte, trata-se de uma procura por retiros espirituais em que há contato com a natureza, preocupação ecológica, busca por terapias holísticas, literaturas chinesas e indianas e de uma nova concepção de ciência – principalmente com a popularização da física quântica e de suas adequações.

Sobre as interpretações de espiritualidade e ciência, muito se deve à fórmula de Einstein, $E=mc^2$ [energia é igual a massa multiplicada pela velocidade da luz ao quadrado], sendo a matéria energia condensada, energia corpuscular que levou o famoso físico a proferir: “acabou o materialismo por falta de matéria” (*apud* PIRES, 2004, p.24). Além de inferir a imaterialidade da matéria, o próprio Einstein afirmou entender Deus não como o providencialista-antropomórfico das religiões arcaicas, mas o cósmico-arquitetural, ignorado das instituições e inconceituável⁶⁶. Para ele, a função mais relevante da ciência se resume em “despertar e manter desperto o sentimento dela [religiosidade] naqueles que lhe estão abertos. Logo, começa-se a conceber a relação entre a ciência e a religião de um modo diferente da concepção clássica” (EINSTEIN, 1981, p.13).

Muitas obras foram escritas relacionando ciência e espiritualidade e um dos livros que mais se destacou nessa área foi *O Tao da Física*, do físico austríaco Fritjof Capra (1989). Para Capra, há um paralelo entre a física contemporânea e o misticismo, ou seja, entre a teoria da física quântica [e da relatividade] e as perspectivas do hinduísmo, budismo e taoísmo. Em relação à física quântica, o mundo microscópico, constituído de partículas subatômicas, do qual toda matéria é formada, passa a ser investigado com determinado empenho que o observador não consegue captar a posição e a velocidade ao mesmo tempo do elétron. Não se trata de imperfeição tecnológica, mas da natureza imanente ao átomo, do qual é constituído igualmente o observador. Desta forma, o observador também participa do observado

⁶⁶ Einstein se aproxima da teoria negativa ou apofática, aquela que nega a existência de Deus, pois tudo o que existe está no nível do sensório, que se cria, existe e fenece, sujeito às leis de transformação. Portanto, Deus não existe, diz o apofático. Assim, Deus está além da existência, não está sujeito às leis das coisas materiais. O cérebro humano pouco capta desse inefável, não conseguindo defini-lo. E, se o faz, toda definição está aquém dessa realidade.

ou, pelo menos, influi nas observações. “Em física atômica, então, o cientista não pode desempenhar o papel de um observador objetivo e destacado – fica envolvido no mundo que observa ao influenciar as propriedades dos objetos observados” (CAPRA, 1989, p.116). De certo modo, ao observar o átomo, o observador participa ‘de fora e de dentro’, como se fosse dois em um, inseparáveis, rememorando o princípio de incerteza de Heisenberg – postulando que variáveis não podem ser medidas simultaneamente com exatidão.

A atenção do ‘participador’ – este entrou no lugar de observador, para a física quântica – destaca isto ou aquilo do objeto que também lhe afeta, criando sinergia. E se tudo é constituído de átomos há, de certo modo, uma unicidade das coisas, ou melhor, uma interconexão da natureza – o que possibilita a recuperação do monismo grego e da religião oriental. Assim, sem nunca ter certeza de onde estará dada partícula atômica, fala-se em probabilidades de interconexão dessa energia. E se tudo é força de energia, não há mais um ‘bloco essencial’ da matéria. “A energia, por sua vez, permeando toda a realidade, surge como uma força dinâmica, inteligente, que transmite mensagem e assume as características próprias de uma força de valor espiritual” (TERRIN, 1996, p.33).

Outro pesquisador que se destaca, atualmente, unindo física quântica e espiritualidade é o indiano Amit Goswami, doutor em física quântica. Goswami aprofunda suas investigações na física no intuito de afirmar a comprovação da reencarnação e da mediunidade. O autor entende que o materialismo é causa de grande crise social, sendo necessária uma mudança pessoal. Para a transformação individual, Goswami preconiza o desenvolvimento do potencial criativo e; para a alteração social, o físico propõe o ativismo quântico. Nogueira entende que esse ativismo diz respeito a um “estilo de vida como um projeto de intervenção social” (NOGUEIRA, 2010, p.130).

Ao avançar em relação a Capra, Goswami designa novos sentidos de vida e visões ativas de mundo, tendo a consciência como cerne do pensamento e unidade principal da realidade, não a matéria. Em entrevista, o autor indiano assevera que a física quântica “está nos dizendo diretamente que, olhe, a consciência só pode ser introduzida na ciência se reconhecermos que ela é a base da existência e que a matéria existe como possibilidade de escolha da consciência” (GOSWAMI, 2012, s/p). Desta maneira, consciência e ativismo quântico estão conectados não só na consciência, mas na vida diária.

Atualmente, a visão de mundo é o materialismo científico que disse que tudo é matéria, que tudo são interações materiais. A física quântica está nos dizendo que os objetos são possibilidades, dentre as quais a consciência escolhe uma. Isso traz a consciência ao cenário e quando você faz uma ciência lógica baseada na ideia da consciência descobre que a consciência é a base de todo o ser, e não a matéria. Logo essa mudança na visão de mundo deve refletir em nosso comportamento, deve refletir em quem somos, em nossas explorações. O ativismo quântico é uma maneira de ir atrás dessa ideia. É uma forma de nos transformarmos de acordo com os princípios quânticos, e também as nossas sociedades de acordo com os mesmos princípios quânticos, de forma que possamos crescer juntos para satisfazer as necessidades evolutivas da consciência. Essa nova ciência está nos proporcionando novas formas de pensar a nosso próprio respeito, que nos permite o livre arbítrio, que nos permite a criatividade. A ciência antiga era limitadora, era como uma camisa de força, contra a nossa criatividade e nossa exploração de significado (GOSWAMI, 2012, s/p).

Justamente pela ciência mecânica e materialista ser redutora e limitante, uma Filha da Casa propõe a explicação da física quântica para os fenômenos que ali ocorrem:

Tipo assim, acontece, e por quê? Deve ter uma explicação. Muitos pesquisadores, muitos cientistas explicam. A física quântica, por exemplo. Eu fiz um curso com Dr. Amit Goswami, que é uma sumidade em física quântica. Ele esteve aqui em Abadiânia, eu já o conhecia de Congressos e ele veio para cá. Ele falou no Congresso lá que eu participei com ele: 'Abadiânia é um dos lugares mais quânticos que existe'. A física explica o que acontece aqui, a física quântica (FC8).

Embora a explicação dos fenômenos não seja uma busca comum nas falas dos FC, elas refletem a espiritualidade da Nova Era interna à Casa de Dom Inácio, ou seja, um conjunto de crenças e posturas de variada origem, mais à maneira de um ecletismo – infiltrações sem coesão – que de um sincretismo – síntese ou fusão de diferentes crenças – desde o uso de terços nos pescoços, passando por cristais nos anéis, água fluidificada, cama de cristais para realinhamento dos chacras, persignaões, banho de cachoeira, andar descalço, orações em capelas, passes, veneração de Entidades famosas do espiritismo como Chico Xavier, Bezerra de Meneses, José Pedro de Freitas [o Zé Arigó], livros espíritas, católicos, espiritualistas e científicos, apreciação de símbolos budistas, uso de roupas brancas, culto a várias estátuas de santos católicos e outros.

Apesar da visão de mundo dos FC ser, em essência, espírita, como se verificará, suas concepções de espiritualidade e a expressão concreta desta permitem

identificar elementos detalhados de visões de mundo e ou de *ethos* diferentes. Antes, porém, ressalta-se que há relatos dos FC cujos dados apontam a espiritualidade em dois sentidos, derivados das definições anteriores. No primeiro, entende-se espiritualidade como um 'lugar transcendental', habitado por entidades de variados graus morais e instrutivos, que emanam um conjunto de normas e comandam a realização de fenômenos. O segundo sentido diz respeito a uma qualidade interna ao próprio ser, uma vivência subjetiva de experiência sagrada, semelhante à de Zilles (2004), explicitada anteriormente. É nesta última interpretação que a argumentação circundante desta tese concentrar-se-á, mesmo observando, algumas vezes, relações entre as duas concepções. Seguem, portanto, as respostas à pergunta que se fez durante a pesquisa de campo: O que é espiritualidade para você e como ela se dá em seu cotidiano?

Depois de mais de vinte anos trabalhando na Casa de Dom Inácio, na Casa de amor, como ela mesma afirma, a FC1 compreende a espiritualidade como “a conexão com o arquiteto do universo, a nossa fé manifestada em tudo que Deus nos dá diariamente, a busca do equilíbrio na reeducação e na prece constante nos ajudam a perceber a espiritualidade a nossa volta” (FC1). Essa parceira da Casa frisa que, graças à espiritualidade, enxerga, sente e percebe os sinais de amparo e auxílio, sonhos e “quadros esclarecedores de vidências e experiências vividas por mim e por irmãos de caminhada terrena” (FC1), entendendo seu papel nos planos de Deus. Ela conclui admitindo ‘provar’ que a falange de Dom Inácio não se preocupa apenas com a saúde física e espiritual, mas também cuida “de nossos negócios, relacionamentos, familiares, afetos e desafetos. Estão entre nós para evoluir e nos ajudar a evoluir também” (FC1).

Assim, constata-se que a visão de mundo e *ethos* dessa FC encontram-se repletos de seres espirituais em seu cotidiano, vivenciando desde os mínimos detalhes até amplas compreensões de planos divinos. É relevante relembrar sua experiência de tumor na região da pineal e de sua cura, vista como impossível pela medicina oficial. Desta forma, simbolicamente, pode-se dizer que ela respira espiritualidade e partilha com seus próximos. Nas pesquisas etnográficas, foi verificado que os próprios filhos biológicos da FC1 trabalham na Casa; destes ela relata que seu filho também já foi curado ali. Ademais, destaca-se o atendimento desta FC para com esta pesquisa, pois se mostrou entusiasmada, prestativa e benevolente.

O FC2 enfatiza que espiritualidade significa muitas coisas, que não se trata somente de evitar danos ao próximo, mas de ter para com ele respeito; igualmente – à semelhança da FC1 – deve-se orar e manter contato com o guia espiritual diariamente, seja para simples atos como “que sapato colocar” (FC2) até para grandes escolhas envolvidas em provações da vida. Para ele, espiritualidade não traduz necessariamente viver uma paz interna, mas é o resultado advindo da confrontação das ondas de embaraços ou, em suas palavras: “enfrentar constantemente a zona de perigo e passar por horas de aniquilação, porque só ali se começa a estabelecer o contato com o que é indestrutível em nós, espíritos” (FC2).

Nesse contexto, acentua-se o *ethos* valorativo deste FC na expressão de respeito ao outro e de sua postura de humildade expressa na entrevista para conosco. É sabido que em seu trabalho na Casa, ele se mostra cumpridor dos deveres e é uma referência de diálogo com os outros, demonstrando serenidade e paciência.

O FC3 se destaca por seu *ethos* imperativo de autodesenvolvimento moral e intelectual presente no processo de cura de seus próprios olhos, como visto anteriormente. Quando levou seu filho para a Entidade, o qual tinha de seis a sete convulsões diárias em São Paulo, ela “me deu um chacoalhão ao dizer: ‘filho, o que você tá fazendo aqui? Você não acredita em nada disso’, [...] aí as coisas começaram a acontecer de forma muito rápida com relação ao tratamento do meu filho, resultados a olhos vistos” (FC3). Hoje, o menino vive sem remédios alopatas, é tratado somente com água fluidificada “e atenção e carinho especial das Entidades de luz. Então, hoje eu só tenho de agradecer” (FC3) [emoção e voz embargada].

Como os FC1 e 2, o contato do FC3 com os espíritos é constante: “não damos um passo em casa sem antes comunicar e pedir orientação das Entidades, desde trocar um carro, viagens, enfim, tudo”. Ele conclui afirmando que tem grande carinho pela espiritualidade na Casa porque esta fornece comprovações: “a gente vê as curas que acontecem, a gente vê o que elas fazem nas pessoas, é fantástico, é muitas vezes indescritível. Enfim, Abadiânia é um lugar para se sentir” (FC3). Esse último pensamento: ‘Abadiânia é um lugar para se sentir’ é repetido também por alguns frequentadores da Casa, observando que as palavras são pequenas e insuficientes para se conhecer e ‘imaginar’ o local, necessitando estar presente. Prioritariamente, este FC compreende a espiritualidade como vivência subjetiva de existência e comprovações dos espíritos. Os relatos desses três FC evidenciam que

cotidianamente convivem com a espiritualidade, expressa em compreensões, intuições e contatos.

O FC4 não apresenta definição de espiritualidade, mas à semelhança do FC anterior, vivências subjetivas de situações experimentadas, deixando entrever seu significado. Sua amiga estava internada em um hospital nos EUA; a filha solicita-lhe orações para ela. O FC, sentado na corrente, em processo meditativo, de repente, ‘literalmente’ viu a amiga sendo amparada por Jesus Cristo [ele começou a chorar; quando o fato aconteceu e durante a entrevista], como sinal de melhora da amiga, porém ela faleceu. Ele afirma que sua espiritualidade na prática se processa também nos terços que reza, evidenciando, durante a oração, nomes de pessoas que morreram. Muito entusiasmado, esse FC afirma que foi operado do menisco na Casa e diz com força e bom humor: “aqui eu aprendi amar as pessoas”. Em outro momento: “eu adoro essa cidade, eu fiz uma casa aqui, quero morrer aqui” (FC4), falando isso em comparação à São Paulo, onde morava, que se caracteriza por ser um lugar onde “é cada um por si” (FC4). Como ele atende o público constantemente com sorriso no rosto, desperta simpatia:

[...] então tem gente que chega e fala para mim: ‘como é que você tem tanta alegria desse jeito?’ Eu falo: ‘vocês me dão essa alegria, porque vocês chegam aqui pra ver o último médico, então chegam desanimado, desconsolado, pensando se vai ser curado ou não. Isso daqui tem uma outra alegria, a não ser a cura, vocês têm um outro amor, que estão vendo aqui. Então essa alegria que vocês têm transmiti para a gente porque se você estava triste, agora está alegre’. Você quer coisa mais feliz do que isso? (FC4).

É importante ressaltar que se a espiritualidade pode ser verificada em sorrisos e amabilidade no trato, esse senhor a vive em demasia, aos oitenta anos, mesmo em sua residência, revelando seu *ethos* imperativo de ação humanitária. Diferente da maioria dos FC, o FC4 não afirma a necessidade de perguntar às Entidades os próximos passos a serem seguidos em sua vida, nem em rememorar sua vida espiritual, como se sua espiritualidade fosse sobremaneira prática, de vivência na relação com o outro, no ‘aqui e agora’. Desta forma, ele considera o médium João como o último médico, o bálsamo para os desenganados.

A FC5 corrobora com o FC4 ao afirmar: “não precisa ir na Casa de Dom Inácio. Nosso anjo da guarda são os espíritos, certo?”, estando estes em todo lugar, ajudando. Esses “anjos”, segundo ela – “similar aos humanos” – são espíritos

fraternos que estão ‘do outro lado’, um pouco mais adiantados na senda do progresso, visando a um objetivo: “nossos irmãos são um pouco mais evoluídos do que nós, então essa interação, esse trabalho junto, está para um determinado fim” (FC5). Assim, essa FC, conforme os conteúdos do quadro de Sampaio (2014), demonstra certa visão ampliada das ações humanas e do mundo espiritual – ‘pois são irmãos um pouco mais adiantados’ – valorizando a liberdade de escolha humana, pois tudo o que se faz, traz consequências, salutares ou não.

Por contraditório que pareça e é, o FC6 não se considera espiritualista, já que a espiritualidade é um processo: “porque eu sou um aprendiz, eu sei que minha vida é meu espírito, não meu corpo. Então eu preciso ser feliz com o que eu tenho para jamais ser infeliz com aquilo que eu não tenho” (FC6). Argumenta que se seus filhos biológicos herdassem sua pousada [ele é proprietário de uma], em duas semanas venderiam e gastariam todo o dinheiro, isto porque eles não tiveram desenvolvimento espiritual, “apesar de frequentar centro espírita” (FC6). Além disso, ele ressalta a importância do pensamento próprio nesse processo: “o pensamento é que faz tudo e você é o que você pensa”.

Conforme assevera de si mesmo, o FC6 faz muitas coisas como rir, atender pessoas e outras coisas; todas realizadas com amor, mesmo o próximo desconfiando. “Quer dizer, a espiritualidade é minha, não é do outro” (FC6). Garante que não é o corpo, mas o espírito quem manda, que escolhe, inclusive quem será sua mãe. “Tu escolheu tua mãe, se tu hoje não sabe ser feliz com ela, ai de ti e coitado de ti, tu está me entendendo? [risos] Tu é um ferrado. Porque nem aquela que te botou no mundo tu não sabe agradecer, porque ela fez isso e fez aquilo” (FC6). Argumenta que a ingratidão, não só para com a mãe, mas com outras pessoas, é causa de doenças e angústias, e que a “com-pre-en-são” (FC6) [sic] dos problemas liberta mentes e almas oprimidas. “Tem coisas e coisas que a gente precisa entender do processo da vida” (FC6), porque – deduz-se – se a ‘pessoa quer sua vida um mar de rosas vai ter que aprender para merecer’, e não é a sua presença num lugar espiritualizado que a transforma em espiritualista.

Vislumbra-se que esse FC6 apresenta uma definição de espiritualidade vivida pelos FC3 e 7, isto é, ele a concebe como um processo de desenvolvimento moral-intelectual sobre a existência; existência essa passada, presente ou futura, pois descobrindo a solução da tormenta atual, percebe-se a causa dos problemas pretéritos, prevenindo os inconvenientes do porvir. Ele compreende o mundo como

uma organização divina refletida também nos atos individuais de liberdade; quiçá, explanando, não a existência de pecados, mas a manutenção de causas e efeitos. Além disso, salienta que espiritualidade não está na aparência ou na *persona*, mas constitui na intimidade do ser, sua lógica e sua estrutura de vida mental e física.

O FC7 observa que se vive materialmente, isto é, que “as preocupações de satisfazer as necessidades materiais acabam tomando muito tempo e, de alguma forma, triunfando. Esse triunfo da matéria pode significar a ingratidão para com a espiritualidade” (FC7). Porém, segundo ele, mesmo perdurando na substância, há ocasiões que a “gente tem que levantar os olhos, a mente pra Deus e isso a gente faz na corrente ou faz em casa” (FC7). Relata que toda noite sua esposa faz orações e que, quando é possível, eles frequentam “às quintas-feiras, o evangelho [no lar] em algumas pousadas” (FC7). Assevera que essas reuniões são importantes para conduzir ou trazer luz aos espíritos desencarnados, que muitas vezes nem percebem seu falecimento. Porém, é comedido ao conversar de espíritos com sua mãe – que já foi curada na Casa; “minha mãe era católica, filha de Maria, desde moça. Então, isso trava um pouco quando fala de espiritismo, por isso ela não se envolveu, ela tinha uma percepção sensorial um pouquinho, não elevada, mas um pouquinho” (FC7). A mãe sendo católica, o fez lembrar da limitação dogmática dessa igreja e, de certa forma, sua tolerância para com a mesma: “Então, isso aí é uma travazinha, mas como o senhor João diz, ‘todas as religiões são boas, os dirigentes podem não prestar’” (FC7).

Voltando ao ato de não agradecer a espiritualidade, o FC7 afirma tentar ser melhor moralmente: “então a gente tenta né, e uma das formas é fazer o que Jesus disse, é ajudar, fazer a caridade, amar uns aos outros, como nós nos amamos; essa é a forma da gente fazer caridade, a vinte e tantos anos [nessa Casa], é isso aí” (FC7). Esse FC paga remédio para quem é carente [garante que fala isso ‘sem se vangloriar’], essas pessoas hipossuficientes “mal trazem dinheiro pra alimentação né, viajam a noite, nem dormem em lugar nenhum, vai embora na tarde do dia seguinte” (FC7). A atitude de tal FC contradiz Garcia (2013) ao garantir que a Entidade sabe da hipossuficiência da pessoa, doando-lhe o remédio. O FC conclui certificando que muitos motoristas de ônibus têm lugares gratuitos para tais pessoas: “é isso aí, nem precisou a Entidade falar, porque eles fazem isso, porque quem foi curado nessa Casa, nunca esquece” (FC7).

De modo geral, observa-se que o FC7 é adepto *ethico* do processo intelectual-moral na Casa [assim como os FC6 e 3]; ele procura viver a regra de ouro cristã-espírita no trato ao próximo, seja este hipossuficiente ou não, incluindo o respeito à sua religião, empatia e gratidão à Casa, leitura do evangelho, tentativa de priorizar o lado espiritual, fornecimento de conhecimento aos desencarnados e percepção de que é dando que se recebe, para dar e continuar recebendo. Assim, pode-se considerar que esse FC tem como valor prioritário a ‘benevolência para com as outras pessoas’, tendo sua visão de mundo calcada mormente no espiritismo.

Por fim, a FC8 principia sobre sua vivência e experiência “de meses” (FC8) com os índios ianomâmis que, segundo ela, não têm crença alguma: “quer povo mais espiritual do que eles? [...]. Então assim, um bichinho, uma planta, eles sempre louvavam, sempre agradeciam, estavam sempre em um estado de louvor e de alegria” (FC8). Para esses índios, Deus estava no céu, no fogo, na natureza e em tudo. E define espiritualidade semelhante à FC1: “espiritualidade é a gente se conectar com a força da criação, não importa que religião seja essa; assim, tu viver não fazendo mal para ninguém, como os índios” (FC8).

Essa FC atesta que espiritualidade, não necessariamente, tem a ver com religião: “primeiro eu fui bastante católica, depois espírita, quando eu vim para cá, isso não é necessário” (FC8), porém ela não retira a importância da religião por iniciar o contato sagrado, mas sabe que religiosidade não transforma automaticamente a pessoa em espiritualizada, justamente por difundir práticas mecânicas; enunciado semelhante ao do FC6. Conclui agradecendo a Casa: “a minha vida aqui na Casa todos esses anos, eu tenho tanta gratidão que eu acho que em uma encarnação eu não consigo expressar tudo e agradecer” (FC8).

Evidencia-se assim que para a FC8, a espiritualidade está diretamente conectada com Deus, como se sem Deus não pudesse haver espiritualidade. Sua visão de mundo principia por esse ente divino, louvando-o e fazendo o percurso amplo na sociedade até parar em si mesma, não praticando o mal a outrem. Ela diferencia religiosidade de espiritualidade sem desprezar a religiosidade, como se espiritualidade fosse não seguir rituais e sim fazer o bem e ‘ver Deus em tudo’ na vida. Seu valor de gratidão pela Casa sobressai por ela achar que apenas uma vida é pouco para agradecer todas as benesses recebidas.

À vista dos relatos dos FC, percebe-se tipos de construção simbólica teórica e prática, ou seja, um conjunto eclético de representações advindas do espiritismo e da

Nova Era, fundamentando posturas díspares, mas com um fundo em comum, o da existência de um mundo habitado por espíritos que influenciam o *ethos* e visão de mundo dos que vivem nesse mundo material. Soma-se que o sagrado não está tão distante assim de suas vidas, sendo o profano constantemente influenciado por aquele.

Como um todo, o *ethos* dos FC representa suas diversas crenças, que não se restringem ao espiritismo. No entanto, eles têm em sua visão de mundo muitos de seus pressupostos. Quanto aos valores, pode-se destacar que, durante a pesquisa de campo, houve boa receptividade do pesquisador pelos FC, não apenas se limitando a 'representar papéis de religiosos e ou espiritualistas da Casa', mas se mostrando amorosos, acolhedores, prestativos e outras qualidades, seja na Casa, em suas residências ou em outros espaços. Assim, pouco se teria a acrescentar no quadro anterior de Sampaio (2014), ou seja, agregar-se-ia apenas que os FC não se restringem à obra kardequiana no que se refere à visão de mundo, mas que estão sendo influenciados pelas visões de mundo também da Nova Era, pois utilizam terços, cristais, cromoterapia e outros símbolos. *Ethos* e visão de mundo igualmente difundidos por João de Deus.

Quanto à deidade denominada Deus, os FC consideram-no desde um ente criador 'arquiteto-universal' (FC1) até a ideia de uma centelha universal, espalhada na natureza (FC8). Acerca disto, Guerriero (2009) aponta essa diversidade de concepções. De modo geral, Deus existe para os espíritas e espiritualistas, porém, em se falando desses últimos, não tem residência fixa. Os FC fazem sua própria bricolagem, seja sobre Deus ou sobre espiritualidade, destacando o desenvolvimento intelecto-moral dentro ou fora da Casa (FC6 e 7) ou indicando o contato com as Entidades da Casa para direcionarem suas escolhas sobre viagens, compra de imóveis ou casamento (FC1, 2 e 3).

Assim, depreende-se que os FC são reflexos do que ocorre na Casa – talvez fazendo jus ao título 'Filhos[as] da Casa' – em termos de *ethos* e visão de mundo, ou seja, eles reproduzem concepções espíritas da obra kardequiana e interpretações presentes na Nova Era.

Porém, se a Casa funciona em torno da mediunidade de João Teixeira de Faria, o que vem a ser mediunidade? Quais visões de mundo e *ethos* estão subjacentes?

2.4 Kardec e a mediunidade

No título deste subitem está implícita a existência de outras religiões que igualmente aceitam a mediunidade, sendo as mais conhecidas o candomblé⁶⁷ e a umbanda. Além disto, é importante destacar que o meio religioso possui a compreensão da mediunidade há muito tempo⁶⁸, porém, sob outro entendimento – ressalta-se que nomenclatura mediunidade surgiu com o espiritismo. Acredita-se que os primeiros pesquisadores ‘não-religiosos’ do fenômeno tenham sido o engenheiro sueco Emmanuel Swedenborg [1688-1772] e o médico alemão Franz Anton Mesmer [1734-1815] (ALVARADO *et al.*, 2007). Este último denominou a força misteriosa de magnetismo animal; uma energia extraída do fluido universal, capaz de curar doenças. Porém, a mediunidade viria a ser examinada profundamente após os eventos que ocorreram com as irmãs Fox em Nova York, nos EUA.

No ano de 1848, a família Fox – composta pelo marido, esposa e três filhas, respectivamente com 23, 15 e 12 anos – é surpreendida com barulhos estranhos advindos das paredes da casa. Sempre que as duas irmãs menores estavam presentes no ambiente, os barulhos aconteciam (ALVARADO *et al.*, 2007). Não demorou para as meninas perceberem que havia inteligência por trás das batidas, e assim elas criaram um código de comunicação. Inúmeras pessoas passaram a frequentar a casa; algumas tentando contato com espíritos, outras por curiosidade. A família, participante da igreja metodista, foi expulsa dessa instituição religiosa por tal força ser considerada obra do diabo⁶⁹.

Ao mudar para outra cidade, os fenômenos acompanharam os familiares, porém as batidas passaram a acontecer na mesa de madeira da sala. Logo, iniciaram-se as sessões espirituais ao redor da mesa. Não demorou para que, além dos barulhos, a mesa produzisse rodopios pelo ar. Essas sessões ficaram conhecidas

⁶⁷ De modo geral, os estudos sobre candomblé desmerecem o termo médium-mediunidade, mas aceitam possessão. Porém, segundo estudos do sociólogo Roger Bastide (1971), que tem várias obras sobre as religiões de matriz africana no Brasil, o termo médium é usado, assim como cavalo, cavalo dos deuses ou cavalo divino. Mesmo admitindo o termo possessão, sabe-se que existe certa entidade que se aproveita desse cavalo, à semelhança de médium que capta o espírito. Logo, apesar de compreensões díspares, há um fundo comum da pessoa ser ‘aparelho, instrumento, meio’ de forças maiores. Sendo assim, optou-se por usar o termo mediunidade, cômicos das diferenças de concepção.

⁶⁸ Segundo Moura (2014) e Gaarder *et al.* (2000) *O livro dos mortos* egípcio, os *Vedas* hindu e a *Bíblia* apresentam abundantes ideias e fatos dos fenômenos mediúnicos.

⁶⁹ É acontecimento corriqueiro na história das religiões julgar algo desconhecido por força maléfica, obra demoníaca, ilusão, fruto de hipnose e outros conceitos que, após algum tempo, descobre-se não corresponder à realidade. Desta forma, com o desenvolvimento da ciência e do conhecimento, pode-se pesquisar tais fatos e, se for o caso, silenciar diante dos ainda incompreensíveis.

como “mesas girantes” (WANTUIL *apud* ALVARADO *et al.*, 2007, p.44). Conseqüentemente, tais sessões se espalharam pelos EUA e chegaram à Europa. Logo, frequentar as sessões tornou-se hábito constante na elite social⁷⁰.

Muitos afirmavam que a causa das mesas girantes era possessão demoníaca, dissociação, transe, bruxaria; outros, o poder mental, magnetismo animal, hipnose, delírio coletivo, autossugestão, embuste mágico com fios invisíveis e poderosos ímãs. Foi neste clima de dúvidas que surgiu Hippolyte Léon Denizard Rivail, 50 anos, professor, poliglota, pesquisador acadêmico, escritor com mais de vinte livros publicados e tradutor de obras pedagógicas. Em 1854, um amigo de Rivail informou-lhe que as mesas girantes – tão em moda de entretenimento nos círculos europeus da época – não somente dançavam no ar, mas respondiam a perguntas. Rivail, desconfiado e incrédulo, assevera que somente aceitaria tal afirmação diante de provas irrecusáveis; ‘como atribuir inteligência a tal fenômeno?’ (ARAUJO, 2014, p.30). Essa curiosidade e outros fatos, levaram-no a esquadrihar o episódio. Mas, cético, ironizava os crentes: “Quem estudar a fundo as ciências rirá da credulidade supersticiosa dos ignorantes. Não mais crerá em fantasmas ou almas do outro mundo. Não mais tomará fogos-fátuos por espíritos” (*apud* MAIOR, 2015, p.16).

À época de Rivail [1804-1869], a França vivia um regime político republicano, recém-saída da efervescente Revolução Francesa – em crescente laicização e ‘transferência de sacralidade’ (OZOUF *apud* HAUPT, 2008, p.77) – que, sob o comando de Napoleão Bonaparte [1769-1821], expandia seu mercado produtivo, invadindo e dominando países, construindo o Primeiro Império. Após crises de impostos e embargos, os antigos monarquistas intentaram reestabelecer-se no trono. Instabilidades entre burguesia e aristocracia fundiária propiciaram invasões na África e revoluções até 1848, ano em que surge a Segunda República na França [1848-1852], a qual trouxe conquistas sociais como o sufrágio universal e alguns incipientes direitos trabalhistas. Após esse período, deu-se início ao Segundo Império, com

⁷⁰ Há uma citação de Marx, n’O *Capital*, falando dessa efervescência: “Para encorajar os outros. Depois da derrota das revoluções de 1848/49 começou na Europa um período da mais obscura política reacionária. Enquanto, neste tempo, as rodas aristocráticas e também as burguesas se entusiasmaram pelo espiritismo, especialmente por fazer a mesa andar, desenvolveu-se na China um poderoso movimento de libertação antifeudal, particularmente entre os camponeses, que entrou para a História como a revolução de Taiping (MARX, 1988, p.70). Por sinal, o texto de Jacob Holzmann Netto, *Espiritismo e marxismo* (2008), aponta as convergências e as divergências entre estes dois movimentos ‘revolucionários’. Outra pesquisa evidencia que Allan Kardec frequentava rodas de socialistas na França, e que as ideias de reencarnação foram destes colhidas (ARRIBAS, 2010). Em suma, aparentemente espiritismo e socialismo têm muitas semelhanças; as pesquisas vindouras dirão.

invasões no Pacífico e na Ásia, promovendo, aos franceses, riqueza material e certa estabilidade econômica. Esse período acabou com a derrota francesa na guerra franco-prussiana, em 1870.

Hippolyte Léon Denizard Rivail cresceu junto a essa principiante, conturbada e laicizante república. Formado em Ciências e Pedagogia; discípulo de Johann Heinrich Pestalozzi – e este, aprendiz de Jean-Jacques Rousseau – foi “membro do *Institut Historique*, da *Académie Royale des Sciences d'Arras*, da *Société des Sciences Naturelles de France*” (ARAUJO, 2014, p.29). “Como professor e autor de livros escolares” (SANTOS, 1997, p.07), herdeiro do Iluminismo francês, Rivail também era estudioso de vários assuntos: magnetismo animal, química, física, astronomia e anatomia comparada. Muitos desses assuntos eram por ele ministrados em suas aulas.

Sua curiosidade o levou a participar de várias reuniões, que aconteciam em casas de pessoas estudiosas dos fenômenos, as quais mantinham experiências com a mediunidade, observações empíricas de fenômenos até então inexplicáveis, recebimento de mensagens incontestáveis do mundo espiritual e deduziam que “o caráter inteligente do fenômeno não pode ser posto em dúvida: logo, há nele mais alguma coisa do que uma ação fluídica” (KARDEC, 2013, p.51), Rivail recebe uma comunicação dizendo que, em encarnação celta precedente, seu nome havia sido Allan Kardec. Concomitante, o codificador superior dos espíritos que Araújo (2014, p.49) denomina de ‘o intérprete’ faz centenas de perguntas aos médiuns – sobretudo às irmãs Baudin – e os espíritos respondem de pronto.

Tais respostas resultam, em 1857, em um trabalho intitulado *O livro dos Espíritos*, no qual, o agora Allan Kardec, assume ser a filosofia espírita⁷¹. Segundo a divisão dessa obra, quatro são suas partes: primeira – **das causas primárias** [de Deus; dos elementos gerais do universo; da criação e; do princípio vital]; segunda – **do mundo dos Espíritos** [dos espíritos; da encarnação dos espíritos; da volta do Espírito, extinta a vida corpórea, à vida espiritual; da pluralidade das existências; considerações sobre a pluralidade das existências; da vida espírita; da volta do espírito à vida corporal; da emancipação da alma; da intervenção dos Espíritos no mundo corporal; das ocupações e missões dos Espíritos e; dos três reinos]; terceira –

⁷¹ Nota-se que foram inúmeros anos de pesquisa anteriormente ao lançamento do livro (MAIOR, 2015) e muitas as angústias do senhor Rivail antes de assumir sua missão existencial de “reformador da humanidade” (ARAUJO, 2014, p.28).

das leis morais [da lei divina ou natural; da lei de adoração; da lei do trabalho; da lei de reprodução; da lei de conservação; da lei de destruição; da lei de sociedade; da lei do progresso; da lei de igualdade; da lei de liberdade; da lei de justiça, de amor e caridade e; da lei de perfeição] e; quarta – **das esperanças e consolações** [das penas e gozos terrenos e; das penas e gozos futuros] (KARDEC, 1998, p.05-12, negrito nosso). Faz-se notar que ‘O Livro dos Médiuns’ é resultado do desenvolvimento da segunda parte.

Como visto previamente no subitem ‘*Ethos* e visão de mundo espírita’, Kardec tentou provar um método científico-experimental de interlocução com os espíritos, por meio dos médiuns (SANTOS, 1997). Com este e outros discernimentos – Kardec quis que os mesmos fossem testados na prática. Assim, segundo Figueiredo (2016), ele iniciou uma revolução na cultura francesa e em várias partes do mundo. Muitos pesquisadores e cientistas de outras áreas adentraram ao espiritismo para corroborar as experiências ou refutá-las, entre eles, o astrônomo Camille Flammarion, o químico William Crookes, o antropólogo e biólogo Alfred Russel Wallace, o físico Johann Karl Zöllner, o escritor e médico Arthur Conan Doyle e outros de renome⁷².

Em relação ao espírito de reforma revolucionária de Kardec, em 1862, Maurice Lachâtre, seu único biógrafo autorizado, escreve que desde tenra idade, o biografado encontrava-se desolado pela desunião das religiões.

Nascido na religião católica, mas estudando em um país protestante [Suíça], os atos de intolerância a que foi submetido por este motivo lhe fizeram conceber, desde a idade de 15 anos, a ideia de uma reforma religiosa, na qual trabalhou em silêncio durante longos anos, com a intenção de chegar à unificação das crenças. Contudo, faltava-lhe o elemento indispensável para a solução deste grande problema. O espiritismo, mais tarde, veio fornecer-lhe e imprimir uma direção especial a seus trabalhos (LACHÂTRE *apud* ARAUJO, 2014, p.43).

Conforme Lachâtre certifica, Kardec objetivava reformar as crenças religiosas díspares das pessoas; e com o estabelecimento do espiritismo, o autor acredita que Kardec atingiu o escopo. Para quem quisesse comprovar, o codificador deixou claro que as pessoas recorreriam ao livro para experimentar a parte científica [ciência de observação] ou para constatar a parte filosófica [de onde se deduziriam as implicações morais] (ARAUJO, 2014).

⁷² Destaca-se que todos estes pesquisadores, depois de averiguarem os fatos, converteram-se ao espiritismo.

Sendo *O livro dos espíritos* a pedra angular da edificação espírita, em que estão expostos seus princípios essenciais dos efeitos morais, Kardec concebe dar-lhes desenvolvimentos para coroá-los (KARDEC, 2008). Assim, são escritos *O livro dos médiuns*, em 1861 [tratando da ciência]; *O evangelho segundo o espiritismo*, em 1864 [abordando a moral cristã]; *O Céu e o Inferno*, em 1865 [referindo-se ao espírito e à sua sobrevivência ao corpo] e; *A Gênese*, em 1868 [ocupando-se da origem da Terra, dos milagres e das predições]. Essas obras formam o pentateuco espírita (ARAUJO, 2014, p.41). Sabe-se, porém, que ele escreveu várias outras obras.

Para Kardec e o espiritismo, a razão tem tamanha importância que sem ela o próprio espiritismo não seria possível – pois sem essa capacidade perspicaz, a sociedade não estaria no estágio atual das pesquisas e intelecções. Daí Kardec ressaltar a importância do estudo – obviamente para o desenvolvimento da razão – pois, como observado, chegou-se às suas conclusões através de exames, experiências e reflexões. Assim sendo, para o espiritismo, o estudo está fundamentado na valorização da razão:

A terceira revelação [o próprio espiritismo], vinda numa época de emancipação e madureza intelectual, em que a inteligência, já desenvolvida, não se resigna a representar papel passivo; em que o homem nada aceita às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa — tinha ela que ser ao mesmo tempo o produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre-exame. Os Espíritos não ensinam senão justamente o que é mister para guiar o homem no caminho da verdade, mas abstêm-se de revelar o que ele, homem, pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao caderinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à sua custa. Fornecem-lhe o princípio, os materiais; cabe ao homem aproveitá-lo e pô-los em prática (KARDEC, 2013, p.37).

Como visto, Kardec evidencia que a razão é força motriz e, usando-a, emancipa o espírito encarnado ou desencarnado. Porém, ela não é natural, nem presenteada, cabendo, àquele que a busca, trabalho, pesquisa e estudo; e, deparando-se com verdades, deve-se discutir, verificar e submetê-las ao crivo ruminante da razão.

Desta forma, para o espiritismo – como para a ciência – o conhecimento caminha progressivamente; mas para o espírita, ele é [também] fruto da relação com o mundo invisível; podendo incorrer certo conflito. No conhecimento espírita há uma tensão entre conhecimento ‘revelado e codificado’ (ARRIBAS, 2010). Mas, não

qualquer revelação, apenas a que o humano possa compreender. Por outro lado, e também devido à 'revelação divina', os conhecimentos revelados pela mediunidade quase não são questionados, incorrendo em crença cega, que o próprio Kardec alertou para a 'fé raciocinada'. Não é difícil encontrar quem defenda determinada ideia porque a mesma foi emanada do espírito Y ou proferida pelo médium Z. O que antes foi um pensamento construído passa a ser visto como verdade de fato, ressuscitando o argumento da autoridade ou de fé. Isto gera outro problema, a idolatria, que será exposto no próximo item.

De qualquer forma, o estudo espírita faz parte de um "conjunto de práticas que consiste na leitura, comentários, exposição de textos espíritas, na produção de artigos, apostilas e livros, na realização de debates, palestras, mesas-redondas" (CAVALCANTI, 1983, p.51). Não é incomum encontrar alguns que se dizem apenas simpatizantes do espiritismo justamente pela quantidade de leitura exigida ou porque entendem ser um trabalho hercúleo.

Conforme essa lógica, em razão do estudo, a pessoa se esclarece sobre seus sofrimentos, transforma seus sentimentos indisciplinados em ordenados, compreende melhor suas orientações afetivas e, por fim, com esforço na aquisição de novas posturas morais e comportamentais, renova-se. Por isso, o estudo espírita é um ritual que se mostra desde o início na doutrina e caminha diariamente. Recomenda-se ler ao menos uma página de algum livro espírita por dia, na vida do professante; esse comportamento consagrado faz parte do sistema de crenças simbólicas espíritas.

Logo, "o estudo eleva o homem, dá-lhe firmeza e segurança, torna-o digno dos espíritos. Essa religião desenvolve assim em seus adeptos um gosto pelo conhecimento, pela leitura, uma *sede de saber*" (CAVALCANTI, 1983, p.55, grifos da autora). Com isso, muitos espíritas buscam *status* de intelectuais, ou melhor, de seres críticos, que tentam demonstrar seriedade ao que fazem, diferenciando-se de outras religiões, mesmo mediúnicas.

2.4.1 Mediunidade espírita

A mediunidade é um conceito exclusivamente advindo do espiritismo de Kardec, em que produz uma labiríntica e rica bagagem simbólico-teórica. Por ser a religião espírita embasada na mediunidade, isto é, no contato com o mundo espiritual e nas obras daí derivadas (ALMEIDA, 2004), o médium é demasiadamente prevenido

como um 'instrumento que deve estar pronto' para o trabalho. Para o espiritismo: "médium [do latim *medium*, meio, intermediário] – pessoa que pode servir de intermediária entre os Espíritos e os homens" (KARDEC, 2013, p.410). Sendo assim, qualquer um pode ser médium, seja religioso ou não. Porém, para o espiritismo, o médium, com dedicação e disciplina, intermediário entre os espíritos e os humanos, não pode prescindir de preparo.

N'O *livro dos médiuns*, Kardec pergunta aos espíritos se o desenvolvimento da mediunidade se relaciona com a qualidade moral do médium. Eis a resposta: "não; a faculdade propriamente dita se radica no organismo; independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom ou mau, conforme as qualidades do médium" (KARDEC, 2013, p.239, questão 226). Logo em seguida, Kardec é informado que frequentemente os médiuns são espíritos de grandes indignidades no passado, recebendo a mediunidade na vida atual para se redirem, "é que disso precisam mais do que as outras [pessoas] para se melhorarem"⁷³ (KARDEC, 2013, p.239, questão 226). Se por um lado a mediunidade pode trazer inúmeros benefícios à humanidade, por outro, por ser uma característica natural do organismo do médium, é duvidoso tê-la por missão, como quer o espiritismo religioso, transformando-a em mediunato sagrado, o que causa incômodo. Esse tipo de mediunato foi trazido pelo espírito de Joana d'Arc, como se pode ver em: "Deus me encarregou de desempenhar uma missão junto dos crentes a quem Ele favorece com o mediunato" (*apud* KARDEC, 2013, p.389).

Assim, sendo a capacidade mediúnica inata ao humano – logo, sem motivo de privilégio ou idolatria – daquele que sente maior influência espiritual é esperado que "quando quiserdes receber comunicações de bons Espíritos, importa-vos prepareis para esse favor pelo recolhimento, por intenções puras e pelo desejo de fazer o bem, tendo em vista o progresso geral" (KARDEC, 2013, p.389). Neste ponto, Kardec não menciona, mas deixa subentendido a responsabilidade ética do médium para com o progresso humano. Mesmo a mediunidade sendo uma capacidade orgânica, o bom uso que se faz dela depende diretamente da qualidade moral do médium, cabendo a este "querer o bem; repulsar o *egoísmo* e o *orgulho*" (KARDEC, 2013, p.242, grifo do autor).

⁷³ Sobre os abusos sexuais que o médium João está sendo acusado, o FCE argumenta justamente isso, de que os médiuns são normalmente mais endividados que outros.

Quanto à veneração pelo médium [rememorando a recente perplexidade sobre os abusos sexuais, provavelmente cometidos por João de Deus, os quais serão discutidos mais detalhadamente no próximo item] o espiritismo adverte sobre a grande chaga da idolatria religiosa, que talvez adveio da crença cega da infalibilidade do médium e do espírito [possivelmente um costume originado na visão de mundo do catolicismo, mais precisamente no Concílio Vaticano I: a infalibilidade do Papa]. Admite André Marouço, fundador da TV espírita Mundo Maior: “Ao endeusarmos [...] um médium religioso, nós estamos contribuindo para a queda dessa criatura, porque ela passa a se achar um enviado especial” (*apud* BOLETIM, 2018, s/p). A idolatria, esse amor excessivo por coisa, imagem, pessoa ou ideia leva, comumente, à queda do adorado [se humano] e do adorador, pois ambos acreditam em poderes inexistentes e blindagens sagradas. Por conseguinte, diante de um médium endeusado, o deslumbramento obumbra a razão, podendo abrir brechas aos instintos selvagens recônditos ou às chamadas trevas... da caixa de Pandora alojada na mente humana.

Se o médium deixa-se levar por impulsos animais [impulsos observados também nos animais ditos inferiores] não tardará para que sua faculdade expresse idêntica condição. Diante disso, torna-se fundamental, para o espiritismo, a postura mental do médium, sua ‘reforma íntima’, o conhecer-se a si mesmo socrático. Sobre essa reforma íntima, não é de admirar que inúmeros aspectos de sua proposta ainda estão envoltos a pressupostos católicos, isto é, à culpa e ao castigo pela ‘queda original’ e à caridade, muitas vezes ‘interessada na troca’ por redenção – de certa forma, em detrimento às experimentações científicas e filosóficas (ARRIBAS, 2010). Apesar dessa má compreensão, o espiritismo acredita que a reforma íntima interessada, fundamentalmente, na melhora moral de si continua válida e relevante a qualquer tempo.

De toda forma, para o espiritismo, à semelhança das leis físicas, o contato entre médium e espírito ocorre pela atração-repulsão da sintonia expressa pelo pensamento. Sobre isso, Kardec assevera: “o que atua sobre o espírito é sempre o pensamento, e não os objetos materiais” (KARDEC, 2013, p.147).

Aos bons pensamentos e sentimentos opõem-se:

[...] a cólera, a irritação, a leviandade, a maledicência, a crueldade, a calúnia, a irreflexão, a brutalidade, a tristeza, o desânimo, a vaidade, [...] que produzem elevada percentagem de radiações mentais de

natureza destrutiva, em nós e em torno de nós, suscetíveis de fixar-nos por tempo indeterminado em deploráveis labirintos de desarmonia mental (relato de médium *apud* CAVALCANTI, 1983, p.71).

Tendo o pensamento em precípua lugar, Borges (2015), doutor em física pela USP e pesquisador do espiritismo, certifica que os mecanismos de comunicação espírita são viabilizados por leis análogas às da Física e que a comunicação entre o mundo material e o espiritual surge “de quatro formas: sintonia psíquica, por indução mental, por magnetização do corpo espiritual e por um fenômeno chamado teletransporte quântico” (BORGES, 2015, p.02).

Assim, ao utilizar a terminologia física, Borges entende que o espírito encarnado ou desencarnado é, em essência,

uma usina de energia acrescida de vários implementos como capacitores, resistores, geradores, indutores, transformadores, transdutores, receptores e emissores. É capaz de assimilar fluxos contínuos de energia e exteriorizá-los simultaneamente (BORGES, 2015, p.02).

Por espírito, o espiritismo entende tratar-se de um ser incorpóreo e inteligente da criação divina, habitando o universo e formando o mundo invisível. “Não são seres oriundos de uma criação especial, porém, as almas dos que viveram na Terra, ou nas outras esferas, e que deixaram o invólucro corporal” (KARDEC, 2013, p.409). O espírito também pode ser entendido como o professor Borges propõe, tal uma usina de energia, sendo a mediunidade uma ligação magnética de pensamentos e sentimentos entre espíritos encarnados e desencarnados.

Como o pensamento costuma ser reflexo do que o humano traz em sua realidade subjetiva, apresentando assim variedades de percepções e habilidades diversas, Kardec (2013) afirma que, genericamente, os principais tipos de médiuns são: de efeitos físicos; sensitivos, ou impressionáveis; audientes; videntes; sonambúlicos; pneumatógrafos e escreventes ou psicógrafos.

Os médiuns de efeitos físicos – aqueles que provocam resultados materiais ou ostensivos – são divididos em 10 tipos de médiuns: tiptólogos; motores; de translação e de suspensão; de efeitos musicais; de aparições; de transporte; noturnos; pneumatógrafos; curadores e excitadores. Dessa relação ressalta-se o médium curador, visto que João de Deus se apresenta esse tipo. Kardec compreende que essa categoria de médium pode curar ou aliviar o doente, seja pela “imposição das mãos

ou pela prece” (KARDEC, 2013, p.195). Porém, é sabido que João de Deus não se limita a essas técnicas, pois às vezes realiza uma intervenção visível no doente, em outras, receita passiflora, banho de cristal e ou banho de cachoeira, caracterizando-se certa interculturalidade, expressa em outros símbolos.

Logo, pode-se dizer que a mediunidade compõe os rituais espíritas. Parafrazeando Geertz, sustenta-se que os rituais espíritas mais elaborados e públicos, produzidos pelo *ethos* e pela visão de mundo, são os que modelam a mente espiritual dos adeptos. Dessa forma, para Cavalcanti (1983), a mediunidade, juntamente com o estudo e a caridade, forma a tríade ritualística do espiritismo. Por conseguinte, a mediunidade não ocorre isoladamente, mas imbricada em outro *ethos* espírita.

Cavalcanti (1983) compreende a mediunidade como categoria cosmológica da estruturação do espiritismo. No entanto, essa ‘conexão’ não se limita aí. A mediunidade é entendida como uma ponte entre o recurso divino e o necessitado e, por isso, não se restringe a receber mensagens dos espíritos, mas, assimilada amplamente, encontra-se no estudo e na caridade, ou seja, ela se desenvolve quando, através da literatura espírita, a pessoa fica mais sensível com as percepções e ao praticar a caridade, aprende a ‘escutar’ mais as intuições ou informações espirituais.

Todo ritual espírita combina em certa medida esses diferentes modos de contato, que se sobrepõem, e cujo significado específico é sempre relativo aos demais, apresentando variações conforme o conjunto do ritual em questão. É a ênfase em um deles, contudo, o que permite aos espíritas distinguirem suas atividades como de estudo, de caridade ou mediúnicas (CAVALCANTI, 1983, p.46).

As religiões mediúnicas assim como as religiões de possessões, extáticas ou de transe, entendem o contato espiritual como uma “relação/tomada do corpo humano com/por uma força espiritual” (CAVALCANTI, 1983, p.57). Todavia, para Hoskins (*apud* CAVALCANTI, 1983, p.57), não se pode confundir mediunidade com possessão, êxtase ou transe. Hoskins esclarece: a mediunidade é nome dado à comunicação entre humanos e espíritos; a possessão é a manifestação de seres invisíveis no corpo, geralmente acompanhada de estados alterados de consciência e; o transe refere-se a modificações orgânico-fisiológicas do estado normal. Aprofundando a reflexão, Cunha (2012) resume as diferentes conceituações advindas de Mircea Eliade, Ioan Lewis e Roger Bastide:

O êxtase é um fenômeno exclusivamente religioso, de comunhão ou união do ser humano com um Deus ou deuses. O transe é um fenômeno psicofisiológico, que pode ser encontrado e relacionado ao contexto religioso. O transe inclusive pode ser induzido fora de contextos religiosos. Já a possessão é um fenômeno também exclusivamente religioso, onde o corpo do fiel é tomado, possuído, por espíritos ou deuses, inclusive contra a sua vontade (CUNHA, 2012, p.38-39).

Desta maneira, ao distinguir os conceitos entre êxtase, possessão e transe, Cunha (2012) diz ser a mediunidade uma espécie de transe e de possessão, ou seja, uma tomada civilizada do corpo do médium por espíritos. Se essa tomada é patológica ou selvagem, cabe-lhe talvez exorcismo ou recurso psiquiátrico. Para Bastide (*apud* CUNHA, 2012), o espírito não toma o corpo como se toma um veículo, pois a pessoa assume uma condição semelhante a uma função atribuída a um ator/atriz que, na realização do fenômeno, desempenha de maneira adequada o roteiro legitimado.

Essa teoria de aceitação de papéis está assentada na teoria de Berger e Luckmann (1985) sobre a construção social das internalizações simbólicas. Para tais autores

Podemos começar propriamente a falar de papéis quando esta espécie de tipificação ocorre num contexto de um acervo objetivado de conhecimentos comum a uma coletividade de atores. Os papéis são tipos de atores nesse contexto. Pode ver-se facilmente que a construção de tipologias de papéis é um correlato necessário da institucionalização da conduta. As instituições incorporam-se à experiência do indivíduo por meio dos papéis. Estes, linguisticamente objetivados, são um ingrediente essencial do mundo objetivamente acessível de qualquer sociedade. Ao desempenhar papéis, o indivíduo participa de um mundo social. Ao interiorizar estes papéis, o mesmo mundo torna-se subjetivamente real para ele (BERGER e LUCKMANN, 1985, p.99-100).

De acordo com essa sequência reflexiva, acerca de assumir papéis, Zangari (2003) aponta três dimensões da mediunidade⁷⁴: a dimensão social ampla, a dimensão social dos grupos e a dimensão individual. A primeira está ligada aos conceitos e aos processos sociais macros – como cultura brasileira ou realidade brasileira – fornecendo aos grupos sociais simbologias, objetivos e operacionalização dos mesmos. A dimensão social dos grupos diz respeito às relações sociais que se

⁷⁴ Zangari (2003; 2005) pesquisou basicamente a umbanda, porém, suas considerações sobre mediunidade são expandidas para o espiritismo. Nota-se igualmente, que este autor se remete à mediunidade de incorporação, mas que pode ser ampliada para vários tipos de mediunidade.

estabelecem interna ao grupo específico ou externamente entre grupos. Já a dimensão individual refere-se ao papel que a pessoa adquire dela para com ela mesma e com os outros [fatores intrapsíquicos e psicossociais]. No entanto, Cunha (2012) indica que há a dimensão paranormal, retratando uma realidade extrafísica e simbólica.

Para Zangari (2003), a expressão da mediunidade é o resultado das três dimensões indicadas pelo autor, interagindo e influenciando reciprocamente no resultado da mesma. Como fenômeno geral, tal fato pode ser subdividido em seis etapas: assimilação, entrega, treino, criação, manifestação e comprovação. Na assimilação – a qual pode ser consciente ou inconsciente (ZANGARI, 2005) – como pertencente à religião espírita, comenta que o indivíduo se informa da doutrina, dos deveres dos médiuns, das suas qualidades e disposições, criando uma imagem da crença do grupo. A entrega emerge da anuência servil aos mandos espirituais/grupais. A mediunidade vai melhorando conforme haja mais treino do papel, ou seja, “treino de alteração de consciência, ou dissociação disciplinada” (ZANGARI, 2005, p.82).

Pode-se dizer que o processo criativo acontece não conscientemente, isto é, a construção mental das características da Entidade é inconsciente. A próxima etapa, a manifestação, é a consequência da criação, ou seja, “é o processo através do qual a Entidade e todas as suas características finalmente se apresentam” (ZANGARI, 2005, p.84). Por fim, a comprovação se verifica quando a Entidade se manifesta e faz coisas incomuns, sem explicação conhecida para o cidadão-médium. Contudo, essa explicação se mostra insuficiente diante de algumas manifestações espirituais e tipologias mediúnicas, seja sobre algumas pinturas de quadros, intervenções físico-espirituais, materializações, psicografias e outras.

No entanto, quando representadas, essas seis etapas estão imbricadas mais diretamente com as dimensões grupal e individual, visto que há elementos coletivos e aspectos pessoais na Entidade manifestada.

2.5 Médiuns curadores

O fato de o espiritismo ser cristão ainda é pouco conhecido [ou aceito]. Normalmente, no senso comum, a palavra espiritismo remete, como assegura Isaia e Manoel (2012), “a uma nebulosa conceitual [...] todo um horizonte de significados no qual convivem falanges espirituais, anjos da guarda, mentores, obsessores, ‘olhos-

grandes' [...] A lista é interminável!" (ISAIA e MANOEL, 2012, p.11, grifo dos autores). No entanto, isto não tem justificativa, visto que a história do espiritismo no Brasil assumiu vieses diferentes e, muitas vezes, favoráveis dadas às circunstâncias "que gozava nos círculos sociais influentes" (SANTOS, 1997, p.43).

Contudo, como revela Kardec (1998, p.380, questão 625), Jesus é considerado o guia e modelo mais perfeito que veio à Terra. Procurar seguir suas máximas é tramontana para muitos espíritas. Faz-se necessário mencionar este fato na medida que o mesmo fundamenta muitas das ações espíritas. Assim, a forte tendência religiosa do espiritismo elegeu a caridade como compromisso basilar. Não somente para ajudar o próximo, mas como expressão natural do amor divino à humanidade e pelas conquistas morais e pessoais daí advindas, suavizando expiações e fortalecendo-se perante às provas.

Desta maneira, no Capítulo XI – Amar o próximo como a si mesmo, de *O evangelho segundo o espiritismo*, Kardec observa que "O amor resume toda a doutrina de Jesus, porque é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso realizado" (KARDEC, 1991, p.147). Sendo o amor a expressão máxima de Jesus, aliviar doenças e sofrimentos dos seres passou a ser missão de muitos espíritas.

Por conseguinte, ao entender a saúde como resultado das ações morais e evolutivas dos seres, as doenças passaram a ser compreendidas como expiações de erros pregressos, desta ou de vidas passadas, oportunizando novos comportamentos nas provações (SANTOS, 1997). Inclusive, muitas dores e patologias poderiam ser derivadas das obsessões⁷⁵, fazendo-se necessária a ajuda de pessoas com 'dons especiais', capazes de curar "pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação" (KARDEC, 2013, p.182). Esse dom poderia se originar do próprio magnetismo do curador ou ser energia emanada dos espíritos, sendo que, somente neste último caso, o curador seria denominado médium curador.

Para curar os pacientes, fazia-se uso dos meios da terapêutica espírita: passe, água fluidificada, desobsessão, estudo, prática da caridade, obtenção de bons pensamentos, orações, homeopatia e outros, inclusive as intervenções espirituais, que surgiram mais tarde. Kardec observou que, não raro, os médiuns escreventes recebiam diagnósticos de doenças e medicações adequadas. No Brasil, os médiuns

⁷⁵ Kardec define obsessão como: "o domínio que alguns espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticada senão pelos espíritos inferiores, que procuram dominar" (KARDEC, 2013, p.257).

escreventes contribuíram com a legitimação e êxito do próprio espiritismo⁷⁶. Destes médiuns, alguns eram médicos de carreira, como Joaquim Carlos Travasso e Bezerra de Menezes (SANTOS, 1997). Muito do sucesso advinha da rapidez na emissão da receita e da indicação medicamentosa, que ocorria apenas ao indicar o nome, mostrar uma foto ou falar o endereço do necessitado.

Mesmo tendo nas suas lideranças médicos, advogados e outros profissionais adeptos ao liberalismo, o espiritismo teve a receita médica como motivo de adversidades entre médiuns e médicos não espíritas. Essa adversidade favoreceu a inclusão no Código Penal de 1890, da incipiente República brasileira, a proibição de praticar espiritismo, punindo com reclusão de um a seis meses e multa quem o fizesse (ARRIBAS, 2010, p.120).

Art. 157. Praticar o **espiritismo**, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancia, para despertar sentimento de ódio ou amor, inculcar curas de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública.

Pena: de prisão celular de 1 a 6 meses e multa de 100\$000 a 500\$000 [...] (CÓDIGO PENAL *apud* ARIBAS, 2010, p.120, grifo da autora).

Apesar da oposição da Igreja católica, a Constituição de 1891, mesmo sendo leiga e ressaltando a liberdade de culto religioso, não reconheceu o espiritismo como religião e não conseguiu impedir que os efeitos deletérios de perseguição aos espíritas ‘curandeiristas’ durassem até a década de 1960. Uma forma para a resolução de tal impasse, pelos espíritas no final do século XIX, foi ressaltar o lado religioso do espiritismo e assim o tornar legítimo. Feito isso, foi reconhecido, ganhou fama e respeito.

Essa reputação considerável do espiritismo fez com que muitos terreiros de umbanda e candomblé, até então proibidos pela lei e perseguidos pela polícia, colocassem em suas inscrições de identificação a palavra espiritismo ou centro espírita como uma maneira de não sofrerem perseguição. Dessa mistura e confusão de nomenclatura, originou a divisão entre espiritismo e baixo espiritismo, sendo este último entendido como manifestação de cultos e práticas de origem africana

⁷⁶ Como evidente, outras condições também favoreceram a expansão do espiritismo, entre elas, a escassa atuação social do Estado, fazendo crescer o assistencialismo espírita, angariando novos apoios (SANTOS, 1997).

(SANTOS, 1997). Ademais, ressalta-se que várias dessas religiões afro-brasileiras também praticavam cura com suas orações e garrafadas seja, com o “uso de ervas e rezas para obtenção de curas” (NASCIMENTO, 2010, p.929).

Retomando o foco na cura, é relevante citar alguns médiuns curadores que se destacaram nessa lida. No meio espírita há muitos médiuns curadores, mas pouco divulgados, não apenas por exaltar envaidecimentos, levando à discricção de alguns, como também a pedido da própria Entidade espiritual, preservando identidade e outros efeitos indesejados derivados de grande exposição. Assim, serão indicados a seguir os mais reconhecidos socialmente.

A. Bezerra de Menezes (1831-1900), apontado como um dos mais importantes espíritas do Brasil, considerado ‘o médico dos pobres’, o ‘Allan Kardec brasileiro’. Bezerra foi médico, escritor, político e empresário. Convertido ao movimento espírita em 1886, desagradou muitas pessoas de seus círculos sociais. Foi presidente da Federação Espírita do Brasil e, entre outras ações, incumbiu-se da unificação das várias instituições espíritas espalhadas pelo Brasil⁷⁷. “Não se preocupava com o chamado lado científico do espiritismo, considerando desnecessários seus experimentos” (SANTOS, 1997, 19-20), por isso, ressaltava seu lado cristão nas atitudes de caridade às pessoas. Ele, mesmo doente e descontente com a alopatia, aderiu à homeopatia e curou-se: “Certa feita, teriam sido os ‘efeitos terapêuticos’ tanto do espiritismo quanto da homeopatia que conseguiram curá-lo após ter sofrido mais de cinco anos com dispepsia sem solução médica [...]” (ARRIBAS, 2010, p.135). Era exímio médium curador e receitava a homeopatia⁷⁸. Em demonstração de seu amor cristão, em atendimento a um pai, o mesmo asseverando não ter dinheiro para comprar o remédio, Bezerra, sem titubear, tira de sua mão o anel de formatura em medicina e lhe dá (NASCIMENTO, 2009)⁷⁹. É sabido que até hoje em muitos centros espíritas de cura, Bezerra comparece para dar orientação ou realizar intervenção (SANTOS, 1997).

⁷⁷ O Movimento de Unificação do Espiritismo não se concretizou totalmente. Uma das causas diz respeito a ampla possibilidade que os contatos mediúnicos abrem: “O espiritismo brasileiro revive assim um aspecto próprio das religiões mediúnicas: a dificuldade de manter coeso um sistema de crenças ao qual médiuns têm acesso, individualmente, à comunicação com espíritos, deuses, seres sobrenaturais” (SANTOS, 1997, p.67).

⁷⁸ Tratar-se-á da relação homeopatia e espiritismo no próximo capítulo.

⁷⁹ Incompatível à ideia de Nascimento (2009), Gama (1964) apontou anteriormente que o anel foi dado para pagar enterro de familiar.

B. Antônio Gonçalves da Silva, o Batuira (1839-1909). Em São Paulo chegou um português conhecido por Batuira que logo se enriqueceu como empresário. Humilde, iniciado no espiritismo, começou a atuar como prático, receitando homeopatia e sendo médium de cura. Abriu as portas de sua casa para recolher pessoas com problemas mentais ou obsidiados. “A Tipografia Espírita organizada por Batuira começou imprimindo 2 mil exemplares do [jornal] *Verdade e Luz*, atingindo o pico de 15 mil em 1897 [...]. Eram números expressivos para a época” (SANTOS, 1997, p.33). Como empresário bem sucedido, Batuira deu o exemplo de que as obras sociais do espiritismo poderiam ser mantidas pelos recursos advindos dos próprios membros.

C. Eurípedes Barsanulfo (1880-1918). Nascido em Sacramento, no Triângulo Mineiro, foi encaminhado pelo tio ao espiritismo e deixou de ser católico. Em uma reunião, o espírito de Bezerra de Menezes disse a Barsanulfo que ele poderia atuar como médium de cura e que São Vicente de Paulo, era seu guia espiritual (SANTOS, 1997, p.34). Autodidata e educador convicto, fundou grupos espíritas, um laboratório alopático e uma escola chamada Colégio Allan Kardec. Atuando como médium de cura, receitou homeopatia e fitoterapia. Vale ressaltar que Barsanulfo inspirou e motivou muitos outros. Alguns destes foram para a antiga Fazenda Palmella, hoje uma cidade conhecida como Palmelo – como observado anteriormente –, a primeira cidade do Brasil fundada em torno de um centro espírita, em Goiás:

Pela via das influências de Eurípedes Barsanulfo é que viria mais um, Jerônimo Candinho. Antes da chegada, em 1936, deste que foi o maior líder político e espiritual de Palmelo, o CELV [Centro Espírita Luz da Verdade] já estava fundado [desde 1929] e habitantes de Palmelo já tinham contato com ele, em busca das curas que promovia (SILVA NETO, 2016, p.227).

Além da caridade em distribuir educação, Barsanulfo possuía um espaço para tratar as pessoas obsidiadas em Sacramento. Muitos receberam a cura desse médium (SILVA NETO, 2016, p.63).

D. Francisco Antunes Bello (s/d), o famoso médium de Pindamonhangaba, interior de São Paulo. Bello entrou para a história ao realizar a primeira intervenção espiritual conhecida no Brasil. Ele emprestou seu ectoplasma para espíritos invisíveis realizarem a operação, como assevera o espiritismo. Para Andrade (2008, p.73), Bello era médium de múltiplos efeitos físicos. O ‘Caso de Pindamonhangaba’, como ficou

mundialmente conhecido, aconteceu no início do ano de 1945. Seu sucesso foi devido principalmente pela metodologia científica na segurança contra fraudes e na participação de um juiz de direito, um delegado, jornalistas e médicos [não espíritas] bem como de pesquisadores científicos dos fenômenos antes, durante e após a intervenção. O Dr. Ortiz Monteiro Patto presidiu a equipe de médicos na averiguação da existência de apêndice antes e após a operação. Esse galeno produziu um extenso documento narrando o episódio e, mesmo após a intervenção, encontrava-se impressionado e incrédulo:

É impressionante o fato de que na sala não existia nenhum instrumento de cirurgia, contudo ainda continuo incrédulo de tudo quanto vi. É bem verdade que o apêndice do paciente foi extraído na mais absoluta obscuridade – operação única, creio, jamais realizada no mundo (*apud* PEREIRA, 1946, p.29).

O ineditismo do fenômeno e a metodologia científica envolvidos produziram inúmeros artigos jornalísticos, fazendo com que mesmo quem não estava presente no evento, tomasse ciência do ocorrido. Destaca-se que a negação veemente do fenômeno por impostura pelo sacerdote Monsenhor João Azevedo, de Pindamonhangaba, e de sua ação ao telegrafar ao Ministro da Justiça e ao secretário de segurança da época, rogando providências, despertou, mormente nos que haviam presenciado a intervenção, dignas reprovações de intolerância católica contra a ciência (VADE MECUM, 1976).

E. José Pedro de Freitas (1921-1971), conhecido por Zé Arigó, ou simplesmente Arigó, afirmava que não era ele quem operava, mas um espírito cirurgião, denominado Dr. Fritz, supostamente desencarnado na Primeira Guerra Mundial. Arigó realizava as chamadas ‘intervenções espíritas ou espirituais’. Somente pelo olhar, ele diagnosticava a doença da pessoa e através de seus rápidos procedimentos, extraia quistos, tumores e outros. “As incisões eram pequenas, se comparadas aos procedimentos cirúrgicos praticados à época [...]. Por vezes, durante a intervenção, Arigó ditava receitas aos pacientes para complementar o ‘tratamento’” (ARRIBAS, 2010, p.260, grifo da autora). Ressalta-se que tais receitas eram muitas vezes ‘inacreditáveis’ para a maioria das pessoas, inclusive profissionais da área da saúde, seja pela grande quantidade de algum medicamento específico, pelo desconhecimento do remédio no Brasil ou pela rapidez com que transmitia a prescrição. Esse médium ficou mundialmente célebre pelas suas ‘intervenções

espetaculares' na cidade de Congonhas do Campo/MG, município prestigiado pelos doze profetas bíblicos e outras obras de Aleijadinho. O médium morreu em 11 de janeiro de 1971, devido a um acidente de trânsito. Arigó foi o primeiro sob orientação e comando do Dr. Fritz, e após o falecimento do médium, esse espírito se manifestou por outros médiuns no Brasil, sendo os mais conhecidos, o médico Edson Cavalcante de Queiroz e o engenheiro Rubens Faria Júnior.

F. Antônio de Oliveira Rios (1952-1990), o famoso médium de Palmelo, GO. Como no caso do médium anterior, será relatado um caso de Antônio no item 5 - Etiologia e etologia das intervenções espirituais.

G. João Teixeira de Faria (1942-) conhecido como João de Deus [ou John of God, internacionalmente]. Como visto em capítulo anterior, ele nasceu em Cachoeira da Fumaça, hoje Cachoeira de Goiás/GO, em situação de extrema pobreza e fome. Aos dezesseis anos teve uma visão que mudou sua vida: “ao banhar-se em um rio, Santa Rita de Cássia apareceu e lhe disse para ir a um centro espírita em Campo Grande, no estado de Mato Grosso do Sul. Afirma que lá, pela primeira vez, incorporou a Entidade do rei Salomão e curou muitas pessoas” (ROCHA, 2009, p.575). Mas por ser médium inconsciente, depois do transe, duvidou do que fizera. De família católica, foi apresentado ao espiritismo, mas se diz católico⁸⁰.

Cabe aqui algumas enunciações sobre as acusações contra o médium João e sua prisão. Devido a sua fama mundial e por atender celebridades, denúncias contra esse médium, em dezembro de 2018, abalaram o mundo secular e religioso causando sobressalto principalmente entre os frequentadores da Casa e apreciadores de João de Deus. O escândalo causou comoção indignada entre os FC e simpatizantes: “olha o que estão fazendo com nosso pai” (DIÁRIO DE CAMPO, 12.12.2018), disse uma veterana FC com olhos pranteados diante da ‘crucificação pela mídia’, logo após a denúncia televisiva. Distante dali, em conversa com um proprietário de restaurante, este rotulou o médium de “monstro” (DIÁRIO DE CAMPO, 10.01.2019).

O médium foi acusado de posse ilegal de armas, estupro, estupro de vulnerável e violação sexual mediante fraude. O primeiro inquérito policial o indiciou por violação sexual mediante fraude. Conforme o delegado Valdemir Pereira, o

⁸⁰ É fato que um padre da igreja católica local, em 2010, não realizou uma cerimônia de casamento enquanto um dos padrinhos dos noivos, João de Deus, não se ausentasse do recinto. João de Deus foi embora. Ele se diz católico, mas não é aceito dentro daquela igreja; João de Deus tem a consciência de que o problema não é a religião, mas seus representantes.

médium praticou estelionato sexual: “Foi um estelionato sexual, a vítima foi lá [Casa Dom de Inácio de Loyola] para ser curada e ele [João de Deus], aproveitando dessa situação, enganou a vítima e abusou dela sexualmente” (*apud* TRUFFI, 2018). O abuso é o contrário da ética à luz dos Direitos Humanos, aviltando a convivência humana e o trabalho mediúnico sério. Diante disso, houve grande movimentação e veiculação de vigilância moral aos outros médiuns. O médium de cura João Berbel declarou: “um médium só é derrubado por dinheiro, sexo e vaidade. É o que derruba” (*apud* TOLEDO, 2018, s/p).

Em entrevista aos jornalistas, uma das promotoras de justiça, Gabriella de Queiroz, integrante da força-tarefa criada pelo Ministério Público de Goiás, afirmou que muitos moradores de Abadiânia tinham conhecimento sobre os abusos, mas, por receio de represálias, silenciavam, pois, o poder de João de Deus na cidade, em especial no comércio, é grande. Segundo ela, há denúncias que mostram que os abusos aconteciam desde 1975 e perduraram até maio de 2018: “Era um contexto de ainda mais medo, de ainda mais receio, sobretudo em face de uma figura com tamanho poderio, não só religioso. Poderio financeiro, ligado à influência junto a políticos, a pessoas famosas, e à comunidade local” (*apud* ALBUQUERQUE, 2019, s/p). Outra pessoa que afirmou ter sido abusada sexualmente reforçou o poder do médium: “Tenho medo. Quem tem dinheiro consegue de tudo” e desabafou:

Tem dias que dá um desespero, uma tristeza, uma agonia de estar revivendo isso tudo. Ao mesmo tempo, a gente tem esperança por Justiça. Estou colocando para fora o que guardei por 19 anos. Ele brincou com a minha fé, debochou de mim. Graças a Deus esse homem foi descoberto (*apud* ALBUQUERQUE, 2019, s/p).

Em conversa com uma FC [parceira da Casa há mais de dois decênios, que não fez parte dos sujeitos de pesquisa e que solicitou sigilo], ela afirmou que, mesmo não acreditando nos estupros e nas denúncias, o médium se deixou envolver por pessoas gananciosas e vaidosas que frequentam a Casa, e o poder lhe subiu à cabeça. Diz ela que depois do fim das garrafadas, que eram pagas a preços simbólicos, na década de 1990, “tudo foi mudando... o capitalismo e a busca exagerada por reconhecimento, prestígio e poder foram aparecendo. [...] E aquele armamento então? Aquele monte de dinheiro na casa dele?” [Referindo-se a seis armas – uma delas sem numeração e de posse ilegal – um milhão e seiscentos mil reais encontrados pela polícia na residência do médium, pedras preciosas e dinheiro

estrangeiro – dólares, euros e libras]. Essa FC está desolada com tudo isso e desabafa sobre o médium: “ele não vigiou. [...] Cadê aquela pessoa que eu admirava tanto?” [DIÁRIO DE CAMPO, 16.12.2018).

Como visto anteriormente, a FC disse que não acreditava nas denúncias de abuso sexual, porém, em seguida, deixa dúvidas se confia mesmo ou não, mostrando um estado de surpresa e desconhecimento real da pessoa [e do médium]. “Sei que ele já foi muito assediado por mulheres feias e liindas” [sic] (DIÁRIO DE CAMPO 16.12.2018), mas ela hesita se ele consumou algo. Isto posto, é evidente que começa a haver ressignificação do médium por alguns FC, uma reconstrução de sentidos e significados do religioso.

Uma outra FC, que também não fez parte da entrevista como sujeito de pesquisa, e que cresceu na Casa, ponderou que sua mãe e família frequentam aquele espaço há anos e nunca tiveram ou ouviram alguma acusação: “nunca teve nenhum limite ultrapassado”. Como ela é trabalhadora na Casa, observa: “eu trabalhei para ele, tive contato com ele sozinha várias vezes e ele nunca passou do tratamento paternal”. No entanto, ela assente que tudo o que está acontecendo é necessário: “Acredito fielmente no trabalho espiritual e nas curas. A espiritualidade é uma coisa e o homem é outra. Acredito que tudo isso está acontecendo porque deve acontecer mudanças” (DIÁRIO DE CAMPO, 06.01.2019).

Outro FC, que trabalhava praticamente ao lado de João de Deus em Entidade e contribuiu demasiado com as entrevistas com os sujeitos da pesquisa, mas que não fez parte delas, informou:

Estamos em um momento turbulento por causa das denúncias que fizeram contra o médium João, mas seguros que a Justiça será feita conforme a verdade, seja ela qual for. Por outro lado, nosso trabalho na Casa com as Entidades continua, pois nossa fé aumenta ainda mais a cada instante que somos testados. [E cita parte da oração da serenidade]: ‘Que Deus conceda-nos serenidade para aceitar as coisas que não podemos mudar, coragem para mudar as coisas que podemos e sabedoria para reconhecer a diferença entre elas’ (DIÁRIO DE CAMPO, 22.12.2018).

É relevante realçar que esse FC não negou as acusações; antes ele trouxe a ‘turbulência’ como teste de aumento da fé, uma espécie de ‘provação de fortalecimento’. Outro FC, que também atua ao lado do médium há mais duas décadas, asseverou que o médium João “é um **homem** que muitas mulheres assediam, parecendo um cantor famoso em show” (DIÁRIO DE CAMPO, 12.12.2018,

grifo de ênfase). Ainda sobre possíveis ‘relações sexuais’, uma outra FC comunicou que a coreógrafa holandesa, que apareceu na televisão denunciando, era “apaaaaixonada [sic] pelo médium, não desgrudava dele” (DIÁRIO DE CAMPO, 12.12.2018), dando a entender que a dançarina ‘mereceu aquilo’.

No último dia da presença do médium na Casa, dia 12.12.2018, e de sua saída ligeira, muitos FC choravam o assédio da imprensa, produzindo a impressão de que os jornalistas torturavam um pai, o mesmo pai de todos os FC. Havia muitos repórteres empurrando e sendo empurrados. Presenciou-se um fotógrafo de aproximadamente 55 anos compelindo e literalmente subindo nos outros para conseguir a melhor foto, em uma total falta de ética⁸¹. Uma FC veio chorando mostrar o joelho esfolado e o rosto inchado com um leve hematoma quando foi empurrada por um noticiarista. Outra FC apontou: “coisa violenta o que esses jornalistas fizeram: quebraram um pé de uma irmã da Casa e também deslocaram o pulso de um jovem [...]. Animais selvagens; se o senhor João não fosse protegido, seria esmagado” (DIÁRIO DE CAMPO, 08.01.2019). Nesse dia 12.12.2018, pôde-se entender, devido ao calor do momento e as atitudes dos FC, com palmas e abraços dirigidos ao médium, que muitos FC o defendem com ‘unhas e dentes’ porque são pessoas que foram curadas por ele ou que conseguiram mudar a vida por completo [no sentido otimista] graças ao médium. E não são poucas pessoas. Algumas funcionárias da Casa, reunidas em tom de pesar, assistiam à tensa agitação. Esse dia foi anotado no diário de campo como: “A Casa chora”.

Uma frequentadora da Casa, comparando o médium João com o ex-médico Roger Abdelmassih desabafa: “Poxa, é um choque e tanto; o médico Abdelmassih é materialista, mas o João de Deus não; eles têm princípios opostos” (DIÁRIO DE CAMPO, 12.12.2018). Ela chama atenção à coerência aos fundamentos espiritualistas que o médium alega ter, como o símbolo do triângulo: fé, amor e caridade.

Ao reforçar o caráter edificante do espiritismo e procurando se dissociar da imagem do médium João de Deus, depois do escândalo, a FEB [Federação Espírita Brasileira] veio a público alertar que o atendimento aos necessitados não deve ocorrer isoladamente, apenas entre o médium e o assistido. A FEB “não recomenda, portanto, a atividade de médiuns que atuem em trabalho individual, por conta própria. Estes não

⁸¹ Em conversa com um FC, o mesmo alertou que tais ações grosseiras podem ser propositais para instigar a violência dos FC e depois justificar a perseguição e o denegrimto por parte desses profissionais midiáticos.

estão vinculados ao Movimento Espírita, nem seguindo sua orientação” (FEB, 2018, s/p). Desta forma, a FEB deixou implícito que qualquer médium [inclusive João de Deus] que não segue suas diretrizes, mormente as de real caridade, não é espírita. Nesse contexto, o órgão em questão negou João de Deus pelo rito institucionalizado por ela, como se o ritual fosse segurança suficiente para impedir tais atos abusivos, sugerindo ser ela a detentora dos rituais íntegros do espiritismo.

À frente desse alvoroço, o médium João de Deus vem perdendo sua credibilidade. Sobre isto, asseverou um frequentador: “a gente torce que a justiça seja feita, e a gente possa continuar a admirá-lo ou riscá-lo de nossas vidas de uma vez por todas” (*apud* FANTÁSTICO, 2018, s/p). Desde o início desse contratempo, o comércio circunvizinho vem demitindo funcionários e fechando portas. Os acontecimentos atuais evidenciam que mesmo diante da ausência do médium na Casa, muitos FC não desistiram de frequentá-la, exaltando que a Casa merece respeito, pois na Casa acontecem as curas.

Voltando ao foco principal, se o médium João de Deus atua através de intervenções espirituais, são estas que serão examinadas pelo viés antropológico e espírita. Assim, tentar-se-á entender as intervenções mediúnicas do ponto de vista da ciência e do espiritismo.

2.6 Etiologia e etologia das intervenções espirituais

É da antropologia que surgem dois conceitos interpretativos: etologia e etiologia. O primeiro trata-se do reconhecimento de que povos/grupos de diversas culturas têm suas próprias explicações do que é considerado estranho para outros. O segundo diz respeito a uma explicação acadêmica e científica.

Assim, como explicar as intervenções espirituais? Quais os fatores simbólicos de êxito?

Existem médiuns curadores que oferecem grande variedade de meios curativos, mas o que é relevante, de acordo com esta tese, são as intervenções espirituais, com ou sem cortes, visíveis ou invisíveis, realizadas por alguns médiuns curadores, como João de Deus e Zé Arigó. Como observado anteriormente, as intervenções visíveis são feitas no corpo físico da pessoa, já as espirituais – afirmam os FC – são realizadas no chamado corpo espiritual. Na Casa, uma palestrante asseverou: “O espírito não precisa de operação com corte. As operações visíveis são

feitas apenas naqueles que as desejam, como se quisessem comprovar materialmente” (DIÁRIO DE CAMPO, 19.01.2018).

As intervenções visíveis normalmente cindem a pele do paciente, pois pode ser utilizado desde bisturi até “instrumentos mais estranhos, como uma faca enferrujada ou uma serra elétrica. Isto sem simulação ou sugestão psicológica. Os médiuns curadores espíritas realmente cortam; e, [...] não usam antissépticos nem anestesia” (GREENFIELD, 1999, p.116). Com a ferida aberta, não raro, introduzem as mãos sujas ou outros objetos sem causar infecção ou dor. A maioria dos pacientes confessa não sentir dor alguma; outros – minoria – apontam uma leve dor, tanto durante como depois das operações. Além disso, o sangramento é quase inexistente.

Quanto à possível farsa da intervenção espiritual visível, em pesquisa realizada entre a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), no ano de 2000, verificou-se em laboratório que os tecidos extraídos eram compatíveis ao da região cortada e não apresentavam patologias (ALMEIDA *et al.*, 2000). Para esses autores, as intervenções eram reais e os pacientes não apresentaram infecções, apenas alguns reclamaram leves dores; e todos estavam ausentes de complicações. Assim, aspirando a novas pesquisas, os autores concluem: “A discussão séria de um tema não requer que compartilhemos as crenças envolvidas, mas que tomemos suas implicações seriamente e não subestimemos as razões pelas quais tantas pessoas se envolvem” (ALMEIDA *et al.*, 2000, p.199), e; por conseguinte, “(...) nem a crença entusiasmada ou a descrença renitente ajudarão os pacientes ou o desenvolvimento da medicina” (ALMEIDA *et al.*, 2000, p.199).

De acordo com Greenfield (1999), a explicação etológica do espiritismo de Allan Kardec assegura que o ser humano é capaz de se comunicar e interagir com o mundo dos espíritos dos mortos. Dando prosseguimento às antigas tradições de contato entre vivos e mortos, igualmente da possessão do espírito, os seguidores de Kardec acreditam que alguns médiuns podem receber os espíritos dos mortos, com os quais interagem na prática da caridade com os vivos. Para Greenfield (1999), a intervenção espiritual talvez seja a mais importante forma de caridade dos espíritas socorrerem os doentes. Diante dessa afirmação de Greenfield, é possível considerar que esta se configura genérica, não se restringindo à intervenção visível. No entanto, se restringir, o espiritismo não a aceita, porque as intervenções incisivas são observadas à distância, quase marginais, com certo menosprezo, visto que o ‘espírito

não precisa de corte, mas de fluido universal, aprendizagem e autodescobrimento' (MUNDO MAIOR, 2016). Além disso, a caridade está envolta em amplo sentido, indo além da ajuda ao próximo, estendendo-se a tudo que favorece o ser humano, como as oferendas do próprio planeta Terra.

Raul Teixeira, forte liderança espírita, por sua vez, é enfático na recusa da intervenção com instrumentos cortantes: “perfurações, cortes, extirpações de órgãos e tudo o mais nessa órbita são da alçada da medicina humana, e devemos respeito aos facultativos, respeito à ciência” (*apud* MORAES, 2017, p.102). O médium e escritor espírita Carlos Bacelli, ao insistir nesse ponto, apresenta dois argumentos: o primeiro, baseado na autoridade do famoso médium de Uberaba: “cansamos de ouvir Chico Xavier dizer que a cirurgia espiritual dispensa o corte” (*apud* MUNDO MAIOR, 2016, s/p); o segundo tem como base a ajuda dos espíritos aos médicos e enfermeiros dos hospitais, quando em intervenções: “Já tivemos depoimentos de vários médicos que [...] pessoalmente se sentiram com a mão guiada no momento de determinada cirurgia” (*apud* MUNDO MAIOR, 2016, s/p).

Contudo, ressalta-se que, como é evidente nas falas desses líderes espíritas, as intervenções com cortes e auxílio dos espíritos são valorizadas pelo espiritismo na relação com os médicos, porém, não com os médiuns. Possivelmente, a postura de Edson Queiroz, sendo médico e médium, causou incômodo ao espiritismo. ‘Um espírito pode guiar a mão de um médico no corte, mas não pode guiar a mão de um médium na fissura’.

Logo, quando um médico faz o corte é por necessidade e quando um médium o faz é espetáculo para impressionar ou vaidade? Médium que corta se deixa levar pela vaidade, disse o médium Divaldo Franco (MUNDO MAIOR, 2016). Médicos sendo auxiliados por espíritos nas intervenções são permitidos, mas médiuns auxiliados por espíritos que incisam não? As intervenções de Arigó, que abalaram o mundo conhecido de então, eram todas desnecessárias, mesmo o médium afirmando a aprendizagem vir por parte dos ‘casacas brancas’, não somente sobre os rápidos diagnósticos e analgesia, mas sobre procedimentos interventivos? Seria isto uma postura ideológica do espiritismo em proteção classista, esquivando-se de conflitos culturais e ou de uma maneira de enquadrar médiuns e espíritos ousados? Se se aceita a reencarnação, quem garante que em vida pregressa tal médium não foi médico, justificando o corte? Se se pressupõe a necessidade de um médico cortar, por que não se pode deduzir o mesmo com um médium? Onde está o limite da

necessidade de corte e quem ou o quê o determina? Não é relevante desprezar que a intervenção visível pelo médium não se resume em corte, podendo ocorrer raspagem, introdução de pinça, prescrição de remédio ou outra ação. Diante disso, entende-se uma visão limitante do espiritismo ou certa contradição.

Para Greenfield (1999), a etiologia, advinda da antropologia e da biomedicina, apresenta uma possível solução para o entendimento do que ocorre na operação 'espiritual'. O paciente, envolto de signos religiosos e símbolos pujantes da ancestralidade, adentra no mundo de 'realidade alternativa cultural', acionando simbologias ligadas a sistemas orgânicos – endócrino, imunológico, nervoso e outros –, que liberam endorfina e diversas substâncias químicas relacionadas à ausência de dor, cura e outros benefícios.

Greenfield (1999) ainda apresenta dois casos: Zé Arigó e Antônio Pedreiro. José Pedro de Freitas [Zé Arigó] estudou até a terceira série do Ensino Fundamental, sendo considerado semianalfabeto. Ele “realizou durante vinte anos as curas mais surpreendentes. Através do espírito do médico alemão, Adolf Fritz, diagnosticava, dava receitas e operava” (FATO REAL, 2014, s/p). Zé Arigó, classificado como um assombro, foi estudado por médicos de diversos países que constataram que 95% dos diagnósticos eram corretos (FULLER, 1974).

O antropólogo em questão reforça que, desde que o legendário médium Zé Arigó removia tumores e realizava delicadas operações oculares com uma faca comum de cozinha e sem antissépticos ou anestesia, o Brasil tem se tornado uma pátria de curadores. Greenfield (1999) relata a descrição de John Fuller, autor de *Arigó: o cirurgião da faca enferrujada*, na presença de dois cientistas norte-americanos:

'Não há nada o que esconder aqui', foi o que disse Arigó, enquanto ordenava aos dois cientistas que ficassem de pé perto de sua mesa de trabalho. 'Fico feliz em tê-los como testemunhas'. E, sem mais aviso, tirou a primeira pessoa da fila – um cavalheiro de meia idade, impecavelmente vestido num terno cinza – e silenciosamente 'apanhou uma faca comum de quatro polegadas de lâmina de aço inoxidável com cabo de madeira e, literalmente a introduziu no olho do homem, um pouco abaixo da pálpebra e bem dentro da cavidade ocular'. Apesar de seus anos de prática médica e experiência, continua Fuller, 'o médico Puharich estava chocado e maravilhado. E ficou mais ainda quando Arigó começou violentamente a raspar com a faca o interior do globo ocular e por dentro das pálpebras, pressionando-o para fora com desinibida força. O homem estava plenamente acordado e consciente e não aparentava temor algum. Não se movia nem tremia. Uma mulher ao fundo gritava. Uma outra

desmaiara. Arigó, então, retirou o olho da sua cavidade ocular. O paciente ainda absolutamente calmo, parecia incomodado apenas com uma coisa: uma mosca pousara-lhe na face. E, enquanto seu olho pendia literalmente fora da órbita ocular, ele calmamente espantava a mosca da face'. O médico removeu, então, a faca e, enquanto a limpava em sua camisa esporte, disse ao paciente que ele ficaria bom. E chamou o próximo paciente. Tudo tinha acontecido em menos de um minuto (GREENFIELD, 1999, p.21-22).

Outro médium curador, Antônio de Oliveira Rios, trabalhava na cidade de Palmelo/GO. Morreu em 1990, aos 38 anos, depois de várias picadas de abelhas africanas. Pedreiro de profissão e igualmente a Arigó, era semianalfabeto, com apenas uma série primária concluída. Antônio pedreiro, como era conhecido, diagnosticava os pacientes através de fotografias. Ele dizia que realmente não operava os pacientes, apenas abria os cortes. Todos os procedimentos terapêuticos que iriam beneficiar seus pacientes eram realizados por um dos espíritos que trabalhavam com ele. Sua esposa ou outro assistente faziam as suturas, enquanto Antônio se apressava em cortar outro paciente, que esperava numa longa fila.

O último paciente foi também colocado numa padiola fora do centro. Ele antes me havia contado que tinha sido vítima de um tiro de bala há dez anos e ainda não podia usar suas pernas. Antônio injetou algo na parte superior das costas do homem. Com o bisturi fez um corte de dez a doze polegadas de comprimento e cerca de uma polegada e meia de profundidade ao longo da espinha dorsal. Limpou com um pouco de gaze a pequena quantidade de sangue que jorrava, e cravou uma tesoura num ângulo da ferida aberta. Com outra tesoura, martelou a primeira mais para dentro, até que a pudessem ouvir batendo contra o osso. Depois de uma pequena pausa, repetiu o procedimento. O curador retirou do carrinho o que pareceu ser uma serra elétrica com uma lâmina de seis polegadas. Os espectadores na rua, entretanto, chegaram mais perto para ver o que ele iria fazer, quando conectou a serra a um fio de extensão, que lhe passaram de dentro do prédio por uma janela lateral. O paciente, enquanto isso, permanecia imóvel, aparentemente sem tomar conhecimento da serra. Antônio ligou o instrumento e inseriu sua lâmina rotora na ferida aberta, percorrendo verticalmente a espinha dorsal. Uma pequena quantidade de sangue brotava à medida que a ferida ia se alargando. Os espectadores prendiam a respiração. O paciente, contudo, não se movia nem reagia de nenhuma maneira. Depois de alguns minutos movimentando a serra para baixo e para cima dentro da coluna vertebral do paciente, Antônio desligou a serra, removeu a lâmina e as depositou sobre o carrinho. Sem parar de olhar para o paciente, empurrou o carrinho apressadamente pela porta adentro, parando diante do que parecia ser seu próximo paciente. O homem cuja coluna vertebral tinha sido aberta com a serra, entretanto, permanecia sozinho e tranquilo sobre uma padiola no meio da rua. Alguns minutos depois, a esposa de Antônio novamente apareceu com uma agulha e

linha cirúrgica para fechar as costas do paciente e cobrir a área com bandagem. Antes que eu pudesse me aproximar dele, vários espectadores já lhe haviam perguntado o que tinha sentido. Ele não tinha sentido dores, apenas um leve mal-estar quando a lâmina da serra lhe penetrara as costas. Ao se despedir com os amigos que o acompanharam na viagem, ele me deu seu endereço para que o pudesse visitar depois, quando fosse a São Paulo (GREENFIELD, 1999, p.119-120).

Para Greenfield, não há dúvidas de que as intervenções espirituais, em que não se usam antissépticos ou anestesia, nas quais os pacientes dizem quase não sentir dor e sangram pouco, não desenvolvem infecções e se recuperam prontamente, “não são apenas excepcionais, mas também anômalas no sentido de não encontrarem explicações dentro dos paradigmas tanto da psicologia, quanto de qualquer outra ciência médica convencional” (GREENFIELD, 1999, p.120).

Ademais, a psicologia não se configura totalmente uma ciência médica, mas uma ciência da saúde. No entanto, a psicologia transpessoal, fundamentada na física quântica, não descarta a possibilidade de uma possível explicação para as ‘intervenções psíquicas’; ela só não assevera categoricamente isto porque é ainda campo é recente na literatura: “[...] se nada mais, há ligações entre a consciência e o mundo físico, ligações que apenas começamos a examinar e entender” (GROF, 1994, p.233).

Seria uma discussão parapsicológica? Greenfield evita uma área quase sempre tendenciosa e polêmica entre psicólogos e parapsicólogos⁸². Os antropólogos, por sua vez, procuram explicações ao nível social ou cultural, muito mais que a nível individual.

2.6.1 Greenfield e a aproximação etológica do espiritismo

Para Greenfield (1999), o espiritismo kardecista concebe dupla realidade criada por Deus: uma material e familiar, e outra habitada por espíritos e desconhecida. Os espíritos são Entidades que animam as duas realidades. Quando na terra, vivendo em sociedades e habitando corpos, são chamados vivos ou encarnados; quando morrem ou deixam o corpo, retornam ao mundo espiritual; assim são chamados espíritos ou desencarnados. Logo, é possível o contato entre vivos e

⁸² Os parapsicólogos empregam o termo ‘psicocinese’ nas curas exclusivamente advindas de forças mentais.

mortos. Como os espíritos estão moralmente evoluindo, seja na Terra ou no mundo espiritual, eles devem reencarnar no planeta para aprender o necessário para se aperfeiçoar. Se o espírito, no uso do livre-arbítrio se rebelar, voltará para a Terra quantas vezes forem necessárias para rever a lição não aprendida.

O Brasil, segundo Greenfield (1999), tem forte influência de tradições africanas, no entanto, a crença de contatos espirituais é muito antiga e ultrapassa os limites da África, fazendo parte de outros continentes. Nesse contexto, conforme essa crença, os espíritos dos mortos podem se ‘apossar’ do corpo dos médiuns. Para as religiões que acreditam na relação entre espíritos, os chamados médiuns, pelo espiritismo, podem receber espíritos que, em vidas passadas, praticavam curas, como médicos ou outros profissionais da saúde; e os médiuns, sob influência desses espíritos, são denominados médiuns curadores.

Conforme os dois relatos anteriores de experiências, “cada um deles tem um espírito guia que opera usando seus corpos” (GREENFIELD, 1999, p. 121). Zé Arigó e Antônio de Oliveira Rios não operavam ninguém; os curadores eram espíritos que eles recebiam para a tarefa, respectivamente, um espírito alemão chamado Dr. Adolph Fritz e o outro, um italiano, Dr. Ricardo Stams.

Ainda aos olhos de Greenfield, não é fácil aceitar a descrição de intervenções praticadas com facas de cozinha ou serra elétrica, sem anestesia ou assepsia, e a pessoa sair andando e ter restabelecimento rápido. Os espíritas dizem que esta é uma ciência do futuro. Para um cético, é difícil aceitar a intermediação de espíritos de médicos usando o corpo de uma pessoa na cura de doenças. Mas essa é a explicação dos espíritas, do ‘diferente’, o esclarecimento etológico (GREENFIELD, 1999). Faz-se importante notar que entre os espíritas brasileiros, muitos são médicos, advogados, jornalistas, professores universitários ou graduados em outras áreas acadêmicas, cujas formações estão baseadas na racionalidade ocidental. Estes aceitam a crença de que as intervenções são produzidas por espíritos do além, com tecnologia avançada, enxergando no espiritismo uma filosofia e uma prática científica, além da religião.

Porém, para o espiritismo, nem todos os doentes necessitam de intervenção espiritual. O médium Bacelli argumenta que muitos espíritos atuam na área mental da fé da pessoa enferma, “porque muitas vezes a pessoa está doente por um mecanismo do inconsciente, refletindo no corpo somático. Quando o espírito atua, ele desarma esse mecanismo, e a pessoa desenvolve a fé”. Bacelli ainda inferi: “se a fé, do

tamanho de um grão de mostarda remove montanhas, ela não pode, por exemplo, remover um tumor?” (*apud* MUNDO MAIOR, 2016, s/p). Contudo, há fortes evidências científicas que ultrapassam os efeitos psicológicos nas intervenções espirituais (ALMEIDA *et al.*, 2000).

Para o médico, espírita e pesquisador dos fenômenos mediúnicos, Paulo Cesar Frutuoso, a analgesia e a assepsia ocorridas nessas operações têm explicações consideráveis, isto é, os espíritos, através de sua energia mental, influenciam o próprio paciente. “O pensamento é para eles o que são as mãos para nós [...]” (FRUCTUOSO, 2015, p.63). Frutuoso chama atenção para o livro *Experiências psíquicas além da cortina de ferro* de Sheila Ostrander e Lynn Schroeder. Nessa obra há relatos de cientistas que experimentaram a telecinésia⁸³ e constataram sua veracidade. Para Frutuoso, alguns espíritos possuem essa habilidade e, por isso, obram no cérebro dos pacientes.

Como o espírito-médico não trabalha sozinho, pois é assessorado por um corpo clínico em cada intervenção, possibilitando que cada um se responsabilize por uma região específica do corpo, a analgesia advém da intervenção das endorfinas e encefalinas – opiáceos fabricados pelos neurônios – que determinados espíritos induzem, através da força do pensamento, no paciente. Frutuoso alerta que quando os médicos descobrirem como os 15 bilhões de neurônios realizam a liberação desses narcóticos naturais, a ciência médica passará por um grande desenvolvimento.

Sobre a assepsia, ou seja, sobre a ausência de infecções por germes patogênicos no local das incisões, Frutuoso levanta a hipótese do gás ozônio. “Este gás está entre as principais terapias bio-oxidativas devido a seu custo baixo de obtenção e manutenção, facilidade de aplicação e resultados clínicos” (FRUCTUOSO, 2015, p.65). Acerca do ozônio, o mesmo apresenta efeitos bactericidas e fungicidas, além de ser utilizado como anti-inflamatório e sonífero. Desta maneira, pela força de pensamento dos espíritos sobre esse elemento químico, ocorre a esterilização do ambiente. No entanto, o autor afirma que ainda se está longe de entender os detalhes desse processo e ainda mais distante de executá-los.

Entretanto, os espíritas compreendem que os espíritos não apenas atuam no cérebro, mas principalmente no perispírito. Kardec entende o perispírito [do grego *peri*, ‘em torno, ao redor’] como um laço “que une corpo e espírito, é uma espécie de

⁸³ Cunha define a telecinésia como a “capacidade de interferir em objetos materiais sem a utilização de nenhum meio físico” (CUNHA, 2012, p.136).

invólucro semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro [o corpo]. O espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós [...]” (KARDEC, 1998a, p.33). O codificador do espiritismo alerta que este é um invólucro invisível que dá forma ao corpo, porém, pode-se verificá-lo em alguns fenômenos de aparição de ‘vivos ou mortos’. Para o médium Divaldo Franco, “A intervenção espiritual atua no perispírito, o modelo organizador biológico que, se retificando, traz bons efeitos de natureza somática” (*apud* MUNDO MAIOR, 2016, s/p).

Provavelmente, a operação espiritual no perispírito explique cortes que aparecem repentinamente no corpo da pessoa, ‘do nada’. A intervenção é feita no perispírito, de início, para depois se manifestar no corpo, como explicitou a FC8:

[...] Enfim, e aí eu cheguei lá, bem na hora que eu cheguei minha mãe estava na porta de entrada [do ônibus] e ela olhou para mim e disse assim: ‘estou me sentindo muito mal’ e ela começou a chorar e caiu, bem na hora assim, tuff, caiu. Eu cheguei e ela caiu. Aí aquele senhor que tinha me levado lá para dentro, o R. e mais um outro, levaram a mãe na frente daquele senhor que era então, no caso, a Entidade que estava atendendo. Aí ele estava diferente, estava com a voz bem calma e falou: ‘sou o Dom Inácio’, ele disse – outra Entidade, e aí eu já não estava entendendo mais nada, que eu estava acostumada com outra [...] o Dr. Bezerra incorporava em um, outro incorporava em outro. E aí minha mãe chegou. E ela tinha sido operada sem corte, é, sem instrumento, mas estava o corte, na fila, aí ele mostrou o corte e disse: ‘filha vem aqui, eu operei você’, daí ele pegou, pediu licença, puxou a blusa e minha mãe estava com um corte bem no coração assim e estava sangrando. Daí ele disse: ‘eu operei você’ [...] FC8.

Essa influência à distância no perispírito, originada no espiritismo, esclarece algumas operações que João de Deus realiza na pessoa representada pelo doente, a qual pode ser o pai, a mãe, a irmã ou alguém que tenha laços de afetividade com o enfermo. Assim, se o doente não pode se locomover, seu ente querido o faz por ele; se for permitida a operação por representação, ele a recebe em seu lugar. O representado que recebeu a operação não precisa passar pelos cuidados comuns e necessários aos outros operados. Wayne Dyer, renomado porta-voz norte-americano da literatura de autoajuda, em 2011, durante dois anos de tratamento alopático em sua leucemia, recebeu uma intervenção por representação através de uma amiga. “Passado o período de recuperação indicado pelas Entidades, na sétima noite após a cirurgia, Wayne sentiu-se saudável e cheio de energia, sendo capaz de voltar a suas atividades normais” (MACHADO, 2016, p.48-49); sua leucemia havia desaparecido.

Sobre a natureza desse corpo etérico, Kardec afirma que se constitui de “fluido universal, ao mesmo tempo eletricidade, fluido magnético, e até certo ponto, a própria matéria inerte. Poderíamos dizer que é a quintessência da matéria” (KARDEC, 1998a, p.133, questão 257). Para esse pensador, o perispírito é o agente das sensações externas, que estão conectadas aos seus respectivos órgãos, porém, não se localizam no corpo, dado que o morto não o sente. Nos primeiros instantes da criança, o corpo transmite as sensações ao espírito, passando antes pela sede das sensações, o perispírito. Desta forma, a dor está localizada no perispírito que transmite a sensação ao espírito.

E ele [João de Deus em Entidade] disse: ‘você viram eu cortar alguém lá dentro? Claro que não, não tinha, ninguém mexeu em ninguém e daí ele disse: ‘pois é’. Daí ele chamou meu pai mostrou umas cirurgias lá, aquelas que fazem no nariz, aí ele ainda martelou, **botou** no ouvido e martelou, ele disse para meu pai: ‘se você fizer isso em seu paciente o que acontece?’. Ele disse: ‘eu mato ele’ [risos]. ‘Pois é filho, porque aqui não é na matéria que faz isso’. E assim, ele foi nos mostrando com muita paciência (FC8, grifo de ênfase).

Para o espiritismo, a quintessência da matéria é maleável também de acordo com a vontade: “Nosso mediador plástico [...] é um ímã que atrai ou repele a luz astral sob a pressão da vontade. É um corpo luminoso que reproduz com a maior facilidade as formas correspondentes às ideias; é o espelho da imaginação” (PITRIS *apud* ROCHAS, 1980, p.10). Assim, para o espiritismo, possuindo o perispírito a característica da plasticidade, ele assume formas que pensamentos, atitudes, ações e influências que o espírito permite, inclusive intervenções.

2.6.2 O modelo etiológico da antropologia

As orientações antropológicas de E. B. Taylor e G. Frazier⁸⁴ afirmam que “toda cura ou intervenção no mundo material provocada por espíritos ou outros seres sobrenaturais, sem nem considerar a evidência, devem ser rejeitadas imediatamente como superstição” (GREENFIELD, 1999, p.125), mas Greenfield não se prende nisto. Somente com as pesquisas de Lévi-Strauss, na década de 1960, as quais unem cura

⁸⁴ E. B. Taylor entende que onde há interpretações demoníacas sobre doenças, não há espaço para medicamentos e dietas sérias. Para G. Frazier, esses fenômenos são magias, advindos de mágicos. Quem assim age, está encantado com suas habilidades performáticas de ventriloquia, prestidigitação e mistificação, distante de observar com isenção. Estes, abusam de sua esperteza sobre os ingênuos, buscando vantagens (GREENFIELD, 1999).

xamanística com psicanálise, compreende-se que os pacientes curados criam um mito e o revivem em seu psiquismo. É na relação entre curador e paciente que se cria a força mítica da cura. E, portanto, a cura surge desse ritual simbólico significativo na mente do paciente, onde as informações culturais e ou religiosas se transformam em imaginário, repleto de representações.

Existem estudos associando doenças com questões culturais (UCHÔA e VIDAL, 1994; ALVES e RABELO, 1998) e o papel do processo terapêutico transpassando valores sociais e culturais. De certo modo, algumas crenças do indivíduo contêm a cura, bastando para isso serem despertadas ou induzidas. Por isso, Greenfield concorda que apenas as doenças psicossociológicas e culturais podem ser sanadas pelos médiuns curadores, não as doenças físicas, as quais somente a biomedicina resolve. No entanto, para esse autor, essa é uma tendência nova, que pouco elucida as intervenções espirituais descritas anteriormente [da limpeza por trás do olho e da serra elétrica]. Lévi-Strauss, nesse cenário, deu início a outras interpretações mais condizentes.

Contudo, Greenfield identifica em Ernest L. Rossi, na obra *A psicobiologia da cura mente-corpo*, a explicação científica na medicina alternativa, aos limites da ciência médica, junto ao desenvolvimento de áreas como a neurologia, imunologia, endocrinologia entre outras. Rossi é um psicólogo que usa a hipnose em sua prática clínica⁸⁵ e, segundo ele, a hipnose revê e supera a teoria mente-corpo ao mostrar que o corpo humano é uma rede sistêmica de informações, em que a genética, o sistema límbico-hipotalâmico, o imunológico e outros decodificam informações recebidas pelo cérebro.

Para Rossi, o sistema límbico-hipotalâmico é o principal responsável pela codificação entre corpo e mente, encarregado de psicossomatizar afecções. Esse sistema constrói um elo entre informações simbólicas [entre elas, a comunicação semântica] e o soma. “O resultado é um modelo de interação e interdependência mente-corpo no qual a teoria da informação oferece as imagens básicas que abrem caminho (...) para uma vasta gama de possíveis alternativas terapêuticas” (GREENFIELD, 1999, p.130).

⁸⁵ Hipnose “é uma situação ou conjunto de procedimentos nos quais uma pessoa, designada de hipnotizador, sugere a uma outra pessoa, designada de paciente, cliente ou sujeito, que experimente várias alterações na sensação, na percepção, na compreensão, ou no controle do seu comportamento motor” (KIHLSSTROM *apud* GREENFIELD, 1999, p.132). É importante mencionar que antes da anestesia química, a hipnose era utilizada para evitar a dor (GREENFIELD, 1999).

Além da hipnose alterar o fluxo sanguíneo para algumas regiões do corpo, ela também contribui para controlar os hormônios estressores, como a cortisona e a beta-endorfina, atenuadora da dor. Ela também fortalece o sistema imunológico do corpo, evitando infecções e doenças.

Se os pacientes operados nesse estudo foram hipnotizados, talvez o fato de terem sentido quase nenhuma dor se possa explicar pelas sugestões emitidas pelos médiuns-curadores para que fossem liberadas as beta-endorfinas. Da mesma forma, mudanças no fluxo de sangue para específicas partes do corpo podem explicar a ausência de excessivo sangramento. E sugestões que estimulam o sistema imunológico podem reduzir os casos de infecções ou outras complicações pós-operatórias em condições não esterilizadas (GREENFIELD, 1999, p.131).

Para Greenfield, essa explicação é razoável, mas ainda faltam elementos argumentativos para esclarecer tal ideia. Sabe-se que a hipnose não é comum a todas as pessoas, isto é, há indivíduos que não possuem traços de personalidade facilmente hipnotizáveis; existem medições de escala de hipnose que evidenciam aqueles que são menos até os mais suscetíveis. Segundo Greenfield, em um estado normal de consciência, as pessoas não são facilmente hipnotizáveis, levando a compreender que o estado de transe é induzido pelo hipnotizador, nas intervenções espirituais, pelo médium curador. O funcionamento normal da consciência abre espaço para o estado de transe⁸⁶ sugestionado pelo curador. Porém, como visto, esta teoria não abarca todos os tipos de intervenção espiritual.

Conforme Cavalcanti (1983), o transe é um estado orgânico e fisiológico alterado pelas vias mentais. Para que isto ocorra, é necessária uma relação especial entre hipnotizador e paciente ou sujeito, uma espécie de 'conexão hipnótica'. É comum pensar que transe é insanidade ou 'coisa de anormal', mas, na maioria das religiões, quando ela ocorre, essa afirmativa não se sustenta (GREENFIELD, 1999). Vale ressaltar que a hipnose, uma espécie de transe ou estado alterado da consciência, excita a imaginação, a atenção, também envolvidas com a memória, a

⁸⁶ Para Maria Laura V. C. Cavalcanti, "Em um exame de parte da literatura sobre o tema, Hoskins (Hoskins, 1975) distingue três fenômenos diferentes contidos por vezes sob a mesma rubrica: a mediunidade, que designa genericamente o fato da comunicação entre homens e espíritos, não se confundindo com a possessão; o transe, que se refere a alterações orgânicas e fisiológicas no estado corporal tido como normal; e a possessão, definida geralmente como um estado de consciência 'alterada', no qual o indivíduo experimenta no próprio corpo a manifestação dos seres em cuja existência acredita. Há assim transe sem Possessão e possessão sem transe, embora o mais frequente seja a associação dos dois fenômenos" (CAVALCANTI, 1983, p.57, grifos da autora).

aprendizagem e o comportamento assimilado; tudo isso ocorre na psique estimulando o sistema nervoso autônomo, endócrino, imunológico e outros, numa atuação holística⁸⁷.

Apesar de todo esse processo complexo curativo, as explicações apresentam-se insuficientes para Greenfield. Assim, o autor busca aprofundar a compreensão da intervenção nos símbolos da mente humana, visto ser através do símbolo mental o advento da cura; levando a inferir que o doente despossuído dos símbolos não se cura. Se os símbolos por si só não curam, havendo a necessidade de despertá-los, sem eles a cura não se processa. Para esse antropólogo, tais símbolos atuam em um local imagístico no cérebro, denominado realidade alternativa de cultura, como observado anteriormente.

Diante do exposto nesse capítulo, observa-se que foram retratados os sentidos e os significados do espiritismo, sobretudo, a mediunidade e seus desdobramentos expressos por Kardec. Além disso, foram contempladas a concepção de ethos e visão de mundo do espiritismo, a etiologia e etologia das intervenções espirituais. Essa abordagem tem como intuito compreender as ações de João de Deus, mormente as mediúnicas, motivo pelo qual os FC fortaleceram suas visões de mundo e *ethos*, que aparentam ser inabaláveis, mesmo diante das acusações atuais contra o médium.

Os significados e sentidos apresentados, isto é, a maneira das definições e seus símbolos interconectados em razão de vivências e compreensões, evidenciaram que o espiritismo atual no Brasil se destaca especialmente como religião, porém, os FC não circunscreveram seu *ethos* e visão de mundo nessa percepção. Desta forma, revelou-se que os FC [e João de Deus] possuem sentidos ligados às concepções da espiritualidade contemporânea ou da Nova Era. No entanto, toda essa formulação ultrapassa o espiritismo em seus princípios e postulados, sem necessariamente se importar com coerências ou extensos encadeamentos lógicos, teóricos e práticos.

Para o espiritismo, a mediunidade, como um fenômeno natural, exige preparo para o papel condizente com seus fundamentos. Entretanto, tal atitude não é prática na Casa, ou melhor, do médium João, pois se preza pela mediunidade única e exclusiva dele, e que o mesmo parece não se limitar aos postulados cristãos, vide as denúncias que ele recebeu atualmente do Ministério Público Estadual de Goiás. Esse

⁸⁷ Segundo Greenfield, “embora os médiuns entrem em transe quando incorporam seus espíritos guias, eles negam enfaticamente que seus pacientes sejam hipnotizados” (GREENFIELD, 1999, p.134).

acontecimento ressalta a importância da ética mediúnica e de suas interligações, seja idolatria, atendimento individualizado e ou fé cega.

Assim, Independente dos discernimentos etológicos ou etiológicos das intervenções espirituais, estas ultrapassam a rasa erudição da hipnose como causa, desafiando novas compreensões científicas diante dos resultados encontrados nos relatos dos FC e em vasta bibliografia, não somente sobre João de Deus, mas igualmente de outros médiuns curadores.

Por conseguinte, tais decorrências lógicas levam ao questionamento do significado e sentido do binômio doença-saúde para as religiões, especificamente do espiritismo. Seria o sofrimento impulsionador útil na busca pela intervenção espiritual a ponto de negar o modelo biomédico? Como o corpo é visto nas intervenções espirituais? Quais os sentidos e significados dos FC sobre as intervenções espirituais realizadas por João de Deus? Essas questões serão analisadas no próximo capítulo.

CAPÍTULO III. A PARTICULARIDADE DO ESPIRITISMO NO PROCESSO DE SAÚDE-DOENÇA: AS VOZES DOS FC SOBRE AS INTERVENÇÕES ESPIRITUAIS

Nenhuma civilização até hoje pôde passar sem gente que curasse.
Antônio Flávio Pierucci

Neste capítulo, adentra-se diretamente no objetivo da presente tese, qual seja: entender e analisar os sentidos e significados dos FC advindos das intervenções espirituais, realizadas por João de Deus em Abadiânia/GO. Para atingir esse objetivo, faz-se mister a compreensão do processo saúde-doença para a religião, mais especificamente para o espiritismo. Dessa forma, parte-se daquilo que poderia ser entendido como sofrimento filosófico, ou seja, um desprazer a impulsionar ações visando substituí-lo. Se esse sofrimento decorre da doença, maior será a ação empreendida em sua eliminação junto aos seus respectivos simbolismos. Assim, há muitos meios de atenuação da dor, inclusive os que passam pela religião. Desde eras primevas à atualidade, saúde e religião fazem intercâmbios profícuos.

Em seguida, exteriorizar-se-á a relação histórica entre saúde e religião, evidenciando que desde o século XVIII, principalmente, a ciência paulatinamente foi adquirindo legitimação e poder, com a inversão proporcional da secularização sofrida pela religião. No entanto, se a ciência – mais especificamente o modelo biomédico – veio se fortalecendo até o início do século XX, em todo esse século, ela, de modo geral, mostrou-se insuficiente na solução dos problemas humanos, revelando que a promessa iluminista não se concretizou e que as conquistas científicas foram utilizadas em duas Guerras Mundiais que trucidaram milhares. Nesse presente caso da tese, entre outros motivos, que ressurgem o fortalecimento da religião e certa desvalorização do modelo biomédico.

Nessa tal tonificação religiosa muitos estudos se manifestam revelando que inúmeras doenças são melhores tratadas e curadas quando há vínculos religiosos e ou espiritualistas. Além do apoio do grupo que a fé proporciona, os sistemas imunológico, endócrino e cardiovascular se mostram protegidos pela crença.

Com a crise do modelo biomédico, não só a religião ganhou espaço, mas também as medicinas complementares e alternativas. Desta maneira, Ayurveda hindu, homeopatia, curandeirismo, técnicas de relaxamento/meditação, intervenção espiritual, massoterapia, cromoterapia e outros ganharam *status* de cura física e

espiritual. Assim, desfrutam as pessoas que passam a ser vistas numa perspectiva holística, mormente os enfermos.

Além disso, os sentidos e significados dos FC advindos das intervenções espirituais reforçam a compreensão de que é necessário algo mais do que é prometido pelo modelo biomédico. Como a intervenção espiritual não deixa de ser um tratamento alternativo, adentra-se no entendimento de que o espiritismo tem do corpo, perispírito e alma, e inter-relação na produção de saúde-doença. Por fim, evidencia-se a explicação de que o espiritismo fornece subsídios ao processo saúde-doença e explicita a importância do fluido universal, seja este advindo das intervenções espirituais ou de outros meios.

3.1 Sofrimento, doença e religião

Acerca do sofrimento, o escritor francês Émile Zola enuncia que “o sofrimento é o melhor remédio para acordar o espírito” (ZOLA *apud* RIBEIRO, 2016, p.06). Qual ser humano nunca vivenciou o sofrimento? Todas as pessoas já atravessaram tal estado, o que permite inferir que o sofrimento seja condição *sine qua non* do ser, algo ontológico na espécie humana. Dada a inescapável situação, ainda assim o ser humano não se entrega facilmente ao sofrimento, quiçá o motivo de Epicuro trazer à luz a determinação do prazer como ‘a’ finalidade da vida, o bem supremo, o motivo primeiro para evitar a dor (EPICURO, 1997). Vale frisar que se uma pessoa busca o prazer é porque de certa forma ela está em desprazer; que se encontra em um certo desconforto; que em alguns momentos, o sofrimento está a impulsionar meios de vida indolor. Desta forma, é possível pressupor que, possivelmente, o sofrimento move o ser humano. No entanto, longe de desejar o martírio, ele anima ações que caso não existissem, seriam improváveis. Nesse contexto, ampliando o pensamento, será o sofrimento o pai da civilização? Hipótese essa que corrobora o *Leviatã*, ou seja, se todos buscarem seu próprio prazer sem que haja uma força externa para obedecer, a humanidade se extinguiria (HOBBS, 2006).

Nessa busca hedonista, o sofrimento é aquele que desestabiliza, ‘tira o chão’, anarquiza pensamentos, agita emoções, transtorna ações e, provavelmente, produz doenças, vide as psicossomáticas. Parte-se do pressuposto que o tormento impulsiona a pessoa a sair dele, a buscar alívio, bem-estar, talvez cura; e esta, através da medicina, da religião ou dos muitos meios que a cultura legou.

Logo, o dissabor que interessa aqui é o relacionado à enfermidade mental e ou doença física. Para Terrin (1998, p.156), “a doença é a primeira experiência pessoal do anticosmo, do caos e da desordem”. Esse sofrimento doentio não se confunde com a dor. Para Marquez (2011), a dor está relacionada a efeitos sentidos em qualquer órgão do corpo; já o sofrimento, aos significados sobre sentimento; sentidos do conceito, linguagem, relação consigo mesmo, relação com o outro, conexão com emoções e com outros sentidos. Sendo assim, pode haver dor sem sofrimento [a exemplo dos iogues deitados em cama de pregos], como pode haver sofrimento sem dor [advindo da morte de um ente querido, por exemplo] ou o entendimento comum, dor com sofrimento. Normalmente, a doença está relacionada a esta última, dor e sofrimento⁸⁸.

Dessa forma, é evidente que o fator mental interfere na interpretação da dor, o que se permite deduzir que o alívio dela será de acordo com a cultura e a compreensão de determinado povo ou grupo, podendo ter vínculo religioso ou não. Quando o sofrimento de uma enfermidade mental ou doença física acomete alguém, ele produz uma “disrupção das formas e funções regulares da pessoa” (DUARTE e LEAL, 1998, p.13) e, dependendo da intensidade dessa ‘fratura na normalidade’, confunde o sujeito, criando um caos que o impulsiona à busca de sentido cósmico. Em primeiro momento, almeja a eliminação imediata do padecimento; em segundo, a compreensão da sua etiologia, procurando evitá-lo no porvir, ou seja, sua profilaxia.

Na busca desse sentido cósmico, da etiologia do desconhecido, a compreensão pessoal está a meio caminho entre o cosmo e os monstros que a religião pode dar conta (TERRIN, 1998). Não é de se estranhar que quando um ente querido está gravemente enfermo, entre os brasileiros, comumente faz-se uma oração a Deus pedindo alívio ou cura; ou quando há desastres com vítimas incontáveis, solicita-se ao ente divino recepção e atenção às almas ingressantes no espaço celeste. Suplica-se ao onicriador, não somente vitalidade aos que partiram, mas igualmente aos que ficaram – se possível, atualmente, de modo célere. Logo, religião e saúde possuem íntima relação, pelo menos em sua história. Para Terrin (1998), as religiões seriam inúteis se não pudessem sanar doenças ou dar entendimento holístico dessas.

⁸⁸ Mesmo ainda não havendo consenso científico sobre esses dois termos, infere-se que doença sem sofrimento pouco muda o quadro inerte; já doença com sofrimento, normalmente, impulsiona a um novo comportamento ou à cura.

Nessa situação, sobre religião e manutenção da vida, recorda-se da frase “onde toda ajuda humana sucumbe, ela dá espaço ao divino” (HEALING, 2008, s/p). Mesmo mostrando certo maniqueísmo, a ideia da proposição evidencia problemas insolúveis ao ser humano, os quais são dirigidos ao sagrado. Dessa maneira, religião, saúde e salvação estão unidas. O termo saúde está vinculado à salvação. “Saúde e salvação são termos co-originários, ou melhor, nasceram de um mesmo conceito e partilharam por muito tempo a mesma sorte e um mesmo significado geral” (TERRIN, 1998, p.154). Proferindo sobre as tradições de cura, Reimer (2008) aponta que “o termo grego *hygiés/hygiáino* é conhecido desde o século V a. C. e remete para a pessoa que é ‘sã’, ‘saudável’” (REIMER, 2008, p.11, grifos da autora). Hygieia era a deusa da saúde no mundo helenístico; de seu nome originou-se ‘higiene’, que trata das normas para preservar a saúde. As pessoas buscavam salvar o enfermo da doença e, se conseguiam, davam graças à divindade pela salvação. Mas elas também podiam dar graças ao divino pai, caso Ele levasse embora um grande sofredor ou alguém maléfico. Comumente, se uma pessoa estava morrendo afogada e, no último momento, foi salva, ou se alguém estava falecendo devido a alguma doença e recebeu uma graça de cura, voltando a viver, têm-se, assim, situações salvíficas religiosas.

Para Terrin (1998), os sofrimentos do corpo ou do espírito provinham de monstros do mal ou dos demônios. *Tiamat* (Mesopotâmia), *Azi Dahaka* (antigo Irã), *Vrtra* (Índia védica), Diabo (tradição cristã) e outros eram todos monstros responsabilizados pelas coisas negativas. Seja pela culpa do pecado ou por outra transgressão divina, os monstros e demônios ficavam encarregados pela punição. Nessa lógica, as aberrações monstruosas puniam, enquanto os deuses salvavam [quase sempre] da doença, da possessão e também da morte.

[...] não somente os monstros e demônios podem desencadear as doenças, mas também a ira dos deuses; é um outro modo de personificar e responsabilizar a doença, que se liga claramente ao conceito de pecado. Se o deus pode curar do mal, pode também provocar a doença, quando é ofendido e, conseqüentemente, fica irado (TERRIN, 1998, p.160).

De qualquer forma, para o que interessa nesta pesquisa, as funções terapêuticas da cura faziam parte de todas as religiões do passado. Terrin (1998) assevera que a salvação era associada à terapêutica e que, na atualidade, as religiões continuam valorizando esse aspecto. Mesmo a terapia sendo prezada pela religião, sabe-se que a religião cristã, com o passar do tempo, pouco deu importância ao corpo,

pois se encontrava mais preocupada com a salvação da alma, deixando para a medicina ou aos curandeiros a cura do corpo, o qual é entendido como uma espécie de máquina, principalmente a partir de Descartes (TERRIN, 1998).

Apesar de não se poder afirmar com certeza a soma exata de quais eram as terapêuticas utilizadas pelas religiões, estudos mostram que todas tinham finalidades curativas. Para Lemos (2002), a relação entre religião e saúde são expressas pela imposição de mãos, rituais de cura da pajelança cabocla, exorcismos e benzeduras. Reimer (2008) aponta a utilização da *incubatio*⁸⁹, de orações, da água salutífera [incluindo a hidroterapia], e o equilíbrio das substâncias do corpo em Alkmaion e Hipócrates⁹⁰ entre os antigos. Vieira (2012), por sua vez, aponta a prática dos ex-votos, a astrologia, feitiçarias e amuletos no mundo arcaico e no moderno. Nota-se assim que muitos são os meios de curas religiosas, condicionados pelo seu tempo histórico e espaço cultural.

No entanto, mesmo estando clara a relação entre religião e saúde na antiguidade, é fato uma cisão na idade moderna, o que será analisado a seguir.

3.2 Nascimento e agonia do modelo biomédico

No mundo ocidental, antes do século XIX, era comum encontrar doentes sendo tratados como se estivessem possuídos pelo demônio. Tal costume indicava que tais enfermos deveriam ser tratados como portadores de “corpúsculos de uma *matéria peccans*” (BERLINGUER, 1988, p.12, grifos do autor). Esses doentes poderiam ter apenas o padre como intercessor para que fossem libertas ou salvas, pois a alma deles padecia. Nesse cenário, e, não ao acaso, os primeiros hospitais surgiram nos mosteiros (TERRIN, 1998). Entretanto, apesar do domínio religioso mostrar-se forte, desde a Idade Média, a igreja enfrentava os avanços científicos, combatendo aqueles que a eles se dedicassem, seja com assassinato simbólico-

⁸⁹ A divindade salutífera denominada Asclépio de Epidauro utilizava-se da *incubatio* para curar. *Incubatio* era “o ato de dormir no espaço interno do templo, sob amplos pórticos, a fim de que, através de sonhos, fosse realizada a intervenção divina da cura” (REIMER, 2008, p.19).

⁹⁰ A Hipócrates de Cós, considerado o ‘pai da medicina’, apesar de não o ser, isto é, mesmo a medicina tendo surgido antes dele, foi-lhe atribuído uma descendência divina, como sendo parente distante de Asclépio, o deus grego da medicina e da cura, fama dada a tamanha sabedoria de cura que lhe era peculiar, ‘digna de um deus’ (RIBEIRO JR., 2005). O nome do deus Asclépio, em romano, é Esculápio; que se tornou sinônimo atribuído aos médicos.

social, como fez com Galileu Galilei⁹¹, ou real, a exemplo da atuação do Santo Ofício junto a Giordano Bruno (BAIARDI, 2011).

No entanto, Descartes fez-se influente no pensamento moderno. Em *As paixões da alma*, o filósofo postula o corpo como um relógio, isto é, uma máquina: “julguemos que o corpo de um homem vivo difere do de um morto como um relógio, ou outro autômato [...], quando está montado e tem em si o princípio corporal dos movimentos para os quais foi instituído com tudo o que requer para a sua ação” (DESCARTES, 1973b, p.228). Assim, como há quem entenda de consertar um relógio, a máquina do corpo deveria ser alvo de dedicação de um médico. Na obra *Discurso do método*, com a pretensão de que o humano fosse o ‘senhor da natureza’, Descartes afirma a importância da física aplicada aos conhecimentos dos variados corpos presentes no ambiente, inclusive à

conservação da saúde, que é sem dúvida o primeiro bem e o fundamento de todos os outros bens desta vida; pois mesmo o espírito depende tanto do temperamento e da disposição dos órgãos do corpo que, se é possível encontrar algum meio que torne comumente os homens mais avisados e mais hábeis do que foram até aqui, creio que é a Medicina que se deve procurá-lo (DESCARTES, 1973a, p.71).

Como é possível verificar, Descartes, ao declarar sua visão mecanicista dos corpos, afirma ser o médico o especialista dos órgãos do corpo. Tal atitude promulgava que a igreja e os padres deveriam não se envolver com as doenças do corpo, o qual é compreendido como criação grandiosa de Deus. Essa postura foi dissimulada pelo filósofo, visto que não quis que acontecesse com ele o mesmo que ocorrera com Galileu, ou algo pior. Destaca-se que o próprio Descartes, em várias de suas obras, argumenta sobre as partes mecânicas do corpo: artérias, cérebro e fibras musculares. Interessado na fisiologia humana, o filósofo tenta descrever a circulação sanguínea, a formação e o crescimento do feto e, quiçá, a teoria fibrilar como antecedente à teoria celular (CANGUILHEM, 2011). Sua herança é grande e vasta na medicina holandesa do século XVII e aos médicos desejou, conforme Donatelli (2003), “importância dada à experiência, o distanciamento da tradição e a adoção de princípios mecânicos na explicação do funcionamento do corpo humano” (DONATELLI, 2003, p.334).

⁹¹ Para Gleiser (2006), a humilhação de Galileu pela religião serviu de marco do contrário, ou seja, da aversão da ciência pela religião.

Mesmo submissas aos ditames religiosos, as pesquisas de Descartes [1596-1650], Giambattista Morgagni [1682-1771; anatomopatologista] e Claude Bernard [1813-1878; fisiopatologista] favoreceram que surgissem, nos séculos XVIII e XIX, as grandes descobertas da medicina moderna, ou seja, a explicação da circulação do sangue, o microscópio, as evidências microbianas, os cuidados com assepsia, o uso da anestesia, a qual facilitou e encorajou as intervenções, a descoberta de fármacos mais eficientes, bem como das vacinas, o fortalecimento da teoria das células e da fisiopatologia (CHIORO DOS REIS, 2016).

Esse desenvolvimento medicinal se somou ao andamento do capitalismo – ou antes o contrário, o desenvolvimento do capitalismo impulsionou o progresso medicinal – pois a mão de obra da força de trabalho não poderia adoecer para não prejudicar a produção. Fazia-se necessária uma medicina aplicada à força de trabalho, isto é, a medicina social, segundo Foucault (1982). Para esse pensador, o capitalismo nascente

socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica (FOUCAULT, 1982, p.47).

Como esfera importante ao capital, a medicina deveria evitar o máximo possível as enfermidades dos trabalhadores, contribuindo para maximizar suas aptidões industriais e comerciais, impedindo a “subtração de forças, a diminuição do tempo de trabalho, baixa de energia, custos econômicos, tanto por causa da produção não realizada quanto dos tratamentos que podem custar” (FOUCAULT, 1999, p.290-291). O Estado, como gestor dos interesses das classes de poder, não somente criava instituições de saúde, mas como, pano de fundo, patenteava sua política de vida e de morte sobre a população, o biopoder. Assim, o Estado forjou os mecanismos regulamentadores – conectados aos mecanismos disciplinares dos corpos – que se multiplicariam no século XIX, estando presentes nos níveis macro e micro: “[...] nós as encontramos, é claro, no nível estatal, mas também abaixo do nível estatal, com toda uma série de instituições subestatais, como as instituições médicas, as caixas de auxílio, os seguros, etc.” (FOUCAULT, 1999, p.299).

Com a promessa de vida melhor nas cidades, há um adensamento populacional, fazendo emergir novas epidemias e endemias. A conjuntura de saúde social, nesse contexto, sofre grande abalo e as baixas condições de higiene se somam à pobreza. “Pobreza esta, componente e retrato de uma população imensa e mendiga, com condições propícias para criar a doença, a delinquência, o banditismo, a violência e a prostituição” (CHIORO DOS REIS, 2016, p.15). Dando prosseguimento à regularização estatal, o Estado promulga políticas de saúde coletiva na intenção de reduzir ao mínimo o índice de morte da força de trabalho, ou seja, dos trabalhadores; por outro lado, eram esses mesmos doentes que deveriam consumir os produtos depois, não olvidando do crescimento populacional. Nesse momento histórico, o interesse na saúde do trabalhador “tinha como parâmetros a noção de saúde como ausência de doença, sendo que esta preocupação se dava para que os indivíduos não adoecessem e pudessem gerar mais ônus ao Estado e ao empresariado” (GONÇALVES, 2006, p.18).

Assim, desejando que os doentes fossem curados, o Estado, em meados do século XIX, contribuía com uma política voltada para o coletivo, pois a causa do processo saúde-doença se encontrava dentro da teoria miasmática, ou seja, as pessoas ficavam doentes porque viviam em meio contagioso, cuja composição eram restos de animais e de vegetais putrefatos e de água estagnada. Tendo a doença uma causa comum, o tratamento era igual para todos. No entanto, com a descoberta dos micróbios, a visão miasmática foi sendo soterrada, pois ao ser localizado o agente causador, a experiência empírica passou a dar à medicina *status* científico, eximindo-a da ‘emanação religiosa’. Isto fez com que a medicina se voltasse para o tratamento individual. Por conseguinte, surge a medicina clínica. Desta forma, há um “recrudescimento das políticas sanitárias e a supremacia da assistência individual daí em diante” (CHIORO DOS REIS, 2016, p.17).

Em tal experiência clínica, a qual Foucault entende como uma “abertura, que é a primeira na história ocidental, do indivíduo concreto à linguagem da racionalidade, este acontecimento capital da relação do homem consigo mesmo e da linguagem com as coisas” (FOUCAULT, 1977, p.XIII), observam-se dois lados: do médico e do doente. Nessa ‘associação’ há um debruçar-se sobre a doença individual, pois há observação do enfermo em busca de uma anamnese [história], diagnóstico [investigação] e prognóstico [previsão] mais objetivos, além de esquadrinhamentos desde o leito da manhã ao leito da noite, do nascimento à morte.

Muitos estudiosos e cientistas, “[...] de Robert Koch [1842-1910] a Louis Pasteur [1822-1895], individualizaram as causas, os mecanismos de transmissão, as medidas preventivas e higiênicas [profilaxia] para muitas doenças infecciosas” (BERLINGUER, 1988, p.15). Porém, Berlinguer (1988) alerta que não foi dada atenção necessária ao fato de que um mesmo componente, a alimentação, por exemplo, pode ser fonte de saúde e doença. “Um mesmo elemento pode assumir dois valores: ser fonte de saúde ou razão de mal-estar. A mesma ambivalência que circunda as *causas* de saúde ou de doença vale também para as *manifestações* dos dois fenômenos” (BERLINGUER, 1988, p.16, grifos do autor).

Nas primeiras décadas do século XX, a euforia medicinal dispersou-se largamente, promovendo uma concepção de que todas as doenças seriam conhecidas e combatidas com vacinas, soros e medicamentos potentes contra os microrganismos (BERLINGUER, 1988). Porém, essa imaginação excitada não perdurou, pois se descobriu que muitas particularidades de uma doença perpassavam pelo viés das condições subjetivas da vida e não somente dos fatores materiais.

Contudo, a industrialização, a urbanização e o crescimento populacional evidenciaram que as doenças transmissíveis davam lugar às doenças crônico-degenerativas [obesidades, diabetes, doenças respiratórias, cardiovasculares e outras], àquelas advindas do trabalho [DORT - doenças osteoarticulares relacionadas ao trabalho e acidentes] e a problemas originados da violência [estupro, suicídio, assassinato, depressão e outros] (CHIORO DOS REIS, 2016). Diante desse quadro, em 1948, a OMS – Organização Mundial da Saúde –, agência subordinada à Organização das Nações Unidas, compreende saúde como “o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença” (SEGRE e FERRAZ, 1997, p.539). Apesar de, em tempos atuais, essa definição ser considerada utópica, mal definida pela subjetividade envolvida na expressão ‘completo bem-estar’ e outras críticas, na época, ela revelou que a saúde não poderia ser vista apenas pela ótica da ausência de enfermidades, mas por uma série de condições interconectadas do indivíduo, da política, da economia, do meio ambiente e de outras circunstâncias relevantes.

Desde a definição da OMS, os especialistas vêm criticando e construindo outros olhares sobre a relação saúde-doença. Atualmente vigora uma perspectiva de que esse processo é uma gangorra de condições sociais, econômicas e políticas, isto é, que as condições materiais de dada sociedade contribuem para que ora penda o

lado da saúde, ora não. Por outro lado, que as condições de desigualdade entre as classes sociais se refletem na distribuição injusta de maior ou menor saúde-doença (CHIORO DOS REIS, 2016). Soma-se a isso a valorização do corpo como aparência – objeto mercantil na cultura do espetáculo do capitalismo hodierno:

Repleto de contradições, o destaque e a busca por um corpo ‘perfeito, saudável e jovem’ não apenas revela os paradoxos em que se encontra a sociedade, mas também a incongruência de um modo de vida calcado numa racionalidade instrumental que, ao mesmo tempo em que notabiliza o corpo como local de felicidade, de representação da identidade social, o encaminha para uma obsolescência permeada pela lógica da mercadoria (TRINCA, 2008, p.03, grifo da autora).

À vista dessa situação, há uma crise do modelo biomédico, pois este está fundamentado no pensamento racional moderno; as garantias de prosperidade não se verificaram; a visão mecanicista, dualista do corpo máquina separado do espírito, centrada na doença, desprezando o doente, concentrada nas habilidades médicas, não no vínculo médico-‘paciente’ impediu que outras verdades viessem à tona (CHIORO DOS REIS, 2016) como a de que o doente é responsável pelo seu bem-estar e de que suas interpretações influenciam em sua saúde, ou que é relevante uma visão holística da saúde-doença. Hegenberg (1998) questiona se a farmacologia, atrelada à biomedicina, não está também a serviço de lucro ao apenas mitigar e não curar a doença. Além disso, há uma relação de poder desigual nesse modelo ao menosprezar a possível origem da doença mencionada pelo paciente: mental, emocional ou espiritual. Nesse contexto, a medicina ocidental ‘escuta’ o corpo físico e raramente confia nos relatos do paciente (ROCHA, 2015), gerando neste insatisfação e pouco vínculo.

Tendo em vista apenas o ‘corpo doente’, normalmente o médico utiliza tecnologias duras, centradas em equipamentos ou instrumentos médicos, para o diagnóstico, ignorando o humano enfermo no contexto de sua vida complexa. “Descuida-se, assim, da exigência de concentrar a atividade curativa não somente em simples organismos e aparelhos, mas também em regimes de vida, em comportamentos, na participação do paciente no tratamento da sua doença” (BERLINGUER, 1988, p.55) – a chamada tecnologia leve.

Não há dúvidas de que os avanços biomédicos diminuiram ou extinguiram doenças infectocontagiosas, produziram e ampliaram a eficiência dos antibióticos, aumentaram as taxas de natalidade, a longevidade da população e outros benefícios.

No entanto, ao observar de modo não isolado, muitos dos tratamentos se tornaram exclusivos a uma pequena parcela da população, contribuindo com o *apartheid* social. Várias curas somente são conseguidas através de exames caros e dispendiosos. Tal questão econômica [e problema social, somando-se à fome e à falta de saneamento] atende interesses corporativos quanto ao uso das tecnologias duras, restringindo seu acesso a determinadas classes sociais (MERHY, 1999). Para esse autor, tal modelo contempla os ganhos do capital ao curar ou melhorar o corpo como 'máquina organizacional' do mercado exigente: "perspectiva mercantil e lucrativa do olhar do capital" [...] (MERHY, 1999, p.306). Além disso, para piorar, são poucos os médicos que, reconhecendo o valor da espiritualidade na vida do doente, receitam meditação, reiki (FREITAG *et al.*, 2015) ou outro tratamento além dos convencionais, os quais são reduzidos aos fármacos e a seus efeitos colaterais.

Essa agonia do modelo biomédico, por seu lado profícuo, enceta pesquisadores, cidadãos enfermos e profissionais envolvidos em constantes dúvidas de procedimentos de cura a abrirem perspectivas para novas posturas, aceitando novidades que antes eram rotuladas como credices ou superstições, efeitos placebos. No entanto, agora, tais efeitos placebos curam (BALESTIERI, 2009).

Lipovetsky (1989), pensador do mundo hipermoderno, aponta que se vive o consumo rápido e sedutor, ou seja, que se transita em meio à fetichização reificada e a valores voláteis; o autor ainda argumenta que a mudança do paradigma médico visa seduzir clientes cada vez mais individualistas e desejosos de tratamentos personalizados:

A medicina sofre uma evolução paralela: acupuntura, visualização do corpo interno, tratamento natural por meio de ervas, biofeedback, homeopatia, as terapias 'suaves' conquistam terreno, advogando a subjetivização da doença, a gestão 'holística' da saúde pelo próprio indivíduo, a exploração mental do corpo em ruptura com o dirigismo hospitalar; o doente já não deve continuar a sofrer passivamente o seu estado, é responsável pela sua saúde, pelos seus sistemas de defesa, graças às potencialidades da autonomia psíquica (LIPOVETSKY, 1989, p.23, grifos do autor).

Assim, mesmo diante de uma possível 'abertura interesseira e mercadológica', nada impede que outras forças políticas e sociais se direcionem para fins mais solidários e justos; não somente a uma parte da população, mas a todos que precisam. Logo, diante dessa transformação do modelo médico, realizam-se algumas tentativas para ampliar o leque de cura no revigorar de antigos tratamentos, mesmo

que estes ainda não tenham sido comprovados cientificamente. Seria essa falência do modelo biomédico uma possibilidade de religar saúde e religião, espiritualidade e cura, ciência e religião?

3.3 Religião, espiritualidade e saúde: novas conexões

Há quem pense que religiosidade e espiritualidade são sinônimos. Porém, ao ponderar uma diferença entre elas, é possível concordar com Koenig (2015) quando este afirma que religiosidade é o exercício de uma religião, e esta é entendida como “um sistema de crenças e práticas observado por uma comunidade, apoiado por rituais que reconhecem, idolatram, comunicam-se com ou aproximam-se do Sagrado, do Divino [...]” (KOENIG, 2015, p.11). Aquele que tem religiosidade normalmente segue alguma escritura sagrada que lhe dá o sentido do universo e alguns preceitos morais de como ser [*ethos* e visão de mundo de Geertz]. Já a espiritualidade está “baseada na busca inerente de cada pessoa do significado e do propósito definitivos da vida” (KOENIG, 2015, p.13).

Mais complexa que a religiosidade, a espiritualidade está relacionada à experiência do próprio ser; e, devido a isto, ela é multidimensional em três sentidos: filosófico, experiencial e comportamental (KOENIG, 2015). O aspecto filosófico se destaca por procurar significados profundos da existência e da verdade e por buscar viver um sistema de valores autônomos e imperativos. O lado experiencial se apresenta pelas emoções envolvidas, como amor, paz de espírito, plenitude e sentimento oceânico. A dimensão comportamental, por sua vez, surge no contato com a comunidade, expressando o lado filosófico e experiencial.

Muitos espiritualistas experimentaram o sagrado em contato com a natureza, outros tiveram essa experiência em momentos agonizantes e cruciais. Neste último caso, o protótipo é do professor e filósofo Manuel García Morente que, antes da Guerra Civil Espanhola, era considerado um professor universitário cético, quase ateu; e após a experiência de viver refugiado na França, longe de suas filhas, tem um contato profundo ‘com Ele’ [Jesus] e transforma-se. Finda a Guerra, García Morente decide entrar para um mosteiro, passando por ironias e desprezo acadêmico (MORENTE, 1989). Para esse professor, a experiência foi tão forte que, anteriormente, sua saúde mental debilitada, expressa em angústias e mal-estares, de repente se renovou em vigorosas forças vitais.

O exemplo desse filósofo espanhol é de um espiritualista religioso, mas há quem não siga ritual algum e mesmo assim é um convicto espiritualista. Robert C. Solomon, filósofo norte-americano, defende a espiritualidade naturalizada, ou seja, uma espiritualidade secular, encontrada neste mundo, não em outro; para Solomon, há um “sentido não-religioso, não institucional, não-teológico, não-baseado em escrituras [... ou], em crença, que não seja dogmático, que não seja anti-ciência, que não seja místico, que não seja acrítico, carola ou pervertido” (SOLOMON, 2003, p.19). No entanto, não é relevante e substancial ser distante de qualquer ritual e só dizer-se espiritualista no intuito de aparentar ser, como normalmente se expressa alguns adeptos da Nova Era. Aparência não é conteúdo. É preciso ter compromisso com a crença espiritualista ou religiosa, como declara Koenig (2012).

Por conseguinte, pode-se dizer que para um espiritualista, a fé está em uma força transcendente, não necessariamente em Deus (CHIORO DOS REIS, 2016); nem se verifica, impreterivelmente, a fé realizando rituais. Com uma visão não-religiosa, nota-se que há abundantes interpretações dos livros sagrados, o que para o religioso é difícil de conceber. Talvez seja um absurdo, pois para o religioso, o livro sagrado é escrito pelo próprio deus (GLEISER, 2006). Possivelmente, para um espiritualista, tais livros revelam uma tentativa humana de organizar o caos da vida primitiva, ou seja, de dar sentido cósmico à mesma, de criar “um corpo de narrativas dedicadas a construir uma realidade espiritual baseada em certos preceitos morais” (GLEISER, 2006, p.A-28), ou de expressar valores fundamentais da vida em comum.

Sendo assim, diante de acontecimentos como sofrimento, doença e morte, fatos que abalam ou dizimam a saúde, o espiritualista e o religioso apresentam orientação de firmeza no tratamento ou conformismo com o inevitável. Nesse cenário, suscita o seguinte questionamento: como a medicina concebe a espiritualidade ou a religiosidade diante do processo saúde-doença?

Desde o caso de Galileu, mas principalmente com a Revolução Francesa e com a publicação de *A origem das espécies* de Charles Darwin, até a década de 1980, muitos intelectuais e cientistas possuíam uma visão da religião institucional como propiciadora de condições abjetas de vida, entre eles: Voltaire, Condorcet, Nietzsche, Marx, Schopenhauer, Freud, B. F. Skinner, Sartre e outros. Esses pensadores e seus estudiosos ajudaram a propagar que a religião formal era irracional, antiquada, controladora e inimiga do conhecimento. Porém, de forma mais enfática, a partir de

1980 (GUIMARÃES, 2007), investigadores começaram a perceber que a religião promovia qualidade de vida aos seus seguidores, suscitando novas pesquisas. Além disso, as ligações entre religião e ciências se romperam no século XVIII; e na recente década de 1980, reiniciaram-se novas junções entre ciência e religião, saúde e espiritualidade. Guimarães (2007) constatou que somente entre 1982 e 2007 foram produzidos 36 mil artigos médicos relacionando saúde e religião. De qualquer forma, mesmo a ciência ainda sabendo pouco sobre a relação entre saúde e fé, ela já admite influência recíproca. “Não sabe medir, nem examinar em laboratórios estas reações, por enquanto apenas registra a relação entre melhores evoluções clínicas e fé (SANTOS, s/d, p.115).

Na investigação por validade, pesquisas médicas revelam que “a prática religiosa talvez possa oferecer um potencial benefício sobre pressão arterial, função imunológica, depressão e mortalidade” (GUIMARÃES, 2007, p.91). Tais estudos evidenciam que práticas religiosas promovem aos enfermos “conforto espiritual, ambiente propício à reflexão, fraternidade, carinho e amor” (SOUZA, 2009, p.89), proporcionando um meio favorável a imunologia e a todo processo orgânico daí advindo. Há estudos que vêm provando vantagens das atitudes religiosas ou espiritualistas frente a doenças cardiovasculares ou neoplasias. Na conexão entre religiosidade, espiritualidade e saúde mental, pesquisas confirmam que

Crenças religiosas influenciam o modo como pessoas lidam com situações de estresse, sofrimento e problemas vitais. A religiosidade pode proporcionar à pessoa maior aceitação, firmeza e adaptação a situações difíceis de vida, gerando paz, autoconfiança e perdão, e uma imagem positiva de si mesma (MOREIRA-ALMEIDA e STROPPA, 2008, p.432).

Entre as várias prevenções que a religiosidade e a espiritualidade favorecem à saúde estão o menor uso de álcool, de drogas e do tabagismo e não possuir um comportamento sexual de risco. Assim, por haver uma relação direta entre comportamento e estilo de vida com doenças graves, a religiosidade e a espiritualidade envolvem o praticante em desestímulo de vivência permissiva e incentivo na melhoria de qualidade de vida, com propósito (MOREIRA-ALMEIDA e STROPPA, 2008). Quando a doença se agrava, o *coping*⁹² religioso dá amparo e ajuda

⁹² “*Coping* pode ser melhor definido como o conjunto de estratégias utilizadas por uma pessoa para se adaptar a circunstâncias de vida adversas ou estressantes” (MOREIRA-ALMEIDA e STROPPA, 2008, p.430).

o enfermo a controlar-se diante de mal-estares agudos advindos da doença e ou da utilização de remédios. O *coping* de fé, junto a uma rede social de apoio, fortalece a pessoa para que ela não cometa suicídio, por exemplo. Mas, não se trata apenas disso, há vários fatores protetores originados do envolvimento religioso: “crenças na vida após a morte, autoestima e objetivos para a vida, modelos de enfrentamento de crises, significado para as dificuldades da vida, uma hierarquia social que difere da hierarquia socioeconômica da sociedade [...]” (MOREIRA-ALMEIDA e STROPPIA, 2008, p.432). Desta forma, robustecendo tais sustentos religiosos, “a religião oferece não só apoio espiritual em momentos difíceis e uma comunidade fraterna e acolhedora, mas também respostas às questões de caráter fundamental e misterioso, como a origem do Universo, da vida ou da mente” (GLEISER, 2006, A-28).

Diante dessa pujante averiguação entre saúde e religião, “a espiritualidade e sua relação com a saúde têm se tornado claro paradigma a ser estabelecido na prática médica diária” (GUIMARÃES, 2007, p.89). Do conjunto de informações valiosas que pode proporcionar um paradigma, faz-se notar sua importância metodológica. Assim, Thomas Kuhn e Karl Popper, Moreira-Almeida e Lotufo Neto (2003) propõem que tal paradigma esteja fundamentado em alguns critérios metodológicos, incluindo a simplicidade: “abrangência [capacidade de resolver o maior número possível de problemas], falseabilidade [capacidade de fazer previsões arriscadas passíveis de serem testadas] e potencial heurístico [fertilidade em levar a novas descobertas]” (MOREIRA-ALMEIDA e LOTUFO NETO, 2003, p.23).

Apesar de Kuhn referir-se a paradigmas, relacionando-os a ciência comum, com a potencialidade de “fornecerem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 1998, p.12), em outro momento, o pensador menciona que o território da prática das experiências – com seus exemplares a revelar leis, teorias, aplicação e instrumentação – possibilita criar tradições coerentes e específicas de pesquisas. Desta maneira, se esse novo paradigma entre religião e saúde ainda não está consolidado, nada impede que sua concretização avance aos poucos convencendo mentes com lentes e instrumentos, através de comprovações cada vez mais abrangentes.

Possivelmente, com o estabelecimento desse novo paradigma entre saúde e religião, pode-se observar que casos exemplares como o da ‘Senhora Harris⁹³’,

⁹³ A senhora Harris morreu aos 101 anos. Morreu vigilante como viveu, disse a família. Mesmo enferma, sua alegria consolava parente e amigos, destacando suas qualidades. Constantemente dizia que o

relatado por Koenig (2015), não são exceção entre médicos, religiosos e espiritualistas. Koenig, como médico e pesquisador do tema saúde e religião, há mais de trinta anos, procura demonstrar que aspectos mentais, sociais e religiosos afetam o corpo físico. Se a interpretação de um deus punitivo e vingador é causa de estresse, não há dúvidas de que esse estresse “influencia as funções fisiológicas de maneira já muito conhecida e tem impacto em três sistemas ligados à defesa do organismo: o imunológico, o endócrino e o cardiovascular” (KOENIG, 2012, p.20), e pode levar o religioso a ficar doente. Para evitar o estresse, conclui Koenig, é melhor crer num deus amoroso e misericordioso.

Mesmo diante de promissoras relações entre saúde e religião e do modelo biomédico, que tem dificuldade de agregar saberes não convencionais, Koenig aponta benefícios aos profissionais de saúde, traduzidos em sete motivos para satisfazer as necessidades espirituais dos pacientes que, de certa maneira, provavelmente, são evidências dos critérios de simplicidade, abrangência, falseabilidade, potencial heurístico. Eis os motivos: a) a maioria dos pacientes religiosos gostaria que sua fé fosse levada em conta no tratamento médico; b) o *coping* religioso ajuda os pacientes a lidar com a doença; c) “[...] as crenças e práticas religiosas podem influenciar os resultados médicos” (KOENIG, 2015, 158), pois o estresse afeta os resultados do sistemas imunológico, endócrino e cardiovascular; d) os pacientes podem estar isolados fisicamente de suas comunidades religiosas; e) as crenças e rituais dos pacientes podem entrar em conflito com as decisões médicas; f) após sair do hospital ou da clínica médica, os pacientes podem adotar comportamentos religiosos ou não que comprometam o tratamento médico e; g) mais restrito ao território norte-americano, os treinamentos médicos, de enfermagem e psiquiátricos exigem sensibilidade às crenças religiosas dos pacientes. Por fim, conclui o autor asseverando que o enfermo é “uma pessoa única com necessidades físicas, psicológicas, sociais e espirituais que devem ser respeitadas se for para potencializar o tratamento médico e tratar a pessoa inteira” (KOENIG, 2015, p.160). Logo, diante dessas premissas, é fácil entender a causa de a religião aumentar em até 35% a sobrevivência da pessoa, permitindo que ela viva mais e melhor (KOENIG, 2012).

segredo da vida era: “sua fé, sua família e o fato de não beber ou fumar, nessa ordem. E a ordem era importante, ela enfatizava” (KOENIG, 2015, p.03). Enquanto cantava um hino religioso, a voz e a respiração ficaram lentas até parar. Morreu expressando um leve sorriso, um sorriso que as pessoas acostumaram a ver quando estava feliz. Para o pesquisador Koenig, “ela representa um *benchmark* de saúde da vida real, tanto física quanto mental” (KOENIG, 2015, p.03).

Essas comprovações revelam certa complementariedade entre ciência e religião, não oposição. “O conflito entre as duas não é, de forma alguma, necessário. Basta saber distinguir o que uma ou outra pode e não pode fazer” (GLEISER, 2006, A-28). Francis Collins, químico e médico, especialista em mecânica quântica e biologia molecular, e um dos cientistas responsáveis pelo mapeamento do DNA humano em 2000, depois de sua conversão ao cristianismo, garante que é inconveniente discutir religião com as ferramentas da ciência⁹⁴ e:

Você pode ler a Bíblia ou ler o livro da natureza e encontrará verdade nos dois. É preciso ser cuidadoso, naturalmente, sobre o tipo de questão a fazer e sobre quais ferramentas são necessárias para cada questão. Parece-me que colocar de lado um desses tipos de investigação e dizer que ele seria ‘inapropriado e perigoso’ é empobrecer a oportunidade de tocar as questões mais importantes da vida. A nós é dado apenas um breve tempo neste planeta maravilhoso, então porque deveríamos nos limitar? Precisamos buscar a verdade em todas as direções (COLLINS, 2013, p.31).

Fortalecendo a harmonia das duas criações humanas, religião e ciências, Gleiser (2006) reconhece que o preconceito na cisão entre ciência e religião somente será superado quando a humanidade conhecer o papel social desta e daquela. “Negar uma ou outra é ignorar que o homem é tanto um ser espiritual quanto racional” (GLEISER, 2006, p.A-28). Para esse físico, é ingênuo imaginar um mundo sem religião. Ingênuo e prescindível, visto que a função da ciência não é impor o ateísmo e ou o materialismo, “mas dar uma descrição do mundo natural cada vez mais completa, baseada em experimentos e observações que podem ser repetidos ou ao menos contrastados por vários grupos” (GLEISER, 2006, A-28). Desta forma, a ciência pode minorar o sofrimento das pessoas, seja material ou metafísico. Não obstante, a ciência como remédio para sofrimentos metafísicos é discutível, visto que ela tem limites em suas explicações, normalmente amparadas em materializações.

Outro argumento relevante para somar na sinergia entre religião e ciência é a argumentação do biólogo David Sloan Wilson. Para ele, não é somente o religioso que vive de fé, mas igualmente o cientista, já que este precisa acreditar nas pesquisas passadas para embasar as suas:

Evolucionismo e religião não podem mais ocupar lados opostos do pensamento humano. Sempre haverá espaço para a fé, e ela não está

⁹⁴ Argumento semelhante foi o de Galileu diante do Santo Ofício, isto é, de que a função da Bíblia não é explicar o movimento dos corpos celestes, mas obter a salvação espiritual (GLEISER, 2006).

necessariamente limitada à religião. Há muita fé na ciência. Eu, por exemplo, não entendo muito bem a teoria da relatividade de Einstein, mas acredito nela. [...] Quando se pensa na enorme quantidade de descobertas científicas das últimas décadas, conclui-se que os cientistas, de todas as áreas, precisam ter fé nas teorias uns dos outros para seguir pesquisando (SLOAN WILSON *apud* PESSINI, 2007, p.190).

Se a religião estava distante do *status* científico por acreditar em fatos, os quais não possuem comprovações, isto é, provas ou certificações aceitas pela racionalidade acadêmica, a ciência também não se distancia de crenças. Nesse sentido, ambas podem ser entendidas como construções históricas, cuja linguagem está em constante mutação no exercício da comprovação ou não de crenças. É válido ainda ressaltar que até a 'aceitação de comprovação' depende de contextos específicos. No entanto, é explícito notar que o atual contexto da humanidade é o da ciência dura com poucos que tentam impedir sua maleabilidade como labutam alguns pesquisadores.

Sobre isso, não foi a intenção de Louise Catala fortalecer a relação ciência e fé, no entanto, Lantier (1971) apresenta o relato dessa senhora, o qual pode ser generalizável a outras religiões:

A ignorância em que nos comprazemos relativamente às doenças psíquicas deixa muitos doentes sem recurso. Quantas pessoas eu vejo morrer que um tratamento magnético-espírita poderia salvar! Mas preferem rir disso a submeter-se-lhe e ficar doentes, se não morrerem disso. Crisíacos preferem abandonar-se ao espírito que os tortura do que pedir socorro a espíritas, esses possessos! E os desgraçados não suspeitam que são eles os verdadeiros possessos (*apud* LANTIER, 1971, p.161).

Tal exposição ultrapassa o limite do espiritismo, pois amplia seu sentido para inúmeras religiões espalhadas pelo mundo, devido as suas curas ancestrais. Por outro lado, vale argumentar que 'os verdadeiros possessos' apontados pela Senhora Catala talvez façam relação àqueles 'seres simbólicos' que, dormentes na mente humana, são despertados por relações sociais e dominam quem deveria dominar. Ao abordar o assunto do fetichismo, Marx assevera que "os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantêm relações entre si e com os seres humanos. É o que acontece com os produtos da mão humana no mundo das mercadorias" (MARX, 1988, p.147).

Sem a pretensão de que as ideias sejam mercadorias, apesar de, certo modo, simbolicamente, serem, Marx alertava para poderes que alguns objetos ganham na convivência humana. Ora, não seriam algumas ideias que imperam na mente humana uma espécie de possessão, evidenciando um aspecto e negando outro? Os humanos possessos por ideias religiosas em comparação com os possessos científicos podem se deixar dominar por mitos e ou crenças que talvez gerem discussões homéricas ou massacres. Ambas são possessivas como se nota em: 'Deus mandou purificar bruxas, incinerando-as na fogueira e a Terra é o centro do universo' ou 'a bomba atômica está sendo construída para a paz ou as tecnologias científicas no campo de concentração nazista serviram para purificar a espécie'. De certo modo, muitas possessões se tornam autônomas na mente do ser heterônimo que cegamente obedece. Mas nem sempre a ideia possessiva pertence ao cego intelectual, pois o mais qualificado cientista também a possui. Distante da redundância, importa certa convenção nas pesquisas e verificação no empírico, o que não garante a não-possessão, mas pelo menos, em último grau, atende aos Direitos Humanos por meio de uma relação dialógica de ideias. Em outro viés, muitas ideias possessivas de ontem se tornaram objetos vantajosos para as sociedades, como o telefone ou a luz elétrica. Assim, nem sempre uma possessão é algo prejudicial, mas não se deve ignorar os problemas advindos ou os que podem surgir dela.

Ao refletir sobre possessões religiosas, o ex-Ministro da Saúde, Chioro dos Reis, não ignorou os resultados desfavoráveis que podem haver entre ciência e fé: "correlação negativa em relação à qualidade de vida. Depressão e saúde física, atitude de não adesão e abandono ao tratamento [por acreditar em cura divina]" (CHIORO DOS REIS, 2016, p.29). Se, por um lado a religião pode produzir estados de amor, tranquilidade e cooperação, por outro, talvez plante moralismo, incoerência e culpa em alguns seguidores. No entanto, seria imprudente desmerecer a grande quantidade de benesses nessa relação devido a alguns inconvenientes.

Diante das vagarosas mudanças de mentalidade ao longo da história, é possível identificar ideias possessivas por demais arraigadas. Nesse contexto, justifica-se o fato de que atualmente as medicinas complementares e alternativas [MCA] surjam em alguns centros de saúde pelo Brasil. Normalmente, elas são recebidas como superstições. Logo, não se poderia afirmar que o reavivamento dessas medicinas seria a declaração de incertezas no modelo biomédico?

Provavelmente. É importante salientar que as MCA não buscam somente a cura da doença, mas a harmonia de todo o corpo do enfermo. Assim, curas advindas das MCA estariam circunscritas ao efeito placebo?

3.4 Terapias além do efeito placebo: vitalismo e eficácia simbólica

Em 1996, a OMS e a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) reconheceram oficialmente que inúmeros fatores culturais influenciavam diferentes aspectos da saúde⁹⁵. Com as contribuições da antropologia médica, os diretores chegaram à conclusão de que se devia “considerar as necessidades específicas e as circunstâncias das diferentes comunidades, sua base social, cultural e econômica, bem como as crenças das pessoas que vivem nelas sobre sua própria má saúde [...]” (HELMAN, 2009, p.22) e tratamento. Helman cita o caso de algumas mães do Paquistão que não remediavam a diarreia de seus bebês porque acreditavam que essa enfermidade era necessária para o nascimento dos dentes e do crescimento dos filhos; outras mães argumentavam que caso se interrompesse a diarreia, o calor aprisionado no organismo poderia subir ao cérebro e causar febre; além dessas concepções, havia também a ideia de que diarreia era consequência de mau-olhado ou maus espíritos.

De modo geral, a descoberta da relação cultura-saúde pela OMS deu origem a quatro orientações significativas para os programas de saúde: 1) alterar o conhecimento da comunidade necessariamente não significa alterar seu comportamento; 2) é indispensável o desenvolvimento da ‘competência cultural’ – aquela que compreende e efetivamente responde às diferenças culturais; 3) esta competência cultural não pode ser vista como panaceia, ou melhor, “todas as realidades sociais, culturais e econômicas mais amplas da sociedade – como suas relações de poder e desigualdade – sempre precisam ser levadas em conta ao se tentar melhorar os cuidados de saúde para todos” (HELMAN, 2009, p.23); 4) é importante verificar a própria bagagem cultural para que os preconceitos e crenças não interfiram no tratamento.

⁹⁵ Ressalta-se que esta é uma descoberta tardia ou ignorada diante da própria definição de saúde originada em 1948, “completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”, ou seja, a saúde tem a ver com toda a vida da pessoa; o aspecto social pressupõe cultural, político, econômico, psíquico e outros, não somente na ausência de enfermidade. Se se aprofundar no aspecto mental mencionado, talvez a compreensão de saúde se expanda ainda mais, visto que esse aspecto possibilita inúmeras intercambialções.

À vista da relação cultura-saúde, muitas práticas tradicionais, alternativas e complementares foram pesquisadas, reconhecidas e valorizadas, necessariamente não como valor científico, mas cultural; talvez seja uma espécie de efeito placebo, mas com efeito profícuo sobre a saúde. Como consequência, o efeito placebo passou a ser respeitado. Atualmente, a psiconeuroimunologia⁹⁶ vem mostrando, por mais que se desconheça o processo exato – por exemplo, um copo com água e açúcar curar a dor de cabeça de uma criança –, há uma relação entre aquilo em que se acredita e o tratamento.

O efeito placebo ocorre não apenas no caso de uso de medicamentos inertes como também nas chamadas cirurgias brancas ou sham [do inglês, shamanic], nos tratamentos psicológicos ou outros tipos de tratamento que levem à sugestão de cura e nesse caso podemos colocar a fé que é depositada em um Ser supremo, Jesus Cristo, Buda, num santo, num curandeiro ou em si mesmo (BALESTIERI, 2009, p.67).

Sob essa vertente, Balestieri (2009) ressalta a importância do poder simbólico da sugestão e menciona o impacto causado na imaginação e as expectativas do enfermo quanto à cura. A conversa entre um médico e um curandeiro corrobora a tese:

O senhor, doutor, retira tumores, mata micróbios e combate os vírus. E eu expulso os demônios, aplaco os ancestrais irados e converso com os espíritos malignos. Temos a mesma profissão, doutor. Só mudam as palavras. Na cabeça dos nossos pacientes, existem imagens. São essas imagens que curam o coração e o corpo dos homens (*apud* BALESTIERI, 2009, p.72).

Consequentemente, mesmo não havendo de maneira explícita um condicionamento pavloviano, o fato é que o efeito placebo ministrado, usualmente com motivação e otimismo, induz a “liberação de neurotransmissores similares aos induzidos por substâncias farmacologicamente ativas” (BALESTIERI, 2009, p.72). Isto poderia explicar algumas curas ou intervenções espirituais não invasivas.

Assim, sob efeito placebo ou não, na relação cultura-saúde, houve a retomada despreconceituosa das medicinas complementares e alternativas⁹⁷. Entre estas,

⁹⁶ Balestieri define psiconeuroimunologia como a ciência que “tenta compreender como a mente, com toda a sua complexidade individual, interfere nas interações entre os três sistemas que fazem a homeostasia do corpo – os sistemas nervoso, endócrino e imune” (BALESTIERI, 2009, p.73).

⁹⁷ Opta-se por manter o termo ‘alternativa’ porque uma terapia popular não necessariamente ‘complementa ou integra’ a medicina oficial. Ratificando, Puttini (2008) alerta que o termo complementaridade, na verdade, complementa o poder médico na sociedade.

destacam-se as terapias advindas do saber histórico dos povos: medicamentos chineses tradicionais, Ayurveda hindu, medicina árabe Unani, as inúmeras formas de medicinas indígenas, homeopatia, curandeirismo, quiropraxia, medicina ortomolecular, técnicas de relaxamento/meditação, intervenção espiritual, massagem, oração a divindades, remédios populares, florais de Bach, cromoterapia, exercícios físicos, benzeduras, dietas populares, grupos de autoajuda e também

Las terapias de la MT [Medicina Tradicional] incluyen terapias con medicación, si implican el uso de medicinas con base de hierbasa, partes de animales y/o minerales, y terapias sin medicación, si se realizan principalmente sin el uso de medicación, como em el caso de la acupuntura, las terapias manuales y las terapias espirituales (OMS, 2002, p.01).

Em 2002, a OMS publicou um estudo mostrando que grande parte da população faz uso frequente das MCA⁹⁸ na África, Ásia, América Latina e em outras regiões. Isto evidencia que seu uso está arraigado no sistema de crenças dos povos e também vinculado ao baixo custo, possibilitando um maior acesso. Além dessas vantagens, pode-se ter menos efeitos colaterais com as MCA. No entanto, deve-se trilhar com prudência por esse caminho, adotando atitudes que se distanciem do entusiasta não crítico ou do cético desinformado. Segundo a OMS, “a fin de maximizar el potencial de la MT [MCA] como fuente de cuidado de la salud, primero deben afrontarse una serie de temas. Éstos están asociados con la política, la seguridad, la eficacia, la calidad, el acceso y el uso racional” (OMS, 2002, p.03).

Apesar de todo um amplo leque das MCA, nem todas recebem, por parte da OMS, permissão para serem executadas. No Brasil, em 2006, a promulgação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares [PNPIC] no Sistema Único de Saúde [SUS] reconheceu apenas cinco práticas: homeopatia; Medicina Tradicional Chinesa; Medicina antroposófica; plantas medicinais e fitoterapia e; termalismo social/crenoterapia. A partir de 2017, mais quatorze práticas foram incluídas: arteterapia, ayurveda, biodança, dança circular, meditação, musicoterapia, naturopatia, osteopatia, quiropraxia, reflexoterapia, reiki, shantala, terapia comunitária integrativa e yoga.

⁹⁸ Ressalta-se que a palavra medicina se originou do latim *mederi*, que significa ‘aquele que sabe o melhor caminho’ ou ‘tratar, curar’. Assim, o uso da palavra medicina não é exclusivo da ciência médica. Antes de haver a psicologia, a filosofia era considerada medicina de almas.

Apesar de algumas práticas, em maior ou menor grau, estarem vinculadas à religião, como a ayurveda, a meditação e outras, essa associação ainda é acautelada, pois há a probabilidade de certas práticas passarem pela secularização e adquirirem roupagem não-religiosa. Sob outra perspectiva, abrem-se portas para que práticas não tão conhecidas e não oficiais possam ser vivenciadas, como a intervenção espiritual. Sobre a intervenção espiritual tornar-se uma MCA, pouco se sabe ou pode-se afirmar, porém não há nada que impeça essa ‘hipótese’ de um dia se concretizar, reconhecendo, talvez diante de evidências concretas, que tal tratamento espiritual pode ser um complemento à medicina tradicional.

Por outro lado, salienta-se que a abertura às MCA, de certa forma, é uma resposta à crise do modelo biomédico, o qual é centrado nas ‘peças da máquina do corpo’, não no paciente como um todo. Eis o que as MCA propõem, ou seja, considerar o ser humano como um todo integrado, holístico, singular, corresponsabilizando o enfermo pela sua saúde. Assim, ressalta-se seu aspecto filosófico: ‘até que ponto os pensamentos ou o modo de processá-los interfere no bem-estar físico e psíquico do homem?’. Para as MCA, “o corpo físico nunca está só doente ou só saudável, já que nele se expressam realmente as informações da consciência, uma vez que o corpo deve seu funcionamento ao espírito/consciência que o habita” (CHIORO DOS REIS, 2016, p.30).

Estando além da visão das partes do corpo, as MCA têm como princípio que o ser humano é um todo sistêmico, entendendo a saúde em um sentido lato, ou seja, “interação complexa de fatores físicos, sociais, mentais, emocionais e espirituais. Nessa perspectiva, o organismo humano é compreendido como um campo de energia [e não um conjunto de partes como assume o modelo biomédico]” (ANDRADE e COSTA, 2010, p. 499). Para Andrade e Costa (2010), esse modelo de tratamento está inserido no paradigma denominado bioenergético, o qual é conhecido também como paradigma vitalista, em oposição ao hegemônico biomecânico. Sua logicidade está assentada na “existência de uma energia vital, numa compreensão de corpo simbólico que articula o corpo com seus mecanismos internos [celular, metabólico, nervoso] e externos [climático, geocósmico, cronobiológico, psicoafetivo...]” (LIMA, 2012, p.24).

Por esse ponto de vista, o corpo enfermo encontra-se com as energias oscilando em frequências díspares, sendo necessária a intervenção de certa(s) MCA, que lhe fornecem alguma energia sutil, reequilibrando todo ser, não somente seu

corpo; logo, há uma contribuição para que os sistemas bioenergéticos do corpo vibrem adequadamente.

Provavelmente, diante desse paradigma, deduz-se que as MCA são como ilhas interconectadas pelo mar, isto é, pela energia vital; são microssistemas unidos no bem-estar humano físico e ou espiritual. Por isso, seus diagnósticos e terapias não excluem tratamentos simples, associados às tecnologias leves, como balanceamento nutricional, filosofias orientais, consumo sustentável, modos profiláticos de vida junto à natureza, preocupação ecológica, práticas xamânicas, intervenções espirituais e outras condições que podem gerar estranhamento ao método científico e tradicional (ANDRADE e COSTA, 2010).

Nesse cenário, acentua-se que, como a visão da parte doente da estrutura física não respondia pelo todo desorganizado, ressurgiu o vitalismo no ocidente, tentando compreender o todo além da soma das partes, ou melhor, o corpo físico e suas funções. Como a visão mecânica não conseguiu resolver todos os problemas – observados anteriormente – o vitalismo atraiu a atenção dos pesquisadores interessados em uma visão complexa da natureza do corpo. Entende-se por vitalismo “a doutrina segundo a qual existe em cada indivíduo um ‘princípio vital’, simultaneamente distinto da alma pensante e das propriedades físico-químicas do corpo, que governam os fenômenos da vida” (LALANDE, 1996, p.1223-1224, grifo do autor). Para os vitalistas, há uma força que atua para além das funções normais da matéria bruta corporal, portanto, não se trata de ‘flogístico’, mas de energia produtora de efeitos harmônicos no organismo.

Muitos foram os pensadores que desenvolveram teorias embasadas no vitalismo, dando origem inclusive à visão da fisiologia moderna (MESQUITA NETO, s/d). Porém, sua procedência remonta à China do imperador Huang-Ti, que reinou entre 2698 a 2598 a.C.. Diz-se que o livro *Nei-Ching*, ‘O livro do imperador amarelo’, tem como base as conversas do imperador com seus ministros; além disso, a obra apresenta inúmeras contribuições à medicina, à filosofia e à religião chinesa. Trata-se de um somatório de argumentos para evidenciar, entre outras, a doutrina da energia vital. “Segundo o *Nei-Ching*, a vida permanece enquanto a energia se integra ao organismo; quando esta deixa o corpo, a vida chega ao seu fim” (CHIORO DOS REIS, 1996, p.45).

Desde então, muitos foram os pensadores que ponderaram sobre a energia vital. Para Hipócrates de Cós [460-377 a.C.] a força vital fazia parte da natureza do

universo a se expandir e manifestar na alma dos humanos e animais. Aristóteles [384-322 a.C.] argumentava da importância de se conhecer o princípio vital expresso nos corpos da natureza (CHIORO DOS REIS, 1996). Santo Agostinho [354-430] entendia a alma como causadora de bem e mal-estar na estrutura física, sem ser esta uma prisão daquela, o que contradizia Platão [428-347 a.C.]. Alguns entendiam que essa força era plural, como o próprio Platão, Paulus Venetus [1369-1429] e Bacon [1561-1626], porém São Tomás de Aquino [1221-1274], Giordano Bruno [1548-1600] e Descartes [1596-1650] foram de opinião diversa, pois concebiam a alma como única e inigualável. Contudo, Bruno afirma que essa força vital preside tudo o que permanece e se transforma no universo, não somente dos corpos animais, mas também celestes (NEVES, 2004). Por outro lado, Descartes herdou o pensamento mecanicista – tendo o relógio por modelo – inferindo que toda a *res extensa* seguia o mesmo princípio; e desde então, de certo modo, esse modelo é hegemônico até os dias atuais, principalmente depois da Revolução Francesa. Paracelso (1493-1541), considerado o ‘ressuscitador’ de Hipócrates e precursor da homeopatia, a energia organizativa da vida era constituída de princípios ‘mágicos’ denominados como ‘espírito anima’ nos minerais e vegetais e ‘arqueus’ nos animais. Os arqueus são almas menores presidindo os órgãos. Para este médico alemão, como a atividade orgânica depende do equilíbrio destes arqueus, seus desarranjos resultariam em doenças (CHAPERMAN, s/d).

Ainda nesse contexto, outro grande animista, considerando esse termo como teoria “segundo a qual uma única e mesma alma é ao mesmo tempo princípio do pensamento e da vida orgânica” (LALANDE, 1996, p.697) foi o filósofo Leibniz [1646-1716]. Para esse pensador, as mônadas constituíam tudo o que é o universo, visível e invisível. Ele as define como “substância simples, quer dizer, sem partes, que entra nos compostos. [...] São os verdadeiros átomos da natureza e, numa palavra, o elemento das coisas” (*apud* LALANDE, 1996, p.697). Logo, faz-se saber que, para Leibniz, a mônada, por si só é portadora de enteléquia e percepção, como ações e reações *sui generis*, sendo a doença uma desarmonia interna. Entretanto, quem deu vigor ao vitalismo alemão e europeu foi o médico e químico Ernest Stahl [1659-1734]. Para este, a alma ou *anima* mantém os elementos do corpo unidos até que ocorra a morte e os efeitos de putrefação. As doenças para Stahl eram consequências de paixões desregradas e ou desagradáveis, podendo advirem também da distância do corpo em relação à própria alma. Devido a isto, Stahl foi considerado o precursor da

psicossomática. Assim, para restabelecer a saúde, fazia-se necessária uma reeducação da alma sobre si mesma, sobre suas potencialidades, necessidades, inteligência e direcionamento das forças corporais (PORTUGAL, s/d).

Por mérito de Stahl, houve muitas objetivações, entre elas, no século XVIII, a Escola de Montpellier, localizada na França, se tornou predominantemente vitalista. Seus grandes mestres foram François Sauvages [1706-1767], Théophile de Bordeu [1722-1776] e Paul-Joseph Barthez [1734-1806]. Destes, destaca-se Barthez, amigo do físico e filósofo d'Alembert, que se opõe à *Encyclopédie*, afirmando que os conhecimentos humanos devem ser integrais, ou seja, os aspectos morais e espirituais não estão separados dos aspectos físicos (WAISSE *et. al.*, 2011). Para esse médico e filósofo, existe uma 'força de situação fixa' na recuperação natural dos órgãos enfermos. Nesse sentido, atribui-se a Barthez o início da expressão princípio vital: "Chamo 'princípio vital do homem' à causa que produz todos os fenômenos da vida no corpo humano" (*apud* TEIXEIRA, 2002, p.117, grifos do autor).

Mesmo não havendo um consenso na identificação das origens das enfermidades, a busca durante milênios, na tentativa de descobrir essa força vital, resultou no século XVIII como autêntica energia no organismo e na manutenção de sua homeostase. Fortalecida a filosofia vitalista, Samuel Hahnemann [1755-1843] utiliza-a como pressuposto de seu método experimental e científico, criando a Homeopatia [do grego *homoios*, semelhante, e *pathos*, doença]. Para ele, a doença é de natureza imaterial, isto é, derivada do aspecto espiritual, portanto, dinâmica. Sendo dinâmica, somente outra força dinâmica pode dominá-la. Desta forma, a *vis medicatrix* [o poder da cura] está na *similia similibus curentur* [cuidados semelhantes], ou seja,

[...] os medicamentos só se tornam remédios, capazes de aniquilar doenças, quando a substância medicinal, provocando certos efeitos e sintomas, isto é, produzindo certo estado mórbido artificial, remove e anula os sintomas já presentes, a saber, o estado mórbido natural que desejamos curar (HAHNEMANN, 2013, §22).

Em sua teoria, a homeopatia está fundamentada em quatro pilares: preceito da cura através dos semelhantes; experimentação e vivência do processo mórbido em pessoas sadias; utilização dos medicamentos dinamizados [diluídos] e receituário individualizado (TEIXEIRA, 2017). Conforme Hahnemann, esses processos garantem uma unidade científica e asseguram um método para a cura. Comparando a força vital com o magnetismo, a eletricidade, o eletromagnetismo e o galvanismo, esse médico

alemão assegura que as forças mentais inteligentes, por serem diversas da força vital automática e instintiva, podem atuar sobre esta em seu fortalecimento, fazendo-se necessária uma reforma moral nas sendas da ética humana. Ele também confessa uma hierarquia entre tais forças na saúde ou na doença do corpo: “Moléstias gravíssimas podem ser produzidas por distúrbios suficientemente sérios da força vital resultantes da imaginação, e também curadas da mesma maneira” (HAHNEMANN, 2013, §17).

Hahnemann, com seus preceitos, não convenceu muitas pessoas, porque algumas de suas ideias eram demasiadamente metafísicas [como uma força vital impalpável criada por Deus], caminhavam em direção oposta aos iatroquímicos [estes consideravam o organismo humano uma verdadeira máquina] e combatiam os anatomistas de maneira contundente e com ironias:

A mais alta e única missão do médico é restabelecer a saúde nos doentes, que é o que se chama curar. Sua missão não é porém [com o que tantos médicos gastaram ambiciosamente, até hoje, forças e tempo], forjar ideias e hipóteses vazias sobre a essência íntima do processo vital e as origens da doença no interior do organismo para os chamados sistemas, ou as inúmeras tentativas de explicação a respeito dos fenômenos mórbidos e sua causa imediata, sempre oculta a nós etc., envolvidos em palavras inconcebíveis e num bombástico modo abstrato de expressões de aparência muito erudita a fim de impressionar os ignorantes, enquanto os doentes suspiram, em vão, por socorro. Basta desses sábios devaneios [chamados medicina teórica, e para os quais temos até cátedras próprias]; está na hora de, uma vez para sempre, os que se chamam médicos cessarem de enganar os pobres seres humanos com palavras destituídas de conteúdo e começarem finalmente a agir, isto é, a ajudar e curar realmente [HAHNEMANN, 2013, §1).

Ao explicitar que a finalidade da medicina é curar, não criar ‘sábios devaneios teóricos’ ou buscar causas das doenças, Hahnemann gerava e provocava opositores que, igualmente, participavam de uma competição que acontecia nas academias; uma espécie de luta teórica para conquistar *status* profissional e espaço nas cortes. Isso ocorria não somente por vaidade ou orgulho pessoal, mas devido às inúmeras condições insalubres da época como doenças, pestes [cólera, lepra e outras] e epidemias [varíola, vírus de ‘influenzas’ e outras] que devastavam cidades e países. Muitas destas eram herdadas de séculos passados.

Nesse mercado de disputas simbólicas, metodológicas [a ciência se firmava] e práticas, o que está subjacente é a concepção de matéria das disciplinas médicas

mecânicas e de energia da homeopatia, esta adepta do deísmo filosófico. Possivelmente, pode ter ocorrido uma influência entre a alopatia e a homeopatia, pois ambas têm o mesmo objeto, mas cada qual com irrisória mudança em seus saberes e práticas. A busca pela melhor legitimação ainda continua e, em muitos casos, mesmo uma não se debruçando sobre a outra. “A estratégia da alopatia [estratégia vitoriosa, aliás] tem passado historicamente pela ignorância ou desmoralização sistemática das diferenças – em seu proveito” (LUZ, 1988, p.145). Essa autora, embasada em Bachelard, acredita que tais ‘cegueiras propositais’ são frutos de ‘bloqueios ou obstáculos epistemológicos’, os quais não somente se expressam nas visões de mundo e na conquista por novos pacientes, mas também em atitudes antiéticas, desprezos políticos e difusões discursivas de marginalização. Nessa mesma lógica de ‘legitimações de verdade’, Chioro dos Reis destaca que “a partir do triunfo da razão científica, em meados do século XIX, nenhuma teoria ou conceito poderia fugir dos limites do desenho do modelo científico, pois seria considerada não científica e, portanto, não verdadeira” (CHIORO DOS REIS, 1996, p.18). Nessa desavença de opostos em uma mesma esfera, por um lado, todos os envolvidos se prejudicam: os cientistas por não terem uma visão mais ampla da doença e do doente, os pacientes por não receberem tratamentos mais eficazes e a história por perpetuar vaidades e presunções. Por outro ponto de vista, sabe-se do avanço teórico devido às inconciliações ou contradições que os argumentos apresentam.

Diante do exposto, é relevante ressaltar que Allan Kardec, codificador do espiritismo, foi igualmente vitalista, ou melhor, por advir de observação empírica, admitia que havia um princípio vital a animar os seres vivos em comparação com os mortos, começando pelas plantas, chegando ao ser humano. Porém, esse princípio tinha origem no fluido universal, por considerá-lo como uma espécie de oceano magnético⁹⁹ a penetrar todos as criaturas orgânicas ou inorgânicas. Dessa forma, se houve milênios de anos no planeta Terra, em que não havia vida, esta surgiu das condições físico-químicas desse elemento universal. Portanto, luz, fogo, calor, eletricidade ou outro elemento são arranjos diferentes desse fluido cósmico, conforme

⁹⁹ Este magnetismo, animalizado ou não, evidencia Kardec influenciado por Mesmer. Franz Anton Mesmer [1734-1815] foi um sábio e médico alemão que entre outras contribuições, fundou a teoria do magnetismo animal. Para ele, o corpo humano, a exemplo de um ímã, possuía uma propriedade fluido eletromagnética que poderia curar doenças e produzir outros efeitos, mormente psicológicos. Discípulo de Mesmer, o marquês de Puységur [1751-1825] mais tarde descobriu o sonambulismo e a hipnose (CHIORO DOS REIS, 1996).

suas características químicas (KARDEC, 2013b). Se no contexto macrouniversal os fluidos se movimentam incessantemente, no 'micropessoal', eles igualmente atuam. Para Kardec, a pessoa doente, muitas vezes pelo uso inadequado de seu livre arbítrio, tem seu fluido universal-corporal desorganizado, refletindo o efeito no corpo enfermo, sendo necessária certa reposição fluidificadora. Por consequência, essa restauração poderia surgir desde um passe ou água fluidificada ou, como deduz-se atualmente, até de uma intervenção espiritual.

Outra alternativa de explicação para as curas espirituais, além do efeito placebo e do vitalismo, é a eficácia simbólica, também conhecida como cura simbólica. Contudo, sabe-se que alguém pode objetar ser o efeito placebo semelhante à cura simbólica. Diante disso, parte-se da distinção entre as curas, visto que o efeito placebo não necessariamente se restringe às simbologias mentais, podendo-se fazer uso de remédios alopáticos ou outros preparados por médicos ou pesquisadores, por exemplo. Já a cura simbólica está inserida num campo predominantemente psíquico.

A interpretação de cura simbólica está fundamentada principalmente em dois artigos do antropólogo e etnólogo belga Lévi-Strauss (1967): *O feiticeiro e sua magia* e *Eficácia simbólica*. No primeiro, o autor adentra nos pressupostos ontológicos do feiticeiro e do doente, os quais não se encontram isolados no grupo social. Por viverem em sociedade, estes absorvem inúmeros sistemas simbólicos de referências fornecidos pelo grupo, formando suas personalidades. As práticas mágicas do feiticeiro realmente funcionam dentro desses sistemas. Estes, por sua vez, são constituídos devido à necessidade da crença na magia. Desta forma, para que esta aconteça, são necessárias três condições, denominadas pelo autor como complexo xamanístico. Tais situações são: 1) o feiticeiro deve realmente acreditar que pode curar com suas técnicas; 2) o doente deve crer na eficácia das técnicas do feiticeiro e; 3) o processo de cura ser uma opinião coletiva do grupo que a rodeia, representando um fenômeno de consenso. Assim, feiticeiro, doente e grupo social possuem sistemas de interpretação, nos quais as situações propiciam e fortalecem imaginações que desempenham importantes papéis, ordenando "as diferentes fases do mal, desde o diagnóstico até a cura" (LÉVI-STRAUSS, 1967, p.207). Na prática do xamã, este não apenas interpreta vagos papéis, mas os revive com toda intensidade e violência necessárias. Logo, como o doente se cura? Segundo esse antropólogo, pelo mesmo método da psicanálise, isto é, pela ab-reação ou catarse, revivendo sua experiência original e liberando a emoção bloqueada. Assim, o xamã é o psicanalista

do passado que propicia vazões às ressonâncias afetivas; tais afetos nutrem os símbolos do doente. Estes, por sua vez, sobrecarregam a realidade vivida pelo enfermo, organizando a discordância entre seus pujantes sentidos e significados, expressos em pensamentos, sentimentos e ações. Além disso, Lévi-Strauss (1967) acredita que o doente esteja dilacerado entre dois sistemas de referências, o significante e o significado – de modo geral, um conceito e uma imagem acústica – que favorecem seu conflito, impulsionando para um novo sistema de referência.

No texto *Eficácia simbólica*, complementando o artigo anterior¹⁰⁰, Lévi-Strauss apresenta a convicção do feiticeiro na força vital atuando em caso concreto: uma mulher grávida que enfrenta problemas ao dar à luz e o feiticeiro índio executa um canto de letras simbólicas para ajudar, sem encostar as mãos na mulher. Para Lévi-Strauss trata-se de um fenômeno mental, pois a canção ‘envia um remédio à psique’, constituindo “uma *manipulação psicológica* do órgão doente, e que a cura é esperada desta manipulação” (LÉVI-STRAUSS, 1967, p.221, grifos do autor). De certo modo, o canto adentra no corpo doente e restabelece a ordem e o sentimento prazeroso na resolução do problema. Mesmo sem entender o ‘como ocorre’, sabe-se apenas que a interpretação simbólica da doente é elementar. Entre o universo simbólico do mito e o universo fisiológico há conexões interiores desconhecidas, mas produtoras. Aparentemente não é somente o mito que possui plasticidade, pois se pode curar com rezas, água, bebidas alcoólicas, invocação dos ventos, dos espíritos protetores e malfazejos e outros. No entanto, organismo e matéria igualmente se restauram. Apesar de ambos, feiticeiro e doente, fazerem parte de um mesmo grupo consensual, “é a eficácia simbólica que garante a harmonia do paralelismo entre mito e operações. E mito e operações formam um par, onde se encontra sempre a dualidade do doente e do médico” (LÉVI-STRAUSS, 1967, p.232). Quando a cura ocorre na tribo, o xamã fornece o mito e o doente executa as operações mentais; na vida urbana, o médico executa as operações e o doente produz o mito. Logo, o par médico-doente não se desfaz de outro binômio: operação-mito.

Nessa mesma linha da cura simbólica, à semelhança de Greenfield (1999), Csordas (2008) garante que não é função da antropologia ‘capturar a experiência’

¹⁰⁰ Não foi possível estabelecer exatamente a precedência na relação dos artigos, visto que ambos foram publicados no mesmo ano de 1949 em revistas diferentes. Porém, provavelmente *Eficácia simbólica* seja o derradeiro artigo na publicação, visto que o autor retoma argumentos anteriores, ultrapassando a psicanálise, lidando com a construção e estrutura mitológica.

mental, mas dar acesso a ela como a significância do significado. Esse autor compreende a significância do significado como a vivência concreta e subjuntiva de desbloqueio da realidade sensorial, emocional, intersubjetiva e intuitiva no ressuscitar da 'primeira experiência'. Desta maneira, os símbolos não somente moldam a interpretação, mas constroem a performance da experiência, o modo de vivê-la ou reavivá-la. Portanto, uma cura não necessariamente significa eliminar algo “[uma doença, um problema, um sintoma, uma desordem], mas a transformação de uma pessoa [...]” (CSORDAS, 2008, p.17) em seu aspecto biológico, intersubjetivo, passional, habitual ou outro.

Diante do exposto, esses três tipos de explicação das curas espirituais [efeito placebo, vitalismo e cura simbólica] tentam alcançar o montante de experiências espirituais. Inúmeras curas espirituais estão rodeadas de simbolismos que garantem uma performance adequada, mas parecem não se reduzir a qualquer um desses modelos teóricos. Alguns detalhes e ou eventos fulcrais dessas experiências espirituais, aparentemente, escapam aos limites explicativos fornecidos. Nesse sentido, tais detalhes são comprovados a partir de intervenções espirituais vivenciadas pelos FC.

3.5 Sentidos e significados das intervenções espirituais vivenciadas pelos(as) Filhos(as) da Casa

Antes de adentrar nas intervenções vivenciadas pelos FC, é importante tornar patente três casos de operações espirituais realizados pelo médium João, não somente para introduzir o ambiente espiritual dos FC, mas para evidenciar inúmeros aspectos envolvidos nessas intervenções.

1. Shirley MacLaine é cantora e atriz norte-americana. Famosa, recebeu inúmeros prêmios, incluindo um Oscar em 1984. Não se trata apenas de um rosto bonito na mídia, mas de um exemplo vivo de espiritualidade e de humildade (PELLEGRINO-ESTRICH, 2008). Ela destaca-se igualmente como autora de livros autobiográficos que relatam sua crença na reencarnação. Quando chegou em Abadiânia, em março de 1991, Shirley MacLaine sofria com fortes dores abdominais advindas de um câncer no estômago. A cantora e atriz procurou a Casa e foi operada. Depois da intervenção espiritual, muito emocionada com tudo ao redor, declarou que já não sentia as dores das quais se queixava. “A operação foi realizada pela Entidade

Dr. Augusto de Almeida, incorporada por João de Deus e durou cerca de duas horas. Durante a operação espiritual, a atriz esteve deitada numa mesa coberta por um lençol branco” (PINTO *apud* PELLEGRINO-ESTRICH, 2008, p.89). De acordo com Pinto, a intervenção ocorreu sem facas ou outros instrumentos, pois foi efetuada somente com o auxílio das mãos. Nesse dia, a coordenação dos trabalhos espirituais da Casa estava a cargo de Sebastião Lima, que lembrou da fala da artista após a intervenção: “Shirley estava profundamente comovida e sorridente. Quando deixou a sala de cura espiritual, deu alguns saltinhos e disse ‘agora posso dançar outra vez’” (*apud* PELLEGRINO-ESTRICH, 2008, p.90). A singular exigência da atriz foi para não ser fotografada, sendo a deputada Ruth Escobar a única autorizada a documentar o fato, relatou Fernando Pinto na *Revista Manchete* de 16 de março de 1991. Quanto ao mistério e cuidados que tinham sido criados em torno da atriz, surpreendeu João de Deus: “Para mim, todas as pessoas são especiais. Ela não recebeu qualquer tratamento diferente por ser atriz famosa” (*apud* PELLEGRINO-ESTRICH, 2008, p.90).

2. Doutora em Antropologia pela USP, Cristina Rocha escreveu em seu artigo *A globalização do espiritismo: fluxos do movimento religioso de João de Deus entre Austrália e o Brasil* (ROCHA, 2009) que o médium-curador João de Deus estava atraindo discípulos estrangeiros e criando uma comunidade transnacional entre os dois países, inclusive com a construção de uma filial da Casa na Austrália. Essa comunidade transnacional é composta principalmente por “terapeutas, guias de excursão, pessoas doentes e pessoas em busca de desenvolvimento espiritual” (ROCHA, 2009, p.572). Para Rocha, globalização significa que “o relacionamento entre culturas nacionais, grupos étnicos e seus territórios são cada vez mais complexos devido ao impacto de identificações extraterritoriais e fluxos globais” (ROCHA, 2009, p.574). Por ser a globalização uma circulação de significados, ela cria a consciência de um sistema mundial mais amplo que o local onde seus atores vivem [a comunidade transnacional está crescendo entre países como Nova Zelândia, Grécia, EUA e outros]. Rocha cita um entrevistado dessa comunidade, Martin. Australiano e cinquentenário, Martin sofria fortes dores nas costas há anos até que um dia acordou e não conseguiu se mexer. Cansado dos médicos que receitavam analgésicos – apenas paliativos e não curativos – e dos efeitos de sonolência e vertigem, conheceu uma mulher que afirmou ter sido curada de câncer de mama por João de Deus. Sendo assim, ele resolveu viajar ao Brasil, para o interior de Goiás.

Desde então, durante o período entre 2002 e 2006, Martin foi para Abadiânia seis vezes. Em sua primeira visita passou por intervenção invisível e não mais sentiu dores crônicas nas costas; e assim apresentou seu desejo de morar em Abadiânia:

Quando eu voltei [à Austrália] eu só queria estar no Brasil. Não queria ter ido embora. Eu queria morar lá. Senti que era minha casa. Eu voltava [à Austrália] e queria estar lá [no Brasil] toda a hora. [...] Não sei o que é... é meu espírito, minha alma, que quer estar lá. Eu só quero viver lá... me sinto saudável lá (*apud* ROCHA, 2009, p.586).

3. Monalisa Dibo, à época, doutoranda em Ciências da Religião pela PUC-SP, relatou sua experiência com João de Deus ou “John of God” (DIBO, 2013). Naquele dia, a Entidade fez quatro intervenções visíveis em alguns pacientes que deixaram Dibo admirada; as pessoas eram operadas sem assepsia ou anestesia; o médium colocava seu dedo em cortes realizados sem que as pessoas expressassem alguma dor, depois suturava de igual modo. Logo, o médium dirigiu-se para sua sala de atendimento e, acolhendo a fila, pegou na mão de Dibo e disse que voltasse à tarde para ser operada. No caminho para a pousada, ela pensou no porquê. “Por que uma cirurgia se a proposta era de conhecê-lo? Não tenho nenhuma doença grave como aquelas pessoas que esperavam uma oportunidade de cirurgia para sua cura” (DIBO, 2013, p.77). À tarde ela retornou, entrou numa sala, na qual seriam realizadas até nove intervenções invisíveis em cada pessoa e, com vários pacientes ali, pôs a mão no coração e pensou em Deus, como foi pedido. “A sensação era inexplicável, mas foi possível perceber uma energia muito forte neste momento. Nada me vinha à mente: só pensei em Deus e senti uma pontada em meu seio direito e uma pressão muito grande em minha nuca” (DIBO, 2013, p.78). Após alguns minutos, rezaram uma prece, saíram e se dirigiram para informações do pós-operatório. Quarenta dias depois, na fila de revisão, Dibo retorna ao médium com algumas fotos de familiares e escuta de João de Deus pela segunda vez [na primeira ela foi renitente]: “Você é Filha da Casa, portanto sente e faça seu trabalho”. Para Dibo, ‘Filha da Casa’, nesse caso, referia-se aos médiuns de sustentação espiritual. Após o final dos atendimentos de uma grande fila, Dibo pergunta ao médium o motivo de algumas pessoas serem curadas e outras não. Quem responde é João de Deus: “se houvesse um lugar onde todos ficassem curados, seria uma maravilha. Os hospitais fechavam. Não tem mágica, cada um recebe de acordo com o que merece. E quem cura é Deus, não sou eu” (*apud* DIBO, 2013, p.78). Na pousada em que estava, Dibo conhece um médico,

recém-formado, com câncer no estômago. “O jovem tinha em mãos exames e radiografias que identificavam o câncer antes da cirurgia do médium João e depois do começo do tratamento [a cura nos exames de imagem era visível até mesmo para um leigo [...] em medicina]” (DIBO, 2013, p.79). O jovem médico relatou que ele teria que voltar mais nove vezes para ter sua cura total e ficar sem câncer. Nesse cenário, Dibo, em suas considerações finais, levanta três aspectos importantes na Casa de Dom Inácio: a) a consciência da pessoa que apresenta a enfermidade e a expectativa da cura; b) a forte vibração do local [em toda a Casa] e da Entidade e; c) o trabalho voluntário de inúmeros médiuns que dá sustentação espiritual, oferecendo vibrações salutares.

Como observado anteriormente, a Casa é considerada um hospital espiritual (ROCHA, 2009), sendo comandada pelo médium João, o responsável pelas chamadas intervenções visíveis ou invisíveis nas inúmeras pessoas que passam por ele. A primeira experiência relatada – de Shirley MacLaine – indicou que a intervenção foi realizada sem cortes ou sangramento e a famosa atriz saiu sorrindo do pós-operatório, não sentindo dores e desejando dançar. A antropóloga Cristina Rocha, ao estudar a comunidade transnacional que João de Deus está proporcionando, realizou várias entrevistas com pessoas que passaram pelo médium. Em um desses momentos, conversou com Martin, o qual declarou ser grande o seu desejo de estar em Abadiânia sempre que ele está na Austrália; a justificativa é porque ele se sentia ‘saudável lá’, na Casa. Monalisa Dibo sentiu uma energia muito forte ao ser operada, uma pontada no seio e uma pressão na nuca. E, quarenta dias depois, quando voltou para a revisão, trazendo fotos de seus familiares ao médium, ela conhece um médico enfermo que diz estar sendo curado aos poucos de câncer no estômago; e ele mostra os exames de raio X para comprovar.

Assim, no processo de cura, observa-se que o corpo é tratado do câncer apenas com o auxílio das mãos, sem facas ou outros instrumentos; outro exemplo é a pessoa com fortes dores que, devido aos efeitos inócuos dos remédios da medicina tradicional e de ‘travamento do corpo’, passou pela intervenção invisível e não mais sentiu dores crônicas nas costas; além disso, na sala de intervenção invisível, a paciente que sentiu uma pontada no seio direito e uma grande pressão na nuca, tempos após a intervenção, levou fotos de pessoas doentes para serem curadas e; o médico recém-formado em tratamento de câncer, mostrando suas radiografias e a regressão da moléstia.

Nesse momento, faz-se importante uma constatação: o médico recém-formado tinha câncer no estômago, Shirley MacLaine também. Porém, o tratamento para ambos não foi o mesmo. Enquanto a famosa atriz precisou de duas horas para sair pulando, o médico neófito, além das vezes que já tinha ido ao médium-interventor, teria que voltar mais nove vezes. Para responder tal fenômeno, João de Deus argumentou à Dibo (2013): "se houvesse um lugar onde todos ficassem curados, seria uma maravilha. Os hospitais fechavam. Não tem mágica, cada um recebe de acordo com o que merece. E quem cura é Deus, não sou eu" (*apud* DIBO, 2013, p.78). Realmente, pesquisas na Casa, como a Dr. Rediger (*apud* OPRAH, 2015a, s/p) mostram que a Entidade recomenda/prescreve diferentes tratamentos para pessoas que possuem a mesma doença.

Para Carvalho (2016), "não restam dúvidas, as cirurgias espirituais, que não usam antissépticos ou anestesia, nas quais os pacientes dizem quase não sentir dor e sangram pouco, não se desenvolvem infecções e eles se recuperam prontamente" (CARVALHO, 2016, p.149), desafiando inúmeras crenças céticas. Para o antropólogo Greenfield, tais intervenções "não são apenas excepcionais, mas também anômalas no sentido de não encontrarem explicações dentro dos paradigmas tanto da psicologia, quanto de qualquer outra ciência médica convencional" (GREENFIELD, 1999, p.120).

À vista disso, adentra-se aqui no problema da tese em si, ou seja: quais os significados e sentidos para os FC sobre as intervenções espirituais com João de Deus? A interrogação permite considerar não somente as experiências pessoais que os FC passaram, mas de entender suas interpretações de modo amplo, com toda vivência durante anos ao lado de João de Deus; e este se dizendo um canal de cura para milhares de pessoas. Provavelmente, se as intervenções espirituais chamaram a atenção dos FC no início, na solução de uma dificuldade pessoal, estes permaneceram ao lado do médium porque descobriram um *ethos* e uma visão de mundo diferentes de tudo que vinha existindo. Suas compreensões ganharam vida nova e as intervenções espirituais são apenas um detalhe do todo. Infere-se que, se a intervenção foi o início, os FC descobriram que ela era a porta de entrada para toda a Casa. Por conseguinte, pode-se dizer que seus sentidos ganharam novos significados, ou estes, novos sentidos.

Como visto anteriormente, as intervenções espirituais realizadas na Casa de Dom Inácio são visíveis, com corte, ou invisíveis, sem corte. Porém, é comum os

palestrantes repetirem: “as intervenções físicas não são necessárias, mas se as pessoas querem...” (DIÁRIO DE CAMPO, 07.02.2018). Assim, as visíveis são realizadas quando há um pedido da própria pessoa doente. Porém, mesmo a pessoa solicitando não é certeza de concretização. Presenciou-se uma situação que a Entidade se recusou a fazer a intervenção, presente no palco da Casa, diante de filmagem: “a pessoa estava com um calázio no olho esquerdo. A Entidade disse que aquilo não precisava de intervenção, mas que sumiria se fizesse uso de arruda, banhando com a planta. A Entidade trocou a receita da pessoa e esta se retirou” (DIÁRIO DE CAMPO, 08.12.2017). Desse modo, mesmo a pessoa tendo o desejo da intervenção física, a Entidade decide se a faz ou não.

Geralmente, como podem ser verificadas na Casa, as intervenções físicas podem ser classificadas em três tipos: a) raspagem do(s) olho(s) com uma faquinha de cozinha ou bisturi; b) sondagem nasal – introdução, na(s) narina(s), de pinça médica [assemelhando-se a uma tesoura] com chumaço de algodão na ponta embebido em água fluidificada, dando voltas com o instrumento e; c) cortes com bisturi em alguma parte do corpo, da qual se sai pouco sangue; comumente, não se extrai nada do local, suturando em seguida. Esta última categoria foi vivenciada por uma médica: “acompanhado de uma médica, a Entidade deu a pinça para ela analisar, e perguntou se poderia colocar na narina da pessoa. A médica titubeou, visto que a pinça era muito grande. A Entidade não demorou, pegou a pinça e a enfiou” (DIÁRIO DE CAMPO, 08.12.2017). Além disso, embora sendo mais raras, segundo o FC7, existem as intervenções por energia, realizadas quando a pessoa está próxima da Entidade; nesse momento, o enfermo sente uma forte energia pelo corpo e pode desmaiar.

Ainda sobre a sondagem nasal, os médicos convencionais se assustam com os possíveis danos cerebrais que podem ocorrer, pois, de forma geral, ela é realizada com gestos bruscos e firmes, com uma pinça, que mede entre 15 e 16 centímetros, sem anestesia ou hipnose, cuja duração é de aproximadamente trinta segundos. Nesse contexto, segundo Machado (2016, p.75), a “sondagem nasal sem trepanação do crânio é possível, mas dependeria de o instrumento ser inserido no ângulo correto, de modo que atingisse apenas a área da cavidade nasal, preservando outras partes do crânio”. No entanto, sem saber ao certo qual a finalidade dessa intervenção, se fortalece o sistema imunológico ou outro, muitas doenças podem ser tratadas por esse meio, desde uma doença mental, um câncer ou carma pessoal ou familiar. Para a

FC5, somente as Entidades decifram: “[...] a tesoura no nariz permite vários tipos de intervenções, não se sabe... só a espiritualidade vai responder”. Surpreendentemente, a ausência de regras evidentes se soma às curas alcançadas, como observado anteriormente com a FC1 que, depois de 21 voltas da pinça em cada narina, dormiu por 48 horas e, ao acordar, expeliu o tumor pela boca, antes localizado na pineal.

Em material audiovisual veiculado pela Casa, uma mulher, cuja aparência é de 35 anos, mostra o braço esquerdo para a Entidade, reclamando de suas dores pelo corpo, desde a cabeça. O referido braço apresenta um inchado na altura do úmero. A Entidade solicita permissão para operar e, diante do consentimento, faz um corte com o bisturi. Conforme vai espremendo o buraco, reduzidas substâncias esbranquiçadas vão sendo expelidas com pouco sangue. Ainda não satisfeita com o resultado, a Entidade enfia o dedo e gira-o internamente sob a pele, parecendo descolar o material da pele e do bíceps. Conforme mais aperta, mais esse material, que se assemelha a carne moída, é expulso do corpo. A Entidade repete a introdução do dedo e o movimento; pressiona o material para fora e, com a ajuda de uma pinça, retira pedaços maiores da substância. Pouco sangue é ejetado. Na sequência, uma pinça é introduzida no corte para arrancar mais partes da massa. Depois, a pele da moça é pressionada com as duas mãos e, de repente, surge um pedaço de uns cinco centímetros de comprimento por um e meio de largura, o qual é retirado com os dedos e jogado ao chão. A cena é forte e a moça está imperturbável, com o rosto virado para o outro lado. A Entidade repete o procedimento e retira mais pedaços, seja com os dedos ou com a pinça. Essa operação dura aproximadamente 8 minutos. Quando termina, é dado um ponto com linha e agulha e a Entidade informa à paciente que deixará o corte aberto para ela voltar no dia seguinte. Nesse momento, a Entidade pede para a moça olhar o braço e, ao ver, ela começa a chorar de agradecimento. Depois, ela reconhece a Entidade e sai andando para a sala da enfermaria (CASA, 2017, s/p).

Essa exibição audiovisual explicita mais onze intervenções físicas em diferentes localidades do corpo humano: olhos, barriga, nariz [sondagem nasal], cabeça, tórax, joelho, seio feminino e ombro. Ressalta-se que na operação do joelho estava presente um médico francês, fazendo parte da equipe, o qual carregava as bandejas com instrumentos cirúrgicos. Ele deu um depoimento pelo qual se nota sua admiração pela ausência de anestesia e pela destreza médica na operação: o paciente estava sendo operado em pé, com movimentos bruscos de tesoura e bisturi

internos no local. Em outra operação, agora dos olhos, o médium solicita a presença de outro médico para falar com a paciente. Nota-se que na operação da cabeça, a Entidade questiona a mulher da operação passada; e esta responde que a médica dermatologista fez a operação. No entanto, a Entidade diz: “Sim, mas não tirou o principal, por isso voltou” (CASA, 2017, s/p). Em relação aos esculápios, quando estão presentes na Casa, é costume do médium pedir que eles observem a intervenção, que abram espaço e que apalpem o órgão doente ou que introduzam um dedo, mesmo desasseado, no corte.

Além desses exemplos, há várias outras operações que são exibidas em uma televisão que fica exposta na parte interna do salão da Casa. Dentre estas há algumas cenas impressionantes, as quais merecem pesquisas. Sobre a Entidade que realiza as intervenções, expressa em João de Deus, nem sempre é ela que faz as operações físicas pois, segundo uma palestrante: “na semana passada tivemos, em nossa frente, casos de cortes surgindo sem que a Entidade interferisse” (DIÁRIO DE CAMPO, 22.06.2018).

Nesse contexto, em suas entrevistas e falas no palco, João de Deus repete que não é ele quem opera, mas as Entidades através dele, ou seja, ele é apenas um instrumento a serviço de Deus. E em nome do divino, para o médium, as pessoas que recebem intervenções visíveis não sentem dor [porém, algumas expressam leves e passageiras dores] ou sofrem infecção. Desta forma, nunca houve algum relato de pessoa que sentira dor excruciante, que teve inflamação ou contágio de doença, pois, segundo o próprio médium, “os bons espíritos não erram” (*apud* GARCIA, 2013, p.145).

Independentemente de serem intervenções visíveis ou não, a recomendação aos operados é sempre a mesma, ou seja, ficar em repouso absoluto por 24h; isto inclui não ter acesso a qualquer aparelho eletrônico nessas horas, evitar esforço, sol e outras recomendações. As intervenções invisíveis, ou seja, aquelas em que João de Deus não encosta as mãos no corpo do enfermo, ocorrem não somente na sala interna, espaço próprio para esse tipo de operação, mas em toda a Casa, mormente na corrente da Casa, como observado no primeiro capítulo. Sobre isso, há relatos de intervenções ocorridas em pousadas próximas à Casa de Dom Inácio. Em conversa com uma proprietária de pousada, esta atestou: “sim, há vários casos de cura ocorrendo nas pousadas. Quem sabe você volte aqui para pesquisar isso” (DIÁRIO DE CAMPO, 15.02.2018).

Para aqueles que optam pela intervenção espiritual, estas são realizadas até o número de nove intervenções ao dia [os FC não sabem o porquê de até nove, declaram que foram as próprias Entidades que estabeleceram] em uma sala, que comporta em torno de setenta pessoas sentadas [há espaço para algumas deitarem]. Tais intervenções têm a duração, em média, de cinco minutos para todo o conjunto, podendo variar para mais ou menos tempo. Terminado esse período, aparece João de Deus anunciando: “em nome de Deus, os filhos estão operados” (JOÃO, 2018, s/p). Após esse momento, os operados são convidados a acompanhar outros FC até o jardim da Casa, onde estes explicarão o que deve ser feito em seguida às intervenções, ou seja, os cuidados pós-operatórios e os procedimentos com a passiflora. As pessoas que foram operadas pela primeira vez devem permanecer em abstinência sexual por 40 dias e não podem ingerir bebida alcoólica. Quanto à grande quantidade de operações realizadas concomitantemente e em pouco tempo, João de Deus afirma que não há limite de intervenções, porque não é uma ou algumas Entidades operando, mas milhares: “[...] são milhares e milhares de espíritos trabalhando em um mesmo dia” (*apud* GARCIA, 2013, p.145).

Uma senhora, chamada Cristiane de Oliveira Trombosk, funcionária pública estadual da cidade de Canoas, RS, apresentou seu tratamento espiritual. Em junho de 2003, fazendo uma consulta rotineira ao oftalmologista, este, inquietamente, requisitou que ela procurasse um neurologista. Realizados os exames com esse especialista, o mesmo solicita mais tempo para os resultados dos exames serem avaliados por uma junta médica. Nesse ínterim, a senhora Trombosk viu por duas vezes programas na televisão mostrando João de Deus e seu trabalho de mediunidade e cura. Uma semana depois, o neurologista lhe disse: “Não tem o que fazer porque se trata de um caso raríssimo, são dez no mundo inteiro. Se eu te colocar na mesa, tu não vais aguentar. Se houver corte, vem a trombose, e você morre. Tu podes deitar normal e acordar cega” (*apud* XAVIER, 2017, p.175), e arrematou: “Não tem o que fazer, é viver dia após dia”. Após esse resultado, a mãe da senhora Trombosk ficou demasiadamente abalada e se internou por onze dias. O pai de Cristiane escutou na Rádio Farroupilha uma notícia de uma mulher que fazia excursões para Goiás, local de João de Deus. Eles não esperaram; foram para Abadiânia. Em frente à Entidade, Trombosk ouviu desta: “Eu vou te curar, você é filha desta Casa, só terás que vir pelo resto de sua vida. Teu lugar é aqui, teu trabalho é nesta Casa” (*apud* XAVIER, 2017, p.176). Alguns meses depois desse ocorrido, “em

uma única intervenção espiritual realizada, o exame da ressonância magnética mostrava uma redução no tumor de 4 centímetros. Em um dos últimos exames, o tumor não foi mais detectado, simplesmente não existindo mais” (*apud* XAVIER, 2017, p.176). Desde então, há doze anos, a senhora Trombosk frequenta a Casa.

Dessa maneira, como já explicitado, as intervenções não são realizadas somente de forma presencial, mas também a distância. O médium recebe fotografias de indivíduos doentes e estas são analisadas durante o dia e às 2h da madrugada, ele ‘trabalha nelas’ (MACHADO, 2016). É comum encontrar alguma pessoa que foi atendida ou operada a distância, por não ter condição financeira ou por não estar bem de saúde e não conseguir ir até a casa. O médium solicita que outra pessoa leve uma fotografia, na qual a pessoa doente “deve estar sozinha na foto” (DIÁRIO DE CAMPO, 04.04.2018), afirmou uma FC.

Sobre os trabalhos realizados por João de Deus, no premiado documentário *Healing: miracles, mysteries and John of God*, é possível destacar o ceticismo do médico, filósofo e cientista político Dr. Richard Sheff, não somente pelo que presenciou na Casa, mas também pelas explicações convencionais da ciência, como hipnose ou sugestão pós-hipnótica. Para ele, “as cirurgias físicas [...] representam apenas uma pequena parte do que está acontecendo aqui na Casa e na obra de João de Deus. Tais fatos nos obrigam a pensar como o mundo funciona” (*apud* HEALING, 2008, s/p). Seu filho, adoentado nos EUA, começou a receber a cura a distância. “Eu não posso explicar isso. Mas eu sou profundamente grato” (*apud* HEALING, 2008, s/p). Outro médico que deu seu depoimento por tratamento de metástase a distância, foi o austríaco Dr. Werner Erd, ex-diretor de hospital, que enviou uma foto sua por uma amiga para uma ‘operação energética’. Segundo esse médico, depois da foto enviada para a Entidade, “o meu estado melhorou de forma significativa. Para surpresa de meu médico e minha [...]. O meu médico encontrou em uma colonoscopia um aparente tratamento a laser [...] na qual ele jura que não aplicou esse tratamento” (*apud* HEALING, 2008, s/p). Devido a isso, complementa o Dr. Erd, seu medo do futuro desapareceu completamente. Outrossim, após uma operação a distância realizada em uma parente do FC4, depois de exames, os médicos desconsertados verificaram que havia pontos de sutura na pleura da senhora, a qual garante nunca ter sido operada por outros médicos.

Em relação à certa subversão que as intervenções espirituais provocam, especialmente de concepções, são identificadas várias situações eruditas como: dor

e assepsia, real funcionamento do organismo, presença de espíritos manipulando energias, 'doenças benéficas' [novas posturas que as moléstias obrigam e que trazem resultados profícuos na vida do enfermo], 'curas inexplicáveis', que acontecem a distância com marcas operatórias, revisões do funcionamento do mundo – como alertou o Dr. Sheff –, parâmetros médicos não serem absolutos e outros. Tudo isso promove inspeções e reavaliações daquilo que se acredita, de possíveis questionamentos destrutivos de surradas ideias [à semelhança da dúvida metódica de Descartes], de novas fundamentações dos conhecimentos, de reformulações epistemológicas entre sujeito/objeto e outras consequências. Para Machado (2016), trata-se de um desafio à “nossa própria concepção do que é real, isto é, material e palpável. Somos levados a questionar o que acreditamos ser o mundo físico, por nós entendido como uma esfera oposta ao mundo mental, emocional e espiritual” (MACHADO, 2016, p.75).

Outro modo de intervenção é o que ocorre por representação. A pessoa enferma, estando distante, solicita que distinta pessoa receba a operação na Casa em seu lugar. “Tem de ser uma pessoa que tenha vínculos afetivos, tipo um familiar ou amigo” (DIÁRIO DE CAMPO, 04.04.2018), asseverou uma FC. De forma semelhante à intervenção a distância, uma foto é enviada à Entidade e depois de ver a foto, ela recebe ou não o representante que passa pela intervenção; no entanto, este não passa pelos processos pós-operatórios. O físico e doutor Henri Tjiong relata que levou uma foto de um amigo que estava internado na Alemanha. A Entidade permitiu e ele o representou. Na manhã seguinte, depois de um exame de ultrassom,

O qual mostrava claramente as marcas da operação no interior de seu corpo, mas externamente não havia nada para se ver. [...] Os médicos perguntaram: 'aonde o Senhor foi operado?' E ele: 'que operação? Eu estive o tempo todo aqui. Pergunte às enfermeiras, eu estive o tempo todo aqui' (*apud* HEALING, 2008, s/p).

Acerca das intervenções espirituais, uma distinta dimensão é dada pelo médico Dr. Jeffrey Rediger, professor de psiquiatria da Universidade de Harvard. Ele esteve na Casa entre 2003 e 2005 colhendo fotos e materiais para exames laboratoriais, e radiológicos. O médico afirma que, antes de ir à Casa, ele tinha certeza de que encontraria ali somente truques e autossugestão, porém, presenciou situações impensadas. Rediger assistiu à Entidade fazer um corte no braço de uma pessoa, manusear, de modo ríspido, os instrumentos que entravam e saíam do orifício com

velocidade considerável em diferentes ângulos, e notou que a expressão do rosto do paciente era de suave tranquilidade. O próprio psiquiatra teve uma experiência espiritual quando estava meditando na corrente da Casa: com os olhos da mente viu luzes brancas em volta das pessoas, as quais estavam interligadas por um grande amor universal. Depois, quando estava gravando um vídeo pelas ruas de Abadiânia – mesmo sem entender, essa experiência o abalou profundamente, pois seu impacto foi tamanho que o fez mudar de vida – de repente surgiu espontaneamente um corte no peito, abaixo do coração que começou a sangrar; isto o fez ficar com medo: “não estou no controle [...] as coisas estão além da minha compreensão”, e garante:

Segundo minha interpretação do que aconteceu comigo, em resumo, todos nós somos mais importantes do que costumamos imaginar. Só o amor é verdadeiro. Nós só acreditamos no que vemos e tocamos. Acreditamos que o mundo aparente seja o mundo real. Com base na minha experiência, passei a acreditar que a realidade é revelada e ocultada pelo mundo que vemos com os olhos, e que nenhum de nós é quem aparenta ser (*apud* OPRAH, 2015a, s/p)

Nesse contexto, o Dr. Rediger finaliza com perspectivas próximas ao espiritismo e ou Nova Era:

Talvez o coração verdadeiro dentro de nós não seja apenas uma bomba, talvez ele esteja ligado ao amor e à fé. Talvez o corpo físico não seja quem nós somos. Talvez sejamos almas invisíveis andando por aí, e o corpo seja apenas um instrumento, uma metáfora ou algo que estejamos tentando aprender (*apud* OPRAH, 2015b, s/p).

Isto posto, percebe-se o grande enredamento em que se encontram as intervenções espirituais na Casa de Dom Inácio, com divisões e ramificações: mediunidade; Entidades; energias; carmas; cuidados pós- intervenções; analgesia e assepsia; doenças necessárias [ou ‘curas’ que não acontecem]; ‘doenças benéficas aos sãos’, isto é, doenças de outras pessoas que ajudam a evolução espiritual de quem cuida ou daquele que está próximo ao enfermo; trabalhar ou sentar na corrente da Casa; múltiplas emoções positivas e ou negativas; enfraquecimento do ego [abandono especialmente da prepotência]; conquista de novos valores, principalmente paciência, perdão e amor; vivências inusitadas; buscas e descobertas existenciais; retrospecto e aceitação de situações; distância de Deus ou da luz; resgate de espíritos; intervenções espirituais que preparam o corpo para intervenções médicas convencionais e outras conexões.

Diante disso, as hipóteses anteriores das causas das intervenções espirituais: efeito-placebo, vitalismo e eficácia simbólica não se enquadram diante dos fatos. Mesmo que se coloquem as três 'pretensas soluções' sobre uma intervenção físico-espiritual realizada por João de Deus, sempre se escapa algo que dada teoria não contempla. Por outro lado, diante de todas as intervenções espirituais verificadas nesta tese, é possível ver um ou alguns aspectos das hipóteses sobre um ou outro caso, no entanto, sem circunscrevê-lo por completo. A ausência de uma explicação coerente não significa necessariamente uma 'cegueira proposital' como foi apontado, anteriormente, por Luz (1988). No entanto, essa falta possui grande possibilidade de acontecer devido a um obstáculo epistemológico professado pela ciência. Se a ciência se tornou legitimadora de verdades desde o século XIX, observado por Chioro dos Reis (1996), ainda lhe falta entender tais fenômenos. Rotulá-los de efeito placebo, hipnose ou resultado de eficácia simbólica somente desloca o problema, mas não o resolve.

Assim, sobre a ocorrência desses eventos, perguntou-se aos FC: como foi e o que representou sua experiência com as intervenções espirituais? Eis as respostas e suas ramificações particulares. Antes, destaca-se que tais ramificações privadas se referem a sua história biográfica, a sua conjuntura sociocultural e as suas construções simbólicas resultantes da dialética entre objetivação, interiorização e exteriorização, muitas delas advindas da relação entre médium e paciente e de suas idiossincráticas interpretações, pelas quais os signos se expressam positiva ou negativamente em seu *ethos* e visão de mundo, revelando suas localidades e historicidades.

Entretanto, ressalva-se que tais experiências não irão tratar especificamente de cura e espiritualidade, visto que esta última foi abordada em capítulo pregresso; e a primeira, cura, por apresentar complexidade, exige um item à parte, sem desmerecer suas interligações com a intervenção espiritual, refletindo inclusive as indecisões limítrofes entre uma e outra. Outrossim, é relevante apontar que, de modo geral, foram os esclarecimentos advindos das intervenções espirituais que jogaram luzes sobre os relatos de cura. Logo, sendo a intervenção espiritual ponto fulcral de entrada na Casa, mas que depois deixou de ser, eis, portanto, as representações dos FC sobre intervenções espirituais:

FC1 – É FC desde 1995 [23 anos¹⁰¹]. A história de sua intervenção espiritual foi expressa no primeiro capítulo e algumas vezes retomada em outras partes deste trabalho, visto que apresenta surpreendentes e abundantes reflexões sobre tratamento e cura. Essa FC relatou que quando chegou na Casa, ela estava com um tumor na região da glândula pineal, desenganada pelos médicos, com dores constantes na cabeça, já cega e quase surda; ela definhava em sua residência. Na Casa “o médium incorporado me tocou assim que cheguei. A pressão e a dor desapareceram, a fraqueza e o cansaço deram lugar a uma sensação de conforto e calor físico” (FC1). Após a sondagem nasal feita pelo médium, essa FC dormiu por 48 horas; acordou expelindo o tumor pela boca, sem mais nenhum sintoma. Depois voltou a enxergar, a ouvir e a viver normalmente. “Como a medicina da terra não podia me ajudar, só restou procurar Deus onde quer que ele se manifestasse, e o amor dele se manifesta no trabalho do médium João” (FC1). Essa ‘revolucionária experiência’ a coloca em nova vida, onde foi “disciplinada e educada pelo trabalho na corrente da Casa e pela oração” (FC1). Logo, ela não somente estudou o espiritismo – recomendado pela Entidade – mas teve “a oportunidade de ser mãe mais três vezes e também adotamos mais uma criança. Realizei muitos trabalhos voluntários levando conforto aos doentes na forma de passe energético e a palavra de Deus (FC1)”. Além disso, fez um curso superior e “estudei, trabalhei e vivi intensamente” (FC1).

FC2 – É FC desde 2002 [16 anos]. Apesar de relatar que em seu início na Casa passou por uma intervenção espiritual, na qual afirma “não teve nada” (FC2), esse FC diz não ser importante para ele, mas sim a evolução espiritual em que se encontra, pois está trabalhando na sua missão, seguindo seu caminho; e que cada um tem uma senda própria: “a minha missão aqui foi outra, cada um de nós chega aqui com seu próprio caminho, sua própria missão” (FC2). Além disso, ele narra que um jovem da Nova Zelândia, com leucemia, veio à Casa. Eles se tornaram amigos, foram juntos à cachoeira da Casa e na volta, o jovem perguntou:

‘Por que a cada seis meses eu preciso voltar aqui? Eu tô aqui tem duas semanas, tô perfeito, eu tenho leucemia. Mas eu volto pra Nova Zelândia, eu trabalho, seis meses depois todos os meus números de sangue descompensam, e tenho que voltar. Tô aqui duas semanas, tudo melhora, eu volto pra Nova Zelândia... Agora eu trouxe um amigo meu. Ele veio aqui uma vez e não teve que voltar e tem a mesma coisa que eu. Por quê?’ [...] ‘Oh, eu não posso te responder. Mas até onde

¹⁰¹ Leva-se em conta que as entrevistas foram realizadas em meados de 2018.

eu vejo, vocês provavelmente têm caminhos diferentes na vida, lições diferentes' (FC2).

Esse FC expõe que dois anos depois, o jovem conheceu a esposa dele na Casa. “Então, será que isso tinha a ver com o caminho dele, ao voltar ele tava preparando a oportunidade pra ele?” (FC2). Mesmo tendo tratamentos diferentes para doenças comuns, o FC confirma os planos divinos: “quando se fala ‘é a vontade de Deus’ é uma forma de falar, mas é mesmo! Somos todos filhos de Deus” (FC2). Mesmo não divisando claramente o caminho a seguir, para ele “o caminho vai se desenvolvendo, acho que até o médium João não sabe quais são todas as soluções e nem as Entidades sabem, todos têm limites, só Deus sabe até certo ponto e tem controle de tudo e Cristo que tá lá também” (FC2). Ainda sobre esse FC, abordar-se-á no próximo item o caso de sua esposa que não podia engravidar; os médicos diziam ser impossível e hoje seu filho tem doze anos.

FC3 – É FC desde 2004 [14 anos]. Chegou à Casa em busca de cura para o filho que, com poucos dias nascido, pegou meningite, o que resultou em paralisia cerebral, provocando “uma absorção de massa encefálica” (FC3). Os médicos não deram solução. Na Casa, a Entidade disse que iria cuidar da criança, mas que a cura viria primeiro na parte espiritual e arrematou: “se eu for curar ele, ele não vai aguentar, tamanha a transformação da matéria que ele não suportaria” (*apud* FC3). Desta forma, este FC é enfático na capacidade das Entidades influenciarem e modificarem a matéria, mas que as mudanças não podem ser muito intensas; “não é possível isso ainda no estágio que nós estamos passando aqui na Terra, mas que as Entidades de luz têm o poder de entrar na matéria e alterar o estado físico da matéria, assim como faz todos os dias com as cirurgias invisíveis” (FC3). Em seguida, esse FC comenta sua extensa epopeia, que aqui se resume em demasia. Em 2008, teve um agravamento da sua doença genética, retinose pigmentar, e começou a perder a visão, assomando-se uma catarata severa, reduzindo sua capacidade de enxergar a 5%. Não demorou para pensar em uma intervenção espiritual física nos olhos. Ao passar pela Entidade Dr. Augusto: “nem eu, nem os médicos da terra tocam nos seus olhos’... [pausa emocionada e lacrimosa]. E, os médicos da Terra, por sua vez, os especialistas em retina, nenhum, em São Paulo, queria me operar devido à delicadeza do nervo ótico” (FC3), que não suportaria uma carga alta de laser. Nesse momento, os médicos da Terra disseram: “contente-se com o que você tem” (*apud* FC3). Recusando-se a usar bengala, esse FC se locomovia por contraste de cores. Porém,

por duas vezes, as Entidades ‘abriram seus olhos’ na Casa, uma vez para identificar as imagens dos santos e outra quando a Entidade Dom Inácio efetivou um triângulo interno na pedra ametista, que lhe havia dado para abençoar. Principalmente por este último fato, a espiritualidade “mostrou através dessa materialização que era possível eu voltar a enxergar, e no passar desses anos eu fui aprendendo que as Entidades de luz têm poder de entrar dentro da matéria e alterar o estado físico da matéria” (FC3). No entanto, a “Entidade pontuava de maneira que dizia o seguinte, que eu ainda não estava pronto, que precisava haver uma transformação pessoal... [emoção lacrimosa e pausa] e aí ele mandava eu sentar na corrente novamente” (FC3). Algumas vezes a Entidade pediu para ele fazer intervenção espiritual, mas não física. Apesar do bom humor e esperança, esse FC precisava mudar internamente.

[...] a gente tá preso à materialidade no dia a dia né, então eu precisava mudar com os meus filhos, eu precisava mudar com minha esposa, eu precisava mudar com meus funcionários, eu precisava mudar o relacionamento com os meus amigos, precisava haver uma transformação pessoal. Então aquele A. de 2008, ele faz parte do passado, é uma outra pessoa que tá aqui falando contigo [...] (FC3).

Nesse ínterim, o FC3 encerrou a empresa de transporte em São Paulo, mudou para Abadiânia e iniciou a segunda etapa do tratamento: descer até a cachoeira semanalmente e lavar os olhos. Foram “dois anos descendo, duas, três, quatro vezes por semana até a cachoeira. Às vezes caía, me machucava, levantava e tinha que ir até a cachoeira, então era pra ir. E aí a gente foi desenvolvendo a fé, foi acreditando” (FC3) [sorrindo com emoção]. Depois de muita espera, esforço e uma espécie de autointervenção, “sem que eu percebesse, ela [a Entidade] estava me preparando pra algo maior” (FC3), então, “no dia 23 de maio, dia de Santa Rita de Cássia” (FC3) [santa que o médium João é devoto], a Entidade o tirou da corrente, “disse que estava na hora, que eu tava pronto, que tava na hora de eu voltar a enxergar, que meu nervo ótico estava reconstruído, [...] que eu suportaria uma cirurgia com os médicos da terra e que seria uma grande escola para eles” (FC3) [emoção lacrimosa e pausa]. Procurou o médico, mas este se recusou a fazer novos exames, visto que sempre a tendência era piorar, e que ele já tinha os exames antigos para comprovar. Diante da insistência e do argumento para atualizar exames, o médico cedeu. A surpresa do mesmo se verificou com os resultados positivos dos exames; que seria possível fazer cirurgia a laser, mesmo com alguns riscos. “Eu não podia depositar um eventual resultado negativo nem na minha família, nos meus filhos, nem na minha esposa, nem nas

Entidades e nem no médium João, em ninguém, a decisão dos riscos era minha” (FC3). Havia 30% de chance de voltar a enxergar; “pra quem não enxergava nada, 30% seria uma loteria, uma mega-sena [risos emocionados]... eu tava pronto pra correr o risco, eu tinha 99% de fé e tinha 1% de dúvida que é próprio do ser humano, sim, aquele medo” (FC3).

No dia seguinte [à operação], no primeiro olho, fomos retirar o curativo e aí eu comecei a ler as placas das salas do consultório e o médico falou: ‘você tá lendo lá na porta?’ E eu falei: ‘eu estou doutor’. Aí foi que ele me pegou e falou: ‘não, então vamos entrar que eu quero ver isso de perto, eu não estou acreditando no que você tá me falando’. E aí fomos para as letrinhas da parede, né, ele foi diminuindo as letrinhas, diminuindo, diminuindo, até que eu não li a última, a menorzinha. Ele avaliou que eu tinha recuperado 90% da visão do primeiro olho. [...] No intervalo entre uma cirurgia e outra, eu voltei à Casa de Dom Inácio, sentei na corrente – como forma de agradecimento – e só quem sabia da minha cirurgia era minha esposa, meus filhos em São Paulo, e a Entidade Dr. Augusto de Almeida. O Dr. Augusto de Almeida foi a Entidade que o médium João incorporou naquele dia, me pegou na corrente e virou pra mim e disse, falou: ‘você já está enxergando né?’ E aí me levou pro palco – junto com ele – ele pediu pra que eu olhasse nas pessoas que estavam sentadas no salão e identificasse as roupas das pessoas, objetos nas mãos das pessoas, e... [choro e pausa emocionada]. [Algum tempo depois] Fiz a segunda operação. [...] Eu já tava enxergando também 90% do outro olho... Então a gente tem uma gratidão muito grande pela Casa de Dom Inácio, pelos trabalhos humanitários que aqui são realizados, pela dedicação do médium João, e a presença das Entidades nas nossas vidas, de maneira... [fala emocionada, choro e pausa] Ééé... contundente, né? Nós somos acompanhados pelas Entidades de luz 24 horas, basta abrir o coração e entender o que a espiritualidade pode fazer pela gente, como a espiritualidade pode nos ajudar (FC3).

Sobre as transformações internas que esse FC passou por elas serem consideradas simbolicamente como autointervenções, preferiu-se pô-las no item adiante sobre cura.

FC4 – É FC desde 2007 [11 anos]. Em 2000, ele teve câncer de próstata devido a isso, extraiu-a totalmente. Antes de 2007, sem ele ter conhecimento da cidade de Abadiânia, sua cunhada teve câncer no peritônio e ficou internada no Hospital Sírio Libanês, SP. Então sua sobrinha levou uma foto da mãe para conseguir uma intervenção a distância com o médium João. Após alguns dias, ela melhorou, recebeu alta e voltou para sua residência. O FC4 ficou impressionado pela cura através da foto e pouco tempo depois descobriu que a atriz Shirley MacLaine havia se curado também com o médium. Posteriormente, uma parente dele enfrentou um sério

problema de imunodeficiência, o qual trouxe graves consequências para a pele. Foi proposto que a levassem ao João de Deus. Ele e seus parentes foram à Casa de Dom Inácio. Na Casa, a Entidade estava no palco e disse que: “ia fazer uma cirurgia visível. Aí falei: ‘agora eu quero ver, agora eu quero ver esse cara se é verdade...’ [risos] igual São Tomé” (FC4). Após o tratamento com o médium João, “a Entidade sempre me falou que a cura total não teria, ela nunca me prometeu que a I. não ficaria ileso a nada, até porque as alergias dela são muito intensas, mas o IgE dela, o marcador alérgico, era 47.000, hoje é 9, e sem medicação” (FC4). Sobre a evolução da enfermidade do FC4, em 2010, o índice PSA subiu para 4, 4,5.

Então quando começou a aparecer 4, 4,5 meu médico quis fazer radioterapia de novo. Aí eu passei pela Entidade e falei para ela: ‘olha, ele já tirou a próstata, mas o médico quer fazer uma rádio’. A Entidade falou: ‘filho, daqui eu já me adiantei’. E me deu **passiflora**. E é isso que está me mantendo até hoje. Já fiz vários outros testes e não tenho nenhum câncer (FC4, grifo de ênfase).

FC5 – É FC desde 1995 [23 anos]. Para a abordagem de sua história, a qual é repleta de fatos detalhados, ela foi resumida. Na época, seu pai tinha seis tumores na cabeça. Um dia ela se encontrou com uma amiga, explicou o caso do pai e a amiga insistiu para ela conhecer a Casa de Dom Inácio: “pois é, tu me conhece, sabe que não acredito em nada e eu fui com esse meu colega que tinha um tumor na cabeça e ficou curado. Fez uma cirurgia espiritual” (*apud* FC5). Naquela ocasião, essa FC cuidava do pai e do marido; este possuía consideráveis deficiências visuais. Tempos depois, ela ficou sabendo do tratamento pelas fotos e solicitou para uma tia, que viria para Abadiânia, que ela levasse a foto do marido. A tia foi para a Casa e voltou com cinco garrafas de medicamento – na época não havia passiflora – para seu marido, inclusive com um ‘X’ atrás da foto, o qual indicava intervenção. Posteriormente, ela veio com o marido, prometendo levar um terço para seu pai, trouxe também a foto deste. Quando chegou à Casa: “na quarta-feira de manhã, é como se eu conhecesse há **muito** tempo. Me senti em casa” (FC5, grifo de ênfase). A Casa estava cheia de gente. “E a Entidade no palco me olhava e eu não conseguia tirar os olhos da Entidade também. Agora não me pergunta como, quando eu vi, eu estava na frente da Entidade, lá dentro, não sei como entrei, até hoje não sei como é que foi” (FC5). Em frente à Entidade, esta a indagou: “‘Filha, quando é que você vai deixar de pensar nos outros e pensar em você?’”, eu disse para ele: ‘Acho que nunca. Se eu não mudei até agora, acho que eu não mudo mais’” (FC5). A Entidade repetiu três vezes que a ajudaria e

pediu para ela voltar em 40 dias. Retornaram ao sul do país, levando o terço e o remédio para o pai. Meses depois, o pai morreu, “sem uma dor” (FC5) [fazendo uso das garrafadas da Casa], para espanto dos médicos, pois com os tumores na cabeça, eles já tinham avisado que seria necessário o uso de morfina. Depois que voltaram para a revisão do marido, a Entidade Ihe disse: “filha, vá trabalhar na corrente” (*apud* FC5). Após isso, ela voltou à Casa mais vezes. Ainda morando no Sul [mas já estava construindo uma casa na cidade de Abadiânia], meses depois, uma conhecida Ihe telefona: “Ela disse assim: ‘T., a Entidade mandou um recado, que chegou a hora’, eu digo: ‘Chegou a hora de quê, Y.?’”, ‘Ele disse que tu irias entender, não precisaria falar mais nada. Só esse recado” (*apud* FC5).

Na segunda-feira de manhã quando paramos no Balneário de Camboriú para tomar o café, eu descí com o pessoal conversando; quando chegou na porta do banheiro, eu de havaianas, eu **nunca** viajava de havaianas, sempre de saltão, tá? Naquele dia eu estava de havaianas. Chegou na porta do banheiro, eu caí com os dois joelhos, não escorreguei! Não tropecei! Não tem explicação! Quando eu caí, eu tive uma visão, tive a visão aonde eu entendi... Aí eu levantei, eu vi as Entidades me atendendo, me dando a medicação, não tive dor. Levantei, olhei meu joelho e disse: ‘S., desmanchei a minha rótula’, aí ela disse: ‘É impossível T.! E tu assim? Ah não’, eu digo: ‘Olha aqui oh’, entrou para dentro, ficou toda quebradinha, lógico, aqui dentro. Eu disse: ‘S., eu não tenho esse buraco no meu joelho, olha que tu vai ver’ [em momento anterior da entrevista, ela havia mostrado os dois joelhos sem patelas]. ‘Não, não é possível, tu está caminhando’... Daí eu ainda continuei andando. Depois, eu comecei a cair, que o pessoal não acreditava, só que eu caía de costa, sentada. Levaram-me ao hospital e tirei um raio X. O médico **veio e falou** comigo: ‘Temos que fazer uma cirurgia imediatamente e colocar uma prótese’, eu digo: ‘**mas nunca, de maneira alguma!** Então se é para fazer isso, eu volto para minha cidade, aqui não’. [...] ‘Eu quero é uma prova para a casa de Dom Inácio, eu quero o raio X’. Daí o médico disse: ‘Não, a senhora não vai sair daqui’, eu digo: ‘Vou sim, pela minha responsabilidade, assino o que vocês quiserem, mas não vou fazer cirurgia nenhuma. O **máximo** que eu vou deixar vocês fazerem é me colocar uma atadura, uma tala’. Decidi que queria continuar viagem para Abadiânia. [...] A S. arrumou bem na frente para mim, para a perna ficar esticada; ela do meu lado, me cuidando e me perguntava: ‘T., está com dor?’, eu digo: ‘Não! **Só** que todas as pessoas do ônibus, até de noite, tudo apagado, sentiram cheiro de remédio: ‘A T. está colocando remédio’. Eu senti uma luz, eu estava dormindo e não estava colocando remédio. Aí o pessoal pedia para ver a radiografia: ‘Não é normal, não pode ser’, olhavam a radiografia. [...] E eu acho sugestão né? [risos], eu não tive dor nenhuma. [...] Quando eu fui para passar pela Entidade [...] ele me olhou e disse assim: ‘Filha, você está bem né?’, eu digo: ‘Com a **graça** de Deus e com a sua ajuda’ e dos bons espíritos também. Daí ele me disse: ‘Filha, vá para casa e vai descansar, porque agora é o que você está precisando, descansar. No final dos trabalhos da tarde, você retorna, quero que seja a última’. À Tarde,

quando voltei, me pediu uma foto só minha e fez o trabalho de madrugada. No dia seguinte fui trabalhar na corrente. Mas na corrente a perna ficou super inchada. Fiquei na dúvida se iria embora para o Sul, e a Entidade pediu para eu falar com o médium João. [...] Fui falar com ele e eu pensei: ‘Meu Deus, será que é sensato? Eu ficar aqui?’, ele olhou para mim e o que me levava, o J., o taxista, estava conversando com ele. Ele **me** olhou e disse assim: ‘É a atitude mais sensata que tu vai tomar em toda a tua vida’, olhou para o J. e disse: ‘Pode levar ela, que para ela não preciso dizer mais nada’. Liguei para o F. [marido] e disse: ‘Não vou mais’ [voltar ao sul do Brasil] (FC5, grifos de ênfase).

Muitos ficaram em estado de choque por sua atitude; ela largou filhos universitários, casa, inventário do pai, parentes e outros no Sul do país e foi dormir na sua casa, que estava sendo construída em Abadiânia. O marido veio logo em seguida. Sobre a distância, ela afirmou que voltou para Porto Alegre um ano depois. “Larguei tudo, tudo. **Nem sempre a gente estando junto é que a gente ajuda...** Para o verdadeiro amor não existe distância e eu sei que eu ficando aqui, eu ajudei, ajudo e vou ajudar **muito** mais, do que estando perto” (FC5, grifos de ênfase). Sobre a quase cegueira do marido: “Graças a Deus, meu marido, que lá na nossa cidade ele não dirigia mais, hoje ele dirige moto, carro, tudo. [...] Aonde os médicos tinham mandado ele para casa e se acostumar com a cegueira, eu digo: ‘Ah, não vai não!’” (FC5).

FC6 – É FC desde 1989 [29 anos]. Este tem uma lógica diferente da maioria e propõe uma inversão, falar de tratamento espiritual, não de intervenção. Ele diz que não se deve falar tanto de intervenção espiritual, mas de tratamento, sendo este maior àquela.

Antigamente as pessoas vinham para Abadiânia para serem curadas e isso é um processo até um tanto quanto obsessivo, porque quando você vai ao médico e o médico diz: ‘você tem um mês de vida ou você tem dois anos de vida’, as pessoas se apavoram, porque elas nunca ficam doentes, sempre quem fica doente é o vizinho, sempre quem morre primeiro é o vizinho. E quando bate o negócio, a ‘miudinha’ as pessoas se apavoram. Então isso aqui também evoluiu muito, **porque hoje nós não estamos aqui para sermos operados espiritualmente, nós viemos aqui para fazer um tratamento espiritual.** O quê que é o tratamento espiritual? O tratamento espiritual basicamente provém de que eu acredito que a minha vida não é meu corpo, o meu corpo é a casa do espírito, o meu corpo adocece, envelhece e morre. O meu espírito não adocece, não envelhece e não morre. Fé significa acreditar naquilo que você não vê e a recompensa é ver aquilo que você acredita (FC6, grifos nossos).

Em comparação às intervenções espirituais, por ser o tratamento mais expressivo, segundo o FC6, este advém de esclarecimentos espirituais, elucidações

de um processo. Entre eles: a) Deus tinha um processo que governou e puniu; b) os profetas prepararam o terreno para Jesus; c) Jesus derramou o seu sangue **para** nos redimir, “que foi um processo bastante aprimorado e forte” (FC6); d) Jesus deixou claro pelo ‘a tua fé te salvou’, que o espírito era importante; e) Jesus, pregado na cruz: “Pai, por que me abandonastes? Perdoai-os porque não sabem o que fazem e nem o que dizem’ e falou mais: ‘Pai seja feita a tua vontade e não a minha’. Naquele momento ficou selado um processo, ok? (FC6)” [para este FC, “hoje se sabe que aquele cara que botou a lança em Jesus foi Dom Pedro, que veio à Terra fazer uma coisa importante, mas sem importância [...] Lula foi Danton e José Dirceu foi Robespierre [...] que fizeram meleca e continuam fazendo” (FC6); f) Segundo ele, é importante saber que “Lúcifer foi o anjo preferido de Deus e em um determinado momento ele se rebelou, muito bem. Quando ele se rebelou o que que Deus fez? ‘Você quer ter poder? Você tem! Reinarás as trevas, jamais verás a luz” (FC6), e isto, inteligência e poder, fizeram mudar a relação novamente e; g) sendo assim, “existe gente que se comunica com Deus e na verdade não é Deus, é o demônio, só que a gente não pode ficar falando em demônio porque você pode fazer um inferno da tua vida ou uma alegria com a tua vida” (FC6) [para esse FC: “existem coisas que são importantes, se **nós** usarmos, olharmos um outro processo” (FC6, grifo de ênfase)]. Diante disso, desse processo terapêutico, esse FC conclui: “Abadiânia é o maior centro de desobsessão da América Latina ou, quiçá, do mundo inteiro” (FC6). Se a doença se originou de uma forma errada de viver, conforme esse FC, é necessário ter consciência: “elas [as pessoas] estão no estado que estão, porque assim o quiseram e isso precisa saber mostrar” (FC6). De modo geral, as pessoas vão [por contraditório que seja] à Casa para receberem intervenção; não querem o tratamento, mas querem ser curadas. [...] “Então a partir do momento que tu entende que o teu tratamento é longo, tu vai fazer o tratamento, não fica só aporrinhando porque você quer ser curado, tá?” (FC6).

FC7 – É FC desde 1996 [22 anos]. Ele traz algumas intervenções inusitadas. Devido à idade, ele condiciona a intervenção por energia: esse FC “tinha mais de cinquenta e dois anos, ele [a Entidade] fez uma cirurgia que se chama por ‘Energia’. [Nessa] Energia, a pessoa desfalece; acho que você já viu algum filme aí, ele pega a pessoa, ‘segura, pode carregar’, ela já tá operada” (FC7). O FC, expressando emoção lacrimosa nas lembranças, assevera que tem períodos de energia muito boa na Casa – como Semana Santa, aniversário de Dom Inácio e outros – e períodos em que não

é tão boa assim – época de carnaval ou festas pagãs. A intervenção por energia com ele aconteceu na Semana Santa.

[...] o Dr. Augusto foi fazer cirurgia no palco. A gente [ele e a esposa sentados na corrente] estava de olhos fechados mas ficou ouvindo. Eu não sabia que era o Dr. Augusto naquele momento é aí quando ele desceu, ele passou – eu tava na primeira sala – ele passou naquela sala e eu de olho fechado, nós de olhos fechados, não sabia, ele passou e quando ele passou, eu senti a energia aqui no cocoruto; sabe se encosta um fio elétrico faz *purururu*. [...] só aqui na cabeça que o pessoal sente também. Eu senti aquele impacto de um choque. Não fez barulho mas fez *purururu* e aí o que que aconteceu? Eu desfaleci no colo da minha esposa [...] (FC7).

Nesse momento, carregaram-no para a enfermaria e a esposa, surpresa, foi falar com a Entidade: “com o Dr. Augusto, aí ele se identificou, ele riu e falou: ‘filha, o seu marido foi operado, eu operei o seu marido, tá, leva ele pra casa e volta na semana que vem’” (*apud* FC7). Essas operações criam mais gratidão nos FC: “E a partir daí a gente trabalhou, continuamos trabalhando com mais amor... porque... é como se fosse uma moeda de troca, mas não é uma moeda, é gratidão. Eu e minha esposa somos voluntários por gratidão a essa Casa” (FC7) [emoção de alegria e choro]. Sua mãe, de mais de 80 anos, já tinha feito uma intervenção na carótida pela medicina convencional, mas sua médica requisitou novamente outra operação. A mãe, porém, recusou-se e pediu que a levassem ao João de Deus, também por causa da sinusite. Nesse dia havia um casal de médicos acompanhando e conversando com a Entidade. Eles foram até a mãe, a Entidade usou uma pinça e começou a passar a mão em sua carótida, justamente naquela que não tinha stent [endoprótese expansível]; em seguida, a paciente foi para a enfermaria. À noite, vieram os efeitos: [...] “quando chegou de noite, tem que sair de algum jeito né, ela foi à toailete várias vezes, liberou tudo isso, ela nunca mais reclamou disso” (FC7). Dias depois, sua mãe voltou à médica e fez novamente os exames, mas a médica mandou repeti-los porque não se tinha acusado mais nada. Um ano depois, a mãe voltou à Casa para fazer uma intervenção da catarata. Depois de feito, “ela não reclamou, ela só falou: ‘é tá bom’”. Aí o Dr. Augusto falou assim: ‘não, tá bom pro gasto, pra idade dela tá bom pro gasto’. Ele usou outras palavras, mas era isso aí, suficiente” (FC7). Na revisão dessa intervenção, descobriu-se que a mãe tinha mediunidade: “ela tava no salão esperando chamar revisão e todo mundo em pé. Minha mãe tinha mediunidade e eu não sabia; aí ela olhou pra mim e falou: ‘ai, tô ficando tonta, eu tô sentindo cheiro de rosas’ e

começou a desfalecer” (FC7). Levaram-na à enfermaria. Dormiu e acordou bem. Outra intervenção: sua esposa, também FC, trabalhando na enfermaria, sentiu seu pé inchado e foi até a Entidade: “deixa eu ver, vamos resolver isso já’. E fez a intervenção no pé; ele cortou o lado do pé dela ali sentadinho, [...] mas não saiu sangue, fez um enfaixamentozinho ali. [...] Aí terminou e falou: ‘pronto filha, vai trabalhar’” (apud FC7). Ela voltou para a Enfermaria trabalhar, não a mandou descansar. Noutra ocasião, ela operou da vista sem estar na Casa. Esse FC e sua esposa tinham uma pousada, famosa pela aprazível comida da proprietária, onde o João de Deus ia comer lá algumas vezes. “E aí o Senhor João foi lá jantar e olhou pra ela: ‘ô minha irmã, tá tudo bem? Olha teu peixe tá uma maravilha’, aí ele pôs a mão no ombro dela. O Senhor João nunca é o Senhor João totalmente, você sabe disso” (FC7). Esse FC alerta para o médium como interexistente – como ponderado no primeiro capítulo – e lança uma reflexão:

[...] você sabe que a Entidade não entra dentro do Senhor João né, não entra. Ela acopla no DNA do Senhor João. O espírito do Dr. Augusto, ele fica do lado, não fisicamente, porque pra eles não têm tempo, nem espaço. Ele acopla no DNA do Senhor João, então ele usa a voz do Senhor João, os olhos do Senhor João, tudo do Senhor João. Às vezes a Entidade modifica o corpo do Senhor João, ele estufa, isso é bom você saber, muda. Ele tem quatro cores de olho: verde claro, azul, castanho escuro e castanho claro (FC7).

Terminado a premissa, esse FC volta ao jantar, onde o médium comeu e foi embora.

Aí quando nós fomos deitar, ela [a esposa] sentiu que tava com sono, falou: ‘tô com sono’...e ela não falou, depois que ela falou que tava meio formigando os olhos. Quando amanheceu, ela olhou no espelho e tava **todo roxo** os olhos dela, de um lado só: ‘Dr. Augusto me operou, da catarata’. [...] Até brinquei com ela: ‘você não vai na corrente hoje, porque vão pensar que te dei um murro’. Ficou todo roxo. Como ela trabalha, como ela conhecia a metodologia da enfermaria, ela pegou água fluída, pois numa gaze, ficou deitada, porque isso aí, o processo foi durante a noite, né, e eles cuidaram dela durante à noite. Então sem precisar vir aqui ela fez cirurgia e nós sabemos que isso acontece às vezes com pessoas que têm o mérito e pouco importa o lugar que acontece isso, porque já aconteceu em algumas pousadas. A pessoa fala: ‘olha, eu senti que tava um peso na minha perna, assim, assado. Nós temos relato disso [...]’ (FC7, grifos de ênfase).

Esse FC apresenta uma última intervenção que deu trabalho para classificá-la: a distância ou por energia? Optou-se por energia, visto que a Entidade ‘esteve

perto' e preparou o ocorrido, mas se trata de apenas uma hipótese. Contudo, essa dúvida se esvai quando o FC 'afirma ser a mesma intervenção que acontece nas pousadas', visto que não necessariamente a pessoa enferma esteve presente na frente do médium ou da Entidade, ou não tem idade avançada, como esse FC deu a entender com sua própria situação vista inicialmente. Aparentemente, as intervenções que acontecem nas pousadas são de outro tipo, um processo ignorado.

FC8 – É FC desde 1989 [29 anos]. Ela passou por experiências de interpretações opulentas, depois de tantos anos acompanhando o médium. Como já relatado em capítulo anterior, em seu primeiro contato com o médium, viu-o, com uma faquinha na mão, tirar o globo ocular da pessoa ao seu lado, raspá-lo e limpar a faquinha na camiseta [essa FC afirma que Zé Arigó agia igualmente assim]. Nesse mesmo dia, sua mãe foi operada 'a distância', apesar de ela não ter passado pela Entidade, nem desta saber do problema, incluindo que elas e seu pai 'casaca branca' receberam convite para irem à Abadiânia. A FC8 Garante que quando chegou na cidade goiana observava mais fenômenos: “**nossa**, a gente via na época, tinha muito mais fenômenos aqui, tinha muita materialização de situação, de coisas, [...] os fenômenos eram mais ostensivos, até porque as pessoas tinham que vir para cá, pelo fenômeno” (FC8, grifo de ênfase). Seu espanto foi grande ao presenciar materializações:

Assim, quando eu comecei a ver, não tinha uma explicação, tipo, 'como eles faziam?'. Acontecia, tu via a cura, tu via a situação, tu via materializando ali, materializava água, mel. Tipo assim, a pessoa estava lá com barrigão, eu mesmo peguei de um vaso aranhas que saíram de uma senhora, eu e uma amiga minha que a Entidade mandou. A mulher com um barrigão enorme saiu de lá sem barriga, e estava por causa das aranhas, materializações da doença dela, sabe? (FC8).

Essa FC afirma que depois de muitos fenômenos parou de questionar o porquê, o como e sua intranquilidade foi amenizada. As explicações do Dr. Amit Goswami igualmente contribuíram para a sua calma. “Tipo assim, acontece, e por quê? Deve ter uma explicação, muitos pesquisadores, muitos cientistas, eles explicam. A física quântica, por exemplo. Eu fiz um curso com Dr. Amit Goswami, que é uma sumidade em física quântica” (FC8). Tal condição de questionamento não adveio somente de sua família de médicos, mas de mais de uma dezena de anos trabalhando em centro espírita. Esse hábito mental foi descontinuado:

Isso eu parei, parei de fazer porque aconteceram comigo coisas que assim não tem explicação. As curas que aconteceram, as situações que eu passei. Eu penso assim, que hoje a gente pensa com o coração, não pensa mais com a mente. É o que eu entendo assim, o amor não é explicável, não tem como explicar o amor, não tem como explicar esse sentimento, sabe? E eu te digo, eu era muito chata, eu incomodei muito aqui, incomodei muito, eu era muito questionadora na corrente (FC8).

Um dia seu pai estava no salão da Casa e comentou baixinho com ela que o médium cortava as pessoas nas salas internas e depois vinha exhibir no palco. A Entidade ‘ouviu’ e foi até eles dizendo para comparecerem à tarde na sala de intervenções. Como já contemplado em capítulo anterior, a Entidade molhou um algodão na água fluidificada e pôs na boca da FC; esta disse ser água. A Entidade repetiu a experiência e ela ficou com a boca amortecida, sem conseguir falar. Depois a Entidade escolheu nove pessoas aleatoriamente e fez um furo com agulha nas costas de uma senhora, porém, todas as nove pessoas sangravam nas costas. “Daí ele chamou meu pai, mostrou umas cirurgias lá, aquelas que fazem no nariz, aí ele ainda martelou, **botou** no ouvido e martelou, ele disse para meu pai: ‘se você fizer isso em seu paciente o que acontece?’ Ele disse: ‘eu mato ele’ [risos]” (*apud* FC8). A Entidade explicou em seguida: “pois é filho, porque aqui não é na matéria que se faz isso” (*apud* FC8). Posteriormente, a Entidade mandou que a FC costurasse uma paciente, mas a agulha não entrava na pele, parecia “pele de pedra” (FC8), outra pessoa foi chamada e facilmente suturou.

[...] Eu tinha uma infecção assim que abria o meu ouvido era horrível e aí, eu passei bastante trabalho com isso, **até** que um dia, aqui em Abadiânia mesmo, eu lembro que eu tive um situação que eu fiquei, fiquei muito mal aqui, eu estava sozinha, eu já estava morando aqui e aí eu fiquei com febre na sexta de tarde, na hora que ele [João de Deus] **estava desincorporando**, eu falei: ‘pai, eu estou com muita febre’, então ele falou: ‘hoje à noite você vai dormir aqui na enfermaria’, ‘como assim?’. ‘E não pode tomar nenhum remédio, senão você vai desencarnar’. Aí eu fui ao hotel de uma amiga minha e disse para ela me emprestar umas cobertas, porque eu tiritava de frio, com quase 40 de febre e ela disse: ‘não, eu vou te dar um paracetamol’, ‘eu não posso tomar nada, mas eu tenho que dormir lá na enfermaria’. Aquilo lá para mim foi... e eu fui e **tinha só eu e o senhorzinho** que cuidava da casa, o guarda. Daí eu fiquei, chamei, falei com ele, ele disse: ‘não fia, fica tranquila’, eu disse: ‘qualquer coisa eu grito, tá?’. ‘Não fia – ele me chamava assim –, fica tranquila, aqui é muito tranquilo’. Peguei os cobertores que tinham me dado e deixei a luz da primeira sala de entrada ali acesa e fiquei na enfermaria, deitada, com a cabeça virada... ali tem um quadro, acho que de Nossa Senhora perto do banheiro, mas era um pouco diferente, aí eu tiritava de frio assim. De

repente, sabe? Eu comecei a sentir assim... uma tremedeira na cama, a cama começou a tremer, tremer e eu comecei a escutar barulho assim plim plim plim. Eu olhava e não via nada, só que o barulho faz um barulhão e aí eu comecei a gritar, falei: '**por favor**', eu gritava: '**senhor, senhor**', aí veio o senhorzinho correndo e falou: 'o que foi, fia?' e acendeu à luz, e eu disse: 'tem uma coisa aqui dentro, alguém entrou aqui nessa sala e eu estou com medo' e ele: 'mas não tem ninguém, não tem ninguém, a porta e o portão está fechado' e eu falei: 'ficou alguém aqui dentro, tem alguém aqui dentro e quer me assustar' e ele disse: 'fia, são eles' e eu disse: 'eles quem?' e ele: os espírito', eu disse: 'como assim?' ele disse: 'não, eles trabaíam aqui', assim, ruim o português, 'mas assim, esse barulho?', ele falou: '**não**, normal', 'e o senhor enxerga eles?' e ele falou: '**toooda noite**', 'e como o senhor enxerga eles?', 'Daqui para cima', ele mostrou do peito para cima, 'o senhor enxerga eles?' 'Sim, estão sempre avoando' [risos], falei: '**meu deus do céu!** Eu não quero ver, eu não quero ver. Mesmo que for espírito de luz, eu não quero ver', aí ele falou: 'não, calma'. Aí ele ficou sentadinho na porta, falou: 'vou ficar aqui', aí ele ficou do lado de fora da porta. **E às 7 horas da manhã** a Entidade tinha dito para tomar banho na cachoeira, com aquela febre e dor de ouvido. Acordei de manhã, a **minha cama** – isso aconteceu duas vezes comigo aqui Abadiânia e com a minha mãe junto uma vez lá em Anita Garibaldi –, a cama se moveu de lugar, ela saiu de um lugar e foi para o outro, ela **mudou** de lugar. Durante a noite enquanto dormia, minha cama mudou. Eu acordei com a cabeceira do outro lado, os cobertores todos no chão e sem febre, aquilo foi estranho. Eu fui lá para cachoeira, estava fraca assim, mas fui lá, no **frio**. Fui lá, tomei banho de cachoeira, **quando** eu voltei, meu ouvido abriu, fez plack! Começou a sair um monte de coisa de dentro, aí eu fui para casa. Passei no hotel da minha amiga e ela falou: 'é sério, você tem que ir para hospital', eu falei: 'eu não vou, ele falou para mim que eu ia desencarnar se eu fosse, não vou'. Fui para casa e tal e liguei para o meu pai, na época não tinha celular. E meu pai disse: 'olha, isso pode te dar uma septicemia, pode' – era de noite – 'começar a complicar', ele disse: 'tu acredita? Tem fé?' Eu disse: '**tenho!**', ele disse: 'eu e tua mãe vamos rezar daqui. Se doer chama um taxi', mas não tinha táxi na época, e falei: 'então reza', ele: 'põe algodão com água fluida'. E aí **os dois** ouvidos começaram a incomodar, eu tive que dormir com a testa assim. No outro dia de manhã, meu ouvido parecia **de elefante**. E assim passei o fim de semana, segunda, terça-feira, eu nem me olhava no espelho de tão horrível que estava. Na terça-feira começou a ficar um pouquinho melhor, na quarta-feira quando **eu ia** reclamar estava perfeita, não tinha **nada**. Tipo assim 'tenha fé!' (FC8, grifos de ênfase).

Um ano e meio depois, ela voltou a ter dor de ouvido. Usou erva de Santa Maria no ouvido e foi trabalhar na Casa:

Eu fiz uma cirurgia física, de surpresa também, porque se eu soubesse não teria feito de jeito nenhum. Meu ouvido..., fui pega de surpresa, eu tinha uma infecção crônica. Não, não me dispus a fazer, Deus me livre [risos]. Não, eu morro de medo, não vou nem em médicos, tenho pavor, eu só fui em médico por causa das minhas crianças, meus filhos, imagina? A minha família tem um monte de médico. [...] Na

época eu dirigia a sala de cirurgia de manhã e de tarde só aquela primeira sala, tinha pouca gente, eram poucos voluntários e eu estava assim, zonza, zonza, de manhã. E aí eu pensei: ‘ah, peguei uma carga – carga é uma energia negativa no trabalho –, não fiz a limpeza direito’. E aí, a sopa era aqui, aquele senhorzinho que trabalhava aqui na casa, eu falei: ‘eu não estou me sentindo bem’, ele falou: ‘nem vai, fica aqui na Casa, à tarde tem trabalho na Casa, nem sai daqui de dentro’ e eu falei: ‘eu não vou sair’ e deitei em um banco e tal e eu estava assim cada vez mais tonta, tonta, tonta e aí abriram a porta para a primeira sala, eu esperei as pessoas fecharem os olhos e sentei, eu estava **muito** zonza e tinha umas fotos para passar. E aí quando eu fui passar as fotos [mostrar fotos para a Entidade, que várias pessoas necessitadas mandavam], tinha um senhor do lado da Entidade [...], a Entidade chamou ele e disse assim: ‘fique aqui do lado que vai ter uma cirurgia visível agora’. Isso antes de começar a atender. E começaram a atender, ele [João de Deus em Entidade] olhou para mim e falou: ‘tudo bem filha, com você?’, eu falei: ‘tudo’, ele olhou assim e disse: ‘mas está tudo bem mesmo?’, eu falei: ‘sim, está tudo bem’, ele falou: ‘filha, e o seu ouvido?’, eu falei: ‘ah pai, está um pouquinho complicado, eu enchi de folha de Santa Maria’, ele olhou para cima mexeu com a cabeça tipo ‘ai meu Deus’ e disse: ‘vem aqui. Abaixa’, eu abaixei, ele pegou assim meu rosto botou na perna dele, tirou meus brincos dos dois lados e disse assim: ‘me traz os instrumentos’. Eu falei aquela hora que eu estava tonta, eu já estava sendo anestesiada e aí ele já tinha preparado tudo para fazer a cirurgia, aí eu falei: ‘pai, você vai me operar?’, ele: ‘vou’, eu falei: ‘fisicamente?’ e ele: ‘**sim, e concentra**’ e eu comecei a tremer e eu falei: ‘**ai meu deus, eu não quero** e eu comecei a rezar ave-maria e ele disse: ‘filha concentra, fica quieta’ [risos] e eu tremia e ele: ‘sim e vai doer’, se vai doer, pensei: ‘não, não vou aguentar’. Aí eu só senti... **olha incrível**, eu fechei os olhos pensei: ‘ah, eu estou aqui agora. Não posso sair correndo’. Aí eu comecei a sentir assim **zrimmm**, parecia um laser atrás da minha orelha, eu não senti dor, daqui a pouco eu senti um baque assim, **pofff!**. Mas como eu estava de olhos fechados não enxergava nada. Aí ele falou: ‘filma que eu quero mandar para o pai dela ver, e para o irmão dela’ [os dois são médicos]. Meu pai está com a filmagem acho, lá no sul. Eu levei cinco vezes para ver, na quinta vez que eu consegui olhar, porque eu não **a-cre-di-tei**, se tu visse, o que ele fez, eu falei: ‘se eu soubesse o que ele ia fazer’, eu acho que eu tinha me escondido, tinha corrido mesmo, porque ele **cortou** com o bisturi daqui de cima [atrás da orelha] até o meu pescoço, até aqui embaixo. Quando ele terminou, ele disse: ‘pode ir caminhando. Pega a sua bolsa e deixa uma pessoa para substituir lá na sala’. Quando eu cheguei na enfermaria as mulheres começaram a gritar: ‘**meu deus do céu**, olha o tanto de sangue’, não sei o que... Comecei a ficar apavorada. ‘O que ele fez na tua cabeça?’, eu falei: ‘**meu deus do céu, não**, não sei’, fiquei nervosa. Então eu disse para a mulher: ‘tem um negócio no meu ouvido, vai lá perguntar para ele o que que é isso’. Tinha enfiado um chumaço de algodão, aí ele falou para ela: ‘manda ela deixar até na quarta-feira’ – isso foi na sexta – ‘quarta-feira ela vem e eu vou tirar’. Cheguei em casa, tinha uma bicicleta, fui para casa de bicicleta passando mal assim, sabe? Me sentindo tonta, mas fui, até no sol **ainda**. [...] Fui deitar. Eu não tinha coragem, eu ia tomar banho assim, engatinhando e eu não tinha coragem de olhar aquela coisa. Até que na segunda-feira, eu pensei: ‘eu vou tirar, vou tirar esse negócio’, eu

tirei assim, devagarzinho, pensei: 'ah, vai ter um corte horroroso, enorme'. **Não tinha nada** [espanto], não tinha nada, nada, nada e subindo a fita do corte eu falei: 'não acredito'. Mas aquela coisa começou a me cutucar, cutucar. Então quarta-feira de manhã eu vim na frente dele, ele falou: 'não filha, não fui eu que operei você, foi o Dr. Augusto, volta de tarde'. Eu puxava aquele algodão e voltava para dentro, aí de tarde quando eu cheguei na frente dele, ele disse: 'traz os instrumentos', e eu falei: 'o senhor vai me operar no outro ouvido?'. Ele disse: 'não, vou tirar. Oh, em quinze dias tu vai para o sul e faz uma lavagem com seu pai'. Aí eu fui fiz a lavagem com meu pai. Sabei um monte de **coiseira** lá, de sujeira lá e nunca mais meu ouvido me incomodou. Meu pai e meu irmão quando viram a fita, meu irmão que é médico, eles ficaram meio impressionados, porque foi muito rápido, foi tipo assim, uns treze minutos no **máximo**. Meu irmão disse: 'meu Deus, isso aqui em um hospital ia levar muitas horas' (*apud* FC8, grifos de ênfase).

Essa FC termina dizendo que depois de dezesseis anos trabalhando na sala de intervenção, descobre que o lugar é mágico:

[...] **Gente** esse lugar aqui é mágico. O que acontece nessa sala de cirurgia é uma coisa assim... tu vê assim eles, praticamente tu enxerga as equipes trabalhando, tão profundo, é tudo tão bonito [emoção lacrimosa] é tão assim... existe tanta... Tu sente aquela energia do amor é uma coisa assim que não dá para descrever. Eu digo isso, não tem como descrever, é só a gente que entra na corrente, a gente **sentindo** o trabalho. Tu imagina assim: em volta da gente tantos médicos, tantos... E eu sempre tenho **muito, muito** respeito [...] (FC8, grifos de ênfase).

O relato dessa FC mostra vários tipos de intervenções: a física [no globo ocular e no ouvido], a distância [com sua mãe], por energia [cura do ouvido depois de todo o processo e do banho na cachoeira]. Seus comentários sobre o processo, seja sobre a materialização da água ou das aranhas [esta última materialização da doença], o amortecimento da boca, a batida de instrumento no ouvido de outra pessoa sem feri-la, a pele 'imperfurável', o dormir na enfermaria, o 'não tome remédio senão desencarna', o banho de cachoeira com febre, as 'aparências' pós-intervenções, a Entidade pedindo para voltar à tarde porque havia sido outra Entidade que tinha feito sua operação e outros evidencia inúmeros processos diferentes que ocorrem na Casa, dependendo da pessoa e de sua enfermidade.

Frente às intervenções espirituais vivenciadas pelos FC, optou-se por segmentar em dois conjuntos: da intervenção espiritual em si, revelando seu significado e; dos discursos construídos sobre a intervenções espirituais, revelando suas simbologias, seus sentidos. Ao se falar do sentido em si, pode-se observar uma

distinção mais simples em comparação às intevenções espirituais, mas não o contrário. Assim, como as intervenções espirituais na Casa são basicamente divididas em duas, as físicas e as invisíveis, ou ambas juntas, os significados atribuídos podem estar envoltos em linguagens limítrofes ao seu sentido, o que se procurou evitar.

Além disso, não se buscou neste momento dar o significado de cirurgia ou intervenção espiritual, como sinônimo do conceito 'do que é, ou a descrição do fato', mesmo porque se cairia na repetição explicativa de construções linguísticas¹⁰². Assim, optou-se por 'o que João de Deus fez com o/a FC resultando em sua mudança de sentido'. Desta forma, cabe lembrar que o sentido está envolto à história de vida e às permanentes transformações socioculturais, na relação mediada entre o significado social e o sentido pessoal. Outra distinção que se buscou fazer foi sobre a inter-relação específica entre o sentido da intervenção espiritual e a cura. Contudo, sabe-se que nessa relação a separação é dificultosa, podendo mesmo ambas serem confundidas, já que em alguns aspectos elas se complementam, como exposto pelo discurso centrípeto [de aproximação], afirmado por Bakhtin (1988). De modo geral, a intervenção espiritual foi o motivo principal que fez com que os FC buscassem a Casa, mas na convivência do recinto, a mesma passou a ser secundária.

FC1 – **Significado**¹⁰³: sondagem nasal que a fez expelir o tumor alojado na glândula pineal; **Sentido**: a intervenção restabeleceu-lhe uma nova vida, para quem vivia quase a vegetar. A esperança de dias melhores retornou junto a uma reforma em sua visão de mundo, ao ser aconselhada para estudar o espiritismo e educar-se na corrente da Casa, também através de orações. Adotou um filho, teve mais três, fez curso superior. Descobriu-se espírito imortal rumo ao desenvolvimento do amor, pratica caridade, entre outras, dando passes magnéticos.

FC2 – **Significado**: a intervenção espiritual é apenas um meio de se descobrir nas sendas evolutivas do espírito. **Sentido**: na evolução espiritual pela qual passa cada ser humano, independente se realiza intervenção espiritual ou não, vai descobrindo-se e trabalhando em sua incumbência traçada. Não se trata apenas de mais um vulgar caminho, mas 'o' caminho que se revela através de realizações íntimas

¹⁰² Apontado anteriormente, a intervenção espiritual pode ser entendida como uma operação visível e ou invisível na pessoa enferma, presencialmente ou à distância, sob o comando do médium ou de Entidades.

¹⁰³ Sabe-se que diretamente este não foi o significado do significado de intervenção espiritual assumido nessa tese. No entanto, há uma relação indireta por tratar-se do 'fato acontecido' que evidenciou o significado do conceito e propiciou o sentido.

e externas ao próximo, digno do sentido da vida. As oportunidades surgidas, os problemas encarados sejam de enfermidades ou pessoais, todos exigem aprendizagens, novas ou velhas, ou melhor, cada vez mais aperfeiçoadas.

FC3 – **Significado:** a intervenção espiritual pode acontecer e fortalecer um pequeno órgão físico – seja o cérebro ou os olhos – mas as lições espirituais é o que engrandecem. **Sentido:** esse FC tem claro que o mundo espiritual, constituído também de Entidades de cura, pode e atua de modo energético a materializar-se no bem-estar do corpo, antes doentio; uma espécie de energia restauradora da matéria. O ponto alto de sua visão de mundo foi sua mudança interna com as pessoas próximas, familiares ou não, considerado autointervenção, devido as suas dificuldades. Se se pode falar em enfraquecimento do ego, esse FC alcançou força na lição; houve um revigoramento de atitudes respeitadas, deixando-se de ser o centro, dando um novo sentido para personalidade descentralizada. Mais que uma operação nos olhos, o FC3 obteve nova visão de mundo.

FC4 – **Significado:** as intervenções espirituais revelaram-se objetivamente em um órgão retratado pelo raio X; uma doença imunodeficiente que avançava galopante teve sua freada, regressão e estabilização e o câncer não se manifestou; isto a partir do uso exclusivo de passiflora. **Sentido:** para quem vive, no sentido literal, entusiasticamente, sorrindo e atendendo a todos com carinho; nem em São Paulo retornou para pegar seus pertences ou móveis da casa; construiu uma nova vida com sua esposa na cidade de Abadiânia. Assim, percebe-se um sentido profundo dado pelas portas de entrada das intervenções, refletindo na empatia pelos animais e humanos – entrou pela porta interventiva e descobriu a Casa. Seu amor pela Casa e por João de Deus verifica-se na reversão ao trato alheio. Se ele aprendeu a amar na Casa, então ensina aos outros.

FC5 – **Significado:** sua amiga cética relatou a cura de um tumor cerebral; o pai, igualmente, com tumores no cérebro, morreu sem sentir dor, tomando remédios da Casa; o marido que voltou a enxergar; e ela que perdeu as duas patelas sem sentir dor ou desespero. **Sentido:** convive há 23 anos com João de Deus. Seu sentido se fundamenta na compreensão do mundo espiritual, na liberdade em ajudar os outros, inclusive porque a principal beneficiada é si mesma. Ela é outra que não voltou para a cidade onde morava em busca de seus pertences; um desapego se refletindo em sua morada, construída para dar abrigo a si, ao marido e aos carentes. A ausência

dos entes amados que ficaram no sul do país é compensada por seu auxílio a distância, de Abadiânia.

FC6 – Significado: as intervenções espirituais, à semelhança do FC2, situam-se em detalhes no plano maior do tratamento espiritual; este sim, é relevante para esse FC. **Sentido:** Tentando materializar os passos do tratamento espiritual, o FC6 propõe uma metodologia: 7 etapas de discernimento; uma trajetória que segue desde a compressão de que Deus governa e pune até a consciência de que existe espírito demoníaco travestindo-se de Deus. Sua convicção de ser um espírito em processo de aprendizagem condiz com seu pensamento lógico de causa e efeito, valorizando essências, não aparências, e buscando a prática de princípios éticos. Enfim, esse senhor, um dos mais antigos ao lado do médium, lembra uma ‘mosca na sopa dos acomodados’.

FC7 – Significado: sua mãe foi curada na carótida e da catarata; sua esposa recebeu uma intervenção ligeira no pé e um ‘vá trabalhar’; igualmente, essa senhora obteve uma cura também da catarata através de intervenção por energia [ou intervenção energética]. Esse tipo de intervenção é peculiar ao FC, porque também foi curado assim, sentindo ‘um fio elétrico em curto’ no cérebro. Ele apresenta informações das curas nas pousadas. **Sentido:** como alguns FC, este também enxerga as intervenções espirituais como pequenas portas para um mundo grandioso. Por conseguinte, esse FC se mostra um fiel ajudante nas múltiplas atividades na Casa e tem o médium como um grande líder que realiza trabalhos de amor como exemplo a si próprio. O FC8 compreende um gigantesco organograma da espiritualidade atuando no mundo físico, inclusive fazendo ‘sentir’ quem precisa, pois o sentimento é motivo de atitudes mais profundas, conforme essa lógica. Lógica que abrange a situação de causa-efeito e a determinação de que todos, justos e injustos, estão no caminho do progresso.

FC8 – Significado: Essa FC presenciou uma intervenção de raspar o olho por traz da pupila [observado no primeiro capítulo]; sua mãe foi operada ‘a distância’ sem ter passado com a Entidade; presenciou uma materialização de aranhas, fruto de uma intervenção curativa; assistiu ao médium fazer um corte nas costas de uma senhora e mais oito pessoas apresentarem o mesmo sangramento; testemunhou o médium ‘martelando’ o ouvido de uma pessoa; passou por uma intervenção invisível na primeira infecção do ouvido e por uma intervenção física na segunda infecção do ouvido. **Sentidos:** uma das mais antigas pessoas que acompanha o médium; ela tem

consigo a importância não das intervenções em si, mas do que elas representam para a vida espiritual do indivíduo, por isso se sente mais calma nas inquietações intelectuais, tendo um sentido profundo de vida e gratidão ao médium, considerado mais que um amigo. Assim, percebe a Casa não apenas como um lugar de cura, mas como transformação de vida, não somente um hospital, mas uma escola, tendo ela mesma como aluna. Aprendeu inclusive que a doença é o efeito de uma rota equivocada, na espera por uma mudança de visão de mundo. Adepta do organograma espiritual, entende que a primeira responsabilidade é consigo mesma, no amor a si e, posteriormente, ao outro.

Diante dos significados das intervenções espirituais, os FC apresentaram seus sentidos a respeito dessas, que não se restringem nelas mesmas, mas na compreensão de que estas são 'meios diligentes', 'portas de entrada' ou detalhes de percurso na senda maior da vida humana. Não se preocupam apenas consigo mesmos, mas aprenderam a se doar, seja trabalhando na Casa e ou ajudando outros fora dela. Provavelmente, as intervenções espirituais foram apenas portas de entrada na descoberta de vasta visão de mundo. Eles não negam que os fenômenos físicos são importantes, mas que são apenas pequenas pontas de iceberg de ilustração, submergidos na escuridão da ignorância humana. Parece que a humanidade há pouco começou a vislumbrar essas trevas.

É evidente que os sentidos dos FC revelam não apenas vigoroso simbolismo religioso que lhes são peculiares, mas a objetivação de um pujante *ethos*. Aparentemente, pode-se dizer que, se os FC são pequenos frutos a espalhar as sementes de gratidão objetivado por João de Deus, as centenas de pessoas curadas por ele são outras propagadoras. Se o FCe estiver certo, João Teixeira de Faria, o médium João e as Entidades construíram extensa rede de solidariedade e afeição. No entanto, depois da prisão do médium, o centro de emanção energética ficou sendo a Casa, não mais centralizado no médium. Porém ainda persiste esse tecido fraternal.

Observou-se que a compreensão dos FC sobre cura complementa a visão de mundo espiritualista que lhes são singulares, de certa forma, dando mais sustentação aos seus sentidos sobre intervenções espirituais. Dessa maneira, como os FC entendem a cura? Quais as condições para tê-la?

3.5.1 Sentidos de cura para os(as) Filhos(as) da Casa

É comum no Brasil identificar uma ligação entre saúde e religião, visto que a doença pode advir geralmente de três interpretações das causas: material, espiritual e mágica. A material diz respeito às infecções viróticas, microbianas e outras. As espirituais, causadas por agentes imateriais como espíritos, encantados e outros. As mágicas atribuem fundamento na magia, bruxaria ou feitiço. Apesar de possuir perspectiva limitada quanto ao contexto social, tal concepção levanta o véu das causas psicológicas das doenças. E mesmo assim, para todas enfermidades, o sagrado entra como tratamento e prevenção das enfermidades. Desta forma, é comum igrejas, centros espíritas, terreiros, locais de atendimento mediúnico e moradias de pajés e curadores receberem inúmeros necessitados por socorro (FERRETI, 2003).

Ainda que o modelo da eficácia simbólica seja insuficiente na razão de ser de todas as intervenções espirituais, não se despreza sua qualidade como explicação e efetividade dos símbolos nas relações sociais, ou mesmo de sua compreensão entre doença-saúde. Desse modo, normalmente, nesses lugares, desde igrejas até moradias dos curadores, os cultos religiosos tornam-se espaços terapêuticos. De certo modo, as narrativas daqueles que estão em estado de sofrimento apresentam-se em desarmonia, não raro evidenciando contradições entre pensar-sentir-agir, aprofundando assim o estado de anomia num círculo vicioso. A simbologia sagrada, carregada de exemplos extraordinários de doença e de cura, apresenta-se como organizadora do caos simbólico, harmonizando e fornecendo equilíbrio na vida do enfermo. Esse acontecimento, de modo geral, apresenta como pressuposto a legitimação social, a crença na cura e a convicção do terapeuta nele mesmo (LÉVI-STRAUSS, 1967). Por conseguinte, se a cura se concretiza é porque existem tais condições, mesmo que não se saiba exatamente a relação causal dessas condições.

Pesquisando aspectos de cura dentro do Vale do Amanhecer, Oliveira (2010) sustenta – à maneira de Zangari (2003) – que os papéis assumidos pelo paciente e pelo curador, mediados por símbolos expressos em linguagens, interagem produzindo novos elementos, como saúde e cura. Logo, é somente nesse processo de interação que as curas ocorrem. Uma interação que considera o contexto sociocultural e, conseqüentemente, a biografia dos sujeitos envolvidos.

Isto evidencia que o modelo biomédico está doente de materialismo e a religião, enferma de cegueira fixada no espiritual. O ser humano não é somente corpo ou mente [alma], mas está entrelaçado na posição biopsicossocioespiritual – se não se descobrirem mais uma ou outra determinação ontológica. Logo, na doença, estão presentes nuances psicológicas, biológicas, sociológicas e espirituais, entrelaçadas na compreensão de sentido de vida, além de interpretações pessoais de problemas e conjuntura social (TERRIN, 1998). Se o processo da enfermidade está envolvido em tais condições, não é incomum que a cura esteja no movimento contrário da doença, não somente a cura do psicoespiritual, mas também a do biossocial.

Contudo, supostamente, as doenças curadas pela Casa dizem respeito a primazia do psicoespiritual, não necessariamente do biossocial. Se o mal-estar físico impulsionou a cura, esta emerge em uma mudança psíquica, influenciando o bio, o que configura um processo psicossomático. Assim, nesse contexto, condicionam-se níveis de cura, pois alguém pode apresentar bem-estar diante de determinado sintoma exterminado, mas seu quadro enfermo permanece, demonstrando prevalência da qualidade simbólica na e da relação mente-corpo.

Na contiguidade da pesquisa, mas antes de adentrar nos relatos dos FC sobre a cura, é imprescindível ressaltar que inúmeras vezes o médium João falou no palco: ‘a cura vem por merecimento’ ou ‘se você merece a cura, acontece’ (CUMMING e LEFFLER, 2008; GARCIA, 2013). Como visto anteriormente, não se trata de Deus decidir curar este em desprezo daquele, mas da própria pessoa colher o que plantou. Para a cura, a pessoa “tem que estar disposta, ter fé, tem que estar pronta, e esse ‘estar pronta’ quer dizer ter feito seu trabalho, ter-se limpado, passado na vida as experiências pra fazer a escolha, no momento que chega o amor então escolher o amor” (FC2). Às vezes, a pessoa precisa ainda realizar um trabalho que não fez. Mas, ela é culpada pela persistência da enfermidade? Esse FC não gosta das palavras ‘merecimento e culpa’, pois para ele tais vocábulos não representam integralmente o que são: por exemplo, se a pessoa não se cura porque não perdoou: “Tem culpa aí? Falta de merecimento? Não, tem um trabalho que não tá feito só, tem um perdão que tem que acontecer aí” (FC2).

Aos olhos do FC3, o merecimento é assunto complexo. Para ele, muitas vezes, a cura não acontece por se tratar de uma doença cármica, uma doença necessária para o enfermo aprender sobre a causa e superá-la. Não só ele, mas uma prova para todos à sua volta: “aquela enfermidade, aquele problema, aquela limitação,

não é só pra o enfermo, mas para as pessoas que estão ao seu redor, seus filhos, seus pais, seu cônjuge, enfim, uma lição de vida pra todos”. Através desse raciocínio, a ‘cura’ [cura no sentido lato apresentado pelo FC2, um sentido de aprendizagem na evolução espiritual] pode ser para todos próximos ao doente, mesmo sendo apenas um enfermo. E para as pessoas que estão em estágio terminal da doença? Para estas, afirma a Entidade, segundo esse FC: “não vou te curar, mas vou estabilizar a sua enfermidade’. Então a gente tem ‘n’ casos aqui na Casa de Dom Inácio” (FC3).

Entretanto, para o FC3 não se pode pensar que as Entidades vão interferir na ausência de dor da pessoa em uma experiência negativa ou em seu livre arbítrio: “as Entidades de luz e a espiritualidade, elas vão nos pontuar até o nosso livre arbítrio; o livre arbítrio é meu, é seu, é do ser humano e as Entidades de luz não vão interferir no seu livre arbítrio” (FC3). Assim, por coerência, não se deve colocar a culpa da doença na divindade; ‘a doença não é uma punição de Deus’. Sobre sua autointervenção, isto é, sobre sua mudança íntima e necessária para voltar a enxergar, esse FC diz que o mais difícil foi “criar mecanismos de resiliência, de poder ressurgir de uma outra maneira, poder ter equilíbrio. O mais importante [...] como ser humano, nós não somos melhores que ninguém. Nós temos que ter humildade [...] de pedir ajuda” (FC3). Igualmente “aceitar a doença com resignação e ter humildade pra pedir ajuda, deixar o orgulho de lado e aceitar ser conduzido, aceitar que façam um prato de comida pra você, que te sirva, que te ajudem a descer uma escada [...]” (FC3). Para isso, ele não dispensa a ajuda das Entidades. Desta forma, conforme esse FC, curar-se é um processo: é necessário passar por reforma íntima e para esse novo hábito, deduz-se a necessidade de oração às Entidades e de novas atitudes.

Além da cura como um processo de tratamento e mudança íntima, o FC6 alerta que se não fosse sua fé em muitas situações ele estaria hoje prejudicado. De certa forma, ele sobreavisa para a prevenção da doença, isto é, de atitudes que se fortalecem no raciocínio e na crença divina da ajuda, evitando ações que fatalmente seriam próprias às moléstias. Ter-se-ia, assim, a cura como uma espécie de prevenção às doenças. Dessa maneira, conforme seu ponto de vista, o fato de não se estar com nenhuma doença grave atualmente, evidencia essa prevenção. Por outro lado, tem-se a doença como resultado da invigilância.

O FC7 afirma que todos possuem méritos, mas que devido aos carmas, às dívidas do passado, paga-se agora ou depois. Ele ainda conta que um amigo seu, um médico japonês, sofreu uma paralisia do braço esquerdo. Desesperado, procurou a

terapia de vidas passadas. Descobriu que em encarnações pretéritas ele decepcionou o braço de um serviçal seu que o treinava para samurai. Por isso, segundo esse FC, a Entidade fala para alguns: “ainda não é hora de te operar”; então a pessoa tem que passar por uma dor [...], e se preparar não é só física” (FC7), mas espiritualmente.

Em geral, os FC advertem que o merecimento está conectado a uma causalidade, na qual uma ação X evita uma W ou uma Y, fatalmente, acarreta um efeito Z. Portanto, o merecimento não se relaciona com punição ou mérito divino, mas se pauta nas realizações do livre arbítrio que, segundo eles, resulta em bem ou mal nessa vida de pretérita ou atual encarnação.

Após o merecimento da cura, apresentam-se as repostas dos discursos de cura dos FC: como você entende a cura a partir da intervenção espiritual?

FC1 – Essa FC admite que depois da sua cura pela intervenção espiritual, ela teve que passar pelas Entidades e o espiritismo: “as Entidades e a doutrina espírita me mostraram que existe mais que uma vida material, que a morte não existe, que o que amamos, o que aprendemos, levamos conosco para além desta vida” (FC1). Ademais, essa FC confessa a espiritualidade muito mais organizada que o plano material e que também teve que aprender a ser responsável. Dezoito anos trabalhando na corrente deram a ela a compreensão que “o plano espiritual nos assiste, ampara e cuida de nós encarnados como anjos protetores, nos intuindo, nos aconselhando, nos energizando quando ficamos fracos, tristes e cansados, em nome de Deus e do amor ao próximo”. Provavelmente essa FC entende a cura como um trabalho constante no autoaprimoramento e auxílio ao próximo, rumo “a evolução para alcançar ao pai” (FC1). A cura está além do corpo, como uma instrução disciplinar do espírito.

FC2 – Esse FC confirma que há duas partes na cura: a da espiritualidade e a humana. Se a pessoa não é curada é porque ela falta realizar sua parte, “já vi câncer sumir num piscar de olhos. A pessoa totalmente tomada do câncer numa semana e na semana seguinte não tem nada. Assim como já vi muitas pessoas aqui não receberem nada” (FC2). Ele diz que tentou por muitos anos entender o critério das pessoas com mais chances de cura que outras. Não descobriu, sendo a única resposta a da Entidade: “as pessoas perguntam: ‘o que que eu posso fazer para melhorar minha cura?’ e a Entidade fala: ‘amar a Deus sobre todas as coisas’” (*apud* FC2). Além disso, esse FC afirma que quando dirige as mentalizações da corrente, aconselha aos participantes:

[...] sempre falo para as pessoas: ‘tragam seus problemas, pedidos, visualize-os no altar na frente da sala, coloque ali, deixa lá. Agora, seu trabalho aqui é se entregar a Deus, amar a Deus. Nesse processo a resposta vem do centro do nosso ser, a resposta vem de Deus... Porque a cura não é o objetivo: ‘ah eu vou tirar isso de você’, não é só isso porque sendo realmente do amor Divino tem que ser pra todos. Então a sua cura beneficia os outros, não é? Por isso que tem muitos praticantes de artes de cura que dizem, falando assim um pouco ironicamente: ‘ah eu posso cortar isso de você’; tira alguma energia, alguma coisa, se não é feito com amor, não segura (FC2).

Segundo esse FC, a cura em si não é o objetivo, mas é o sintoma do amor de Deus. Aparentemente afirma o trecho do pai-nosso: ‘seja feita a vossa vontade’. Sendo vontade divina, a realização do amor ao outro plenifica; é a própria pessoa realizando a vontade divina. Ele diz que nunca recebeu cura do corpo na Casa, mas “evolução espiritual” (FC2), dando a entender que a cura está ligada à sua assimilação como espírito, mas que “teve coisas que foi me dado para aprender que não tava pronto. Trabalho muito pra tentar recuperar e às vezes você não sabe se é a sua missão na vida ou não” (FC2). A doença? A doença é entendida como “falta de amor” e também “repetição de uma separação de energia, uma escolha de estar magoado, de não amar a Deus e são repetidos diversas vezes até começar se manifestar em transtorno que eventualmente manifesta fisicamente” (FC2). Segundo esse ponto de vista, a doença é uma manifestação errônea do livre arbítrio assim como a saúde pode igualmente ser; “todas suas escolhas, e todas as decisões sejam sempre por Deus primeiro” (FC2). Devido a isso, ele afirma que pode acontecer de uma pessoa não receber a cura física, mas estar tranquila ou talvez até morrer em paz, pois seu espírito está curado.

Onde estava a cura ou se realmente ela ocorreu não se sabe, mas “minha mulher não podia ter filhos e temos um filho de doze anos. Não era que tinha um problema. Os médicos falavam: ‘impossível, não tem, não é possível, não existe milagre, nada’. E tá aí, tem doze anos” (FC2).

FC3 – Para esse FC, primeiramente, a cura é espiritual para depois talvez ser física. Seu filho com paralisia cerebral não pôde receber a cura na matéria e a Entidade lhe disse: “se eu for curar ele, ele não vai aguentar, tamanha a transformação da matéria que ele não suportaria” (FC3). Igualmente, por sua restauração da retina, esse FC tem certeza da influência das energias espirituais na materialização de fragmentos do corpo, como se vê nas intervenções espirituais. Segundo ele, “as Entidades de luz têm poder de entrar dentro da matéria e alterar o estado físico da

matéria” (FC3). Por outro lado, “às vezes as Entidades vão tratar do espírito primeiro, porque a matéria, nós vamos deixar a matéria aqui amanhã ou depois. Então o que precisa é evoluir espiritualmente” (FC3). Devido a cura espiritual ser prioritária, esse FC adverte da necessidade, algumas vezes, de haver uma transformação íntima que, por ser difícil, é considerada autointervenção. “A cura está dentro da gente. A gente não sabe como acessar, como lidar com isso. Então por isso que eu falo, a [auto]transformação foi fundamental” (FC3). Deste modo, as Entidades respeitam o livre arbítrio do doente em permanecer doente ou em buscar a cura; “as Entidades de luz e a espiritualidade, elas vão nos pontuar até o nosso livre arbítrio. O livre arbítrio é meu, é seu, é do ser humano e as Entidades de luz não vão interferir no seu livre arbítrio” (FC3). Isto reflete algo como se a cura não pudesse acontecer porque ainda a pessoa precisa da doença, uma espécie de resgate cármico, para ele. A cura se verifica também através da ciência, “as duas coisas andando junto, a ciência e a espiritualidade. Acho que os dois se complementam” (FC3). De qualquer forma, todos que vão à Casa aprendem algo sobre cura:

[...] milhares de pessoas que vêm a Casa de Dom Inácio, chegam aqui fragilizadas e com ‘n’ tipos de problemas, os mais graves possíveis e imagináveis. Muitas vezes terminais. Saindo daqui, ou saem curados, ou saem com uma lição de vida, com uma pontinha de diretriz, de rumo na vida para poder fazer essa transformação pessoal. Nós todos estamos aqui para evoluir. Abadiânia é uma grande escola, a Casa de Dom Inácio é uma grande escola. ‘Não tem mágica’, como o médium João sempre fala. Não tem mágica, a cura está dentro da gente, quem cura são as Entidades de luz, Deus, o nome que você quiser dar, dependendo da sua crença, da sua fé (FC3).

Às vezes a cura acontece em um sentido amplo para muitos: “aquela enfermidade, aquele problema, aquela limitação, não só pra pessoa, mas para todas que estão ao seu redor, seus filhos, seus pais, seu cônjuge, enfim, uma lição de vida pra todos” (FC3). Se a pessoa veio tarde e não recebe a cura, a Entidade pode afirmar: “eu não vou te curar, mas eu vou estabilizar a sua enfermidade” (*apud* FC3). Ao finalizar, esse FC assevera que as curas que acontecem na Casa são fantásticas; elas despertam sentimentos amorosos e de respeito: a gente têm “carinho muito grande por essas Entidades, [...] têm respeito porque a gente vê as curas que acontecem, a gente vê o que elas fazem nas pessoas. É fantástico, é muitas vezes indescritível. Enfim, Abadiânia um lugar para se sentir” (FC3).

FC4 – De forma sucinta, esse FC declara que o médium João vive repetindo: ‘eu não curo ninguém. Quem cura é Deus’. Dessa forma, a cura advém de participar da corrente da Casa – ‘de fazer a sua parte’ – e da concentração da mente na divindade; “com Deus e ele escuta você. Agora, por exemplo, chega lá na corrente e fica pensando no seu time que apanhou ou no que você vai fazer amanhã, não tá adiantando nada você ficar na corrente” (FC4). E complementa: “o que manda é você e Deus lá em cima. Se você fizer isso, você pode ter certeza que você vai ser curado” (FC4).

FC5 – Essa FC, à semelhança do FC2, explicita que a cura não é espontânea, ou melhor, que ela advém de um processo, de um tratamento; “é como ir ao médico pela primeira vez. Lá no médico tem o início, um tratamento; como tem na Casa de Dom Inácio, tem um início também. Passar na Entidade, tomar passiflora, iniciar o seu tratamento [...]” (FC5). Ela afirma que muitas pessoas só vão atrás de cura na Casa e a ansiedade cega-as para o tratamento, pois querem respostas rápidas. Desta forma, a pessoa, tem que “se ajudar nesse tratamento, inclusive havendo uma mudança interior” (FC5). Segundo essa FC, Jesus já dizia que o humano pode se curar: “quando a mulher hemorrágica encosta a mão nele e ela se cura, ele fala: ‘A tua fé te curou’. Não foi necessariamente ele, mas a sua fé curou. [...] Através da fé, através do querer e seguindo as regrinhas básicas da Casa” (FC5). Adepta do *mens sana in corpore sano* [e, por isso, revelando contradição com outros argumentos] informa: “tu não tem doença nenhuma, tu estando feliz contigo mesmo, em paz contigo mesmo, a tua casa interior toda em ordem, nada te abala!” (FC5). Sobre o que se leva depois da morte: “a gente se preocupa muito com a coisa material, que não tem valor. Nós não levamos **nada**” (FC5, grifo de ênfase). Se a pessoa segue o caminho materialista não demora para vir uma doença, segunda essa FC. Mas a doença também vai equilibrando-a: “a doença é como um chamado para nós, nos querendo dizer alguma coisa: ‘você está errado nesse caminho que você está indo. Então vem uma doencinha aqui, outra ali. Até para alertar e para ver se a gente consegue se equilibrar” (FC5). A doença “é uma maneira de Deus nos chamar tenção. Porque se tu não tiver uma febre, não tiver uma dor, tu não tiver nada, tu procura um médico? Não. Então é um sinal do nosso corpo” (FC5) para desenvolver o lado espiritual. Por fim, ela conclui que a doença não vem de Deus, mas do humano, daí a necessidade de fé, amor e caridade, “que resume bem [significando o triângulo da Casa]; a fé é para nós chegarmos, através da mudança à cura. O amor que Jesus veio, ensinar para todos nós” (FC5).

FC6 – À maneira dos FC2 e FC5, esse também postula a cura como processo. Sendo assim, por não entenderem, algumas pessoas desejam a cura imediatamente, tornando-a, talvez, um mecanismo obsessivo, visto que pioram o próprio estado por não a encontrarem de súbito. Esse FC comunica que por ter realizado atitudes morais, como disciplina, responsabilidade e mudança íntima, retardou ter mais doenças, após a retirada de sua próstata. Dessa forma, pode-se deduzir que atitudes morais são bons remédios não somente ao caráter, mas na prevenção de doenças. Logo, conforme esse FC, engana-se ao pensar em *mens sana in corpore sano* – opinião diversa da FC5:

[...] tem um livro *O poder da mente*. O cara veio aqui, ele andava de bicicleta, ele nadava, andava a cavalo, quando ele veio para cá. Quando a Entidade deu ele como curado, ele não podia mais nem andar de cadeira de rodas, ele está deitado e tem um poder extraordinário (FC6).

Para esse FC a mente desse senhor está curada, mas o corpo não. O corpo pode não estar são, mas a mente que o governa está. Porém, não se pode ser um “abobado da enchente” (FC6), isto é, uma pessoa que não presta atenção nas condições, seja de ajuda, de ‘fabricação’ da doença, agradecimento e se repete na enfermidade, sai de uma e entra em outra. Por isso, “a cura está relacionada ao espírito, aliás, tudo está!” (FC6). O corpo tem sua importância, mas se desenvolve e fenece. “E tem a justiça divina que diz: ‘tudo aquilo que você fizer em vida com o corpo, terá que resgatar em vida com o corpo’. É a lei de ação e reação” (FC6). A prudência – capacidade de prever e evitar inconveniências – parece ser essencial para não deixar a doença voltar; sendo essa virtude profilática. Aparentemente, é a prudência que estabelece a mente sã, não necessariamente o corpo são.

FC7 – Esse FC alega que a Entidade enxerga a aura humana pela cor que apresenta e, dependendo a cor, a pessoa necessita de um tipo de tratamento. Segundo ele, é na aura que se originam as doenças, mas suas causas são espirituais. Quando as moléstias estão na aura, logo elas atingem o corpo físico. Dessa forma, as doenças resultam de pensamentos, comportamentos e circunstâncias prejudiciais. As enfermidades podem também surgir por um carma, algo que a pessoa fez de errado em vida passada e que veio com a doença nesta para solucionar. Neste último caso, a cura está em justamente quitar o débito, passar pela doença e aprender a não ter ações inconsequentes. Em algumas situações, a cura advém justamente da fé que a

pessoa tem, o que é sustentado pela Entidade: “você veio com fé. A fé que você tem no coração. Eu vou te dar o que precisa” (*apud* FC7). Para aqueles que entram e saem de doenças com frequência, a Entidade reitera: “filha, eu posso te dar cura, mas quem dá vida é Deus” (*apud* FC7). Assim, à semelhança dos FC2, 5 e 6, o FC7 admite que a cura é o fim de uma metodologia de tratamento, não algo que se recebe ‘do nada’, mas “a pessoa leva o que merece” (FC7). Ele finaliza chamando atenção das pessoas que vão atrás de cura, mas que ficam adiando o tratamento levianamente. Querem se curar, mas não seguem os procedimentos.

FC8 – Indo um pouco além, essa FC expressa que a dor pós-intervenção faz parte de uma metodologia de cura, pois envolve labirintos na mente dos quais não se têm consciência:

[...] hoje eu entendo que a dor é um processo de cura também. Mexe muito, mexe em todos centros de energia, mexe tudo, todos seus corpos. Os chacras estão todos interconectados. A Entidade explicou para meu pai, não quer dizer que seja alguma coisa no local, pode estar puxando alguma coisa do fígado. Então não tem nada a ver com o nariz, com o ouvido, pode ser uma coisa totalmente diferente, que existe uma conexão em todos os centros de energia, então tem uma explicação. [...] Sempre falo para as pessoas que a beleza desse trabalho daqui é o que nossos olhos não enxergam, é aquilo que nossos olhos não veem (FC8).

Mesmo diante das dores, o importante não é a intervenção espiritual em si, “o mais importante é o que acontece dentro da gente quando faz uma cirurgia” (FC8), pois há organizações internas, “é a cura da alma” (FC8). Algumas pessoas não consideram o que acontece internamente; nesses momentos a Entidade fala: “se você voltar a ser como você era antes, você vai ficar doente” (*apud* FC8).

Sobre algumas curas inexplicáveis, a FC8 afirma que são aglutinados dois aspectos: amor e tecnologia avançada. As Entidades chegam “com tanto amor, com essa tecnologia tão diferente, tão mais avançada. Uma vez a Entidade falou que, na Casa, a técnica que eles usam do espaço, somente em 200 anos vão descobrir aqui nessa Terra”. Assim, as Entidades “podem curar qualquer coisa, que nem ele fala, com a permissão de Deus e com, com o nosso merecimento também”.

Acerca de alguns débitos cármicos, isto é, situações provocadas que se fazem necessário assear, essa FC alega que nesses casos as Entidades podem interferir: “elas podem ajudar a gente a chegar no propósito de vida da gente. Porque assim, a gente às vezes vem com uma proposta e se desvia, então a gente tem oportunidade

de enveredar pelo caminho que a gente traçou de novo” (FC8). Trata-se de uma espécie de quitação de débitos que as Entidades fornecem, um bônus ganho, uma limpeza, uma nova chance de reeducação e mudança de vida. De acordo com essa FC, as Entidades interferem no carma, mas não no livre arbítrio. Este diz respeito à vontade da pessoa, ao seu pensamento e às atitudes que a pessoa toma, e que só cabe a ela decidir o que fazer. Se por meio dessa vontade ou decisão a pessoa praticar o bem: “tu começa a fazer todo um trabalho em ti e um trabalho em prol de outras pessoas e aí aquela doença não vai aparecer” (FC8).

Em relação a algumas curas demoradas, a FC8 garante que todas as providências necessárias estão sendo tomadas, visto que as Entidades observam uma “caixa preta do espírito no espaço aonde estão os registros”. Assim, as Entidades quando dizem: “‘eu vou olhar, eu vou ver’, [...], elas têm uma reunião entre elas, lá em cima com as altas hierarquias. E vão ver quais são as condições que a gente tem de ficar melhor, se existe uma possibilidade para a gente” (FC8).

Verbalizando sobre cura, a FC8 assevera:

[...] tem uma pessoa que eu conheço na cadeira de rodas. Desde que eu estou aqui ele está na cadeira de rodas. Um dia eu disse para ele: ‘vem cá, tu não está cansado dessa cadeira de rodas?’ e ele disse: ‘T., eu estou tão feliz, eu ganhei tanta coisa dessa Casa, eu ganhei uma família, eu ganhei um negócio, assim, eu nem lembro mais das minhas pernas. Para mim isso não importa mais. Se um dia eu tiver que andar, eu vou andar, mas isso não é mais importante, minha vida mudou’. Quer dizer, esse cara, eu entendo que ele está curado, a alma dele está bem! Ele disse que: ‘do jeito que eu sentei na cadeira um dia se for para eu andar, eu vou andar, mas eu não importo mais com isso, porque tudo que eu recebi em função dessa cadeira, se eu não tivesse a cadeira não ia estar na vida que eu estou hoje’ (FC8).

Ao finalizar, essa FC assegura que mesmo havendo organização, um processo na cura, é possível, dependendo o caso, ocorrer uma cura espontânea – contradizendo a FC5 – em que a física quântica de Amit Goswami e Marco Marcondes explica: “em Abadiânia acontece os saltos quânticos, que é uma doença sumir, assim pum, espontaneamente ela some, sem explicação. [...] Por quê? Pela tecnologia que eles têm e pela nossa força do pensamento”. Sendo a força do pensamento relevante e “vivendo num planeta de provas e expiações, é necessário aplicar a máxima de Jesus: ‘orai e vigiai’, 24 horas por dia” (FC8).

Diante do exposto, a cura está envolta em uma rede de sentidos e significados, em combinação conceitual ampla. De modo geral, para todos os FC, ela

está enlaçada ao progresso moral e intelectual – pessoal e coletivo –, compreensão da cura como processo; entendimento da lei de causa e efeito; estímulo ao [des]envolvimento social; concepção de que o livre arbítrio decide; clareza de que falta de amor favorece a doença; dever de ser responsável em fazer o que for necessário para o tratamento; convicção de que a prudência e a prática do bem são profiláticas; consciência de que a fé atrai e favorece a cura; e outras. Caso a pessoa ignore essa conexão entre doença e desenvolvimento moral, pode-se retardar a cura ou mesmo impedir que ela aconteça. À vista da conjuntura da cura, as Entidades estão organizadas para isso, seja na verificação do merecimento, seja na administração de amor e ou da tecnologia.

No entanto, não se pode ignorar que houve certo conflito em afirmar ‘há cura espontânea’ [FC2 e 8] e outro não concordar [FC5]. Entretanto, acredita-se que, dependendo o ponto de vista, do acordo de conceitos e das premissas entre ambas as partes, é possível certa conciliação.

Desta forma, sendo a cura o resultado esperado pela intervenção espiritual, esta pode não resultar naquela, visto que envolve variada condição. Necessariamente, a intervenção por si só não significa cura mas, segundo os FC, não deixa de trazer algum benefício. Contudo, o médium João ou as Entidades não desistem de recepcionar a pessoa renitente que as busca.

É evidente que os FC enxergam o corpo como veículo do espírito, da maneira que prega o espiritismo. Embora creem no espírito, entendem o corpo como veículo a ser conservado, resguardado e defendido. Os FC não são materialistas, mas o corpo deve ser cuidado. Não seria isto uma contradição, uma incoerência entre princípios? O espiritismo compreende o corpo como um amontoado harmonioso de peças?

3.6 Corpo e alma no espiritismo como arena de aprimoramento

Allan Kardec, codificador do Espiritismo, era contrário às correntes teosóficas ou de mistérios que colocavam o espírito como algo inacessível ao senso comum ou como ‘forças iniciáticas em lugares clandestinos’. Chegara o tempo de o espírito vir à luz, findo o revelar-se às escondidas. Dessa maneira, Kardec intentava relacionar o espírito à observação científica e racional.

Repetimos mais uma vez que, se os fatos a que aludimos se houvessem reduzido ao movimento mecânico dos corpos, a indagação da causa física desse fenômeno caberia no domínio da

Ciência; porém, desde que se trata de uma manifestação que se produz com exclusão das leis da Humanidade, ela escapa à competência da ciência material, visto não poder explicar-se por algarismos, nem por uma força mecânica. Quando surge um fato novo, que não guarda relação com alguma ciência conhecida, o sábio, para estudá-lo, tem que abstrair da sua ciência e dizer a si mesmo que o que se lhe oferece constitui um estudo novo, impossível de ser feito com ideias preconcebidas (KARDEC, 2004, p.41).

Kardec buscou dar uma aura de novidade aos estudos do espírito, ao menos uma novidade racional em tempos obscuros da Igreja Católica pós-Revolução Francesa. Para o codificador, o Evangelho de Cristo deveria ser interpretado de modo diferente, à luz das conquistas científicas da modernidade. Assim, ele definiu o Espiritismo como um recém-nascido de caráter científico:

O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele no-lo mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da Natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo alude em muitas circunstâncias e daí vem que muito do que ele disse permaneceu ininteligível ou falsamente interpretado. O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil (KARDEC, 1991, p.43).

Ao pesquisar os fenômenos¹⁰⁴, através da metodologia científica, Kardec não acreditava em milagres, porque Deus não poderia ora abolir as leis da natureza, ora restabelecê-las. Afirmava que as leis do universo eram imutáveis, mas que ele respeitava a liberdade de crença de cada indivíduo. Na realidade, Kardec advogava que não só os milagres haviam sido decifrados, mas que todos fenômenos que tinham aparências sobrenaturais [nada há acima da natureza], maravilhosos, insólitos ou assustadores, devido a forças desconhecidas, “agora a observação demonstra estar na ordem das coisas” (KARDEC, 2004, p.585).

É nessa mesma ‘ordem das coisas’ que Kardec assevera o humano encarnado constituído de três componentes: o espírito¹⁰⁵, o corpo material e o corpo

¹⁰⁴ Hernani Guimarães Andrade, engenheiro e pesquisador da paranormalidade, abordando sobre a rejeição prévia da explicação espírita, expõe: “na realidade, o que pode observar-se a cada episódio é a sistemática rejeição da explicação espírita, considerada *a priori* e sem nenhuma justificação rigorosamente científica, como definitivamente descartável (ANDRADE, 1998, p.04-05).

¹⁰⁵ Andrade (1998), explanando sobre a existência ou não do espírito, argumenta os milhares de casos encontrados indicando forte sugestão de reencarnação pelos professores Hemendra Nath Banerjee e Ian Stevenson. “Como ficariam as evidências das milhares de curas obtidas graças às terapias de vidas

espiritual, chamado perispírito. Este último possui as mesmas características do corpo material, sendo ele mesmo o ‘molde da formação do corpo de carne’. Quando o corpo ‘morre’ e o perispírito reveste o espírito, este sai¹⁰⁶.

Sobre a finalidade da encarnação, os espíritos respondem à Kardec:

Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, *têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal*: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta (KARDEC, 2004, p.136, grifos do autor).

Desta forma, tendo o corpo como necessário na senda da evolução, ele nada mais seria que um instrumento ou receptáculo, algo como um ‘veículo emprestado’ na realização das tarefas competentes a cada um; depois que o ‘carro funde o motor’, o motorista se ausenta da direção e sai de cena.

A relação entre corpo e espírito, perpassando a vida espiritual, apresenta esses elementos como substâncias separadas na existência. No entanto, o espírito tem supremacia nas relações axiológicas, “sendo o corpo a arena de aprimoramento, o veículo de passagem temporária por este mundo, não apresentando, enfim, relevância, senão secundária, sua importância advém do espírito que com ele se relaciona [...]” (PAES, 2011, p.189). Para o espiritismo, o corpo é apenas um instrumento dos sentidos que o espírito permite ao corpo. Entretanto, mesmo tendo o platonismo influenciado o espiritismo, este não vê o corpo como prisão torturante da alma, não é um instrumento para ser macerado, mas para ser utilizado com prudência e maturidade. O único que deve ser mortificado é o espírito na senda da reforma íntima:

Amai, pois, a vossa alma, mas cuidai também do corpo, instrumento da alma; desconhecer as necessidades que lhe são peculiares por

passadas? Vamos ajustá-las todas, uma por uma, à desgastada suposição de fraude, ou metê-las no *leito de Procusto* do reducionismo? Seriam só fenômenos da mente, ou estariam aí implicados outros fatores além dos psíquicos?” (ANDRADE, 1998, p.05).

¹⁰⁶ Pretende-se, talvez, explicar as renomadas ‘aparições de fantasmas’ nos cemitérios, nos lugares considerados mal-assombrados, em algumas fotografias, os alardeados ‘vultos’, as ‘visões do além’, as experiências de quase morte (EQM), as ‘projeções astrais’, a ‘incorporação’ e outros. Para o Espiritismo, todos esses fenômenos dispensam o corpo material de quem os executa, mas se faz necessário para o observador.

força da própria natureza, é desconhecer as leis de Deus. Não o castigueis pelas faltas que o vosso livre arbítrio o fez cometer, e pelas quais ele é tão responsável como o cavalo mal dirigido o é, pelos acidentes que causa. Sereis por acaso mais perfeitos, se, martirizando o corpo, não vos tornardes menos egoístas, menos orgulhosos e mais caridosos? Não, a perfeição não está nisso, mas inteiramente nas reformas a que submeterdes o vosso Espírito. Dobrai-o, subjugai-o, humilhai-o, mortificai-o: é esse o meio de o tornar mais dócil à vontade de Deus, e o único que conduz à perfeição (KARDEC, 1991, p.231-232).

Kardec rechaça o materialismo mecanicista; para ele o ponto fulcral do espiritismo está na existência da alma – esta entendida como o espírito encarnado, quando desencarnado, se diz somente espírito. Assim, se um anatomista abrir o corpo e não enxergar a alma, somente nervos e músculos, não significa que ela não exista. “Dissecando o corpo humano, o anatomista procura a alma e, porque não a encontra, debaixo do seu escalpelo, [...] conclui que ela não existe, colocado num ponto de vista exclusivamente material” (KARDEC, 1998a, p.39). Em coerência, se somente se enxergar matéria, há o preconceito de que alma não existe, preconceito que se amplia para a vida espiritual e a toda sua complexidade na relação com o mundo corporal.

O simbolismo espírita aprofunda o dualismo corpo-alma. A alma é a sede da razão e tem o corpo uma moradia excelsa¹⁰⁷ a ser cuidado nos embates diários. Porém, a relação nem sempre é harmônica. O catecismo espírita inclui a tensão, geralmente constante – dependendo do grau de adiantamento do espírito sobre a matéria –, entre corpo e alma, e dá a esta última a missão de elevar-se moralmente nas conquistas de virtudes. É de conhecimento que a alma, enquanto moradora do corpo, traz tendências animalizadas ao longo das encarnações na escala biológica, fazendo-se necessário certo sacrifício na evolução moral.

Com sua concepção evolucionista e positivista¹⁰⁸, o *Evangelho segundo o espiritismo* manifesta: “na sua origem, o homem possui instintos; mais avançado e corrompido, possui sensações; mais instruído e purificado, possui sentimentos; e o

¹⁰⁷ Obra de fundamental importância no meio espírita, *Evolução em Dois Mundos*, tem o capítulo seis, denominado ‘Evolução e sexo’, em que “descreve o processo da evolução e concomitante surgimento do mecanismo da reprodução, seleção e transformação das espécies [...]” (GOMES, 1998, p.09), a demonstrar o processo lento e amplo dos corpos materiais.

¹⁰⁸ Positivismo ligado ao filósofo e economista Saint-Simon [1760-1825]. Kardec entendia o positivismo como uma postura positiva, real dos fenômenos, que a razão científica traduzia. Para ele, devido ao campo cultural desenvolvido pelo positivismo, o espiritismo havia se propagado. Fernandes (2008) assevera que Kardec, ao servir-se da epistemologia positivista, igualmente estabeleceu posturas socialistas, à maneira de Saint-Simon. Não há apenas semelhança entre a prescrição de ‘filantropia aos trabalhadores’ do filósofo e economista com ‘fora da caridade não há salvação’ de Kardec, mas também de um dever-ser do cristianismo original, não contaminado pelo pensamento evangélico.

amor é o requinte do sentimento” (KARDEC, 1991, p.145). Nessa perspectiva evolucionista, o corpo, carregado de “complexos equipamentos, possui mecanismos automatistas que remanescem de sua constituição em atavismo de segurança, logrados através de milênios, quando organizou e desenvolveu os recursos próprios para a sua finalidade” (FRANCO, 2015, p.157). Desta forma, o corpo, sob injunções imperiosas de heranças ancestrais, tem o espírito por guia, que vive tais injunções, “agora transformadas em tendências de gozo e satisfação imediatas, centralizando a atenção nessa busca desesperada” (FRANCO, 2015, p.157), que não raro desequilibram as energias psíquicas e vergastam o próprio corpo.

Não bastassem as tensões geradas pelas injunções ancestrais, “a predominância de seus impulsos sobre o ser real que o habita tem sido responsável, pela ignorância deste, por quedas espetaculares no abismo dos vícios e das perversões mais cruéis, em cuja labaredas arde dolorosamente” (FRANCO, 2015, p.158). Para o espiritismo, somente as disciplinas educativas junto às morais competências corrigiriam o ser – a chamada reforma íntima.

Por conseguinte, o corpo é visto como arena de aprimoramento dos impulsos animalizados rumo à sublimação, física e espiritual; as vicissitudes da existência corporal ‘empurram’ o espírito para provas e ou expiações que lhe trarão aprendizados.

A situação inferior do espírito animalizado se expressa no corpo humano. O corpo tem necessidades materiais, mas os impulsos e desejos pertencem ao espírito, que normalmente confunde-se com necessidades físicas. São os “chamados de impulsos atávicos. O *livre arbítrio* se expressa também nesta tarefa, ligada à noção de *disciplina*, de escolher o espiritual, ao invés do carnal” (PAES, 2011, p.193, grifo do autor). Para o Espiritismo, a liberdade em violar ou em respeitar é a mesma de escolher entre o bem e o mal, na qual os humanos receberão efeitos danosos ou salutares de acordo com a ação inicial. Isto posto, é evidente que o espiritismo possui herança forte do catolicismo, em seus ritos ou sobre a moralidade de seus santos¹⁰⁹.

¹⁰⁹ A santidade também faz parte do imaginário espírita, mormente a figura de Chico Xavier, e o que este fez de seu corpo a serviço do Espiritismo (PAES, 2011). Para Lewgoy (2008), Chico Xavier foi “representado como um médium poderoso a serviço de uma escatologia nacional [anos 1930 e 40] e como um santo popular não católico [anos 50 em diante], tendo firmado as balizas linguísticas, doutrinárias e rituais de um espiritismo influenciado pela cultura católica brasileira” (LEWGOY, 2008, p.90).

Sobre as predisposições instintivas do espírito, não do corpo, Kardec pergunta:

845. *Não constituem obstáculos ao exercício do livre-arbítrio as predisposições instintivas que o homem á traz consigo ao nascer?* ‘As predisposições instintivas são as do Espírito antes de encarnar. Conforme seja este mais ou menos adiantado, elas podem arrastá-lo à prática de atos repreensíveis, no que será secundado pelos Espíritos que simpatizam com essas disposições. Não há, porém, arrastamento irresistível, uma vez que se tenha a vontade de resistir. Lembrai-vos de que querer é poder’ (KARDEC, 2004, p.474, grifos do autor).

A todo momento em sua obra, Kardec promulga a relevância da moralidade do espírito, de sua responsabilidade na vida coletiva, de sua disciplina para com os instintos e de se libertar do egoísmo. “O egoísmo, esta chaga da humanidade, deve desaparecer da Terra, porque impede seu progresso moral. [...] O egoísmo é, portanto, o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes devem dirigir suas armas, suas forças [...]” (KARDEC, 1991, p.149). Portanto, de acordo com uma dedução lógica, se alguém for pego em ato egoísta, não adianta o argumento comum ‘a carne é fraca’; quem dirige o corpo é o espírito. Se o egoísmo é preponderante no humano é porque este é ontologicamente originário no ser e o impele ‘naturalmente’ para ações, mas como se vive em coletividade, deve-se discipliná-lo.

Portanto, para o espiritismo, a consciência deve atuar com prudência nas exigências corporais e buscar o justo meio aristotélico entre as pressões físicas e os deveres do espírito; nem cuidado extremo, nem desleixo completo, mas equilíbrio no zelo corporal, que é instrumento de trabalho e aperfeiçoamento do espírito. O domínio da razão deve sempre prevalecer sobre os PIs [Princípios Inteligentes] subdesenvolvidos¹¹⁰. Assim, arena apresenta-se não como lugar de boxe, mas como área de debate; não corpo *versus* alma, mas corpo e alma. Se a harmonia não impera, nada impede que a busque pela instrução espiritual e prática.

¹¹⁰ Para o espiritismo, o espírito, como princípio inteligente, estagia nos vários degraus da escala evolutiva ‘darwinista’, obedecendo a Lei do Progresso. Na obra *Evolução em dois mundos*, no capítulo ‘Células e Corpo Espiritual’ lê-se: “com o transcurso dos evos, surpreendemos as células como princípios inteligentes de feição rudimentar, a serviço do princípio inteligente em estágio mais nobre nos animais superiores e nas criaturas humanas, renovando-se continuamente no corpo físico e no corpo espiritual, em modulações vibratórias diversas, conforme a inteligência que as senhoreia, depois do berço e depois do túmulo” (XAVIER e VIEIRA, 1958, p.42). Provavelmente, como o ímã atrai as limalhas de ferro, o princípio inteligente comandante, atraindo trilhões de células – princípios inteligentes menos adiantados – utilizando-se da razão, deve cuidar bem de seu corpo. Quando este comandante se ausenta do corpo, as células se dissociam.

Em relação aos FC, todos sabem-se espíritos e têm pelo corpo não somente uma moradia, mas também um meio 'para o' trabalho: o corpo é "a casa do espírito, o meu corpo adocece, envelhece e morre" (FC6), mas o espírito não adocece. Assim, um instrumento 'para o' trabalho se dá justamente no apego materialista que se encontra, então os sinais surgem no corpo: "para nós importa muito o corpo, a parte física" (FC5), pois muitas vezes, aparecem doenças que direcionam a pessoa a dar atenção ao lado espiritual, e a trabalhar esse aspecto; o corpo sendo um alerta para o espírito.

Por ser sinais na matéria do corpo ou não, o fato é que a doença traz sofrimento e desejo pela saúde. A relação doença-saúde passa a ser despertada pelos interesses em conservar esta última. Se a doença vem como 'falta de amor' (FC2), o remédio e a prevenção é justamente praticar o amor, principalmente o amor ágape, para os FC. Se a doença é um alerta do mal caminho, ou melhor, "a doença é como um chamado para nós, nos querendo dizer alguma coisa: 'você está errado! Nesse caminho que você está indo, não está correto'. Então vem uma doencinha aqui. Para alertar e ver se a gente consegue se equilibrar" (FC5), e assim se busca conhecer o caminho correto. Esse equilíbrio [espiritual] pode ser a saúde desejada do corpo. Mas como isso acontece apenas por um sentimento? Como o espiritismo entende o processo saúde-doença? Como ele explica a ação das Entidades?

3.7 O processo saúde-doença para o espiritismo e a importância do fluido universal

Diante dos cuidados necessários ao corpo, não é contraditório procurar assistência mediúnica para restabelecê-lo, mesmo porque Kardec, adepto do vitalismo, tem no fluido universal ampla possibilidade de auxílio, tanto físico quanto espiritual. Para Kardec, há um fluido universal a imperar em todos os lugares do planeta; uma espécie de substância etérea penetrando nos corpos. Trata-se de uma potente energia capaz de interagir com corpos minerais, vegetais e animais e que "incessantemente, dá à luz novas criações e incessantemente recebe, reconstituídos, os princípios dos mundos que se apagam do livro eterno" (KARDEC, 2013b, p.102).

É relevante destacar que o fluido universal pode ser desde pura energia até a manifestação da matéria: "a pureza absoluta, da qual nada nos pode dar ideia, é o ponto de partida do fluido universal; o ponto oposto é o em que ele se transforma em matéria tangível. Entre esses dois extremos, dão-se inúmeras transformações [...]" (KARDEC, 2013b, p.245). Apesar da expressão 'da qual nada nos pode dar ideia',

veiculada no século XIX, atualmente se tem uma ideia pela fórmula einsteiniana: $E=mc^2$, sendo a matéria uma forma de energia condensada. Para o espiritismo, esse fluido não só já faz parte do corpo humano, estando em todas moléculas e células, como também se pode recebê-lo mais, caso necessário. A doença pode ser um desses casos, que a pessoa logra obter através de passe, água fluidificada, intervenção espiritual ou outro. Sendo assim, o médium pode usar de seu próprio fluido para realizar a influência necessária, porém, em contato com uma benevolente Entidade, “que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias” (KARDEC, 2013a, p.183).

Como visto anteriormente, Kardec concebe o corpo constituído de três elementos: espírito, perispírito e corpo. O perispírito – do grego *peri*, ‘em torno’ –, seria um corpo semimaterial, fluídico, uma espécie de matéria etérea em forma de energia ‘em torno do espírito’. Na questão 257, Kardec faz um ‘Ensaio teórico sobre as sensações nos espíritos’ e afirma que o perispírito:

é o laço que à matéria do corpo prende o Espírito, que o tira do meio ambiente, do fluido universal. Participa ao mesmo tempo da eletricidade, do fluido magnético e, até certo ponto, da matéria inerte. Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria. É o princípio da vida orgânica, porém não o da vida intelectual, que reside no Espírito. É, além disso, o agente das sensações exteriores. No corpo, os órgãos, servindo-lhes de condutos, localizam essas sensações. Destruído o corpo, elas se tornam gerais. Daí o Espírito não dizer que sofre mais da cabeça do que dos pés, ou vice-versa. Não se confundam, porém, as sensações do perispírito, que se tornou independente, com as do corpo. Estas últimas só por termo de comparação as podemos tomar e não por analogia. Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal, embora não seja exclusivamente moral, como o remorso, pois que ele se queixa de frio e calor (KARDEC, 2004, p.210).

Conforme Kardec (2004), é possível inferir que esse fluido magnético, algo elétrico-sentimental, seria uma espécie de instrumento ‘nas mãos do espírito’, que o comanda através do pensamento. O perispírito integra o espírito, como o corpo faz ao humano. “Porém, o perispírito, só por só [sic], não é o Espírito, do mesmo modo que só o corpo não constitui o homem, porquanto o perispírito não pensa. Ele é para o Espírito o que o corpo é para o homem: o agente ou instrumento de sua ação” (KARDEC, 2013a, p.66). Por conseguinte, o perispírito é um meio de produção de variados fenômenos, a serem comandados por espíritos encarnados ou

desencarnados que, conhecendo sua ação, ou ignorando-a, influenciam corpos através de seus perispíritos.

Tanto quanto do espírito errante [desencarnado], a vontade é igualmente atributo do espírito encarnado; daí o poder do magnetizador, poder que se sabe estar na razão direta da força de vontade. Podendo o espírito encarnado atuar sobre a matéria elementar, pode do mesmo modo mudar-lhe as propriedades, dentro de certos limites. Assim se explica a faculdade de cura pelo contato e pela imposição das mãos, faculdade que algumas pessoas possuem em grau mais ou menos elevado (KARDEC, 2013a, p.144).

Diante disso e segundo essa lógica, as intervenções espirituais e seus efeitos são produtos diretos da ação perispiritual de João de Deus e das Entidades. Se o câncer se manifesta no corpo material, antes, ele se encontra no corpo perispiritual, e é aí que acontece a ação de cura, por meio de transformações energéticas, que posteriormente transparecem no corpo. As dores nas costas ou no seio e na nuca têm a mesma explicação. O corte no corpo realizado por João de Deus em uma intervenção espiritual pode ser apenas uma ‘amostra metafórica’ do que se processa no perispírito; daí os FC alegarem da não necessidade da intervenção com corte. Seria essa explicação para a intervenção espiritual a distância feita na mãe da FC8 e a tantas outras observadas?

Por outro lado, será que tal modelo explicativo contempla algumas sensações incomuns que se tem ao chegar perto de algumas pessoas, ou ao adentrar determinado ambiente, ou mesmo a telepatia? A coceira ou dor no membro amputado pode ter aí um esclarecimento?

Há relatos de que o famoso médium Zé Arigó, apenas ao olhar para o paciente já sabia o que este tinha, sem precisar o doente verbalizar o problema (OLIVEIRA, 2014; FULLER, 1974). Com João de Deus foi obtido o mesmo relato, por isto se conclui que não é o olho físico a olhar a matéria – pois este nada vê além da aparência – mas uma comunicação entre perispíritos, uma espécie de radar do perispírito Entidade detectando a enfermidade no perispírito do paciente, obtendo respostas rápidas do tratamento.

Procurando aprofundar as ações espirituais por meios dos conceitos da física, o professor Borges, doutor em física pela USP, afirma que os mecanismos de comunicação espírita são viabilizados por leis análogas às da Física, e que a comunicação entre o mundo material e o espiritual ocorre “de quatro formas: sintonia

psíquica, por indução mental, por magnetização do corpo espiritual e por um fenômeno chamado teletransporte quântico” (BORGES, 2015, p.02). Tal explicação alarga a visão do perispírito e inclui outros fenômenos até então de causas desconhecidas, como por exemplo, fotografias reveladas nas quais aparecem seres familiares, que estão fisicamente em lugares longínquos.

À vista desse conhecimento, argumentam os espíritas: “se os fluidos fossem de boa natureza, o corpo ressentiria uma impressão salutar; se fossem maus, a impressão seria penosa; se fossem permanentes e enérgicos, os fluidos maus poderiam ocasionar desordens físicas [...]” (ARRIBAS, 2010, p.195), o que seria a causa dos padecimentos. Subentende-se que fluido bom ou mau depende daquilo que se faz com o perispírito, a comando de seus valores morais mais significativos.

Consequentemente, o processo de saúde-doença no espiritismo é também resultado de pensamentos prejudiciais que desencadeiam fluxos de energia no perispírito e somatizam no aparelho físico. Pode ser igualmente uma expiação que o espírito enfrenta nesta encarnação. Conforme Aureliano (2012), “as doenças, especialmente as crônicas e degenerativas, poderiam ser vistas também como parte do carma individual não sendo, portanto, passíveis de serem curadas” (AURELIANO, 2012, p.256). Igualmente, há o fato do doente se comprazer na doença por mais contraditório que seja, ou “que o bem do doente esteja em sofrer por mais tempo” (KARDEC, 2013a, p.183). Entretanto, este não foi o caso da atriz norte-americana nem do médico novato, vistos anteriormente. Assim, não necessariamente, a pessoa pode restabelecer a saúde, concluindo, dessa forma, que a cura depende de uma série de condições, principalmente de atitudes intelectuais, morais e físicas.

De certa forma, dentro dessas atitudes que o espiritismo preza, pode estar a responsabilidade para consigo. Deve-se ter clareza da necessidade de o enfermo buscar saúde e fazer o que lhe cabe, pois não adianta o doente procurar o médico para tratamento e não seguir o que foi prescrito: “não basta que um doente diga ao seu médico: dê-me saúde, quero passar bem. O médico nada pode, se o doente não faz o que é preciso” (KARDEC, 2013a, p.269).

Estando de acordo com a necessidade de se buscar saúde, pois a “saúde é uma condição necessária para o trabalho que se deve executar na Terra” (KARDEC, 2013a, p.328), segundo o espiritismo, há Entidades de boa vontade que doam seu tempo e conhecimento para a cura. No entanto, não se convém entregar-se ao primeiro médium que aparece, pois este pode não ser tão hábil com o instrumento e

confundir receitas espirituais com preceitos pessoais, imputando este àqueles, sendo o caso, talvez, de um médium obsediado. Exige-se, assim, prudência. Sobre esses médiuns obsediados, estes “se recusam a reconhecer que o são, se assemelham a esses doentes que se iludem sobre a própria enfermidade e se perdem, por se não submeterem a um regime salutar” (KARDEC, 2013a, p.357).

Dentro do espiritismo há vários profissionais da saúde: médicos[as], enfermeiros[as], psicólogos[as] e outros interessados em uma visão holística da saúde. Devido estarem insatisfeitos com o modelo biomédico – como já observado, entre outros problemas, o qual estuda órgãos e tecidos de forma isolada do ser humano – fundaram em 1995, em São Paulo, a AME-Brasil, Associação Médico-Espírita do Brasil. Tais profissionais buscam aliar ciência e espiritualidade em um só paradigma, apesar de serem contrários às intervenções espirituais com cortes, por considerá-las desnecessárias (KACHANI, 2011). Para estes, é necessário humanizar a relação e a prática médico-paciente. No entanto, eles não somente buscam evidenciar a multiplicidade de fatores no binômio saúde-doença, pois, mormente, os processos mórbidos são essencialmente comandados pelo espírito. Trata-se de um paradigma holístico:

No *Paradigma Médico-Espírita*, o ser humano é um conjunto complexo, constituído de corpo físico, corpos sutis e alma; a prioridade, no entanto, na direção desse conjunto, é a da alma. Compete, pois, ao Espírito Imortal, a construção do seu destino terreno e da manutenção da sua saúde” (NOBRÉ *apud* DURGANTE, 2017, p.13, grifos do autor).

Como subentendido, esse paradigma está fundamentado nas ideias de Kardec, porém mais especificamente em uma nova abordagem antropológica do humano multiexistencial, sendo a alma a viajante por entre mundos. O viés antropológico emerge não somente por comprovar o ser como biopsicossocioespiritual, mas por vê-lo além das necessidades de redução de tensão em busca de equilíbrio [princípio da homeostase], sendo mais um em busca de sentidos evolucionários da consciência, não redutíveis aos processos bioquímicos e moleculares. Buscam-se e descobrem-se inclusive sentidos e significados na doença. Esta não é vista apenas como disfunção biológica, mas como significado existencial de um efeito tendo causa psíquica, normalmente, ignorada.

A essa visão trinitária – espírito, perispírito e corpo – deve-se dar importância ao perispírito, considerado um conceito síntese do espiritismo. “O perispírito

representa uma síntese de possíveis campos [ou camadas] energéticas que fazem a comunicação espírito-matéria” (FERNANDES, 2003, p.91). Apesar de não ser igual entre as pessoas, é constituído pelos mesmos elementos magnéticos que, por sinal, não se restringem ao corpo como se este fosse uma caixa, mas possuem capacidade expansiva. À maneira de um receptor e transmissor de ondas magnéticas do pensamento, a comunicação entre espíritos ocorre por ele, assim como intuições e alguns *insights*. Por meio de seu entendimento, há esclarecimentos acerca de uma série de fenômenos: sonambulismo, visão a distância, transfiguração, fascinação, curas instantâneas, obsessão, possessão e outros. Como o foco principal diz respeito à saúde-doença: “o perispírito representa importantíssimo papel no organismo e numa multidão de afecções, que se ligam à fisiologia, assim como à psicologia” (KARDEC, 2013a, p.31).

Para o espiritismo, como para os FC, os fenômenos extraordinários não possuem grande importância, mas sim o fato de a alma estar tranquila e possuir fé no futuro. E para que isto ocorra, fazem-se mister posturas morais e éticas: o espiritismo “cura os males físicos, mas cura, sobretudo, as doenças morais e são esses os maiores prodígios que lhe atestam a procedência (KARDEC, 2013a, p.289). Nesse contexto são declarados os estudos psicossomáticos: muitas doenças físicas têm início nas disfunções emocionais; e estas estão conectadas a moralidade.

Dessa forma, como as doenças são originadas no perispírito, o espiritismo apresenta algumas medidas preventivas para a preservação da saúde. Segundo Andrade (1992), são oito atitudes profiláticas: 1) Cautela com os desequilíbrios dos sentimentos e dos pensamentos [faz-se necessário reeducar sentimentos e pensamentos tornando-os amorosos e fraternais]; 2) Atenção às criações mentais [é arriscado o mundo imaginário e simbólico criarem um ambiente irresponsável, repleto de culpa e maldade]; 3) Prudência para não criar uma atmosfera fluida enferma [pensamentos ruins modificam o ambiente interno, abrindo espaço para a materialização de distúrbios no corpo]; 4) Os pensamentos são percebidos pelos espíritos como se fossem concretos [aqui reina a lei de afinidade: pensamentos elevados no amor, atraem afins, pensamentos de ódio ou outra negatividade, *idem*]; 5) Os espíritos se comunicam com as pessoas, tendo acesso às memórias e à consciência; eles influem com ideias, as quais, muitas vezes, as pessoas materializam em atos; 6) Várias doenças refletem desequilíbrios mentais [a mente instável possibilita distúrbios químicos e orgânicos, inclusive debilitando o sistema

imunológico. Faz-se necessário disciplina mental]; 7) A vontade define o destino humano [quando a vontade se dirige em busca de benevolência, indulgência e perdão, ou de aprimoramento intelecto-moral, encontra equilíbrio] e 8) Deve-se triunfar sobre estados mentais e emocionais originados pela cólera, crueldade, ciúme, mágoa, revolta e outros [segundo o espiritismo, tais estados impõem às células “distonia pela qual se anulam quase todos os recursos de defesa, abrindo-se leira fértil à cultura de micróbios patogênicos” (ANDRADE, 1992, p.101).

Assim, diante do exposto [nos capítulos anteriores e] neste capítulo, chegou-se ao cerne da tese, ou seja, os sentidos e os significados das intervenções espirituais para os FC. Frente a seus vários temas relacionados, procurou-se evidenciar a importância histórica da religião e de suas respectivas terapias, utilizadas na cura do sofrimento e das doenças.

Tais sofrimentos e doenças desde muito tempo são motivos de preocupação e cura para a civilização. A religião sentiu-se frágil para tantas respostas doentias, dando lugar ao modelo biomédico. Atualmente, esse modelo sofre abalos por não alcançar a complexidade humana. O corpo humano não é uma máquina e várias pesquisas vêm demonstrando que o fator mental e espiritual são tão ou mais importantes que o físico, fortalecendo inovadas terapias.

Nessa lógica das novas terapias, muitos pesquisadores rotulam-nas de efeito placebo, o que não quer dizer que seja efeito de prestidigitação, pois muitas curas se verificam, mesmo com causa desconhecida. As hipóteses vitalistas e de ‘eficácia simbólica’ se mostram pujantes, visto que suas deduções respondem inúmeros fenômenos. Contudo, isto não significa que sejam aceitas largamente, pois pressupostos paradigmáticos do conhecimento ainda estão atrelados ao materialismo.

Desta forma, os sentidos e significados que os FC apresentam sobre intervenções espirituais ultrapassam as próprias intervenções e reforçam as hipóteses vitalistas e de eficácia simbólica. Assim, os FC, após as intervenções espirituais e de tudo que o está relacionado a elas, tiveram uma nova visão de mundo e adquiriram novo *ethos*. De modo geral, a intervenção espiritual simbolizou ‘a entrada em uma pequena porta na grande Casa’; e seus significados, antes estreitos, adquiriram largos sentidos: descoberta de serem espíritos imortais; retorno da esperança de dias melhores; hábitos de estudar o espiritismo; atitudes de amor ao próximo; experiências significativas de evolução espiritual; sentirem-se ‘aprendizes’ de uma vida espiritual

na 'escola' Casa; apreciação de que as Entidades emanam uma energia 'poderosa' e restauradora da saúde do corpo; importância da reforma íntima; amor à causa da Casa; compreensão de que ajudar o próximo ajuda a si mesmo; percepção de que a lei de causa e efeito é constante a toda hora e a todo momento; entendimento da possibilidade da autocura, praticando a ética; reconhecimento da potencialidade em ajudar o próximo, sendo vizinho ou distante; discernimento de que há gigantesco organograma espiritual imperando na Casa; concepção de que muitas vezes 'sentir' é melhor que pensar; apreensão de que pessoas boas e más estão na senda do progresso; assimilação de que a relevância está na alma; que toda gratidão é pequena para tanto benefício; concepção de que a doença é efeito do erro; e clareza de que se deve amar a si mesmo primeiro, para poder amar o próximo.

Muitos desses sentidos se revelaram não somente na entrevista, mas no empenho dos FC ao se dedicarem à Casa, cotidiana, semanal, mensal, anualmente e por decênios. Suas vidas, livres para irem e virem, respondem à gratidão pelo médium João e pela Casa. Esses FC estão, aos vossos jeitos, procurando um mundo melhor para todos, não somente aos que vão à Casa, mas aos distantes, familiares ou não. Doam-se e procuram ajudar dentro e fora da Casa. Segundo eles, receberam muito amor, 'agora está na hora de doar. Se nós recebemos a cura, hoje podemos auxiliar aqueles que a querem'.

Além disso, ao estar encarnado, o corpo tem real valor, pois além de morada da alma, o trabalho que ele desempenha resulta em benefícios próprios e alheios. Afinal, o corpo não é mais que um amontoado de PIs, igualmente na jornada evolutiva de autoaprimoramento. Se alguma doença vier a acometê-lo, deve-se buscar entendimento da causa desse desequilíbrio, restabelecê-lo por meio da energia fluídica universal e buscar ter atitudes profiláticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese tem por centralidade temática os sentidos e significados da intervenção espiritual com João de Deus, um médium analfabeto. Ressalta-se, de antemão, que intervenção espiritual pode ser entendida como uma operação visível e ou invisível na pessoa enferma, presencialmente ou à distância, sob o comando do médium ou de Entidades. Assim, a intervenção espiritual é procurada por uma multidão de pessoas enfermas, entre elas algumas famosas, como artistas, autoridades jurídicas e políticos, que vão à Abadiânia/GO em busca de cura.

Após as denúncias contra o médium¹¹¹ e sua prisão, numerosas pessoas passaram a designá-lo por sua alcunha antiga: João de Abadiânia. Diante dessa orfandade, a Casa de Dom Inácio passa por uma frequência reduzida, estimada em 20% das cerca de mil e cem pessoas que compareciam à Casa diariamente, antes do encarceramento do médium. Os que comparecem à Casa afirmam que as intervenções espirituais invisíveis continuam acontecendo, pois não é João de Deus quem cura, mas a fé, o merecimento e a espiritualidade que assistem a Casa. Contudo, como é habitual nas interpretações religiosas de fiéis, ressalta-se que o médium João de Deus se tornou uma espécie de ser sagrado para muitos FC, um mito a ser reverenciado, em que não se enxergam máculas ou desvios morais, como pode ser observado em momentos da tese. No entanto, todo mito, assentado em pés de barro, um dia cai, é enterrado física e moralmente. Se, como evidenciou essa tese e os estudos de Zé Arigó (CARVALHO, 2016), tal capacidade de cura não é exclusiva de 'seres santos', então, há outros curadores, que também podem apresentar defeitos inofensivos e ou vícios agressivos, evidenciando a existência de um homem por trás do médium, e a existência de contradições, gritantes ou não. Longe de serem adorados ou endeusados, tais pessoas com mediunidade de cura devem ser encaradas como seres humanos aptos a atitudes grandiosas e ou instintivas. Se a idolatria cega a visão, esse entendimento restabelece a luz da consciência, que se espera crítica.

As intervenções espirituais que o médium João realizava desde 1958 ganharam fama e, com o tempo, passaram a ser veiculadas nos meios de

¹¹¹ Com o encarceramento do médium, usar-se-á aqui os verbos no pretérito: o médium 'era procurado'. Atualmente João de Deus se encontra preso na cidade de Aparecida de Goiânia, desde meados de dezembro de 2018 e é réu em três ações judiciais: posse ilegal de armas, violação sexual e estupro de vulnerável.

comunicação de massa. Devido aos holofotes midiáticos que exibiam ‘jogar de muletas, retirada de óculos e levantar de cadeiras de rodas’, junto a diversos depoimentos de cura e testemunhos de conforto mental, o médium foi aclamado guru da Nova Era (MACHADO, 2016), conduzindo uma maioria de estrangeiros à Casa (GUTERRES, 2013).

Nesse cenário, constata-se que as intervenções com cortes, realizadas pelo médium João, normalmente chocavam; e além de não doerem, não infeccionavam e rapidamente se regeneravam. Inúmeras dessas intervenções são julgadas, por médicos convencionais, como complexas devido ao tempo exigido e à metodologia de realização das mesmas, mas com o médium João, elas eram realizadas em poucos minutos. Tais intervenções tinham seus procedimentos escolhidos apenas pelo médium em Entidade, pois somente ele sabia e podia apontar o meio mais pertinente para o tratamento do enfermo. Assim, era analisada a relação de causa e efeito a doenças do coração, fígado, estômago, coluna, próstata ou outras. Logo, várias destas eram tratadas com uma raspagem da retina [com uma faca de cozinha ou bisturi] ou pela introdução de uma pinça cirúrgica [em forma de tesoura, com um algodão na ponta embebido em água fluidificada] nas fossas nasais. De outro modo, mesmo com problemas físicos e ou existenciais [depressão, angústia, ansiedade, obsessão, pânico e outros] muitas pessoas declararam estar curadas somente através de intervenção invisível. Após a cura, várias destas adquiriram um novo sentido para suas vidas e passaram a desenvolver a gratidão, contribuindo na Casa e auxiliando o médium João de diferentes formas: segurando bandejas com instrumentos cirúrgicos, dando palestras e depoimentos, participando da corrente, distribuindo água fluidificada, cozinhando a sopa ou outros afazeres da Casa. Quando João de Deus em Entidade as escolhia, eles[as] foram denominados[as] Filho[as] da Casa [FC].

A maioria das pessoas que recorriam à Casa – inclusive os[as] FC – faziam isto na condição de possuírem moléstias consideradas incuráveis pela medicina convencional. Desenganadas, identificaram o médium como o ‘último médico’ para a saúde, revelando uma ‘última chance’ de cura. É comum verificar que dependendo da intensidade do sofrimento envolvido, seja por uma doença no corpo e ou por uma enfermidade mental, alguns, que receberam uma sentença de morte pela doença incurável, buscaram no médium outros meios para restabelecimento da saúde e de condição de vida mais digna. O sofrimento, eficaz em desorganizar pensamentos, sentimentos e ações, transforma-se em motivo para encontrar novas portas

simbólicas e de produção interior de valores. Muitos desses sofredores alcançaram em João de Deus não somente a cura, mas descobriram que suas vidas tinham um sentido maior que simplesmente existirem. Eles ganharam modernos conhecimentos, idealizaram novas maneiras de viver e discerniram motivos, meios e objetivos para a constituição de um novo *ethos*; a cura deixou de ser apenas a da moléstia, ganhando contornos amplos, uma espécie de cura maior.

Em consequência, no processo de curar os incuráveis e discursando sobre o amor de Deus, o médium atraiu atenção e perseguição de classes de poder, principalmente das associações médicas e da igreja; esta última há tempo julga-o como charlatão. Ademais, ao longo desse estudo, foi possível perceber que poucos profissionais isentos de preconceito e austeros na metodologia científica, os quais se debruçaram sobre as intervenções mediúnicas e ou paranormais, inferiram que há muito para ser descoberto sobre esses fenômenos, por estes serem considerados extra-ordinários. A citar, a serra elétrica na espinha dorsal, a raspagem indolor da retina ou a introdução do dedo no corte, forçando e descolando a matéria enfermiça dos tecidos e músculos, entre outros. Se experimentos científicos e testes de laboratório confirmaram a veracidade dos cortes e extração de tecidos (ALMEIDA *et al.*, 2000), ainda falta muito para seu reconhecimento oficial como uma medicina alternativa, a qual parece curar o corpo e trazer benefícios simbólicos para a mente.

Nesse contexto, se a linguagem é a casa do ser, segundo Heidegger (2003), e em sofrimento essa casa se desorganiza, as observações e as pesquisas realizadas comprovaram que a intervenção espiritual reorganiza a casa do ser e sua estrutura como casa, ou seja, o corpo. As pesquisas antropológicas e sociológicas das Ciências da Religião evidenciaram que, muito do que se considera milagre ou acontecimento sobrenatural não passa de desconhecimento de algumas leis naturais que, em conjunto com 'preceitos culturais', contribuem para a realização do fenômeno (LÉVI-STRAUSS, 1967; CSORDAS, 2008). Logo, a interiorização das externalizações que, de certo modo são objetivações sociais, colaborou para a materialização do fenômeno da cura, seja advinda de efeito placebo, fluido vital, eficácia simbólica e ou de outra. Acerca do simbolismo, este se encontra com maior relevância nos simbolismos religiosos, visto que propiciam maneiras *ethicas* de conviver e pujantes visões de mundo, pois se estas não estão fundamentadas na realidade tridimensional, a sua existência passa a ser em outra dimensão, considerada espiritual. Eis a realidade dos que frequentam a Casa e, principalmente dos FC. Dessa forma, como os FC

conviviam cotidianamente com a cura advinda de João de Deus e ou das Entidades, buscou-se entender seus sentidos e significados sobre tais intervenções espirituais, ou melhor, como objetivo geral da desta tese: conhecer os sentidos e significados dos FC advindos das intervenções espirituais realizadas por João de Deus em Abadiânia. Em processo de ampliação de sentidos e significados dos FC sobre as intervenções espirituais, pôde-se verificar que tais sentidos e significados, enquanto símbolos, mostraram-se poderosos, penetrantes e duradouros conforme a teoria de Geertz (1989). Não somente por introyecção social na Casa, mas igualmente por resultados advindos principalmente por experiências diárias – pessoais e ou sociais que os próprios FC vivenciam ou vivenciavam. Denota-se ainda que há explícita relação da problemática da vida – em seus vários âmbitos, como saúde, amizade, relacionamento íntimo, amor, trabalho, finanças e outros – com os discursos e práticas desses na Casa. Em outras palavras, os problemas pelos quais os FC passam em suas existências têm ali uma explicação vivenciada, repleta de entendimento organizado, fé e vontade. Para os FC, na Casa não havia somente cura de parte do corpo, mas da existência como um todo.

Por conseguinte, as intervenções espirituais serviram de porta de entrada para os FC descobrirem que, diante do sofrimento, do tratamento e ou da cura, há um vasto mundo espiritual trabalhando para a harmonia de todos os FC e dos que lá frequentam. Quanto aos significados, estes fazem referência aos símbolos linguísticos derivados da experiência diante da intervenção espiritual ou da descrição propriamente do ato feito pelo médium João de Deus. À vista disso, a logicidade revelou os sentidos, não somente em relação à intervenção espiritual – considerada como uma ‘nova chance de lucidez’, um meio de evolução da consciência diante das aprendizagens necessárias nos caminhos da vida –, mas de interligações com o antes, o durante e o após a cura e ou tratamento. Deste modo, os sentidos revelaram que de hospital, a Casa passou a ser considerada uma escola para os FC, escola transformadora de vidas, uma ‘academia de viver’, convidando os mesmos a tornarem hábito aquilo que estão compreendendo, seja engajando-se na Casa e ou socialmente. Em síntese, o sentido da intervenção espiritual não está somente na cura, mas em uma transformação profunda do sentido da vida.

Entre os objetivos específicos traçados para esta pesquisa destacam-se: a) averiguar os fundamentos das ações realizadas por João de Deus; b) aprender se os FC são espíritas ou espiritualistas e; c) conhecer o processo de saúde-doença para o

espiritismo. Em relação aos princípios da prática de João de Deus, o estudo identificou que apesar deste não se considerar espírita, muito de suas ações estão circunscritas às explicações de Allan Kardec (1991; 1992; 1998a; 2013a). Isto é identificado mais especificamente nas relações que o médium João obteve com o mestre Yokaanam, Chico Xavier – este considerado o papa do espiritismo – e com Gerônimo Candinho e outros. Como se verificou ainda, a coerência etiológica da antropologia não pôde elucidar o fenômeno do aparecimento de cicatriz sem operação formal ou a materialização da doença em forma de aranhas, descaracterizando a interpretação de hipnose ou efeito placebo. Entretanto, várias teses da eficácia simbólica continuam válidas no aclaramento de fenômenos simbólicos da linguagem para a produção de realidades junto aos condicionamentos sociais, propiciando os efeitos da cura. Diante disso, a etologia espírita e o entendimento da mediunidade de João de Deus como uma necessidade foram retomados. Logo, constatou-se a exigência de a mediunidade ser examinada não por uma ciência, mas por várias – humanas, biológicas, exatas e outras – num esforço coletivo pois, quiçá, os resultados mudarão os prolegômenos epistemológicos que direcionam ações e metodologias dessas ciências.

Quanto aos FC serem espíritas ou espiritualistas, verificou-se a espiritualidade em seus discursos e ações, apesar de se certificar que os fundamentos de muitos desses *ethos* e visão de mundo têm origem espírita. Contudo, os FC não se dizem espíritas, mas espiritualistas. Mesmo estudando livros espíritas, não se julgam à altura dessa doutrina filosófico-científica, transformada em religião. E, por aceitarem princípios e objetivarem alguns rituais da Nova Era, refletem esse movimento moderno, que não se preocupa com grandes coerências lógicas ou encadeamentos teórico-empíricos. Todavia, os FC reproduzem a compreensão do processo de saúde-doença para o espiritismo. Este, por sua vez, concebe a doença como ‘símbolo metafórico’ iniciado na alma, ou seja, nas interpretações errôneas do pensamento diante de situações perturbadoras; assim, influem o perispírito, e deste se transfere para o corpo – veículo indispensável merecedor de respeito. Como o início da patologia no corpo está na alma humana, para o espiritismo, faz-se necessária uma reeducação de caráter, de valores morais na prevenção das doenças físicas e enfermidades mentais. Os discursos enunciados na Casa afirmam justamente que as doenças começam na alma e servem como alerta de caminho transviado. Para lograr o tratamento e a cura, e mesmo como medida preventiva, fazem-se cruciais posturas profiláticas.

Logo, o fio condutor traçado pela questão-problema desta tese – “quais os sentidos e significados dos FC sobre as intervenções espirituais com João de Deus em Abadiânia?” – impulsionou a desvendar a constituição da formação geral da crença na sociedade e o reconhecimento da teoria da tríade dialética [objetivação, exteriorização e interiorização] de Berger e Luckmann (2013) como constitutiva atual da cultura como contexto. Destacou-se, assim, a interiorização como receptora de símbolos construídos, representando significados dados socialmente e os sentidos como construção relativamente individual. Como os discursos dos FC reproduziam, de modo geral, premissas espíritas, a consequência foi averiguar os símbolos do espiritismo na perspectiva de elucidar os sentidos pesquisados sobre as intervenções espirituais. No entanto, comprovou-se que *ethos* e visão de mundo dos FC – incluindo a mediunidade, a lei de causa e efeito e outras – não se restringiam ao espiritismo. Apesar disso, os FC igualmente encontraram nas explicações espíritas as razões das intervenções espirituais, da doença e da saúde, da existência de modo geral e outras, vivenciando-as.

Diante desses resultados, depreende-se que em situações semelhantes de religiosidade, pode-se advir igualmente cura física e bem-estar mental, não se restringindo à Casa de Dom Inácio. Assim, captando tais estatutos, acredita-se que não seria temerário afirmar que mesmo em ambientes não religiosos, os processos de cura podem acontecer. Isto posto – tendo-se clareza dos limites interpretativos, alertados por Vattimo (2004) – levando em consideração a precedência dos símbolos com suas cargas valorativas e a dedução dos sentidos e significados que os FC expressaram sobre as intervenções espirituais e a cura, considera-se que os elementos essenciais desse mecanismo simbólico sejam, para além dos apontados por Lévi-Strauss (1967): a) desejo ardente de cura; b) predisposição de mudança interior e de hábitos; c) conquista de crença numa lógica existencial maior contemplando início-meio-fim; d) confiança em um intermediador; e) entrega a um ritual específico; f) escuta de sinais sentimentais e ou simbólicos e; g) novas posturas de vida.

Entretanto, se tais parâmetros não são fixos, evidencia-se que os conhecimentos interiorizados são fundamentais no triunfo do tratamento e da cura, ressaltando a importância da mente, da consciência ou da alma nesse processo. Afinal, as pesquisas atuais (KOENIG, 2015 e 2012; LIPTON, 2007; SAAD, MASIERO e BATTISTELLA, 2001) comprovam que as crenças e atitudes derivadas da

espiritualidade interferem favoravelmente nos sistemas linfático, circulatório, nervoso e outros, não se tratando mais de caridade ou insuficiência médica, mas de experiência e comprovação científicas. Se por um lado tais argumentos apresentam os limites desta pesquisa, por outro recomendam futuras investigações de tais assuntos e correlatos.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

ALBUQUERQUE, Manoela. **Lei do silêncio**. Mesmo preso, João de Deus causa temor em Abadiânia. 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/lei-do-silencio-mesmo-preso-joao-de-deus-causa-temor-em-abadiania>. Acesso em: 23 jan. 2019.

ALCORÃO. **Tradução do sentido do Nobre Alcorão para a Língua Portuguesa**. Trad. Helmi Nasenhor Madinah: Complexo de Impressão do Rei Fahd, 2005.

ALMEIDA, Alexander Moreira de. **Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas**. Tese em Psiquiatria médica. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

ALMEIDA, A. M.; ALMEIDA, T. M.; GOLLNER, A. M. Cirurgia espiritual: uma investigação. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 46, n. 3, p. 194-200, 2000.

ALMEIDA, Jorge Miranda de. Kierkegaard: ser ou não ser cristão? **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, PR, Universidade Estadual de Maringá, n. 128, p. 03-11, 2012.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Porto: Presença, 1974.

ALVARADO, Carlos, S., MACHADO, Fátima Regina, ZANGARI, Wellington, ZINGRONE, Nancy L. Perspectivas históricas da influência da mediunidade na construção de ideias psicológicas e psiquiátricas. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 42-53, 2007.

ALVES, Carlos Joel Castro. **Uma missão de amor**. Uberaba: Bom Pastor, 1995.

ALVES, Carlos Joel Castro. **João de Deus a serviço da luz**. Uberaba: Bom Pastor, 2012.

ALVES, Paulo César; RABELO Miriam Cristina (orgs.). **Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras**. Rio de Janeiro: Fiocruz/Relume Dumará, 1998.

ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1986.

ANDRADE, Geziel. **Doenças, cura e saúde à luz do espiritismo**. Capivari, SP: EME, 1992.

ANDRADE, Hernani Guimarães. Psicobiofísica: novo paradigma para a ciência. In: ASSOCIAÇÃO médico-espírita do Brasil. **Saúde e Espiritismo**. São Paulo: AME-Brasil, 1998.

ANDRADE, Hernani Guimarães. **A matéria psi**. Matão, SP: Clarim, s/d.

ANDRADE, João Tadeu de; COSTA, Liduina Farias Almeida da Costa. Medicina Complementar no SUS: práticas integrativas sob a luz da Antropologia médica. **Revista Saúde e Sociedade**, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 19, n. 3, p. 497-508, 2010.

ANDRADE, Mario Celso Ramiro de. **O gabinê fluidificado e a fotografia dos espíritos no Brasil**: a representação do invisível no território da arte em diálogo com a figuração de fantasmas, aparições luminosas e fenômenos paranormais. Tese em Artes Plásticas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

ARAUJO, Augusto César Dias de. Identidade e fronteiras do espiritismo na obra de Allan Kardec. **Horizonte**, Belo Horizonte, Pontifícia Universidade Católica, v. 08, n. 16, p. 117-135, 2010.

ARAUJO, Augusto César Dias de. **O Espiritismo, "esta loucura do século XIX"**: Ciência, Filosofia e Religião nos escritos de Allan Kardec. Tese em Ciências da Religião. Juiz de Fora, MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.

ARISTÓTELES. **Política**. Trad. Mario da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** São Paulo: Alameda/FAPESP: 2010.

ARRIBAS, Célia da Graça. Espiritismo: entre crime e religião. **MNEME – Revista de Humanidades**, Caicó, RN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, v. 12, n. 29, p. 318-339, 2011.

AURELIANO, Waleska de Araújo. Materialidade, intenção e cura: o uso de medicamentos no espiritismo brasileiro. **Debates do NER**, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ano 13, n. 22, p. 253-279, 2012.

BAIARDI, Amílcar. **Os processos de Galileu**: intrigas, intolerância e humilhações. Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais. Salvador: Universidade Feral do Recôncavo da Bahia. Salvador, 2011. Disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/>. Acesso em: 02 set. 2017.

BAKHTIN, Mikhail; (VOLOCHÍNOV, V. N). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

BALESTIERI, Filomena Maria Perrella. Quando a cura vem do coração e da mente: a fé e o efeito placebo. **Religare**, João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, n. 6, p. 67-80, 2009.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1971.

BAUMAN, Zygmunt. **A identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. Vol.1. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. Trad. José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BERLINGUER, Giovanni. **A doença**. Trad. Virgínia Gawryszewski. São Paulo: CEBES-Hucitec, 1988.

BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. Santo André, SP: Geográfica, 2007.

BOLETIM. João de Deus - acusação de abuso sexual - visão espírita. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ex3GJI9sh0w>. 2018. Acesso em: 15 jan. 2019.

BORGES, Antônio Newton. As leis da física e os mecanismos da comunicação espírita. **Folha Espírita**. São Paulo, nov. 2015.

BOTTOMORE, Tom (Org.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

BRASIL. ANVISA. **Identificação do produto tradicional fitoterápico**. S/d. Disponível em:

<http://portal.anvisa.gov.br/documents/33836/2501251/Folheto%2Bpassiflora%2Bcorrigido.pdf/3b0361ad-5a5f-4ab2-b49f-07257d9b072b>. Acesso em: 28 set. 2018.

BRASIL. IBGE. **Abadiânia**: histórico. 2007. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/goias/abadiania.pdf>. Acesso em: 13 set. 2018.

BRITTO, Clovis Carvalho; PRADO, Paulo Brito do. Culto do evangelho no lar e fluidificação da água: terapêuticas entre o humano e o divino. **Caminhos**, Goiânia, Pontifícia Universidade Católica, v.12, n.1, p. 53-64, 2014.

CAJAZEIRAS, Francisco. **Depressão, doença da alma**: as causas espirituais da depressão. Capivari, SP: EME, 2007.

CAMARGO, Gustavo Arantes. Sobre o conceito de verdade em Nietzsche. **Revista Trágica**, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 01, n. 2, p. 93-112, 2008.

CAMPANELLA, Bruno; CASTELLANO, Mayka. Cultura terapêutica e Nova Era: comunicando a “religiosidade do self”. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, v. 12, n. 33, p. 171-191, 2015.

CAMURÇA, Marcelo. Espiritismo: um “neocristianismo”? **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. IHU on-line. Entrevista, 01 de novembro de 2010. Disponível em:
http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3621&secao=349. Acesso em: 22 nov. 2018.

CANGUILHEM, Georges. **O conhecimento da vida**. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CAPRA, Fritjof. **O tao da física**. Lisboa: Presença, 1989.

CARTA DE SANTOS. Confederação Espírita Pan-americana - CEPA. *In*: CHIORO DOS REIS, Ademar Arthur; NUNES, Ricardo de Moraes (Orgs.). **Perspectivas contemporâneas da reencarnação**. Santos: CPDoc e CEPABrasil, 2016.

CARVALHO, Ricardo Delgado de. Cirurgias espirituais: controvérsias entre a etologia e a etiologia em Sidney M. Greenfield. *In*: ECCO, Clóvis; SILVA, Rosemary Francisca Neves; QUADROS, Eduardo Gusmão de; SIGNATES, Luiz (orgs). **Religião, saúde e terapias integrativas**. V. 2. Goiânia: Espaço acadêmico, 2016.

CARVALHO, Wallace. **Em entrevista a Bial, mulheres acusam médium João de Deus de abuso sexual: 'Ele dizia que minha doença ia voltar'**. 2018. Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/conversa-com-bial/noticia/em-entrevista-a-bial-mulheres-acusam-medium-joao-de-deus-de-abuso-sexual-ele-dizia-que-minha-doenca-ia-voltar.ghtml>. Acesso em: 27 dez. 2018.

CASA de Dom Inácio. **15 depoimentos e 15 intervenções**. Produção da Casa de Dom Inácio. 2017, sem duração, sonoro, color.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de. O espiritismo se vê como uma religião cristã. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. IHU on-line. Entrevista, 01 de novembro de 2010. Disponível em:
http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3621&secao=349. Acesso em: 14 nov. 2018.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

CHAPERMANN, Rebeca. **Vitalismo e Homeopatia**. S/d. Disponível em:
http://www.homeopatiabrasil.org.br/html/downloads/vitalismo_e_homeopatia-rebecca_chapermann.pdf. Acesso em: 13 jan. 2019.

CHIORO DOS REIS, Ademar Arthur. Saúde, terapias integrativas e espiritualidade: uma visão ampliada da medicina e do cuidado integral à saúde. *In*: ECCO, Clóvis et

al. (orgs). **Religião, saúde e terapias integrativas**. V. 1. Goiânia: Espaço acadêmico, 2016.

CHIORO DOS REIS, Ademar Arthur. **Magnetismo, vitalismo e o pensamento de Kardec**. São Paulo: CPDoc, 1996.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

COLLINS, Francis. Aprendendo a linguagem de Deus. *In*: BANCEWICZ, Ruth (org.). **O teste da fé: os cientistas também creem**. Trad. Guilherme Carvalho. Viçosa, MG: Ultimato, 2013.

CRAWFORD, Robert. **O que é religião?** Trad. Gentil Avelino Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005

CRUZ, Marina Zuanazzi; PEREIRA JÚNIOR, Alfredo. Corpo, mente e emoções: referenciais teóricos da psicossomática. **Revista Simbio-Logias**, São Paulo, Universidade Estadual Paulista, v. 4, p. 46-66, 2011.

CSORDAS, Thomas. **Corpo/Significado/Cura**. Trad. José Secundino da Fonseca e Ethon Secundino da Fonseca. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CUMMING, Heather; LEFFLER, Karen. **João de Deus: o médium de cura brasileiro que transformou a vida de milhões**. Trad. Denise de C. Rocha Delela. São Paulo: Pensamento, 2008.

CUNHA, Welthon Rodrigues. **Transe mediúnico, entre a ciência e a religião: uma análise sobre as relações entre o espiritismo e a parapsicologia**. Tese em Ciências da Religião. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica, 2012.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies: no meio da seleção natural ou a luta pela existência na natureza**. Trad. Joaquim da Mesquita Paul. Porto: Lello e Irmãos, 2003.

DELANNE, Gabriel. **O fenômeno espírita**. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

DENIS, Léon. **No invisível**. Trad. Leopoldo Cirne. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

DENIS, Léon. **Síntese doutrinária e prática do espiritismo**. Trad. José Jorge. Juiz de Fora: Instituto Maria, 1982.

DEPOIMENTO Médium João de Deus e Dr. Roger na Casa de Dom Inácio em Abadiânia completo. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eayrJJIGRyc>. Acesso em: 09 jul. 2018.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1973a. Col. Os pensadores.

DESCARTES, René. **As paixões da alma**. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1973b. Col. Os pensadores.

DIAS, Krishnamurti de Carvalho. **O Laço e o culto**: é o espiritismo uma religião? Santos: DICESP, 1985.

DIAS, Zwinglio Mota. O movimento ecumênico: história e significado. **Numen**, Revista de Estudos e Pesquisa da Religião, Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora, v.1, ano 1, p. 127-163, 1998.

DIBO, Monalisa. Quem é João de Deus “John of God”? **Último Andar**. Vol. 22. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2013.

DIÓGENES, Juliana. Morre Sabrina Bittencourt, ativista que lidou denúncias contra João de Deus. **Jornal O Estado de São Paulo**, 2019. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,sabrina-bittencourt-ativista-que-liderou-denuncias-contra-joao-de-deus-comete-suicidio,70002706100>. Acesso em: 08 mar. 2019.

DONATELLI, Marisa Carneiro de Oliveira Franco. Descartes e os médicos. **Scientiæ Studia**. Vol. 1, n.3. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.

DOYLE, Arthur Conan. **A história do espiritualismo**. Trad. Louis Neilmoris. Disponível em: <http://www.autoresespiritasclassicos.com/autores%20espiritas%20classicos%20%20diversos/Conan%20Doyle/Arthur%C2%A0Conan%20Doyle%20-%20Hist%C3%B3ria%20do%20Espiritismo.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2019.

DUARTE, Luiz Fernando Dias e LEAL, Ondina Fachel (orgs.). **Doença, sofrimento, perturbação**: perspectivas etnográficas. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1998.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Trad. Anette Pierrette R. Botelho e Estela Pinto R. Lamas. Portugal: Porto, 1997.

DUBEUX, Ana; FRANCISCO, Severino. ‘Perdoe sempre’, recomenda João de Deus em entrevista ao EM. **Jornal Estado de Minas**, 2017. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2017/04/23/interna_nacional,864235/perdoe-sempre-recomenda-joao-de-deus-em-entrevista-ao-em.shtml. Acesso em: 17 ago. 2018.

DURGANTE, Carlos Eduardo Accioly. Prefácio. In: SALGADO, Márcia Regina Colasante (org.). **Saúde Integral**: uma interação entre ciência e espiritualidade. São Paulo: AME-Brasil, 2017.

DURKHEIM, Emile. **O suicídio**: estudo de sociologia. Trad. Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura (*et al.*). São Paulo: Abril Cultural, 1978. Col. Os Pensadores.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares de vida religiosa**. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. Trad. H. P. de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Trad. Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins fontes, 2008.

ENGELS, Friedrich. **Carta a Bloch**. 1890. Disponível em: http://www.unioeste.br/projetos/histedopr/bibliografia/Carta_Engels_Bloch.pdf. Acesso em: 12 out. 2017.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.

ESPIRITISMO à francesa: a derrocada do movimento espírita francês pós-Kardec. Direção: Ery Lopes. Roteiro: Louis Neilmoris. Produção: Luz Espírita. Coprodução: Autores Espíritas Clássicos, ArtEspírita. Comentários: Adriano Calsone, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Carlos Campetti, Jorge Hessen, Oceano Vieira de Melo e Paulo Henrique de Figueiredo. Narração: Dora Carvalho. Citações (vozes): Helmut Heidrich Filho, Mauro Mário de Souza. Duração: 1h57min. Brasil, documentário, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ywf8Ftu2eUo>. Acesso em: 01 set. 2018.

FARIA, João Teixeira de (João de Deus). João de Deus: Chico Xavier me ensinou a amar. **Revista ISTOÉ**. Entrevista, 31 de maio de 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/joao-de-deus-chico-xavier-me-ensinou-a-amar/>. Acesso em: 21 nov. 2018.

FATO REAL. **Morre a viúva do médium Zé Arigó**. 2014. Disponível em: <http://fatoreal.com.br/site/morre-a-viuva-do-medium-ze-arigo>. Acesso em: 11 abr. 2016.

FERNANDES, Henrique. A concepção espírita do homem e os paradigmas emergentes em saúde. *In*: ASSOCIAÇÃO médico-espírita do Brasil. **Medicina e espiritismo**. São Paulo: AME-Brasil, 2003.

FERNANDES, Paulo César da Conceição. **As origens do espiritismo no Brasil**: razão, cultura e resistência no início de uma experiência (1850-1914). Dissertação em sociologia. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

FIGUEIREDO, Paulo Henrique de. **Revolução Espírita**: a teoria esquecida de Allan Kardec. São Paulo: Maat, 2016.

FOLHAPRESS. **Polícia indícia João de Deus sob suspeita de violência sexual mediante fraude.** 2018. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/noticias/joao-de-deus/2018/12/20/NWS,91075,70,1335,NOTICIAS,2190-POLICIA-INDICIA-JOAO-DEUS-SOB-SUSPEITA-VIOLENCIA-SEXUAL-MEDIANTE-FRAUDE.aspx>. Acesso em: 29 dez. 2018.

FOLHAPRESS BRASIL. **Denúncias de assédio por João de Deus geram medo em Abadiânia.** 2018. Disponível em: <https://www.noticiasaminuto.com.br/brasil/709838/denuncias-de-assedio-por-joao-de-deus-geram-medo-em-abadiania>. Acesso em: 24 dez. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FRANCO, Divaldo P. Impermanência e imortalidade. *In:* CAMPETTI SOBRINHO, Geraldo (coord.). **O Espiritismo de A a Z.** Brasília: FEB, 2015.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido:** um psicólogo no campo de concentração. Trad. Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2000.

FREITAG, Vera Lucia; ANDRADE, Andressa de; BADKE, Marcio Rossato. O Reiki como forma terapêutica no cuidado à saúde: uma revisão narrativa da literatura. **Enfermaria global.** 2015. Disponível em: http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v14n38/pt_revision5.pdf. Acesso em: 18 set. 2017.

FRUCTUOSO, Paulo Cesar. **A face oculta da medicina.** Rio de Janeiro: Educandário Social Lar de Frei Luiz, 2015.

FULLER, John G. **Arigó:** o cirurgião da faca enferrujada. Trad. Syomara Cajado. Curitiba: Nova época, 1974.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões.** Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GAMA, Ramiro. **Lindos casos de Bezerra de Menezes.** Rio de Janeiro: Espiritualista, 1964.

GARCIA, Ismar Estulano. **Curas espirituais.** Goiânia: AB Editora, 2009.

GARCIA, Ismar Estulano. **João de Deus:** vida e mediunidade. Goiânia: AB Editora, 2013.

GAVIN, Rejane Salomão. **Depressão, estresse e ansiedade**: um enfoque sobre a saúde mental do trabalhador. Dissertação em enfermagem. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2013.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIUMBELLI, Emerson. Clifford Geertz: a religião e a cultura. *In*: TEIXEIRA, Faustino (org.). **Sociologia da religião**: enfoques teóricos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GLEISER, Marcelo. Conciliando ciência e religião. **Folha de São Paulo**. Caderno mais ciência. São Paulo, A-28, 25 jun. 2006.

GOMES, Sonia Maria Marafiotti. Pesquisa laboratorial do hipotético campo morfogenético. *In*: ASSOCIAÇÃO médico-espírita do Brasil. **Saúde e Espiritismo**. São Paulo: AME-Brasil, 1998.

GONÇALVES, Carla Agda. **Direitos à saúde**: um estudo sobre as práticas dos assistentes sociais das unidades de saúde de Sorocaba – SP – 2006. Dissertação em Serviço Social. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

GOSWAMI, Amit. **O que é ativismo quântico?** 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zFlyEKCe7Kg&t=124s>. Acesso em: 01 dez. 2018.

GREENFIELD, Sidney M. **Cirurgias do Além**: pesquisas antropológicas sobre curas espirituais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

GRIGOROWITSCHS, Tamara. O conceito “socialização” caiu em desuso? Uma análise dos processos de socialização na infância com base em Georg Simmel e George H. Mead. **Educação & Sociedade**, Campinas, Universidade de Campinas, v. 29, n. 102, p. 33-54, 2008.

GUERRIERO, Silas. A influência da nova era nas religiões tradicionais. **Anais**. XI Simpósio nacional da Associação Brasileira de História das Religiões. UFG, Goiânia, 2009. Disponível em: <http://www.abhr.org.br>. Acesso em: 15 ago. 2018.

GUIA para visitantes em português – Casa de Dom Inácio. Abadiânia: Casa de Dom Inácio, s/d.

GUIMARÃES, Hélio Penna; AVEZUM, Álvaro. O impacto da espiritualidade na saúde física. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 34, supl. 1, p. 88-94, 2007.

GUTERRES, Dicléia Regina Carvalho. **Turismo da Nova Era**: as transformações ocorridas no município de Abadiânia/GO a partir da fé e da cura [Tributo a João de Deus]. Departamento em ciências da comunicação – tecnologia em gestão de turismo. Silveira Martins, RS: Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

HAHNEMANN, Samuel. **Exposição da doutrina homeopática, ou, organon da arte de curar**. Trad. David Castro, Rezende Filho e Kamil Curi. São Paulo: GEHSP “Benoit Mure”, 2013.

HAUPT, Heinz-Gerhard. Religião e nação na Europa no século XIX: algumas notas comparativas. **Estudos Avançados**, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 22 (62), p. 77-94, 2008.

HEALING: miracles, mysteries and John of God. Directed by David Unterberg and Harald Wiesleitner. Produced by David Unterberg and Andrea Wolffer. Edited by Matthias Weiss. Actors Alexander Arthur Dietz and Horst Prem. Text by Johannes Hammacher. Duration: 65 Min. Austria, documentary, 2008. Documentário adquirido.

HEGENBERG, Leonidas. **Doença**: um estudo filosófico. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998.

HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

HEIDEGGER, M. **Ontologia**: hermenêutica da facticidade. Trad. Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2012.

HELMAN, Cecil G. **Cultura, saúde e doença**. Trad. Ane Rose Bolner. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e convertido**: a religião em movimento. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Versão eletrônica.

IMBASSAHY, Carlos. **Religião**. Rio de Janeiro: FEB, 1981.

ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido. Introdução. *In*: ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido (orgs). **Espiritismo e religiões afro-brasileiras**: história e ciências sociais. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2012.

JOÃO de Deus - o silêncio é uma prece. Direção: Candé Salles. Roteiro: Edna Gomes. Montagem: Guilherme Schumann. Produção executiva: Candé Salles, Carla Affonso e Patrick Saretta. Produção: Cygnus mídia. Voz off: Cissa Guimarães. Duração: 83min. Brasil, documentário, 2018. Documentário adquirido. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso em: 12 dez. 2018.

JOÃO de Deus entrevista 11/09/2016 Altas Horas (áudio). 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LMK9yHXm92I>. Acesso em: 14 dez. 2018.

KACHANI, Morris. Cirurgia espiritual. **Folha de São Paulo**. 02 de out. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0210201108.htm>. Acesso em: 02 abr. 2019.

KANT, Immanuel. **A metafísica dos costumes**. Trad. Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2003.

KARDEC, Allan. O Espiritismo é uma religião? *In*: KARDEC, Allan (org.). **Revista Espírita** - Jornal de estudos psicológicos. Ano XI, n. 12. 1868. São Paulo: EDICEL, s/d. Disponível em: <http://www.febnet.org.br>. Acesso em: 18 set. 2017.

KARDEC, Allan. Livre-pensamento e livre-consciência. *In*: KARDEC, Allan (org.). **Revista Espírita** - Jornal de estudos psicológicos. Ano X, n. 2. 1867. São Paulo: EDICEL, s/d. Disponível em: <http://www.febnet.org.br>. Acesso em: 17 set. 2018.

KARDEC, Allan. **O evangelho segundo o espiritismo**. Trad. J. Herculano Pires. São Paulo: LAKE, 1991.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Trad. J. Herculano Pires. Rio de Janeiro: FEB, 1998a.

KARDEC, Allan. **Le livre des esprits**. Tours, France: Union spirite française et francophone, 1998b.

KARDEC, Allan. **O Céu e o Inferno** - a Justiça Divina segundo o Espiritismo. Trad. Salvador Gentile. Araras, SP: IDE, 2008.

KARDEC, Allan. **O que é o espiritismo**. Trad. Wallace Leal V. Rodrigues. São Paulo: LAKE, 1992.

KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns** - guia dos médiuns e dos evocadores. Trad. de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013a.

KARDEC, Allan. **A gênese**. Trad. Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013b.

KARDEC, Allan. **Obras póstumas**. Trad. Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

KARNAL, Leandro. Fundamentalismo religioso. **Youtube**, 08 jan. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SbGzfXO0UmQ>. Acesso em: 07 jun. 2017.

KOENIG, Harold G. **Medicina, religião e saúde**: o encontro da ciência e da espiritualidade. Trad. Iuri de Abreu. Porto Alegre: L&PM, 2015.

KOENIG, Harold G. Um poder invisível da fé. **Revista Veja**, São Paulo, Entrevista, 10 de outubro de 2012.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A Antropologia das emoções no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção – RBSE**, João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, v. 04, n. 12, p. 239-253, 2005.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. Trad. Fátima Sá Correa; Maria Emília V. Aguiar; José Eduardo Torres e; Maria Gorete de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. Trad. Marie-Àgnes Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEMOS, Carolina Teles. Religião e saúde: a busca de uma vida com sentido. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, Pontifícia Universidade Católica, v. 12, n. 3, p. 17-57, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Trad. Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

LIMA, Karla Morais Seabra Vieira. **Práticas integrativas e complementares e a promoção da saúde: avanços e desafios de um serviço municipal de saúde**. Dissertação em Enfermagem. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

LIMA, Thaís. **Mulher que relata abuso diz que ganhou cristal de João de Deus: 'Vítimas são escolhidas a dedo'**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2018/12/10/mulher-que-relata-abuso-diz-que-ganhou-cristal-de-joao-de-deus-vitimas-sao-escolhidas-a-dedo.ghtml>. Acesso em: 23 dez. 2018.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Lisboa: Relógio D'água, 1989.

LIPTON, Bruce H. **A biologia da crença: ciência e espiritualidade na mesma sintonia – o poder da consciência sobre a matéria e os milagres**. Trad. Yma Vick. São Paulo: Butterfly, 2007.

MACHADO, Maria Helena P. T. **João de Deus: um médium no coração do Brasil**. São Paulo: Fontanar, 2016.

MAES, Hercílio. **Mediunidade e cura**. Ditado pelo espírito Ramatís. Limeira: Editora do Conhecimento, 2006.

MAIOR, Marcel Solto. **Kardec: a biografia**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2015.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. Trad. Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Col. Os Pensadores.

MANACORDA, Mário Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. Trad. Newton Ramos de Oliveira. Campinas, SP: Alínea, 2007.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Trad. Sérgio Magalhães Santeiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MARQUEZ, Jaime Olavo. A dor e os seus aspectos multidimensionais. **Ciência & Cultura**, Campinas, Universidade de Campinas, v. 63, n. 2, p. 28-32, 2011.

MARX, Karl. Para a crítica da economia política. *In*: Coleção **Os pensadores**. Trad. José Carlos Bruni (*et al.*). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. Vol. 01. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MEIO NORTE. **STJ nega pedido do MPF e mantém João de Deus internado em Goiânia**. 2019. Disponível em: <https://www.meionorte.com/noticias/stj-nega-pedido-do-mpf-e-mantem-joao-de-deus-internado-em-goiania-360174>. Acesso em: 11 abr. 2019.

MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima. A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico. **Cadernos CEDES**, UNICAMP, Campinas, vol. 31, n. 85, set.-dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v31n85/03v31n85.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2019.

MERHY, Emerson Elias. O ato de governar as tensões constitutivas do agir em saúde como desafio permanente de algumas estratégias gerenciais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Campinas, ABRASCO, v. 4, n. 2, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v4n2/7114.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2019.

MESQUITA NETO, Jarbas de. **O vitalismo e as origens da fisiologia moderna**. S/d. Disponível em: <http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh9/SH/trabalhos%20posterres%20completos/O-VITALISMO.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2019.

MEURER, J. L.; DELLAGNELO, Adriana C. Kuerten. **Análise do discurso**. Material didático. Centro de Comunicação e expressão. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br>. Acesso em: 16 ago. 2018.

MICHEELSEN, Arun. “Eu não faço sistemas”: uma entrevista com Clifford Geertz. Trad. Lucas Gonçalves Brito. **Religare**, João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, v.12, n.1, p. 196-220, 2015.

MORAES, Ângela Teixeira de. O discurso da saúde no espiritismo: do magnetismo à autocura. **Religare**, João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, v. 14, n.1, p. 90-108, 2017.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; LOTUFO NETO, Francisco. Diretrizes metodológicas para investigar estados alterados de consciência e experiências anômalas. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 30, n.1, p. 21-28, 2003.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; STROPPIA, André. Religiosidade e saúde. *In*: SALGADO, Mauro Ivan; FREIRE, Gilson (Orgs.). **Saúde e Espiritualidade**: uma nova visão da medicina. Belo Horizonte: Inede, 2008.

MORENTE, Manuel García. **O fato extraordinário**. Trad. Osvaldo Aguiar. São Paulo: Press-Grafic, 1989.

MOTTA, Luiz Eduardo; SERRA, Carlos Henrique Aguiar. A ideologia em Althusser e Laclau: diálogos (im)pertinentes. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, v. 22, n. 50, p. 125-147, 2014.

MOURA, Marta Antunes de Oliveira (org.). **Mediunidade**: estudo e prática. Brasília: FEB, 2014.

MUNDO MAIOR Repórter. **Cirurgias espirituais**. TV Mundo Maior. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L3GuLyvrrUk>. 2016. Acesso em: 19 abr. 2018.

NASCIMENTO, Alessandra Amaral Soares. Candomblé e Umbanda: práticas religiosas da identidade negra no Brasil. **Revista brasileira de sociologia da emoção**, João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, n. 9 (27), 2010. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/grem/AlessandraArt.pdf>. Acesso em: 01 out. 2017.

NASCIMENTO, Rogéria Karla Borges do. Redescobrimo o lugar no encontro dos estranhos: interação e sociabilidade. **Anais**. XI Simpósio nacional da Associação Brasileira de História das Religiões, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 2009. Disponível em: http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_NASCIMENTO_intera%C3%A7%C3%A3o_sociabilidad e.pdf. Acesso em: 17 ago. 2017.

NEVES, Marcos César Danhoni. **Do infinito, do mínimo e da inquisição em Giordano Bruno**. Ilhéus, Ba: Editus-UESC, 2004.

NICACIO, Adriana; LOES, João. Os poderes de João de Deus. **Revista ISTO É**. Edição 2201, 13.jan.2012. Disponível em: https://istoe.com.br/186615_OS+PODERES+DE+JOAO+DE+DEUS/. Acesso em: 14 nov. 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**: ou como se filosofa com o martelo. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. Trad. Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Verdade e mentira no sentido extramoral**. Trad. Noéli Correa de Melo Sobrinho. Botafogo, RJ: FACHA, 2001.

NIZER, Carolina do Rocio; SANTOS, Elói Correa dos; BIACA, Valmir (orgs). **Ensino religioso: diversidade cultural e religiosa**. Secretaria de Estado da Educação. Curitiba: SEED/PR., 2013.

NUÑES, Sandra. **A pátria dos curadores: uma história da medicina e da cura espiritual no Brasil**. Trad. Denise de C. R. Delela e Gilson C. C. de Souza. São Paulo: Pensamento, 2012.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira. Percursos biográficos e eficácia simbólica: a dinâmica da cura no Vale do Amanhecer. **Mediações**, Londrina, Universidade Estadual de Londrina, v. 15, n.2, p. 248-265, 2010.

OLIVEIRA, Leida Lúcia. **Cirurgias espirituais de José Arigó**. Belo Horizonte: AME, 2014.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2000.

OPRAH programa. **João de Deus**. 2015a, parte 2. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6wmpZsy3IKI>. Acesso em: 02 jan. 2019.

OPRAH programa. **João de Deus**. 2015b, parte 3. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yqLpBXZo_6M. Acesso em: 02 jan. 2019.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORO, Ivo Pedro. **O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo**. São Paulo: Paulus, 1996.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado: um estudo do elemento não-racional na ideia do divino e sua relação com o racional**. Trad. Prócoro Velasques Filho. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

PAES, Anselmo do Amaral. Corpo e espírito: contribuições à reflexão sobre corpo no espiritismo kardecista. **Composição**, Revista de Ciências Sociais, Campo Grande, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, n. 7 (4), p. 55-69, 2010.

PAES, Anselmo do Amaral. **O corpo da alma: cosmos, casa e corpo espírita kardecista**. Tese em Ciências Sociais. Belém: Universidade Federal do Pará, 2011.

PELLEGRINO-ESTRICH, Robert. **João de Deus: o curador e seus milagres**. Trad. Gilda e Eduardo Teixeira. Abadiânia: Múltipla, s/d.

- PEREIRA, Urbano. **Trabalhos post-mortem do Padre Zabeu**. São Paulo: Urupês, 1946.
- PESSINI, Leo. A Espiritualidade interpretada pelas ciências e pela saúde. **O mundo da saúde**, São Paulo, Centro Universitário São Camilo, n. 31 (2), p. 187-195, 2007.
- PINTO, Fernando. João de Deus – um médium no caminho de Shirley MacLaine. *In*: PELLEGRINO-ESTRICH, Robert. **João de Deus: o curador e seus milagres**. Anápolis: Tempo N, 2008.
- PIRES, J. Herculano. **Ciência espírita e suas implicações terapêuticas**. São Paulo: Paidéia, 1988.
- PIRES, J. Herculano. **Educação para a Morte**. São Paulo: Paidéia, 2004.
- PIRES, J. Herculano. **Introdução à filosofia espírita**. São Paulo: FEESP, 1993.
- PLATÃO. **A república**. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural. 2000.
- POPPER, Karl R. **A Lógica da Pesquisa Científica**. Trad. Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1974.
- PORTINARI, Natália. **Como está Abadiânia após os escândalos de João de Deus** - o ocaso da cidade goiana depois da derrocada do médium. 2019. Disponível em: <https://epoca.globo.com/como-esta-abadiania-apos-os-escandalos-de-joao-de-deus-23572459>. Acesso em: 29 abr. 2019.
- PORTUGAL, Valeria. **A *anima* de Stahl como agente inteligente e regulador das forças do corpo**. S/d. Disponível em: http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh6/SHVI/trabalhos%20orais%20completos/trabalho_003.pdf. Acesso em: 10 jan. 2019.
- PÓVOA, José Cândido. **Cara a cara com João de Deus**. Goiânia: Kelps, 2016.
- PRADO, Mônica. Médium confirma a operação de MacLaine - a visita da atriz em Abadiânia foi documentada. *In*: PELLEGRINO-ESTRICH, Robert. **João de Deus: o curador e seus milagres**. Anápolis: Tempo N, 2008.
- PROGRAMA Amaury Júnior. **João de Deus: eu não curo ninguém, quem cura é Deus**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B1Gcqf9Qo5M>. Acesso em: 18 ago. 2018.
- PROGRAMA 3ª Visão. **Luiz Antônio Gasparetto entrevista João de Deus, "John of God"**. 1985. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WBwHdyCEopw>. Acesso em: 11 set. 2018.
- PROGRAMA 3ª Visão. **Médium João de Abadiânia**. 1987. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bqVNpozWJBQ>. Acesso em: 10 set. 2018.
- PUTTINI, Rodolfo Franco. Curandeirismo e o campo da saúde no Brasil. **Interface**,

Comunicação Saúde Educação, São Paulo, Universidade Estadual Paulista, v. 12, n. 24, 2008. Disponível em: <http://interface.org.br>. Acesso em: 20 set. 2017.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: filosofia pagã antiga. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

REIMER, Ivoni Richter. **Milagre das mãos**: curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2008.

RIBEIRO, Antônio César Dutra. Sofrimento. **O Malhete**, Linhares/ES, ano VIII, n. 81, 2016. Disponível em: <https://luissergiocastro.files.wordpress.com>. Acesso em: 24 set. 2017.

RIBEIRO JR., Wilson A. Hipócrates de Cós. *In*: CAIRUS, Henrique F.; RIBEIRO JR., Wilson A. **Textos hipocráticos**: o doente, o médico e a doença. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.

ROCHA, Alexandre Caroli; PARANÁ, Denise; FREIRE, Elizabeth Schmitt; LOTUFO NETO, Francisco; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. **Investigando a concordância e a exatidão na escrita alegadamente mediúnica**: um estudo de caso das cartas de Chico Xavier. Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <http://www.ufjf.br/nupes/files/2008/09/aqui.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2018.

ROCHA, Cristina. A globalização do espiritismo: fluxos do movimento religioso de João de Deus entre a Austrália e o Brasil. **Revista de antropologia**, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 52, n. 2, p. 572-603, 2009.

ROCHA, Cristina. A globalização da cura espírita - biomedicina, João de Deus e seus seguidores australianos. **Tempo social**, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 27, n.1, p. 95-116, 2015.

RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. **Os paradoxos do imaginário**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2015. Versão eletrônica.

SAAD, Marcelo; MASIERO, Danilo; BATTISTELLA, Linamara Rizzo. A espiritualidade baseada em evidências. **Acta Fisiátrica**, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 08 (3), p. 107-112, 2001.

SAMPAIO, Jáder dos Reis. Éthos, Sincretismo e Identidade do Espiritismo Brasileiro. **Jornal de Estudos Espíritas**. Campinas, v.2, 2014. Disponível em: http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/S_autores_SAMPAIO_Jader_textos/Samp aio_Jader_artigos_pdf/SAMPAIO_Jader_tit_Ethos_Sincretismo_e_Identidade_do_Es piritismo_Brasileiro.pdf. Acesso em: 09 nov. 2018.

SANTOS, Gleidson Luiz Cabral. **A noosfera em Teilhard de Chardin**: a história evolutiva do pensamento. Dissertação em Filosofia. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997.

SANTOS, Manoelita Dias dos. **A lógica da emoção**: da psicanálise à física quântica. S/d. Disponível em: https://docgo.net/viewdoc.html?utm_source=a-logica-da-emocao-manoelita-dias-dos-santos-pdf-ltzLzlO. Acesso em: 06 ago. 2018.

SAVARIS, Alfredina Arlete. **O mentalista João de Deus e as curas espirituais**. Rio de Janeiro: Image Book, 2013

SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. O conceito de saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 31, n. 5, p. 538-542, 1997.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. As religiões como agentes da socialização. **Cadernos CERU**, São Paulo, Universidade de São Paulo, série 2, v. 19, p. 15-25, 2008.

SIGNATES, Luiz. Espiritismo e racionalidade: o intelectual espírita e o lugar da ciência no espiritismo brasileiro. **Fragmentos de cultura**, Goiânia, Pontifícia Universidade Católica, v. 24, n. 4, p. 435-450, 2014.

SIGNATES, Luiz. Desafios do estudo do espiritismo para a pesquisa em Ciências da Religião. *In*: MORAES, Ângela Teixeira de; RIBEIRO, Sandro Henrique (orgs.). **Ciência, espiritismo e sociedade**: coletânea 1. Goiânia: Aephus, 2019.

SILVA, Eliane Moura. **Reflexões teóricas e históricas sobre o espiritualismo entre 1850-1930**. 1997. Disponível em: www.unicamp.br/.../O%20Espiritualismo%20nos%20Séc.%20XIX%20e%20XX.doc. Acesso em: 29 jan. 2019.

SILVA, Expedito de Miranda e. **Curas mediúnicas**: argumentos que esclarecem e fatos que comprovam. Goiânia: AB Editora, 2013.

SILVA, João Lima da (Werakâgua). **Mitos e lendas indígenas**. São Paulo: FEUSP/magIND, 2003.

SILVA NETO, João Damasio da. **A cidade espírita em Palmelo (GO)**: comunicação entre sistemas simbólicos. Dissertação em Comunicação. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2016.

SILVA NETO, João Damasio da; SIGNATES, Luiz. Pode haver uma cidade espírita? A representação da cultura religiosa em Palmelo. *In*: CIRINO, José Antônio Ferreira; BRAGA, Claudomilson Fernandes (orgs.). **Comunicação, cidadania e cultura**. Goiânia: UFG/FIC/PPGCOM, 2015.

SOLOMON, Robert C. **Espiritualidade para céticos**: paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SOUZA, Marcus Antônio de. **A influência da fé no processo saúde-doença sob a percepção de líderes religiosos cristãos**. Dissertação em Enfermagem. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2009.

SPÍNOLA, Mauro de Mesquita. Teoria espírita da reencarnação: uma visão laica e livre-pensadora. *In*: CHIORO DOS REIS, Ademar Arthur; NUNES, Ricardo de Moraes (Orgs.). **Perspectivas contemporâneas da reencarnação**. Santos: CPDoc e CEPABrasil, 2016.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Entre dois mundos**: o espiritismo da França e no Brasil. Tese em Antropologia Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

STOLL, Sandra Jacqueline. Religião, ciência ou autoajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil. **Revista de antropologia**, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 45, p. 361-402, 2002.

STOLL, Sandra Jacqueline. Espiritismo: filosofia, moral, ciência ou religião? **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. IHU on-line. Entrevista, 01 de novembro de 2010. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3621&secao=349. Acesso em: 07 nov. 2018.

STOLL, Sandra Jacqueline. O espiritismo na encruzilhada. **Revista USP**, São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 67, p. 176-185, 2005.

TEIXEIRA, Marcus Zulian. Antropologia médica vitalista: uma ampliação ao entendimento do processo de adoecimento humano. **Revista de Medicina**, São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 96 (3), 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/110789>. Acesso em: 19 jan. 2019.

TEIXEIRA, Marcus Zulian. O Vitalismo Homeopático ao Longo da História da Medicina. **Homeopatia Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 8 (2), 2002. Disponível em: <http://www.ihb.org.br/br/docs/revista/v.8.n.2-2002/pdf/p.109-123.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2019.

TERRIN, Aldo Natale. **Nova Era**: a religiosidade do pós-moderno. Trad. Euclides Balancin. São Paulo: Loyola, 1996.

TERRIN, Aldo Natale. **O sagrado off limits**: a experiência religiosa e suas expressões. São Paulo: Loyola, 1998.

TOLEDO, Marcelo. **Espírita atrai milhares em SP e diz que um médium só cai por dinheiro, sexo e vaidade**. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/esp%C3%ADrita-atrai-milhares-em-sp-182700106.html>. Acesso em: 19 dez. 2018.

TRINCA, Tatiane Pacanaro. **O corpo-imagem na “cultura do consumo”**: uma análise histórico-social sobre a supremacia da aparência no capitalismo avançado. Dissertação em Ciências Sociais. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2008.

TRUFFI, Renan. **Após depoimento de João de Deus, delegado diz que médium usava a fé para cometer abusos sexuais**. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2018/12/17/delegado-diz-que-joao-de-deus-utilizava-a-fe-para-cometer-abusos-sexuais.htm>. Acesso em: 30 dez. 2018.

UCHÔA, Elizabeth; VIDAL, Jean Michel. Antropologia médica: elementos conceituais e metodológicos para uma abordagem da saúde e da doença. **Cad. Saúde Públ**, Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz, n. 10 (4), p. 497-504, 1994.

VADE MECUM Espírita. O caso de Pindamonhangaba. **Anuário Espírita**. Araras, SP: Instituto de difusão espírita, 1976. Disponível em: <http://www.vademecumespirita.com.br/o+caso+de+pindamonhangaba.aspx>. Acesso em: 11 ago. 2017.

VAILATTI, Carlos Augusto. **Um olhar sobre o simbolismo mágico-religioso no Livro de Êxodo**. Tese em Estudos Judaicos e Árabes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Trad. Hossein Shooja e Isabel Santos. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

VATTIMO, Gianni. **Acreditar em acreditar**. Trad. Elsa Castro Neves. Lisboa: Relógio d'Água, 1998.

VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade**. Trad. Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VIEIRA, Raymundo Manno. **Raízes históricas da medicina ocidental**. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2012.

VIOLÊNCIA e intolerância contra terreiros. **Revista RADIS**, Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz, n. 181, out., 2017. Disponível em: http://www6.ensp.fiocruz.br/radis/sites/default/files/radis_181_web_0_0.pdf. Acesso em: 07 ago. 2018.

WAISSE, Silvia; AMARAL, Maria Thereza Cera Galvão do; ALFONSO-GOLDFARB, Ana M.. Raízes do vitalismo francês: Bordeu e Barthez, entre Paris e Montpellier. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz, v.18, n.3, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702011000300002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 23 jan. 2019.

WHITEHOUSE, Harvey. The cognitive foundations of religiosity. *In*: WHITEHOUSE, Harvey; MCCAULEY, Robert N. (orgs.). **Mind and religion: psychological and cognitive foundations of religiosity**. California: AltaMira Press, 2005. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.454.7670&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 18 nov. 2018.

WING, Josie Raven. **The book of miracles**: the healyng work of Joao de Deus. Bloomington (Indiana, EUA): 1st Books, 2002.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Col. Os Pensadores.

XAVIER, Fabiane. **A extraordinária missão de João de Deus**. São Paulo: Chiado, 2017.

XAVIER, Francisco Cândido. **O consolador**. Ditado pelo espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. **Evolução em dois mundos**. Ditado pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1958.

YAHOO NOTÍCIAS. **Mulher que denunciou abusos de João de Deus cometeu suicídio, diz jornal**. 2018. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/mulher-que-denunciou-abusos-de-joao-de-deus-cometeu-suicidio-diz-jornal-101645425.html>. Acesso em: 19 dez. 2018.

ZANGARI, Wellington. **Incorporando papéis**: uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de incorporação em médiuns de umbanda. Tese em Psicologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.

ZANGARI, Wellington. Uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de umbanda. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, Academia Paulista de Psicologia, v. 25, n. 3, p. 70-88, 2005.

APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como sujeito de pesquisa voluntário(a), do Projeto de Pesquisa sob o título “Sentidos e significados percebidos pelos[as] Filhos[as] da Casa a partir da cura advinda das intervenções espirituais na Casa de Dom Inácio de Loyola com João de Deus”. Meu nome é Ricardo Delgado de Carvalho, sou pesquisador deste projeto, doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias e em todas as páginas, sendo a primeira via de guarda e confidencialidade do pesquisador e a segunda via ficará sob tua responsabilidade para quaisquer fins. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com este pesquisador, por telefone (62.99953.7151) ou e-mail (ricarvalho73@hotmail.com). Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, o sujeito de pesquisa poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, localizado na Avenida Universitária, N° 1069, Setor Universitário, Goiânia – Goiás, telefone: (62) 3946-1512, funcionamento: 8h as 12h e 13h as 17h de segunda a sexta-feira. O Comitê de Ética em Pesquisa é uma instância vinculada à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que, por sua vez, é subordinado ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

Após a confirmação de tua participação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, realizar-se-á uma entrevista narrativa com perguntas abertas direcionadas diante do objetivo desta pesquisa, qual seja: entender os sentidos e significados da cura advindos das intervenções espirituais com o João de Deus na Casa de Dom Inácio de Loyola, em Abadiânia/GO. Esta entrevista ocorrerá em data e local previamente combinado entre o pesquisador e você. A entrevista será gravada com gravador de voz para ser transcrita, posteriormente, pelo pesquisador. Após realizada a transcrição em papel, a mesma será submetida ao entrevistado para alterar ou complementar seu conteúdo, caso necessário.

A escolha dos sujeitos participantes desta pesquisa se dá pelo motivo de serem considerados “Filhos[as] da Casa”, ou seja, pessoas que receberam cura espiritual e hoje, doam seu tempo em prol das atividades desenvolvidas na Casa de Dom Inácio de Loyola.

A importância desta pesquisa justifica-se pela compreensão da cura através das intervenções espirituais, alterando os sentidos de vida destes[as] “Filhos[as] da casa” que vivenciaram tais experiências, modificando assim, suas crenças e comportamentos. Outro aspecto da relevância desta pesquisa relaciona-se com a contribuição significativa para o processo de produção e construção do conhecimento em Ciências da Religião.

Informo que os riscos serão mínimos, posto que não haverá exposição do sujeito de pesquisa a riscos adicionais e ou a desconfortos/constrangimentos decorrentes desta participação, visto abrangerem perguntas que versam sobre tua vivência de cura espiritual. Caso ocorra, o pesquisador responsabilizar-se-á por encaminhar os sujeitos da pesquisa à assistência necessária.

Você estará livre para recusar-se a participar da mesma em qualquer momento, bem como poderá tirar dúvidas sobre qualquer procedimento necessário quantas vezes precisar junto ao pesquisador e ou ao Comitê de Ética já informado anteriormente. Destaca-se, ainda, que você não será identificado(a) em nenhum momento da divulgação dos resultados deste estudo, pois não serão publicados dados ou informações que possibilitem a sua identificação, nem sofrerá qualquer tipo de penalização ou constrangimento – sendo garantido o sigilo e o anonimato.

Enquanto sujeito de pesquisa, você tem o direito de retirar o seu consentimento a qualquer tempo, sem penalidade ou perda de benefícios. Depois de encerrada essa pesquisa, os áudios serão lacrados em envelopes e arquivados por cinco anos; vencido esse prazo, todo o material será incinerado. Caso o pesquisador deseje utilizar os dados para realização de outro projeto, este terá que ser submetido à nova apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa conforme Resolução CNS 466/12 e suas respectivas Resoluções complementares.

Você não terá nenhum gasto financeiro para participar desta pesquisa e também não receberá nenhuma forma de ressarcimento. Caso se sinta prejudicado(a), poderá contestar junto aos órgãos competentes, indenização, que será concedida, por determinação legal, caso seja comprovada a ocorrência de eventuais danos decorrentes da participação nesta pesquisa. Os resultados serão

divulgados, sejam eles favoráveis ou não, por meio de publicação de artigos em revistas científicas, apresentações em congressos da área e divulgação da Tese de Doutorado no site da PUC-GO e disponível na Biblioteca desta mesma Instituição de Ensino Superior.

Com os resultados desta pesquisa, espera-se demonstrar a relevância do problema que consiste em analisar os sentidos e significados da cura advindas das intervenções espirituais com o João de Deus na Casa de Dom Inácio de Loyola, em Abadiânia/GO.

Eu, _____, abaixo assinado, discuti com o Doutorando Ricardo Delgado de Carvalho sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro, também, que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia de assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu atendimento neste serviço.

Abadiânia, _____ de _____ de 2018.

Assinatura do participante

____/____/____
Data

Assinatura do pesquisador

____/____/____
Data

APÊNDICE II – ROTEIRO ORIENTADOR DAS ENTREVISTAS

Sujeitos de campo (Filho[a] da Casa)

A) Identificação da pesquisa

Título provisório da tese: “Sentidos e significados percebidos pelos Filhos[as] da Casa a partir da cura advinda das intervenções espirituais na Casa de Dom Inácio de Loyola com João de Deus”

B) Identificação do sujeito

Idade/ sexo:

Desde quando é Filho da Casa?

C) Roteiro Orientador da Entrevista

CASA DE DOM INÁCIO DE LOYOLA - CDIL

1. Fale do seu processo até chegar à CDIL

INTERVENÇÃO ESPIRITUAL

2. Como foi e o que representou sua experiência com a intervenção espiritual?

CURA

3. Qual o sentido e o significado da sua cura a partir da intervenção espiritual?

ESPIRITUALIDADE

4. Após estas experiências de vida, o que é espiritualidade e como ela se dá em seu cotidiano?

MÉDIUM JOÃO DE DEUS

5. O que o médium João representa para você?
6. Tem alguma sugestão? Quer finalizar com algum comentário?

ANEXO I – PARECER CONSUBSTANCIADO – CEP PUC Goiás

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Sentidos e significados advindos das intervenções espirituais realizadas por João de Deus em Abadiânia/GO

Pesquisador: RICARDO DELGADO DE CARVALHO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 89578918.1.0000.0037

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Goias

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.697.028

Apresentação do Projeto:

Versão 1

Tamanho da amostra de 15 participantes.

Projeto de Doutorado em Ciências da Religião. A pesquisa ocorrerá na Casa de Dom Inácio de Loyola (CDIL), Abadiânia/GO, a pesquisa será etnográfica, e dentre seus instrumentos utilizará de um roteiro de entrevista narrativa junto aos considerados Filhos[as] da Casa (adultos que passaram por uma intervenção espiritual e trabalham voluntariamente na CDIL). Terá como objetivo investigar o sentidos e significados poderiam verbalizar sobre a cura depois da intervenção espiritual que passaram com João de Deus?'. Serão entrevistados 15 Filhos[as] da casa. O resultado será advindo das respostas às entrevistas através de análise de discurso como técnica investigatória.

Objetivo da Pesquisa:

Hipótese:

Os sentidos e significados que têm os 'Filhos[as] da Casa' a partir da cura após a intervenção espiritual com João de Deus dizem respeito às 'necessidades' não satisfeitas que as práticas e crenças aprendidas culturalmente apontavam para a resolução do problema. Doenças físicas, insatisfações psíquicas e 'vazios espirituais como falta de sentido' – unidas no psíquico da pessoa, ou não – impulsionaram a expectativa de cura por meios não convencionais.

Endereço: Av. Universitária, N.º 1.069

Bairro: Setor Universitário

CEP: 74.605-010

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3946-1512

Fax: (62)3946-1070

E-mail: cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer: 2.697.028

Objetivo Primário:

Compreender e analisar os sentidos e significados vivenciados pelos[as] 'Filhos[as] da Casa' a partir da cura após a intervenção espiritual realizadas por João de Deus, na Casa de Dom Inácio em Abadiânia/GO e as decorrências que esta(s) experiência(s) tiveram em suas vidas.

Objetivo Secundário:

* Apreender o sentido e significado de cura e intervenção espiritual e seus múltiplos desdobramentos;* Analisar as características antropológicas do ser humano dadas por Vaz (1998b) na realidade pesquisada;* Aplicar a teoria de T. Kuhn e K. Popper na compreensão de um possível paradigma espiritual;* Identificar e descrever a matriz disciplinar de um paradigma espiritual.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Informamos que os riscos serão mínimos, posto que não haverá exposição do sujeito de pesquisa a riscos adicionais e ou a desconfortos/constrangimentos decorrentes desta participação, visto abrangerem perguntas que versam sobre a vivência de cura espiritual por qual passou o sujeito 'Filho/a da Casa'.

Benefícios: Pesquisadores da área médica da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) relatam escassas pesquisas na área sobre religião e saúde, em especial da eficácia das curas espirituais. Sendo assim, esta pesquisa busca contribuir com a produção de conhecimento sobre este tema e suas interfaces, enriquecendo o conhecimento das Ciências da Religião, quiçá, da cultura humana. Isto posto, cedo ou tarde qualquer pessoa pode se deparar com insuficiências técnico-médico-alopatas e, na (im)pertinência do não- adiamento da dor, ou na sofreguidão pela cura, optar por procedimento não convencional ou diferente da ciência médica convencional. Outrossim, pretendemos mostrar que a veracidade de tais fenômenos pode ser comprovada (ou não) dependendo dos pressupostos filosóficos assumidos na matriz disciplinar científica do observador-crítico, conforme Kuhn nos aponta em "A estrutura das revoluções científicas".

Endereço: Av. Universitária, N.º 1.069

Bairro: Setor Universitário

CEP: 74.605-010

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3946-1512

Fax: (62)3946-1070

E-mail: cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer: 2.697.028

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é pertinente já que se inclui numa das raras abordagens sobre esse campo de investigação. Participarão da pesquisa pessoas que receberam cura espiritual e hoje doam seu tempo em prol das atividades desenvolvidas na Casa de Dom Inácio de Loyola.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Consta a carta de anuência da Instituição coparticipante;

O TCLE está de acordo e dá a segurança aos participantes; Protejo está bem elaborado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O protejo não apresenta nenhum óbice ético. Desta forma, foi considerado "Aprovado".

Considerações Finais a critério do CEP:

INFORMAÇÕES AO PESQUISADOR REFERENTE À APROVAÇÃO DO REFERIDO PROTOCOLO:

1. A aprovação deste, conferida pelo CEP PUC Goiás, não isenta o Pesquisador de prestar satisfação sobre sua pesquisa em casos de alterações metodológicas, principalmente no que se refere à população de estudo ou centros participantes/coparticipantes.
2. O pesquisador responsável deverá encaminhar ao CEP PUC Goiás, via Plataforma Brasil, relatórios semestrais do andamento do protocolo aprovado, quando do encerramento, as conclusões e publicações. O não cumprimento deste poderá acarretar em suspensão do estudo.
3. O CEP PUC Goiás poderá realizar escolha aleatória de protocolo de pesquisa aprovado para verificação do cumprimento das resoluções pertinentes.
4. Cabe ao pesquisador cumprir com o preconizado pelas Resoluções pertinentes à proposta de pesquisa aprovada, garantindo seguimento fiel ao protocolo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1115102.pdf	14/05/2018 14:45:48		Aceito
Outros	LATTES_Luiz_Antonio_Signates_Freita	14/05/2018	RICARDO	Aceito

Endereço: Av. Universitária, N.º 1.069
 Bairro: Setor Universitário CEP: 74.605-010
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3946-1512 Fax: (62)3946-1070 E-mail: cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer: 2.697.028

Outros	s.pdf	14:44:44	DE CARVALHO	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes.pdf	16/04/2018 10:48:28	RICARDO DELGADO DE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	16/04/2018 10:46:04	RICARDO DELGADO DE CARVALHO	Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevista.pdf	16/04/2018 10:45:38	RICARDO DELGADO DE	Aceito
Outros	Declaracao_coparticipante.pdf	16/04/2018 10:45:01	RICARDO DELGADO DE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa.pdf	16/04/2018 10:43:58	RICARDO DELGADO DE CARVALHO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	16/04/2018 10:43:04	RICARDO DELGADO DE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 06 de Junho de 2018

Assinado por:

**Cejane Oliveira Martins Prudente
(Coordenador)**

Endereço: Av. Universitária, N.º 1.069

Bairro: Setor Universitário

CEP: 74.605-010

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3946-1512

Fax: (62)3946-1070

E-mail: cep@pucgoias.edu.br